

TRILOGIA DOS GUARDIÕES

O MOSTEIRO



I. M. MARTINS

B1
B1
B1
B1

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

TRILOGIA DOS GUARDIÕES

O MOSTEIRO

I. M. MARTINS

**PA
RJ
19
19**

*Para os que acreditam provas não são necessárias,
para os que não acreditam provas não são possíveis.*

Stuart Chase (1888-1985)

Para meus pais, Mário e Noémia, cujo amor me fortalece.

1. O sopro da morte

*O nome a encher uma pessoa
Como a luz enche o vento,
Ou a ferida enche a lembrança.*

Herberto Helder (1930-)

Elizabeth entrou no quarto do hospital e encontrou o pai acompanhado de um padre alto e atraente. Deixou as rosas brancas, que acabara de comprar, sobre a mesa de apoio e caminhou até junto da cama, percebendo que Arturo estava mais abatido. Beijou-lhe a face com ternura, e se virou para cumprimentar o padre, ainda impressionada pela fragilidade do pai. Estendeu a mão delicada mergulhando nos olhos dele, que possuíam a transparência azulada de duas contas de vidro. Um arrepio percorreu seu corpo. Ouviu-o apresentar-se com voz serena e uma entoação levemente rouca no final:

— Daniel.

Ela puxou a mão apressadamente, tentando vencer o nervosismo inesperado, e respondeu:

— Muito prazer. Elizabeth.

Daniel esboçou um sorriso e seus olhos faiscaram no rosto pálido. Fez um gesto vago com as mãos longas e magras como se afastasse uma poeira visível apenas para ele, e comentou com Arturo, parecendo continuar uma conversa iniciada antes da chegada dela:

— Impressionante!

Arturo balançou a cabeça ligeiramente, em sinal de concordância. Sabia que Daniel se referia à semelhança entre Elizabeth e Angelina, sua mãe, assassinada anos antes. As poucas pessoas que conheceram as duas sempre ficavam surpreendidas e fascinadas com Elizabeth: parecia uma irmã gêmea da mãe, uma cópia viva da fabulosa beleza de Angelina.

Elizabeth se perguntou mentalmente quem seria o padre. Ele não parecia ter mais de quarenta anos, e o pai nunca o tinha mencionado, mas era visível que havia uma enorme cumplicidade entre eles. Sentiu-se desconfortável por não saber nada sobre aquele homem, principalmente porque, desde que o cumprimentara, parecia ter perdido o equilíbrio, como se uma força tivesse se apoderado dela impedindo-a de pensar com clareza. Ele emanava um magnetismo perturbador, semelhante a um ímã que atraía tudo à sua volta.

O pai estava exausto com o rosto marcado por sulcos fundos em volta dos olhos e da boca, onde antes havia um sorriso permanente. A noite anterior tinha sido a única em que não dormira no hospital desde que o pai fora internado, uma semana antes. Arturo tinha conseguido convencê-la a ir para casa, mas agora, ao vê-lo tão debilitado, se arrependia de não ter ficado.

O celular tocou bruscamente, sobressaltando-a. Atendeu enquanto saía do quarto com passos elásticos:

— Alessia. Que bom que ligou. Já chegou a São Paulo?

— Acabei de descer do avião. Aconteceu alguma coisa?

— Não... É o papai... Parece tão cansado. Está com o padre...

— Bento? — interrompeu Alessia, se referindo ao padre que acompanhava Elizabeth desde a infância e era um amigo da família, de longa data.

— Não. Padre Daniel, com olhos azuis hipnóticos... Sabe quem é ele?

— Sei. Vou só buscar as malas e sigo para o hospital. — respondeu agitada. — Conversamos quando eu chegar.

Depois de desligar o celular Elizabeth vagou pelo hospital durante quinze minutos, assolada por um pressentimento terrível. A presença do padre inibia-a de voltar para o quarto, mas, por fim, venceu o incômodo que sentia em relação a ele e foi para junto do pai. Abriu a porta sem ruído e viu Daniel sentado na beira da cama segurando afetuosamente a mão de Arturo e falando baixinho. E aquela voz quase sussurrada, em francês, soou familiar. Fechou os olhos por um instante, tentando descobrir a origem daquela sensação de familiaridade, mas antes que pudesse perceber alguma coisa, Daniel notou sua presença. Olhou-a com intensidade do outro lado do quarto, parecendo ler os seus pensamentos. Soltou a mão de Arturo, levantou com calma, e sugeriu:

— Sente aqui, junto dele.

Ao passar por ela, provocou de novo aquele frio inexplicável que atravessava o corpo e ia direto à alma, como um daqueles avisos que antecipam desgraças. Ela ouviu a porta fechar-se atrás das costas dele e só então se aproximou do pai. Ele tinha perdido toda a vitalidade. O olhar vazio e vítreo parecia denunciar que algo o estava consumindo de dentro para fora. Elizabeth assustou-se com a fragilidade repentina da mão dele, abandonada sobre o lençol branco.

— Papai, quer que eu chame o médico? Como se sente?

— Temos pouco tempo filha...

— Que quer dizer? — sentiu o peito apertado pressentindo com o coração o que a razão se negava a aceitar.

— Querida, há um momento para tudo. Nos últimos meses falamos muito sobre os ciclos da vida e eu disse que a hora de completar meu próprio ciclo estava chegando.

— Eu sei papai, mas era simbólico, não é? — comentou, esforçando-se para ser otimista.

— Não, Elizabeth. Escute: não há nada que a medicina possa fazer por mim.

— Não diga isso, papai! Vou chamar o médico... — insistiu, ensaiando um movimento para se levantar. Arturo segurou-a pelo pulso com um resquício de força e falou rápido, correndo contra o tempo, para livrar-se do peso que o atormentava.

— Há seis meses fui diagnosticado com um câncer no último estágio. Sei que devia ter contado, mas achei melhor vivermos os meus últimos meses sem angústias. Optei por uma vida de qualidade e quando acabasse meu tempo, eu aceitaria...

Elizabeth ficou rígida. Parecia ter acabado de chocar-se contra um muro de cimento em alta velocidade. Não podia acreditar que o pai havia escondido aquilo, mas principalmente não podia acreditar que o pai ia morrer. Era uma informação muito penosa para ser absorvida. Não conseguia compreender todas as palavras, dar-lhes um significado completo. E, no entanto, nada era mais importante do que ouvir aquelas palavras, que continham uma condenação que lhe roubaria o pai. Balbuciou emocionada:

— Mas não podia tomar essa decisão sozinho... Eu sou parte da sua vida... E hoje existem tantos tratamentos modernos...

— Filha, me escute! — interrompeu com ternura, acariciando as mãos dela. — É irreversível. Eu não quis passar pelo sofrimento de

definhar preso em um hospital, com máquinas e remédios... Tenho o direito de escolher como morrer. Vivi muito. Vivi bem. Estou em paz. Agora é apenas uma questão de horas...

— Como, de horas? Como sabe isso?

— Sei, filha... Sei! Quando me internei há uma semana, sabia que não voltaria para casa.

Elizabeth sentiu segurança na voz dele. Começou a soluçar baixinho sem saber o que fazer. As mãos haviam se tornado desajeitadas, grandes demais para movê-las. Os olhos ardiavam e a garganta parecia ter-se fechado. Os pés estavam colados ao chão, pesados demais. O corpo deixou de lhe pertencer como se uma garra tivesse arrancado seu coração. Em um segundo, o futuro seguro que tinha imaginado se fragmentou, dissolvido por aquela ausência repentinamente anunciada. Arturo estava tranquilo, com a serenidade própria de quem já abraçou seu destino e aceitou a morte.

— Eu não vou ter tempo para explicar tudo o que precisa saber. Mas quero que nunca se esqueça de que amo você e tudo o que fiz até hoje, até este instante, foi para protegê-la.

— Eu sei, papai.

— Quero te dizer três coisas. A primeira é que deve manter os seguranças. Leon e Náder acompanham-na há anos e são confiáveis.

— Papai não é hora de discutir isso. Nunca compreendi essa preocupação exagerada com minha segurança.

— Prometa!

Elizabeth percebeu o desespero mesclado de cansaço na voz dele e respondeu:

— Prometo, papai.

— A segunda é que deixei várias cartas no cofre da Casa do Lago. Não vai compreendê-las de imediato, mas leia-as com atenção.

— Vou ler, papai — acedeu obediente.

— E a terceira é que Daniel vai te contar o passado da nossa família. Eu sempre evitei falar sobre isso, mas chegou o momento de descobrir quem você é realmente. Deve ouvi-lo ainda que por vezes possa parecer enfadonho ou inútil. Mais tarde verá que tudo tem um significado. — Arturo respirou fundo em busca de oxigênio. — Estou exausto. Quero descansar um pouco. Não esqueça que te amo.

— Eu também te amo, papai.

Envolvida pelo desespero, se perguntou por que o pai escolhera Daniel e não Alessia para contar a história da família, os mistérios que ele nunca explicara e dos quais sempre a protegera, como se o passado estivesse povoado de forças que pudessem destruí-la. Por mais que quisesse falar com ele, viu o quanto estava debilitado e manteve-se em silêncio.

Arturo fechou os olhos, e fez uma expressão de dor, quase imperceptível. Ela beijou-o na testa e continuou sentada ao seu lado, hirta.

Elizabeth não conseguia aceitar a possibilidade de perder o pai. Sua dor emocional era tão aguda que os pensamentos surgiam desordenadamente com a incoerência típica dos estados de choque. “Morrer” parecia uma palavra muito definitiva, algo inaceitável e irreal que invadira seu vocabulário abruptamente.

Perguntou-se como era possível que o pai estivesse à beira da morte, aos sessenta e dois anos, sem que os médicos tivessem detectado nada nos meticulosos exames anuais a que se submetia. Percebeu que era a natureza daquela doença ardilosa, que se instalava silenciosamente.

Quando se debruçava sobre o passado da família, a morte da mãe e até mesmo Alessia, faltavam pedaços da história. Sua vida assemelhava-se a um imenso quebra-cabeça. Tinha sempre a impressão de que algo lhe escapava. E essa impressão transformou-se em certeza quando o pai disse que precisaria descobrir quem era. Além disso, a presença intrigante de Daniel contribuía para aumentar o mistério.

Sentiu-se sozinha, mergulhada em memórias, enquanto, à sua frente, o pai se rendia à morte. Alessia tocou-a no ombro, com delicadeza, arrancando-a do mundo sombrio que começava a envolvê-la. Elizabeth virou-se, como se pesasse uma tonelada. Alessia abraçou-a e sussurrou:

— Venha. Vamos tomar alguma coisa enquanto seu pai descansa.

Olhou novamente para o pai e ouviu sua respiração profunda e pausada. Parecia tranquilo. Beijou-o mais uma vez na testa, e afastou-se com esforço.

Na cantina do hospital, Elizabeth sentou-se em uma das mesas alheia ao que acontecia à sua volta. Alessia viu Daniel encostado ao balcão e foi ao seu encontro com passos rápidos. Ele cumprimentou-a com um beijo na face, segurando-a pelo cotovelo com familiaridade.

— O que vai querer? — ele perguntou.

— Chá. — esperou que Daniel fizesse o pedido e comentou: — Que situação terrível.

— Arturo fez sua escolha há muito tempo e nós respeitamos — constatou Daniel incisivo, com a voz controlada.

— Eu sei, mas ainda assim é tudo muito doloroso.

— Agora é essencial definir os próximos passos. Não temos margem para erros — disse Daniel, pragmático, pegando uma das

xícaras de chá e dirigindo-se em direção à mesa onde estava Elizabeth.

— Sim, mas precisamos lhe dar tempo para assimilar a perda do pai.

Daniel pousou a xícara fumegante sobre a mesa, à frente de Elizabeth, arrancando-a do seu isolamento. Ela estremeceu ao reconhecer as mãos dele, que vira apenas por um segundo no quarto do pai. Observou a forma calma como ele se sentava e os gestos frios, tão distantes da ternura fraternal que tinha demonstrado a Arturo pouco tempo antes, no quarto.

Alessia quebrou o silêncio:

— Querida, sei como está sofrendo...

— Não compreendo, Alessia — interrompeu Elizabeth. — Não compreendo como não descobriram antes. É um engano! Só pode ser engano!

— Não, querida, não é um engano. Aceitar é o primeiro passo...

— Você sabia, não é? — interrompeu novamente. — Eu devia ter percebido algo errado. Como é que não percebi?

— Quando as coisas acontecem conosco, não temos distanciamento suficiente para saber...

Elizabeth sacudiu a cabeça e os cabelos lisos e longos acompanharam o movimento. Murmurou, incrédula, como se falasse apenas para si:

— Não consigo aceitar a forma como ele parece ter se rendido.

O dia parecia interminável, mas eram apenas quatro horas da tarde. Elizabeth bebeu o chá esperando encontrar algum conforto, mas seu estômago continuava embrulhado. Daniel levantou-se, sem aviso, e informou em um tom neutro, capaz de camuflar uma infinidade de sentimentos:

— Seu pai não está mais neste mundo, Elizabeth. Venha.

Segurou-a pelo braço com uma firmeza gentil e guiou-a de volta ao quarto de Arturo, pelos corredores do hospital. Alessia seguiu atrás deles, com os olhos turvos pelas lágrimas, sabendo que muita gente sentiria falta de Arturo. Ele sempre praticara a caridade, fazendo doações e ajudando as pessoas necessitadas. Era voluntário em várias organizações e viajava, com frequência, para lugares dizimados por guerras e catástrofes naturais. Acreditava que é dando que se recebe e pautou sua vida por esse princípio.

Daniel e Bento organizaram o funeral. Prepararam a igreja com flores e incenso de jasmim, o preferido de Arturo. Avisaram amigos e conhecidos.

Quando Elizabeth e Alessia chegaram, às nove da noite, o lugar estava apinhado de gente, e o cheiro do incenso e das flores tinha se entranhado em tudo, criando uma espécie de neblina adocicada e perturbadora.

Elizabeth, engolida pelo seu próprio vazio, não percebeu quem a cumprimentou na profusão crescente de rostos desconhecidos — um mundo de gente que ela nunca tinha visto. E pouco recordaria das vinte e quatro horas passadas entre a morte e o sepultamento do pai, abalada pelo choque e pela incredulidade.

Tentou ver o pai uma última vez, mas Daniel foi irredutível e não permitiu que abrissem o caixão, previamente selado por sua ordem. A última lembrança que Elizabeth guardaria do pai, seria a do beijo que lhe havia dado, instantes depois da morte, quando seu corpo ainda retinha o calor da vida. Depois disso, ninguém mais viu Arturo, exceto Daniel, que o vestiu e pôs no caixão. Elizabeth não compreendeu o porquê daquela determinação tão estrita.

Quando chegou em casa, Alessia fez com que Elizabeth tomasse um calmante, que ela empurrou pela garganta com um chá de flor de laranjeira. Em seguida, aconchegou-a na cama, como se ela ainda fosse criança, e segurou sua mão até que adormecesse.

Eram dez da manhã de domingo quando Elizabeth acordou, depois de ter dormido doze horas. O apartamento cheirava a maçãs assadas e canela. Um aroma familiar, recuperado da sua infância.

Vestiu o roupão de seda verde sobre o pijama da mesma cor, e seguiu as vozes até a copa, ainda aturdida pelo efeito do comprimido tomado na véspera, e que mantinha as emoções controladas. Encontrou Alessia, dona Rosa, a vizinha octogenária que morava no apartamento da frente, e o padre Bento em volta da mesa redonda, tomando o café da manhã: chá English breakfast, acompanhado de strudel de maçã. Eles se levantaram assim que a viram hesitante na porta da cozinha e abraçaram-na com afeto, como se acolhessem alguém que chegara de uma longa viagem. Alessia puxou uma cadeira para ela se sentar e serviu uma xícara de chá. Elizabeth adicionou uma gota de leite e misturou delicadamente com a colher de prata. Percebeu o silêncio súbito e respeitoso e se sentiu na obrigação de falar, embora lhe faltasse vontade e energia:

— Quero agradecer a vocês por tudo...

A voz saiu enrouquecida pelas muitas horas de choro e pelo cansaço. Sentiu a garganta seca. Bebeu um gole da bebida quente para tentar clarear a voz. Alessia pôs a mão sobre seu braço, carinhosamente, enquanto Bento tentava reconfortá-la:

— A perda do seu pai é uma provação muito sofrida, mas é nos momentos de dor que devemos procurar conforto em Deus.

— Eu sei, padre.

— Estamos aqui, ao seu lado, para o que precisar — afirmou Bento, dando uma palmadinha suave nas costas da mão dela, exatamente como fazia desde sua infância, quando queria enfatizar o que dizia.

Dona Rosa aproveitou o silêncio de Elizabeth para dizer:

— Coma uma fatia de strudel. Alessia disse que era sua preferida quando criança.

— Agora não dona Rosa, obrigada. Estou sem fome. Vou descansar um pouco mais. Se me dão licença... — respondeu, tentando evitar uma conversa mais longa. Pegou a xícara com a mão ligeiramente trêmula, e foi para o quarto. Pousou o chá no criado mudo, incapaz de bebê-lo. O aperto na garganta continuava a sufocá-la, impedindo-a de engolir, e se agigantou até explodir, forçando um choro convulsivo. Adormeceu novamente, vencida pelo cansaço, e acordou horas depois, a meio da tarde.

Alessia estava preparando uma canja portuguesa. A receita original, com galinha, tinha dado lugar a uma variedade de legumes para atender as suas opções vegetarianas.

Elizabeth entrou na cozinha e se encostou ao mármore da pia bebendo um copo de água. Alessia observou seu rosto inchado e os olhos afundados em auréolas escuras, que expunham parte do seu sofrimento.

Elizabeth interrompeu o silêncio:

— Quero viajar para a Casa do Lago. Sozinha.

— Compreendo, querida, mas não acho que seja um momento propício para se isolar.

— Preciso esgotar esta dor, Alessia — explicou colocando o punho fechado sobre o peito. — Tenho que enfrentar os meus demônios.

Alessia olhou-a séria e quieta, sabendo que ela estava longe de conhecer o verdadeiro significado da expressão “enfrentar os demônios”. Para evitar uma discussão, sugeriu:

— Como quiser. Falamos sobre isso mais tarde.

Elizabeth insistiu, enfática, pousando o copo no mármore da bancada:

— Já decidi: quero passar meu aniversário na Casa do Lago.

Alessia viu-a sair da cozinha e assim que ouviu a porta do quarto se fechando com um som abafado, foi para o telefone, tensa:

— Daniel?

— Sim. Qual o problema? — perguntou com secura.

— Elizabeth quer viajar sozinha para a Casa do Lago.

Daniel digeriu a informação, e após uma brevíssima pausa, respondeu friamente:

— Alessia, deixe-me ser claro: todos nós estamos sofrendo com a morte de Arturo, cada um à sua maneira. Mas isso não deve interferir no que foi planejado para Elizabeth mesmo antes do seu nascimento.

— Eu sei, Daniel.

— Então qual é o problema? — insistiu desgastado, lutando para controlar sua própria dor. Arturo tinha sido o irmão que nunca teve e que o acompanhara durante toda a vida.

— Acho que será melhor esperar um mês até ela aceitar a morte do pai. Ela está imersa no sofrimento e não consegue compreender mais nada. O sofrimento faz isso, Daniel: ele cega.

— Conheço muito bem os efeitos do sofrimento. Lamento, mas um mês é muito tempo. Ela precisa assumir as responsabilidades que herdou.

— Ela vai assumir, Daniel — defendeu Alessia. — Mas precisa estar serena para assimilar o que vai ser revelado, e mudará, em

definitivo, o rumo da vida dela.

Daniel hesitou por um segundo perante a argumentação de Alessia. Sabia que ela estava mais emotiva do que racional, mas não deixava de haver lógica no que dizia.

— Alessia, deixe que ela vá para a Casa do Lago que eu resolvo esse assunto.

— O que quer dizer?

— Eu resolvo, Alessia. Deixe-a ir.

— Mas Daniel... — Alessia tentou continuar a defender seu ponto de vista, porém Daniel interrompeu-a com firmeza:

— Não podemos esperar um mês. Sabe bem que ela corre perigo e temos que informá-la disso — justificou mantendo sua posição inicial, de revelar a Elizabeth o passado da sua família, sem lhe dar tempo de se refazer da perda do pai.

— Eu sei — cedeu Alessia, tentando afastar as dúvidas que sentia sobre a decisão de Daniel.

— Tenho que desligar — Daniel terminou a ligação com impaciência, sentindo-se cansado. A morte de Arturo dava início a um novo ciclo, e apesar do longo planejamento, sentia-se inconformado com a responsabilidade de tutelar Elizabeth.

Alessia preparou a sopa para Elizabeth, colocando o prato na bandeja, com um guardanapo de linho branco e um chá de camomila. Bateu na porta do quarto e esperou que respondesse:

— Entre!

Encontrou-a recostada, no meio das almofadas, com um álbum de fotografias dos pais aberto sobre a cama, e o laptop pousado nas pernas cruzadas.

— Trouxe uma canja de legumes. Está na hora de comer alguma coisa, querida.

Elizabeth colocou o computador na cama, aceitou a bandeja e começou a comer. Sentia-se fraca. Havia mais de vinte e quatro horas que não comia nada sólido.

— Obrigada, Alessia, está ótima — elogiou, depois de provar a sopa. — É reconfortante.

— Que bom que gostou — fez uma pequena pausa, antes de mudar de assunto. — Estive pensando sobre o que me disse na cozinha. Se quiser mesmo ir para a Casa do Lago, peço apenas que leve Leon e Náder.

— Prometi ao meu pai que não abdicaria deles. Suponho que isso também a tranquiliza.

Alessia sorriu com suavidade habitual, concordando com a cabeça. Elizabeth esticou-se sobre a bandeja e fez-lhe um carinho nas mãos.

— Não se preocupe, Alessia. Você é como se fosse minha mãe, mas agora preciso ordenar um pouco minha cabeça, os meus sentimentos...

— E o emprego novo, na UniTouch?

Elizabeth começara a trabalhar havia pouco mais de um mês na UniTouch, uma importante empresa internacional de telecomunicações e desenvolvimento de software.

— Vou pedir um mês de licença e, se não concordarem, que é o que me parece mais natural, demito-me. Depois decido o que fazer.

— Mas você gosta do seu trabalho e investiu tanto para conseguir uma boa oportunidade na sua área! É difícil alguém da sua idade ocupar um cargo de diretora de recursos humanos em uma multinacional!

— Eu sei, mas agora não consigo pensar com clareza. Preciso de um tempo para me organizar. Quero ver o testamento, os papéis...

— Sabe que está tudo em um fundo fiduciário. Qual é a pressa?

— Meu pai é que cuidava de tudo e estou me sentindo perdida. Quem sabe também não descubro alguma coisa sobre minha mãe, no meio da papelada do papai.

— Você sabe o suficiente sobre sua mãe — defendeu Alessia para evitar abordar aquele assunto complexo imediatamente após a morte de Arturo, sabendo que os mistérios que envolviam a vida e a morte de Angelina seriam revelados por Daniel.

— Sei mesmo? E sobre os meus avós? Simplesmente desapareceram, é isso? Meu pai desconversa sempre. Faz aquele sorriso cheio de charme, sabe?

— Desconversava, Elizabeth. Seu pai desconversava e fazia...

Alessia corrigiu devagar os tempos verbais e os olhos de Elizabeth encheram-se de lágrimas. Por um instante esquecera-se de que o pai já não estava vivo. A colher caiu, batendo no prato com um ruído seco, e ela levou o guardanapo à boca para sufocar um soluço.

— Eu sei, querida. Eu sei... No princípio é assim: de vez em quando parece que nada aconteceu. Mas é neste momento de fragilidade que precisa tomar alguns cuidados com certas pessoas mal intencionadas e com energias mais fortes.

— Está falando do padre Daniel? — questionou quase involuntariamente, ao recordar-se das sensações que ele lhe provocara, quando o conhecera.

— Ele te incomodou, não foi? — perguntou, sabendo da perturbação que Daniel causava habitualmente à sua volta.

— Sim. Como é que sabe?

— Ele tem uma força extraordinária, mas não é mal intencionado. Daniel é um homem de bem. — Alessia garantiu, fazendo com que Elizabeth minasse qualquer resistência que pudesse ter contra ele.

Aceitar a presença dele era essencial para facilitar tudo o que viria adiante.

— Talvez tenha razão — respondeu, espantada por Alessia ter percebido que Daniel a tinha incomodado.

— Um processo de sofrimento, profundo o como seu, vai contribuir para fortalecê-la, mas precisa estar atenta, porque, em momentos assim, é mais fácil cometer erros de julgamento.

— Erros de julgamento? — inquiriu alarmada.

— A dor atrapalha o raciocínio e distorce a análise das situações, mesmo as mais simples, do dia a dia — avisou Alessia, antes de tentar tranquilizá-la. — Mas estará protegida no Lago.

— Meu pai dizia que a casa dos nossos antepassados, o lugar das nossas origens, nos dá uma proteção especial.

— É verdade. — Alessia retirou a bandeja do colo dela. — Agora tente descansar mais um pouco. Tem que voltar a sonhar. Os sonhos ajudam a reequilibrar.

— Sim — concordou, sabendo que Alessia tinha razão. Quando sonhava as suas emoções clareavam, como se acionasse um estranho mecanismo de cura. Porém, naquele instante, tudo o que desejava era um sono profundo que induzisse o esquecimento.

Era a segunda semana de outubro. O feriado do dia 12 arrastou-se, vagaroso, e Elizabeth passou-o na cama, com uma febre leve e intermitente, que a deixou com o corpo moído.

No dia seguinte fez um esforço para ir trabalhar. Ao chegar à empresa, pediu para falar com o diretor geral. Ele foi gentil e recebeu-a imediatamente: já sabia o que tinha acontecido, e lamentou a perda dela. Comentou que, apesar de não ter estado presente no funeral, enviara uma coroa de flores. Elizabeth

agradeceu, incapaz de lembrar-se das flores; na verdade não se lembrava de quase nada, mas tinha certeza que Alessia iria responder com um cartão educado. Sabia que ela e o padre Bento tinham passado o feriado compilando uma lista de pessoas, para enviarem cartões agradecendo o apoio e presença no funeral.

Elizabeth explicou ao diretor geral que precisava de um mês de licença para reorganizar sua vida sem a presença do pai e resolver aspectos relacionados com sua herança. O pedido, embora não fosse normal, foi aceito pelo diretor, que aproveitou a ocasião para comentar que o trabalho dela havia sido elogiado por Penafor, o diretor de marketing com quem estava desenvolvendo um plano para reorganizar o departamento.

Ficou combinado que ela voltaria dia 16 de novembro, mas Elizabeth não conseguiu evitar certa estranheza por uma empresa internacional, com o porte da UniTouch, permitir que um funcionário recém-contratado se afastasse por trinta dias.

Em seguida, Elizabeth passou pelo seu departamento, traçou as linhas gerais do planejamento para aquele mês e, por fim, escreveu um e-mail aos outros diretores informando-os sobre sua ausência e nomeando os seus substitutos.

Ao sair percebeu que eram quase três da tarde e ainda não tinha almoçado. Dirigiu-se para o estacionamento quando ouviu o som de passos apressados atrás de si. Alguém gritou seu nome. Virou-se, viu Penafor e pensou, irritada: *Que merda!* Esperou por ele, que já vinha com as mãos estendidas, pronto para cumprimentá-la:

— Elizabeth, acabei de chegar. Estava fora da empresa e queria falar com você pessoalmente. Não sabe o quanto lamento. Precisa de alguma coisa? — perguntou, solícito.

Ela meneou a cabeça e tentou soltar a mão, que continuava presa, entre as dele.

— Não, obrigada.

— Estas situações são muito sofridas. Passei por isso quando perdi meu pai. Compreendo o que está sentindo.

— Obrigada, Penafor. Tenho que ir — disse, tentando se despedir.

— Se precisar de alguma coisa, a qualquer hora, pode me ligar no celular — tirou um cartão do bolso e anotou rapidamente o número particular, antes de entregá-lo a Elizabeth. Ela entrou no carro, aliviada por livrar-se dele. Esboçou um aceno com a mão esquerda e partiu.

Juan Penafor era um homem ambicioso e, acima de tudo, desejava o cargo de diretor geral na UniTouch. Descendia de uma família pobre de espanhóis, emigrada para São Paulo durante os rescaldos da Guerra Civil espanhola. A mãe, alcoólatra, o abandonara quando ele tinha dois anos e o pai, um católico caridoso, se esforçou para lhe dar uma educação que permitisse romper o ciclo de pobreza. Não chegou a ver o filho terminar a universidade e realizar seu maior sonho. Morreu aos cinquenta e quatro anos, atropelado por um desconhecido que fugiu do local do acidente e nunca foi descoberto. Havia dezoito anos que enterrara o pai e ainda sentia uma grande mágoa contra o estranho que lhe tinha roubado o único afeto. Esforçava-se para tentar perdoar o criminoso, mas não tinha conseguido encontrar paz e seu coração continuava endurecido, incapaz de seguir adiante. Porém, apiedou-se de Elizabeth, por saber bem o quanto a perda de um pai era dolorosa.

Elizabeth não simpatizava com Penafor. Quando o conheceu, ao ingressar na empresa, ele dissera explicitamente que gostava que o chamassem "Penafor". Ela havia achado o nome incomum e comentara com o pai.

— Penafor em latim é associado a "penhasco" — dissera Arturo, exímio conhecedor daquela antiga língua.

— Estranho alguém desejar ser chamado de "penhasco".

— Às vezes o nome não é acidental. O que diz sua intuição? — Arturo incentivava-a sempre a dar atenção à intuição, mesmo quando ela contrariava a lógica e a racionalidade.

— Ele não me inspira confiança. Tem um comportamento um pouco agressivo e os olhos erráticos. Costuma colocar as mãos junto do peito, como se fosse um Tiranossauro Rex.

Descrito assim, Penafor parecia um homem desinteressante e horrível, mas na verdade era um moreno alto e bastante atraente. Arturo rira da forma como ela retratou o colega. Isso tinha acontecido havia pouco mais de um mês, logo depois de ter começado a trabalhar, mas parecia ter passado um século. Já sentia saudades do pai e, mesmo acreditando na reencarnação, a morte dele era devastadora. Ficou com os olhos embaçados pelas lágrimas, como se estivesse chovendo dentro dela.

Estava a três quarteirões de casa e não viu o carro. Sentiu a batida seca e parou, por reflexo. Abriu a porta e saiu, com o rosto marcado pelo choro, enquanto pensava, com frustração, que quando alguém está desesperado, as coisas tendem a agravar-se. É o caos se alimentando de si mesmo e gerando mais caos, exatamente como Alessia dizia.

Olhou para seu carro, e era apenas lataria amassada. Em seguida olhou para o outro carro e percebeu que, apesar dos danos também serem leves, se tratava de um esportivo importado, de luxo.

Leon e Náder desceram imediatamente do carro em que seguiam e aproximaram-se. Elizabeth disse, erguendo a mão direita com um gesto imperativo que impunha distância:

— Estou bem. Esperem no carro, por favor. Eu trato disso.

Mas eles mantiveram-se junto dela, como montanhas, cientes das suas funções.

Ela voltou-se para o dono do carro, que continuava sentado ao volante, e falou impaciente:

— A culpa é minha. Vamos resolver isso.

O motorista saiu do carro, sereno, e, com um sorriso jovial, perguntou, apontando para a testa dela:

— Você está bem?

Elizabeth levou a mão ao centro da fronte e sentiu o líquido viscoso e morno. Ele estendeu um lenço:

— Pressione que o sangue para.

— Desculpe. Eu não o vi. O sinal ainda estava amarelo...

— Não se preocupe. Fui apressado. Assumo a responsabilidade.

— Estou certa de que passei o sinal.

— Meu nome é Miguel Besson. Sugiro que aceite minha ajuda e me deixe resolver isso. Talvez possamos tomar um café. Que acha?
— enquanto falava, esticou a mão para cumprimentá-la. Ela abandonou sua mão contra a pele macia dele e cedeu, cansada, de forma quase automática:

— Está bem. Sabe onde é o Casarão do Café? Melhor, me siga — sugeriu.

Durante o percurso, Elizabeth ligou para Alessia avisando-a que houvera um pequeno acidente, mas estava bem. Ia apenas acertar as questões do seguro com o motorista do outro carro. Antes que Alessia pudesse manifestar sua preocupação maternal, se despediu e desligou.

No café, Elizabeth pediu um chocolate quente e Miguel um expresso e uma água gelada.

— Um hábito muito europeu — notou Elizabeth.

— Vivi lá muito tempo — respondeu com um leve sotaque francês, quase imperceptível.

Foi então que Elizabeth percebeu o quanto era charmoso. Vestia-se de forma esportiva e despretensiosa: jeans e camisa impecável, cor de rosa, com as mangas dobradas até ao cotovelo. Devia ter quarenta anos, talvez menos. Seu cabelo castanho-claro era liso, e tinha olhos quase dourados, cor de mel. Quando sorria, os olhos também sorriam, revelando uma ligação invisível entre a boca e o olhar. Ao observá-lo tomou consciência da sua imagem: despenteada e ensanguentada, com os olhos avermelhados pelo choro. Pediu-lhe um minuto e foi ao toalete. Lavou o rosto com água gelada e limpou o sangue ressecado em volta do pequeno corte. Olhou-se ao espelho: emagrecera nos últimos dias e o rosto oval, emoldurado pelo cabelo loiro, parecia minúsculo. Penteou-se e passou um batom suave. Arrumou a gola da elegante blusa branca de corte masculino, que combinava com as calças cinzentas de caimento irrepreensível.

Miguel observou-a caminhar de volta para a mesa: alta, esguia, com gestos suaves, e uma elegância inata que se refletia na postura perfeita. Reconheceu nela os olhos fascinantes de Arturo: às vezes azuis, outras verdes. Levantou-se e, galantemente, puxou a cadeira para ela se sentar.

— Obrigada.

— Sente-se melhor?

— Sim.

— Tenho que fazer uma confissão — disse sem rodeios. — Sei quem você é, e sei quem é seu pai, Arturo Blanchefort. Lamento o que aconteceu. Cumprimentei-a no funeral, mas imagino que não se lembre. Havia muita gente e nessas circunstâncias é quase impossível reter rostos estranhos.

Ela sentiu as lágrimas aflorarem. Miguel percebeu, mas ignorou o fato de modo elegante, respeitando as emoções dela. Continuou falando calmamente:

— Sei que é um momento difícil. Eu conhecia seu pai. Não éramos amigos. Tínhamos um vínculo mais — como diria? — social. Mas sei que ele era um homem nobre e generoso.

Elizabeth sorriu involuntariamente, e Miguel perguntou:

— Eu disse algo engraçado?

— Disse que meu pai era nobre e generoso. Esse é um dos significados do nome dele, em celta.

— Que coincidência!

— Eu e meu pai pesquisávamos os significados e as origens dos nomes. Era uma brincadeira nossa. Ele dizia que às vezes os nomes refletem a essência verdadeira das pessoas. Foi assim que escolheram o meu.

— Significa “a consagrada a Deus” — afirmou, surpreendendo-a. — Talvez os seus pais a estivessem preparando para algum destino místico — insinuou com um sorriso convidativo, que parecia abrir caminho para confidências pessoais.

— Não. — Elizabeth acreditava que seu nome tinha sido escolhido muito mais como um agradecimento a Deus do que propriamente como a preparação para qualquer destino. — Nem sei por que estou lhe contando isso.

Sentiu-se exposta ao perceber que estava revelando detalhes da sua vida a um desconhecido. Mas tudo nele inspirava confiança: era atraente, sereno, e tinha gestos leves, próprios de alguém seguro, que não tem nada a esconder. Os olhos dele também contribuíam para aquela sensação. Eram da mesma cor que os da sua mãe: dourados como os de um leão. Mesmo assim, sentiu um aviso: *Tenho que sair daqui!*

— Talvez por ter dito que conhecia seu pai. Isso fez com que se sentisse à vontade, não?

— Pode ser. Mas vamos resolver o assunto do carro, Miguel.

— Gostaria que aceitasse minha oferta. Sei que está passando por um momento complicado. É o mínimo que posso fazer, depois de todo esse transtorno.

Ela olhou-o com atenção, se esforçando por compreender sua verdadeira intenção. Tentou intuir as razões para aquela inesperada generosidade, como o pai havia ensinado. Mas ele parecia não ter mistérios ou segredos e ela não conseguiu perceber qualquer intenção oculta. A proposta dele soava como um gesto simples de atenção. Ele sorriu acolhedoramente, com os olhos brilhantes.

— Está bem. Aceito sua oferta e agradeço.

— Que bom. Agora vou saber os seus números: telefone, identidade... — comentou, sedutor.

Trocaram informações e Elizabeth perguntou:

— É possível resolvermos tudo até sexta-feira?

— Claro. Existe alguma razão particular?

— Vou viajar por duas semanas.

— Compreendo. Algum lugar especial?

— Puebla de Sanabria — respondeu espontaneamente, sem pensar.

— Espanha. Um lugar muito bonito. — A forma despojada e familiar com que ele comentou fez Elizabeth se retrair. Mal o conhecia e se sentia capaz de contar a vida toda. Miguel emanava uma inexplicável sensação de intimidade. Percebeu que ele conhecia ou estava informado sobre o lugar, mas não quis aprofundar a conversa. Sentiu os instintos tinirem e notou, pela segunda vez, um alerta: *Não posso continuar aqui*. Levantou-se repentinamente para interromper a conexão que estava se criando entre eles e aumentava a cada minuto.

— Miguel, foi um prazer, mas preciso ir.

— Claro — respondeu educado. — Eu telefono se precisar de mais alguma coisa.

Quando se despediram, ele beijou-a como se fossem amigos de longa data. Encostou-se a ela com naturalidade, em um abraço leve, e ela sentiu a respiração morna e sensual sobre a pele do rosto, lhe provocando um arrepio de prazer. Ao se afastar Elizabeth sentiu que o perfume dele se entranhara na sua roupa, como uma marca que fica depois do amor.

Quando chegou em casa, Alessia viu o pequeno corte na testa e sugeriu:

— Elizabeth, vamos desinfetar isso.

— Não é preciso, Alessia. Estou bem.

— Eu insisto. Você sabe que o meio da testa está ligado à clarividência, não é? — Alessia, embora fosse bastante pragmática, também cultivava um misticismo feroz, que partilhava com Arturo: ambos acreditavam que tudo possuía uma razão oculta.

— Sei — respondeu Elizabeth, séria, pois esse era um tópico nas conversas dos três, desde sua infância.

— Então devia se perguntar por que, justamente hoje, se feriu aí, no lugar da terceira visão. Não acha estranho? — perguntou, sabiamente, limpando o ferimento com cuidado.

— Nem tudo é simbólico, Alessia.

— Não acredita realmente nisso! — refutou com um sorriso suave, sabendo que Elizabeth por vezes gostava de provocá-la. — Tudo tem uma explicação simbólica, e mesmo aquilo que nos escapa no cotidiano pode ser sempre compreendido mediante uma leitura simbólica.

— Eu sei. Mas hoje acho que não é isso. Ter ferido minha testa não está ligado a nada.

— Pode ser um aviso de que algo vai afetar sua intuição — insistiu com ar premonitório que não escapou à percepção de Elizabeth. Mas ela não se deixou convencer.

— Acho que não. Foi apenas um acidente.

— E com quem é que bateu o carro?

— Miguel. Ele disse que era amigo do papai e até me cumprimentou no funeral.

Alessia sentiu a intuição tilintar como a cauda de uma cascavel no meio do deserto. Perguntou, cautelosa, e aparentemente tranquila:

— Te falou o sobrenome?

— Miguel Besson. — Elizabeth hesitou por um segundo. Foi o suficiente para Alessia perceber, e, controlando a raiva que a assaltou ao ouvir o nome do responsável pelo acidente, perguntou com voz calma:

— O que foi?

— O nome dele é familiar. Tenho a sensação que já ouvi em algum lugar, mas não consigo saber onde foi — confessou concentrada, esforçando-se por recordar.

O comentário deixou Alessia mais tensa do que já estava. Não fazia ideia de onde Elizabeth poderia ter escutado aquele nome.

— Tenho certeza que irá lembrar. Os últimos dias foram muito intensos — justificou Alessia. — Terminei. Agora, vá tomar um banho porque está com um perfume esquisito.

Elizabeth obedeceu. No banho, sorriu sozinha ao lembrar-se de Miguel, sem saber quem ele era realmente e o que sua presença significava.

Esforçando-se para manter a tranquilidade, Alessia chamou Leon ao escritório e trancou a porta depois que ele entrou. Estava exaltada desde que Elizabeth pronunciara o nome de Besson.

— Leon, o que aconteceu? Conte-me exatamente!

O segurança que vivia com Alessia, Arturo e Elizabeth desde a morte de Angelina, contou o ocorrido com pormenores. Fora treinado pessoalmente por Arturo e, com os anos, desenvolvera uma habilidade incomum para reter detalhes que passavam despercebidos até aos olhares mais treinados. Vira Elizabeth nascer e foi o único responsável pela sua segurança até ela completar dezoito anos, quando se mudaram da Espanha para São Paulo. Na vinda para o Brasil, Arturo achou que seria mais seguro que ela passasse a ter dois seguranças, e contratou Náder, um muçulmano fervoroso que se transformara no grande companheiro de Leon, um marfinense católico.

Alessia ouviu o relato atentamente e, quando Leon terminou, percebeu que ele estava incomodado, pela forma tensa como colocava as mãos atrás das costas.

— Há mais alguma coisa, Leon?

— Não sei explicar, mas eu já vi aquele homem antes. — Alessia achou que aquela sensação começava a ser recorrente, tornando-se preocupante: primeiro, Elizabeth *parecia* ter escutado o nome de Besson antes, e agora Leon *parecia* tê-lo visto.

— Já viu como?

— O perfume dele... Eu conheço aquele cheiro.

Alessia se alarmou ainda mais, pois também havia ficado incomodada com o perfume que sentira impregnado em Elizabeth quando cuidara do ferimento na testa. Retrucou:

— Um perfume não é algo exclusivo, Leon.

— Eu sei, mas cada pessoa tem um cheiro único. Na África, o cheiro é muito importante. Pode salvar sua vida... — disse Leon relembrando as suas origens.

— Onde já sentiu esse cheiro? — interrompeu Alessia, cada vez mais perturbada com a situação.

— Na Costa do Marfim. — E antes que Alessia insistisse, afirmou: — Tenho certeza.

Alessia empalideceu, e sentiu as pernas cederem. Olhou Leon fixamente, e perguntou:

— Na Costa do Marfim, quando? Quando, Leon?

— No final, durante a confusão... Aqueles dias foram o *fim do mundo!* Não gosto de pensar naquele tempo. *C'était une chose très mauvaise!* — disse, em francês, lembrando que havia sido algo terrível.

— Eu sei, Leon, mas faça um esforço. Você viu esse homem?

— Não tenho certeza se o vi. Talvez ele estivesse diferente. Foi há tantos anos. As pessoas mudam em vinte e cinco anos, *non?*

— Esse é o propósito da vida, Leon: as pessoas mudarem. Mas algumas pessoas não mudam para melhor — retorquiu mordendo o

lábio inferior, um gesto que denunciava seu nervosismo. Depois de alguns segundos de silêncio perguntou:

— E onde foi que o viu? O local exato.

— No funeral da senhora Angelina. Havia muita gente. De tantos lugares. Exatamente como no funeral de d. Arturo.

— Só pode tê-lo visto no funeral de Angelina? E em mais lugar nenhum, é isso?

— Sim. E hoje, claro.

— E o perfume é o mesmo? Tem certeza absoluta?

— Ele pode estar diferente, mas o perfume é aquele: o mesmo cheiro forte.

— Penetrante? — perguntou Alessia, concluindo que Elizabeth acabara de chegar a casa impregnada *dele*, e aquele tinha sido o primeiro sinal da presença de Besson, depois de muitos anos. Um sinal que ela tentou ignorar, até Elizabeth pronunciar o nome.

— Sim. É isso. Lembro-me de sentir aquele perfume durante o funeral da senhora Angelina, e hoje foi a mesma coisa. E agora que penso nisso, tenho certeza que também senti no funeral de d. Arturo — confirmou Leon, com a segurança da memória recuperada.

— No funeral de Arturo? — questionou Alessia alerta, lembrando que Elizabeth tinha dito que Besson a cumprimentara no funeral. Mas aquilo parecia impossível. Como ninguém percebera a presença dele?

— Sim.

— Lembra onde foi?

Leon franziu a testa ligeiramente se esforçando por localizar e cheiro no meio das muitas pessoas que tinham estado na cerimônia. Fechou os olhos, como o pai lhe ensinara a fazer na África, para sentir a natureza falar com ele, e deixar que se revelasse.

— Foi na entrada da igreja.

— Dentro da igreja? — quis saber Alessia, intrigada.

— Não. Dentro não. Só na entrada. E por pouco tempo. Depois desapareceu — comentou Leon, com o cenho franzido, pelo esforço de concentrar-se nas lembranças.

— Então ele não entrou na igreja? — insistiu Alessia.

— Acredito que não.

Alessia estava com os dentes cerrados e os olhos frios, mostrando uma faceta muito menos amorosa do que a habitual, tentando acreditar que aquilo não estava acontecendo. Deu um passo à frente, segurou o braço de Leon com uma força inesperada para seu corpo delicado, e disse com a ferocidade de uma leoa pronta para defender sua cria:

— Se esse homem se aproximar dela, quero saber imediatamente. Entendido, Leon?

Pelas perguntas de Alessia sobre Miguel, Leon acreditou que ele devia representar algum perigo. Isso explicaria o nervosismo de Alessia. Ele nunca a vira tão tensa.

— Sim. Ela corre algum perigo, como a senhora Angelina? — perguntou apreensivo.

Alessia fez sinal de silêncio levando o dedo à boca, e cortando bruscamente a pergunta:

— Schiu, Leon. Há coisas que não se dizem. As palavras podem tomar forma. Vamos voltar ao trabalho. Coloque Náder a par desta conversa e fiquem mais atentos do que o habitual.

Elizabeth lembrava-se de ter visto uma carta na escrivaninha do pai e foi verificar quem era o destinatário. Não queria que as últimas palavras dele ficassem esquecidas sobre a mesa.

Arturo adorava escrever cartas. Dizia que era tudo muito rápido e imediatista na época atual: e-mails, internet, mensagens de texto, celulares... Não havia tempo para saborear o que se escrevia, nem havia o prazer de esperar uma resposta, abrir uma carta. Defendia que os e-mails eram úteis, mas não para falar de coisas realmente importantes. Escrever com sua própria letra era, para ele, um exercício intelectual e afetivo: procurar as palavras certas, desenhar letras perfeitas e assinar, era como enviar um pedaço de si.

Elizabeth sentou-se na cadeira dele, pegou na carta inacabada e tremeu ao perceber que estava dirigida a ela: o pai falava com ela novamente, como se as palavras tivessem o poder de anular sua morte. Começou a chorar assim que leu a primeira linha.

São Paulo, 1º de outubro de 2009

Minha amada Elizabeth,

Esta é a última de sete cartas que lhe escrevi, mas é a primeira que você lerá. Neste momento, tudo deve ter terminado para mim, aqui na Terra. É estranho escrever sabendo que já não estarei aqui quando ler estas palavras, mas quero que saiba que estou tranquilo. Este foi um destino que selei há anos. Foi uma escolha que me permitiu vê-la nascer, crescer e se tornar a pessoa que é. Cumpri minha missão!

Despedidas são sempre dolorosas, mas preciso que saiba que estarei atento a tudo o que acontecer. Lembre-se que pedaços de mim e da sua mãe se perpetuam em você.

Não estarei fisicamente aqui no dia do seu aniversário, mas velarei por você, em espírito. Será uma data mágica: vai completar 29 anos, no dia 29 de outubro de 2009. Escrevi uma carta para que leia nesse dia. Está no cofre da Casa do Lago.

Elizabeth,

Parou várias vezes ao longo do texto, e amontoou os lenços de papel, usados para secar as lágrimas teimosas, sobre a escrivaninha. A carta terminava de forma abrupta, suspensa no nome dela. Uma carta interrompida pela morte. Elizabeth voltou para seu quarto, onde a leu e releu esperando encontrar algum alívio, mas cada vez que percorria suas linhas, a dor parecia se adensar por causa daquele final inacabado.

2. A Casa do Lago

Tudo é enigma e a resposta a um enigma é outro enigma.

Ralph Waldo Emerson (1803-1882)

Alessia tentou combater a raiva e o pavor provocados pela proximidade de Miguel Besson. Esperou uma hora, até se acalmar o suficiente, para abordar o assunto com serenidade. Ligou para Daniel e contou que Elizabeth tinha sofrido um acidente, sem consequências. Daniel soube imediatamente que, embora Alessia defendesse Elizabeth com unhas e dentes, seu pragmatismo não lhe permitiria telefonar só para falar sobre um simples acidente. Deduziu que havia acontecido algo mais.

— Se Elizabeth está bem, qual é o problema?

— O acidente foi provocado por Miguel Besson — disse de uma vez, e por mais que tivesse tentado, não conseguiu evitar a críspação na voz.

— Besson? Tem certeza? — perguntou Daniel espantado com a inesperada aparição dele. Aquela atitude não se coadunava com seu comportamento habitual: Besson vivia na sombra e raramente se expunha, deixando visíveis apenas os efeitos da sua presença.

— Tenho certeza. Leon confirmou. E, além disso, ele lembrou-se da presença de Besson tanto no funeral de Angelina quanto no de Arturo. Pelo cheiro.

Daniel ficou em silêncio por um instante.

— Embora não o tenhamos visto, já parecia claro que ele estivera no funeral de Angelina. Agora tivemos a confirmação. Mas na cerimônia de Arturo? Como é que ninguém percebeu? — questionou como se fizesse a pergunta mais para si do que para Alessia. Mesmo assim, ela respondeu:

— Foi o que também me perguntei. Ninguém o viu e ninguém percebeu a presença dele, do lado de fora da igreja, segundo Leon.

— É possível. Estávamos todos abalados pela morte de Arturo. Ficamos praticamente o tempo todo no interior da igreja. Seria fácil, no meio de tanta gente, ele passar despercebido. Concorda? — questionou com sua lógica racional, quando na verdade, pretendia apenas a anuência do interlocutor, sempre que usava a expressão “concorda”.

— Daniel, não é só isso. Ele feriu Elizabeth — rematou Alessia. Ela havia deixado para o final aquilo que mais a incomodara.

— Feriu, como?

— Elizabeth saiu do acidente com um corte na testa.

— No Véu de Ísis? — perguntou, se referindo ao espaço central da testa, situado entre as sobrancelhas, uma área considerada impenetrável até para o maior dos clarividentes. Um ferimento ali, porém, seria suficiente para afetar o equilíbrio e as percepções de qualquer um.

— Sim. Tenho certeza que Besson provocou a batida de modo que Elizabeth se ferisse exatamente nesse lugar.

— Não podemos saber isso — respondeu Daniel, cauteloso, sabendo que ela se alterava com tudo o que dizia respeito a Besson,

embora não compreendesse as razões para Alessia, tão serena e comedida, se abalar tanto, sempre que Besson era mencionado. Realmente, Besson parecia representar um lado obscuro que eles não se atreviam sequer a imaginar, embora Daniel ainda achasse que faltavam provas concretas para muitas das barbaridades que lhe eram atribuídas. Mas também era certo que Besson tinha feito coisas indefensáveis.

— Você, que aprecia tanto a lógica, sabe que a possibilidade de Elizabeth ter se ferido acidentalmente no Véu de Ísis em um encontro com Besson é ínfima — defendeu, segura.

— Talvez. Porém, isso é muito difícil de explicar, não acha? Mas agora se torna ainda mais urgente que Elizabeth conheça a verdade — afirmou, lembrando-a sutilmente que ela tinha sugerido que dessem tempo para Elizabeth se recompor da morte de Arturo, um tempo que acabara de se esgotar com o aparecimento de Besson.

— Sim, você tem razão — concordou, rendida ao argumento de Daniel. Ela já devia estar habituada à racionalidade dele e, principalmente, à sua capacidade de antecipar eventos, como um exímio jogador de xadrez que antecipa os movimentos do adversário, muitas jogadas antes.

— Vou me encontrar com Elizabeth na Casa do Lago, para contar a verdade — comunicou Daniel.

Naquele momento, foi Alessia quem ficou alguns instantes em silêncio, reunindo forças para perguntar:

— E o que faremos em relação a Besson?

— Por enquanto, nada. Ele fez o primeiro movimento. Fará outros. Vamos esperar.

— Há mais uma coisa — disse Alessia, com a voz crispada.

— O quê?

— Ela disse que o nome de Besson é familiar, que já o ouviu antes.

Daniel calou-se por um momento, pensando em várias possibilidades que explicassem como Elizabeth poderia ter escutado o nome. Por fim, explicitou o que lhe parecia mais lógico, naquelas circunstâncias:

— Talvez Arturo tenha mencionado o nome dele.

— É uma hipótese. Mas acho pouco provável — retorquiui Alessia.

— Em breve saberemos — afirmou Daniel, calmamente.

— Sabe o que ele quer? — Alessia perguntou, apesar de temer a resposta.

— Ele quer Elizabeth — respondeu Daniel, consciente da angústia que tinha acabado de provocar em Alessia. Uma angústia que ia muito além da segurança de Elizabeth.

— Temos que protegê-la — falou com voz baixa.

— É o que estamos fazendo, Alessia.

No período que antecedeu sua viagem, Elizabeth revirou os papéis do pai, na esperança de descobrir informações sobre a morte da mãe e a misteriosa história dos avós maternos, que não conhecera. Mas encontrou apenas documentos sobre advogados, seguros e escrituras de casas e apartamentos.

Também arrumou uma mala com roupas confortáveis, blusas quentes, jeans, tênis, e um par de botas, de cano alto. Em pleno outono, o frio já se fazia sentir em Puebla de Sanabria, uma vila de mil e seiscentos habitantes, situada na província de Zamora, no norte do país. Elizabeth vivera ali, na Casa do Lago, como era conhecida nas redondezas, entre os quatro e os dezoito anos, quando se mudara para São Paulo, por decisão de Arturo. Aquela

casa, herdada dos antepassados paternos, era o único lugar que reconhecia como sendo seu lar.

Na véspera da sua viagem para a Espanha, depois de muita insistência por parte dos amigos, decidiu jantar com eles. Havia-os encontrado no funeral de Arturo, e sabia que eles estavam preocupados com seu bem-estar.

Conhecera-os quando estudara sociologia e, desde então, eles participavam da sua vida e se encontravam com frequência. Era um grupo heterogêneo, com formações e profissões diferentes: Pietro era o único que tinha sido seu colega de faculdade. Ana era jornalista; Áurea estudara medicina; André especializara-se em pediatria; Jorge era professor de história e Paula, bióloga.

Jorge era alvo das atenções nessa noite. Envolvera-se com Beatriz, uma jovem que conhecera durante um congresso no Rio de Janeiro. Tudo se complicou quando Jorge voltou para São Paulo e ambos revelaram percepções divergentes sobre o envolvimento: para ele tinha sido um rápido e intenso caso; para ela, o início de um romance na ponte Rio-São Paulo. E Beatriz já queria passar o fim de semana seguinte com Jorge. Ana alfinetou, ferina:

— Depois vai deixar uma camiseta no seu apartamento. Na semana seguinte esquece uma calça jeans... Sabe como é... Quando perceber está casado.

Jorge ficou ainda mais incomodado, sem saber como explicar a Beatriz que não desejava um relacionamento com ela. E aquilo foi o estopim para mais uma discussão entre Jorge e Ana, até que Áurea interveio sensatamente:

— Jorge, não teria sido melhor você dizer a verdade, desde o início?

— Ela não teria ficado comigo — defendeu-se ele. — E a Beatriz é muito bonita. — justificou, contribuindo para aumentar a irritação de

Ana.

— Então não se queixe: essas são as consequências dos seus atos. Quer saber? Faça terapia! — desabafou Ana frustrada com a discussão. Jorge era seu melhor amigo, mas era também o Don Juan do grupo e, embora não assumisse, tinha verdadeiro pavor de compromissos.

Ao chegar em casa, pouco antes da meia noite, Elizabeth percebeu que tinha sido relaxante jantar fora e falar sobre banalidades. Aquele encontro com os amigos lhe devolveu, por algumas horas, a sensação de normalidade que tanto buscava desde que perdera o pai.

Sábado bem cedo, uma semana depois da morte de Arturo, Elizabeth embarcou para a Espanha, acompanhada de Leon e Náder. Doze horas depois aterrissaram no aeroporto de Barajas, em Madri. Leon foi buscar o carro alugado, acomodaram a bagagem, e seguiram para Puebla de Sanabria, noite adentro, em uma viagem que duraria mais de três horas.

A Casa do Lago ficava a dez quilômetros do povoado, incrustada nos montes, rodeada de árvores, de frente para o lago de Sanabria, o maior lago espanhol de origem glacial, transformado em região protegida. Era uma casa de pedra com dois andares, que reinava solitária no centro da paisagem quase intocada. As varandas da sala, no térreo, e as do escritório, no andar superior, tinham vista direta para a quietude plácida do lago azul, rodeado pelo relevo acidentado e verdejante. As janelas dos quartos, na parte posterior da casa, se abriam para os montes irregulares, oferecendo um contraste com a planura do lago.

A construção inicial datava do final do século XIII e, ao longo do tempo, sofrera várias reformas, embora mantivesse o traçado original. Algumas dependências — banheiros, cozinha e sótão — foram totalmente modernizadas por Arturo em 1984, quando ele e Elizabeth se mudaram para lá, vindos da Costa do Marfim, seis meses depois da morte de Angelina.

Foi ali que Elizabeth conheceu Alessia. Tinha quatro anos quando a viu pela primeira vez: tranquila e elegante, sem uma idade definida, e com o rosto emoldurado pelo cabelo claro e curto, que sempre mantivera, com pequenas variações no corte. Alessia se ajoelhou para olhá-la de perto, ergueu a mão suave, acariciou o rosto infantil e disse com um carinho que marcaria para sempre a relação que se estabeleceu entre elas:

— Vai ficar tudo bem. *Je te promis!* — prometeu, em francês.

Enquanto viveu na Casa do Lago, Elizabeth estudou em Puebla de Sanabria, embora a maior parte do seu aprendizado ocorresse em casa, sob a vigilante orientação de Arturo e Alessia. Nas férias de verão o pai viajava com ela para países e lugares distantes. Arturo defendia que a melhor maneira de conhecer outras culturas e expandir o espírito era por meio dos livros e das viagens. Por isso, investiu na educação da filha incentivando-a, desde muito cedo, a ler os clássicos e a aprender línguas. Falava com ela em inglês e francês — indistintamente, embora o francês fosse sua língua materna. Além disso, lhe incutiu valores morais bastante arcaicos, que não combinavam com a juventude da época moderna. Elizabeth cresceu acreditando que deveria se preservar e esperar pelo seu grande amor, e cultivar a elevação espiritual.

Durante os catorze anos que moraram em Sanabria, todos os domingos assistiam à missa das sete da manhã, celebrada pelo padre Bento, na secular Igreja de Nuestra Señora del Azogue,

construída entre os séculos XII e XIII. Bento costumava almoçar com eles, passar alguns serões e pernoitar, especialmente no inverno, quando o frio não convidava à travessia da noite. Havia um cômodo sempre pronto para ele, e o tempo e o hábito transformaram no “quarto do padre Bento”.

A relação entre Bento e Alessia, por mais discreta que fosse, causava estranheza, mas além dos murmúrios eventuais no povoado, ninguém sabia realmente o que pensar. Elizabeth habituou-se a vê-los juntos, e acreditava que eram amigos, até o dia em que se mudaram para o Brasil, e Bento acompanhou Alessia. Nunca perguntara diretamente ao pai qual a natureza do afeto que os unia, mas perante a naturalidade com que Arturo tratara do assunto, Elizabeth acabou por esquecer as dúvidas, e aceitou a relação dos dois sem maiores questionamentos.

Depois de ter se rendido ao cansaço e dormido algumas horas, Elizabeth acordou cedo e foi à missa das sete, como fizera durante anos. No caminho, percebeu que pequenas gotas de gelo brilhavam sobre as ervas que ladeavam a estrada de terra: eram os resquícios de geada noturna, e os sinais do inverno que assaltaria a aldeia, em breve. Enquanto o carro avançava em direção à igreja, com Leon na direção e Náder ao lado, ela se lembrava das vezes que fizera aquele percurso com o pai. A imagem era tão vívida que parecia ainda senti-lo ao seu lado, insistindo para que ela estudasse seriamente outras religiões, apesar da sua formação católica. Arturo dizia que as religiões não eram excludentes e, quanto mais se aprofundasse, mais perceberia as ligações entre elas. Para ele, era essa capacidade de criar ligações e ver além da superfície, que representava o caminho para a verdadeira sabedoria.

Ao chegar à igreja, as pessoas que conhecia desde a infância abraçaram-na comovidas com a morte do seu pai. Todos sabiam o que tinha acontecido: Alessia havia contado a triste notícia a Maria e Juan, os caseiros que cuidavam da Casa do Lago. E, em um lugar pequeno como aquele, as notícias se espalhavam com a velocidade do vento.

Arturo fora muito respeitado e querido na comunidade. E eles se mostraram disponíveis para ajudar Elizabeth no que precisasse, porque o pai estivera sempre presente para apoiá-los. Soledad, uma galega magra e sem papas na língua, falou, comovida:

— D. Arturo nos ajudou em épocas muito difíceis. O bem que seu pai fez abriu os caminhos para você.

Elizabeth ficou emocionada com as palavras de Soledad. Arturo ficaria feliz se pudesse ouvi-las: ele acreditava que as pessoas eram responsáveis pelas suas vidas e os resultados das suas ações, boas ou más, um dia voltariam ou recairiam sobre seus filhos e, até mesmo, netos.

Quando chegou a casa, depois da missa, encontrou Maria ocupada com o forno a lenha, assando pão e legumes colhidos na pequena horta que ficava na parte lateral da casa. Juan era o responsável pelo cultivo dos legumes e, também, uma série infundável de ervas para temperos e chás, que Maria usava para curar qualquer coisa, inclusive males do espírito.

Elizabeth almoçou na varanda, de frente para o lago, perdendo os olhos naquele azul intenso, de efeito calmante. O dia estava claro e a temperatura amena, naquela transição típica das estações quando nada é excessivo, mas, também, não é totalmente definido. Viu Náder junto ao portão e soube que Leon dormia para fazer o turno

da noite. Acostumara-se à fiel e silenciosa presença deles, e lembrou do pedido do pai para mantê-los sempre por perto.

Durante a tarde planejou o que faria nas duas semanas seguintes. Havia centenas de papéis, livros e caixas catalogados no escritório e no sótão, que gostaria de pesquisar.

Na segunda-feira foi para o sótão e percebeu que os documentos e os muitos objetos antigos estavam guardados em caixas, com um rigor próprio de quem sabe como protegê-los do tempo. Tudo estava catalogado, com a letra regular do pai, e havia uma lógica perfeita na organização: os papéis encontravam-se na estante do lado esquerdo da porta de entrada, arquivados por datas e temas, em caixas de igual tamanho. Os objetos estavam em caixas maiores, do lado direito do sótão, embrulhados em tecidos leves ou papel de seda e depois resguardados em sacos de algodão, com uma etiqueta que os descrevia sumariamente. Todas as caixas estavam arrumadas cronologicamente — das datas mais antigas para as mais recentes.

Elizabeth recordava-se de ver o pai manuseando aquelas caixas, pelo menos duas vezes por ano — no início do outono e da primavera, e fazendo anotações em um grande livro de capa azul. Calculou que aquele livro podia ajudá-la e foi ao escritório procurá-lo. Encontrou-o na prateleira catalogada com o título “Inventários”, próxima da escrivaninha. Ali havia vários dossiês com documentos antigos, e se destacavam dois volumes com capa dura e desbotada: o primeiro era o de tecido azul, do qual se recordava. O segundo estava encadernado com tecido vermelho escuro. Ambos haviam sido adornados de couro em toda a volta. Apesar de bem conservados, era evidente que tinham sido muito manuseados. Elizabeth abriu o azul. O papel amarelado pelo tempo, sem linhas,

devia ter, no mínimo, duzentos anos, calculou, enquanto virava as páginas com cuidado. Tratava-se de um inventário minucioso dos objetos e documentos guardados no sótão, com detalhes sobre a data e a forma como chegaram à sua família. Aquilo prometia uma longa leitura.

Tomada pela curiosidade, abriu também o volume vermelho, que não se lembrava de ter visto, e se surpreendeu ao perceber que se tratava das genealogias da família do pai, desde tempos remotos. Cada página continha a descrição de nascimentos, casamentos ou óbitos desde o início do século III. As duas páginas finais estavam em branco e o último registro tinha sido feito em 1219, com o nascimento de Julien Blanchefort, em Montségur, na França. Imaginou que devia existir outro livro que continuasse a genealogia a partir daquele ponto, mas pelo que pôde perceber, após uma busca, não estava no escritório. Achou anormal que a família terminasse abruptamente em 1219. Com certeza havia informações dos últimos setecentos anos em outro lugar e ela pretendia encontrá-las. A partir daquele instante passou a ter dois objetivos: descobrir pormenores sobre a mãe e encontrar o segundo livro de genealogias da família paterna.

Voltou ao sótão, agora munida de uma espécie de raios X do conteúdo das caixas. Dirigiu-se às prateleiras e começou sua investigação pelas caixas mais antigas. Nas duas primeiras, catalogadas com os títulos "Antes de Cristo I" e "Antes de Cristo II", encontrou obras de arte gregas, sírias e egípcias, adquiridas entre os séculos XIII e XIV. Percebeu que ali, no sótão da sua própria casa, estavam guardadas peças de valor incalculável, que eram parte da sua herança. Isso explicava a segurança do sótão, protegido por uma porta de aço com fechaduras, códigos, alarmes e um sofisticado sistema de controle de temperatura.

Enclausurou-se durante os dias seguintes, dominada pela ansiedade de desvendar o passado, e com a secreta esperança de encontrar objetos que tivessem pertencido à sua mãe e revelassem os segredos da família. Ficou fascinada com a riqueza e variedade das peças e com a impecável capacidade de organização do pai. Sentiu que a descoberta do conteúdo daquelas caixas era uma viagem no tempo, que lhe permitia também vislumbrar a mente meticulosa de Arturo. Faltava ainda avaliar a seção dos documentos, mas sabia que se tratava de uma tarefa hercúlea, para realizar posteriormente.

John MacGee caminhava pelos montes de Puebla de Sanabria, com o rosto parcialmente oculto sob a pala do boné verde-escuro. Vestia jeans, uma jaqueta impermeável, calçava botas de caminhada, e levava uma pequena mochila nas costas, cujo conteúdo revelava o quanto era precavido. Ali colocara uma garrafa de água, um lanche, uma lanterna, um isqueiro, e uma caixa de primeiros socorros, além de um par de luvas de couro completamente amaciadas pelo uso. De longe podia ser confundido com um habitante da aldeia, se não fossem os binóculos pendurados no pescoço, que o identificavam como um amante da natureza, um daqueles observadores de aves que se aquieta num lugar até conseguir ver o pássaro que procura. E tudo poderia ser exatamente assim, se não fosse a arma que levava no coldre, escondido sob o braço esquerdo.

Mostrava grande preparo físico, caminhando com tranquilidade pelo terreno irregular, sem sinais de cansaço. Fez o reconhecimento da região sem precipitações, avaliando os caminhos e os melhores pontos de observação. Percebeu que não havia nenhum local que

permitisse ter uma visão geral da casa. Sua localização isolada tinha sido um dos principais motivos para executar o sequestro de Elizabeth Blanchefort ali, aliada ao fato de estarem na Europa, um território onde tinha domínio das rotas de fuga. No entanto, agora percebia que aquela vantagem inicial também representava um problema: a casa estava no meio de uma paisagem acidentada com pouca visibilidade e acessibilidade.

Finalmente, no meio da tarde, encontrou um local alto, de onde podia observar a frente da casa e a estrada. Através dos binóculos, além do exterior, via parte do interior pelas janelas e portas abertas, quase como se estivesse lá dentro. Decidiu que no dia seguinte iria para a direção oposta, em busca de outro local que permitisse ver a parte de trás.

Lembrou-se das instruções que recebera: a mulher que lhe dera a localização de Elizabeth tinha dito que seria um trabalho fácil, porque a jovem que devia sequestrar tinha apenas dois seguranças, aparentemente tranquilos. Mas MacGee era um homem cauteloso, conhecedor dos perigos da sua profissão, em que qualquer erro, por menor que fosse, podia custar sua vida, ou pior, atirá-lo para a prisão. Com a longa lista de crimes que cometera em vários países da Europa, certamente passaria muitos anos preso. E ele decidira jamais definhar na prisão como seu pai, que fora acusado de um crime que não cometera, e acabou brutalmente assassinado pelo parceiro de cela. Enveredou pelo mundo do crime, de modo natural.

MacGee explorou o resto da região, e montou um verdadeiro posto de observação: Elizabeth fazia a maioria das refeições na varanda e quase não saía de casa. Mas tinha uma beleza espantosa, que começou a mexer com os nervos dele. Seria uma pena assassiná-la depois de conseguirem o que buscavam, porém as ordens eram claras, e não havia exceções: deveriam eliminar todas

as pontas soltas. Ele lamentou que assim fosse, e recordou de novo a forma como a mulher que o enviara ali tinha falado de Elizabeth: com certa raiva. MacGee se questionou se aquele sentimento não estaria associado à tremenda beleza da moça.

Começou a traçar os seus planos antecipando os problemas. Os seguranças pareciam realmente tranquilos, como dissera a mulher, mas ele sabia que aquilo não significava nada, até vê-los em uma situação de perigo onde as suas habilidades se revelariam. Havia também os cães que ele precisava neutralizar: três pastores-alemães certamente treinados para detectar qualquer estranho que se aproximasse.

Na data do seu aniversário de vinte e nove anos Elizabeth acordou cedo, mais uma vez. Não eram ainda sete da manhã quando passou na cozinha para pegar uma xícara de café antes de ir ao cofre do escritório, onde o pai havia dito que guardara as cartas que escrevera. Apesar da curiosidade, resistira até aquela data, para cumprir um dos últimos desejos do pai.

Arturo selara as cartas com lacre, um hábito arcaico que apreciava. Tinha usado o sinete com o brasão de família, representado por uma Fênix de asas abertas, com uma rosa presa nas garras, tendo abaixo a palavra latina *Fraternitas*. Ela havia se habituado a ver aquele símbolo em todos os documentos pessoais do pai, mas nunca deixava de se espantar com a beleza e a elegância do desenho.

Pegou na carta identificada com a data do seu aniversário, sentou na cadeira de couro, em frente da mesa, quebrou o lacre com um estalido seco, cruzou as pernas e acomodou os pés descalços sob o

corpo. Com uma inspiração profunda, como se tomasse fôlego antes de um longo mergulho, começou a ler.

São Paulo, 10 de abril de 2009

Mon enfant,

Escrevo para que leia esta carta no dia do seu 29º aniversário. É uma idade especial, com alguma dor, porém com muito crescimento. É uma idade com certo destempero, porém cheia de esperança. Quando sua mãe tinha 29 anos você nasceu. Foi um evento maravilhoso!

Querida, o grande acontecimento dos seus 29 anos não é minha morte — que certamente já aconteceu — mas sua metamorfose, sua transformação. Vai acontecer um rito de passagem e você estará preparada para compreender os grandes mistérios da sua vida e as razões para ter recebido uma formação tão diferente da formação dos jovens da sua idade.

Falamos muito sobre o sofrimento que as mudanças acarretam. Sei que é muito difícil mudar os hábitos — eles se confundem com a própria pele, e é difícil “trocar” de pele. Porém não tema as mudanças: com elas chega também o conhecimento. Não aceite, nem rejeite nada sem analisar primeiro. Como disse São Paulo, “Discerni tudo e ficai com o que é bom”.

Quando tiver dúvidas, procure as respostas nos seus sonhos, como lhe ensinei desde sua infância. Existe uma força poderosa dentro de você. Somos todos “centelhas divinas”, mas você é uma centelha especial. Tão especial quanto sua mãe foi.

Reitero com esta carta minha convicção de que não existem coincidências — o presente é resultado de escolhas sucessivas, de caminhos percorridos, e até de decisões tomadas por muitas pessoas, há muito tempo.

A minha morte física vai lhe causar dor, mas terá que aceitar para poder seguir em frente. Deverá cultivar a serenidade e perceber que é responsável pelo seu destino. Não fique prisioneira do passado, porque isso impedirá sua evolução.

Hoje quero pedir que faça um desejo e brinde com champanhe. Este é um rito de alegria, que cultivamos nos anos que vivemos juntos, e não deve ser quebrado.

Feliz aniversário, minha filha!

Um beijo afetuoso,

Arturo

Levou algum tempo para se recompor do choro que não conseguira conter à medida que lia a carta. Por fim, quando se acalmou, foi para o sótão, depois de passar na cozinha para comer uma fatia de pão morno com doce de tomate, preparada por Maria.

Ao anoitecer tomou um banho bem quente para descontraír os músculos doloridos pelas horas que passou sentada, examinando as caixas. Percebia claramente que os dias estavam cada vez mais curtos e as noites mais longas com a proximidade do inverno. Maria já tinha se retirado — dormia e acordava muito cedo — mas não se esquecera do aniversário dela. Acendera a lareira e enfeitara a sala com flores vermelhas, segundo ela, para atrair o amor: não se conformava que Elizabeth, tão bonita como era, não tivesse um namorado. Deixou um castiçal de prata com velas brancas sobre a mesa, para que iluminassem os caminhos até o aniversário seguinte. Preparou uma refeição especial, com pratos de que Elizabeth gostava: creme de abóbora com rodelas de alho francês, *ratatouille* acompanhado de arroz branco e, de sobremesa, mousse de chocolate com *crème fraîche*. Elizabeth acendeu as velas e jantou com prazer. Tinha feito uma refeição leve ao almoço e não percebera

que estava com tanta fome até começar a comer. No final do jantar, abriu a garrafa de Dom Pérignon. O gesto provocou um aperto no peito ao recordar que era sempre o pai que abria e servia o champanhe. Pela primeira vez teria que realizar aquele ritual sozinha: ergueu a taça, formulou um desejo e bebeu o primeiro gole. Nesse instante escutou o barulho de um carro se aproximando. Não imaginou quem poderia ser, mas não se sentiu alarmada porque sabia que Leon e Náder a protegeriam.

Abriu a porta de vidro que separava a sala e a varanda e sentiu uma rajada de ar frio bater no seu no rosto. Viu os faróis de um carro surgirem na curva da estrada estreita, rasgando a escuridão. Ouviu Leon gritar para Náder soltar os cães. Deixou-se ficar na varanda, com a taça gelada nas mãos, observando a cena.

O carro parou com suavidade. Um homem alto desceu e os cães avançaram na sua direção. O homem afagou um dos três pastores-alemães que pulavam à sua volta. Os animais acalmaram e pararam de latir. Náder estava protegido pela noite mirando a cabeça do desconhecido com uma pistola, enquanto Leon se aproximou, com a mão direita pronta para sacar a arma presa na cintura, e a esquerda empunhando uma lanterna, que apontou diretamente para o rosto do intruso:

— Padre Daniel, que susto! Quase atiramos no senhor — brincou Leon, aliviado.

— Leon, como vai? — respondeu com familiaridade, cumprimentando-o.

Ela não conseguia ouvir o que diziam, mas reconheceu Daniel assim que Leon iluminou seu rosto. Lembrou que o pai havia dito que Daniel revelaria o passado, e soube que ele não estava ali, justamente no dia do seu aniversário, por acaso. No entanto, achou a visita estranha, por não parecer lógico que Daniel tivesse

atravessado o Atlântico, em uma viagem tão longa, só para contar a história da sua família. Ergueu a voz, dizendo:

— Suba, padre.

Daniel cumprimentou-a com um aperto de mão firme. Elizabeth o convidou para sentar-se em uma das poltronas junto à lareira, mas ele se manteve de pé.

— Aceita uma taça de champanhe? — ofereceu, amável.

Ele observou as velas que ardiam irregulares sob o efeito da brisa suave que entrava pela porta aberta da varanda, antes de responder:

— Não, obrigado. Não bebo.

— Nem para brindar ao meu aniversário?

— Parabéns — disse educadamente. — Posso brindar com chá?

— Obrigada, padre — agradeceu, dirigindo-se à cozinha. — Vou buscar seu chá.

Maria deixava sempre uma garrafa térmica com água quente. Quando Elizabeth voltou, pouco depois, encontrou-o sentado na varanda, com o olhar fixo no lago, desafiando o frio outonal.

— Earl Grey... Espero que goste. Açúcar? — perguntou, colocando a bandeja com o chá e o açucareiro sobre a mesa.

— Obrigado, sem açúcar. Gosto do chá puro.

Ela sentou-se próximo dele e ficaram alguns minutos em silêncio observando a lua cheia, refletida nas águas imóveis do lago prateado. Eram duas fascinantes bolas quase perfeitas, uma sobre a outra, fundindo dois mundos na mesma imagem: o mundo da lua real, pendurada no céu, tocando no seu reflexo, sobre o espelho de água.

O silêncio ganhou densidade à medida que os minutos passavam. Por fim, Elizabeth não se conteve por mais tempo e perguntou:

— Por que está aqui, padre?

— Vim vê-la — informou, com naturalidade.

— Por quê? — decidira ser direta como ele.

— Precisamos conversar e este é um lugar tranquilo. Costumava vir aqui, visitar seu pai.

— Não me lembro — disse tensa pelo esforço de capturar uma lembrança longínqua. O desconforto e, simultaneamente, a familiaridade provocados pela voz dele podiam ser explicados por um acontecimento remoto, que ela não lembrava, mas devia estar latente na memória, à espera de ser acordado. Talvez tivesse sido alguma visita durante sua infância, imaginou, buscando uma resposta.

— Nem sempre você estava por aqui.

— Eram muito amigos? Meu pai nunca falou de você até aquele dia, no hospital...

— É natural...

— Não acho nada natural. Eu conhecia quase todos os amigos do meu pai — afirmou incisiva, tentando acreditar no que dizia.

Daniel sabia que aquilo não era verdade, mas não a contrariou. Estava ciente que, em breve, Elizabeth descobriria a vida oculta do pai. Apontou para o lago e mudou de assunto:

— Aparentemente é tão tranquilo. Sabia que ali estão sepultadas cento e dezesseis pessoas?

— Sim. Por aqui todos conhecem essa tragédia.

Daniel continuou falando, em tom de desabafo, seguindo o fluxo dos seus pensamentos:

— O inverno de 1959 foi rigoroso: choveu muito, a represa ficou com excesso de água e a temperatura baixou para dezoito graus

negativos. Eram as condições perfeitas para um desastre. A barragem Vega de Tera abriu uma brecha de setenta metros de comprimento por trinta de altura. Em menos de meia hora milhões de litros de água inundaram o desfiladeiro do Rio Tera e a aldeia de Ribadelago. Morreram cento e quarenta e quatro pessoas, mas só foram resgatados vinte e oito corpos. Os outros desapareceram aí, no fundo desse lago, onde desembocou aquela água toda.

— Fala como se tivesse visto o que aconteceu. — Elizabeth estava impressionada com a forma intimista com que Daniel descreveu o acidente.

— Isso seria muito complicado de explicar. Foi há cinquenta anos — respondeu, rindo.

Era a primeira vez que via Daniel rir. O som da sua gargalhada parecia mágico, como se fosse de cristal. Ficou fascinada com a forma como o rosto dele se iluminara. Os olhos adquiriram uma tonalidade mais escura, diferente do azul metálico e frio que habitualmente dominava seu olhar. O riso parecia ter aberto uma cortina e revelado outro mundo dentro dele — um mundo feliz, um lugar de luz. Era contagiante. E, sem saber como, Elizabeth também soltou uma gargalhada.

— É padre, seria bem difícil de explicar — concordou.

Daniel olhou para ela, e viu-a despreocupada, esquecida da dor provocada pela morte do pai. Era impressionante a semelhança com Angelina. Ria da mesma forma que ela, inclinando a cabeça para trás, como se o riso criasse um impulso que a atirava para dentro da vida.

— Você ri como sua mãe — confessou quando o riso se foi e o silêncio começou novamente a instalar-se entre eles. Ela olhou-o surpresa.

— Conhecia minha mãe?

— Sim.

Elizabeth sentiu as perguntas formarem-se desordenadamente, mas não as conseguia formular. Tinha muitas dúvidas ao mesmo tempo, e não era capaz de organizá-las com rapidez suficiente. Por fim, perguntou, intrigada:

— Onde conheceu minha mãe?

— Em São Paulo — disse Daniel, lembrando-se da primeira vez que Angelina vira os amigos de Arturo, e da forma como sua beleza os impressionara.

Elizabeth ficou em silêncio, tentando contabilizar as idades de Daniel e de Angelina, mas a matemática parecia traiçoeira. Ele observava-a atentamente, como se adivinhasse as dúvidas que se insinuavam dentro dela.

— Conheceu-a quando era muito jovem, não? — questionou Elizabeth. Ele sorriu sutilmente, mas não respondeu. Em vez disso, comentou, com segurança:

— Você e sua mãe são muito parecidas, mas são, também, muito diferentes.

Daniel não concordara com a forma como Arturo a educara. Achava que Elizabeth devia ter conhecido a história da família desde a infância. Mas Arturo optara por investir na educação dela, e lhe dera toda a proteção possível do amor, mantendo ocultas as suas verdadeiras origens e os fatos importantes do seu passado. Agora, com a morte dele, Elizabeth teria que desvendar o passado para enfrentar o futuro — um futuro sobre o qual não teria escolha. E Daniel seria seu tutor nesse caminho.

— Iguais e diferentes como? — perguntou interessada, abandonando a aritmética das idades.

— São fisicamente parecidas, mas têm personalidades distintas: você é mais alegre e direta — fez uma pausa breve, como se as

estivesse comparando mentalmente. — Mais voluntariosa.

— Como sabe? — replicou Elizabeth com descrédito. — Mal me conhece.

— Seu pai falava muito sobre você — justificou, com um sorriso enigmático. — Vamos ter oportunidade de conversar sobre vocês duas. Hoje estou um pouco cansado. Vim no voo noturno de São Paulo, e dirigi de Madri até aqui.

Daniel olhou-a fixamente, em silêncio, como se lhe sondasse a alma. Apesar de afirmar que estava cansado, emanava uma vitalidade capaz de dissipar tudo à sua volta. Elizabeth sentiu-se fascinada pela intensidade dele. Manteve-se imóvel, respirando devagar, para não quebrar o encanto, até que ele interrompeu aquele momento mágico:

— Podemos conversar depois de amanhã?

— Sim — concordou, sem resistência, parecendo voltar de outra dimensão. Mas a conversa com Daniel a tinha deixado curiosa. — Não pode ser amanhã?

— Amanhã tenho um compromisso.

— Depois de amanhã será dia de Halloween, embora aqui, na Espanha, não exista tradição de celebrar essa data — constatou, arriscando um convite tímido, consciente de que ele começava a mexer com as suas emoções. — Podemos almoçar?

— Sim, mas só poderei estar aqui por volta das três. Não é muito tarde para o almoço?

— Não. De forma alguma — disfarçou, para não perder a oportunidade de almoçar com ele.

— Preciso confessar que sou vegetariano — disse sorrindo, com a elegância de quem não deseja causar nenhum constrangimento à anfitriã.

— Não será um problema — assegurou Elizabeth, lembrando que Alessia e seu pai também eram vegetarianos e ela naturalmente seguira os seus passos. Mas era incomum encontrar um padre católico vegetariano. Aquela opção alimentar parecia mais adequada para os monges budistas.

— Está hospedado em Puebla de Sanabria?

— Estou — respondeu com simplicidade, se despedindo em francês. — *Au revoir*.

Elizabeth viu-o partir com passos seguros, avançando para a escuridão, com a batina negra se confundindo com a noite, enquanto pensava, com certa ironia, que diabo de compromisso teria um padre, no dia seguinte, naquele fim de mundo.

3. O coração de Angelina

Uma superfície agitada não reflete.

Marguerite Yourcenar (1903-1987)

Elizabeth acordou com a cabeça latejando levemente. Tinha bebido quase meia garrafa de champanhe, mais que o habitual, e o corpo se ressentiu do excesso. Levantou-se devagar, tomou um analgésico, empurrado por um café forte e releu a carta do pai pela enésima vez.

Em seguida subiu ao sótão para investigar as últimas caixas. Encontrou finalmente algumas coisas da mãe: o vestido de noiva e o véu translúcido; uma máscara feminina africana, esculpida pelos baulé, um dos povos da Costa do Marfim, responsável por uma das mais elegantes artes da África; uma cigarreira de prata com a data do casamento dos pais gravada na parte interior e a dedicatória *Toujours, Arturo*; a aliança e o anel de noiva com uma pérola perfeita no centro de um círculo formado por diamantes rosa e, por fim, um caderno de orações com várias letras femininas. Folheou-o devagar, percebendo que havia quatro letras diferentes. Nas páginas finais reconheceu a letra arredondada da sua mãe.

Aquela caixa era uma incongruência na organização perfeita do pai: os anéis deveriam estar no cofre do banco, juntamente com as joias de família, que Elizabeth não usava; o vestido devia estar no armário, em São Paulo, com as outras roupas de Angelina, que ele conservara; e o caderno de orações devia estar arquivado na área do sótão dedicada aos documentos de papel. Deduziu que o pai guardara todos aqueles objetos na mesma caixa por serem da sua mãe, e, talvez, para que Elizabeth os encontrasse.

Com exceção do caderno, que chamou sua atenção, o resto não lhe suscitou sentimentos particularmente intensos. Apesar da enorme curiosidade em relação à mãe, durante aqueles anos todos, ela havia se tornado mais uma imagem idealizada do que uma pessoa real; se transformara em uma espécie de anjo da guarda, um ser alado a quem recorria quando estava angustiada.

Lembrava-se da mãe banhando-a no rio, na África. Angelina lavava os seus cabelos de menina, entoando ladainhas em línguas estranhas. Essa era a única lembrança que tinha dela. Esforçou-se, ao longo do tempo, para recuperar outros pedaços da sua vida com a mãe, mas depois de garimpar bastante só lhe ficara aquela memória, límpida como uma fotografia.

A última caixa tinha coisas suas: o primeiro vestido, em cambraia, bordado à mão; os primeiros sapatinhos, de crochê, minúsculos e perfeitos; a primeira boneca; o vestido de batizado com pentagramas prateados; a roupa branca da primeira comunhão com sóis dourados; a mantilha de renda para cobrir a cabeça na igreja em ocasiões especiais, e que pertencera à sua mãe e, antes dela, à sua avó; uma mecha de cabelos resgatada do chão, na única vez que os usou curtos, ao entrar na faculdade, depois de um acesso isolado de rebeldia do qual se arrependeu até o cabelo voltar ao comprimento habitual, no meio das costas.

Olhando para o sótão, percebia claramente duas fases distintas da vida de Arturo: na primeira, ele acumulara objetos da história humana e na segunda, organizara objetos da sua história pessoal. Elizabeth acreditava que aquela profusão de artefatos tinha uma importância sentimental para o pai, por exemplo, as três túnicas masculinas do século XIII. Duas eram negras, estavam rasgadas nas mangas, e segundo a nota que as acompanhava, tinham pertencido a Paul Besson e Jacques De Payens. A terceira era parecida com as túnicas dos Templários, a misteriosa ordem de cavaleiros desaparecida no século XIV. Era branca, com uma cruz vermelha no peito, e pertencera a Julien Blanchefort, cujo registro de nascimento, em 1219, fechava a genealogia da sua família, anotada no livro vermelho que encontrara dias antes. Era a segunda vez que tropeçava naquele nome em tão pouco tempo, por isso calculou que devia ser um familiar importante, e colou um *post it* amarelo na caixa, com a anotação: *Julien Blanchefort — Pesquisar*.

Depois de uma breve hesitação, decidiu levar o caderno de orações consigo: à exceção das túnicas, aquele havia sido o objeto que mais aguçara sua curiosidade. Queria saber que orações a mãe escrevia e por que as escrevia.

No final do dia estava exausta, mais emocional do que fisicamente, e deu por finalizada sua pesquisa no sótão. Desceu para o escritório e começou a ler o policial *Um gosto por morte*, de P. D. James. Apesar de considerar os romances policiais relaxantes, por envolverem certo desafio intelectual que absorvia qualquer preocupação, não conseguiu se concentrar. Estava ansiosa com a visita de Daniel para o almoço do dia seguinte. Incapaz de ler mais de duas linhas seguidas sem pensar nele, foi à cozinha informar

Maria e discutir o cardápio. Ela aprimorara os seus dotes culinários sob os ensinamentos de Alessia e as experiências gastronômicas de Arturo. Encontrou-a tirando o soro da manteiga que tinha acabado de fazer.

— Maria, um amigo do papai vem almoçar comigo amanhã.

— Quem? — perguntou curiosa, sem se conter.

— Acho que não conhece... O padre Daniel — respondeu hesitante.

— Conheço — contrariou Maria, franzindo a testa, antes de explicar. — Ele vinha aqui de vez em quando, para falar com seu pai.

Aquela informação coincidia com o que Daniel dissera sobre o hábito de visitar seu pai ali, na Casa do Lago.

— Ele é vegetariano — disse Elizabeth.

— Eu sei — respondeu Maria, indiferente à informação, porém mantendo a testa franzida em sinal de desagrado.

— O que podemos preparar para o almoço? — quis saber Elizabeth, ignorando os sinais de insatisfação da empregada. Ela pensou por um momento, antes de responder:

— Para a entrada, cogumelos assados, com recheio de tomate, cebolinha, salsa e coentros frescos, regados com azeite.

— Ótimo — elogiou Elizabeth, aguardando as sugestões para o restante do cardápio.

— Para o prato principal, pensei em penne com abobrinhas, pimentão, endro e queijo brie.

— E para a sobremesa?

— Torta de frutas com creme inglês. E para terminar, café com os meus biscoitinhos de amêndoa. O que acha? — perguntou orgulhosa do cardápio e feliz por perceber que Elizabeth aprovara. Preparou um chá de erva-doce para ela e aconselhou-a, com voz baixa e protetora:

— Tenha cuidado com esse padre bonito... Era amigo do seu pai, mas nunca se sabe... Antes de tudo é um homem. Ele sempre me deu arrepios! — confessou, explicando a razão da sua expressão de desagrado.

Elizabeth sentiu-se enrubescer e disfarçou com voz autoritária, embora sem convicção:

— Que é isso Maria? Respeito! É um padre.

— E desde quando os padres são santos? Sabe o que aconteceu aqui? Olhe... — começou Maria, que tinha sempre uma história para cada ocasião. — Depois de o padre Bento ter ido para o Brasil, veio o padre Favre. Um moço simpático, sempre pronto para ajudar. Moreno, alto, e muito bonito. Sabe o que ele fez? Ficou aqui um ano e teve dois filhos: um com a filha do padeiro, a Rosa, que agora tem a mercearia, e outro com a filha do dono do hotel, a Ana, que foi para Barcelona com a criança, depois da vergonha que fez o pai passar. O padre quase foi expulso à pedrada. Se não fosse seu pai, tinham lhe dado uma surra! Padres bonitos são perigosos e esse é o mais bonito de todos. Até podia ser artista — constatou com um suspiro, como se a beleza de Daniel fosse mais forte que as suas resistências em relação a ele.

— Maria, as pessoas não são todas iguais.

— Está bem... Não falo mais nada. Mas se ele não é daqui, por que é que veio de tão longe para vê-la? Seu pai, que Deus tenha a alma dele em paz, disse que ele tinha ido para o Brasil — rematou, inconformada, fazendo o sinal da cruz, um velho hábito cristão, para pacificar os mortos depois de mencionar seus nomes.

— Deve ter vindo fazer alguma coisa, porque hoje tinha um compromisso — disfarçou sabendo que Maria dizia a verdade e Daniel estava ali por sua causa.

— Depois não diga que eu não avisei. Esse padre é muito bonito para ser padre. Deus não dá tanta beleza por acaso... — insistiu, em um tom premonitório.

— Maria, por favor... — pediu Elizabeth, saindo da cozinha para não ouvir o eco dos resmungos dela, cismada com a beleza de Daniel.

Daniel chegou pouco antes das três da tarde, trazendo um envelope de papel pardo na mão esquerda. Cumprimentou-a com um breve aceno de cabeça, e algum formalismo:

— Como está, Elizabeth?

— Bem, padre. Obrigada — respondeu sorrindo, sentindo-se inexplicavelmente feliz com a presença dele. — Vamos almoçar na varanda. O dia está lindo.

Ele seguiu-a, pousando discretamente o envelope sobre uma cadeira vazia ao seu lado. Saboreou o almoço com tranquilidade, elogiando os dotes culinários de Maria. A conversa foi agradável embora ele falasse pouco. Em contrapartida, Elizabeth falou bastante, para disfarçar o nervosismo que sentia junto dele. Comentou amenidades e falou das viagens com o pai.

Quando terminaram o café, Daniel agradeceu:

— Muito obrigado pelo almoço, Elizabeth.

— Não tem de quê, padre — respondeu com doçura. Ele olhou-a pensando que aqueles eram seus últimos instantes de inocência, antes de dizer:

— Tenho uma coisa para você. — Pegou o envelope, empurrou-o na direção dela, sobre a toalha de linho branca, e sem soltar a ponta, disse em um tom que não prenunciava nada de bom: — Aqui está a verdade sobre a morte da sua mãe.

Ela foi tomada pela surpresa e empalideceu. Estendeu a mão, insegura, como se de repente a coragem tivesse se esvaído e sua busca pela verdade já não fosse tão importante quanto lhe parecera até ali. Por alguns segundos achou que depois de tocar naquele envelope sua vida mudaria. Esse pensamento, que lembraria depois, não estava longe da realidade.

Abriu o envelope devagar, sob o olhar atento de Daniel. Não estava colado, levantou a aba e puxou o papel delicadamente. Era uma única folha branca, datilografada, na frente e no verso. Estava em francês. Tratava-se do laudo da autópsia da sua mãe. Começou a ler.

Angelina foi assassinada de forma cruel: sua garganta tinha sido cortada de um lado ao outro e o coração arrancado do peito aberto. Todas as evidências apontavam para uma morte rápida, mas o coração foi removido com Angelina ainda viva. O corte da garganta foi feito em seguida. Não havia marcas de hesitação. Pela precisão dos ferimentos, percebia-se que o assassino era experiente. Parecia claro que se tratava de um assassinato ritual e, portanto, a morte só podia ter sido premeditada.

Elizabeth compreendeu por que o pai guardara com tanto zelo os detalhes da morte da mãe. Eram de uma crueldade brutal. Sentiu náuseas e um medo quase palpável. Queria respirar, mas o ar era insuficiente. Levantou-se e deu três passos em direção à balaustrada, cambaleante. Daniel seguiu-a e amparou-a com firmeza, pelo braço. Ela sussurrou:

— Tudo escureceu.

— Respire devagar, pelo diafragma — aconselhou.

Ela acalmou um pouco, sentou-se e leu novamente a folha da autópsia, incrédula.

— Aqui está escrito que cortaram minha mãe viva para arrancar seu coração. É isso? — perguntou com a voz aguda, as mãos trêmulas e os olhos cheios de lágrimas.

— É isso — confirmou Daniel, econômico.

— Suponho que está aqui para me esclarecer. Foi meu pai que pediu que me contasse os detalhes horríveis da morte da minha mãe?

— Estou aqui para responder às suas perguntas. Será mais fácil assim — disse calmo, mantendo total controle da situação.

— O que aconteceu?

— O que aconteceu, você já sabe Elizabeth. Sei que isto não é fácil, mas concentre-se para sermos objetivos — aconselhou, sem emoção.

— Objetivos? Objetivos como, padre? Alguém abriu o peito da minha mãe e arrancou seu coração! — falou agudamente, gesticulando com as mãos.

Daniel levantou-se da mesa e disse com uma frieza delicada, que caiu sobre ela como um balde de gelo:

— Quanto mais caótica for esta conversa, piores serão os efeitos emocionais, principalmente para você. Sugiro que durma sobre este assunto e amanhã passo aqui para continuarmos. Às quatro, está bem?

Ela surpreendeu-se com a reação: não esperava que ele a abandonasse, praticamente no início da conversa, sem uma explicação para a morte da mãe. Estava tomada pelo horror.

— Desculpe, mas não sei o que pensar, o que fazer, o que dizer...

— Não faça nada. Uma mente perturbada é como a água agitada que não reflete a lua. Para que o reflexo seja perfeito, a água tem que estar tranquila. Você precisa acalmar para pensar com clareza. Vamos esperar e amanhã conversamos com calma — anunciou,

caminhando para a porta, sem dar margem para que ela discutisse sua decisão.

— Padre...

— Até amanhã, Elizabeth. Veja se dorme. O sono é essencial para uma mente serena — acrescentou mantendo uma distância emocional, mesclada com frieza.

John MacGee não sabia de onde o padre tinha surgido, nem fazia ideia sobre quem seria, mas viu, do seu posto de observação camuflado nos montes, que ele tinha perturbado Elizabeth. Ficou curioso, mas só conseguiu perceber que a discussão entre eles tinha a ver com um documento que Elizabeth leu com muita atenção. Observou o padre: era um homem alto, com os olhos frios. Comparou-o mentalmente aos outros padres que conhecera quando era jovem e sua tia insistia em uma educação religiosa sob as estritas regras católicas. O saldo da comparação foi negativo para o padre: à primeira vista, ele não parecia ser caridoso, e os seus gestos seguros e estilizados, pelo que pudera observar durante o almoço com Elizabeth, lembravam muito mais um aristocrata do que um homem de Deus. Havia qualquer coisa incongruente no padre, mas o que mais incomodava MacGee era o olhar: por um momento o padre olhou diretamente para ele com os seus olhos de aço, como se soubesse que ele estava a vigiá-lo, oculto na paisagem. Aquele olhar lhe deu calafrios. Baixou os binóculos e sentou-se atrás de uma pedra, perturbado. MacGee não se intimidava facilmente: já vira e praticara muita maldade para se abalar daquela forma. Mas daquele padre parecia emanar uma força inexplicável e terrível, que ele não conseguia definir. Tirou a máquina fotográfica que levava na mochila, desde que começara a vigiar Elizabeth, para fotografá-lo e,

posteriormente, tentar descobrir algo sobre ele. Mas o padre saiu do seu ângulo de visão e por mais que MacGee tentasse, não conseguiu mais ver seu rosto, parecendo quase sobrenatural a forma como ele se posicionava, com a face sempre oculta. Viu as costas do padre quando foi-se embora, aparentemente indiferente às emoções de Elizabeth.

MacGee ficou mais algum tempo a observá-la, vendo-a andar pela casa com passos nervosos e miúdos, lendo e relendo o papel que agitava na mão. A noite estava se aproximando quando ele começou a descer os montes e se dirigiu para o hotel, onde se hospedara sob uma falsa identidade.

Restava pouco tempo para sequestrar Elizabeth e a presença do padre poderia atrapalhar seus planos. Contatou Vladimir Botkin, o jovem parceiro russo que o ajudaria no sequestro, e informou-o sobre a inesperada visita do padre. Botkin ficou impaciente. *Esse é o problema dos jovens — pensou MacGee contrariado — sempre tentando fazer tudo sem se darem ao trabalho de um planejamento cuidadoso.*

Confirmaram a data: 2 de novembro à tarde, na véspera de Elizabeth voltar para o Brasil. Para garantir que tudo corresse como planejado, Botkin, excelente atirador, eliminaria o padre, se fosse necessário. MacGee não queria uma carnificina e, por isso, foi muito específico com Botkin, de forma a refrear os instintos dele. O próprio MacGee cuidaria dos seguranças, do caseiro e dos cães. Não gostava de matar animais, mas naquele caso era imprescindível, para evitar que o atacassem e dessem o alarme.

Elizabeth não conseguia pensar. Sempre pressentira que a morte da mãe tinha sido muito mais que um assalto que terminou mal,

como o pai tinha contato durante todos aqueles anos, mas não estava preparada para a revelação violenta feita por Daniel. Passou metade da noite agitada, e sempre que fechava os olhos via a imagem da mãe ensanguentada, com o peito aberto. À meia-noite ligou para Alessia. Assim que ela atendeu, Elizabeth começou a chorar e a falar ao mesmo tempo, como se tivesse aberto uma comporta:

— Alessia, minha mãe... Padre Daniel me mostrou o laudo da autópsia. Ela estava viva!

— Calma, Elizabeth. Tem que ficar calma — aconselhou com a voz doce.

— Mas ela estava viva quando arrancaram o coração. Ela viu tudo — falou desesperada. Era difícil aceitar que a mãe tivesse percebido o que acontecera nos seus últimos instantes de vida: a mãe impotente, com o peito rasgado, e o coração palpitante, arrancado de forma cruel.

— Não podemos mudar o passado. Só nos resta aceitar e compreender. Você precisa ver além, saber o que está por trás disso.

— Mas como ninguém ouviu? Qual a razão para terem feito aquilo? — continuou falando sem escutar Alessia, dominada por um desespero irracional.

— Essas são perguntas que precisa fazer a Daniel. Falei hoje com ele e sei que amanhã ele vai explicar tudo. Agora tente dormir e, quando acordar, pense em tudo o que deseja saber sobre a morte da sua mãe.

— Você sabe o que aconteceu?

— Combinamos que seria melhor falar com Daniel.

Depois de uma pausa, questionou:

— Então é o padre Daniel que vai me contar tudo, por decisão do meu pai?

— Sim. A ausência de um vínculo emocional entre você e Daniel vai ajudá-la a ver a situação de modo menos doloroso. Ele sabe o que está fazendo e, neste momento, está dando tempo para você se ajustar à notícia. — Alessia explicava devagar, para que ela entendesse as razões para Daniel não ter dado mais detalhes. — Ele é muito racional e esse foi um dos motivos para seu pai o ter escolhido, por saber que ele será firme e objetivo.

— Existem outros motivos para meu pai ter escolhido Daniel?

— Sim... Mas não vamos falar disso agora — interrompeu Alessia.

— Suponho que é mais um mistério — acrescentou, depois de pensar uns segundos na estranha situação em que se encontrava: a morte recente do pai, e a presença de um desconhecido que iria revelar a história da sua família, iniciada com a descrição do assassinato da mãe. Um desconhecido que também começava a suscitar emoções inconvenientes.

— É melhor descansar para amanhã estar tranquila. Acalme-se, você sabe como fazer.

— Vou tentar. Boa noite, Alessia — disse, sentindo-se um pouco menos ansiosa.

— Um beijo, querida. Boa noite.

Depois de caminhar pela casa como uma sonâmbula, noite adentro, e dar muitas voltas na cama, Elizabeth acabou por adormecer, vencida pelo cansaço.

4. O feiticeiro e a pitonisa

É a dor que parte a casca do vosso entendimento. Como o caroço do fruto se deve partir, para que o seu coração se ofereça ao sol, assim deveis conhecer a dor.

Khalil Gibran (1883-1931)

Eram quase onze da manhã quando Elizabeth acordou. Tomou um longo banho quente para combater a tensão que persistia no seu corpo. Não conseguia comer nada, mas Maria fez uma batida de frutas com iogurte e insistiu para que tomasse. Elizabeth forçou uma colherada após a outra e, no final, sentiu-se revigorada.

No escritório, preparou uma lista de perguntas sobre a morte da mãe. Calculou que aquela tragédia é que originara no pai a angústia com sua segurança. Daniel tinha razão: em linhas gerais já sabia o que tinha acontecido; agora precisava entender como e por quê. No entanto, por mais que tentasse se acalmar, dentro dela parecia haver um buraco negro: a ausência do pai, adicionada à descoberta da morte bárbara da mãe, deixaram-na com um profundo sentimento de desamparo e terror.

Esperou ansiosamente pelas quatro da tarde enquanto Maria a obrigava a beber um suco de maçã. Maria notara que, depois do almoço com o padre, no dia anterior, Elizabeth ficou nervosa e nem sequer havia jantado. Comentou irritada:

— Eu avisei que aquele padre não era bom... Tanta beleza...

Elizabeth achou melhor defender Daniel, até porque ele chegaria em menos de uma hora:

— Ele não me fez mal. Fiquei aborrecida com um documento que li. Ele não tem culpa.

— Pode defendê-lo o quanto quiser, mas eu sinto aqui dentro — disse batendo com as mãos no peito — que esse padre tem alguma coisa errada desde o tempo do seu pai, que Deus tenha sua alma em paz — fez o sinal da cruz, mais uma vez, ao mencionar Arturo.

Elizabeth, desgastada pela noite maldormida, respondeu firme, para encerrar a discussão:

— Maria, o padre Daniel vai chegar daqui a pouco. Preciso falar com ele. Por favor, prepare um chá. Estaremos no escritório. Avise o Leon para levá-lo lá, assim que ele chegar.

Maria deixou cair os braços ao longo do corpo, rendida à presença do padre, e resmungou, dramática:

— Está nas mãos de Deus.

Maria acabara de levar o chá quando Daniel entrou no escritório e inclinou a cabeça para cumprimentar Elizabeth. Ela devolveu o aceno, apontou as poltronas de couro dispostas à volta de uma mesa de centro do século XVI, posicionada em frente à lareira, e disse, tensa:

— Desculpe-me por ontem padre... Como deve imaginar, não foi fácil descobrir como minha mãe morreu.

— Compreendo — respondeu impassível, com o rosto esfíngico.

— Pensei bastante e organizei algumas perguntas, como sugeri. Primeiro quero saber o que aconteceu naquela noite. Ninguém ouviu barulho? Os cães não latiram? Os empregados não viram um desconhecido entrar — era um desconhecido, não é? Onde estava meu pai?

— Uma pergunta de cada vez. Vamos à primeira — disse, sistemático. — Naquela noite seu pai estava na cidade, em Yamoussoukro, a vinte quilômetros da fazenda. Acredita-se que o assassino tinha um cúmplice, que devia trabalhar na fazenda, e foi responsável por colocar alguma coisa na água ou na comida dos empregados. Nunca se conseguiu determinar o que era. O certo é que todos adormeceram profundamente e ninguém ouviu nada.

— Como sabem que havia um cúmplice?

— Essa é a teoria mais consistente. Parece muito difícil que um desconhecido tivesse acesso à cozinha, para contaminar os alimentos, sem ser visto. Deduzimos que foi alguém conhecido. Além disso, os cães foram degolados. Uma única pessoa — estranha à casa — não conseguiria matar seis cães com rapidez suficiente, antes de ser atacada.

— Meu pai dizia que tínhamos sete cães — ela recordou.

— Eram realmente sete. Mas Tejo, o preferido da sua mãe, apesar de ter sido muito ferido, conseguiu escapar. Foi ele que latiu e deu o alarme. Infelizmente não sobreviveu aos ferimentos e morreu no dia seguinte.

— Mas se estavam todos sob o efeito de uma droga quem é que ouviu?

— Leander, o capataz da fazenda, tinha ido com o filho mais novo à aldeia vizinha para avaliar algum gado que seu pai queria comprar. Eles deveriam voltar na manhã seguinte, mas como terminaram mais

cedo e a lua cheia iluminava os caminhos, regressaram naquela mesma noite. Quando chegaram à fazenda ouviram os latidos do Tejo e perceberam que havia algo errado. Leander foi ver o que tinha acontecido com os empregados, porque não estava ninguém de guarda como deveria, e descobriu os cães degolados. Entretanto, o filho dele correu para a casa onde você e sua mãe estavam. E viu um homem coberto de sangue, com um punhal em uma das mãos e um saco na outra, em frente da porta do seu quarto. Ele não hesitou e acertou em cheio no peito do assassino.

— O filho de Leander estava armado? — estranhou, esquecendo, por um momento, que tudo aquilo havia acontecido nos confins da África.

— Claro. Ninguém anda pelas noites africanas sem uma arma ou uma catana na mão...

— E o que é que o assassino fazia em frente ao meu quarto?

— Supõe-se que também planejava matá-la, mas continuam sendo deduções — disse, mantendo o mesmo tom sereno que usara durante toda a narrativa. — Leander chegou pouco depois e tirou-a do seu quarto. Você nem chegou a acordar.

— E o cúmplice do assassino?

— A polícia investigou o caso durante seis meses e não descobriu nada. O assassino era desconhecido na região, mas pelos colares, braceletes e a tanga de pele de onça que estava usando, tratava-se de um feiticeiro.

— Da Costa do Marfim?

— Não. Do Quênia.

— Onde minha mãe nasceu — comentou, pensativa.

— Sim. E certamente isso deve ter uma ligação com o assassinato de... — Elizabeth interrompeu-o, sem imaginar que Daniel estivera prestes a fazer outra revelação terrível.

— E o saco... O que havia no saco?

— O coração da sua mãe e uma garrafa de vidro com o sangue dela.

Ela estremeceu ao escutar aqueles detalhes sórdidos, mas tentou manter a calma ao lembrar que Daniel reagia mal ao descontrole emocional. Subitamente, passou por sua cabeça que aquelas revelações poderiam ser a porta para um mundo ainda mais perturbador. Controlou a voz e perguntou, tentando manter certo distanciamento e imaginando que falava de outra pessoa, e não da sua mãe:

— Descobriram o que ele pretendia fazer com o coração?

— Há apenas especulações. Na África tudo o que não tem uma explicação racional cai na esfera do sobrenatural. A crença na magia é muito forte. Alguns acreditam que certos feiticeiros matam ritualmente e roubam o coração para transformar pessoas em mortos-vivos. Uma vez por ano, em uma data que, por acaso, coincide com o Halloween, dia 31 de outubro, os feiticeiros adquirem controle sobre os mortos-vivos, e os subjugam aos seus desejos.

— Então o coração era para transformar minha mãe em uma morta-viva?

— Em parte. O essencial do ritual consistia em comer um pedaço do coração e beber o sangue. Os feiticeiros acreditam que isso permitia que adquirissem os dons da vítima por meio da ingestão. Eles também creem que o sangue, além de possuir poderes sobrenaturais, protege quem o bebe, em especial se for sangue de criança.

— De criança? — perguntou, compreendendo por que o feiticeiro queniano pretendia matá-la.

— Dizem que a pureza da criança intensifica os feitiços. É uma crença enraizada em certas regiões. Ainda hoje, na África, os albinos

são mortos devido a essas superstições. Seus corpos são retalhados e vendidos para fazer feitiçaria. É um negócio rentável que envolve muita gente, inclusive alguns governantes, e por isso é tão difícil de combater.

Elizabeth já tinha lido sobre alguns rituais, mas descobrir que aquela realidade bizarra estava tão próxima aumentava seu medo e o horror, que começara a sentir desde que lera o laudo da autópsia da mãe. Era como se dois mundos infinitamente distantes tivessem colidido dando início ao caos. Murmurou:

— É absurdo.

— É sim, mas lembre-se que estamos no reino da ignorância. Essas pessoas são muito primitivas, do ponto de vista espiritual. E, infelizmente, estão espalhadas pelo mundo. Às vezes são quem menos se espera — avisou.

Ela anuiu com a cabeça, ao escutar o alerta dele.

— Deixe-me fazer aqui um parêntesis: não existe magia negra ou branca. A magia é só uma força. O que existe é a intenção por trás dela: se for uma intenção negativa as pessoas chamam de magia negra. A mesma energia que é usada para o bem também é usada para o mal, dependendo somente de quem a usa.

— Entendo... — respondeu, racionalizando tudo o que Daniel estava contando. — E por que é que escolheram minha mãe?

— Essa é uma pergunta vital — frisou Daniel com calma, preparando-se para apresentar um novo fato. — Ela tinha dons especiais.

Ele dissera a frase devagar, para que ela entendesse bem o que estava sendo comunicado. Elizabeth olhou-o, suspendendo a respiração por alguns segundos. Sentiu que iria escutar mais uma revelação. Serviu um chá, com as mãos trêmulas e, após ter dado um gole, perguntou:

— Que tipo de dons?

— Angelina via o futuro, através dos seus sonhos.

— Como é possível? O futuro é mutável, cada vez que se toma uma decisão ele muda. Não é? — disse hesitante, pensando dos próprios sonhos e na insistência do pai para que os compreendesse.

— Exatamente. Mas se você soubesse também qual o futuro possível, poderia escolher ou evitar alguns acontecimentos. Concorda?

— Hipoteticamente, sim.

— Imagine que pode saber quais os futuros possíveis. Sempre que algo muda, você sabe.

— Seria um poder terrível — respondeu, reconhecendo certa familiaridade em tudo aquilo.

— Não deve ser entendido como um poder, mas como um dom. Um dom muito especial. Sua mãe tinha esse dom. E sua avó também. Foi por isso que Angelina foi assassinada. Quem a matou, ou quem a mandou matar, achava que, por meio do coração e do sangue, adquiriria o extraordinário dom de ver o futuro.

Elizabeth levou alguns segundos para assimilar aquela informação. Agora compreendia por que Daniel optara por não falar com ela na tarde anterior. O choque que sentira ao ler sobre os detalhes do assassinato de Angelina jamais lhe permitiria ter uma conversa racional, como a que estavam tendo naquele momento.

— Não posso acreditar que alguém matou minha mãe por causa dessa crença — fez uma pausa como se avaliasse o que iria dizer. — Às vezes eu também sonho com situações que acabam acontecendo. Mas isso tem uma explicação racional: o subconsciente capta detalhes sutis que não são percebidos.

— É uma explicação. Compreendo que sinta necessidade de racionalizar. Mas *realmente* acredita no que está dizendo? —

perguntou Daniel olhando-a com intensidade. Elizabeth estremeceu sob o olhar analítico. Ele calou-se por um momento, antes de afirmar:

— Você também tem esse dom.

— Eu? — Elizabeth estava ainda descrente, embora sentisse uma daquelas pontadas no estômago que costumavam avisá-la sobre o perigo.

— Sim, você. É uma herança. E bem dentro de si, você *sabe*, desde sempre, que é diferente. Nas mulheres da sua família o processo é muito profundo: vocês são pitonisas.

— Pitonisas? — perguntou com um sorriso nervoso, para minimizar o desconforto de sentir-se analisada por Daniel e a ansiedade que toda aquela revelação estava lhe causando.

— Exatamente. Pitonisas. Mulheres que têm a capacidade de conhecer o futuro. É um dom exclusivamente feminino, e você tem esse dom. Seu pai fez o possível para protegê-la, por acreditar que o assassino da sua mãe poderia fazer o mesmo com você, assim que seu dom despertasse. Você *sente* que estou dizendo a verdade — insistiu Daniel, apelando à intuição dela e aos conhecimentos que Arturo lhe transmitira, ainda que de maneira sutil.

Elizabeth lembrou a última conversa que tivera com o pai, quando ele disse que tentou protegê-la. Agora Daniel repetia as mesmas palavras e ela começava a se perguntar até onde tinha ido a proteção de Arturo. Quantos segredos mais existiam? Quem era ela afinal? E quem a estaria perseguindo desde que a mãe fora assassinada?

Daniel se manteve imóvel, esperando que ela respondesse ao seu comentário.

— Sim, tem razão. De certa forma *sinto* que está dizendo a verdade. E isso me assusta. Não sei o que pensar. Nunca lidei com

esse dom e nem sequer sei se quero tê-lo.

Daniel retomou devagar:

— Não cabe a você decidir se quer ou não. Você já o tem. É seu. É uma dádiva. Depois terá que pensar no que irá fazer. Afinal, foi por isso que sua mãe morreu.

— É muita informação — murmurou confusa.

— O que estou lhe contando é apenas uma pequena parte da sua história — avisou, paciente, pensando nas muitas horas que teria que passar com ela até explicar a teia de segredos que os pais haviam deixado como herança. Ela ouviu o comentário, sem conseguir imaginar o que mais poderia haver, se tudo o que Daniel dissera até aquele momento já parecia excessivo. Disse em voz baixa:

— Ainda tenho tantas perguntas sobre minha mãe. Como sabem que alguém mandou matá-la e não foi só o feiticeiro queniano? E meu *dom*, *como é que vai despertar?*

— Vamos falar primeiro do seu dom — começou ele, sem perder sua expressão de concentração. — A morte do seu pai foi um choque que abalou suas emoções, e um choque dessa magnitude desperta tudo o que está latente: o bom e o mau. Você se torna uma espécie de esponja que absorve tudo à sua volta por estar sem defesas para filtrar a realidade. Em momentos assim, de grande pressão, acontecem fenômenos como as possessões e despertam habilidades como a telecinesia ou os sonhos premonitórios.

— Meu pai escreveu que eu passaria por uma mudança. Ele se referia a este momento?

— Sim. Você está bem no início do processo, como se estivesse naquele instante entre o sono e o acordar, em que ainda não consegue distinguir claramente a realidade.

— E meu pai nomeou-o meu “protetor” ou “tutor espiritual”, para ajudar neste processo?

Daniel sorriu e meneou a cabeça suavemente:

— Arturo foi seu verdadeiro tutor espiritual. Ele e sua mãe começaram a prepará-la para compreender tudo isto desde sua infância. Por essa razão, apesar de eu estar falando sobre uma realidade tão diferente da que tem vivido até agora, você consegue aceitá-la como verdadeira, como se já a conhecesse. Não é?

Elizabeth pensou um pouco e percebeu, mais uma vez, que a análise dele estava correta.

— Acho que sim. Mas não percebo como é que meus pais me prepararam. Não me lembro de nada em especial. Estou chocada! — afirmou, se esforçando por manter a calma.

— Eles acreditavam que aprenderia o fundamental com a leitura, as viagens e os estudos. Tudo lhe foi ensinado sem que percebesse. Seu pai defendia um aprendizado sutil e achou sempre que você saberia os conceitos quando viesse a precisar deles. Eles estão dentro de você, porque se não estivessem não compreenderia o que estou dizendo.

— Então o que meu pai pediu, exatamente? — insistiu, tentando perceber como é que ele se encaixava na sua vida.

— Para estar ao seu lado e apoiá-la quando precisasse. Para contar a história da sua família e ajudá-la a entender o passado, de maneira a poder escolher seu futuro.

— Mas disse que sou capaz de conhecer o futuro.

— Não seu. As pitonisas não sabem seu próprio futuro.

Olharam-se em silêncio por longos segundos até que Daniel disse, de repente:

— Chega por hoje.

— Não, padre, por favor. Ainda tenho muitas perguntas...

— Continuamos amanhã, no mesmo horário — interrompeu com firmeza.

— Talvez pudesse vir mais cedo, para termos mais tempo. Às três? — sugeriu. Daniel esboçou um sorriso suave antes de responder:

— Prefiro começar às quatro. Três da tarde é a hora das trevas — exclamou, mais para informá-la do que para se justificar.

— Achava que a *hora do mal* era às três da manhã. Li algo sobre isso — argumentou Elizabeth tentando lembrar o que era.

— Não — afirmou Daniel com segurança. — Cristo morreu às três da tarde e esse horário se tornou maléfico. Como contraponto, para equilibrar as forças, três da manhã é a hora atribuída aos anjos.

— Lembrei — disse Elizabeth, quase triunfante. — Li que às três da madrugada os demônios perturbam mais as pessoas, deixando-as suscetíveis para cometerem crimes.

— É verdade. Mas isso acontece porque os demônios gostam de perturbar os anjos — informou Daniel. — E nós, quando estamos incomodados ou preocupados, acordamos espontaneamente às três da manhã, não é?

— Sim — respondeu impressionada, ao reconhecer o padrão do fenômeno.

— Esse é o horário certo para rezar aos anjos. Isso gera uma proteção espiritual, uma espécie de capa invisível contra o mal.

— Só mais uma pergunta...

— Não, Elizabeth — disse Daniel com firmeza. — Por hoje, o que contei é mais que suficiente. Além disso, teremos muito tempo para conversar. Vamos para São Paulo no mesmo voo, depois de amanhã.

Ela franziu a testa, surpreendida, enquanto Daniel enfatizava ao descer a escada:

— Afinal estou aqui somente por sua causa.

Sabia que ele estava cumprindo os desejos do seu pai, mas se sentiu feliz por viajarem juntos, e teve que concordar com Maria: Daniel era perigoso. Parecia ter algo indecifrável adormecido sob sua aparente tranquilidade. Sentiu uma pontada de ansiedade no estômago, ao pensar em fazer a longa viagem de avião sentada ao lado dele.

5. A esmeralda

Quanto mais para trás no tempo se conseguir olhar, mais adiante se conseguirá enxergar.

Sir Winston Churchill (1874-1965)

A segunda carta que Elizabeth havia encontrado no cofre deveria ser lida no dia 2 de novembro, o dia dos mortos. Ela anotara todas as datas e, assim que acordou naquela manhã, foi ao cofre buscá-la. Começou a ler ainda com um pouco de sono.

Nova York, 12 de abril de 2009

Querida filha,

Estou em Nova York para novos exames, embora tenha a certeza de que vou apenas confirmar o diagnóstico que recebi em São Paulo. Mas não é por isso que escrevo, querida.

Há vinte e cinco anos, dia 12 de abril de 1984, perdemos sua mãe. Ela ia fazer trinta e três anos. Foi um acontecimento violento, do qual jamais me recuperei. Desde esse dia vivi com o terror de perdê-la da mesma forma. E esse medo constante não me fez bem!

Existem forças neste mundo que ninguém compreende. Durante séculos os homens criaram religiões para explicar o divino, mas o divino respira dentro de nós: "fomos feitos à imagem e semelhança de Deus". Temos, em nós, o conhecimento para escolher entre o bem e o mal e essa escolha é contínua.

Recorda-se de "Fausto"? Há várias interpretações, mas a mais famosa é a de Goethe.

Deus e o Diabo apostaram a alma de Fausto. Deus acredita que Fausto tem virtudes suficientes para salvar-se, mas o Diabo acha que não. Eles recorrem a Mefistófeles (uma das personificações do mal) para testar Fausto. Mefistófeles transforma Fausto em um homem poderoso e rico, em troca da sua alma. Quando Fausto se apaixona por Margarida, imune ao seu poder de sedução, por ser pura, Mefistófeles sugere que ele a corrompa com bens materiais e a jovem se deixa seduzir. Entretanto, o irmão dela morre ao duelar com Fausto, depois de descobrir a relação dos dois. Margarida, grávida, enlouquece atormentada pela culpa que sente pela morte do irmão. No final, Margarida consegue salvar-se, mas Fausto não! Ele é levado por Mefistófeles.

Na Europa, há a crença de que Fausto existiu entre os séculos XV e XVI. Mas independentemente de ter ou não existido, ele representa a corrupção da humanidade pelo mal.

Uma coisa é certa: a luta entre o bem e o mal é constante, e nem sempre é clara. Por isso, minha filha, seu papel no mundo será vital. Cabe-lhe, junto com outras pessoas que irá conhecer (não se esqueça de que nada acontece por acaso), travar uma batalha. Você deverá desempenhar seu papel nesse jogo complexo, começar sua jornada, agora que a minha está terminando. É seu destino e quanto antes compreender esse fato, melhor!

Espero que, ao lembrar os nossos anos juntos e todas as nossas conversas e viagens, tenha compreendido que os lugares e os objetos têm memória, e por isso os rituais são tão importantes.

Um beijo carinhoso,

Arturo

Ao terminar a carta, Elizabeth sentiu-se confusa. Depois de saber das circunstâncias da morte da mãe, as palavras do pai pareciam conter um aviso, embora não tivesse compreendido qual. Arturo sabia que ela detestava Fausto, e achava a história triste. A questão do mundo material ser sedutor e forte ao ponto de vencer o mundo espiritual tornava a história sem esperança, principalmente porque a redenção de Fausto deixara de ser possível a partir do momento em que negociara sua alma com Mefistófeles. Não era coincidência que o pai escrevesse no dia do aniversário da morte da sua mãe, uma carta falando sobre Fausto, e que seria aberta exatamente no dia dos mortos. Parecia estar a alertá-la sobre a existência de um *Fausto* na sua vida. Pôs a carta de lado, se aproximou da janela do seu quarto, e espreitou a paisagem que ia revelando suas cores matutinas, sob a luz do sol outonal. Começou a pensar no que ainda não fazia sentido ou não sabia sobre a morte da mãe, preparando-se mentalmente para questionar Daniel quando o encontrasse, naquela tarde.

Alessia telefonou para Daniel pouco depois do almoço:

— Como estão indo as coisas por aí? — quis saber, protetora.

— Mais devagar do que o planejado — respondeu tranquilo, embora Alessia soubesse que era difícil perceber o que ele pensava

ou sentia. Sua serenidade funcionava como uma máscara que resguardava os sentimentos.

— Entendo. Investigamos Miguel Besson. É *e/le* mesmo! Não sei como não percebemos.

— Discutimos isso depois — cortou abrupto. — Sabe que não gosto de falar ao telefone.

— Só ao telefone? — perguntou ela, com uma leve ironia.

Daniel ignorou o comentário, e disse, usando um tom ligeiramente autoritário:

— Quero que convoque uma reunião para sexta-feira, 6 de novembro, em São Paulo.

— Não acha muito cedo?

— No dia 6 ela estará pronta para dar o primeiro passo. Não podemos perder um tempo que não temos. E, basicamente, é algo simples. Um mero formalismo para que ela nos conheça.

— Eu sei, Daniel.

— Então qual é o problema, Alessia? — perguntou, com alguma *secura*.

— Tenho a sensação de que vai acontecer algo terrível.

Daniel percebeu a perturbação dela. Era incomum ouvi-la falar de forma tão ansiosa.

— Com Elizabeth?

— Só pode ser. Quem mais poderia ser? Toda esta situação se passa com ela.

— É verdade que ela é o epicentro, mas estamos todos envolvidos. Se continuar ansiosa não será capaz de descobrir o que pode acontecer. Sabe o que tem que fazer — disse referindo-se à necessidade de Alessia se equilibrar por meio de exercícios de Tai Chi Chuan.

Alessia escutou o conselho e soube que ele estava tentando acalmá-la. Daniel tinha esse dom: conhecia as trevas como ninguém, sabia reconhecê-las quando se aproximavam, mas sabia também como afastá-las. Vivia na fronteira entre os dois mundos, na tênue e estreita linha que ficava entre a luz e a escuridão. Ela respirou fundo e perguntou:

— Elizabeth já sabe que vocês viajam juntos?

— Sim.

— Fez algum comentário?

— Não dei oportunidade — respondeu sereno.

Alessia sorriu e despediu-se. Sabia que Daniel era perito em dizer o que queria e jamais ouvir o que não queria. Tinha desenvolvido várias técnicas ao longo dos anos: por vezes fixava a pessoa com um olhar vazio, como se o que ela estivesse dizendo não fizesse sentido. Outras vezes, ia embora tranquilamente, ignorando seu interlocutor. Em algumas ocasiões ficava imóvel, como se não estivesse escutando. Ela já tinha presenciado várias pessoas interromperem suas frases, duvidando do que diziam, enquanto Daniel as encarava, sem pronunciar uma única palavra.

Daniel achava que as palavras despertavam coisas indesejáveis, abriam portas que deviam permanecer fechadas. Acreditava que o homem tinha que aprender a ficar em silêncio. Quando os amigos faziam algum comentário sobre seu apego ao silêncio, ele repetia, em latim, que o prêmio do silêncio é certo:

— *Praemium silentii certus es.*

Quando Daniel chegou, Elizabeth já o esperava no escritório, onde serviu um chá, antes de voltarem ao assunto do assassinato de Angelina. A bebida, que sempre fizera parte das suas vidas,

começava a funcionar, também, como uma espécie de rito em torno do qual as conversas entre os dois se organizavam.

— É de manga, da Whittard — explicou Elizabeth, tentando iniciar o diálogo com leveza.

— É agradável, mas prefiro chás com *corpo* — respondeu, saboreando com ar conhecedor.

— Vou me lembrar disso — acomodou-se no sofá, percebendo que ele era um homem de gostos marcantes, e não combinava com chás frutados. — Ontem não me explicou o que aconteceu com o filho de Leander, o que atirou no assassino da minha mãe. Onde está ele?

Daniel respondeu com naturalidade, como se aguardasse a pergunta:

— Leon. É o Leon. Mas não gosta de falar daquele episódio. Como bom africano que é, acha que o demônio estava solto naquela noite.

— Leon?!— Elizabeth quase gritou de surpresa, mas corrigiu o tom e repetiu baixo. — Leon?

— Sim.

Ela levou alguns segundos para processar a informação. Levantou, deu alguns passos pelo escritório e voltou a sentar-se, com as costas tensas. Questionou sem conseguir evitar uma ponta de ironia:

— Há mais alguma surpresa, padre?

— Muitas — disse, esboçando um sorriso breve e sedutor. — Mas prefiro que você faça as perguntas. Esse foi o combinado. Não vamos mudar as regras no meio do trato.

Ela apertou os lábios, irritada pelo tom condescendente que percebeu na voz dele. Pensou um pouco e perguntou:

— E o punhal?

Daniel aquietou-se por um instante. Elizabeth percebeu que era a primeira vez, desde que tinham começado a falar da morte de Angelina, que o rosto hermético dele se contraía, como se uma

sombra tivesse mergulhado sobre ele. Depois retomou a placidez habitual, mas pela sua atitude, Elizabeth deduziu que o punhal devia ser um elemento muito importante.

— O que tem o punhal? O que deseja saber, exatamente?

— Se a morte da minha mãe foi ritual, então teriam que ser utilizados objetos rituais. E o principal deles seria o punhal, não?

Percebeu que Elizabeth estava despertando do torpor que a envolvia desde a morte do pai. Começara a racionalizar, tentando evitar que as emoções interferissem na sua análise. Conteve o ímpeto professoral de elogiá-la. Em vez disso, explicou, de maneira quase técnica:

— Era um punhal ritual, com uma esmeralda incrustada na base do cabo. Uma peça bastante estilizada, de origem europeia.

— Um feiticeiro africano, com roupas de pele de onça, usando um elaborado punhal europeu? Isso não faz sentido! — exclamou.

— Lembra quando perguntou como sabíamos que havia alguém por trás do assassinato da sua mãe? Foi exatamente essa a pergunta que fizemos: como é que um feiticeiro queniano aparece na Costa do Marfim, empunhando um sofisticado punhal europeu?

— E nunca souberam quem eles eram? O feiticeiro ou o mandante do assassinato?

— Não.

— E sobre o punhal, descobriram algo?

— Tornou-se importante por ser um objeto dissonante no crime. Não combinava com um ritual africano. O chefe da polícia de Yamoussoukro, responsável pela investigação, era amigo do seu pai e deixou-o ficar com o punhal desde o início. Arturo temia que alguém pudesse utilizá-lo para tentar assassiná-la. Esse foi o principal motivo para guardar o punhal, mas isso também nos permitiu estudá-lo.

— O que descobriram?

— Tinha um desenho curvo inspirado nas adagas árabes, mas era definitivamente um trabalho francês, de meados do século XIV.

— Mais alguma coisa?

— Existe um detalhe peculiar na arma: embora seja do século XIV, a esmeralda que está incrustada no cabo é muito mais antiga. É do século X a.C.

— Uma esmeralda com três mil anos. — Elizabeth hesitou como se lutasse para recuperar uma memória perdida. — Meu pai disse algo sobre esmeraldas, mas não lembro exatamente o quê. Pode ter sido a história do Graal. Ele era fascinado por ela.

Daniel assentiu com a cabeça e continuou falando, devagar:

— Sim... O Graal tem sido associado a vários objetos, que estão na origem de muitas lendas.

— Cada lenda ou teoria defende que o Graal é algo diferente — concluiu Elizabeth.

— Mas há sempre três objetos místicos ligados ao Graal...

— O Cálice de Cristo — interrompeu apressada, provocando um sorriso quase imperceptível no rosto de Daniel.

— O mais conhecido é esse mesmo: o Cálice usado na última ceia e no qual, horas depois, José da Arimateia recolheu o sangue de Cristo quando estava na Cruz e foi golpeado por Longinus, o soldado romano. Diz a lenda que quem beber nesse Cálice será imortal. Segundo o poema do francês Robert de Boron, escrito no século XII, José de Arimateia levou o Cálice para Avalon.

— A terra do Rei Artur e dos Cavaleiros da Távola Redonda.

— Exatamente. E é por isso que a história da busca do Graal se mistura às lendas do Rei Artur. O segundo objeto é um livro sagrado com poder devastador. As palavras desse livro são capazes de

destruir a humanidade e só podem ser lidas e pronunciadas por quem for puro. Elas são, também, um caminho para a imortalidade.

— De novo a imortalidade — comentou, tentando assimilar todas as informações.

— E o terceiro objeto é uma esmeralda.

— Agora me lembro — disse Elizabeth. — Era isso que meu pai contava.

— Nessa terceira versão, o Graal é uma esmeralda de origem celestial. Coincidentemente, no século XII, outro escritor chamado Wolfram von Eschenbach, escreveu sobre uma esmeralda que estava na testa de Lúcifer e formava sua Terceira Visão. Já ouviu falar nisso?

— Sim. A “terceira visão” é responsável pela clarividência — respondeu Elizabeth recordando o corte em sua testa, quando teve o acidente de carro com Miguel Besson, e a advertência de Alessia sobre a possibilidade do ferimento obstruir sua intuição.

— Quando Lúcifer foi expulso do Paraíso, a esmeralda se quebrou. Um dos fragmentos continuou na sua testa, fazendo com que ele passasse a ver o mundo de maneira deformada. O outro fragmento foi trazido à terra pelo arcanjo Miguel. Consta que existe ainda um terceiro fragmento.

— Então seria uma pedra poderosa...

— Muito — confirmou Daniel. — E, nesse caso, a esmeralda se confunde com a Pedra Filosofal dos alquimistas. Eles diziam que essa pedra transformava metais em ouro e permitia obter o Elixir da Vida, que tornava imortal quem o bebesse.

— E a quem o arcanjo Miguel teria entregue a esmeralda?

— Ao rei Salomão, no século x a.C.

— A esmeralda incrustada no cabo do punhal que matou minha mãe é da mesma época de Salomão — concluiu, espantada com a

antiguidade do artefato e com a forma como tudo parecia interligado. — Pode ser a mesma esmeralda que está no punhal? Não... Seria insano!

— É a mesma esmeralda — anunciou Daniel, muito devagar. Em seguida ficou em silêncio, dando tempo para que ela digerisse a notícia.

— Como é que sabe? Não é possível! É um objeto místico... É uma lenda — titubeou ela, descartando a hipótese de tudo aquilo ser real.

— Elizabeth, você precisa entender que, embora pareça impossível, não estamos falando de lendas. E estamos longe de completar a história sobre essa esmeralda — avisou Daniel, com um tom que indicava que tinha todo o tempo do mundo. — Ela fazia parte de um anel...

— Que anel?

— O arcanjo Miguel deu a Salomão um anel, usado como sinete para autenticar documentos. O anel tinha um hexagrama com uma esmeralda perfeita, encaixada na parte interna. Foi assim que a esmeralda chegou até Salomão: engastada no anel e trazida do céu por um arcanjo.

Elizabeth ficou em silêncio, dominada por um misto de incredulidade e fascínio, tentando abarcar a dimensão sobrenatural do relato. Depois perguntou, hesitante:

— Como é que o anel desapareceu e a esmeralda foi parar no punhal, três mil anos depois?

— O anel foi roubado no século XIV e apenas a esmeralda reapareceu na Costa do Marfim nas circunstâncias infelizes que você acabou de conhecer.

— Ficou desaparecida quase setecentos anos?

— Sim — disse evitando se alongar na explicação sobre o desaparecimento do anel. Aquele era um assunto complexo demais para abordar naquele momento. — O simbolismo da pedra é óbvio, mas, além disso, ela tem um poder *real*. Alguém teve muito trabalho para conseguir essa pedra, e colocá-la no punhal. A grande questão é: o que *essa* esmeralda pode *realmente* fazer?

— Meu Deus! — exclamou abismada. Tratava-se realmente, como compreenderia depois, de uma ligação concreta, que abria as portas para um mundo cada vez mais irreal. Olhou para Daniel e viu-o encostar a cabeça no assento da poltrona, relaxado, com os olhos fechados como se descansasse. Ela pressentiu que, por baixo daquela calma aparente, ele estava tão desperto quanto um predador antes da caçada, aguardando apenas que ela assimilasse as informações. Elizabeth suspirou, parecendo carregar um peso sobre os ombros. Indagou:

— Quem tinha o anel?

— Essa é uma boa pergunta que infelizmente não posso responder.

— É um segredo?

— Lamento, Elizabeth — disse Daniel inesperadamente brando. O tom a surpreendeu, embora não revelasse se conhecia a identidade do senhor do anel ao longo dos séculos anteriores. Olhou-a com suavidade enquanto pegava na sua mão pela primeira vez. Apertou-a, e falou com ternura fraternal:

— O que preciso que compreenda é que quem tinha o punhal, adornado com essa esmeralda fantástica, foi responsável pela morte da sua mãe e virá atrás de você em um futuro próximo. E não sei quais são as suas reais intenções... É algo que estamos tentando descobrir.

— Estamos? Quem? — quis saber, dando-se conta que ele falava frequentemente no plural.

— Existe um pequeno grupo de pessoas que era muito ligado ao seu pai. Um grupo restrito do qual faço parte, juntamente com Alessia. Terá oportunidade de conhecer os demais em breve. Seu pai instruiu-nos, ao longo dos anos, para protegê-la, enquanto tentávamos descobrir a identidade do responsável pela tragédia que se abateu sobre sua família. Ele nunca parou de procurar o assassino da sua mãe, e acreditava que você seria a próxima vítima.

Ela sentiu o impacto das palavras no corpo. Gelou, se encolhendo no exíguo espaço da cadeira. Ele soltou a mão dela e disse em tom de promessa:

— Vamos tomar cuidados adicionais com você. Estará segura.

Ao ouvi-lo, Elizabeth sentiu uma inquestionável confiança nele.

6. O assassino inglês

Muito do vosso sofrimento fostes vós que escolhestes.

Khalil Gibran (1883-1931)

Os cães começaram a latir e o eco de um tiro cortou o ar. Daniel e Elizabeth estavam no escritório quando ouviram Leon gritar:

— Acho que ele foi para trás da casa.

Elizabeth esboçou um movimento para ir até a varanda, mas Daniel se jogou sobre ela, atirando-a ao chão e protegendo-a. Ela desapareceu sob o corpo dele, enquanto o ouvia dizer, a meia-voz:

— Suba para o sótão e tranque a porta. Não saia até eu ir buscá-la.

Ela perguntou, dominada por um pânico agravado pela atitude protecionista de Daniel:

— E se algo lhe acontecer?

— Não vai acontecer nada comigo. Agora vá — afirmou com segurança, enquanto a conduzia para a escada, protegendo-a com seu próprio corpo.

Esperou que ela subisse e, assim que ouviu a porta do sótão se fechando, saiu pela porta da frente, trancando-a, e foi para a parte

de trás da casa. Encontrou Leon, Náder e Juan, que chegava naquele momento, empunhando firmemente um rifle de caça.

— O que há?

— Um homem apareceu ali — disse Juan apontando para a parte lateral da casa, perto da pequena horta. — Náder mandou-o parar, mas ele fugiu e Leon atirou.

— Acertou? — questionou Daniel.

— Não — respondeu Leon, visivelmente irritado com a falha.

— E os cães? — perguntou Daniel ao perceber que tinham parado de latir.

— Foram atrás dele — Juan trocou um olhar alarmado com Náder e Leon, perante o súbito silêncio. Ele tinha um apego quase irracional aos cães. Maria reclamava, com frequência, que ele gostava mais dos cães do que dela. Naquele momento sentiu um frio no estômago e a ansiedade tomou conta dele. A quietude dos animais só podia significar duas coisas: ou conheciam o homem, ou tinha acontecido alguma coisa.

— Talvez ele tenha aparecido para atrair os cães — disse Leon, se lembrando da noite em que Angelina fora assassinada e da matança dos cães. Ao ouvir o comentário, Juan pôs a arma ao ombro e se dirigiu para o lugar onde os tinha visto desaparecer, minutos antes. Náder foi com ele. Em pouco tempo estavam embrenhados no bosque que rodeava a casa.

Daniel avaliou a situação percebendo rapidamente que aquele incidente só podia estar ligado a Elizabeth, e, embora ela estivesse segura no sótão, ele precisava garantir sua proteção capturando o perseguidor. Pediu que Leon trancasse a porta de trás e depois ficasse na porta principal, sem arredar o pé dali até novas ordens. Deu uma volta em torno da casa, com uma energia surpreendente, quando viu Náder emergir da barreira de árvores com o rosto pálido.

— O que foi? — perguntou Daniel, econômico.

— Os cães... Estão mortos!

Aquilo confirmou as suspeitas de Daniel: só podia ser um ataque contra Elizabeth. Ninguém ia eliminar os animais de uma casa isolada a troco de nada, sem um objetivo maior.

— Como?

— Parece veneno — respondeu Náder, perturbado com o incidente.

— Onde estão?

Náder levantou a mão e apontou, dizendo:

— Por ali, padre. Siga sempre em frente, que vai ouvir os gemidos dos cães.

Daniel anuiu e ordenou:

— Vá guardar a porta de trás. Já volto.

Daniel deparou-se com uma cena triste: Juan de joelhos, com a arma abandonada no chão, chorava sobre os cães agonizantes. Era comovente vê-lo daquela forma, principalmente porque não parecia ser possível salvar os animais.

Daniel se aproximou e sentiu o cheiro forte de amêndoas amargas:

— Cianeto de potássio. Não há o que fazer — concluiu baixinho, imaginando que o responsável pelo ataque tinha algum grau de sofisticação. Não era um veneno comum, apesar de ser rápido e eficaz.

— Juan, temos que abatê-los.

Juan olhou para Daniel inconformado, e sacudiu a cabeça rejeitando a sugestão. Treinara-os desde pequenos. Ninguém podia compreender, mas ele sentia como se estivesse perdendo alguém da sua própria família. Daniel percebeu que Juan precisava de um tempo para se recompor e decidiu deixá-lo com os cães. Voltou para

a porta principal da casa, onde Leon continuava vigilante e imóvel como uma estátua. Chamou Náder, com voz possante. Em segundos Náder surgiu, posicionando-se ao lado de Leon. Daniel ordenou:

— Encontrem esse homem.

— E o padre vai ficar aqui sozinho com Elizabeth? — perguntou Náder, pouco convencido.

— Não se preocupem comigo. Vocês é que precisam ter cuidado, porque se ele matou os cães, com certeza vai atacá-los também.

— É por causa de Elizabeth? — questionou Leon, lembrando-se da sua conversa com Alessia e da perturbação dela com a segurança de Elizabeth no dia do acidente com Besson.

— Acho que sim — disse Daniel, quase seguro de que o objetivo do desconhecido era ela. Pensou na sensação que tivera durante os últimos dias, de que alguém vigiava a casa, como se olhos ocultos estivessem seguindo os seus passos, e soube que sua intuição estava certa.

— E se ele vier aqui enquanto o procuramos nos montes? — insistiu Náder preocupado.

— Já disse para não se preocuparem — repetiu Daniel. — Vão.

— Não quer uma arma, padre? — perguntou Náder.

— O padre não gosta de armas — respondeu Leon, provocando um sorriso em Daniel, enquanto ia em direção das árvores usando suas memórias da África para seguir rastros e sentir os odores. Náder acompanhou-o relutante, preocupado com Daniel e Elizabeth.

Leon tinha razão: Daniel não apreciava armas e só em ocasiões pontuais, e muito específicas, é que tinha usado alguma. Preferia sempre adagas ou espadas, mas em geral bastava seu próprio corpo altamente treinado. Sob as vestes de servidor de Deus, se ocultava um homem letal, capaz do melhor e do pior, em circunstâncias

peculiares. E, naquele momento, ele servia a uma causa maior, uma causa que necessitava de Elizabeth viva.

Do lugar onde se encontrava, Vladimir Botkin tinha visão para a fachada da casa, através do telescópio da sua arma de precisão. Quando ouviu um tiro, seguiu atentamente as movimentações para tentar descobrir o que acontecera. A luz do final da tarde ainda permitia que visse, pela janela do escritório, o padre empurrar Elizabeth para o chão, e instantes depois sair pela porta da frente, para desaparecer na parte posterior da casa. Botkin viu Leon guardando a porta principal por algum tempo, até o padre e o segundo segurança reaparecerem. Viu o padre instruir os dois seguranças, antes de entrar de novo na casa. E deduziu que os seguranças se embrenharam pela mata, em perseguição de MacGee.

Enquanto esperava para cumprir seu papel no sequestro de Elizabeth, Botkin continuava sem compreender a preocupação de MacGee com o padre: ele era muito tranquilo e não parecia representar qualquer ameaça. Mas Botkin devia ter compreendido que um homem que se mantém tão sereno sob uma ameaça desconhecida que acabou de dizimar os cães de guarda da casa, tem de ser alguém com uma fibra incomum. Além disso, naquele momento, Botkin não considerou que a simples presença do padre, por mais inócua que lhe parecesse, pudesse atrapalhar o plano tão cuidadosamente elaborado por MacGee.

A verdade é que Botkin estava reticente em assassinar o padre. Ele tinha poucos escrúpulos, mas aquilo era quase tão terrível quanto assassinar uma criança. Porém, pouco importava o que ele pensava ou sentia: estava ali para cumprir as ordens de MacGee e pôs de lado suas reservas. Ajustou a mira com cuidado, apontando a

arma para a porta principal à espera que o padre surgisse uma última vez.

Depois de escapar do tiro de Leon e assassinar os cães, MacGee deu a volta na casa enquanto o padre dava ordens aos homens. Encontrava-se a poucos metros da porta da frente, ainda protegido pela vegetação, e sentiu que a situação estava controlada: o caseiro, desesperado com os animais mortos, trazia-os, um por um, do bosque; os dois seguranças tinham ido para o lado oposto ao que ele se encontrava agora. A única ameaça era o padre, que estava dentro de casa, possivelmente com Elizabeth. Segundo as instruções que tinha dado a Botkin, em segundos o padre estaria morto. Tudo isso lhe daria pelo menos cinco minutos para sequestrar Elizabeth. Era tempo mais do que suficiente. Preparou-se para galgar a distância que o separava da porta quando sentiu as costas e o peito arderem. Não percebeu o que tinha acontecido. Instintivamente levou a mão ao local, próximo do coração, e sentiu um líquido viscoso entre os dedos, antes das suas pernas fraquejarem e cederem. Tombou para diante. Os joelhos bateram contra o chão com uma força inesperada e ele tentou manter-se ereto, com a mão apertando o peito. A dor espalhou-se rapidamente pelo corpo. Cada vez que respirava a dor aumentava, latejando até se tornar insuportável. Tudo escureceu à sua volta e o corpo cedeu, puxado pela gravidade. Quando MacGee tombou, desamparado e de uma vez, não sentiu o rosto batendo na terra, pois já havia perdido a consciência e não pôde ver os dois homens que surgiram às suas costas, no local de onde partira o tiro silencioso que o tinha ferido.

Daniel sentiu o celular vibrar no bolso das calças, sob a batina negra. Estava fechado no sótão com Elizabeth, tentando acalmá-la, depois de ter lhe contado que os cães haviam sido envenenados. Ele percebia que ela estava apavorada, apesar do esforço que fazia para se controlar. A impressionante tranquilidade de Daniel a ajudava, mas também a perturbava: seu comportamento era frio, destituído de emoção.

Ele afastou-se dela para atender o telefone enquanto a observava. Apesar das semelhanças, era muito diferente da mãe. Ele sempre tivera por Angelina um afeto fraternal, o mesmo que tentava sentir por Elizabeth, mas ela tinha algo que o inquietava: ficar perto dela despertava os seus sentidos. Viu-a apertar as mãos até ficarem quase brancas e percebeu que lutava contra as lágrimas. Não devia ser fácil lidar com a perda do pai, a morte violenta da mãe, o dom ainda desconhecido, e um possível assassino em seu encalço, naquele lugar remoto.

Desligou o telefone depois de ter murmurado algumas palavras e voltou a aproximar-se dela. Sentiu-se invadir por uma onda de ternura e lutou contra o desejo de acariciar seu rosto. Quando ficou na frente dela, já havia controlado aquela emoção.

— Leon e Náder atiraram num homem. Ele está muito ferido.

— Não ouvi outro tiro — estranhou.

— Eles usaram o silenciador — explicou Daniel. — Preciso descer, mas quero que fique aqui.

— Não. Vou descer com você. Já feriram o intruso, o que mais pode acontecer?

— Ele pode estar acompanhado — comentou Daniel, olhando-a diretamente nos olhos.

— Vou com você! — respondeu com uma firmeza que não deixava espaço para nada. Ela havia posto a vida nas mãos dele. Daniel

sentiu o peso da responsabilidade, e embora estivesse habituado a lidar com situações muito mais difíceis que aquela, proteger Elizabeth lhe pareceu, naquele instante, uma missão complicada, por desejar que nada acontecesse com ela.

— Mantenha-se atrás de mim — instruiu-a, descendo as escadas.

Assim que abriu a porta da frente, Daniel ouviu um silvo e sentiu um impacto no corpo, seguido de uma dor aguda. Cambaleou, lutando para manter o equilíbrio, e precisou de todo seu treinamento para devolver a verticalidade ao corpo. Elizabeth gritou quando viu o sangue espalhar-se pelo peito dele, e avançou, mas ele levantou o braço mantendo-a à distância e, protegendo-a, simultaneamente. Leon chegou correndo, deixando Náder ajoelhado ao lado do desconhecido, pressionando a ferida para tentar estancar a hemorragia. Leon empurrou Elizabeth de volta para casa e arrastou Daniel pelo braço, tirando-o da mira de Botkin.

— Chame uma ambulância! — disse Leon para Elizabeth, enquanto tentava ver a ferida, mas Daniel parecia ter se recuperado naqueles segundos.

— Estou bem — falou com fenomenal autocontrole, apesar do sangue continuar correndo pelo peito. — Levem o homem para a área de serviço, com cuidado. Temos que salvá-lo para descobrir o que pretendia. Eu só preciso de alguns minutos.

Leon concordou com a cabeça e foi para junto de Náder. Precisava manter o ferido vivo.

— Elizabeth, preciso da caixa dos primeiros socorros. — Daniel pareceu ordenar mais do que pedir, indo rapidamente para o banheiro do térreo. Ela abriu um armário e entregou-lhe o estojo. Ele pediu que saísse. Ela relutou, mas ele empurrou-a suavemente e trancou a porta. Despiu a batina e tirou a gola de padre, atirando as duas peças na cadeira que ficava em um dos cantos. Olhou-se no

espelho e viu a imaculada camisa branca tingida de vermelho do lado esquerdo, próximo da clavícula. Abriu os botões e, ao afastar o tecido, percebeu que o sangue já começara a coagular ali. Analisou o ferimento: era superficial. A bala tinha raspado a carne sem perfurar nenhum osso ou danificar o músculo. Desinfetou a ferida com gestos precisos e desenvoltos, como alguém habituado a lidar com situações semelhantes. Estancou o sangue que ainda corria, na parte de trás do ombro, por onde tinha saído a bala, usando o espelho para guiar-se, e fez o curativo. Em poucas horas estaria totalmente cicatrizado. Vestiu-se rapidamente, ajustou a gola branca e saiu do banheiro. Elizabeth esperava por ele, pálida, sentada no chão e encostada ao batente da porta.

— Preciso que vá para o sótão — pediu Daniel, segurando-a pelas mãos geladas. — Eu acompanho-a até lá. Venha.

Ela seguiu-o em silêncio, presa pelas mãos mornas dele, sentindo seu calor aquecê-la.

— Espere por mim aqui. Eu já volto — disse com um carinho que a confortou. Ela concordou em silêncio e se fechou novamente no sótão.

Tudo tinha acontecido muito rápido e agora ele não conseguia perceber se o alvo daquele tiro tinha sido ela ou ele. Talvez tivessem tentado matá-lo para chegar até Elizabeth, pensou Daniel enquanto saía pela porta da frente, sem temor, e se dirigia para a parte posterior da casa, acreditando que, naquela altura, o plano dos assassinos, qualquer que fosse, tinha sido cancelado.

O homem estava deitado no chão e sangrava abundantemente no peito, ferido pelo tiro disparado por Leon, que se redimira por ter falhado da primeira vez. Leon e Náder tinham conseguido levá-lo

para o banheiro da área de serviço, com a ajuda de Juan, ainda muito abalado com a morte dos cães.

Daniel observou atentamente o ferido e disse para Náder:

— Leve a arma e vá com o Juan. Vasculhem os terrenos e vejam se encontram o cúmplice. — Daniel viu que os dois se afastavam, e se concentrou no ferido. — Leon, enquanto a ambulância não chega vamos tentar tratar o ferimento. Viu se ele está armado?

— Estava com uma faca e a pistola. Não tinha mais nada. Nem sequer documentos — respondeu Leon indicando com o queixo as armas que estavam sobre a mesa da área, mantendo a pressão sobre o peito do homem.

MacGee recuperou a consciência embora se mantivesse imóvel, paralisado com a dor. Naquele momento tudo parecia confuso e enevoado. Viu o padre se inclinando sobre ele, e percebeu que estava cortando sua roupa com uma tesoura, para avaliar o ferimento. A bala tinha entrado pelas suas costas e saído pelo peito, rasgando tudo na sua passagem.

Daniel percebeu que o homem o observava, e perguntou com tranquilidade fria, ignorando seu estado grave:

— Vai me contar o que está fazendo aqui ou vou ser obrigado a descobrir?

MacGee olhou para Daniel e, pela primeira vez, enfrentou seus olhos cinzentos e gelados de perto. Sabia que estava terrivelmente ferido e não podia revelar nada, não por lealdade à mulher que o instruíra para ir até ali, mas ao homem que estava por trás do sequestro de Elizabeth. MacGee convivia com a maldade, mas ao ver o padre tão próximo soube que havia uma força maligna naqueles olhos de aço e que, apesar da batina, era um homem que conhecia a escuridão, e não hesitaria perante qualquer obstáculo até conseguir alcançar os seus objetivos. Tentou responder, mas a voz

se negava a sair. Ele refletira muito ao longo dos anos e não tinha dúvidas sobre sua decisão em uma circunstância como aquela.

Daniel sabia que o homem estava à beira da morte, mas acreditava que se conseguisse mantê-lo vivo até a ambulância chegar, ele talvez se salvasse. Avisou Leon:

— Vou buscar a caixa de primeiros socorros.

Leon olhou para o padre se afastando e aquele instante foi o suficiente para o homem enfiar uma minúscula cápsula na boca. Aquele seria seu último gesto, realizado com os resquícios da sua força e lucidez. A cápsula estalou com uma mordida, libertando o conteúdo letal e, em segundos, MacGee começou a ter convulsões. Leon gritou:

— Padre, aconteceu alguma coisa com ele.

Daniel voltou com passos largos e ao se aproximar reconheceu o inconfundível cheiro das amêndoas amargas:

— Cianeto de potássio. O mesmo veneno que matou os cães. Ele devia ter uma cápsula...

Leon não sabia o que fazer, vendo o homem debater-se horrivelmente, ansiando por uma morte rápida que avançava pelo seu corpo de forma dolorosa.

— O que vamos fazer? — questionou Leon ansioso para acabar com o sofrimento do homem.

— Nada. É uma morte rápida, mas terrível. Não temos o antídoto. Fique com ele até... acabar — respondeu, irritado.

Daniel subiu as escadas do sótão e bateu na porta:

— Elizabeth, sou eu.

A porta abriu, de imediato.

— O que aconteceu? Quem era?

— Não sabemos ainda quem era. Tentei tratar o ferimento, mas ele suicidou-se.

— Como? — perguntou, descendo as escadas, e se dirigindo para o escritório.

— Com uma cápsula de cianeto.

— E agora?

— A ambulância está chegando, mas temos que chamar a polícia.

Daniel telefonou para Manuel Bardas, um amigo de Arturo que conhecera anos antes. Bardas tinha trabalhado em Madri, mas no ano anterior assumira o cargo de chefe da polícia de Zamora. Daniel descreveu os acontecimentos, sem omitir qualquer detalhe.

Botkin percebeu que o plano tinha dado errado assim que o padre recobrou o equilíbrio. Decidira ferir o padre, em vez de matá-lo, mas quando viu o segurança aproximar-se dele, soube que algo acontecera com MacGee. O segurança não deveria estar ali, e aquilo o deixou em estado de alerta.

Esperou alguns minutos, procurando MacGee com o telescópio da arma, até ver os dois seguranças carregando um homem ferido. Reconheceu MacGee, e ele não parecia nada bem. Observou o ferimento no seu peito, quase no coração, e calculou que já devia estar morto. Sua jaqueta estava totalmente empapada de sangue.

Apesar de não possuir a maturidade de MacGee, Botkin compreendeu que naquele episódio funesto ocorreram dois erros: o primeiro foi seu, por não ter atirado no padre na primeira oportunidade, eliminando-o de uma vez, como combinado; o segundo foi de MacGee por não contar com a excelência profissional de Leon e Náder, que perceberam em que direção ele tinha se deslocado, independentemente das pistas falsas deixadas no terreno para induzi-los em erro, e afastá-los da casa.

Botkin tinha que apagar todos os vestígios da presença deles. Guardou a arma e foi para o carro alugado em Madri, com nome falso. Caminhou em ritmo acelerado por quinze minutos, entre as árvores, descendo o monte até chegar à estrada de terra que serpenteava junto do lago. MacGee tinha escondido o carro atrás de alguns arbustos, tornando-o invisível. O sol desaparecia e quando Botkin chegou ao esconderijo do carro e afastou os arbustos, já era quase noite.

Ele e MacGee já tinham feito o *check-out* do hotel naquela manhã, e todos os objetos pessoais estavam no carro. Não havia como ligá-lo a MacGee: tinham ficado em hotéis diferentes e não foram vistos juntos.

Só lhe restava sair da aldeia enquanto a polícia ainda estivesse ocupada. E foi sua rapidez que o salvou: minutos depois teria sido impossível deixar a região sem que a polícia o tivesse parado em uma das blitz montadas. Botkin usou a rota de fuga que MacGee havia planejado para levar Elizabeth, e desapareceu da face da Terra.

A ambulância chegou e dez minutos depois dois carros da polícia estacionaram na frente da casa. Bardas espalhou os homens pela propriedade para ver se descobriam algo que tivesse escapado a Juan e Náder.

Daniel esperava-o, próximo ao corpo do desconhecido:

— Bardas, como vai? Há quanto tempo não nos víamos.

— É, mas parece que foi ontem. Você continua igual. Os anos não passam para você — comentou Bardas abraçando-o afetuosamente.

— Mas você está ferido?

— Não foi nada. Já fiz o curativo.

— Não... Não! Eles vão vê-lo — disse Bardas apontando para os paramédicos que continuavam em volta do corpo do agressor. Mas aquilo era tudo o que Daniel não queria que acontecesse: que alguém observasse seu ferimento.

— Não é necessário. Estou bem — afirmou, colocando a mão sobre o ombro de Bardas para enfatizar as palavras, enquanto mudava o foco da conversa. — Como está tudo por aqui?

— Aparentemente tranquilo, mas este episódio vai criar alguma agitação. Sabe como é... Em lugares pequenos, isto é um prato cheio. E eu que pensava que essas cápsulas eram coisa de espões russos do passado e tinham ficado esquecidas na Guerra Fria.

— Eu pensava o mesmo, se bem que as mortes por cianeto de potássio não foram tantas. O que se criou foi um grande mito à volta disso. É uma morte rápida, mas muito dolorosa.

— Alguma ideia sobre os motivos do suicídio?

— Não sei, Bardas. Acredito que ele se viu sem saída, e deve ter tido ordens para se suicidar caso isso acontecesse. É um comportamento antigo, que se popularizou entre extremistas. Você sabe! Este homem deve pertencer a uma organização com princípios muito rígidos.

Bardas meneou a cabeça e perguntou:

— Notou algo diferente nele?

— Não demonstrou medo, mas acho que não esperava encontrar resistência. Pode ser que seja um assassino. Talvez fosse interessante ver se a Interpol tem alguma coisa sobre ele.

— Documentos?

— Nada.

— O que acha que ele veio fazer aqui? — questionou Bardas, incisivamente.

— Não sei, embora acredite que o suicídio não foi apenas para proteger a organização ou quem o contratou, foi também para não revelar o que veio fazer aqui, permitindo que outra pessoa termine o trabalho. Eram dois agressores, como contei ao telefone. Ele estava armado, e as suas intenções eram certamente as piores — comentou Daniel.

— Concordo. Mas contra quem? Só vejo aqui dois alvos potenciais: você e Elizabeth.

— Eu não sou. Garanto, Bardas.

— Mas atiraram em você. Como pode garantir isso com tanta segurança? — indagou o chefe da polícia curioso, com os olhos brilhantes.

— Só há cinco pessoas fora daqui que sabem onde eu estou, neste momento. Portanto, seria muito difícil eu ser o alvo.

— Quem são essas pessoas?

— Amigos íntimos... Alessia, Seth, Uchoa, Dib e Kent.

— Alessia, eu conheço bem. Ela morou aqui. E Kent, é o “corvo”? — perguntou Bardas, esboçando um sorriso astuto.

— Sim — respondeu Daniel devolvendo a expressão, de forma que Bardas entendesse, pois remetia aos tempos em que se conheceram.

— Alguém pode tê-lo seguido — insistiu Bardas.

— Isso não faz sentido. Não há motivo e, além disso, se alguém quisesse assassinar-me não viria até a Espanha. Podia fazê-lo em São Paulo, onde é muito mais fácil e barato.

— Pode ser para despistar — continuou Bardas, que não abandonava uma teoria até ter esgotado todas as possibilidades.

— Não. Eu garanto.

— Então resta Elizabeth — comentou, mudando o ângulo da sua análise.

Daniel assentiu em silêncio. Obviamente isso era algo que já sabia, mas não podia revelar a Bardas porque ele faria perguntas às quais não podia responder. Restava-lhe então orientá-lo para que ele chegasse a essa conclusão e começasse a investigar a identidade do assassino. Bardas era extremamente curioso e tinha um raciocínio lógico desenvolvido pelos vários anos na polícia e, em particular, pelas investigações realizadas em células especiais da Europol, um órgão de cooperação entre serviços policiais e aduaneiros dos países da Comunidade Europeia. Mas estava com sessenta e três anos e desejava alguma tranquilidade para compensar os tempos turbulentos que vivera durante sua carreira. Desde o ano anterior, após insistência de sua mulher, tinha conseguido a transferência para Zamora, mas, em certos dias, sentia falta da agitação. Aquele suicídio acontecera na hora certa, pensou ele com ironia. Pelo menos teria algo para investigar e isso já era suficiente para animá-lo.

— O que disse a seu respeito também se aplica a Elizabeth. Podiam matá-la em São Paulo — disse Bardas pensativo.

— É verdade... A não ser que além de Elizabeth, eles tenham vindo à procura de mais alguma coisa — insinuou Daniel habilidosamente, fazendo Bardas morder a isca.

— O que quer dizer com isso?

— Arturo deixou uma coleção de antiguidades e documentos valiosos no sótão. Tem peças de valor incalculável. Pode ser isso. Mas poucas pessoas sabem. E o sótão é uma verdadeira fortaleza. Tem alarme, porta blindada...

— O alarme eu sei. Está ligado à polícia. Quantas pessoas saberiam disso, dessa coleção?

— Não sei. Arturo era muito discreto — respondeu Daniel, pensando que aquilo manteria Bardas ocupado e faria com que o

responsável pelo incidente permanecesse quieto, pelo menos em Puebla de Sanabria.

— Então o suicida era um potencial ladrão e um potencial assassino...

— Ou sequestrador. Talvez seja bom não excluir essa hipótese.

Bardas pensou uns segundos e respondeu:

— Isso sim... Parece mais lógico. Se ele queria alguma coisa, a melhor forma de conseguir era sequestrando Elizabeth. Por aqui toda a gente sabe que a família lhe deixou muitos bens. Pode ser uma explicação — removeu pensativo, já começando a desenvolver uma hipótese. — Bom, vamos ver o morto! Onde está Elizabeth?

— No escritório, com Maria. Com a morte recente de Arturo achei que era muita coisa...

— Fez muito bem — concordou Bardas, protetor, dirigindo-se à maca onde o suicida já estava coberto por um lençol. Levantou a ponta do lençol e comentou, para Daniel:

— Devia ter uns quarenta, não?

— Sim.

— As mãos estão muito bem tratadas. Reparou? Manicure.

— Reparei.

— Vamos até lá em cima — disse Bardas soltando a ponta do lençol, com o queixo erguido em direção ao sótão. — Mas antes deixe-me instruir o pessoal que está na delegacia: temos que varrer os hotéis e a região antes que o outro criminoso desapareça.

Bardas percebeu, mesmo sem tocar nas caixas, que estava perante um tesouro de valor inestimável, como Daniel dissera. Andou pelo sótão com passos miúdos enquanto pensava. Deu três voltas pelas estantes, lendo aleatoriamente as etiquetas. Caminhou

de um lado para o outro, com o rosto fechado e as mãos atrás das costas — um gesto que lhe era habitual quando estava envolvido com algum assunto intrigante. Quando parou, Daniel soube que ele tinha desenvolvido uma teoria. Bardas olhou para Elizabeth e perguntou de supetão:

— Quantas pessoas tiveram ou têm acesso ao sótão?

— Só meu pai e agora eu.

— Como funcionam os códigos de acesso?

— Estão guardados no banco, e são trocados duas vezes por ano.

— Quem os troca?

— Temos um aparelho que gera os códigos aleatoriamente. O código de acesso tem oito dígitos. A porta é de aço e as janelas também têm grades de aço. No interior da estrutura das paredes também há aço, como se fosse um *bunker* — informou Elizabeth de forma concisa.

— Mas parece tudo madeira — comentou Bardas, avaliando atentamente as paredes.

— Meu pai mandou revestir com madeira para não descaracterizar a arquitetura da casa. Em caso de emergência o sótão funciona como um *quarto do pânico*.

— Quem fez este projeto?

— Não sei.

— Eu sei — interrompeu Daniel, com os braços cruzados sobre o peito. — Foi uma empresa americana. Eles trouxeram o material e a mão de obra dos Estados Unidos. Parece pouco provável que tenha havido fuga de informação por aí. Além de ser uma empresa respeitável, assinaram um contrato de confidencialidade e nenhum dos funcionários viu nada, porque os objetos só vieram para cá depois do sótão terminado. Arturo trouxe tudo em um carro-forte.

— Como sabe tudo isso padre? — perguntou Elizabeth impressionada com o conhecimento detalhado de Daniel sobre as melhorias realizadas no sótão.

— Seu pai me contou. Ele tinha uma grande preocupação com a segurança dos objetos, mais pelo seu valor sentimental e histórico do que propriamente pelo valor financeiro. Que eu saiba, nunca foi feita nenhuma avaliação formal. Os únicos objetos que Arturo mandou avaliar foram as joias, mas estão no banco, em Zurique, não é Elizabeth?

— Sim — respondeu ela, cada vez mais espantada com a intimidade de Daniel em relação aos assuntos da sua família. — Meu pai me levou lá, há dois anos... São joias sofisticadas, da família da minha mãe. Mas eu não uso esse tipo de joias.

— Quem sabe das joias e da existência destas coisas aqui? — questionou Bardas caminhando devagar até o centro do sótão.

— Nós, Alessia e meus advogados. Sobre o sótão também sabem os caseiros e os seguranças, mas nenhum deles faz ideia do que está guardado aqui. Acham que são objetos pessoais, coisas da minha mãe. Na verdade, nem eu sabia o que estava aqui até esta semana.

— Então a lista é muito reduzida, não é padre? — perguntou Bardas, olhando para Daniel.

— Temo que sim. Mas tenho certeza que vai descobrir quem arquitetou tudo.

— Não tenho dúvidas. Não há nada mais excitante do que um bom desafio — concordou Bardas.

— O que quer dizer? Que tudo isto tem a ver com uma tentativa de assalto? — perguntou Elizabeth, sentindo alívio.

— Talvez. Teremos que investigar e explorar várias hipóteses — informou Bardas.

— E quais seriam?

— Ainda não sei. É muito cedo para falar nisso — respondeu Bardas, descendo as escadas.

Ao chegarem à porta da frente, perceberam que a ambulância e um dos carros de polícia já haviam partido. Os policiais não tinham encontrado nada suspeito na propriedade, durante aquela primeira busca. Bardas despediu-se e, ao entrar no carro, perguntou a Daniel:

— Vão ficar aqui muito tempo?

— Voltamos amanhã para São Paulo. Algum problema?

— Não, não... seu celular é o mesmo?

— Sim.

— Eu ligo. Vamos mantendo contato. Boa viagem Elizabeth — acenou com a mão, enquanto o carro se afastava lentamente.

A noite já havia se instalado sobre a casa e o lago parecia uma lâmina negra e brilhante. Daniel perguntou, com delicadeza:

— Quer que eu fique aqui hoje?

— Preferia. Pode ser? — respondeu Elizabeth ainda assustada e frágil.

— Amanhã viajamos para Madri muito cedo... — Daniel comentou, e ficou pensativo por alguns segundos, antes de decidir. — Vou ao hotel buscar a mala.

— A Maria vai preparar algo para comermos quando voltar — disse Elizabeth.

Daniel assentiu com a cabeça e afastou-se para instruir Leon e Náder:

— Volto, no máximo, em uma hora. Chamem o Juan e fiquem atentos. Leon, por favor, fique com Elizabeth até eu voltar.

Elizabeth aproveitou a ausência de Daniel para ir ao cofre do escritório buscar as demais cartas que o pai escrevera. Viu os envelopes lacrados com as datas: 13 de dezembro/2009; natal/2009; 1 de janeiro/2010 e 17 de fevereiro/2010. Não sabia quando voltaria e decidiu levá-los consigo. Fez as malas e guardou o caderno de orações da mãe junto das cartas. Desceu para a sala, e esperou por Daniel, sempre acompanhada pela sombra silenciosa de Leon.

Maria preparou uma sopa cremosa de ervilhas verdes, acompanhada de pão torrado, queijo de ovelha, manteiga, chá e biscoitos de aveia. Pôs a mesa e em seguida arrumou o antigo quarto do padre Bento, enquanto resmungava impropérios contra a fascinante beleza de Daniel. Era capaz de jurar que todo aquele sangue derramado na casa tinha sido causado por ele, que atraía o mal, como um ímã. Ficara escandalizada quando espreitara pela janela, horas antes, e vira Daniel abandonar o homem à morte, sem fazer sequer o sinal da cruz. Não importava se ele era ou não um criminoso; na hora da morte todos são filhos de Deus e têm direito ao perdão, pensava Maria, dominada por seu espírito cristão. E o padre nem lhe dera a extrema unção. Maria tinha cada vez mais dúvidas sobre aquele padre. E agora ele ia dormir ali, para proteger Elizabeth. Mas Elizabeth é que precisava ser protegida da presença dele, resmungou entredentes. Maria tinha uma intuição terrível sobre aquele homem, e precisava avisar Elizabeth. Nenhum padre que se preze abandona as pessoas na hora da morte, pensou aterrorizada, arrumando o quarto com gestos bruscos.

— Obrigado, Maria — disse Daniel suavemente, na entrada do quarto.

Maria soltou um grito estridente que ecoou pela casa, colocando todos em polvorosa, mais uma vez naquele dia. Leon e Elizabeth correram até ela, assustados, enquanto Juan, esbaforido, estancava abruptamente à porta do quarto, seguido de Náder. A cena era insólita: Maria estava paralisada, branca como cera, com os olhos arregalados, fixos em Daniel, como se ele fosse uma figura do além. Em contrapartida, Daniel com um sorriso angelical, entrava tranquilamente no quarto para pousar sua mala na cadeira junto à janela. Elizabeth aproximou-se de Maria e perguntou:

— O que aconteceu?

Ela respondeu, gaguejando sob o efeito do susto:

— O padre... O padre...

— O padre o quê? — ajudou Elizabeth.

— O padre... Apareceu aqui. Aqui! — apontou para a porta fazendo o sinal da cruz.

Houve um suspiro de alívio generalizado e Elizabeth não conseguiu evitar o riso:

— Maria você estava distraída e não o viu chegar.

— Não. Ele apareceu de repente. Ouvi a voz dele como se viesse do além — fez de novo o sinal da cruz.

Juan entrou no quarto e aproximou-se dela. Sabia da cisma de Maria com o padre, mas aquilo era demais. *Já não basta a morte dos cães, agora o padre também vem do além! Onde já se viu?*, pensou Juan, tentando tranquilizá-la:

— Maria, eu estava na porta da frente quando vi o padre chegar e passar pela menina Elizabeth na sala, antes de subir. Você estava distraída e não o ouviu... — insinuou, tentando acabar com aquilo, antes que ela dissesse mais barbaridades.

Maria respondeu, quase refeita do susto:

— Eu sei muito bem o que vi e ouvi — deu uns passos miúdos e aproximou-se de Daniel, que continuava junto à janela com um sorriso divertido. — Eu só quero dizer uma coisa: eu sei quem o senhor é. Eu sei!

— Maria, desculpe se te assustei. Não tinha intenção — retorquiu, olhando-a fixamente, para mostrar que estava arrependido do susto involuntário que tinha lhe pregado. Maria hesitou uns segundos, perturbada com a transparência hipnótica do olhar dele. — Por favor, aceite as minhas desculpas.

Todos olhavam para Maria sem compreender o que se passava. Até Juan duvidava dela e das forças obscuras que ela pressentia no padre. Virou as costas a Daniel sem responder e desceu as escadas batendo os pés raivosamente contra o chão. Todos saíram atrás dela. Elizabeth ficou a sós com Daniel:

— Foi um dia intenso. Por favor, desculpe-a.

— Não se preocupe com isso... Ela realmente se assustou. Estava comenetrada pondo as almofadas na cama. Não me viu chegar e, quando eu disse "obrigado", ela entrou em pânico...

— Deixemos isso. Vamos jantar? — disse para minimizar o incidente, ao sair do quarto.

Foi um jantar silencioso. Elizabeth foi dormir cedo: estava exausta. A forma como sua mãe morrera, associada ao estresse do terrível incidente daquela tarde fizeram-na compreender que não estava segura e precisava se proteger. Qualquer pessoa podia estar à espreita, esperando uma oportunidade para atacá-la, pensou apavorada.

7. O castigo

O amor é um castigo. Somos punidos por não termos podido permanecer sós.

Marguerite Yourcenar (1903-1987)

Às cinco da manhã, Daniel fez uma refeição frugal sob o olhar atento de Maria. Ela continuava achando que o padre se materializara no quarto, na véspera, e agora já parecia ter estranhos poderes que permitiam que atravessasse paredes e caminhasse sem tocar o chão.

— Esse padre é do outro mundo — tinha dito convictamente a Juan que, intimamente, começava a suspeitar da sanidade mental dela. Pensou que a morte violenta daquele estrangeiro e dos cães poderia ter afetado o julgamento da mulher e tinha esperança que aquela cisma com o padre passasse quando ele fosse embora.

Daniel, indiferente aos tenebrosos pensamentos que suscitava em Maria, estava pronto para enfrentar a longa viagem entre a Espanha e o Brasil. Elizabeth, pelo contrário, continuava exausta. Quando Maria se despediu dela, enfiou um pequenino saco de pano,

costurado com ervas, no bolso do casaco enquanto murmurava ao seu ouvido:

— É para protegê-la na viagem — Elizabeth abraçou-a e agradeceu, sabendo que Maria queria protegê-la de Daniel.

Leon dirigiu até Madri, com Nader ao seu lado. Elizabeth estava tão cansada que dormiu a maior parte da viagem, com um sono pesado que lhe permitiu recuperar as forças. Acordou revigorada, pouco antes de chegarem a Madri. Daniel perguntou, como se estivesse vigiando seu sono:

— Descansou?

— Sim, obrigada. Estava realmente cansada — justificou.

— Ontem não foi um dia fácil — reconheceu, com doçura.

Elizabeth disse, atormentada pelos acontecimentos da tarde anterior, parecendo que as suas dúvidas tinham maturado durante o sono:

— Preciso saber o que aquele homem queria. Era por minha causa?

— Acredito que sim. Mas Bardas vai investigar — tentou tranquilizá-la.

— O que poderia querer de mim? O mesmo que queriam de minha mãe? — perguntou com a voz um pouco alterada.

— Não creio. Você ainda não desenvolveu seu dom. Só depois os riscos serão maiores. Por enquanto está protegida — assegurou, com calma.

— Se não é por causa do meu dom, o que pode ser?

— Não sei — respondeu com sinceridade, consciente de que precisava descobrir as razões por trás do comportamento do agressor. Ela ficou silenciosa por um momento, antes de pedir:

— Gostaria de saber mais sobre a família do meu pai. Pode falar sobre eles?

— A história da família do seu pai é muito, muito complicada — afirmou, com uma gargalhada luminosa. Sabia que ela não estava preparada para ouvir a história de Arturo. Elizabeth olhou-o novamente fascinada com o riso dele, que parecia ofuscar tudo em volta. Pressentiu que estava se apaixonando por ele: um padre católico, amigo de seu pai, e que era seu tutor. Mas aquele pressentimento era um aviso tardio.

— Está bem, Elizabeth? — perguntou Daniel, alheio à revolução que se passava dentro dela.

— Desculpe... Distraí-me.

— Alguma razão especial? — insistiu, como se agora soubesse o que estava acontecendo no interior dela. Ela corou ligeiramente, traída pelos sentimentos, e pensou envergonhada: *Juízo! O homem é padre, por amor de Deus! Padre.*

— Não, padre — respondeu tentando controlar a atração que sentia por ele.

— Falávamos da família do seu pai — recordou.

— Eu sei... Dizia que era complicada. Mais complicada do que a família da minha mãe?

— Muito mais. Nem imagina quanto. Vamos deixar isso para outra hora — fez uma pausa, e continuou, ainda sorrindo, porém mudando de assunto. — Mas se quiser, podemos falar da família da sua mãe.

— Quero. Por favor — recostou-se no banco do carro, virando o rosto para ele, à espera.

— Temos mais de onze horas de viagem pela frente. Acho que vai dar tempo para que comece a compreender algumas coisas. Explico assim que entrarmos no avião — sugeriu, sedutor. Elizabeth tremeu perante o sorriso suave e, por um instante, pensou novamente que

Maria podia ter algum fundo de razão em sua cisma: aquele padre tinha uma beleza suspeita. Ele percebeu o tremor:

— Está com frio?

— Não... Estou bem, obrigada.

Em Madri, foram direto para o aeroporto. Elizabeth não percebeu que, ao sair do carro, perdeu o pequeno sachê que Maria lhe havia dado.

Fizeram o check-in e tomaram um café enquanto aguardavam o voo.

— Está quase na hora. Vamos? — disse Daniel consultando o relógio de pulso, e fazendo um sinal discreto aos seguranças, ao apontar sutilmente em direção à porta que dava acesso ao avião. Eles posicionaram-se na fila, atrás de Elizabeth, enquanto Daniel avaliava discretamente o ambiente, à procura de algo suspeito. Não encontrou nada.

O voo não estava cheio. Daniel e Elizabeth eram os únicos ocupantes da classe executiva. Leon e Náder estavam na primeira fila da classe econômica e podiam vê-los sempre que a cortina que separava os dois ambientes se abria.

Assim que o avião decolou, Elizabeth perguntou, sem conter uma ponta de ansiedade:

— Então, padre?

Daniel pensou um instante, organizando internamente as informações, e começou a falar:

— Esse dom especial que você tem, e de que já falamos um pouco, foi responsável pela morte da sua mãe e também da sua avó.

Elizabeth fitou-o perplexa e perguntou, sem ter assimilado ainda as palavras dele:

— Minha avó também foi assassinada?

— Sim — respondeu lacônico, pois se preparava para contar mais uma história dramática. — A família dos seus pais era francesa. Os seus avós maternos, Claude e Anabelle, descendiam de famílias aristocráticas. Seu avô era um talentoso engenheiro, mas era também um aventureiro de personalidade forte, cujo comportamento fugia aos padrões da época. Ele conseguiu convencer sua avó a acompanhá-lo para os confins da África, e aquela decisão estremeceu um pouco as relações com o resto da família. Apesar das resistências, eles foram para o Quênia em julho de 1950. Sua mãe nasceu no ano seguinte...

— Dia 15 de abril de 1951 — interrompeu, provocando um breve sorriso em Daniel. Estar tão próximo dela, durante tantas horas, começou a parecer contraproducente: Elizabeth estava provocando uma efervescência em seu corpo que ele não queria nem tinha intenção de alimentar. Controlou-se, com esforço, e continuou o relato:

— O parto foi muito difícil e algumas complicações quase levaram ambas à morte. Por isso sua avó escolheu um nome que protegesse sua mãe: Angelina em latim significa “descendente de anjo”. Pouco depois, sua avó começou a sonhar com leões brancos e por mais que seu avô insistisse que não havia leões brancos por ali, aquele sonho se tornou recorrente. Anabelle sabia que estava relacionado com sua mãe. O certo é que, com o tempo, ela criou um verdadeiro horror a leões.

Elizabeth pensou nos seus próprios sonhos com leões ameaçadores, de olhos dourados, garras e dentes afiados. Mas não interrompeu Daniel. Naquele momento, sua curiosidade era maior do que o desejo de partilhar seus sonhos violentos. Daniel continuou falando no mesmo tom tranquilo, distante dos pensamentos dela:

— Durante algum tempo, seu avô construiu estradas e pontes pelo Quênia, enquanto sua avó ficava na fazenda com sua mãe. Ela tinha o hábito de cavalgar todas as manhãs e, desde muito cedo, Angelina começou a acompanhá-la. Quando sua mãe tinha três anos, Anabelle, grávida de dois meses, caiu do cavalo e perdeu o bebê. Ela jurou que um leão assustou o cavalo, mas ninguém, além dela, viu o leão. E apesar de Claude assegurar que era impossível, e que havia sido apenas uma projeção de seus medos, a partir daquele dia fatídico, Anabelle deixou de andar a cavalo e o terror foi aumentando até que ela abandonou a fazenda e nunca mais voltou. Seu avô vendeu o lugar e comprou uma casa com um enorme terreno em volta, próxima de Nairóbi. Nos anos seguintes, sua mãe e sua avó dividiram-se entre Paris, onde sua mãe estudava, e Nairóbi, onde passavam as férias com seu avô.

— Minha avó deixou de sonhar com os leões?

— Não.

— E o que é que ela sonhava?

— Que os leões a atacavam e feriam sua mãe.

— E não havia como parar de sonhar? Ir para outro lugar, não voltar para a África?

— Os sonhos eram independentes do lugar, e como envolviam a família, Anabelle nunca conseguiu decifrá-los, embora sentisse que pressagiavam algo terrível.

— Mas ela sonhava também com outras coisas, não é?

— Sim, e os seus sonhos tinham uma precisão absurda. Ela recebia muitos pedidos, principalmente por carta, para ver o futuro.

— E meu avô? O que é que achava de aquilo tudo?

— Sua avó contou a verdade desde o início do relacionamento. Na família da sua mãe ninguém falava abertamente sobre o assunto, mas sabiam que era necessário perpetuar o poder de ver nos

sonhos. Isso era alimentado pela pureza da linhagem e, em todas as gerações, havia um casamento consanguíneo, ou seja, entre primos do primeiro grau. Sua avó tinha o dom e por isso deveria casar com um dos seus primos, mas, como só tinha duas primas, pôde casar-se com Claude, sem resistências da família e sem quebrar regras ancestrais.

— Minha bisavó também tinha o dom?

— Todas as suas antepassadas tinham.

— As primas da minha avó ou da minha mãe também tinham?

— Não. Há apenas uma pitonisa em cada geração e todas são da sua linhagem direta. O dom era só da sua mãe, sua avó, sua bisavó, trisavó e assim por diante...

— E eu tenho que casar com alguém? — perguntou, confusa, lembrando que Arturo sempre dissera que eles não tinham mais familiares.

— Não. Você é a última da sua linhagem. Na verdade, é a última descendente tanto do seu pai quanto da sua mãe — disse devagar, por saber o peso enorme que as suas palavras tinham.

— Não existe mais ninguém da minha família? — repetiu Elizabeth, com dificuldade em aceitar aquela solidão genética.

— Não — mentiu Daniel, sem intenção de contar toda a verdade, pelo menos naquele momento.

— Tinha esperança de ter alguns primos por aí. Mas não há ninguém, é isso? — insistiu ela.

— Não.

— E como foi que as famílias da minha mãe e do meu pai desapareceram?

— Por enquanto vamos falar só da família da sua mãe. Em outra ocasião falaremos de Arturo. Pode ser assim? — Elizabeth percebeu, de novo, a ternura na voz dele. Sentiu que ele queria mostrar que

conhecia aquela solidão e sabia o significado de não ter pais, irmãos ou algum familiar, alguém que tivesse uma gota do seu sangue nas veias. Ela moveu a cabeça em um gesto de assentimento e se aproximou mais dele, buscando proteção. Ele sentiu o calor do corpo dela junto do seu braço, como uma brasa que antecede uma fogueira, mas não se afastou, e continuou falando:

— Quando a sua mãe nasceu, foi decidido que ela se casaria com Antoine, seu primo.

— Minha mãe devia se casar com o primo dela? — estranhou.

— Devia. Ele era filho do único irmão da sua avó Anabelle. Assim que sua mãe nasceu, selaram o compromisso. Quando ela tinha dois anos e Antoine quatro, aconteceu a cerimônia de “promessa de núpcias”, um ritual em que uniram os pulsos deles com uma fita de seda marfim, simbolizando os futuros laços sagrados do matrimônio. Aos quinze anos de Angelina e dezessete de Antoine, renovaram o compromisso na cerimônia dos “laços pré-nupciais”. Os seus pulsos foram novamente unidos com fitas de seda branca e vermelha, simbolizando pureza e paixão, e eles passaram a usar uma aliança de ouro, herdada das gerações anteriores, no anelar da mão direita. Aos dezoito anos Angelina ficaria noiva e aos vinte e um seria o casamento. Todas as etapas do ritual eram rigorosas e detalhadas: os noivos sempre vestiam roupa branca, o chão era forrado por pétalas de rosa da cor das fitas de seda que uniam seus pulsos, a sala era iluminada somente por luz de velas — centenas delas, e apenas a família mais íntima podia participar. E jamais, em circunstância alguma, podia ser derramada qualquer gota de sangue, porque seria um mau presságio. Por isso, durante os dias das cerimônias os noivos eram completamente protegidos, para que não houvesse possibilidade de se ferirem.

— Mas ela não casou com Antoine... — murmurou Elizabeth, sem compreender.

— Sua mãe foi a primeira a quebrar a tradição do casamento consanguíneo na sua família, uma prática com centenas de anos. Um ritual muito antigo.

— O que aconteceu? Meu pai nunca falou sobre isso. — Elizabeth tinha a voz toldada pela apreensão crescente, e intuiu, novamente, que o pai ocultara mais informações.

— Angelina conheceu Arturo aos dezessete anos, em Paris, em uma festa beneficente organizada pelo embaixador inglês, Sir William Groover. Desde o primeiro olhar, souberam que viveriam uma história épica. E apesar de não terem pronunciado uma palavra além dos seus nomes, dançaram três músicas seguidas, até sua avó intervir para lembrar que Antoine desejava dançar com a futura noiva. A contragosto Arturo deixou-a ir, mas passou o resto da noite em um canto do salão, sem afastar os olhos dela, um só segundo.

— E minha avó?

— Ela percebeu o que estava acontecendo e ficou muito irritada. A família era reduzida e Angelina e Antoine eram os únicos da sua geração, o que era mais um motivo para que o casamento se realizasse.

— Mas não se realizou! — exclamou Elizabeth.

— Não. Arturo descobriu onde Angelina estudava e, apesar dos cuidados da sua avó, que desde o início rejeitou seu pai, eles criaram um sistema de correio. Escreviam-se duas ou três vezes por semana, às vezes mais, durante sete anos.

— Essas cartas ainda existem? Gostaria de ler — afirmou Elizabeth.

— Seu pai guardou-as numa caixa, no sótão da Casa do Lago. Sua mãe separou-as em blocos amarrados com fitas de cetim coloridas.

— Eu não as encontrei no sótão. Mas talvez estejam na seção de papéis, que ainda não pesquisei — deduziu Elizabeth.

— Sim — concordou Daniel. — Voltando à história... Depois daquela primeira noite, eles se encontraram em alguns eventos, mas sua avó não permitia que seu pai se aproximasse. Seis meses após o primeiro encontro, antes de Angelina completar dezoito anos, houve um baile de máscaras, beneficente. Nessa noite, Anabelle, distraída pela presença de Claude, recém-chegado do Quênia, não percebeu o desaparecimento de Angelina no meio da profusão de máscaras.

— E Antoine?

— Ele não tinha ido ao baile. Coincidência ou não, parecia que o destino maquinava a favor dos dois, e seu pai não perdeu aquela oportunidade. Arrastou sua mãe até os jardins. Sentaram-se em um banco afastado, no meio das flores, e ele confessou que não conseguia viver sem ela e nada fazia sentido se não a visse. Mas, em poucos dias, sua mãe ficaria noiva de Antoine, e em três anos casaria com ele. Ela propôs que fugissem juntos.

— E fugiram?

— Não. Seu pai era muito sensato e queria que tudo acontecesse da maneira certa. Mas todas as pessoas próximas do seu pai o desaconselharam a casar com sua mãe. Ele tinha muito a perder. Muito mais do que Angelina. Mas muito mais mesmo! — enfatizou, sem poder revelar a essência daquele segredo, por ele ser a essência do futuro dela.

— Ninguém queria que eles ficassem juntos. Por que os amigos do meu pai eram contra o casamento?

— Ele teria que fazer uma escolha difícil e abdicar da vida que tinha para poder ficar com sua mãe. Ele tinha que abdicar de tudo, para casar com ela — enfatizou Daniel novamente. — Mas Arturo nunca teve dúvidas desde o primeiro instante em que a viu. De certa

forma, todos sentiam um pouco de inveja do amor que os unia. Eles pareciam invencíveis. Quem os visse, sabia que morreriam um pelo outro. E sabia, também, que era inevitável que eles terminassem juntos, mesmo que isso deixasse um rastro de destruição à sua volta.

— E isso aconteceu? Eles destruíram tudo para ficarem juntos? — perguntou Elizabeth com uma pontada de angústia, enquanto Daniel continuou a história mantendo seu ritmo, como se não tivesse escutado.

— Sua mãe ficou noiva, e nesse dia, em que ela completou dezoito anos, Arturo foi para a Costa do Marfim iniciar uma nova vida, para poder casar com ela mais tarde. Deixou para trás os velhos hábitos e a segurança que tinha conquistado com os anos e começou a construir uma casa. A casa perfeita, na fazenda, aonde você viria a nascer.

— Mas minha mãe estava noiva...

— Estava, e quando fez vinte anos, um ano antes da data prevista para o casamento com Antoine, Arturo bateu à porta do seu avô, em Paris, e pediu a mão dela. Sua avó quase teve uma síncope. Era uma mulher dramática, mas era também a única que pressentia realmente o que estava para acontecer. Disse ao seu pai que ele era um demônio, que tinha vindo destruir a família e que nunca mais o queria ver. Sua mãe entrou na discussão, ameaçou sair de casa e abandonar tudo. Argumentou que Anabelle tinha casado por amor e ela também casaria. Não acreditava nas superstições da família e não casaria com Antoine. Seu avô achou melhor que todos acalmassem e continuassem a conversa noutro dia, com a cabeça fria.

— E meu pai, o que respondeu?

— Seu pai só disse que queria casar com Angelina. Não pronunciou mais uma palavra e quando seu avô falou, ele apenas inclinou a cabeça e saiu, com toda aquela calma que lhe era peculiar. Sua mãe contou depois que, assim que a porta se fechou atrás de Arturo, a casa caiu. Literalmente. Claude estava furioso e concordava com Anabelle que o compromisso com Antoine tinha que ser honrado. Mas Angelina não se abateu e falou dos seus sentimentos por Arturo. Falou da forma como as suas almas se tocavam, da união dos seus corações, da única vez em que ele acariciou o rosto dela, no banco do jardim, da pureza e da castidade daquele amor que era a razão para ela acordar todas as manhãs e dava sentido à sua vida.

— Que lindo... — murmurou Elizabeth, emocionada.

— Os seus avós se comoveram, embora não tivessem demonstrado naquele dia. Anabelle pressentia em Arturo uma força indecifrável, e sabia que a união dele com Angelina, apesar do amor que os unia, iria causar um banho de sangue. Sempre que tentava sonhar com Arturo, os seus sonhos eram puro negrume. Não via nada e, por isso, não conseguia saber o que poderia acontecer. E quando sonhava com Antoine via sangue, um mar de sangue. Anabelle achou que aqueles dois fatos estavam interligados porque só depois de Arturo aparecer é que passou a sonhar com Antoine despedaçado. Mas Angelina manteve-se firme no seu amor e na sua convicção de mudar o destino. Depois de dias de conversa, pedidos e negociações, Angelina conseguiu que os pais entendessem a impossibilidade do casamento com Antoine. Anabelle avisou-a que aquilo mudaria o destino da família, porque o pacto do equilíbrio estava sendo rompido pela primeira vez em muitas gerações. Os seus avós deixaram claro que sua mãe seria a responsável por explicar à família, e em especial a Antoine, que não haveria

casamento, e só após tudo resolvido é que ela voltaria a ver Arturo. Na noite em que Angelina rompeu com Antoine, as previsões de Anabelle concretizaram-se, e a reduzida família da sua mãe desintegrou-se. Antoine era apaixonado por ela e sua mágoa foi tão profunda que os pais dele acharam melhor levá-lo para uma temporada nos Alpes Suíços. Durante a viagem, aconteceu um acidente terrível e morreram todos, três dias depois do fim do noivado.

— Meu Deus! Que tragédia! E minha mãe? — perguntou Elizabeth, assaltada por um arrepio. Daniel percebeu e aproximou-se um pouco mais, tentando protegê-la.

— Ela sentiu tanta culpa que se enclausurou em casa por um ano e meio, sem pronunciar uma palavra. Parou de escrever e ler as cartas do seu pai. Deixou-as amontoar sobre o criado-mudo, ao lado da cama, onde passava o tempo com o olhar vazio, assombrada pela culpa de não ter amado Antoine o suficiente, e pela culpa de amar Arturo em excesso. Chegou um momento em que Claude e Anabelle acharam que só Arturo poderia salvá-la. Seu avô foi à Costa do Marfim contar ao seu pai e ele veio para Paris, onde ficou quase um ano. Durante os seis primeiros meses visitava Angelina todos os dias, sem conseguir arrancá-la do mutismo em que se fechara. Sentava-se no sofá e conversava com ela sobre todos os assuntos que possa imaginar: da literatura às viagens, da culinária às peculiaridades culturais, das banalidades ao exotismo. Falava de religiões e história. Foi durante esses longos monólogos e a insuperável persistência do seu pai para resgatar sua mãe das sombras que Anabelle conheceu a alma luminosa de Arturo e viu o amor que ele sentia por Angelina. Isso fez com que ela aprendesse a amar o homem que amava sua filha, e esse amor apaziguou os seus medos e demônios.

Elizabeth tentou engolir as lágrimas que teimavam em saltar dos seus olhos, e por mais que tentasse se controlar, não conseguia. Daniel falava docemente, e aquelas palavras, quase poéticas, revelaram a intensidade do amor dos seus pais, em pleno voo sobre o Atlântico.

— Um dia, sem aviso, Angelina olhou para Arturo e começou a falar, como se aquele ano e meio de silêncio não tivesse existido e, nela, não restasse o mais leve sinal de trevas. Mas ambos sabiam que fora o amor que a resgatara da escuridão. E os seus avós também sabiam.

— E quando eles casaram?

— Nessa época sua mãe estava com quase vinte e dois anos e decidiram esperar até ela terminar os estudos que tinha interrompido. Depois ela foi para o Quênia, enquanto Arturo terminava de organizar a nova vida. Sua mãe quis celebrar o noivado no dia do seu vigésimo quarto aniversário, mas sua avó disse que as datas comemorativas têm que ter seu próprio dia e que misturar vários eventos no mesmo dia confundia o destino. Marcaram o noivado para o início do verão e Anabelle preparou a festa de aniversário mais fabulosa que Nairóbi jamais tinha visto. Foi gente até de Paris. A festa parecia um casamento. Só faltava o vestido de noiva e o bolo. Foi nesse dia que Arturo beijou Angelina pela primeira vez.

— Não posso crer! Não é possível — comentou Elizabeth, rindo.

— É verdade! — reforçou Daniel com um sorriso terno.

— Quer dizer que eles nunca tinham se beijado? É incrível!

— acredite — Daniel fez uma pausa, aproximou-se até seu rosto ficar a centímetros do dela, e fez mais uma revelação. — Seu pai era padre até conhecer sua mãe, e só conseguiu libertar-se dos votos dias antes do noivado. Foi um processo longo e difícil, muito difícil.

Elizabeth estremeceu na cadeira do avião, mais perturbada pela proximidade de Daniel do que pela revelação de que o pai havia sido padre.

— Padre? Como você? — perguntou, gesticulando as mãos para disfarçar o desejo que começava a apossar-se do seu corpo.

— Sim. Como eu! — reafirmou Daniel, tão próximo dela que podia sentir seu hálito morno. Agradava-lhe cada vez mais estar perto dela, quase a tocá-la.

— Isto é demais. Todos os dias há uma revelação, um mistério. Que família complicada — encostou-se no assento, afastando-se um pouco dele, para evitar revelar seu desejo.

— A festa de noivado foi em agosto de 1975 e o casamento foi marcado para março de 1976. Mas aquele dia foi, simbolicamente, o dia do casamento. Havia uma alegria contagiante e todos estavam felizes. Até Anabelle, transformada em uma verdadeira admiradora de Arturo, esqueceu os leões que a assombravam. Estava tudo irrepreensível, da comida à decoração.

— Disse que o noivado foi simbolicamente o dia do casamento deles... Por quê?

— Aquele dia foi o mais próximo de uma festa de casamento que os seus pais tiveram. Lembra-se que eles optaram por uma cerimônia simples, não é? Viu as fotografias?

— Sim.

— Depois do noivado, Arturo combinou com seus avós que o Natal seria na Costa do Marfim e, no final da primeira semana de dezembro, sua mãe viajou para lá. Seus avós iriam uma semana depois, mas, infelizmente, os medos de Anabelle se concretizaram.

— O que aconteceu?

— Eles foram brutalmente assassinados no dia 13 de dezembro de 1975. Alguém abriu o peito de Anabelle e arrancou o coração. Seu

avô foi esfaqueado e em seguida os corpos dos dois foram despedaçados por um leão.

— Um leão? Eles não moravam perto de Nairóbi? — perguntou tentando entender.

— Sim. E por mais estranho que pareça, dessa vez os empregados viram um leão no local.

— E o assassino? Descobriram quem foi?

— Não, mas os cortes na sua avó eram iguais aos de Angelina. Foram mortes rituais muito parecidas, com objetos rituais. Pelo menos no caso da sua mãe, o punhal é ritual. Sempre achamos que havia uma ligação entre os dois acontecimentos, daí a apreensão do seu pai em relação a você — disse Daniel, tentando parecer tranquilo para não assustá-la mais do que ela já estava. Podia perceber um tom levemente mais agudo na voz dela, que denunciava o medo.

— Pode ter sido o mesmo assassino? O que Leon matou? — perguntou com a garganta seca, como se as palavras estivessem coladas dentro dela e arranhassem quando as pronunciava.

— Pode, e tudo indica que foi. Ele era queniano, lembra-se?

— Isso é cada vez mais estranho!

— Sem dúvida. Alguém matou sua avó, sua mãe, e pode estar atrás de você — disse com firmeza, para ela perceber o perigo que a rondava. Não queria que Elizabeth entrasse em pânico, mas ela precisava ter consciência de que corria risco de morte. — Esse era o maior temor do seu pai e talvez agora compreenda o zelo dele com sua segurança.

Ela acenou a cabeça, enquanto pensava que aquele dom que pendia sobre ela, à espera de se revelar, estava mais próximo de uma maldição do que de uma bênção.

— Fala sempre como se o assassino fosse um homem. Tem alguma suspeita?

— Não — mentiu Daniel. — Mas vamos descobrir. Agora tente descansar um pouco.

Daniel pediu um cobertor à aeromoça e aconchegou-a com carinho, como se ela fosse uma boneca. Elizabeth reclinou a cadeira para tentar dormir, mas a presença dele ao seu lado era difícil de ignorar. Com os olhos fechados, estendeu a mão, tateou até encontrar a mão dele pendendo do braço da cadeira, e entrelaçou os dedos. Ele cerrou os olhos e inclinou a cabeça contra o encosto saboreando o contato morno da mão dela. Ficaram em silêncio e ela adormeceu, sabendo que ele estava ali, a uma distância de poucos centímetros.

Daniel olhou para ela, entregue ao sono, desprotegida, e sentiu um aperto no peito. Perguntou-se até onde iria sua força para levar adiante o planejado, e roubar o futuro que talvez ela tivesse imaginado e alimentado durante anos.

8. Objetos mágicos

Que é o mal, senão o bem atormentado pela própria fome e pela própria sede?

Khalil Gibran (1883-1931)

Daniel despediu-se de Elizabeth com um beijo apressado na testa, e dirigiu-se, com passos rápidos, até um carro preto, à porta do aeroporto. Apesar da curiosidade, ela não conseguiu ver os ocupantes do veículo através dos vidros quase negros, cobertos com insulfilm. Foi para casa esgotada pelos acontecimentos da viagem, pelas revelações que Daniel fizera, e pela tensão constante que começava a sentir junto dele, naquela luta silenciosa de querer calar a voz interior que o tornava um homem possível e não um padre intocável.

Alessia recebeu-a, no apartamento, com um abraço reconfortante, e convidou:

— Venha para a cozinha. Encontrei um chá de jasmim especial — sorriu, descontraída, e continuou falando enquanto servia o chá. — Os chineses acreditam que o jasmim é uma planta mágica, que abre os caminhos da espiritualidade e ajuda a equilibrar o *Chi*, a energia

vital. Antigamente só os imperadores e os nobres bebiam chá de jasmim. Descobri que existem mais de quinhentas espécies de plantas. Consegue imaginar?

— Realmente é bem mais suave que os outros que costumamos beber. Não tem aquele gosto amargo no final. É delicioso — confirmou Elizabeth após provar o chá. — De que marca é?

— Não tem marca. Althea, minha velha amiga, o descobriu em uma das suas viagens. Comprou de um produtor no interior da China.

Elizabeth sentiu o corpo relaxar sem saber se era por estar em casa, em um espaço seguro, ou se era o efeito do chá. Talvez o chá tivesse mesmo propriedades mágicas.

— E como está se sentindo depois de tudo o que aconteceu na Casa do Lago? — perguntou com o olhar atento.

— Emocionalmente esgotada — desabafou.

— Não é fácil ter que lidar com a perda de Arturo e a verdade sobre a morte da sua mãe, ao mesmo tempo que um desconhecido ataca sua casa...

— Além disso, durante a viagem descobri que minha avó também foi assassinada. — disse com um tom de tristeza e, simultaneamente, de apreensão.

— A história da sua família é dramática — confirmou Alessia, antes de perguntar: — O Daniel está ajudando, não é?

— Sim... — Elizabeth fez uma pausa que Alessia não deixou escapar.

— O que é, então? Parece incomodada — insistiu, alerta.

— Há muitos mistérios. Padre Daniel falou sobre a origem do punhal que matou minha mãe. A morte dela está associada a uma esmeralda que pertenceu ao rei Salomão e faz parte das lendas do Graal. É impressionante... Simplesmente não consigo acreditar!

— Vamos pensar nisso amanhã — interrompeu Alessia, sabendo que ela estava abalada.

— Sabe o que é pior?

— Não, querida.

— Sou capaz de jurar que isto é apenas a ponta do iceberg...

— Por quê? — perguntou Alessia, sabendo que ela estava correta.

— Não sei. Sinto aqui dentro — explicou, colocando a mão aberta sobre o estômago.

— Venha, vamos dormir. Você precisa de uma boa noite de sono — tentou tranquilizá-la.

Alessia acompanhou Elizabeth ao quarto, beijou-a no rosto e foi para a sala de TV. Ficou ali, olhando para a tela colorida sem conseguir prestar atenção ao filme, e pensando na reunião que Daniel tinha pedido que organizasse para a noite de 6 de novembro. Faltavam três dias, mas ela já tinha organizado tudo, faltava somente avisar Elizabeth. Arturo deixara uma herança terrível, e Daniel teria que preparar Elizabeth para enfrentar um caminho de solidão onde certas escolhas podiam ter um preço alto demais, e ser pagas com a vida.

Às sete da manhã, Daniel, mal refeito da viagem da véspera, acordou com o toque irritante do celular.

— Daniel? Sou eu, Bardas. Acordei-o?

— Sim, mas já estava na hora. Novidades? — perguntou amistoso, enquanto se levantava, vestindo apenas uns boxers de cetim preto, e atravessava o apartamento ricamente mobiliado, para chegar à cozinha. Ligou a máquina de café e fez um expresso com a mão direita, enquanto segurava o telefone com a esquerda, meio tonto de sono.

— Segui seu conselho sobre a Interpol, mas usei um atalho: telefonei a um amigo. O suicida chamava-se John MacGee, quarenta e dois anos, suspeito de ter assassinado dez pessoas, só nos últimos dois anos.

— Isso dá uma boa média: cinco mortes por ano. E antes disso? — questionou Daniel, depois de beber um gole de café amargo e forte, com as costas apoiadas no balcão de mármore frio que separava o fogão e o lava-louça do espaço da copa, decorada com uma mesa de madeira e quatro cadeiras impecáveis, dos anos 1940.

— Nada. Pagava impostos, frequentou escolas em Londres, sem incidentes. Nunca teve trabalho fixo. Órfão, foi criado por uma tia solteira. O pai morreu na prisão, jurando até o fim que era inocente, e a mãe seguiu-o pouco tempo depois. Parece que virou assassino, mas nunca ninguém provou coisa nenhuma. Interrogaram-no quatro vezes: duas na Alemanha, uma em Londres e outra na Antuérpia, mas não conseguiram nada. *Niente! Zip!*

— Alguma descoberta sobre a conta bancária?

— Aberta há dez anos, em Munique, e recheada. Dois milhões de euros, um milhão e meio depositado em dinheiro, pelo próprio, nos últimos dois anos.

— É consistente com pagamentos suspeitos. E o perfil das vítimas?

— Essa é a parte interessante: suspeita-se que matou dois jovens herdeiros ingleses, um banqueiro alemão, a esposa de um empresário e a de um secretário de Estado, ambos ingleses, três empresários russos e dois franceses, descendentes de aristocratas.

— Como? — questionou, assimilando rapidamente toda a informação de Bardas.

— Três desastres de carro e dois de moto, dois caíram de prédios e um de uma ponte, e dois acidentes desportivos: um estava

esquiando e outro praticando natação.

— Muito sofisticado! E por que suspeitam que foram assassinados?

— Há vários denominadores comuns: todos foram sequestrados. Nas vinte e quatro horas seguintes ao sequestro houve um pedido de resgate, e as vítimas foram mortas quarenta e oito horas depois do desaparecimento. O mais interessante é que as autópsias revelaram quantidades elevadas de tetrodotoxina na corrente sanguínea de todos eles; quantidades suficientes para incapacitá-los, mas não para matá-los.

— Tetrodotoxina... O veneno extraído do baiacu.

— Sim, o peixe responsável pela morte de três ou quatro pessoas por ano, no Japão. Mas mesmo aqui, na Europa, não é difícil encontrar esse veneno — explicou Bardas

— Ele paralisa as vítimas e pode matá-las entre vinte minutos e oito horas — disse Daniel, pensativo. — Então o assassino usava o veneno para paralisar as pessoas e depois simulava os acidentes. Isso não faz muito sentido.

— Não — concordou Bardas.

— Para quê dar-se ao trabalho de simular os acidentes, se podia matar com o veneno? A polícia sabia que eles haviam sido sequestrados porque foi pedido um resgate e, na autópsia, o exame toxicológico revelaria que tinham sido envenenados com tetrodotoxina. Qual a lógica do acidente nesse contexto? — inquiriu Daniel.

— Ainda ninguém conseguiu explicar isso — confessou Bardas.

— Tenho uma teoria... — murmurou, aguçando imediatamente a curiosidade de Bardas.

— Qual?

— Pelo que percebemos em Puebla de Sanabria, você está lidando com duas pessoas. Pode tratar-se de um sequestrador, que tentava obter informações das vítimas e as incapacitava com a tetrodotoxina, e um assassino que se livrava delas posteriormente, com acidentes simulados. Talvez para ganhar tempo...

— A teoria dos dois assassinos explicaria a presença de MacGee nas cidades dos crimes, e os seus álibis perfeitos para as horas dos acidentes. Foi por isso que não conseguiram prendê-lo.

— Então a pessoa que está livre talvez seja o verdadeiro assassino. E pode ser a mesma que atirou em mim.

— Estou impressionado! — reconheceu Bardas, sem ocultar a admiração pela rapidez com que Daniel formulou uma hipótese que permitia explicar os assassinatos e, simultaneamente, associá-los a John MacGee. — E já que falou em quem o atingiu, como está o ferimento?

— Estou bem. Não foi nada. — Com exceção da pequena cicatriz no ombro que denunciava o tiro, Daniel já não sentia dor.

— Ainda bem.

— O que pediam as notas de resgate? — perguntou, mudando de assunto, para não se alongar no tema do seu ferimento.

— Aí tudo fica ainda mais singular: não pediram dinheiro, apenas objetos. Cada nota de resgate tinha a descrição de um objeto.

— Eram objetos diferentes?

— Apenas dois. Pensamos que ele tinha uma lista de potenciais proprietários e percorreu os nomes até encontrar quem os tinha. Em alguns casos houve mais de um assassinato por família. Acreditamos que sequestrou os familiares para pressionar, porque foram seis famílias e dez assassinatos. A investigação está sendo conduzida por uma força tarefa especial, com profissionais de vários países. Os

detalhes têm sido mantidos fora das primeiras páginas dos jornais. Essa é a situação atual.

— Cruzaram as datas dos depósitos bancários e as dos assassinatos, para ver se coincidem? — questionou Daniel, voltando ao assunto das finanças de MacGee, acreditando que o dinheiro podia ser a pista mais segura para desvendar aquele caso.

— Sim, e é por isso que MacGee se tornou o melhor suspeito. A morte dele nos levou para um beco sem saída. Temos que estabelecer alguma conexão com quem mandou fazer isto. A boa notícia é que estou oficialmente no caso — anunciou Bardas, entusiasmado.

— Que objetos eram? — inquiriu Daniel, metódico.

— Um cálice e um anel.

Daniel ficou em silêncio por um instante, pensando calmamente, antes de perguntar:

— Pode me enviar a descrição dos objetos e a lista vítimas? Talvez eu possa ajudar...

— Ajudar como? — quis saber Bardas, incapaz de conter sua insaciável curiosidade.

— Sabe que sou um estudioso de objetos místicos! — afirmou, fazendo com que Bardas recordasse aquele detalhe. — Acho que esses objetos têm uma finalidade simbólica importante. Se descobirmos isso, chegamos mais rápido ao responsável e aos motivos por trás do crime.

— Só você para pensar no lado místico das coisas. — Bardas sorriu, antes de concordar com Daniel. — Pode ser que tenha razão! Vou enviar as listas. É o mesmo e-mail?

— Sim — respondeu Daniel, sorrindo, ao lembrar que dez anos antes, a pedido de Arturo, ajudou Bardas a resolver um misterioso assassinato que deixara Madri em polvorosa. Foi também nessa

ocasião que Bardas conheceu Kent, um estudioso de rituais religiosos e mágicos. Apelidou-o de *corvo*, por Kent ser alto, magro e andar sempre de preto. Juntos, descobriram o responsável pela morte de uma menina de catorze anos, encontrada sem uma gota de sangue, com duas marcas no pescoço, semelhantes às das histórias de vampiros.

Alejandra, filha de um respeitado industrial local, era uma aluna brilhante, que se dedicava à caridade e se preocupava com os desfavorecidos. Desapareceu numa sexta-feira fatídica, entre a porta da escola e o carro do pai, em um percurso de cem metros, que atravessava o jardim do colégio, cheio de árvores e recantos floridos. Foi encontrada um dia depois de seu desaparecimento, no jardim em frente à escola, deitada sobre um dos bancos, com o uniforme do colégio, e as mãos cruzadas sobre o peito. O médico legista descobriu que as mãos e os pés da jovem foram amarrados com largas fitas de couro, e seu sangue drenado lentamente, com ela viva. As marcas estavam sobre a jugular, o único local por onde o sangue se esvaía.

Sua morte provocou grande comoção e ninguém compreendia o motivo do assassinato: Alejandra era a imagem da caridade e da pureza. Bardas era o responsável pela investigação e, depois de quinze dias sem pistas sobre o crime, tropeçou com Arturo, e contou os detalhes escabrosos do caso que comovera a cidade por sua brutalidade. Arturo propôs a colaboração de dois amigos, especialistas em rituais, objetos místicos e religiões.

- Eles trabalham juntos, e complementam-se — disse Arturo.
- O que é que eles fazem mesmo?
- Você quer dizer, a profissão?
- Sim.

— Daniel é um padre católico e Kent é um rabino — informou Arturo rindo, por saber que apesar de ser difícil surpreender Bardas, aquela informação seria, certamente, inesperada.

— Não tenho nada a perder. Mas isso é uma surpresa: um padre e um rabino juntos... No desespero em que estou, qualquer ajuda divina é bem-vinda — respondeu, cansado.

— Vou chamá-los. Eles não estão na Espanha, mas devem chegar depois de amanhã.

— Como pode ter tanta certeza?

— A curiosidade deles sobre temas dessa natureza é enorme — respondeu Arturo, seguro.

E foi assim que se conheceram e descobriram que o assassino de Alejandra, Paco Fuentes, acreditava que ao beber o sangue de uma jovem virtuosa, na lua cheia de agosto, manteria a juventude. Em sua casa descobriram um altar tenebroso onde sangrava as vítimas. Dizia que tinha cento e cinquenta e sete anos e fizera um pacto com o diabo: enquanto ele realizasse o ritual, uma vez por ano, e eliminasse a bondade do mundo, manteria sua juventude e riqueza. Paco parecia uma versão assustadora, embora mais moderna e piorada, de Fausto.

Um ano após sua prisão, uma misteriosa doença matou-o em menos de uma semana. Quando Daniel e Kent foram visitá-lo, nos seus últimos dias de vida, encontraram um velhinho trêmulo, de idade avançada, incompatível com o vigoroso homem de quarenta anos que ele era. Morreu enrugado como um papiro, com as mãos manchadas do sangue de mais vinte vítimas conhecidas. O caso ficou conhecido como o "Vampiro das Virgens".

Elizabeth acordou quase na hora do almoço e, assim que entrou na cozinha, Alessia avisou-a que Daniel viria falar com ela às quatro da tarde. Manteve-se serena quando ouviu o nome dele, mas interiormente sentiu uma explosão de alegria.

Alessia tinha preparado uma refeição ligeira com salada de folhas verdes, *risotto* de abóbora, e framboesas geladas com creme batido. Depois do almoço, enquanto Elizabeth bebia um café, o celular tocou. Era um número desconhecido:

— Sim?

— Olá Elizabeth. É o Miguel. Quase destruí seu carro... Lembra?

Ela se surpreendeu, sem imaginar que ele telefonaria.

— Não esperava ouvi-lo.

— Queria saber como estava depois de tudo o que aconteceu. Disse que ia viajar por duas semanas... Calculei que já tivesse voltado.

— Estou bem, obrigada.

— Gostaria de convidá-la para a inauguração de uma exposição na próxima sexta à noite — disse, sem dar tempo para ela pensar.

— Acabei de chegar, e ainda não sei como está minha agenda — respondeu hesitante. — Posso responder depois?

— Tenho a certeza de que vai gostar. É arte baulé, da sua terra — insinuou, sedutor.

Ela surpreendeu-se com o convite, principalmente por se tratar de algo tão próximo das suas origens. Lembrou-se da elegante máscara baulé guardada entre os objetos da sua mãe.

— Como sabe que é da minha terra? — questionou, intrigada.

— Vi nos seus documentos, lembra? — afirmou, bem-humorado.

— Sim... Posso retornar mais tarde? — perguntou com algum formalismo, sem saber o que fazer, ainda sob o efeito da surpresa.

— Claro. Eu espero — falou tranquilo, com a voz leve, e desligou.

Elizabeth olhou para Alessia e comentou:

— Era o Miguel, com quem tive o acidente de carro. Convidou-me para ir a uma exposição dos baulé, acredita? Que coincidência.

— Não há coincidências — afirmou Alessia com a testa franzida, antes de perguntar: — Quando?

— Depois de amanhã. Na sexta.

— Não pode — respondeu, abruptamente.

— Por quê?

— Temos um compromisso. Vai conhecer uns amigos do seu pai.

— Amigos do papai? Como? Nem sequer me perguntou se eu queria...

— Digamos que é uma obrigação social, Elizabeth.

— Não vou — afirmou, irritada, por Alessia ter tomado aquela decisão sem avisar.

— Então discuta isso com Daniel esta tarde — respondeu Alessia com suavidade, tentando ainda controlar a raiva que o telefonema de Miguel havia provocado.

Elizabeth tremeu ao ouvir o nome dele, mas continuou questionando, para não se expor:

— O que é que ele tem a ver com isso?

— Ele vai lhe dizer que algumas dessas pessoas viajaram até aqui só para vê-la. Eram muito próximas do seu pai.

Elizabeth fez uma pequena pausa, antes de responder:

— Lembrei que o padre Daniel me falou de uns amigos do papai, mas não sabia que ia vê-los já na sexta-feira — concluiu, contrariada, saindo da mesa.

— Sugiro que não aceite o convite do... Miguel — disse Alessia com uma ponta de desprezo, que passou despercebida a Elizabeth, agora mais preocupada com o novo compromisso que envolvia Daniel do que com qualquer outra coisa. Mas o episódio incomodou

Elizabeth, deixando a sensação de que não estava no controle da sua vida.

Telefonou aos amigos para marcar um jantar no dia seguinte. Precisava afastar-se um pouco daquele mundo denso, de mitos e mortes trágicas. Apesar de ser um pouco em cima da hora, todos se organizaram para jantar. André chegaria atrasado por estar de plantão no hospital. Elizabeth descobriu, entretanto, ao falar com Ana, que Jorge convenceu Beatriz, com quem tivera um caso no Rio, a desistir de visitá-lo em São Paulo. Em seguida trocou o número do celular e teve um trabalhão para avisar todos, contou Ana rindo. Quando desligaram, Elizabeth se perguntou quando é que Ana e Jorge iriam perceber que estavam apaixonados um pelo outro.

Daniel recebeu a lista das vítimas assassinadas por John MacGee e a descrição dos objetos. Em seguida ligou para Kent, com quem já discutira o assunto:

- Já tenho as listas.
- Ainda está em casa?
- Sim — respondeu Daniel.
- Chego em cinco minutos... Até já.

Kent e Daniel moravam em prédios que ficavam de frente um para o outro, separados apenas por uma rua com pouco trânsito. Quando a campainha tocou, Daniel já estava na porta, sorridente. Abraçaram-se com afeto.

- Vamos tomar um café — convidou Daniel.
- Tomar café? Ainda nem almocei. Não tem nada decente para comer?
- Sanduíche — respondeu, mas ao ver a careta no rosto de Kent, justificou-se. — Não tive tempo para ir às compras. Você foi me

buscar no aeroporto ontem à noite, lembra?

— Aceito o sanduíche. Pode parar de reclamar. — Kent, muito à vontade, foi para a cozinha, abriu a geladeira e começou a preparar os ingredientes. — Mostre as listas.

Daniel pegou duas folhas de papel e virou-as para Kent, uma de cada vez, sobre a bancada da cozinha. A listagem dos assassinados não lhe despertou curiosidade imediata, mas ao ver a descrição dos dois objetos, estacou de repente. Largou a fatia de pão em cima do prato, e começou a ler a segunda folha com cuidado:

Cálice do século I, em madeira, com uma fina cintura de prata.

Anel do século X. a.C., em ouro maciço, com um hexagrama na parte superior.

Apesar da descrição dos artefatos ser vaga, os seus proprietários saberiam imediatamente do que se tratava, e era suficiente para que especialistas como Kent e Daniel os identificassem sem dificuldade alguma. Eram dois dos objetos que compunham a Tríade do Graal, formada pelo Cálice de Cristo, o Livro Sagrado, e o Anel de Salomão, que estava sem a esmeralda de Lúcifer, agora engastada no punhal sob a proteção deles, desde o assassinato de Angelina.

Kent leu várias vezes. Olhou para Daniel com cumplicidade e perguntou, tenso:

— Tem certeza de que é isto mesmo?

— Tenho.

— Mostre-me novamente a lista das pessoas.

Daniel fez deslizar a lista sobre o mármore da bancada da cozinha com a ponta dos dedos. Kent leu os nomes de família, dessa vez vagarosamente e comentou:

— Faz sentido. Há rumores de que todas essas famílias tinham ou tiveram esses dois objetos. Parece-me que o assassino começou por sequestrar algum familiar ou o proprietário e ao perceber que não

tinham os objetos matava-os. E quando conseguiu os itens, também é possível que os tenha assassinado para evitar que falassem.

— Essa é, basicamente, a teoria de Bardas.

— Ele já sabe o significado dos objetos?

— Ainda não. Mas talvez seja conveniente dizer o que são. Assim ele começa a pensar em um colecionador de relíquias. Alguém ligado ao ramo de antiguidades. O que acha?

— Inteligente. Isso afastaria a investigação de qualquer um de nós. Inclusive de... você sabe... — murmurou Kent com resistências em pronunciar o nome que o atormentava.

— E ganharíamos tempo para tentarmos recuperar os objetos, se é que isso é possível. Acha que o Cálice e o Anel já estão com o mandante dos assassinatos e do incidente da Casa do Lago?

— Parece-me óbvio. Os primeiros seis nomes da lista estão associados ao Cálice, e os outros quatro nomes estão ligados ao Anel. E a seguir o assassino foi atrás de Elizabeth, porque deve saber que ela é a chave para conseguir a esmeralda.

— Mas como saberia isso? — perguntou Daniel, como se falasse para si mesmo.

— Para ter essa informação precisaria saber que temos o punhal. Quantas pessoas sabem isso? Teria que ser alguém associado, de alguma forma, à morte de Angelina — insinuou Kent.

— Sei o que está pensando. Mas não é necessariamente assim — retorquiu Daniel, sereno. — Apesar de termos ocultado a existência do punhal, as informações circulam, as pessoas falam.

— Ninguém sabia, Daniel. Só pode ser Besson — insistiu Kent, dessa vez dizendo o nome.

— Precisamos ter cuidado com nossas teorias. Basta um rumor para desencadear a caçada a um objeto desta magnitude. Não podemos afirmar que é Besson. É possível que seja, mas não

sabemos. No entanto, o responsável por isto sabe, com certeza, que sem a esmeralda o anel não serve para nada. Só não entendo uma coisa: se a pessoa tem o Cálice para que precisa da esmeralda? — questionou Daniel, pensativo.

— É realmente estranho. Será que não conhece o ritual do Cálice? Seria uma ironia, não é? Ter um objeto desses na mão e não saber o que fazer com ele! — riu Kent com um prazer sádico, pois ambos sabiam que cada um dos objetos do Graal tinha um secreto poder místico.

— Alguma coisa não bate nisso tudo. Uma pessoa que tenha o Cálice não precisa da esmeralda — murmurou Daniel.

— Talvez precise. Quanto menos pura for a pessoa mais difícil deve ser: mais objetos deverão ser necessários e mais violentos serão os rituais. Pode ser isso, não?

— Pode ser — respondeu Daniel, sem estar convencido. — Precisamos descobrir que rituais são esses porque o Graal só consagra os puros. Desde que isto tudo começou, esta é a primeira vez que sabemos quais são os passos seguintes desta trama: virão atrás de Elizabeth para conseguir o punhal. E sabem que está conosco.

— Na verdade, querem a esmeralda, e pensam que está com Elizabeth, a herdeira de Arturo.

— Sim. Mas a esmeralda pode ser usada tanto no punhal quanto no anel.

— Engenhoso. Isso só pode ser coisa do Besson — defendeu Kent, com ironia.

— Concordamos que fazer um punhal com a esmeralda só podia sair da mente maquiavélica de Besson. É óbvio que é um punhal ritualístico. Só não descobrimos o que o objeto faz.

Kent terminou de montar o sanduíche, com três fatias de pão intercaladas por todos os recheios que tinha encontrado. Daniel franziu a testa e perguntou com espanto:

— Vai mesmo comer isso?

— Qual o problema? É meu almoço.

Daniel viu-o morder o imenso sanduíche com cenoura ralada, mostarda, chucrute, queijo Gruyère, picles de pepino, queijo Brie e maionese de manjeriço. Kent tinha a capacidade de surpreendê-lo com os inusitados recheios dos seus sanduíches. Comentou divertido:

— Essa sua resistência aos sanduíches não terá origem nesses recheios que inventa? Se eu comesse isso, seria o último sanduíche da minha vida.

— Não sei por que implica com os meus sanduíches. Se tivesse comida decente em casa, eu não teria que passar por isto.

Daniel não se conteve e deu uma gargalhada:

— Entendo. *Bon appétit!*

Kent murmurou:

— Precisamos isolar Elizabeth, pelo menos até sexta-feira. Depois decidimos o que fazer.

— Eu sei. Alessia contou que ela foi convidada para uma exposição dos baulé.

— Dos baulé? Que estranho! Quem a convidou?

— Miguel Besson — respondeu Daniel, calmamente.

— Ele está audacioso. Deve ter organizado a exposição só para garantir a presença dela — resmungou Kent, com o rosto contraído, abrindo a porta da geladeira à procura de mais alguma coisa para comer. Falar de Besson sempre o irritava.

— Por isso temos que mantê-la sob controle. Neste momento, qualquer informação pode provocar um dano enorme, além da óbvia

questão da segurança dela.

— Acha que consegue explicar tudo até sexta? — perguntou Kent com um iogurte na mão.

— Pelo menos uma parte. Decidi que vou explicar superficialmente o que é a Ordem. Depois da reunião conto os detalhes históricos... Ainda tenho que falar muito — anunciou, contrariado, fazendo Kent rir. Ele sabia o quanto Daniel apreciava o silêncio.

— Então temos que definir até onde podemos ir, na sexta — disse Kent, ainda rindo.

— Não sei. Preciso avaliar o que vai acontecer. — Daniel ignorou o riso de Kent, e continuou falando. — Achei que ia dar tempo para passar mais informação, mas perdi um dia e meio, na Espanha, para ir ao Mosteiro buscar o documento da autópsia da Angelina. — Justificou-se, com certo desgaste, mudando de assunto. — Para garantir a segurança de Elizabeth chame Uchoa, Dib e Seth, enquanto eu vou falar com ela.

— Com eles ela fica segura, independentemente do que possa ameaçá-la — assegurou Kent.

— Alessia disse que ela marcou um jantar com os amigos amanhã.

— São os seus últimos dias de liberdade. Não interfira — pediu Kent.

— Não tenho intenção de interferir.

— Obrigado pelo almoço — agradeceu Kent em tom de brincadeira, despedindo-se.

9. A herança

Pagamos um preço por tudo o que conseguimos neste mundo, e apesar de valer a pena ter ambições, elas não devem ser alcançadas sem esforço.

Lucy Maud Montgomery (1874-1942)

Elizabeth estava na biblioteca do seu apartamento, sentada em um sofá de dois lugares, entre duas pequenas poltronas de couro, quando Daniel entrou com Alessia. Levantou-se para cumprimentá-lo.

— Padre, como vai? Descansou desde ontem? — perguntou, gentil.

Ele inclinou a cabeça em sinal de concordância, em um movimento tipicamente seu, e sentou-se na poltrona da direita. Alessia ocupou o lugar vago ao lado de Elizabeth, esperando por sua reação à reunião da Ordem.

— Padre, Alessia disse que tenho um compromisso na sexta-feira... É isso? — disse, direta. Alessia trocou um olhar cúmplice com Daniel, mas ele se manteve inalterado e, curvando-se ligeiramente na direção de Elizabeth, perguntou:

— Lembra-se de eu ter falado sobre um grupo de amigos do seu pai?

— Sim, claro...

— Quero pedir desculpas por ter marcado uma reunião com eles já para esta sexta-feira, mas achei melhor acelerar os acontecimentos, depois do incidente na Casa do Lago.

Alessia esboçou um sorriso e deixou-os a sós, aproveitando para embalar as frutas em calda que estava preparando para o Natal. Saiu da biblioteca pensando que Daniel nunca deixava de espantá-la com a forma como resolvia os conflitos, antes mesmo de eclodirem.

— Compreendo. E por que eu nunca conheci os amigos do meu pai?

— Conheceu, mas era criança e não se recorda — respondeu Daniel, paciente. — Ao longo dos anos você conquistou sua independência e cultivou seus próprios amigos, e seu pai manteve as amizades dele. Não foi um segredo. Foram apenas as circunstâncias. Nos reunimos com frequência, aqui ou na Europa, em Londres, Paris, Lisboa, Berlim... — fez um gesto largo com a mão esquerda para dar noção da amplitude geográfica.

— Tenho a sensação crescente de que há um lado do meu pai desconhecido para mim.

— Há sim — confirmou Daniel. — Mas vai ter oportunidade de descobrir. Agora nossa prioridade é protegê-la, e para que isso aconteça deverá nos conhecer. Sei que está cansada e toda esta situação é confusa, porém temos um longo caminho a percorrer até que tudo fique claro, ou pelo menos até que se descubra quem atentou contra você na Casa do Lago.

— Eu sei, padre — respondeu, mais calma, esquecendo a irritação provocada pela reunião inesperada com os amigos do pai.

— Estou aqui por duas razões distintas: a primeira é para falar da reunião do dia 6. Você pode ir? — perguntou delicadamente, como se ela tivesse escolha.

— Posso — respondeu, constrangida, ao recordar sua reação, quando Alessia falou sobre o assunto horas antes.

— Ótimo. O segundo motivo também está ligado à reunião. Há algumas coisas que precisa saber e podem ser difíceis de compreender, por enquanto... — disse em tom de aviso.

— O quê? — perguntou, ansiosa, já sabendo que a presença de Daniel significava sempre alguma revelação bombástica.

— Seus pais eram pessoas especiais, cada um à sua maneira, e ambos lhe deixaram uma herança invisível. Uma herança espiritual.

— Da minha mãe herdei o dom da premonição — sintetizou Elizabeth. — Qual é a herança espiritual do meu pai?

Daniel parou por um segundo, para organizar o discurso, e começou a falar escolhendo as palavras com cuidado:

— Você descende de uma... vamos chamar de "casta especial". Por isso foi naturalmente escolhida para ser parte de um grupo de pessoas peculiares. Essas pessoas, que vai conhecer na sexta-feira, formam uma Ordem, uma espécie de fraternidade dedicada a preservar o conhecimento, entre muitas outras responsabilidades. O lugar do seu pai, entre nós, é uma parte da sua herança.

— Vou ocupar o lugar do meu pai?

— Sim, de certa forma. Mas isso vai depender de um conjunto de fatores: terá que aceitar seus dons e abraçar um destino que lhe permitirá evoluir espiritualmente. E, em algum momento, terá que provar, por mérito próprio, que é merecedora desse lugar.

— Vou entrar para algum tipo de *sociedade secreta*?

Daniel soltou sua gargalhada cristalina, iluminando a sala, e respondeu de maneira dúbia:

— São apenas pessoas especiais, com destinos e dons especiais, digamos assim... seu pai, por exemplo, era um homem extraordinariamente culto e tinha o dom da sabedoria.

— Sim — concordou, emocionada, ao recordar-se do pai, e da sua capacidade para dizer sempre a palavra certa na hora certa.

— Basicamente são todos assim, embora cada um tenha as suas particularidades. Claro que, além de mim, conhece Alessia. Isso deve tranquilizá-la.

— E posso escolher não fazer parte desse grupo?

— Pode optar por não seguir sua evolução espiritual conosco, claro. Mas decida isso depois de nos conhecer — mentiu Daniel, que aprendera a reconhecer a natureza às vezes irreverente de Elizabeth e optou, naquele instante, por lhe dar uma sensação de liberdade, ainda que falsa. A verdade é que ela não tinha escolha, embora Daniel acreditasse que, assim que Elizabeth compreendesse a importância do papel que estava sendo reservado para ela, aceitaria seu destino, sem resistências.

— Fiquei com a impressão que era algo obrigatório, como os sonhos.

— No caso dos sonhos, realmente não se trata de algo que possa escolher. Já sobre a Ordem, a escolha será sua, mas qualquer que seja sua decisão, terá impacto na sua vida.

— Mesmo que eu decida não fazer parte da Ordem? Minha vida vai continuar a mesma... — retrucou, sem compreender.

— Jamais voltará a ser a mesma, independentemente da sua decisão de não ingressar na Ordem — lembrou, com firmeza. — Você é uma pitonisa, e esse fato já é suficiente para alterar sua vida. Em breve começará a sonhar e terá que aprender a controlar seu dom.

Ela fechou os olhos com força, em uma tentativa quase infantil de parar o tempo, querendo apagar tudo, exceto Daniel. Continuou a escutar a voz pausada dele:

— Existe um aprendizado que precisa fazer e nós, da Ordem, iremos ajudá-la. Além de protegê-la, vamos também prepará-la para assumir sua herança.

— E se eu desistir?

O comentário provocou um sorriso sutil em Daniel, que comentou ambigualmente:

— Só poderá desistir se aceitar. Há um caminho a percorrer: primeiro vai descobrir o significado do seu papel na Ordem. Em seguida passará por um intenso treinamento físico e espiritual e, por fim, será testada. Pode não passar no teste.

— Existe um teste? — perguntou, surpresa.

— Lembra que eu disse que terá que assumir sua herança por mérito? É isto: um teste que dependerá exclusivamente de você e da sua força interior.

Daniel ficou calado, esperando que ela captasse a seriedade de tudo aquilo, mas sabia que Elizabeth só compreenderia a profundidade das suas palavras algum tempo depois, quando chegasse o momento de enfrentar a última prova, para entrar na Ordem.

— Parece muito formal... — comentou hesitante.

— É muito formal, Elizabeth — enfatizou Daniel. — É um mundo cheio de regras e princípios. E, como em qualquer decisão, quando optar por entrar para a Ordem, automaticamente rejeitará o resto, todas as outras possibilidades da sua vida.

— Está dizendo de novo que minha vida vai mudar?

— Sim, e completamente. E não é apenas sua vida que mudará, é, também, sua essência.

— Minha essência? — questionou, sem entender.

— Aquilo que você é. Quem você é. Mas só vai saber realmente o que isso significa quando fizer parte da Ordem — assegurou, firme.

Ela ficou em silêncio por alguns segundos, como se começasse a vislumbrar o que estava prestes a acontecer. De repente, perguntou:

— E a Ordem aceita padres?

— Antes de tudo, somos regidos pelas mesmas bases filosóficas. Depois, se somos padres ou rabinos ou monges... é irrelevante. Desde que os princípios sejam rigorosamente respeitados — afirmou, enfático, sem poder explicar, ainda, as razões da sua opção pelo sacerdócio.

— E se eu não concordar com essas bases filosóficas?

Daniel sorriu com os olhos semicerrados e a cabeça ligeiramente inclinada para trás, avaliando-a. Havia nela uma inocência contagiante, própria de quem nunca enfrentara a maldade, que tornava sua beleza mais pura. Seu sorriso era perfeito e os traços suaves. Além do rosto delicado, o corpo esguio se revelava sob o tecido fino do vestido preto. Daniel deixou o olhar passear preguiçosamente pela boca sensual, o pescoço nu, o colo palpitante, a barriga plana e as longas pernas. Sentiu prazer ao vê-la encostada ao sofá, com o vestido mostrando os joelhos bem torneados, e esforçou-se para se concentrar novamente na conversa.

— Tudo o que seu pai ensinou foi para que chegasse a este momento e aceitasse os preceitos da Ordem. Mas durante as próximas semanas terá a resposta à sua pergunta.

— Não me vai contar mais nada, padre?

— A maior parte desses princípios está interiorizada em você. Terá apenas que descobrir até que ponto se sente confortável com os fundamentos da nossa filosofia. Somos um grupo homogêneo, e não podemos ter dúvidas sobre as nossas crenças. Elas são a base da

Ordem. E não são algo que eu possa contar rapidamente. São parte de um aprendizado, Elizabeth.

Ouviram uma batida na porta e Alessia entrou trazendo um chá fumegante, acompanhado de biscoitos de frutos secos.

— Interrompi alguma coisa? Aceitam um chá?

— Obrigada, Alessia. Conversávamos sobre a reunião. Será apenas uma oportunidade para Elizabeth nos conhecer... Nada mais que isso, na verdade — comentou Daniel. — Alessia vai explicar os detalhes sobre a roupa que deverá usar. Como convidada, terá alguma liberdade.

— Existe algum *uniforme*? — perguntou sem conseguir controlar uma ponta de ironia.

— Existe. Mas só para os membros — respondeu Daniel, indiferente à provocação dela.

A resposta soou como uma exclusão daquele elitizado grupo, e nesse instante o desejo de pertencer à Ordem se sobrepôs, pela primeira vez, às suas dúvidas. Elizabeth queria pertencer ao mesmo mundo que Daniel, criar cumplicidades com ele, saber do que ele falava. Embora soubesse que a atração que sentia era imprópria, começava a ter uma dificuldade cada vez maior em controlar as emoções, oscilando entre a atração e a culpa, o desejo e o proibido.

Alessia mordeu um biscoito com delicadeza, e expôs o cerne das suas preocupações, mudando o rumo da conversa.

— Daniel, diga a Elizabeth que ela precisa tomar cuidado. Eu já disse, mas é necessário reforçar que a segurança dela está ameaçada. Não sabemos quem arquitetou o episódio da Casa do Lago — disse pausadamente para que Elizabeth não notasse o tremor na sua voz. Aquele assunto perturbava-a, em especial pela possibilidade de Besson estar envolvido.

— Vou ter cuidado. Combinei um jantar com os meus amigos, mas posso cancelar — ofereceu-se Elizabeth.

— Acho que deve ir — cortou Daniel. — Há mais três pessoas cuidando da sua segurança.

— Quem são?

— Vai conhecê-los na sexta-feira, mas eles já estão lá fora — apontou para a rua.

— E eu não devia saber quem são? — questionou novamente Elizabeth, preocupada.

— Não é necessário. Eles sabem quem você é — afirmou, seguro. — Acho que por hoje chega, não acha?

— Vamos vê-lo antes da reunião? — perguntou Alessia.

— Não sei. Estou com várias tarefas atrasadas e preciso me organizar.

Daniel levantou-se e caminhou em direção à porta da biblioteca, porém, antes que se despedisse, Elizabeth ensaiou um convite tímido:

— Mas almoça, não é, padre? Venha almoçar conosco amanhã. Quem sabe eu consigo arrancar mais algumas informações sobre essa misteriosa Ordem. Que acha, Alessia?

— É uma ótima ideia. Mas da boca dele nem a Inquisição arrancaria nada, se ele não quisesse — disse, brandamente, conhecedora da terrível capacidade que Daniel tinha de guardar segredos. Mas ambos sabiam que os segredos têm uma natureza peculiar: sempre arranjam maneiras de se revelar, caminhos para se esgueirar até a luz, e nem mesmo Daniel conseguiria conter os seus, por muito mais tempo.

— Agradeço o convite. A que horas?

— Meio-dia e meia. Que acha Alessia? — perguntou Elizabeth, enquanto Alessia não conseguia esconder a surpresa por Daniel ter

aceitado o convite. Apesar de ser um excelente comunicador, era avesso ao convívio, e preferia sempre a solidão. Todos sabiam que ele estava se esforçando para ser mais social, o que não deixava de ser irônico, porque passara a maior parte da vida em busca de isolamento, para fortalecer o espírito. Tinha sido um longo aprendizado que lhe dera uma força incomum, transformando-o em alguém com o extraordinário talento de perceber as mais ínfimas nuances do bem e do mal. Kent costumava dizer que Daniel era uma espécie de “radar de Deus”.

— Perfeito — respondeu, acompanhando Daniel, ainda sob o impacto da reação dele.

Ao chegaram à porta do apartamento, Daniel falou baixo:

— Já percebeu que Seth, Dib e Uchoa vão ficar com Elizabeth até sexta, não é?

— Sim. E depois?

— Depois veremos. Um dia de cada vez. Concorda? — perguntou, esperando apenas uma confirmação de Alessia ao seu comentário.

— Tem razão. Eles já estão aí?

— Sim — respondeu, apertando o botão do elevador.

Nesse instante, dona Rosa abriu a porta do apartamento e deu de cara com Daniel. Olhou para Alessia, momentaneamente zonha, incapaz de ocultar o fascínio provocado pela beleza dele, e questionou, curiosa:

— Boa tarde. Está tudo bem?

— Sim, dona Rosa. Este é o padre Daniel, um amigo — apresentou Alessia.

— Boa tarde — Daniel cumprimentou-a entrando no elevador, com alguma impaciência.

— Dona Rosa, como está? — perguntou Alessia, sabendo que ela se sentia solitária desde a morte do marido, anos antes, e se

refugiava no apartamento de Elizabeth para não ver a noite agigantar-se dentro de casa.

— Ouvi barulho e quis ver o que era. Aquele padre é muito bonito — comentou incapaz de ignorar o fato. — Nunca o vi aqui. Mas é muito bonito! Parece um anjo com olhos de vidro.

— É... — comentou Alessia, consciente do efeito que a beleza de Daniel provocava nas pessoas. Era sempre assim. Até ela, mesmo depois de todos aqueles anos de convívio, ficava fascinada, especialmente quando ele estava tranquilo e seu rosto se suavizava, adquirindo traços mais ternos, quase infantis. Era como olhar para uma obra-prima esculpida diretamente pela mão de Deus. Mas ele não parecia ter consciência disso, como se vivesse em um mundo além da matéria, onde a beleza era um mero estado de espírito. Sua indiferença com o corpo tornava-o ainda mais belo.

Alessia abraçou-a com carinho.

— Até amanhã, dona Rosa. Se precisar de alguma coisa já sabe: é só chamar.

— Eu sei. Até amanhã. Tenha uma noite tranquila.

— A senhora também — retorquiu Alessia.

Ao sair do prédio, Daniel sentiu a presença de Seth. Procurou com o olhar ao longo da rua até o descobrir sentado dentro de um discreto carro preto, como um animal camuflado. Daniel tranquilizou-se ao vê-lo ali. Mais tarde chegariam Uchoa e Dib e não havia a menor possibilidade de alguém se aproximar de Elizabeth sem que eles soubessem ou permitissem. Tinham sido treinados para ver o invisível e seus corpos também eram silenciosas armas letais, sempre que necessário.

Elizabeth teve uma noite agitada. Sonhou com os pais, Daniel, Alessia e leões com olhos amarelos, embora não conseguisse entender o significado de todas aquelas imagens. Desde a morte de Arturo sonhava com gente desconhecida, textos em línguas estranhas e os leões. Sempre os leões rondando com os dentes arreganhados. Pegou o caderno que estava na gaveta do criado mudo e escreveu todos os pormenores. Arturo ensinou-lhe que a melhor forma de compreender um sonho passava por anotá-lo ao acordar, para que nenhum detalhe fosse esquecido. Ela tinha cadernos cheios de sonhos que analisara com o pai desde menina. Descobria e decompunha símbolos e seus significados. Arturo dissera que cada pessoa tinha um sistema de referências único, e o que era verdadeiro para uns não era necessariamente válido para outros. Isso a obrigou a criar seu próprio dicionário de sonhos, sem imaginar que aquele treinamento descontraído, em tom de brincadeira, fosse a porta para compreender seu dom oculto — o de espiar o futuro enquanto dormia.

Daniel chegou ao meio-dia e meia, pontual como sempre. Não gostava de atrasos. Dizia que a vida se media em tempo e o respeito pelas pessoas passava, antes de tudo, pelo respeito aos horários — o tempo dos outros.

Elizabeth optara por uma roupa atraente, dividida entre a culpa e o desejo de seduzir Daniel. Escolheu uma calça preta levemente justa, que alongava ainda mais sua silhueta esguia, e uma blusa preta e branca, com gola mandarim. Calçou delicadas sapatilhas pretas de veludo. Prendeu o cabelo longo e liso em um rabo de cavalo bem alto, que revelava a curva perfeita da nuca e lhe

emprestava um ar de menina. Sentiu-se especialmente bonita com a imagem que o espelho devolvia. Ao chegar à sala, Daniel já estava lá com Alessia.

— Olá padre.

— Elizabeth — disse, movendo a cabeça e ignorando, aparentemente, a estonteante beleza dela. Elizabeth se perguntava por que ele não a cumprimentava normalmente, com um abraço, um beijo ou até um simples aperto de mão. Ele criava uma barreira física no trato com as pessoas, embora isso não fosse um comportamento típico do seu status como padre. Bento cumprimentava-a sempre com um beijo, ao contrário de Daniel, que tinha aquela rigidez britânica.

Alessia tinha preparado um delicioso gaspacho, seguido de salada de alface, rúcula, agrião e espinafre com vinagrete de tomate e penne com molho de queijo e nozes. Para sobremesa havia sorvete de nata regado por uma deliciosa compota de manga feita por ela.

Almoçaram falando de amenidades. Foi uma conversa rasa, bem-humorada, e embora Elizabeth achasse que Daniel poderia contar histórias mirabolantes, rapidamente percebeu que ele jamais cometeria a indelicadeza de abordar qualquer tema com conotações religiosas ou políticas à mesa. E isso, de alguma forma, colocava todos os assuntos relacionados com a Ordem fora do escopo da conversa. Mas, durante a refeição, Elizabeth sentiu-se incomodada com o cuidado excessivo que Alessia dedicava a Daniel, ultrapassando o trato normal com um convidado. Tinha visto ela agir assim com Arturo, e, embora não soubesse definir o porquê, parecia que Daniel tinha usurpado o lugar do seu pai. Aquele pensamento provocou uma desagradável sensação de advertência.

Além disso, ao observar Alessia se debruçando para servir Daniel com uma subserviência tão natural, foi assaltada por uma pontada

de ciúme. Nunca tinha sentido aquilo: parecia uma faca rodopiando dentro do peito. Lembrou dos conselhos sábios do pai sobre a infelicidade causada pelo ciúme, e tentou expulsar aquela emoção. Mas ela parecia ter chegado para ficar.

Depois de se despedirem, Daniel entrou no elevador, mas manteve-se no mesmo andar. Assim que ouviu Alessia fechar a porta do apartamento, saiu do elevador e observou o hall, para confirmar que estava sozinho. Sua presença naquele almoço, aparentemente banal, e que tanto espantara Alessia, tinha um propósito oculto. Daniel tirou três objetos dos bolsos: um marcador com ponta de feltro grossa e tinta transparente, um sino de cinco centímetros de altura, e um pequeno caderno de capa de couro negro, repleto de antigos encantamentos tibetanos, como o sino.

Com a caneta escreveu vários símbolos no batente de madeira da porta, enquanto murmurava uma ladainha cadenciada, para evocar a proteção do mundo espiritual. Tocou o sininho três vezes, para chamar os espíritos e, por fim, abriu o caderno e escolheu uma oração que encerrava o rito e selava a entrada do apartamento contra as forças que poderiam perturbar Elizabeth.

Instantes depois, quando ia entrar de novo no elevador, desta vez para partir, ouviu dona Rosa abrir a porta do seu apartamento e cumprimentá-lo. Daniel segurou a porta do elevador e, dessa vez, mirou-a com um sorriso sereno e os olhos brilhantes como diamantes incrustados no rosto. Dona Rosa ficou estática, sem conseguir se mover. O silêncio era total. Ela sentiu-se flutuar um pouco acima do corpo, livre da terrível dor ciática que a afligia dia e noite. Olhou para baixo e reconheceu seu corpo magro e marcado pelas mazelas do tempo, parado na porta, como uma estátua vazia.

Daniel levou o dedo aos lábios, em sinal de silêncio e, no instante em que entrou no elevador, dona Rosa voltou para seu corpo perturbado pela ciática. Não compreendeu o que tinha acontecido, mas ao contrário de Maria, que considerava Daniel uma emanção do mal, dona Rosa achava-o um anjo, uma criatura de luz que viria buscá-la quando sua hora de partir chegasse.

Ainda não eram cinco da tarde, quando Elizabeth adormeceu no sofá do seu quarto, vendo *Casablanca* pela centésima vez. Acordou com o som irritante do celular.

— Sim? — atendeu com a voz ensonada.

— Esqueceu de mim ontem?

Ela sobressaltou-se ao ouvir a voz inconfundível de Miguel.

— Miguel, desculpe...

— Disse que telefonava e fiquei esperando — comentou jocoso, cobrando o esquecimento.

— Perdoe-me, mas não vou poder ir à exposição amanhã. Já tinha um compromisso...

— Para se redimir por não ir à exposição e por não ter telefonado vai ter que jantar comigo.

— Não posso prometer. Vou ter uma semana complicada.

— E sábado?

— Prefiro não marcar para que não me cobre depois, senão vou acumular uma dívida impagável... — protestou, brincando.

— Isso quer dizer que não costuma fazer promessas que não cumpre?

— Evito.

— Então ontem não me telefonou por que aconteceu algo importante — insinuou.

— A verdade, Miguel, é que esqueci — disse com candura desarmante.

— Acabou de ferir meus sentimentos: como pôde se esquecer de mim?

Elizabeth riu para tentar afastar a sensação de que Miguel estava criando uma armadilha em forma de dívida, da qual ela só se livraria quando saísse com ele.

— Não vou dizer mais nada, porque tudo o que digo parece se voltar contra mim.

— Bem, de alguma forma, preciso obrigá-la a jantar comigo.

— Por quê?

— Para tentar seduzi-la — respondeu de forma tão franca que ela quase tomou um susto.

— Como? — perguntou, temendo não ter percebido o comentário dele.

— Você ouviu — falou, devagar, com voz sensual. — Vou seduzi-la.

Nesse momento Alessia bateu na porta e Elizabeth pediu a Miguel:

— Dê-me um minuto. Não desligue — tapou a boca do telefone e elevou a voz: — Entre.

— Trouxe um café — deixou a bandeja na mesinha ao lado do sofá, e perguntou, percebendo que ela estava ao telefone: — Quem é?

— Miguel. Esqueci de ligar ontem e ele está cobrando um jantar como forma de pagamento — contou rindo, sem perceber que os olhos de Alessia faiscaram de raiva.

— Nos próximos dias não devia aceitar nenhum compromisso, até vermos como tudo vai se organizar, não acha?

— Não vou marcar nada, mas ele quer jantar — anunciou com a mão bem apertada sobre o telefone, para evitar que Miguel

escutasse a conversa.

— É melhor almoçar — sugeriu. — Afinal você não o conhece tão bem assim, não é?

— Tem que ser menos conservadora, Alessia — retorquiu com ternura.

— Acho difícil... Além disso, estamos em um momento complicado — lembrou-a, se referindo ao perigo que pairava sobre ela.

— Eu sei. Não se preocupe. Obrigada pelo café.

Alessia saiu do quarto, e Elizabeth voltou a falar com Miguel.

— Desculpe, Miguel...

— Reparou quantas vezes me pediu desculpas desde que nos conhecemos? — disse, rindo.

— Não. O que percebi é que você está sempre rindo.

— A vida deve ser vivida com leveza. Nada de sofrimentos desnecessários porque isso acontece mesmo quando não desejamos.

— Então como lida com eles?

— Podemos falar sobre isso ao jantar: como viver com alegria. É um ótimo tema. Que acha?

— Vamos deixar isso suspenso.

— Está me tratando muito mal — comentou com mágoa fingida.
— Passou dois dias seguidos me rejeitando.

— Só não quero me comprometer e depois desmarcar — justificou, rindo, mas sentindo-se pressionada.

— Compreendo — respondeu sério, mudando o tom da conversa.

— Fico à espera que me telefone para combinarmos um jantar. Está melhor assim?

— Obrigada Miguel — respondeu, aliviada. — Falamos na próxima semana.

— Não se esqueça de mim — terminou com uma intimidade que parecia natural e fez Elizabeth sorrir.

Miguel conseguia sempre transmitir alegria, como se tudo fosse simples. Pensou que ele representava um contraponto ao momento que estava vivendo, impregnado de segredos e informações. Levantou-se do sofá feliz, pensando no jantar com os amigos, mas sabia que a principal razão para sua alegria se devia, cada vez mais, à proximidade de Daniel.

Elizabeth encontrou-se com os amigos em um dos muitos bares da Vila Madalena. André e Áurea anunciaram que iam casar, depois de um namoro de sete anos, entre idas e vindas. Áurea estava enlouquecida com uma organizadora de festas que a mãe insistira em contratar. Ao vê-la subjugada por milhões de detalhes, André, sempre pragmático, tinha proposto que fugissem para casar em Las Vegas, um clichê das comédias românticas modernas que o deixaria muito feliz.

— Seria um escândalo. Minha mãe se suicidaria — respondeu Áurea. André franziu a testa e fez uma expressão que revelava que aquilo não seria uma má ideia.

A noite passou tranquilamente e cada um deu ideias diferentes para a festa, sem chegarem a conclusão alguma.

Na sexta-feira, às sete e meia da manhã, Miguel foi trabalhar muito mal-humorado. Não via Elizabeth desde o dia do acidente de carro. Tentou convencê-la a visitar a exposição dos baulé, por saber que remetia às suas origens africanas, mas mesmo recorrendo àquele pretexto, não conseguiu vê-la. Queria falar com ela antes que

voltasse ao trabalho, no dia 16 de novembro. Faltavam dez dias. Embora Miguel fosse tranquilo, por natureza, sentia-se ansioso por saber que o tempo não estava a seu favor. Assim que entrou no escritório ligou para Tereza, sua assistente, que chegaria às oito e meia.

— Tereza?

Ela estranhou o horário do telefonema. Imaginou que devia ter acontecido alguma coisa inesperada para que ele ligasse tão cedo.

— Miguel. O que aconteceu?

— Preciso que marque uma reunião com o Conselho, amanhã às dez da noite.

— Amanhã?

— Sim. Algum problema? — questionou, com secura.

— Não. Mas costumamos marcar com uma antecedência maior para que todos tenham tempo de se organizar.

— Tem trinta e seis horas. É mais do que suficiente — disse friamente.

As palavras chegaram até ela sob a forma de uma ordem indiscutível, embora naquela manhã Tereza tivesse percebido que havia algo diferente, um tom metálico na voz dele.

— Vou marcar a reunião. Qual o motivo? Caso perguntem — atalhou, na defensiva.

— Diga que é do interesse de todos nós — respondeu encerrando a conversa antes que ela pudesse perguntar mais alguma coisa.

Miguel era o mentor da “Irmandade da Fênix”. O nome tinha origem em antigas lendas sobre a rara ave, que possuía a capacidade única de renascer das cinzas. Ele apreciava a ideia de algo indestrutível, que lembrasse constantemente que o objetivo da

Irmandade estava ligado à capacidade das pessoas se reinventarem — uma habilidade peculiar que desenvolvera ao longo dos tempos, sempre com muito sucesso.

A Irmandade da Fênix funcionava como uma espécie de ONG, orientada para ajudar regiões massacradas por guerras ou catástrofes naturais. Por muito que Miguel se esforçasse, havia sempre muita gente que não conseguia ajudar. Como o dinheiro era insuficiente, Miguel criou um conselho consultivo que analisava as situações e tomava decisões sobre a melhor alocação dos recursos financeiros e humanos.

Tereza, assistente de Miguel Besson, o principal acionista da UniTouch, nasceu em São Paulo, em uma família de classe média alta que lhe proporcionou uma vida confortável. Sua pele naturalmente bronzada, os cabelos lisos negros, e os olhos castanhos amendoados, revelavam traços indígenas herdados da sua avó materna.

Tereza se apaixonou por Miguel quando o conheceu, uma década antes, aos vinte e oito anos, e apesar do seu relógio biológico enviar todos os sinais possíveis, sentia a maternidade escapar-se. A espera por Miguel a encheu de ressentimentos. Aquela paixão não correspondida fez dela uma mulher amarga, que vivia dominada pelo medo de perder o emprego para alguém mais jovem ou simplesmente mais eficiente. Durante o período que trabalhou com Miguel, sua ética e escrúpulos desvirtuaram-se e ela criou uma rede de pessoas que manipulava para atender aos seus desejos. Era temida, mas não respeitada, e circulavam várias histórias na empresa sobre sua crueldade.

Tereza se questionou sobre o que poderia ser tão importante ou urgente para Miguel marcar uma reunião da Irmandade com pouco mais de um dia de antecedência. Percebeu que aquela sexta-feira seria um dia difícil, apesar de não ter a mínima ideia sobre as razões para Miguel estar tão agressivo. Por mais que organizasse sua agenda profissional e participasse tanto do trabalho na UniTouch quanto da Irmandade, Tereza sabia muito pouco sobre ele e sua vida privada.

Não havia muitas informações sobre Miguel. Sabia-se que era francês e dono de uma fortuna de valor desconhecido. Morava em São Paulo havia onze anos, mas era muito discreto e nunca tinha sido associado a mulher alguma, embora houvesse vários rumores. Solteiro cobiçado, possuía a incrível capacidade de desaparecer sempre que havia fotógrafos por perto.

Embora não demonstrasse, Miguel sabia dos sentimentos que Tereza nutria por ele, e sabia também que o fato de não amá-la a transformou em uma mulher rancorosa. Aquela paixão amarga tornava Tereza uma ameaça para os relacionamentos pessoais de Miguel. Por isso, teve sempre o cuidado de mantê-la afastada da sua vida privada, delimitando claramente as fronteiras em que sua atuação era permitida. E quando percebia que ela queria se aventurar um pouco mais na sua vida, tratava-a com frieza desencorajadora.

Tereza desconhecia que os motivos da perturbação de Miguel estavam relacionados com Elizabeth. Depois de tantos anos de espera, ter finalmente falado com ela, tocado na sua mão, beijado seu rosto, após o acidente de carro, aguçou seu desejo. Miguel não

podia perder a oportunidade de aproximar-se dela. Havia muito em jogo.

10. A reunião

Não julgues. A vida é um mistério, cada um obedece a leis diferentes.

Jeanne de Vietinghoff (1875-1926)

A tarde de sexta-feira voou. Elizabeth reuniu-se com a equipe de economistas e advogados responsável pelos seus investimentos, e foi informada sobre as doações que seu pai fazia a várias instituições nos lugares mais dispersos e escondidos do planeta. Elizabeth não alterou as linhas de atuação de Arturo sobre os investimentos, as doações nem a composição da equipe. No final da tarde, estava com a sensação de que controlava novamente sua vida. Pensou que não havia nada como falar com um grupo de advogados para devolver a normalidade ao cotidiano. Eles resolviam tudo: eram uma espécie de anjos da guarda muito mais caros que os seguros, mas, em certas circunstâncias, muito mais eficazes.

No início da noite preparou-se para conhecer os amigos do pai. Tomou um banho relaxante, para diminuir a ansiedade que sentia, e escolheu a roupa, lembrando as instruções de Alessia: traje formal, cores neutras, ausência de joias exuberantes ou decotes

acentuados. Algo elegante e conservador. Abriu o closet e, no canto esquerdo, viu a fileira de vestidos *vintage* que haviam pertencido à sua mãe. Gostava particularmente de um deles, embora nunca o tivesse usado por considerá-lo formal demais. Tratava-se de um longo de cetim, justo ao corpo, com manga comprida, decote suave em V e uma pequena cauda que arrastava no chão. Assim que experimentou percebeu que tinha feito a escolha certa: o azul profundo do tecido destacava sua pele pálida, emprestando-lhe um ar sóbrio, embora leve. Como adorno, usou os delicados brincos de diamante, oferecidos pelo pai, no seu aniversário de quinze anos.

Às nove da noite, entrou pela primeira vez na sede da Ordem, uma admirável casa oculta por um alto muro, no Morumbi, e que era um dos lugares mais exclusivos e privados: o misterioso clube que Arturo frequentara durante anos, sem que ela soubesse. Alessia, que conhecia bem o lugar, caminhou à sua frente, conduzindo-a discretamente. Passaram por várias seguranças e encontraram Manfred Kräuser, o elegante mordomo alemão que as esperava na porta principal para guiá-las através das imensas salas vazias e silenciosas.

Manfred era o fiel depositário de parte dos segredos da Ordem. Aos vinte e cinco anos, começou a trabalhar com Arturo, que fora amigo do seu pai, e ajudara a mãe a instalar-se no Brasil. Em menos de um ano tornou-se o mordomo mais jovem da Ordem, cuja história remontava muitos séculos antes. Há quarenta anos que Manfred participava daquela vida cheia de regras e protocolos seculares, que ele dominava com maestria. Tinha sido leal a Arturo e lamentou sua morte como quem lamenta a perda de um grande amigo.

Ao ver Elizabeth, com o cabelo preso em um coque clássico, desnudando as linhas da nuca, Manfred soube imediatamente que era a filha de Arturo e Angelina. As semelhanças eram inegáveis: era uma cópia exata da mãe, de quem se lembrava perfeitamente. Acompanhou Alessia e Elizabeth através de quatro salas vazias, ricamente decoradas com peças de arte antiga e conduziu-as até o elevador, todo de madeira, exceto por um grande espelho de moldura dourada. Desceram para o subsolo e a porta abriu diretamente para uma saleta com algumas cadeiras, uma mesa com livros de arte e um pesado vaso de alabastro do século XIII com a base em mármore lúcido. O espaço da parede, acima da mesa, era ocupado por um Monet. À esquerda havia duas imensas portas de madeira, fechadas. À direita, Manfred abriu as portas de madeira e vidro, de uma sala maior, decorada em tons de azul, com um imenso tapete persa.

Quando entraram, as cinco pessoas sentadas em poltronas individuais dispostas à volta de uma sólida mesa de madeira redonda se levantaram. Mas a atenção de Elizabeth foi totalmente absorvida por Daniel, como se ele tivesse sugado toda a energia da sala. Era a primeira vez que o via sem batina, com um terno preto, camisa branca irrepreensível e gravata em tons de cinza. Estava perfeito.

Elizabeth, aturdida pela presença magnetizante de Daniel, não percebeu o choque que provocou em todos os que a esperavam. Até Alessia, apesar da convivência diária, quando a vira surgir, uma hora antes, com aquele vestido e o cabelo preso, se assustou com a semelhança entre ela e a mãe, embora os olhos de Elizabeth fossem claros e os de Angelina dourados. De qualquer forma, à primeira vista, era difícil distingui-las. Angelina usara aquele vestido quando estivera ali com Arturo uma única vez, para ser apresentada àquelas

mesmas pessoas. E, apesar de Elizabeth desconhecer aquele fato, o vestido azul estabelecia uma estranha ligação entre elas.

Após alguns segundos, que ela não pareceu notar, Alessia tocou no seu braço:

— Elizabeth, estes são os amigos mais fiéis do seu pai.

Ela fez um esforço para afastar os olhos de Daniel, aparentemente indiferente às emoções que suscitara. Tentou controlar o coração descompassado e se voltou para o primeiro integrante do grupo:

— Kent. — Ele estendeu a mão para cumprimentá-la com um aperto firme, perscrutando-a com os olhos negros e profundos.

— Muito prazer.

— Sou Seth. E tenho que dizer que está muito parecida com sua mãe.

— Conhecia minha mãe? — perguntou, lembrando que Daniel havia dito, na Casa do Lago, que conhecera sua mãe em São Paulo. Talvez ela também tivesse estado ali.

— Todos nós a conhecemos — enfatizou Seth, sério.

— Vou considerar isso como um elogio, porque meu pai falava muito da beleza dela — disse com um sorriso suave.

— Uma beleza lendária, sem dúvida. Sou Dib — sorriu, mostrando os dentes imaculados.

— Muito prazer, Dib.

— Uchoa, o mais simpático dos amigos de seu pai — cumprimentou-a descontraído, com um sorriso felino na boca perfeita.

— Muito prazer — respondeu, encantada com o sorriso genuíno. A seguir, virou-se para Daniel. Ele estendeu a mão em silêncio e apertou os dedos dela devagar contra os seus, em um movimento sensual que só os dois perceberam. Ela sentiu o efeito de uma descarga elétrica. Tentou parecer normal:

— Como vai?

— Bem, obrigado — respondeu, enigmático. Desde que ela chegara, ele também tentava dominar o prazer que sentiu ao ver as formas do corpo dela suavemente moldadas pelo longo de cetim.

— Sente-se aqui — disse Kent, apontando para uma cadeira vazia à sua esquerda.

Elizabeth observou o grupo discretamente, e calculou que Arturo devia ter, no mínimo, vinte anos a mais que qualquer um deles. A exceção era Alessia, que escondia sua idade indefinida com tanto cuidado como se fosse um segredo de Estado. Não pôde deixar de achar estranho que os amigos mais íntimos do pai fossem muito mais novos do que ele. Percebeu que estavam todos de preto, com camisa branca e gravatas, embora diferentes, em tons de cinza. Lembrou-se de ver o pai com aquela roupa, quando dizia que ia ao *clube*. Agora, tinha, finalmente, descoberto qual era o *clube* frequentado por ele.

Kent percebeu que ela estava avaliando o ambiente e disse, para atenuar o formalismo:

— Não temos o hábito de receber visitas, mas foi aqui que conhecemos sua mãe e achamos que seria uma boa ideia recebê-la também.

Ao ouvir a breve explicação de Kent, Elizabeth confirmou sua percepção inicial, de que Angelina visitara aquele mesmo lugar.

— Aceita um chá ou uma água? — perguntou Alessia na ocasião, para evitar que comparassem novamente as duas. Sabia que o assunto perturbava Elizabeth, em especial depois de descobrir que havia um assassino à solta, pronto para dar-lhe o mesmo fim da mãe.

— Um chá, por favor — pediu, para mascarar o nervosismo que a assaltara.

— Alguém mais quer chá? — insistiu Alessia.

— Não, talvez mais tarde — respondeu Kent, como se falasse por todos.

Alessia levantou-se e serviu o chá do samovar de prata, em duas xícaras de porcelana delicada, com motivos florais. Colocou uma das xícaras na mesa, à frente de Elizabeth, e levou a outra para seu lugar, entre Uchoa e Dib. Kent falou novamente:

— Então Elizabeth, como se sente?

— Não sei — respondeu hesitante. — Ainda não assimilei a perda do meu pai, mas depois disso já tive vários choques...

— Daniel é especialista nisso. Quando acontece algo terrível, ele nos dá um choque terapêutico para lembrar que tudo podia ser muito pior — comentou Seth, provocando uma onda de riso contido e discreto, exceto em Daniel, que sorriu e respondeu pausadamente:

— Estamos aqui para conhecer Elizabeth e cumprir a promessa que fizemos a Arturo: que o lugar dele na Ordem seria herdado pela sua filha. Por isso, mesmo antes dela se tornar uma de nós, temos a obrigação de protegê-la de quem a persegue.

Resumiu a situação, olhando diretamente para Elizabeth:

— Na realidade, existem duas ameaças: a primeira é alguém que quer os objetos do Graal e para quem o assassino de Puebla de Sanabria, John MacGee, trabalhava. Ele matou dez pessoas, e como não atuava sozinho, o segundo criminoso deverá continuar a persegui-la.

— E sabem que objeto ele quer? — perguntou Elizabeth.

— O punhal usado para assassinar sua mãe, com a esmeralda de Lúcifer na base. — informou Daniel, sintético. — Mas além dessa ameaça, existe uma segunda, associada ao seu dom e às mortes da sua mãe e da sua avó.

— Como é que as duas ameaças não estão ligadas, se o assassino quer o punhal que matou minha mãe?

— Não disse que não estavam ligadas. — Daniel falava com uma calma fria, medindo as palavras. — Afirmei que são duas ameaças distintas que podem ou não ter origem na mesma pessoa. Acontece o seguinte: os criminosos de Sanabria sequestravam as pessoas e assassinavam dois dias depois do sequestro, após pedirem os objetos como resgate.

— Que objetos? O Cálice e o Livro? — perguntou confusa, pensando nas relíquias graáficas.

— Não. O Cálice e o Anel de Salomão.

— E se as pessoas não os tivessem? — questionou Elizabeth.

— Todos foram mortos, independentemente de terem ou não os objetos — respondeu Kent, trocando um olhar com Daniel, preocupado com os efeitos que todas aquelas revelações poderiam ter sobre Elizabeth. Apesar de não desejar que ela entrasse em pânico, Daniel continuou o exercício de sistematizar a informação disponível:

— Se a pessoa que deseja o punhal for também responsável pelas mortes da sua mãe e avó, não vai assassiná-la por causa do punhal. Você é valiosa demais, e certamente está destinada a participar de algum ritual...

— Que tipo de ritual? Para adquirir os meus poderes, me assassinando?

— Estamos pensando que pode ser um pouco mais complexo que isso, embora possa envolver sua morte. Mas não temos a certeza. Kent está tentando descobrir algo concreto que nos ajude a compreender o que podem querer de você.

Elizabeth mal podia acreditar que estavam discutindo calmamente as possibilidades da sua morte, em especial Daniel, que não

demonstrava um pingo de emoção, e analisava tudo com a tranquilidade de um bom jogador de pôquer. Lembrou das vezes em que ele segurara sua mão com ternura, mas agora lhe parecia tão diferente — parecia alguém capaz de cometer as maiores barbaridades com a mesma serenidade com que bebia um copo de água. Baixou o olhar para o tampo da mesa, tentando ocultar as lágrimas súbitas. Sentia-se perturbada tanto pelas ameaças de morte que pendiam sobre ela, quanto pela frieza aparente de Daniel.

— Elizabeth? — chamou Alessia, ao perceber sua quietude. — Sabemos que isto é assustador, mas estamos ao seu lado, querida.

— Eu sei... — murmurou sem convicção, tentando enganar a angústia.

— Talvez ache que não tenho um pingo de compaixão... Mas não é nada disso. Neste momento temos que ser racionais, incluindo você, para analisarmos a situação. Elizabeth? — Daniel tentava acalmá-la, evitando se envolver emocionalmente. Já bastava olhar para ela, sentir vontade de tê-la entre os braços e acariciar a linha perfeita da nuca exposta.

Ela olhou-o, tranquilizada pelas suas palavras, feliz por perceber que ele não estava sendo indiferente, apenas racional.

— Eu compreendo — respondeu mais serena.

— As ameaças à sua vida são uma parte do que precisávamos falar. Existe mais uma coisa...

— O quê?

— Já comentei que para pertencer à Ordem, terá que merecer o lugar que seu pai deixou. Não basta que haja um lugar entre nós, que é algo que não acontecia há muito, mas muito tempo mesmo! — enfatizou Daniel, sinalizando uma situação sobre a Ordem, que ela só compreenderia depois. — Vai ter, também, que conquistá-lo.

— Como? — Elizabeth surpreendeu-se com a importância que aquilo parecia ter adquirido.

— Vai passar por um treinamento dividido em três partes: a preparação do intelecto, para conhecer a história da Ordem e os seus princípios filosóficos. A preparação do espírito, em que vai aprender a controlar os sonhos e a criar defesas e a preparação do corpo. Embora seu pai já tenha dado uma boa estrutura para compreender tudo o que vai precisar, não vai ser fácil. Uchoa, Dib e Seth vão treiná-la.

— Treinar-me? — perguntou, vendo a reunião se transformar em uma missão de vida, independente da sua vontade.

— Até entrar na faculdade, seu pai fez com que praticasse esgrima, Tai Chi Chuan e Tae Kwon Do, por tudo isso ser parte do nosso treinamento. Eles vão ajudá-la a recordar o que aprendeu e a ter um olhar diferente sobre o que já sabe. Além da mente, seu corpo tem que estar saudável e equilibrado. Alessia vai preparar uma dieta especial, que não será difícil por você já ser vegetariana. Em um mês, dia 6 de dezembro, encontramo-nos novamente para avaliar seu progresso.

— O meu progresso? — perguntou, sentindo como se estivesse de volta à escola.

— Para seu teste final — Daniel concluiu. — Mas não se preocupe: só fará o teste quando estiver pronta.

— E se eu não quiser?

— Já falamos sobre isso — lembrou Daniel, suavemente. — Compreendo seus receios. Tememos o que desconhecemos. Mas vamos tentar mostrar o que significa pertencer a esta Ordem. Depois decidirá se quer ou não. Também pode acontecer que não se enquadre nas nossas regras. Por isso, faremos um caminho juntos. Alessia vai ajudá-la com os sonhos, e eu vou explicar a origem da

Ordem e seus preceitos. Quando eu não puder, Kent irá no meu lugar. E, em algum momento, a decisão ficará clara, tanto para você quanto para nós.

Definiram uma nova rotina para Elizabeth: das cinco às oito da manhã teria treinamento diário de esgrima com Seth, Tai Chi com Dib e Tae Kwon Do com Uchoa. Ela se abalou com aquela possibilidade: três horas de treinamento diário era violento, mas começar tão cedo parecia insustentável. Ainda pensou em se opor, mas eles falavam com tanta naturalidade que achou que todos tinham passado por aquela maratona e aceitou, aquiescendo com a cabeça.

Por fim Daniel ficou em silêncio, e fez um ligeiro sinal a Kent para encerrar a reunião, enquanto Alessia servia chá.

Elizabeth notou que Daniel inspirava respeito e quando falava todos ficavam atentos, como um bando de lobos perante o macho alfa. Sob a aparente leveza da conversa, pressentiu um mundo de normas que Daniel orquestrava sem esforço. Não sabia o que era, mas sua intuição dizia que estava vendo apenas a superfície de uma realidade misteriosa e densa. Talvez até perigosa. Por outro lado pensou que, se seu pai fizera parte daquele grupo, então devia ser algo bom, porque Arturo não a iria expor a qualquer situação maléfica.

Nos momentos finais da reunião, despediram-se afetuosamente e até Daniel a beijou no rosto, deixando uma marca acesa na pele acetinada. Ela aspirou o perfume intenso, de um fôlego só, e sentiu-se tomada por um desejo que não queria.

Alessia acordou às três da manhã com os gritos de Elizabeth. Correu para o quarto dela, sabendo que os sonhos haviam

começado e um véu iria se romper, sem ninguém imaginar que revelações seriam feitas ou que tragédias e segredos seriam desvendados.

Acendeu a luz, mas Elizabeth continuava se debatendo no meio do sono:

— Elizabeth, acorde — tocou gentilmente os ombros, e repetiu seu nome para resgatá-la da profundidade do sono. — Elizabeth. Elizabeth é só um pesadelo. Elizabeth.

Ela abriu os olhos, ainda sob os efeitos do susto, atordoada pelos gritos da sua própria voz.

— Foi um pesadelo — disse, entregando o copo de água que estava sobre o criado mudo.

— Era tão real. Preciso anotar... — afirmou Elizabeth depois de beber um gole de água.

— Primeiro conte o que era — pediu, ao sentar na cama, acariciando as suas mãos frias.

— Havia leões brancos à minha volta e um deles atacou-me. A boca dele estava aberta sobre minha cara, aqui — mostrou erguendo a mão direita e colando-a ao rosto, em forma de concha. — Com os dentes afiados, os olhos amarelos, e as patas em cima do meu peito.

— Como era esse leão? Lembra se ele tinha alguma marca diferente?

Elizabeth fechou os olhos com força e esforçou-se por resgatar os detalhes do sonho:

— Tinha uma mancha negra na pata direita. Era a pata que ficava em cima do meu peito e me pressionava contra o chão.

— E os outros leões? — perguntou com naturalidade, apesar de sentir seus temores aumentarem ao ouvir a descrição do inconfundível leão da pata negra.

— Brigavam, e um deles mordeu o que estava em cima de mim. Entretanto, o padre Bento apareceu e ajudou-me a levantar do chão, mas um dos leões atacou-o. Havia sangue no peito do padre Bento e o leão da pata negra voltou-se outra vez para mim e... você me acordou.

— Mas Bento ficou bem? — Alessia preocupou-se, apesar de parecer ilógico que alguém fizesse mal a Bento. Ele não estava envolvido com aquilo, exceto pela sua relação com ela.

— Não sei... Acordei antes de descobrir. Só vi uma mancha de sangue no peito dele.

— O que sentiu durante o sonho? Medo, ansiedade, proteção?

Elizabeth parou um segundo para pensar. Recordava-se bem da insistência do seu pai para que decifrasse os sentimentos dominantes dos sonhos. Ele argumentava que, além dos sonhos possuírem um componente simbólico, as emoções eram pistas das intenções ocultas em cada sonho. Dizia que tudo aquilo com que sonhava, eram os acontecimentos e as emoções que apontavam se o rumo desses acontecimentos seria bom ou mau.

— Medo. Era tudo muito intenso. — Elizabeth estava consciente que os leões eram um sonho recorrente na sua família.

— Sentiu medo por haver algum tipo de perigo.

— Pode ter a ver com essa história do assassino?

— Sim. E você não deve ficar sozinha — afirmou Alessia, decidida.

— Tem a certeza que não está exagerando?

— Tenho, querida. Infelizmente é assim mesmo. Você começou a sonhar e a partir deste momento tudo pode se complicar.

— Já sonhei antes — tentou justificar.

— Mas agora os seus sonhos estão adquirindo significado, revelando o futuro.

— Como pode ter tanta certeza?

— Esse leão da pata negra com que sonhou... — Alessia hesitou por um momento, antes de decidir revelar por que seu medo aumentou. — Ele perseguiu sua avó durante a vida toda. E sua mãe também sonhou com ele.

— Elas sonharam com ele? E o que significava?

— Não sei. Mas sua avó foi assassinada e depois despedaçada por um leão. E sua mãe também foi assassinada. Vamos ter que descobrir o que esse sonho significa para você.

— Acha que foi esse leão, com a pata negra, que matou minha avó?

— Não sei, querida.

— Estou cansada — comentou Elizabeth, rendida às emoções.

— Parte do seu aprendizado passa por vencer esse cansaço. Vai aprender a não se envolver nos sonhos, a ser apenas uma espectadora — beijou-a na testa. — Agora tente descansar.

Elizabeth tinha certeza de que o sonho era um mau presságio. Durante a infância e adolescência seus pesadelos com leões preocupavam o pai, até que desapareceram quando mudaram para São Paulo. Mas agora tinham voltado, repletos de simbologias ameaçadoras.

Anotou o sonho num caderno novo, de capa dourada. Estava completamente insone e lembrou do conselho de Daniel sobre rezar para os anjos às três da manhã. Abriu o livro de orações da mãe e começou a ler os títulos. Havia orações contra todos os males possíveis. Quatro mulheres da sua família escreveram aquelas orações. Em algumas páginas havia ritos de proteção, bebidas, ervas e referências a objetos sagrados. Elizabeth percebeu que aquele caderno continha muito mais do que orações: era um caderno de magias, conjurações e exorcismos, com trezentas e setenta páginas minuciosas. Tratava-se de uma combinação de textos que abrangia a

proteção do corpo e da alma contra as terríveis forças do mal. Virou as folhas devagar, espantada com a clareza das explicações e a profusão de nomes de santos e ritos. Descobriu, logo nas primeiras páginas, uma antiga reza contra o mau olhado, que sugeria o uso de um escapulário com o olho grego, um talismã do Oriente Médio que protegia contra a inveja. Na página cento e trinta e quatro encontrou uma novena para afastar os pesadelos, e tornar as mensagens claras, sob a proteção de são Jorge. Elizabeth achou que seria uma boa ideia rezar como suas antepassadas e, sem alarde, começou a trilhar o caminho secreto das invocações mágicas e a descobrir quão poderosas eram as palavras.

Miguel também não teve uma noite tranquila. Enquanto Elizabeth se arrastava para fora do seu pesadelo, no mesmo horário, às três da manhã, ele passou à frente da porta do prédio dela e viu Seth rondando como um cão de guarda feroz. Quando seu carro cruzou a rua, no local onde Seth estava de pé, quase imóvel, eles mediram-se friamente, antecipando o que parecia ser um confronto inevitável e violento.

Miguel não parava de pensar em uma forma de tirar Elizabeth dali. Sabia que a presença de Seth era apenas parte do problema. A parte visível do problema. Por trás, nas sombras, estava se preparando a verdadeira batalha, que ficara latente durante séculos.

Às dez da noite o Conselho reuniu-se. Apesar do seu habitual autocontrole, Miguel conteve a ansiedade com esforço: a cada instante a imagem de Elizabeth crescia dentro dele, e a importância de tudo o que ela representava agigantava-se.

Entrou na sala com a longa capa vermelha sobre a roupa esportiva e ocupou seu lugar na mesa redonda. Começou a reunião com um mantra e avaliou silenciosamente os membros da Irmandade, percorrendo-os com um olhar analítico. Eram seis pessoas, além dele: Tereza, sua assistente; Juan Penafor, diretor de Marketing na UniTouch; Ambrósio Santos, um português de cinquenta e dois anos que passara a maior parte da vida na África; Frederico Buonaventura, o mais velho, descendente de índios brasileiros, com cinquenta e sete anos; Kami, uma havaiana de quase cinquenta anos; e Georgia Ivanović, a mais jovem, uma sérvia de trinta e cinco anos, embora lhe pesassem como se fossem cem.

Eram pessoas solitárias, magoadas e ressentidas, e, exceto Tereza, tinham um passado trágico. Miguel sabia que aquela energia imensa, gerada pelo desespero, tinha que ser canalizada de alguma forma. Tinha-os escolhido pelas suas histórias dramáticas e por conhecerem a maldade e buscarem a redenção. Eles eram almas negras à procura da salvação.

— Imagino que estejam se questionando sobre a urgência da reunião. Bem... Trata-se de Elizabeth Blanchefort. — Miguel começou a falar calmamente.

— Sabemos que ela é importante, isto é, se for mesmo capaz de ver o futuro e o passado... Mas convocar uma reunião com tanta urgência só para tratar deste assunto parece excessivo. — Tereza comentou ácida, sem conseguir se controlar. Elizabeth incomodava-a. Já a tinha visto na empresa e desde sua chegada, quase dois meses antes, só se comentava sua beleza. Além disso, sentia que Miguel se alterava quando falava nela. A raiva que Elizabeth lhe suscitava desnorteou-a a ponto de ultrapassar os limites com Miguel: falar com ele daquela forma foi um erro que Tereza percebeu quando já era tarde demais. Viu como ele a olhou, em silêncio, sem

mover um músculo do rosto belíssimo ou das longas mãos pousadas sobre a mesa. Parecia uma estátua, e ela soube que ele estava pensando no que faria. Ele tinha a capacidade de levar as situações ao extremo, até torná-las insuportáveis, e a sala foi-se enchendo com seu silêncio e imobilidade. Tereza começou a sentir o estômago às voltas, temendo a reação dele. Miguel era imprevisível, mas nunca deixava alguém impune por um erro. E Tereza acabara de cometer um. Finalmente ele falou devagar, cortante, como se as palavras fossem feitas de aço.

— Imagino que esteja perturbada com algo grave. Não vejo outra razão para sua atitude. Até onde sei, eu determino a importância e os assuntos que debatemos. Ou estou enganado, Tereza?

— Não — respondeu pálida. Miguel tinha a habilidade de destruir uma pessoa em poucas palavras, não apenas pelo que dizia, mas principalmente pela frieza com que o fazia e pelo seu olhar implacável. Tereza achava que quando ele se alterava até os seus olhos mudavam de cor. Mas não tinha certeza.

— Quer dizer algo que não sabemos? — insistiu irônico, com os olhos fulgurantes.

— Não. Desculpe, Miguel — respondeu, sentindo o coração pular dentro do peito e as mãos frias, pelo nervosismo. Parecia que estava de novo com seis anos, sendo repreendida pela professora à frente dos colegas de classe. Naquele momento odiou-o.

— Desculpada. Só desta vez — respondeu aborrecido, como um pequeno deus complacente, aumentando a ira dela. Miguel achou que o início daquela reunião era um mau presságio. Tinha sido um erro envolvê-los no assunto de Elizabeth. Mas, no momento, pareceu uma boa ideia que soubessem quem ela era e o quanto parecia importante que ela fizesse parte da Irmandade. Continuou falando, agora para os restantes.

— Ao contrário de Tereza, acredito que se justifica uma reunião para falar de Elizabeth. Com seu dom ela pode nos ajudar a conhecer o futuro e o passado. Eu sei que, para alguns, o passado é mais importante que o futuro. Porém, da forma como tudo está se encaminhando, a possibilidade de Elizabeth pertencer ao nosso círculo é cada vez mais remota.

— Daqui uma semana ela volta ao trabalho e vou me aproximar dela, já que a força não é uma alternativa — afirmou Penafor.

— Não me parece que resulte. Já percebemos isso, Penafor. — Ambrósio usou sua voz de barítono para anunciar que aquela deixara de ser uma opção. No máximo, Penafor conseguiria vigiar os passos de Elizabeth na empresa, mas não mais que isso. Dificilmente ela criava laços pessoais com um colega de trabalho, e isso já tinha ficado claro no seu comportamento antes da morte do pai.

— Então proponham alternativas — respondeu Penafor de forma contundente.

— Elizabeth passa a ser uma responsabilidade minha — concluiu Miguel, agora decidido a afastá-los de Elizabeth. — Mas quero que descubram o máximo possível sobre as pessoas que estão com ela. Façam o que for necessário.

Embora Miguel soubesse tudo sobre o grupo que protegia Elizabeth, queria testar até que ponto um estranho poderia descobrir quem eles eram e o que faziam. Aquilo parecia vital para seu plano, mas, principalmente, para sua própria proteção.

— O que for necessário? — perguntou Frederico com uma entoação metálica, que camuflava certa violência.

— Sim — reforçou Miguel. — Ambrósio e Tereza serão responsáveis pela investigação. Como temos pouco tempo, reunimo-nos no próximo sábado.

— E como pretende atrair Elizabeth? — questionou Tereza, e ele percebeu o ciúme dela.

— Não se preocupe com isso. Concentre-se nas suas tarefas — disse em um tom seco, quase de ameaça, intimidando-a e fazendo com que se calasse.

— Mesmo horário? — perguntou Georgia, sobre o horário da reunião na semana seguinte.

— Sim — concordou Miguel. — Acho que por hoje é tudo. Kami, você está resolvendo a questão das túnicas para as boas-vindas da Elizabeth, não é?

— Sim, Miguel. Linho branco, como pediu.

— Até sábado. Tereza, por favor, feche a casa. — Miguel encerrou a sessão com uma ladainha em latim e saiu.

Miguel tinha certeza que podia contar com a lealdade deles. Acreditava que aquilo que separa os homens são os interesses, e ali os interesses eram comuns e a relação era vantajosa para todos. Mas nenhuma daquelas pessoas suspeitava das verdadeiras intenções de Miguel nem do segredo que existia entre ele e os atuais protetores de Elizabeth.

Ela era especial, apesar dos membros da Irmandade não terem percebido sua verdadeira importância. Acreditavam que era uma pitonisa, mas isso significava apenas a possibilidade de um ganho pessoal, como se Elizabeth fosse algum tipo de “adivinha” que pudesse mostrar os caminhos para resolver problemas. Porém, a realidade era muito mais complexa, e eles não faziam ideia do que estava prestes a acontecer. Miguel usava-os para garantir o funcionamento da Irmandade, mas também para manter a fachada, e evitar que alguém investigasse suas atividades e percebesse que havia uma relação entre as suas viagens e os misteriosos ataques sanguíneos que dilaceram dezenas de pessoas, deixando-as

completamente despedaçadas e irreconhecíveis. Fazer parte de uma Organização Não Governamental totalmente legítima, centrada na ajuda humanitária a várias partes do mundo, lhe oferecia uma liberdade imensa: viajava para qualquer lugar sem obstáculos, e mantinha as suas verdadeiras atividades fora de suspeita.

11. O mundo invisível

Se não o crederdes, não vos mantereis firmes.

Isaías, 7: 9

Elizabeth começou o treinamento físico lembrando como os gestos podiam adquirir a fluidez dos golpes, mas agora o aprendizado conduzia-a para emoções mais profundas. Tudo o que aprendera durante anos passara a revestir-se de um propósito letal.

Dib a ensinou a usar a força do oponente, sem desperdiçar sua própria energia, um dos princípios do Tai Chi. Uchoa a ajudou a aguçar os sentidos para que reconhecesse as fraquezas do adversário instintivamente. Seth contribuiu para aumentar o equilíbrio do seu corpo, com a elegância e agilidade da espada, como se uma linha transparente a ligasse ao céu, mantendo-a vertical e firme.

A esgrima e o Tae Kwon Do não foram tão cansativos quanto esperava, e ela conhecia a maioria dos movimentos, mas trabalhar a energia, com as técnicas do Tai Chi, foi muito mais complexo e exigiu dela toda a concentração possível, deixando-a, frequentemente, exausta.

Miguel sabia que não conseguiria encontrar-se com Elizabeth. Ainda recordava bem que o treinamento da Ordem isolava o iniciado das influências que pudessem interferir na sua progressão. E, naquele momento, ele era alguém que podia perturbar o caminho traçado para Elizabeth. Além disso, tinha certeza de que não a deixariam sozinha por questões de segurança: ninguém desejava repetir o erro cometido com Angelina. Após a morte de Anabelle, a Ordem não previu que o incidente se repetisse e aquela falta de precaução custou a vida de Angelina. Arturo viveu consumido pela culpa, e isso contribuiu para que adoecesse.

Elizabeth era a última descendente de duas linhagens poderosas, e a segurança em volta dela era enorme. Miguel só conseguiria se aproximar recorrendo às antigas magias para encontrá-la nos sonhos, antes que a influência da Ordem sobre ela aumentasse.

À meia-noite, deitou-se na sua imensa cama, forrada com lençóis de puro algodão egípcio e fechou os olhos. Respirou até atingir um relaxamento profundo, que o permitiu libertar-se da matéria e flutuar. Viu o corpo sobre a cama, como se não lhe pertencesse. Viajou como um fantasma, mas ao tentar entrar no sonho dela encontrou uma barreira de símbolos e letras que bailavam com luz própria, formando uma armadilha letal. Soube que o responsável só podia ser Daniel e aquilo era fruto dos misteriosos anos de treinamentos com os monges tibetanos. Evocou, com esforço, todos os seus conhecimentos mágicos até romper a barreira, por um milésimo de segundo, o tempo suficiente para ultrapassá-la. Percebeu que Daniel tinha se tornado muito poderoso.

Gastara quase toda a energia para se aproximar, restando pouco tempo para falar com Elizabeth. Abraçou-a pela cintura, encostou os

lábios ao seu ouvido e avisou-a:

— Você corre perigo.

Ela assustou-se no meio do sono, mas ele continuou falando com brandura, mantendo o braço junto ao corpo dela para tranquilizá-la:

— As pessoas que a rodeiam vão te isolar e usar teu dom. Pergunte como é que Daniel sabe tudo sobre sua família? Como se tornou amigo do seu pai? Como surgiram essas pessoas, justamente depois da morte dele? Faça as perguntas certas.

Nesse instante um monge vestido de laranja, com um capuz cobrindo o rosto, materializou-se na frente deles e assoprou para Miguel. Um sopro breve. Miguel sentiu-se esvair, como se estivesse sendo sugado por uma poderosa turbina. Ainda tentou beijar Elizabeth, mas não conseguiu. Daniel tinha minado sua energia com os encantamentos que deixara na entrada do apartamento e o estranho monge do sopro sugara o resto das suas forças. Se não se afastasse rapidamente, seu espírito enfraquecido seria incapaz de voltar ao corpo. Amaldiçoou Daniel e percebeu que não seria fácil vencê-lo. Pouco depois, quando Miguel se mexeu na sua própria cama, estava tão extenuado que não conseguiu determinar, com clareza, se Elizabeth tinha compreendido a mensagem que tentara transmitir.

Elizabeth acordou perturbada com o realismo do sonho. Parecia ainda sentir a boca de Miguel próxima da sua. Por um momento, achou que ele fosse beijá-la, mas desapareceu de repente, tragado pelo ar, quando o monge de laranja surgiu. Anotou, no caderno dos sonhos, uma lista de perguntas desencadeada pelas palavras de Miguel. Lembrou-se da cisma de Maria com Daniel e do conhecimento que ele tinha sobre sua família, exatamente como

Miguel insinuara. A dúvida instalou-se e tudo pareceu suspeito, até Alessia com aquela beleza intocada pelo tempo. Passou o resto da noite acordada, atormentada pelas dúvidas.

Assim que a cumprimentou, Dib percebeu que algo sombrio incomodava Elizabeth. Em volta de seus olhos turvos, se destacavam dois círculos negros no rosto pálido. Soube que ela iniciara a batalha interior que determinaria suas escolhas. A dúvida era parte da evolução, e Dib decidiu mostrar o poder da energia, para que ela compreendesse aquilo com que lidaria.

Por mais insólito que parecesse, Elizabeth devia aprender a manipular energias que a maioria das pessoas nem sequer acreditava que existissem. Era como se o ar estivesse cheio de forças capazes de destruir ou fortalecer qualquer ser. Dib ensinou Elizabeth a sentir a energia, e ela compreendeu, rapidamente, que o ar se tornava denso e adquiria força. Aprendeu a absorver aquela força, que a fortalecia. Dib lembrou a existência de uma multiplicidade de energias provenientes da terra, do ar, do sol e da água, e que assumiam várias formas e densidades. A energia era como a magia: nem boa nem má, as pessoas que a transformavam em algo positivo ou negativo.

Depois dos exercícios, Elizabeth estava esgotada e com o corpo dolorido. Dib explicou:

— A lição mais importante é a seguinte: as regras do mundo físico são as mesmas do mundo espiritual.

Elizabeth aprendeu que o mundo invisível era tão forte quanto o visível. E, naqueles lugares etéreos onde habitam os sonhos, existem forças tão poderosas quanto qualquer força da natureza. Era a eterna luta entre luz e escuridão e, às vezes, em certos lugares, elas

fundiam-se de tal maneira que era difícil saber onde começava uma e acabava outra. Era ali que ela caminharia para resgatar o futuro e o passado.

Naquela manhã, quando Alessia avisou Elizabeth que tinha uma visita, ela voou para a sala, esperando encontrar Daniel. Ao deparar-se com Kent, seu rosto quase traiu o desapontamento. Kent beijou-a com carinho, dizendo:

— Desculpe aparecer sem avisá-la...

— Estava descansando da maratona de exercícios — justificou-se, apontando para um sofá confortável. — Sente-se, por favor. Aceita um café?

— Não, obrigado. Vim apenas te ver. Dib está preocupado com você. Comentou que não estava bem ontem, e Daniel me pediu que viesse vê-la... Aconteceu alguma coisa? — perguntou sentando-se e avaliando-a com os seus olhos negros.

— Está tudo bem, obrigada — mentiu.

— Então por que estava tão perturbada ontem? — insistiu parecendo saber o que se passava com ela. Elizabeth assustou-se com a possibilidade de Kent descobrir não as suas dúvidas, mas sua secreta e crescente paixão por Daniel. E esse pensamento foi suficiente para fazê-la confessar o que havia acontecido, evitando revelar seu mais obscuro segredo.

— Tive um sonho e depois não consegui dormir.

— E falou com Alessia sobre esse sonho? — quis saber, lembrando-a sutilmente que Daniel havia dito para Alessia ajudá-la com os sonhos.

— Não. Achei que não fosse tão importante assim.

— Não era tão importante, mas te manteve acordada. Estou curioso — disse sorrindo, com suavidade. Ela também sorriu, consciente de que caíra na própria armadilha, ao reconhecer a lógica do argumento de Kent.

— Não foi o sonho que me deixou acordada, mas o que fiquei pensando depois.

— Quer me contar o que aconteceu? Talvez eu possa ajudar — perguntou persuasivo. Elizabeth hesitou, incomodada com a insistência, mas Kent explicou:

— Os seus sonhos podem ser a chave para eventos que irão acontecer ou já aconteceram. Não sabemos se vai sonhar com o assassino, e isso pode não ser ainda claro para você. Seu dom pertence ao mundo e temos que protegê-la, pelo menos até você decidir o que irá fazer.

Kent tinha razão, mas Elizabeth se questionava por que Daniel não tinha vindo. O que acontecera para Kent estar ali, em vez de Daniel? Queria perguntar, mas o receio de trair-se foi mais forte, e respondeu, ao perceber que era melhor contar tudo para aplacar a curiosidade de Kent, evitando que ele descobrisse seu verdadeiro segredo.

— Sonhei com Miguel Besson. Só o vi uma vez, mas ele foi simpático e disse que conhecia meu pai. Acho que desenvolvemos uma ligação qualquer. No sonho ele veio me avisar contra o padre Daniel... Não entendi muito bem.

Se Elizabeth não estivesse tão preocupada em camuflar seus sentimentos por Daniel e estivesse mais atenta, teria percebido a perturbação que as suas palavras provocaram em Kent. Os olhos dele se fecharam num misto de raiva e preocupação e o maxilar ficou tenso, sobre os dentes cerrados, mostrando as linhas firmes do queixo bem delineado.

— O que ele disse?

— Para eu ter cuidado porque vocês estavam me isolando. Também sugeri que eu descobrisse como padre Daniel sabia tudo sobre minha família.

Kent se esforçou para responder de forma casual, como se aquilo não tivesse importância:

— E você, o que acha?

— Não sei... — respondeu, hesitante, e Kent foi assaltado por uma onda de ternura, como se a fragilidade dela suscitasse as emoções que um pai teria naquelas circunstâncias.

— Foi seu pai que apresentou Daniel, em um dos seus últimos gestos, não é?

— Sim. O último — corrigiu, lembrando aquele momento doloroso.

— Você confiava nos julgamentos do seu pai. Confia em Alessia. Por que dúvida agora?

— Não duvido deles.

— Então dúvida apenas de Daniel?

— Não é isso. Existem tantos segredos... E a presença de Miguel nos meus sonhos é estranha. Fiquei com a sensação que ele também esconde alguma coisa. Não sei o que pensar.

— Deve confiar em Daniel. Se não houver confiança, tudo vai parecer conspiratório, porque há segredos que desconhecerá até o momento de se integrar à Ordem.

— Compreendo.

— E mais, Elizabeth... Com seus treinamentos vai aprender a apoiar-se mais na sua intuição. Mas tem que se acalmar. A ansiedade e a angústia tornam tudo difícil de compreender. E provocam graves erros de julgamento — repetiu conceitos que ela já conhecia.

— Padre Daniel já me disse isso. E Alessia também.

— Então confie neles. E fale com Alessia. Não guarde as dúvidas para você, porque elas aumentam. Às vezes o silêncio é precioso, mas também pode ser terrível, como um ferimento abafado que acaba infeccionando. Os acontecimentos têm sempre dois lados.

Kent sabia que Besson estava tentando confundir-la, e era vital que ela se afastasse dele. Mas, naquele momento, não havia como avisá-la contra Besson, porque a explicação soaria tão absurda que ela jamais acreditaria.

— Tem razão. Da próxima vez vou falar com Alessia — cedeu Elizabeth.

Kent despediu-se, e ela sentiu alívio por ter partilhado o sonho com alguém. Mas ainda persistia uma pequena dúvida, aguardando a primeira oportunidade para se agigantar.

Daniel acordou com o som do celular às seis da manhã. Bardas cumprimentou-o jocoso:

— Espero não ter acordado você.

— Que ideia — retrucou Daniel entrando na brincadeira, já de pé, indo para a cozinha preparar o café, vestindo as largas calças do pijama de seda azul. — Suponho que tenha novidades, para estar tão bem-disposto.

— Acertou. Descobrimos algumas informações que podem levar ao contratante de MacGee.

— Conseguiram? Como? — Daniel estava surpreso com a rápida evolução da investigação.

— MacGee tinha um apartamento em Londres. Viramos aquilo do avesso e encontramos, sob o fundo falso do armário de cozinha, um

caderno com anotações dos depósitos, reuniões, datas e nomes. Essa é a notícia boa.

— E a má?

— Infelizmente está em código. Estão tentando decifrar, mas ainda não conseguiram. Tem informações sobre os últimos quinze anos. Achamos que matou trinta pessoas nesse período.

— Quando acha que saberemos essas informações?

— Não sei. Ele criou um código pessoal. Estamos desenvolvendo um software que permita fazer todas as combinações possíveis.

— O código é alfanumérico?

— Sim. Por que pergunta?

— É bem mais difícil de descodificar: são milhões de combinações de letras e números.

— Ah sim — concordou Bardas. — Mas telefonei para dizer que tudo está bem encaminhado.

— Obrigado, Bardas.

As novidades de Bardas deixaram Daniel agitado: percebeu que assim que o responsável pelos crimes fosse descoberto, a Ordem teria menos tempo para desvendar o que poderia acontecer com Elizabeth e qual sua ligação com as relíquias. A maior parte da Ordem achava que a pessoa que queria os artefatos era a mesma que estava por trás dos crimes de Anabelle e Angelina e poderia também assassinar Elizabeth. Mas Daniel não estava seguro que fosse assim. Acreditava que, apesar de várias pessoas terem sido assassinadas para que MacGee conseguisse o Cálice e o Anel, e fosse vital descobrir quem encomendara aqueles crimes, talvez aquilo não estivesse relacionado com Elizabeth. Ela era muito preciosa para ser morta em troca de algum objeto, por mais importante que esse objeto fosse, e estava certamente reservada para algo muito mais complexo.

Elizabeth dedicou-se aos treinamentos, seguindo as instruções precisas de Dib, Uchoa e Seth, não apenas porque queria estar bem preparada para a reunião de 6 de dezembro, mas também porque compreendeu que os exercícios continham uma antiga sabedoria que melhorava sua concentração e seu bem-estar.

Apesar da rotina intensa, Elizabeth sentia falta de Daniel. Quando estava sozinha, o tempo parecia mais lento e ela não conseguia livrar-se do nó que sentia no estômago, como se a ausência dele fosse uma queimadura constante.

No final de semana telefonou finalmente ao Miguel, como combinara:

— Miguel?

— Lembrou de mim — exclamou ele, reconhecendo a voz, e fazendo-a rir com o comentário. Miguel mantinha o dom de despertar a alegria. Ele representava amplitude e luz, um mundo oposto ao de Daniel, carregado de sombras e segredos.

— Nunca me esqueci de você — respondeu zombeteira.

— Teve uma semana ocupada?

— Muito, mas combinei que telefonaria...

— Eu sei. Vamos marcar nosso jantar?

— Começo a trabalhar segunda-feira, mas podemos jantar na quinta. O que acha?

— Dia 19? Perfeito — aceitou, embora preferisse encontrá-la antes que ela voltasse ao trabalho. — Às nove?

— Gostaria que fosse um pouco mais cedo. Pode ser às oito?

— Claro. Tem alguma sugestão?

— Podemos ir a um restaurante japonês. Existe um ótimo nos Jardins, perto da Lorena — sugeriu por ter sempre várias opções

para seu paladar vegetariano.

— Gosto muito de comida japonesa — disse Miguel. — E conheço esse restaurante. É ótimo.

— Encontramo-nos lá às oito.

— Não prefere que eu a leve? Posso passar pela sua casa — ofereceu.

— Não é necessário, Miguel. Prefiro ir no meu carro.

— Está bem. Até quinta. Mal posso esperar — riu ele, provocando-a.

— Adeus Miguel.

— Um beijo, querida — despediu-se com intimidade, como se a conhecesse havia muito tempo.

Percebeu que estava feliz por rever Elizabeth e esse sentimento incomodou-o. Por vezes, a sedução começa dentro do sedutor, e foi o tempo que passou a observando e os dias que tinha vivido junto de Arturo que o aproximaram dela. Era irônico que fosse apaixonar-se justamente por Elizabeth.

Tinha que afastá-la da Ordem, inclusive de Alessia, o que seria difícil, por elas serem muito ligadas, e Alessia era a mãe que Elizabeth não tivera. Foi nesse momento que Miguel teve uma ideia clara do que poderia fazer para enfraquecer a influência de Alessia.

Bento veio jantar e, junto com Alessia, prepararam uma nova receita de raviólis recheados com abóbora, revelando a cumplicidade que os unia nos pequenos gestos de carinho e nos comentários que trocavam. Elizabeth observou-os, incapaz de compreender a relação dos dois: por um lado pareciam um casal de namorados, sempre carinhosos um com o outro, mas, por outro, pareciam apenas amigos, e nunca tiveram qualquer atitude que indicasse que

pudessem ser mais do que verdadeiros amigos. Porém, era indiscutível o afeto que sentiam, e não havia semana que não se encontrassem, pelo menos duas ou três vezes.

Depois de Bento ter ido embora, Alessia e Elizabeth tomaram chá de hortelã, enquanto assistiam a uma série policial na televisão.

— Quase esquecia de contar que vou jantar com o Miguel na quinta-feira — comentou Elizabeth com naturalidade.

— De onde surgiu essa ideia? — estranhou Alessia, tentando controlar a surpresa.

— Liguei para ele, e combinamos jantar no restaurante japonês, nos Jardins.

— Mas jantar? — perguntou, resistente à ideia de Elizabeth encontrar-se com Besson.

— Acha que eu não devia sair com ele?

— Acho que deve ir, mas tenha cuidado. Mal o conhece — Alessia justificou, tentando parecer natural.

— Está preocupada? Se estiver eu não vou — perguntou, ciente das ameaças à sua segurança.

— Acho que deve ir. Leon e Náder vão com você. E Uchoa também. Quinta é a vez dele ficar aqui — justificou Alessia.

— Então não pode acontecer nada. Estou mais que protegida, não acha?

— Acho... — respondeu, embora estivesse insegura por ter aconselhado Elizabeth a jantar com Besson. Alessia era uma das poucas pessoas que conhecia a verdadeira capacidade de manipulação de Besson, e sabia do perigo que ele representava.

Apesar da concordância de Alessia, Elizabeth achou que aquele jantar a incomodava, mas no instante em que ia questionar sobre o assunto, o telefone tocou. Alessia atendeu e falou durante alguns minutos, afastando-se até o corredor. Quando voltou, estava

visivelmente mais calma, e estendeu o telefone para Elizabeth, dizendo:

— É o Daniel.

— Padre Daniel. Que surpresa — brincou Elizabeth, tentando disfarçar a alegria.

— Tenho estado ocupado — justificou-se.

— Quando vem nos visitar?

— Talvez no próximo final de semana.

— Mas isso é muito tempo! Podíamos tomar um chá antes — propôs, sem se conter.

— Vou ver se consigo. Conte, como vão os seus novos professores?

— Não tem sido fácil — queixou-se. Daniel deu uma gargalhada, contagiando-a. Ela disse, sem pensar:

— Estava com saudades.

Ele percebeu a doçura na voz dela. Ele também estava com saudades, mas estava impedido de confessar, por não poder se dar ao luxo de ter qualquer tipo de sentimento amoroso por ela. Brincou, evitando que o comentário dela os fizesse resvalar para uma conversa sensual:

— Que bom. Significa que comigo tudo foi fácil.

— Sabe o que quis dizer — ela tentou se defender.

— Não sei, mas sei que vai me contar quando eu for aí — respondeu tranquilo, com voz neutra.

— Fico à espera — insistiu ela.

— Eu telefono.

Quando desligou percebeu que Alessia a observava atentamente.

— O quê? Aconteceu alguma coisa? — perguntou temendo ter revelado as suas emoções.

— Não. Estava vendo você conversar com Daniel... Aprendeu a gostar dele, não é?

— Apreendi — murmurou, percebendo que Alessia estava apenas preocupada com ela, sem imaginar a intensidade dos seus sentimentos por Daniel.

Depois de ter conversado com Alessia e Elizabeth, Daniel telefonou para Dib:

— Acordei-o, Dib?

— Não. Estava só descansando. Já são quase dez da noite e eu acordo de madrugada, por causa da nova pupila — comentou, esticando o corpo elástico e sentando-se na cama.

— Entendi a mensagem — respondeu Daniel, bem-humorado.

— E como você já sabe tudo isso, e está ligando a esta hora, calculo que tenha acontecido algo — deduziu Dib.

— Elizabeth vai jantar com Besson na quinta-feira.

— O quê? Alessia não a impediu? — perguntou Dib, depois de sair da cama.

— Elizabeth até se propôs cancelar, mas Alessia achou melhor deixá-la ir.

— Não acredito que Alessia fez isso.

— Ela vai ter que enfrentá-lo algum dia. É inevitável.

— Ela não está pronta, Daniel. O Besson vai manipulá-la contra nós. Vamos perdê-la.

— Não vamos — afirmou, seguro.

— Ele vai seduzi-la e ela não terá forças para resistir.

— Dib, ele não vai fazer nada que já não tenha feito.

— O que quer dizer?

— Besson conheceu Elizabeth e sabemos que não foi por acaso. Por isso não vale a pena evitar o inevitável.

— Ela precisa saber se defender. Desculpe discordar de você, mas acho que é muito cedo para ela o enfrentar.

— Concordo. Mas ambos sabemos que ela nunca vai estar verdadeiramente preparada para enfrentar Besson, não é? — afirmou Daniel.

— Sim, nós é que teremos que protegê-la.

— Então vamos ajudá-la, Dib. Ela já sabe muita coisa, porque sua segurança era vital para Arturo. Você terá que sintetizar e ensiná-la a usar o conhecimento. Besson não vai estar à espera disso, até porque ninguém tem verdadeira consciência do poder de Elizabeth.

— Não há tempo — argumentou Dib.

— Nos próximos dias você vai ensiná-la a se defender das energias exteriores, em particular da energia de Besson.

— Ela precisa aprender outras coisas antes. Você sabe que não funciona assim. Há um caminho a percorrer no aprendizado... É como a vida. Não há como saltar etapas.

— Eu sei Dib. Mas para situações extremas, precisamos de medidas criativas.

— E você acha que eu consigo treiná-la em quatro dias para ela se defender de Besson?

— Elizabeth é especial. Vamos tentar.

— Está bem. Agora vou dormir. Até amanhã. — Dib, apesar de contrariado, aprendeu a não duvidar da intuição de Daniel, mas sabia que Besson, além de ser muito carismático, tinha um poder mental enorme. Todos sentiam algum receio do que ele representava e podia fazer. Besson era a única pessoa capaz de destruir os planos que tinham levado anos a forjar.

— Daniel pediu que lhe ensinasse conceitos que devia aprender adiante. E nós vamos reduzir muitos exercícios à teoria — justificou Dib, antes de iniciar aquela etapa dos ensinamentos.

— Daniel? — perguntou Elizabeth, sem compreender a razão da interferência dele, naquele ponto específico do seu aprendizado. Dib percebeu que ela se contraiu involuntariamente ao pronunciar o nome de Daniel e, em um segundo, descobriu o que Elizabeth tentara esconder com tanto afinco.

No tempo que passaram juntos, Dib viu Elizabeth aprender, persistir, descobrir suas forças e fragilidades. Mas havia uma sombra que trespassava seu olhar de vez em quando, e ele acabara de descobrir que era o amor que ela sentia por Daniel. Tinha que proteger o segredo dela, mas perante a presença ameaçadora de Besson, não hesitou em usar aquela informação para aproximá-la de Daniel. Explicou:

— Ele é o líder da Ordem e é responsável por você — enfatizou, assaltado pela culpa, por usar o amor dela para afastá-la de Besson. Mas pensou que aquilo seria por um bem maior, porque se Daniel era o mais improvável dos homens por quem Elizabeth devia se apaixonar, Miguel era o último dos homens de quem ela devia se aproximar.

— Então é o líder. Agora faz sentido... — comentou, confirmando algo que parecia claro, mas não fora ainda verbalizado.

— O quê?

— Todos parecem ter certa reverência em relação a ele — justificou.

— O que nos traz ao pedido de Daniel: ele quer que aprenda a defender-se e acredita que tem o conhecimento e a capacidade de acelerar várias etapas. Embora eu considere perigoso, concordo com

ele: você tem dons especiais e foi treinada desde a infância. Muita informação está latente em você, alguma adquirida e outra inata. Por isso vamos falar do que Daniel quer especificamente que aprenda: como defender-se daquilo que não vê, mas já sabe que existe.

Nos dias seguintes, Dib lembrou a Elizabeth que, independentemente das pessoas acreditarem ou não, a energia era a força motriz dos mundos físico e espiritual. Deu o exemplo de alguém que desconhecia física ou biologia, mas nem por isso deixava de ser regido por suas leis. A imaginação e a capacidade de visualizar eram duas das formas de controlar a poderosa energia humana, e o pensamento tinha a capacidade de tornar as coisas reais. Elizabeth aprendera com o pai a criar pensamentos luminosos e já praticava alguns dos princípios mencionados por Dib. Fazia uma tarefa por vez, dedicando atenção total a cada momento, para tornar os seus dias mais produtivos. E esforçava-se por fazer tudo com amor, por saber que o sentimento colocado nas tarefas retornava para ela.

Dib sorriu ao perceber que ela já descobrira que o segredo da harmonia estava nos gestos mais simples. A maior parte das pessoas tinha dificuldade em compreender isso, e buscava continuamente grandes revelações e verdades ocultas.

Dib a ensinou a vencer o cansaço que sentia em certas ocasiões, quando dormia ou sonhava, revelando que o mundo dos sonhos era o lugar onde tudo se cruzava e havia seres astrais que podiam fortalecê-la ou enfraquecê-la ao se alimentar de sua energia. Por fim, avisou-a sobre a maior ameaça:

— As pessoas mais perigosas, embora sejam incomuns, têm a habilidade de trocar energia. Absorvem parte da sua energia e a repõem com uma parte da energia delas.

— E o que acontece?

— A energia que foi reposta passa a funcionar como uma chave. A partir daquele momento, esses “vampiros energéticos” têm acesso aos seus sonhos e pensamentos. Quando são muito poderosos podem até controlá-la. Já ouviu falar de pessoas que, às vezes, escutam vozes?

— Sim... Mas achei que eram espíritos.

— E são, na maioria dos casos. No entanto, em certas ocasiões, são essas pessoas poderosas.

— E como se descobre a diferença entre os espíritos e os humanos?

— Com muita experiência — comentou Dib, sorrindo suavemente.

— Há poucos humanos com esse nível de desenvolvimento, por ser extremamente difícil e exigir um longo treinamento. Mas é dessas pessoas que Daniel quer protegê-la.

— Está dizendo que posso encontrar alguém que vigia os meus sonhos e pensamentos?

— Sim. E também pode exercer algum tipo de influência sobre você.

— Algum de vocês é capaz de fazer isso? — questionou, perturbada, com o rumo da conversa.

— Nós não fazemos isso. É contra os nossos princípios.

— Mas conseguem fazer? — insistiu ela.

— Sim, conseguimos. Mas não fazemos — reiterou, olhando-a com firmeza. — Temos regras que não nos permitem agir assim.

— Então o que devo fazer, para me defender? — perguntou, angustiada.

— É essencial que saiba que ninguém tem acesso aos seus pensamentos e sonhos sem sua permissão. É como convidar alguém

para entrar na sua casa. Não convide. Mantenha suas defesas, você já aprendeu como fazer.

— Estou sendo perseguida de todas as formas... — disse assustada. Dib tentou acalmá-la e, por alguns instantes, achou que tinha ido longe demais, mas ela precisava entender o tipo de ameaça que a rondava. E aquilo era uma ínfima parcela do que ela necessitava saber.

— Você é importante, Elizabeth — falou Dib, devagar. — Está protegida fisicamente, mas também tem que se proteger espiritualmente. E isso ninguém pode fazer por você.

12. Sedução

*Deus descansa na razão.
... Deus atua na paixão.*

Khalil Gibran (1883-1931)

Miguel não se espantou quando Tereza e Ambrósio contaram, na reunião do Conselho, que não haviam descoberto nada sobre o passado de Daniel, Dib, Seth, Uchoa e Kent, como se eles tivessem emergido do vazio nos últimos meses. As exceções eram Alessia e Bento. O que descobriram sobre Alessia remetia ao tempo passado com Elizabeth, isto é, aos últimos vinte e cinco anos. Antes disso também não havia informações sobre ela.

Ambrósio comentou, intrigado:

— Bento foi o único de quem descobrimos mais detalhes.

— Descobrimos em parte — rematou Tereza irônica. — Até entrar no monastério, na França, a vida dele permanece um enigma. Conseguimos um registro do nascimento dele, pouco antes da guerra civil espanhola terminar. Os pais foram mortos, mas ninguém sabe como apareceu, aos vinte e três anos, em um monastério na região de Albi.

Era exatamente sobre Bento e sua ligação com Alessia que Miguel queria saber se eles eram capazes de descobrir informações. Conhecia as origens de quase todos eles, incluindo Alessia, porque tinham um passado comum. O fato de Tereza e Ambrósio, que eram capazes de desenterrar as coisas mais obscuras que alguém pode ocultar, não terem descoberto praticamente nada sobre Bento e Alessia, lhe deu a certeza que o passado deles estava a salvo.

Miguel queria confirmar o que os membros da Ordem faziam agora, reunidos na mesma cidade, mas isso era algo que nem Tereza nem Ambrósio conseguiram descobrir, porque estava muito além do escopo da investigação que ele lhes encarregara. Miguel tinha certeza de que havia uma circunstância especial para que isso acontecesse, e essa circunstância era Elizabeth. Seu dom de conhecer o futuro e o passado significava poder e riqueza para quem a influenciasse ou controlasse. E, por razões diferentes, ou talvez até pelas mesmas, ela estava sendo disputada por dois grupos: a Ordem liderada por Daniel e a Irmandade da Fênix liderada por Miguel. Eles representavam duas forças separadas por uma rivalidade ancestral.

Tereza perguntou com voz casual:

— E Elizabeth? Conseguiu falar com ela?

— Sim. Está tudo sob controle — respondeu com segurança, para interromper uma corrente de perguntas que Tereza certamente faria. Mas ela não se conteve e insistiu:

— Falou com ela?

— Falei, Tereza, e também já disse que esse assunto está sob minha responsabilidade.

— Sim, mas queremos saber o que está acontecendo. Afinal, desejamos que Elizabeth se junte a nós. Temos muito a ganhar com isso. Não é só você — insinuou mordaz, desafiando Miguel, mais uma vez, cega pelo ciúme irracional. E aquela era uma atitude que

ele não permitiria, principalmente a Tereza, por já ter ultrapassado alguns limites na última reunião.

— Posso responder de várias formas, Tereza. Mas em vez de mostrar que sou o líder e que você é parte desta Irmandade por um convite meu, vou fazer uma proposta — disse pausado e frio. — Você vai trazer Elizabeth para junto de nós. Não esqueça que ela tem que vir de livre e espontânea vontade. Não adianta ter alguém entre nós sob o jugo da força.

A sala mergulhou em um silêncio pesado depois das palavras de Miguel. Ninguém se atrevia sequer a respirar. Os olhos de Miguel eram duas brasas incandescentes e a boca, com os lábios cerrados, transformara-se em uma linha fina, quase imperceptível. Ele estava muito irritado e embora sua reação parecesse desproporcional ao comentário de Tereza, não era. Era óbvio que Tereza fazia um esforço constante para controlar Miguel, movida por sua paixão insensata. Também era óbvio que Miguel era incontrolável, e não escondia a ausência de sentimentos por ela, tratando-a apenas como sua assistente.

A fúria dele era visível no rosto compacto e nas mãos crispadas pousadas sobre a mesa redonda. Tereza sentiu náuseas provocadas pela possibilidade cada vez mais real de perdê-lo. Ela sabia que Miguel não seria seu, mas faria o possível para que também não fosse de mais ninguém. Elizabeth era bela, enigmática, cheia de dons ocultos e Tereza percebeu que ela era muito mais importante para Miguel do que ele demonstrava. O ciúme obscurecia sua racionalidade, mas teve a longínqua intuição de que se acatasse a ordem de Miguel não conseguiria convencer Elizabeth a juntar-se à Irmandade e, por isso, com certeza, seria afastada, e talvez até demitida da UniTouch.

O silêncio adensou-se até Kami ter a coragem de quebrá-lo, para socorrer Tereza:

— Ela não duvidou de você, Miguel. Não foi por mal, não é Tereza? Ninguém consegue aproximar-se de Elizabeth agora. E você já estabeleceu uma ligação com ela. Por favor.

Ele continuou mudo, com o corpo tenso como o de um animal antes de esfaquear sua presa. O tempo passava e ele não se movia, temendo o incêndio que ardia dentro dele. Estava irreconhecível, com os olhos quase da cor do ouro — um amarelo translúcido e impossível. Tereza percebeu finalmente que os olhos dele mudavam de cor, e baixou os seus, incapaz de suportar aquela ira. Miguel disse cortante:

— Por mim, a reunião está encerrada.

Tereza, frágil e exposta perante todos, disse com a voz trêmula de raiva:

— Miguel, desculpe. Por favor.

Ele continuou imóvel, esforçando-se para dominar as emoções antes de perder o controle sobre o corpo. Miguel travava uma dura batalha interior para não deixar o instinto sobrepor-se à racionalidade.

Tereza insistiu, sabendo que seu futuro junto dele, dependia daquele momento:

— Por favor, Miguel. Não voltará a acontecer.

Depois de mais alguns segundos, que pareceram minutos, ele respondeu, autoritário:

— Não voltem a questionar minhas atitudes. Vocês estão aqui porque eu quero. Eu permito. Eu. E você, Tereza, é a última vez que tenta interferir na minha vida e nas minhas decisões. A última.

— Desculpe Miguel — repetiu, vendo ele abandonar a reunião. Tereza oscilava com frequência entre o amor e o ódio, mas naquele

momento seus sentimentos eram de puro ódio. Querer ficar junto dele, e praticamente implorar pelo seu perdão, fez com que o odiasse mais do que o habitual, mais do que no dia a dia, quando ele a ignorava.

Miguel chegou em casa irritado consigo mesmo, por quase ter-se descontrolado à frente de todos. Aquela possibilidade era inadmissível, porque revelaria sua verdadeira natureza. A raiva expunha o âmago das pessoas. E, na verdade, sua ira não era por Tereza querer saber informações sobre Elizabeth. Era por ela ter pressentido que Elizabeth representava uma ameaça ao seu coração. Miguel cerrou os olhos com força, tomado por um furor quase infantil ao pensar em Elizabeth.

De alguma forma, estava feliz por a reunião ter terminado daquela forma abrupta, e não ter que falar mais sobre Elizabeth com o Conselho. Tornara-se um assunto seu, algo privado, como sempre deveria ter sido. Deitou-se na cama exausto pelo esforço gasto controlando o corpo e as emoções. Precisava de uma boa noite de sono.

Ao voltar para o trabalho, Elizabeth percebeu que o ambiente estava tenso devido às cobranças pelo cumprimento das metas, agora que o fim do ano se aproximava. Quase no final da tarde daquele primeiro e longo dia, Juan Penafor foi vê-la, para lhe dar as boas-vindas e informá-la sobre as mudanças que fizera no seu departamento, seguindo o planejamento dela. Comentou que estava impressionado com os resultados, porque sua equipe estava se relacionando melhor. Apesar de ter reservas em relação a Penafor, ele pareceu sincero, como na despedida antes da sua viagem, e Elizabeth se sentiu recompensada pelos seus esforços. Ela não tinha

como saber do papel que Penafor havia desempenhado no seu primeiro encontro com Miguel — quando ele telefonou do estacionamento da empresa, para avisar da saída de Elizabeth. Foi assim que Miguel soube esperar no semáforo para provocar o acidente de carro que os aproximou semanas antes.

Kent continuava investigando rituais que envolviam uma pitonisa como Elizabeth. A Ordem possuía uma imensa biblioteca sobre ritos e símbolos religiosos e mágicos. Ele leu milhares de páginas sem descobrir nada que trouxesse uma nova luz sobre o misterioso ritual responsável pelas mortes de Anabelle e Angelina, além das ideias que já tinham explorado. Ainda não sabia por quanto tempo Elizabeth estaria segura, mas precisava se apressar.

Na sede de São Paulo havia apenas cópias de uma ínfima parcela dos livros e textos que a Ordem possuía. A verdadeira biblioteca estava em um lugar secreto nos Pirineus, a gelada cordilheira de montanhas do sul da Europa. Mas a seção sobre rituais estava bastante completa e Daniel, durante sua última viagem à Espanha, tinha trazido cópias de antigos textos que podiam conter informações interessantes. Entre eles estava a cópia reduzida do Códice Giga, um dos livros mais misteriosos e temidos da Idade Média, também conhecido por Bíblia do Diabo. No original, escrito no início do século XIII, por um monge beneditino, e, atualmente, exposto na National Library, em Estocolmo, faltam sete folhas que guardam um segredo nunca revelado. Ninguém sabia onde estavam essas páginas, nem o que continham, mas Kent acreditava que poderia encontrar pistas para decifrar o segredo ao longo do Códice, e decidiu lê-lo atentamente. Talvez ali estivesse oculto um ritual secreto associado às pitonisas, e ele conseguisse, finalmente,

desvendar qual seria o papel de Elizabeth no cenário desenhado pelo assassino da sua mãe e da sua avó.

Elizabeth viu-o sentado ao fundo do restaurante, em uma mesa junto à janela, e foi ao seu encontro, indiferente aos olhares de admiração que suscitava quando passava.

Miguel semicerrou os olhos para observá-la melhor: ela usava um vestido justo, de manga curta e sóbrio decote quadrado, que moldava discretamente seu corpo. Na cintura, um fino cinto preto contrastava com o vermelho escuro do vestido, e combinava com os sapatos pretos de salto alto. Não levava carteira, apenas o celular na mão direita e a chave do carro na esquerda. Estava belíssima, sem maquiagem e com o cabelo solto.

Ele levantou e beijou-a no rosto, colocando a mão na sua cintura, em um gesto que pareceu familiar a Elizabeth, e a fazia recordar o sonho que tivera com ele. Puxou a cadeira dela e voltou a sentar-se, elegante e despretensioso.

— Está muito bonita — elogiou com uma voz aveludada que não escondia o desejo que sentiu por ela. O timbre da voz dele provocou um arrepio em Elizabeth.

— Obrigada — agradeceu contida, e um pouco envergonhada pelo desejo que adivinhou sob o elogio. Ele percebeu o constrangimento dela, e comentou sério:

— Não queria incomodá-la com o elogio. Mas sua beleza me desarmou. E não foi só a mim — sorriu, olhando rapidamente em volta, indicando que outras pessoas partilhavam a mesma admiração que ele sentira ao vê-la atravessar a sala. Ela retribuiu o sorriso:

— É muito generoso. Que bom que finalmente nos encontramos.

— Estava quase se transformando em promessa de político — brincou para quebrar o gelo.

— É verdade.

— O que vai beber? Aceita uma taça de champanhe?

— Obrigada Miguel, mas prefiro uma bebida sem álcool.

— Então sugiro um coquetel de frutas.

— Ótimo. Podemos pedir já? Estou com fome — justificou-se com um sorriso.

— Claro. Trabalhou muito?

— Sim. Estou terminando o planejamento de uma reestruturação na empresa.

— Eu sei.

O garçom chegou e interrompeu a pergunta que ficara presa na garganta dela. Depois de encomendarem o jantar, e assim que o garçom se afastou, Elizabeth perguntou, curiosa:

— Como é que sabe o que estou fazendo na empresa?

— Descobri recentemente que trabalha em uma das empresas da qual sou um dos principais acionistas — comunicou, com entoação neutra.

— Como? — perguntou surpresa.

— Sou acionista da UniTouch — repetiu, observando atentamente a reação dela. A boca de Elizabeth contraiu-se de leve, apenas por um segundo. Ela percebeu que a sensação de familiaridade suscitada pelo nome dele, quando o conhecera, estava explicada: com certeza vira-o em algum dos documentos da empresa. Bebeu um gole do coquetel de frutas, refazendo-se da surpresa. A voz não se alterou, quando afirmou:

— Acho que não é ético sair com você.

Miguel percebeu que ela tinha mudado. Não era uma mudança superficial, mas algo profundo, resultado do treinamento intensivo

da Ordem. Ele precisava resgatá-la. Elizabeth devia conhecer suas opções, para poder escolher seu futuro.

— Depende. Só recentemente assumi um cargo mais ativo na empresa, e não será por muito tempo. Além disso, nos conhecemos fora do trabalho. Acho que podemos manter a nossa relação pessoal e profissional. Prometo não misturar as duas — explicou devagar, analisando as reações dela.

— Então os trinta dias de licença, para funcionários com pouco mais de um mês de trabalho, são uma política habitual da empresa? Você não teve nada a ver com aquilo? — perguntou, recordando que estranhara que o diretor geral tivesse autorizado sua licença.

— Na verdade tive, mas não foi pessoal. Você está fazendo um bom trabalho e não achei que fosse uma boa ideia perdê-la agora — respondeu com franqueza, surpreendendo-a.

— De qualquer forma não acho bom. Gosto de manter minha vida pessoal e profissional separadas.

— Eu também. Acredite. Mas gostaria que *esta* relação fosse uma exceção. Vamos tentar? — perguntou, persuasivo.

Elizabeth hesitou, mas ele parecia sincero. Miguel insistiu:

— Foi uma coincidência.

— Não acredito em coincidências — retrucou ela.

— Nem eu — respondeu sério, contrariando o que acabara de dizer segundos antes, enquanto comia um sashimi de salmão. Ela reconheceu que havia algo de erótico nos movimentos dele, na forma como levava a comida à boca e mastigava devagar, saboreando com prazer. Ficou fascinada com os gestos suaves dele, que pareciam carícias. Lembrou do seu sonho, da mão morna dele sobre sua cintura num abraço incompleto. Não queria pensar naquilo, mas parecia hipnotizada, enquanto ele a olhava com calma, deliciado. Ela fez um esforço para quebrar o clima de sensualidade:

— Se sabemos que não existem coincidências, então por que acha que estamos aqui?

— É uma pergunta interessante. Não sei, mas parece claro que temos uma ligação. Penso em você e sei que também pensa em mim... Ainda que ocasionalmente. Quero descobrir por que a mão do destino nos aproximou tanto em tão pouco tempo. E você, não quer descobrir?

Elizabeth desconhecia que Miguel tinha sido a *mão do destino*. Ele provocara o acidente e, antes disso, arquitetara a admissão dela na UniTouch. Mas ali estava ele, fingindo desvendar um destino que forjara com tanto cuidado. Elizabeth pressentiu que ele escondia algo, e já não parecia tão simples como no dia em que se conheceram. Mas ele era pura sedução e o corpo dela reagia àquela sensualidade, mesmo sem ela querer. Miguel era insinuante, belo e muito atraente. A camisa azul, com as mangas dobradas até a metade, mostrava os contornos dos braços fortes. O jeans moderno, com a cintura levemente caída e ajustada por um cinto de camurça castanha, moldava-se ao corpo, deixando adivinhar os músculos perfeitos.

— Quero descobrir — respondeu enquanto comia um pedaço de tofu, disposta a tentar compreender por que se sentia tão atraída por ele.

— Você é fascinante — falou de repente, surpreendendo-a mais uma vez. Ela sentiu a pele palpitar com um desejo primitivo. Cada vez que Miguel falava, sua voz calcava mais fundo. Queria sair dali, para preservar seu amor por Daniel, mas seu corpo a estava traindo.

Ao longe, Uchoa observava-os, e via Besson envolver Elizabeth como uma cobra encanta um pássaro, mas não havia nada que

pudesse fazer. Fechou os olhos por um instante, pensando, antes de tomar a decisão de telefonar para Daniel.

— O que está acontecendo? — Daniel perguntou antes mesmo que Uchoa falasse.

— Besson vai seduzir Elizabeth.

— Tenha fé.

— Não, Daniel. Ele é impressionante — disse, sem conseguir esconder certa admiração.

— Acha mesmo que ele vai seduzi-la?

— Sim. Ele é de uma delicadeza tão sutil que ela nem teve oportunidade de se defender.

— Vou resolver isso.

Daniel desligou o telefone, sentou no chão do quarto, quieto como uma antiga estátua de pedra, e começou a meditar. Pequenas gotas de suor, redondas como pérolas, surgiram na testa. Seu corpo parecia desabitado, de tão imóvel. Sem esforço, projetou-se para longe, como se voasse. Havia criado um laço espiritual com Elizabeth, e bastaria sua presença astral para que ela se reequilibrasse.

Viu-a sentada na mesa, transbordando sensualidade, e sendo seduzida por Besson. Sentiu um ardor súbito no peito, difícil de controlar. Era ciúme, uma emoção excessivamente humana, que ele desconhecia. Mas não tinha tempo para lidar com aquele sentimento novo e perturbador, e concentrou-se nela.

Elizabeth era capaz de jurar que tinha visto Daniel, e isso permitiu que se controlasse, interrompendo aquela espiral de desejo crescente.

Miguel percebeu quando ela quebrou o vínculo que estava se criando entre eles e desejou-a ainda mais. Ansiou pelo corpo esguio e palpitante sob o vestido. Ainda havia inocência no brilho intenso dos olhos dela, mas ele viu também uma sombra. Quis descobrir o que a atormentava, mas estava disposto a esperar. Agradava-lhe a ideia de conquistá-la devagar. De todas as mulheres, ela era a mais especial — era a última das pitonisas.

Elizabeth passou o resto do jantar evitando enredar-se na intimidade sedutora dele. Porém, sua resistência a Miguel não impediu que, naquela noite, tivesse um sonho impregnado de sensualidade enquanto discutiam a festa de Natal que ela pretendia organizar para a empresa. Falaram sobre o local, a decoração e o cardápio. E Miguel abraçou-a pela cintura, beijando-a com intensidade. Mas o beijo foi interrompido pelo monge vestido de laranja: ele surgiu repentinamente, assoprou e o sonho esvaiu-se.

Se Elizabeth não estivesse na sua cama, seria capaz de jurar que aquilo havia acontecido. Seus sonhos com Miguel pareciam reais. Sentiu uma onda de calor ao recordar o beijo sensual, e por mais que lutasse contra, seu corpo respondia ao erotismo dele, apesar dos seus sentimentos por Daniel.

13. A ronda dos leões

A união do rebanho obriga o leão a dormir com fome.

Provérbio africano

Naquela manhã, assim que Dib viu Elizabeth, perguntou, como forma de cumprimento:

— Sonhou muito?

— Sonhei com o Miguel — respondeu, espantada com a pergunta certa de Dib. — Sabia que ele é um dos principais acionistas da empresa onde trabalho?

— Não — mentiu, lembrando que depois de Leon ter contado a Alessia sobre o papel de Besson no acidente de carro com Elizabeth, Daniel pedira para Seth e Uchoa descobrirem tudo que pudessem sobre ele. Havia anos que não sabiam nada de Besson e, de repente, ele surgira em São Paulo. Rapidamente compreenderam que ele planejava aproximar-se de Elizabeth, embora ainda não tivessem descoberto quais as suas verdadeiras intenções.

— Foi estranho.

— O sonho?

— Não. O jantar de ontem à noite — respondeu mudando de assunto e revelando aquela capacidade tipicamente feminina de saltar de uma coisa para outra com leveza. — O Miguel teve um efeito hipnótico sobre mim. Não consigo explicar...

— Podemos analisar juntos — sugeriu, atento.

— Sim... — Elizabeth riu, dando uma palmada suave nas costas dele. — Você se transformou em professor de mistérios invisíveis, segurança nas horas vagas e agora confidente e terapeuta. E eu nem sei o que você realmente faz, Dib.

— Um dia falaremos de mim. Agora vamos falar sobre o que aconteceu. Como é que Miguel foi hipnótico? — perguntou suavemente, com aquele seu jeito manso de monge.

— Ele parecia um ímã que me atraía. Eu sentia o que estava acontecendo, mas não conseguia evitar. E não sei se era fruto da minha imaginação ou se estava realmente atraída por ele. E, além disso, sonhei com ele — comentou Elizabeth, quebrando a barreira das suas reservas habituais e mostrando que confiava em Dib.

— Às vezes criamos uma ligação com alguém e sentimos as mesmas emoções. Ou essa pessoa exerce algum tipo de influência sobre nós. Falamos sobre isso, lembra?

De repente ela teve uma ideia absurda. Dib viu o rosto dela tornar-se tenso. Ela ficou calada por alguns segundos, avaliando, antes de perguntar:

— Você ensinou-me aquilo sobre a transferência de energias por causa do Miguel?

— Sim — Dib admirou-se com a rapidez com que ela estabeleceu as conexões entre os fatos.

— Então você conhece o Miguel?

— Não conheço, mas todos os outros, da Ordem, conhecem.

— São amigos dele? — perguntou surpresa.

— Não. Mas respeitamos Besson — falou com honestidade, embora aquilo fosse apenas uma minúscula fração da verdade. Sabia que falar de Besson com Elizabeth era o equivalente a pisar em um terreno de areia movediça: quanto mais falasse, pior seria, porque não lhe cabia revelar a verdade.

— O Miguel quer me fazer mal? — questionou, negando-se a acreditar naquela possibilidade.

— Miguel é irresistível e as mulheres apaixonam-se por ele — comentou Dib, sem responder à pergunta dela.

— E ele? Também se apaixona?

Dib fez uma pausa, recordando a história de Adéle, o verdadeiro amor de Miguel. Por fim respondeu:

— Não. Ele não tem o hábito de apaixonar-se. Mas parece estar encantado com você.

— Como é que sabe?

— Uchoa contou hoje de manhã.

— Contou? O que é que Uchoa disse? Exatamente! — insistiu, curiosa.

— Isso tudo é interesse pelo Besson? — brincou Dib.

— Não. Só quero saber se não imaginei coisas. Se aquela atração de ontem existiu mesmo.

— Existiu sim. Você está se sentindo fascinada por Besson? — provocou novamente Dib.

— Não — negou, mais uma vez — Mas ele é muito envolvente. É algo puramente físico.

— Compreendo. Mas tenha cuidado, porque o corpo também permite que as pessoas se aproximem. São muitos caminhos para um mesmo lugar.

— O que quer dizer?

— Seu corpo é uma porta para seu coração. Se você se deixar levar pelas sensações corre o risco de apaixonar-se por Miguel — avisou.

— Não vou me apaixonar por ele — retorquiu ela, com segurança.

— Como pode ter tanta certeza sobre uma coisa tão incerta? — indagou astutamente, conhecedor dos sentimentos dela por Daniel.

— Tenho.

— Esse grau de certeza só existe quando já se entregou o coração a alguém e, nesse caso, todas as tentações são superadas em nome desse amor. É isso? — insistiu ele, tentando fazê-la falar sobre Daniel.

Ela hesitou, em conflito. Um conflito crescente. Dib podia ver as sombras trespassarem o rosto dela: o amor por Daniel e o desejo por Miguel.

— Não sei.

— Está em uma encruzilhada. Um momento em que precisa aprender muito para tomar decisões importantes sobre sua vida — enfatizou, ao perceber que Miguel tinha conseguido seduzi-la. — Tem que estar com o coração limpo e o corpo puro. Esse deve ser seu objetivo para hoje. Um dia de cada vez. Uma coisa a cada momento.

— Obrigada Dib — agradeceu, abraçando-o. Dib retribuiu com ternura, apesar de não ser dado a expressões de afeto. Mas Elizabeth era diferente: ele tinha acompanhado seus passos desde que ela nascera. Era como se fosse sua irmã mais nova, que ele vigiara de longe. Queria protegê-la, mas seria difícil mantê-la a salvo dos acontecimentos da vida.

A rotina de Elizabeth se reorganizara desde sua volta ao trabalho: acordava antes das cinco da manhã e fazia Tai Chi Chuan, seguido de Tae Kwon Do nos dias pares e esgrima nos ímpares. Continuava sendo uma rotina pesada, mas a carga diária de exercícios havia sido reduzida de três para duas horas. O corpo dela se ajustava às exigências crescentes e seus sentidos captavam detalhes que escapavam à maioria das pessoas. Elizabeth conseguia antecipar mentalmente o que acontecia à sua volta, registrando tudo o que fosse dissonante, mesmo quando estava relaxada. Embora ainda não soubesse, todo aquele aprendizado já se tornava perceptível na sua postura. Uchoa havia lhe ensinado que tudo o que acontecia interiormente se tornava visível no corpo. Era uma releitura da Lei da Correspondência: *o que está no exterior é igual ao que está no interior.*

Ela aprendia a conhecer gradualmente a força daquele mundo invisível habitado por seres diáfanos e diabólicos, uma infinidade de gente transparente que vivia noutra dimensão, mas se fazia presente no cotidiano. Observadores que, por vezes, interferiam na vida humana com sussurros que enlouqueciam alguns e guiavam outros. Elizabeth estava descobrindo a lógica do funcionamento entre os mundos. Cada dia que passava aproximava-se mais da fronteira, da pele que dividia o mundo visível e o mundo invisível.

Elizabeth reconheceu o leão da pata negra sentado com a boca ensanguentada e os olhos fixos num ponto distante. Bento estava próximo do leão, agonizando, ferido de morte. Acordou assustada, com o eco da sua própria voz e quando abriu os olhos Alessia já estava, mais uma vez, ao seu lado:

— O que aconteceu querida? Teve outro pesadelo?

— Sim — balbuciou, bebendo um gole de água do copo que estava sobre o criado-mudo. Lembrou que rezara por uma noite tranquila, mas o sonho parecia ser um aviso muito forte.

— O que foi?

— Assassinaram o padre Bento — anunciou, e Alessia estremeceu, como se algo lhe tivesse arrancado as entranhas.

— O que quer dizer?

— Os leões o mataram. Mataram — repetiu, parecendo buscar algum sentido oculto que tivesse escapado.

— Não se enganou Elizabeth?

— Não. Das duas vezes que sonhei, ele estava ferido. Da primeira foi para me defender, mas agora não havia nenhuma razão especial. Não compreendi. Era como se a morte dele fosse para conseguir alguma coisa. Não sei por quê — disse, desesperada.

— Acalme-se — segurou suavemente a mão dela, como se Elizabeth pudesse se quebrar com a força de um gesto mais brusco. Perguntou, com esperança que tudo pudesse ser um engano:

— Tem a certeza que Bento estava morto?

— Sim — respondeu segura, alarmando mais Alessia.

— E quando isso vai acontecer? Tem alguma pista?

— O sonho era vívido, muito próximo, por isso acho que vai acontecer em breve.

— Lembra-se de mais algum detalhe?

— Padre Bento tinha um ferimento no peito, igual ao outro sonho.

— Quem o feriu?

— Os leões. Mas o padre Bento não tinha ferimentos provocados por eles — colocou as mãos na cabeça, com uma ponta de irritação.

— Não consigo entender.

— Lembra-se de algum leão especial? — Alessia guiou-a de volta ao sonho, sabendo bem o que os leões significavam, embora ainda

não pudesse revelar a verdadeira razão para ela sonhar com aqueles animais.

— O leão com a pata negra estava quieto, como se estivesse esperando.

— Esperando o quê?

— Não sei, Alessia.

— Lembra-se de mais algum?

— Não consigo reconhecê-los. São muitos.

— Quantos são?

— Seis... Talvez sete... — esforçou-se por recordar e por fim afirmou — Sete.

— E onde estava o Bento?

— Deitado em uma cama. Mas neste sonho os leões não estavam brigando.

— Não? — perguntou Alessia espantada, porque aquele comportamento era uma novidade.

— Não. Só olhavam uns para os outros, como se estivessem rondando algo.

Alessia acalmou Elizabeth antes de voltar para seu quarto, angustiada. Dormiu mal o resto da noite e acordou cedo. Deixou um bilhete sobre a mesa da cozinha, avisando que ia passar o domingo com Bento. Quando Elizabeth leu o recado imaginou que tinha assustado Alessia, e percebeu que precisava ter cuidado para não colocar todos em alvoroço permanente. Já bastava seu próprio alvoroço emocional, provocado pela atração proibida por Daniel e pelo desejo inesperado por Miguel, emoções ambíguas que não deveria sentir, mas que se tornara incapaz de controlar.

Daniel convocou uma reunião no seu apartamento, mas Seth e Alessia não participaram. Seth tinha que proteger Elizabeth, e ficou combinado que Uchoa o informaria sobre os assuntos discutidos. Alessia pediu que Daniel a liberasse da reunião, para passar o dia com Bento, tentando diminuir a angústia que se apossara dela depois do terrível sonho de Elizabeth.

Daniel estava silencioso, tamborilando os dedos suavemente sobre a mesa, se mostrando incomodado, o que era incomum no seu comportamento contido. Kent, Dib e Uchoa esperaram que ele começasse a falar e revelasse o que parecia perturbá-lo.

— Já sabem que Elizabeth jantou com Besson. O que nem todos sabem é que o clima ficou estranho — Daniel comentou, nivelando a informação.

— Quão estranho? — questionou Kent, dirigindo-se a Uchoa, que testemunhara os eventos.

— Besson usou seu poder de sedução e conseguiu desestabilizá-la — sintetizou Uchoa.

— Mas aconteceu algo físico entre eles? — insistiu Kent, querendo determinar o nível de envolvimento entre Elizabeth e Besson.

— Não. Precisamos levar em conta que ninguém consegue resistir a Besson, e Elizabeth se manteve firme. Ficou perturbada, mas recuperou o controle — explicou Daniel, que era o único que sabia, realmente, quão perto Elizabeth estivera de cair na rede sedutora de Besson.

— É verdade — confirmou Dib, como um irmão orgulhoso. — Isso é novo para Besson.

— Pode ser — respondeu Daniel, sem comentar sua presença astral no restaurante. — Mas como acontece com qualquer predador, isso apenas vai aumentar o nível de interesse dele.

— Acho que podemos ter sobrevalorizado a força de Besson — comentou Kent.

— Não sobrevalorizamos. O que não podemos é subestimá-lo. A única vez que eu e Arturo o subestimamos, todos sabem o que aconteceu, e estamos pagando o preço pelo nosso erro até hoje. Portanto, lembrem-se do quanto ele é inteligente, astuto, sedutor e poderoso, independentemente das circunstâncias. Neste momento, ele tem acesso a Elizabeth no trabalho. Isso aconteceu porque Arturo já estava doente e nós não percebemos que Besson era o responsável pela admissão de Elizabeth na empresa. Foi um erro de principiantes, coisa que não somos — argumentou Daniel, sem emoção. — Agora temos que lidar também com isso.

— Mas o que o incomoda, exatamente? — insistiu Kent, percebendo que Daniel continuava dando indícios de uma perturbação maior, pela forma crispada como mantinha as mãos sobre a mesa.

— Incomoda-me o fato de ele estar na cabeça dela e poder descobrir nossos planos.

— Você acha mesmo que ele não sabe nossos planos? A mim, parece que seu incômodo tem outra origem. Mas não percebo qual possa ser — disse Kent preocupado, tentando entender as razões de Daniel.

— Repare: Besson tem como objetivo controlar Elizabeth — retrucou Daniel friamente.

— O mesmo que nós, de alguma forma — comentou Uchoa, com ligeira ironia.

— Pode-se dizer que num primeiro estágio é isso que estamos fazendo. Ela não tem conhecimento nem domínio dos seus dons. Estamos a treinando — defendeu Daniel.

— E não podemos correr o risco de perdê-la. Precisamos dela para completar a Ordem. A questão não é só Besson controlá-la. Também não podemos permitir que seja assassinada como a mãe e a avó — lembrou Dib, recolocando a ênfase da conversa nos motivos certos, com sua típica assertividade.

— Estamos misturando os assuntos — racionalizou Daniel, após conseguir expulsar da mente a imagem de Elizabeth e Miguel juntos, que era a verdadeira razão para seu transtorno emocional. — Elizabeth é o sétimo elemento de que necessitamos desde que perdemos Arturo. Isso é fato. Besson sabe isso, como disse Kent. Mas não sabe quando e o que será feito. Ele deixou-nos há muito tempo e já não possui as referências todas do rito. Para ele, o controle sobre Elizabeth significa poder, domínio do futuro e conhecimento do passado. E, neste momento, o passado é mais importante que o futuro, porque há segredos que devem permanecer ocultos. Se Miguel tem acesso aos sonhos de Elizabeth, pode manipulá-la para descobrir A Chave dos Segredos! É isso o que mais me incomoda, Kent.

— Devia ter percebido a origem da sua irritação — respondeu Kent, convencido com a explicação.

— Mas se sabíamos que Besson ia ter acesso a Elizabeth, por que a deixamos jantar com ele? — exclamou Dib, inconformado com aquela decisão.

— Besson estabeleceu uma conexão mental com Elizabeth no dia do acidente de carro. Lembram-se desse dia? — enfatizou Daniel.

— E há quanto tempo você sabe isso? — perguntou Uchoa, confuso com o fato de Daniel não ter partilhado com eles aquela informação.

— Desconfiei desde o início, quando Alessia me contou que o responsável pelo acidente tinha sido Besson, mas só tive a certeza

na noite em que jantaram juntos. Aquele nível de envolvimento com alguém como Elizabeth não se consegue em um dia. Ele já esteve nos sonhos dela várias vezes para semear dúvidas, deixá-la insegura, e, conseqüentemente, mais fácil de manipular. Eu precisava descobrir até onde ele estava infiltrado. Agora que sei, preciso fazer alguma coisa, mas não posso invadir a mente de Elizabeth e brigar com ele.

— Sabemos disso — confirmou Uchoa, pensando nos casos de pessoas que escutam vozes do bem e do mal. — Forças como vocês, ecoando na mente de alguém, são o caminho para a loucura. Até mesmo ela pode acabar numa ala psiquiátrica.

— Temos que fortalecê-la. Dar-lhe as armas para que expulse Besson e deixá-la escolher, mesmo correndo o risco de perdê-la. É a única alternativa — sugeriu Kent.

— Exatamente. Mas acho que Daniel deve acompanhá-la mais de perto — sugeriu Dib.

— Por quê? — Kent quis saber, sem entender os motivos para aquela sugestão.

— Além de ser responsável por ela, é o único de nós que pode combater Besson sozinho. Estou errado? — defendeu Dib, com lógica.

— Concordo — cedeu Kent, vencido pelo argumento, apesar de continuar com a sensação de que havia algo que continuava lhe escapando.

Dib sabia que, por mais que Elizabeth aprendesse a se defender, a maneira mais fácil de afastá-la de Besson era por intermédio de Daniel, porque se Besson estava na mente dela, Daniel estava no coração.

— Daniel, acho que deve ir ver Elizabeth hoje — insistiu Dib.

— Por que a pressa? — perguntou Uchoa.

— Para equilibrar as forças — respondeu Dib, seguro, mas Daniel ficou com a impressão que ele sabia mais do que dizia. Dib tinha seu ritmo, era movido pela sensatez e falava sobre o assunto quando considerasse oportuno. Tinham se conhecido no Tibete, muito tempo antes, quando Dib era um Barrete Amarelo, um tradicional monge tibetano, com grandes conhecimentos mágicos e místicos. Dib era também o único elemento da Ordem que Besson não conhecia, e Daniel costumava dizer, em tom de brincadeira, que ele era sua “arma secreta”.

— Vou depois da reunião — decidiu, perante a insistência do amigo. — Além disso, vou ter que explicar a história da Ordem. Ela está em casa?

— Treinando, segundo Seth. Ela está sempre treinando! — respondeu Uchoa, impressionado com a persistência de Elizabeth, que repetia as sequências de exercícios até que estivessem perfeitos.

— Vamos falar de outro assunto importante — disse Daniel. — Alessia me contou que Elizabeth sonhou pela segunda vez com a morte de Bento. Ele foi ferido no peito e havia um bando de leões...

— Brigando? — interrompeu Kent.

— No primeiro sonho sim, mas neste, eles rondavam algo que ela não conseguiu entender. Porém, identificou o leão com a pata negra. No sonho predominava a quietude. É quase um reflexo do momento que estamos vivendo. Exceto pela morte de Bento.

— Mas o segundo sonho não tem que confirmar o primeiro? — indagou Uchoa.

— Sim. E ambos confirmam a morte de Bento. No primeiro sonho os leões brigavam, mas neste último, não. Algo mudou. Mas o quê? — questionou Daniel, como se falasse para si mesmo.

— A relação de Besson com Elizabeth — murmurou Kent.

— É óbvio que ele precisa fazer algo para nos desestabilizar, porque isso afetará diretamente Elizabeth. O objetivo é deixar Elizabeth exposta, e Besson é um estrategista brilhante — disse Daniel, enquanto franzia a testa, tentando antecipar os passos de Miguel.

— Acha que ele é capaz de assassinar Bento? Existe muita coisa em jogo, Daniel. — lembrou Kent com firmeza.

— A morte de Bento não se encaixa — murmurou Daniel, absorvido pelos pensamentos. — Bento não tem nada a ver com isto, mesmo tendo uma ligação com Alessia. E, além disso, não acredito que Besson assassine Bento.

— Mas ele é capaz disso — reforçou Kent. — Já fez coisas muito piores.

— Não fará mal a Bento — defendeu, com segurança, levantando-se da cadeira para se despedir. — Vou falar com Elizabeth para tentar esclarecer melhor o sonho. Vamos Uchoa?

— Sim — concordou, seguindo Daniel.

— Kent, tranque a porta quando saírem — pediu Daniel antes de deixar o apartamento.

Leon encaminhou Daniel e Uchoa para a sala onde Elizabeth montara uma pequena academia e estava fazendo exercícios de esgrima.

Seth os viu chegarem e tirou a máscara de tela metálica e a luva para cumprimentar Daniel. Elizabeth imitou-o e guardou seu material, abraçando Uchoa e beijando Daniel no rosto, com desenvoltura, como se fosse um comportamento habitual. Ele surpreendeu-se com o gesto e ficou rígido ao sentir os lábios dela contra a pele. Uchoa divertiu-se com a cena, que passou

despercebida a Seth, concentrado na tarefa de trocar de sapatos. Daniel era contido com tudo o que estivesse relacionado ao corpo, mas nas raras vezes em que perdeu o controle transformou o corpo na arma mais eficaz que Uchoa havia visto. E por conhecer seu imenso poder é que Daniel se mantinha sob uma contenção permanente, para não libertar o monstro que havia dentro dele.

— Hoje Elizabeth não parou — queixou-se Seth esticando os braços. — Estou exausto.

— Exausto? Eu é que estou exausta — comentou ela, com uma gargalhada leve.

Seth piscou os olhos em uma cumplicidade fraternal e se despediu, saindo acompanhado de Uchoa, para saber os detalhes da reunião, enquanto Elizabeth e Daniel se dirigiram para a aconchegante saleta de televisão.

— Fique à vontade enquanto preparo um lanche para nós. Preciso repor as minhas energias.

— Eu ajudo — ofereceu, seguindo-a até a cozinha. Encostou-se no batente da porta, e ficou vendo ela colocar água na chaleira, acender o fogão, preparar a bandeja com as xícaras e arrumar os biscoitos em um prato de porcelana. Observou os seus movimentos elásticos: estava mais desenvolta e segura. Os exercícios tornaram-na mais ágil.

— Vou fazer um chá forte, daqueles que você gosta — disse, mostrando que se recordava que ele apreciava chás de sabor marcante e encorpado. — Lapsang Souchong. Que acha?

— Um dos meus preferidos — retorquiu econômico, com um sorriso sutil.

Ela esticou o corpo, e ao levantar o braço direito para pegar a embalagem de madeira com o chá, em uma das prateleiras altas da cozinha, a blusa de algodão subiu alguns centímetros e revelou a

pele lisa da cintura. Daniel fixou os olhos naquela nesga de pele e sentiu vontade de tocá-la. Aquele pedaço de pele nua, acidentalmente visível, suscitou nele um desejo inesperado. Ele percorreu vagorosamente o corpo esguio com o olhar, sentindo o desejo por ela aumentar. Manteve-se atento aos gestos dela, como se observasse uma bailarina erótica dançando para despertar todos os seus sentidos. Disse, por fim, controlando a vontade de percorrer a distância que os separava e apertá-la contra si:

— Vejo que não precisa da minha ajuda. Vou escolher uma música para ouvirmos. Posso?

— Claro — respondeu com um sorriso suave, olhando-o com uma ternura involuntária.

Minutos depois Elizabeth entrou na saleta com a bandeja na mão, e encontrou-o de pé, observando a rua. Ele voltou-se ao ouvir ela entrar, se afastando da janela, por onde vira Uchoa na calçada, como um grande gato displicente. Enquanto ela servia o chá, Daniel apertou o botão do *play*, e a voz de Callas cantando uma ária de Manon Lescaut inundou a sala.

— Puccini — exclamou Elizabeth. — Adoro Puccini. E Callas.

Ele sentou-se, cruzando as longas pernas, em silêncio. Saborearam o chá devagar: ela feliz com a presença dele, ele tentando controlar o desejo que sentia.

Após alguns minutos, ela rompeu o silêncio mediado apenas pela música, para confessar:

— Fiquei feliz com sua visita.

— Vai me ver mais vezes. Vamos ter que falar sobre a Ordem — anunciou, antes de mudar de assunto. — Percebi que estabeleceu uma boa relação com Dib, Seth e Uchoa.

— Sim — confirmou. — Cada um deles tem seu estilo, mas são ótimos. Aprendi a gostar deles como se fossem meus irmãos.

— Que bom — murmurou, tentando ignorar a pontada de ciúme. Aquele sentimento irritante começava a alterar seus nervos, e ele era um homem que detestava sujeitar-se às emoções.

— Está preocupado? — perguntou, vendo-o com o rosto muito sério.

— Alessia comentou sobre seu sonho com Bento — disfarçou, tentando superar aquele ciúme incômodo. — É o segundo, não é?

— Sim. Para um sonho ser premonitório deve se repetir, não é?

— Sim — confirmou Daniel. — Quanto mais um sonho se repetir, maiores as probabilidades de se tornar real. Mas é preciso distingui-los: às vezes são avisos para mudar algo, outras vezes são premonições, e vão acontecer independentemente do que se faça. Se tivesse que classificar este sonho, o que diria?

Elizabeth pensou um pouco e respondeu:

— Dividiria em duas partes. Diria que a primeira parte, sobre a morte do padre Bento, é uma premonição. Vai acontecer. E a segunda parte, a ronda dos leões, é um aviso.

— São acontecimentos independentes?

— Não. Estão ligados, mas não sei como. Essa história dos leões é uma perseguição. Não consigo compreender o que significa sonhar com os leões.

— Tente explicar para ver se eu descubro — enfatizou com doçura, ao pousar a xícara vazia sobre a mesa, dominando a admiração súbita que sentiu ao vê-la confiante e tranquila, falando como uma verdadeira pitonisa.

— É como se antes a morte do padre Bento fosse uma consequência da briga entre os leões, e agora fosse uma forma de conseguir atingir outro objetivo. Não sei explicar melhor.

— Na verdade explicou muito bem.

— Então meu sonho faz sentido?

— Faz todo o sentido.

— E qual é o sentido? Vai mesmo acontecer alguma coisa ao padre Bento?

— Vamos tentar impedir que aconteça apesar de você dizer que se trata de uma premonição — disse, Daniel preocupado. — Vamos proteger Bento. O que acha?

— Acho bom, mas não sei se resolve — hesitou, insegura, pela primeira vez desde que começara a falar sobre o sonho.

— Temos que tentar. Temos que protegê-lo. Vou pedir a Alessia que fique com ele. — Mas, mesmo depois de tomar aquela decisão, Daniel continuou sentindo a pressão no peito que o avisava das desgraças, como se alguém as estivesse sussurrando em seu ouvido.

— Continua preocupado, não é? — perguntou ela com suavidade, vendo o vinco de preocupação na testa dele, e os olhos de um azul profundo, como se o fundo do mar os tivesse tragado.

— Estou com um mau pressentimento... Pode até ser essa questão do Bento — disse com a cabeça cheia de ideias, sabendo que sua atração proibida por Elizabeth estava afetando a clareza do raciocínio e a capacidade de julgamento.

— Posso ajudar?

— Acho que não, Elizabeth. Mas vamos combinar uma coisa: a partir de agora, sempre que tiver um sonho que ache importante, me ligue. Vou dar o número do meu celular. Está bem?

— Está — respondeu automaticamente, mal podendo acreditar que tinha a desculpa perfeita para falar com ele quando quisesse. Percebeu que o universo conspirava a seu favor.

— Tenho que ir — murmurou se levantando do sofá, ainda concentrado em um pensamento distante.

— Gostei que tenha vindo. — Elizabeth acompanhou-o à porta, se despedindo com um beijo no rosto e ignorando, mais uma vez, os

hábitos reservados de Daniel. Ele sorriu e sacudiu ligeiramente a cabeça, em sinal de espanto. Ela perguntou, com falsa inocência:

— O quê?

Daniel continuou a sorrir e entrou no elevador sem responder, negando-se a participar de um perigoso diálogo sobre a sedução silenciosa que ela tinha começado e ele apreciava, com prazer crescente. Ela sabia muito bem que o tinha provocado, mas ele não se incomodou. Pelo contrário, tinha gostado do beijo.

Alessia acabara de despedir-se de Bento, quando o celular tocou:

— Está tudo bem? — perguntou Daniel.

— Sim. Acabei de deixar o Bento e estou voltando para casa.

— Falei com Elizabeth sobre o sonho e acho que você devia ficar com ele hoje. Amanhã começamos um sistema de rotatividade para ele não ficar sozinho.

— Eu tentei convencê-lo a me deixar passar a noite com ele, ou a ir lá para casa, mas ele não quis. Pedi que me escutasse, e até contei o sonho de Elizabeth... Mas ele riu e disse que estava tudo bem.

— Como é que ele lhe pareceu?

— Sereno, como sempre. Não percebi nada de diferente.

— Mesmo assim acho que devia voltar para junto dele, Alessia — reforçou Daniel.

— Eu insisti, mas ele disse que queria ficar sozinho, e assegurou que estava tudo bem. Não posso obrigá-lo, Daniel — respondeu impotente, sem conseguir vencer a angústia.

— Claro que não. Esperemos que não aconteça nada. Eu passo pela igreja amanhã à tarde e falo com ele.

— Obrigada, Daniel. E a reunião?

- Conto depois. Veja se descansa Alessia.
- Até amanhã.

14. Premonição

Não tenhas inveja do homem violento, nunca escolhas seus caminhos.

Provérbios, 3: 31

Amélia tinha cinquenta anos e trabalhava para Bento havia onze, desde que ele chegara a São Paulo. Todas as manhãs, fizesse sol ou chuva, entrava na casa adjacente à igreja, limpava os cômodos do padre, preparava as refeições, tratava das roupas e, por fim, limpava a igreja. Chegava sempre às sete da manhã com pão fresco para o café de Bento, antes da missa das sete e meia, e encontrava-o invariavelmente na cozinha, fervendo a água do café. Amélia repetia todos os dias a mesma ladainha:

- Padre, não precisa fazer isso.
- É para adiantar, Amélia — justificava Bento.

Com exceção dos dias em que os lençóis eram trocados, Bento fazia a cama e deixava o quarto arrumado para evitar que Amélia tivesse trabalho e, por mais que ela falasse, ele continuava arrumando tudo com uma persistência metódica.

Naquela segunda-feira, 23 de novembro, quando Amélia entrou pela porta da cozinha, estranhou a ausência do padre, e percebeu que havia algo errado. Ele avisava-a quando saía e, em onze anos, era a primeira vez que ele não estava na cozinha e não a tinha avisado. Passou pela sala e estava tudo em silêncio, espreitou o banheiro pela porta entreaberta e viu o quarto dele com a porta fechada. Bateu com os nós dos dedos:

— Padre, sou eu, Amélia. Está tudo bem? Já são sete e cinco.

Não ouviu resposta e encostou o ouvido à porta:

— Padre Bento?

O silêncio era absoluto. Amélia ficou na dúvida se entrava ou não no quarto. Depois de uma longa hesitação, forçou a maçaneta, mas a porta do quarto estava trancada. Achou aquilo mais estranho ainda e telefonou para Alessia. Padre Bento dizia sempre que, se acontecesse alguma coisa, era para falar com a dona Alessia. Voltou à sala e o silêncio parecia ter se adensado. Sentiu um arrepio subir pela coluna como um gato que escala uma árvore: teimosamente, com as unhas afiadas. Procurou o número na agenda e ligou para o celular de Alessia:

— Dona Alessia, é a Amélia.

— Bom dia, Amélia. — Alessia respondeu aturdida, ciente de que Amélia nunca tinha telefonado naquele horário. Às vezes telefonava para reclamar que o padre Bento não estava se alimentando corretamente ou para pedir novas roupas de cama ou banho, porque Bento era muito generoso com os outros, mas esquecia das suas necessidades.

— Sabe se o padre viajou? O quarto dele está trancado e ele não deixou nem um bilhete.

— Como? Não saiu para comprar nada?

— Não, dona Alessia. Está tudo vazio. Acho que nem dormiu aqui.

— Você disse que o quarto está trancado? Não tem uma chave aí?

— Não. Aquela porta só tinha uma chave e o padre nunca trancou o quarto dele.

Alessia saiu da cama e procurou apressadamente uma roupa, enquanto dizia:

— Amélia, estou indo para aí.

— Está bem.

Alessia se vestiu, e saiu rapidamente, depois de pegar a chave do carro, que ficava na mesa de apoio, ao lado da porta. Assim que entrou no carro, ligou para Daniel e nem sequer deixou ele falar:

— Daniel, aconteceu alguma coisa com o Bento.

— O que aconteceu?

— Não sei. Amélia não o encontrou e o quarto dele está trancado. E é preciso alguém para celebrar a missa das sete e meia, antes que as pessoas fiquem por ali... — sugeriu, tentando pensar, enquanto dirigia e falava ao telefone. Felizmente, naquele horário, ainda não havia muito trânsito no percurso para a igreja.

— Eu vou, mas chegarei com dez minutos de atraso — avisou, largando o café na mesa, para vestir a batina. Naquela manhã, acordara às cinco para fazer jogging com Kent, e uma hora e meia depois começaram a tomar o café da manhã, na cozinha de Daniel.

— O que foi? — perguntou Kent, perante a preocupação visível no rosto de Daniel.

— Bento desapareceu.

— Como?

— A dona Amélia não o encontrou. Eu tenho que celebrar a missa das sete e meia, para evitar confusão com os fiéis — anunciou, apressado.

— Também vou — retrucou Kent, firme.

Alessia se dirigiu à parte de trás da Igreja, onde ficava a pequena casa que Bento ocupava. A entrada era pela cozinha. Encontrou Amélia sentada, tomando café, com o olhar triste e o corpo curvado.

— Dona Alessia, isto não é normal — disse levantando-se para cumprimentá-la, assim que a viu entrar.

— Olá, Amélia. Vamos ver se conseguimos abrir o quarto e descobrir o que aconteceu.

Alessia empurrou a porta e girou a maçaneta, mas não conseguiu fazer com que a madeira cedesse um único milímetro.

— E a janela do quarto?

— A cortina está fechada e a janela também. Já fui lá, para tentar entrar.

Alessia pensou no sonho de Elizabeth, e tentou afastar as palavras dela da mente. Sabia que Bento jamais iria para qualquer lugar sem avisar. E na noite anterior, quando se despediu dela com um abraço longo e disse que a amava, não avisou nada. Alguma coisa estava errada.

— Alessia? — chamou Kent, que acabara de chegar.

— Aqui, na porta do quarto de Bento.

— Bom dia, dona Amélia. Alessia — disse Kent beijando-a no rosto. — Deixe eu ver se consigo abrir a porta. Suponho que não temos a chave.

— Não. Amélia diz que só havia uma chave — informou Alessia, sentindo a angústia aumentar dentro do peito a cada instante que passava.

— Dona Amélia, existe alguma caixa de ferramentas por aí? — perguntou Kent, enquanto se abaixava para ver o encaixe dos parafusos da fechadura.

— Existe sim. Vou buscar. — anunciou, afastando-se apressadamente.

Quando Amélia voltou com a caixa, Kent pegou uma chave de fenda e começou a desparafusar a fechadura. Colocou os parafusos cuidadosamente num dos cantos da caixa de ferramentas. Desencaixou a fechadura e empurrou a porta devagar. A chave, apesar da porta estar trancada, não se encontrava na fechadura. O quarto estava escuro. Kent entrou, abriu as cortinas e a luz da manhã entrou de rompante pela janela e iluminou Bento, imóvel na cama, com o rosto pálido e sereno como se estivesse dormindo.

Alessia gritou, e tentou galgar o espaço que a separava da cama, mas Kent estendeu o braço em um movimento rápido e segurou-a com firmeza, impedindo-a de se aproximar. Amélia começou a chorar, parada à entrada do quarto.

— Alessia, calma. Fique aqui. — Ordenou Kent. Aproximou-se de Bento e levantou as cobertas. Uma mancha vermelha se alastrara pelo peito, como no sonho de Elizabeth. Soltou as cobertas e pediu com voz serena:

— Dona Amélia, por favor, vá para a cozinha que nós resolvemos isto.

— Eu quero ficar. Ele era muito bom para mim. Quero saber o que aconteceu — teimou ela.

— Dona Amélia, assim que soubermos o que aconteceu vamos te contar, mas agora é melhor ir. E, por favor, não diga nada a ninguém, por enquanto.

— E a missa? — perguntou ela, com um arroubo de lucidez.

— O padre Daniel está celebrando a missa. Se quiser, pode fazer um café... Ajudaria muito.

— Está bem — respondeu, sem convicção.

Assim que Amélia saiu do quarto, Kent levantou novamente as cobertas e mostrou o corpo a Alessia. Ela gemeu de dor. Não era possível que tivessem feito aquilo. Quem poderia ter entrado em uma igreja para assassinar um padre? No espaço sagrado da igreja.

— Não toque nele. Não toque em nada, Alessia. Temos que chamar a polícia — recomendou Kent totalmente controlado.

— Como puderam fazer isto? — perguntou desnorteada. — Foi um tiro?

Kent olhou com atenção e respondeu:

— Não sei... É estranho, mas não há muito sangue. Parece que o mataram enquanto dormia. Acho que ele não percebeu.

— Como é que entraram aqui e ele não percebeu?

— A polícia vai descobrir o que aconteceu.

— Não, Kent. Nós temos que descobrir o que aconteceu. Você sabe disso — gritou enfática, começando a perder o controle.

— Nós vamos descobrir, mas agora temos que ser discretos e deixar isto nas mãos da polícia.

Nesse momento Daniel entrou no quarto e assim que olhou para Bento e viu sua placidez marmórea, percebeu que estava morto. Deu duas passadas largas e abraçou Alessia:

— Lamento muito. Sei que sua dor é imensa, mas agora temos que ter muito cuidado...

— Eu sei — respondeu Alessia, tomada pela dor e pela raiva, porém ainda sob o efeito do choque. — É a primeira vez, em centenas de anos, que se quebra a lei do santuário. Não lembro de ter ouvido falar de um caso assim. Matar um padre em uma igreja. — disse aparentemente serena, mas Daniel sabia que em minutos ela cederia ao impacto da dor, depois de assimilar o choque inicial.

— Não sabemos quem foi, nem o que aconteceu. Temos que ter calma — advertiu Kent, caminhando pelo quarto, com um olhar

analítico. — Alessia consegue perceber se está faltando alguma coisa? Alessia, é importante... Antes de a polícia chegar.

— Não. E quero dizer que sei quem é o assassino. Isto foi para nos atingir, para enfraquecer a Ordem. Para me destruir — comentou, com as lágrimas correndo pela face, cedendo à dor.

— É cedo para tirar conclusões, Alessia. — Daniel falou com voz grave, sabendo que era importante manter as emoções controladas. — A polícia vai querer falar com as pessoas que estavam aqui no momento da descoberta de Bento. Kent, você já chamou a polícia?

— Vou telefonar agora. Alessia, o Bento tinha aqui algum caderno ou objeto que pudesse revelar alguma coisa sobre nós? — insistiu secamente, enquanto engolia sua própria dor.

— Não.

— Tem certeza? — perguntou Kent de novo, pouco seguro sobre a capacidade de julgamento de Alessia.

— Tenho. Nós falávamos sobre isso. Ele tinha uns diários, mas há pouco tempo guardou-os em uma caixa e me deu. Parece que sabia que isto ia acontecer! Disse que se caíssem nas mãos erradas iria nos causar muito dano. E eu guardei-os no cofre, no Banco, com as minhas coisas.

— Então não há nada?

— Não. Ontem passei o dia com ele. Saí daqui pouco antes do jantar — gemeu, apertando as mãos, uma contra a outra. — Pedi que fosse comigo, ou que me deixasse passar a noite com ele... Não devia tê-lo deixado aqui, sozinho. Não devia! Que raio de mãe sou eu?

Kent e Daniel trocaram um olhar de cumplicidade ao escutarem a última frase. Daniel segurou Alessia por um braço e guiou-a com firmeza para o banheiro, antes que ela se descontrolasse ainda mais e fizesse revelações incompreensíveis para o resto do mundo.

Sentou-a na borda da banheira e procurou os remédios de Bento. Rezou para que ele tivesse algum calmante, alguma coisa que Alessia pudesse tomar. Ela não podia falar com a polícia naquele estado e dizer aquelas coisas. Daniel encontrou uma cartela de calmantes, meio esfarelada. Não conseguiu ver a data de validade, mas entre Alessia tomar um comprimido fora de prazo e dizer à polícia uma série de barbaridades, não lhe restava opção. Escolheu o comprimido roxo que parecia mais inteiro, pegou no copo que estava na pia, encheu-o de água e obrigou Alessia a tomar.

— Não quero. Meu filho... — gemeu com a mão esquerda sobre o peito, no lugar onde palpitava o coração, agora dilacerado pela perda de Bento.

— Alessia, beba. Agora. — Daniel falou com firmeza e ela bebeu, sem entender bem o que acontecia à sua volta. Só sabia que Bento tinha partido na grande viagem.

Kent abriu a porta e perguntou:

— Então?

— Tomou um calmante.

— Melhor assim. Telefonei para o Queiroz. Era isso, não é?

— Sim. Peça à Amélia para fazer um chá de erva-cidreira ou camomila... Alguma coisa quente para a Alessia beber.

Falavam como se Alessia não estivesse ali, e na verdade, ela não se sentia ali. Ouvia as vozes ao longe, sem entender de onde vinham os sons e qual a origem daquela dor absurda.

Rui Queiroz era coronel da Polícia Militar. Filho de um judeu português e de uma baiana, nasceu em São Paulo e revelou, desde muito cedo, uma inteligência acima da média. Aos vinte e cinco anos tornou-se o mais jovem capitão da polícia de São Paulo e, aos

quarenta e nove anos, tinha uma lista infindável de admiradores e outra de detratores.

Conheceu Kent em uma palestra sobre rituais mágicos da América do Sul, dez anos antes, e ficaram amigos. Sempre que Queiroz se deparava com algo relacionado a rituais ou magias ligava para Kent. Por vezes telefonava só para discutir pontos de vista alternativos e diferentes. Quando o celular tocou àquela hora da manhã, Queiroz soube que alguma coisa tinha acontecido com Kent, e assim que ele lhe deu o panorama geral da morte de Bento, praticamente voou para a igreja, acompanhado dos seus melhores investigadores.

Quando chegaram, tiraram todos de dentro da casa de Bento e marcaram um perímetro em volta da igreja, proibindo a passagem de qualquer um que não pertencesse à equipe de investigação.

O experiente médico-legista, Carlos Fernandez, fez um exame preliminar no local. Fotografou tudo que achou necessário e mandou levarem o corpo para o Instituto Médico Legal, onde realizaria a autópsia. Contou ao coronel que o padre fora esfaqueado no coração, mas um golpe daqueles provocava uma hemorragia enorme e não havia sangue suficiente no local. Deduziu que a facada tinha sido *post mortem*. Carlos garantiu que o golpe foi dado por alguém com conhecimento de anatomia, porque a faca atravessou o quinto espaço intercostal, um centímetro à esquerda do esterno. O assassino também tinha frieza excepcional, porque não havia uma única marca de hesitação. Além disso, calculou o médico, a faca devia ter cerca de quinze centímetros de comprimento.

— Será que conseguimos descobrir que tipo de faca é? — perguntou Queiroz.

— Podemos tentar. Vou injetar silicone no corte e faço um molde.

— Excelente — disse Queiroz.

— Te mantenho informado.

— Agradeço. Este crime, com um padre, vai ter repercussões e muita pressão da igreja. Temos que nos preparar — antecipou o coronel.

Despediram-se com um aperto de mão, enquanto Queiroz observava os investigadores atarefados, recolhendo fibras, digitais e todo o tipo de vestígios dentro e fora da casa do padre. Havia marcas de sapatos número quarenta e quatro ao lado da janela, o que levantava a hipótese daquele ter sido o local de entrada do assassino. Mas se o assassino tinha entrado por ali, como é que Bento não acordara com o barulho? Aquilo era um mistério.

Tudo indicava um assassinato premeditado, para não deixar vestígios. Algo maturado, fruto de uma mente meticulosa. Depois de analisarem a casa e falarem com Amélia, os investigadores descobriram que não havia nada roubado ou fora do lugar. Estranharam que alguém esfaqueasse uma pessoa no coração sem deixar um rastro de sangue. Borrifaram o chão do quarto com luminol e encontraram algumas gotas de sangue, ao lado da cama, que escorreram da faca. Perceberam que o assassino limpou o chão para apagar os vestígios, mas o luminol revela sempre a presença de sangue. No entanto, a quantidade encontrada era insuficiente para resolver um crime como aquele. Este era outro mistério.

Havia ainda o fato da porta e da janela do quarto terem sido fechadas. A chave do quarto tinha desaparecido, o que indicava que o assassino a tinha levado depois de trancar a porta.

Rui Queiroz falou com Alessia e notou que ela estava muito abalada. Perguntou a Kent, com perspicácia, que tipo de relação havia entre Alessia e o padre Bento. Daniel permaneceu calado, enquanto Kent respondia com tranquilidade:

- Eles eram muito amigos. Alessia amava Bento como um irmão.
- Só isso? — insinuou Rui, desconfiado.

— Garanto que era só isso. Não existia nada entre eles, a não ser um amor fraternal — insistiu Kent com segurança.

— E vocês eram todos amigos?

— Há mais de vinte anos — mentiu Kent.

Queiroz deu por encerrada aquela primeira conversa e afirmou categórico:

— Vamos descobrir o que aconteceu.

Daniel afastou-se da área dominada pelos investigadores, em busca de privacidade, para avisar Uchoa, Dib, Seth e Elizabeth. Assim que ela atendeu o celular, avisou, com serenidade:

— Tenho más notícias, Elizabeth.

Ela ficou alguns segundos em silêncio, e perguntou:

— Padre Bento?

— Sim.

Ela se calou novamente, percebendo que ele estava dando tempo para ela aceitar a notícia.

— Foi como eu sonhei? — quis saber, sentindo as lágrimas prontas para saltar dos seus olhos.

— Kent e Alessia o encontraram no quarto, com um golpe no peito, provocado por uma faca. — Daniel falava pausadamente, evitando deixar transparecer qualquer emoção.

— Assassinaram-no? Quem poderia querer matar um padre? E por quê? — Elizabeth questionou, mas as perguntas eram apenas uma forma de racionalizar a notícia. Por mais chocante e dolorosa que fosse a morte de Bento, Elizabeth estava com a sensação de já ter vivido tudo aquilo antes, através dos sonhos. Era como se aquela informação viesse apenas confirmar o que ela já sabia.

— Ainda não se sabe nada. Vamos ter que esperar — respondeu Daniel evitando especular.

— E Alessia? — perguntou, sabendo da enorme e estranha ligação que ela e Bento tinham.

— Vamos levá-la para casa assim que possível.

— Estou esperando vocês — afirmou, antes de desligar.

Passava do meio-dia quando Rui Queiroz os liberou.

Kent e Daniel conduziram Alessia para casa. Elizabeth ajudou-a a deitar para que descansasse, sob o efeito do calmante.

O corpo de Bento seria autopsiado e só no dia seguinte seria liberado para o funeral.

Com exceção de Elizabeth, todos os membros da Ordem estavam cientes do problema que a investigação sobre a morte de Bento podia significar. Parte do segredo guardado durante anos poderia ser exposto a um mundo incapaz de compreender a profundidade e a magnitude daquela revelação.

Mas agora, o mais urgente era apoiar e, também, controlar Alessia, inconformada com a perda de Bento. Sua dor estava adormecida pela química do comprimido.

A fatalidade tem o dom de apagar as pequenas perturbações do cotidiano. De repente, as miudezas que incomodam no dia a dia, os detalhes que se transformam em problemas, somem sob o peso da tragédia. Alessia se lembrava claramente da primeira vez que vira Bento. Foi em fevereiro de 1939, dois meses antes do fim da guerra civil espanhola, que instaurou o regime do General Franco. Os pais de Bento foram fuzilados pelos franquistas, acusados de serem comunistas, quando Bento tinha duas semanas de vida. A mãe, para salvá-lo, escondeu-o no meio das roupas, onde o choro abafado

pelos tecidos impediu que os soldados o ouvissem. Um bebê do tamanho dele teria sido assassinado com um único golpe de baioneta, como aconteceu com tantos outros durante a guerra. Naquela época, Alessia morava em uma casa próxima e ouviu tiros. Quando os soldados partiram, deixando uma trilha de sangue pela aldeia, Alessia entrou na casa dos vizinhos para procurar o bebê, até escutar seu choro longínquo. Encontrou-o quase sufocado, dentro de uma cesta, debaixo das roupas, no armário do quarto dos pais. A criança minúscula estava vermelha de tanto chorar. Alessia trocou sua fralda, o alimentou com leite de cabra e decidiu sair da Espanha naquele mesmo dia. Achou que o bebê já tinha presenciado muito sangue em tão pouco tempo de vida. Levou-o para Castro Laboreiro, uma aldeia impregnada de lendas, encravada nas serras do norte de Portugal. Fez uma viagem difícil e penosa. Era inexplicável como uma mulher com um recém-nascido pôde sobreviver a uma caminhada de três semanas, por montes ermos e gelados, no fim do inverno, quando a neve ainda se recusava a abandonar a terra. Por vezes conseguia carona em um cavalo ou uma carroça, outras vezes alguém a deixava dormir em um lugar protegido do relento e próximo do fogo, e outras vezes ainda, ganhava um prato de comida quente e leite para o bebê.

Chamou-o de Bento, que vem da palavra latina *benedictus*, e significa "Louvado". Registrou-o com os nomes dos pais, para que ele soubesse que tinha sido desejado. Amou-o como um filho. O único que teve em toda sua vida.

Alessia e Bento viveram em Castro até ele completar dezoito anos, e voltaram para a Espanha onde ele entrou para o seminário, em Barcelona. Quando Bento fez vinte e três anos, foram para Albi, na França, onde ele terminou os estudos em um monastério. Desde muito cedo Bento queria ser padre. Não tinha ainda seis anos,

quando já insistia em ajudar o padre da aldeia na missa. Alessia nunca soube de onde surgira aquela devoção inesperada e prematura. Quando ele fez trinta anos assumiu a Iglesia de Nuestra Señora Del Azogue, em 1969. Para ficar junto dele, Alessia morava em Puebla de Sanabria, a vila próxima à Casa do Lago de Arturo, e para onde ele se mudaria com a filha anos depois, em 1984.

Durante anos, parecia normal que Alessia fosse mãe de Bento. Mas com o tempo, Bento envelheceu naturalmente, enquanto Alessia se mantinha jovem. As pessoas começaram a duvidar que ela fosse mãe dele e passaram a achar que se tratava de uma amante discreta, que acabou sendo aceita e consentida. A partir do momento em que chegaram a Puebla de Sanabria, Alessia deixou de se apresentar como mãe dele, e assim havia sido durante os últimos quarenta anos.

E esta história devia permanecer oculta, por ser parte de uma trama maior e mais densa, que Bento anotara nos seus diários: uma mãe que aparentava menos de cinquenta anos, com um filho de setenta. Não havia como explicar aquele fenômeno, por muito que a genética de Alessia fosse favorável e a medicina tivesse avançado.

A morte de Bento, apesar de não ter acontecido na igreja, foi considerada ultrajante: tratava-se do assassinato de um homem santo em um lugar sagrado. Por isso, o arcebispo de São Paulo designou Salvatore Camaratte, um dos seus clérigos mais pragmáticos e inflamados, para acompanhar as investigações, fazendo com que o caso ganhasse contornos cada vez maiores.

O assassinato, pouco mais de um mês depois da morte de Arturo, abalara os membros da Ordem, mal refeitos da sua primeira perda.

Durante três dias Alessia não disse uma palavra e tudo lhe exigia forças que não possuía. Sabia o que era perder os pais, mas nada prepara uma mãe para perder um filho. Embora soubesse que aquele momento se aproximava, quando o tempo foi moldando o corpo de Bento com a idade, agora, que se confrontava com a realidade, compreendia que nunca tinha conseguido sequer imaginar o tamanho daquela dor.

Kent tentou consolá-la, mas Alessia olhou-o como se ele falasse outra língua. Naquele momento, nada parecia ter sentido. A escuridão tinha se abatido sobre ela e todas as palavras pareciam chegar de muito longe, de um lugar desconhecido.

Elizabeth nunca a vira tão triste, sem uma centelha de esperança. Sabia que ela e Bento eram unidos, mas jamais percebera a profundidade daquela relação até ver a devastação emocional que a morte dele provocara. Não sabia o que pensar, embora todos tratassem o assunto com naturalidade, exatamente como seu pai fizera quando Bento se mudou para São Paulo, acompanhando Alessia. O amor entre eles era aceito como algo normal e puro, que não violava a ética de Bento, enquanto servidor de Deus. Elizabeth aceitou, mais uma vez, a estranha relação, apesar de continuar sem compreender. Confortou Alessia cuidando dela como, pouco tempo antes, ela cuidara de si, após a morte de Arturo.

Daniel visitava Alessia todos os dias, e falava sobre aceitação. Repetiu, pacientemente, as mesmas palavras até elas começarem a fazer sentido para ela. No final da tarde do quarto dia depois da morte de Bento, Alessia respondeu pela primeira vez:

— Eu sei que preciso aceitar. Eu sei, Daniel. — Foi assim que ele soube que ela tinha acabado de dar um pequeno passo em direção à cura.

Durante aquele período, Daniel insistiu para que Elizabeth não alterasse a rotina e mantivesse seu ritmo de trabalho. Ele acreditava que o assassinato de Bento tinha como objetivo expor a Ordem e desestabilizar Alessia, deixando Elizabeth desprotegida.

Alessia era, naquele momento, o elo mais fraco da cadeia. Sua relação com Bento poderia causar vários problemas, e era prioritário garantir que não havia vestígios com mais de quarenta anos sobre a ligação dos dois, o que coincidia com a chegada deles a Puebla de Sanabria. E, mesmo assim, quarenta anos já causavam estranheza, visto que Alessia aparentava bem menos de cinquenta. Ainda que apagassem regularmente os vestígios das suas vidas, Daniel pediu que Kent confirmasse se não havia escapado nada que pudesse comprometê-los. Os mistérios sobre a idade de Alessia e sua relação com Bento precisavam ser protegidos, e a melhor opção era forjar os documentos de Alessia para que ela passasse a ter cinquenta anos. Era preferível que as pessoas pensassem que havia uma relação amorosa entre Alessia e Bento, do que uma relação de mãe e filho.

Os resultados da autópsia, no dia 27 de novembro, confirmaram que o ferimento no coração de Bento fora feito *post mortem*, como o legista deduziu na análise preliminar do corpo. Bento estava morto havia pelo menos duas horas quando sofreu o golpe, o que explicava a quantidade irrisória de sangue no local do crime. A causa da morte tinha sido uma dose letal de tetrodotoxina, o mesmo veneno encontrado nas vítimas europeias de John MacGee. O conteúdo do estômago revelou que a última refeição de Bento fora uma sopa de

capeletti, provavelmente misturada com a tetrodotoxina. O veneno paralisou seus músculos, mas ele não perdeu a lucidez, até o momento em que sofreu uma parada cardíaca. Foi uma morte dolorosa, porém, pela serenidade em que o encontraram, ele parecia ter aceitado seu destino e deixado o mundo em paz, graças à sua elevada espiritualidade.

Havia mais um detalhe surpreendente: o médico descobriu que Bento estava com um câncer em estágio terminal. Havia metástases em vários dos seus órgãos vitais, e ele teria, no máximo, dois meses de vida, que seriam, certamente, muito sofridos.

A análise forense mostrou que a faca utilizada tinha uma lâmina recurvada, com quinze centímetros de comprimento e quatro milímetros de espessura. Mas os detalhes sobre a faca não limitavam a lista de suspeitos nem apontavam para qualquer direção específica.

Apesar dos resultados explicarem a ausência de sangue no local do crime, havia outras questões: por que o assassino esfaqueou Bento no coração, se sabia que ele estava morto? E por que levou a chave do quarto?

Queiroz decidiu ter outra conversa com Kent, já que todo o caso parecia confuso, mas antes fez uma rápida e tensa reunião com o representante do arcebispo, Salvatore Camaratte.

No dia anterior Camaratte tinha dado uma entrevista na televisão, declarando que o assassinato de Bento fora perpetrado por alguém que desejava afrontar os poderes de Deus e desafiar a Igreja católica. Afirmou também que o assassinato continha uma mensagem simbólica, porque o coração do padre fora atravessado por uma lâmina, como se o assassino desejasse mostrar que estava "atingindo o coração da Igreja". Para terminar, garantiu a colaboração da Igreja, para ajudar a descobrir o assassino.

Aquela entrevista irritou Queiroz, e ele expressou seu desagrado, especialmente por Camaratte ter revelado informações, como o golpe no coração, que eram cruciais para a investigação e não deviam ser públicas até o caso estar solucionado. Por essa razão, para evitar vazamentos para a imprensa, a polícia não iria dar informação adicional nem a Camaratte nem a qualquer outro membro da Igreja. O fato de Camaratte representar o Arcebispo não significava nada porque, como frisou Queiroz de modo enfático, a Igreja cuidava das almas e a polícia, dos corpos.

Camaratte, sempre tão eloquente, foi surpreendido pela reprimenda calorosa contra sua entrevista. Ele pretendia colocar a Igreja sob os holofotes da mídia, mas percebeu que tinha cometido um erro de julgamento ao intrometer-se na área de atuação da polícia. Tentou justificar-se, mas o coronel foi intransigente:

— Padre, o senhor pode ter influência no reino dos céus, mas aqui, neste pedaço de terra, quem manda sou eu e, até saber exatamente o que aconteceu, o decorrer desta investigação será um túmulo.

15. O sábio e as salas secretas

Tudo, absolutamente tudo, a cada instante, em cada lugar, é exato. Tudo é busca do conhecimento...

J. M. G. Le Clézio (1940-)

O coração tinha uma conotação simbólica e Daniel sabia que essa era a única razão para o assassino ter esfaqueado Bento, depois de morto, com tanta precisão. Quando Kent o avisou que Rui Queiroz queria falar novamente sobre Bento, Daniel calculou que ele desejava compreender o significado do ferimento no coração. Mas nem Kent nem Daniel poderiam explicar que se tratava de uma mensagem para os membros da Ordem. Eles acreditavam que o assassino estava mostrando que podia atingir a Ordem, e não a Igreja como defendia Camaratte. E pretendia também mostrar que o *coração* da Ordem estava vulnerável, da mesma forma que Bento estivera exposto, imóvel, sem conseguir pedir ajuda.

A chave do quarto, levada pelo assassino, podia significar que ele tinha uma chave importante e, naquele contexto, só havia duas chaves relevantes: a misteriosa Chave dos Segredos e Elizabeth, que era uma espécie de chave mestra para acessar a Chave dos

Segredos por meio dos seus sonhos. Com Elizabeth em seu poder, o assassino podia descobrir o segredo mais bem guardado do último milênio, atingindo a Ordem no seu âmago. Tratava-se de alguém arrojado e bem informado, e só havia uma pessoa com aquele perfil: Miguel Besson.

Daniel considerava essencial impedir que a causa da morte de Bento fosse divulgada, para evitar que Bardas fizesse a ligação com os casos da Europa, colocando a Ordem no centro de uma investigação internacional: Elizabeth seria associada a MacGee, o assassino que se suicidara em Puebla de Sanabria e Alessia seria ligada a Bento.

Queiroz se reuniu com Kent e Daniel, e percebeu que seria difícil compreender os motivos ocultos sob o ferimento de Bento. Começou a acreditar que podia ser mesmo uma questão simbólica, como Camaratte tinha sugerido, para atingir o “coração da Igreja”. Mas essa hipótese, em vez de ajudar, só complicava.

E se Camaratte estiver certo? Será um constrangimento ter que engolir o representante do arcebispo, pensou Queiroz, irritado com a possibilidade. Havia também o desaparecimento da chave. Por que o assassino teria trancado a porta e levado a chave? Kent teve uma ideia e sugeriu:

— Pode ser a *Chave do Reino dos Céus*? Se Bento foi morto para atingir a Igreja, como Camaratte sugeriu, a Chave pode ter também uma conotação religiosa, não?

— O que quer dizer? — perguntou Queiroz, atento.

— Talvez a mensagem signifique que atingiram o coração da Igreja, privando-a de alguém que representa a Chave do Reino dos Céus. Um intermediário com Deus.

— Tem lógica — interrompeu Queiroz, com o olhar vivo, parecendo vislumbrar alguma luz no caso, antes de fazer uma nova

pergunta. — Mas por que mataram Bento e não outro padre?

— Não sei, Rui — murmurou Kent, pensativo. Desde a morte de Bento, vinha tentando descobrir um caminho que permitisse solucionar o caso, sem expor a existência da Ordem.

— Se você não sabe, imagine eu, que sou leigo nesses assuntos religiosos! Por que mataram Bento? — matutou intuitivamente, como se aquela pergunta tivesse um código secreto que permitisse desvendar o assassinato. — Só mais uma coisa. Sabiam que ele estava com câncer e teria no máximo dois meses de vida? Não encontramos nenhuma medicação na casa dele.

— Não. Ninguém sabia de nada. Nem ele, acho. — respondeu Daniel surpreso, acreditando que se Bento soubesse que estava doente, com certeza teria dito a Alessia.

— Bem... é isso, por enquanto — disse Queiroz, despedindo-se com o semblante sério, mostrando que não estava satisfeito com os resultados da investigação.

A informação sobre a doença de Bento e sua morte apanhou Kent e Daniel desprevenidos, e eles optaram por não contar a Alessia. Aquela notícia só iria contribuir para causar um sofrimento desnecessário.

Elizabeth tentava convencer Alessia a comer uma sopa quando Daniel avisou que estava subindo. Leon abriu a porta e acompanhou-o à cozinha, onde elas se encontravam. Alessia continuava pálida e silenciosa, como um fantasma relutante se arrastando pela terra. Daniel cumprimentou-a com um beijo, e depois de trocar um olhar cúmplice com Elizabeth, pediu:

— Alessia, coma a sopa, por favor.

Ela notou os sulcos de preocupação na testa dele. Parecia ter envelhecido, mas Alessia sabia que aquilo era apenas um reflexo do cansaço e das responsabilidades recém-acumuladas.

— Não se preocupe, Daniel — respondeu com voz arrastada.

— Lembre que fizeram isto para nos atingir e não podemos permitir que isso aconteça.

— Vou melhorar. É difícil... Mas vou melhorar — hesitou, antes de decidir se isolar. — Vou tomar a sopa no meu quarto. Desculpem... — disse afastando-se devagar.

Quando ficaram a sós, Daniel comentou:

— Temos estado tão centrados em Alessia, que não perguntei como tem passado...

— Bem, acho. Mas nunca mais sonhei desde que aconteceu... aquilo com Bento.

— Foi o choque da primeira premonição. É uma proteção do espírito — explicou Daniel.

— Como sabe? — questionou, curiosa.

— Aconteceu o mesmo com sua mãe — respondeu, nostálgico, recordando o momento em que Arturo lhe contou sobre a primeira premonição de Angelina. — Quando ela descobriu que a premonição se realizou, sentiu culpa como se pudesse ter tido alguma influência sobre os acontecimentos. E ficou sem sonhar por um tempo. O que sentiu com a morte de Bento?

— Acho que estava mentalmente preparada, mas não emocionalmente. Não senti surpresa nem culpa, só medo de voltar a sonhar. — Elizabeth ficou silenciosa alguns instantes, sob o olhar insondável de Daniel.

— É por isso que não sonha. Quando estiver pronta vai sonhar de novo. acredite. — Daniel olhou para o relógio, e percebeu que eram quase dez da noite.

— Elizabeth, falta uma semana para a próxima reunião da Ordem e eu tenho que explicar alguns fatos importantes sobre a Ordem. Sei que está com os dias sobrecarregados, mas precisamos de tempo para conversar. Quando é melhor?

— No final do dia, quando saio do trabalho. Depois das sete e meia.

— Estarei aqui amanhã, às oito — despediu-se com uma carícia leve no rosto, como se ela fosse uma criança, mas estava totalmente consciente de que ela era uma mulher, e oscilava entre a crescente atração por ela e os seus deveres e obrigações.

Daniel sintetizou as suas explicações para evitar que se tornassem exaustivas, sabendo que era difícil percorrer três mil anos de história em tão pouco tempo. Muito seria deixado para trás, mas as linhas gerais da história da Ordem ficariam claras para Elizabeth.

— Vamos voltar aos objetos graálicos. Já falamos sobre isso por causa da esmeralda e do punhal ritualístico. O Cálice, o Livro e a Esmeralda têm três pontos em comum: primeiro, estão associados à imortalidade; segundo, só são acessíveis aos puros; e terceiro, em algum momento, os Cavaleiros Templários foram os seus guardiões. São objetos que simbolizam o conhecimento verdadeiro e superior.

— E o que significa esse conhecimento? — perguntou Elizabeth.

— É o mais elevado conhecimento humano que existe, e é tão absoluto e poderoso que, entre outras coisas, permite viver centenas de anos. — Daniel percebeu que ela se esforçava para abarcar a magnitude do que estava sendo revelado, e continuou explicando pausadamente. — No século XII os Templários tiveram acesso ao Graal e a vários segredos. Mas o Graal foi alimentado por duas fontes distintas: Salomão e Cristo. A Esmeralda e a primeira parte do

Livro Sagrado têm origem em Salomão e o Cálice e a segunda parte do Livro têm origem em Cristo. Tudo começou com o rei Salomão. Ele é o “pai” do Graal e de alguns dos maiores mistérios da história, como o Templo de Salomão e a Arca da Aliança, e está, também, na origem de todo o conhecimento místico.

— Não compreendo.

— Salomão tinha uma sabedoria inata e o rei Davi, seu pai, mandou-o para aprofundar os seus conhecimentos no Egito. Salomão viveu no Egito meio milênio depois da fuga de Moisés e dos hebreus, depois das dez pragas e da passagem através do mar Vermelho. Foi durante esse período que Salomão teve acesso às tradições iniciais do seu povo, as mesmas que foram transmitidas a Moisés, centenas de anos antes.

— Então hebreus e egípcios partilharam o mesmo conhecimento?

— Várias vezes. Todos os grandes líderes cristãos, Moisés, Salomão e Jesus, passaram pelo Egito para aprofundar os seus conhecimentos.

— Não me lembro de ler nada disso na Bíblia.

— Há poucas referências bíblicas sobre os períodos que Salomão ou Jesus passaram no Egito. A maior parte dessa informação foi perdida no incêndio da Biblioteca de Alexandria e destruída pelos romanos. A informação que chegou até nós e complementa algumas das histórias bíblicas foi preservada por Ordens Secretas.

— Do tipo “sociedades secretas”?

— Sim. Ao longo dos séculos, o conhecimento original foi se fragmentando e deturpando. Mas algumas Ordens preservaram registros sem qualquer contaminação externa. São Ordens muito rigorosas e desconhecidas, com pouquíssimos membros. Voltando a Salomão... — Daniel fez uma pausa, para reorganizar o discurso. — Enquanto ele esteve no Egito, foi aceito na elite das Escolas

Secretas, por ser casado com a filha do Faraó. Obteve conhecimentos extremamente avançados até mesmo para a atualidade. Mas também descobriu que as forças do mal tinham desvirtuado o conhecimento hebreu e percebeu que sua missão consistia em salvar a religião.

Daniel ajeitou uma almofada atrás da cabeça e, com os olhos quase fechados, continuou:

— Os conhecimentos místicos dos hebreus estavam na Cabala e Salomão lhe devolveu sua pureza original. Ele conhecia o ocultismo e a magia, dominava as forças da natureza, controlava gênios e demônios...

— Gênios? Eu achava que as histórias dos gênios e da lâmpada eram lendas árabes.

— E são, mas foram inspiradas em Salomão. Os gênios estão ligados à construção do Templo. Com o poder do seu Anel, Salomão convocou-os para construírem o Templo, e foi ali que deixou seu legado espiritual, ao criar um caminho eterno, que permite aos homens acessar diretamente o conhecimento divino.

— Não entendo.

— Para evitar a deturpação do conhecimento, Salomão criou uma Cabala Secreta acessível apenas a alguns. Deixou caminhos para que só os *justos e puros* pudessem conhecer a verdade.

— Quer dizer que se uma pessoa não for justa e pura não tem acesso ao conhecimento?

— Exatamente. Lembre que todas as lendas do Graal mencionam a necessidade de *ser puro*. O Graal e a pureza estão intrinsecamente associados. E aqui começa a segunda parte da nossa história. Podemos deixar para amanhã, se quiser... Sei que já é tarde...

— Não — respondeu, de imediato, com a mente desperta. — Por favor, continue.

— Em 1109, um grupo de nove cavaleiros foi para a Palestina lutar contra os infiéis. Na época, esse era o espírito das Cruzadas. Quando chegaram a Jerusalém, o rei Balduíno II lhes ofereceu uma parte do seu palácio, que era adjacente à Mesquita de Al Aqsa, construída sobre as ruínas do Templo de Salomão. Os cavaleiros cavaram secretamente os escombros do Templo, e, finalmente, em 1118, nove anos depois, encontraram o que procuravam.

— Então eles sabiam que havia algo ali... Encontraram uma espécie de revelação divina?

— Sim, parte daquilo que Salomão escondeu no subsolo do Templo original: uma entrada secreta, escavada nas entranhas da terra, que conduzia a um labirinto de salas. Três delas estavam folheadas a ouro e repletas de símbolos.

— E o que significavam? — perguntou, à espera de algo surpreendente.

— Eles não sabiam — disse, rindo inesperadamente. Elizabeth olhou-o, surpresa com a reação dele. Contagiada, riu também, jogando a cabeça para trás, exatamente como fazia sua mãe.

Nesse momento, Alessia entrou na Biblioteca e foi surpreendida pela conexão entre os dois. Sentiu o coração congelar, aterrorizada pela lembrança trágica de Arturo e Angelina. Nunca tinha visto Daniel tão descontraído e feliz.

— Trouxe um chá — disse, quebrando a magia, mas nenhum dos dois parou de rir. Ela serviu o chá em silêncio, esperou que acalmassem e comentou, ainda com o coração pesado:

— Estão se divertindo muito.

— O padre Daniel fez uma piada. É um momento raro.

— Compreendo — respondeu Alessia observando-o. Ele devolveu um olhar franco e divertido, quase infantil, esquecido dos monstros que o rondavam. E aquele olhar a lembrou que um dia ela também

já havia sido tão inocente quanto Elizabeth. Um dia, em um passado muito distante. Perguntou para afastar os pensamentos dolorosos:

— De que falavam?

— Do momento em que os Templários descobriram as salas secretas do rei Salomão — respondeu Elizabeth com a voz ainda toldada pelo riso.

Daniel retomou o discurso, sério, com absoluto controle:

— Apesar de não saberem o que era, perceberam que estavam perante um mistério valioso, que atravessara dois mil anos. E para provar que, realmente, não existem coincidências, um dos nove cavaleiros iniciais era cátaro. Seu pai certamente lhe falou sobre os cátaros...

— Sim — anuiu Elizabeth, sintetizando os seus conhecimentos, enquanto Alessia saía da sala depois de servir o chá. — Os cátaros são um grupo cristão que surgiu no final do século XI, na região de Languedoc, na França. Eles acreditavam na existência de dois deuses opostos: o Deus do Bem, do Amor, que domina o mundo espiritual, e o Deus do Mal, que domina o mundo material. Defendiam que todas as criações materiais são obra do Deus das trevas e por isso é que a terra é dominada por maldade e injustiça.

— Exato — concordou Daniel. — Esses primeiros cavaleiros que foram para a Terra Santa eram Hugh De Payens, Archambaud de Saint-Aignan, Payen de Montdidier, Godofredo de Saint-Omer, Geofroy Bissot, Arnaldo da Rocha, Gondamer e Rossal. Há especulações sobre quem seria o nono cavaleiro, alguns acham que seria o Conde Hugh de Champagne, mas na verdade era um cátaro de Albi, na França, chamado... Luc Blanchefort.

— Blanchefort? Blanchefort, como minha família? — perguntou surpresa.

— Um dos primeiros Templários era da sua família. E, a partir daí, houve Templários em todas as gerações Blanchefort. O sexto grão-mestre da Ordem foi Bertrand de Blanchefort. Mas *nós* sabemos quem foi o nono cavaleiro, embora sua identidade tenha se mantido secreta. E agora você também sabe, embora deva manter o segredo — recomendou.

— Passaram-se quase novecentos anos. Faz sentido manter esse segredo?

— Faz todo o sentido. A descoberta dos Templários nunca foi divulgada. Até hoje ninguém sabe exatamente o que eles encontraram em Jerusalém, mas todos acreditam que esteja ligado ao Templário desconhecido. E assim deve continuar. Em breve compreenderá por quê. Você é a última herdeira de Luc Blanchefort e tem a responsabilidade de proteger esse segredo. — Daniel observou-a e percebeu que suas palavras tinham provocado o efeito desejado: ela baixou a cabeça, sentindo o peso da sua herança milenar e misteriosa. Daniel continuou:

— Luc era o mais jovem dos nove, mas por ser cátaro, era o único que tinha uma ideia sobre a importância da descoberta que haviam feito.

— Como ele sabia?

— Luc era um estudioso da sua religião e reconheceu alguns dos símbolos nas paredes, por serem os mesmos usados pelos cátaros. Luc também tinha a certeza de que aquela descoberta não podia chegar aos ouvidos da Igreja católica.

— Por quê? Nessa época a Igreja ainda não perseguia os cátaros...

— Mas já tinha começado a acusar algumas pessoas de heresia. Aliás, essa palavra na sua origem significa *escolha*. E segundo os cânones da Igreja, aceitar quaisquer outros princípios que não

fossem os católicos era uma *heresia*, uma *escolha*, que passou a ser punida com a tortura e a morte. Para se proteger, Luc aprendeu a ser discreto sobre as suas crenças, e por isso achou que aquela descoberta tinha que ser mantida em segredo.

— Mas ele teve que contar que reconheceria alguns símbolos, não?

— Claro. E também contou de onde os conhecia, resumindo os princípios básicos do catarismo. Foi então que Hugh De Payens teve a ideia de transcrever tudo o que estava nas salas para ser analisado pelos cátaros, em Albi. Em 1119, um ano depois da descoberta dos escombros originais do Templo de Salomão, Luc Blanchefort e o português Arnaldo da Rocha atravessaram o continente e levaram os manuscritos que reproduziam os símbolos, desenhos e textos encontrados nas três salas secretas do Templo. Fizeram também uma cópia rigorosa da arquitetura das salas e de todos os objetos que havia nelas. E foi assim que começou mais uma história do Graal.

— O Graal como livro sagrado? — perguntou Elizabeth.

— Sim, mas há um detalhe importante: esse manuscrito, feito pelos primeiros Templários, passou a ser conhecido como “O Mistério de Salomão” e só adquiriu sentido quando os cátaros o juntaram ao livro sagrado que já possuíam, e havia sido escrito por Jesus e entregue a José da Arimateia, o mesmo que tinha o Cálice. Ambos os livros se transformaram em um só: O Pergaminho da Luz. E os estudiosos do Pergaminho levaram mais de um século para compreender o verdadeiro significado do que tinham nas mãos. Entretanto, em 1119 os Templários foram fundados *oficialmente* por Hugh De Payens, com o nome de “Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão”. Repare que Cristo e Salomão fazem parte do nome da Ordem, porque embora os Templários não

soubessem exatamente a dimensão da sua descoberta, já tinham uma ideia de que estava associada aos dois.

Daniel viu as horas: eram mais de onze e meia da noite. O tempo tinha voado. Sugeriu:

— Podemos continuar depois de amanhã?

— Não pode ser amanhã? — apesar da curiosidade em saber o resto da história, seu maior desejo era ver Daniel. Sentia saudades e uma inquietação que só parecia aplacar quando ele estava perto. Via que Daniel estava cansado, pelos pequenos sulcos em volta dos olhos, mas não imaginava que ela fosse responsável por parte daquele cansaço, quando lhe roubava o sono ocupando os seus pensamentos pela noite adentro.

— Preciso descansar — justificou. Vê-la todos os dias exigia um esforço cada vez maior. Precisava de uma noite para se reequilibrar e colocar alguma distância emocional entre eles.

— Está bem — cedeu, tentando esconder a desilusão por não vê-lo no dia seguinte.

— Pode ser no mesmo horário?

— Sim — respondeu Elizabeth levantando para acompanhá-lo à porta e despedir-se.

Apesar de estar exausta, naquela noite o sono custou a chegar. Tinha a cabeça ocupada pela imagem do rosto de Daniel e suas palavras sobre aquela parte fantástica da história. Apesar da sua racionalidade se negar a aceitar como verdadeiro o que Daniel contara, sua intuição dizia que tudo aquilo era normal e sua família estivera envolvida com os tesouros graálicos e os mitos templários.

16. A força da espada

Por que querem tomar pela força aquilo que poderiam obter com amor?

Powhata, Índio Algonquino em 1609

Ao escutar o celular às sete da manhã Daniel sabia que só podia ser Bardas com aquele hábito irritante de ignorar a diferença de fuso entre Brasil e Espanha. Olhou para Kent, sentado do outro lado da mesa com o jornal na mão e comentou:

— Não deve ser boa coisa.

Assim que atendeu, Bardas disse de um só fôlego:

— Descobriram o código da agenda do MacGee e não vai adivinhar quem é o responsável pelos assassinatos.

— Quem? — perguntou Daniel temeroso.

— O responsável é T. S. Eliot.

Daniel deu uma gargalhada e disse aliviado:

— O único T. S. Eliot que conheço é o escritor, mas já não está entre nós e duvido que encomende crimes do além — rematou zombeteiro, acompanhado pelo riso de Kent, que seguia a conversa atentamente, pelo viva-voz do celular.

— Bem, foi o que pensei — ironizou Bardas.

— Então quebrar o código não foi suficiente — comentou Daniel.

— Não. Parece que há um segundo código. Não faz sentido... — disse baixando a voz, como se estivesse pensando.

— Dessa forma só MacGee saberia o nome real da pessoa. Talvez ele precisasse manter um registro por questões de segurança, para o caso de alguém tentar chantageá-lo ou, pior, tentar silenciá-lo depois de algum trabalho. Afinal, ser um assassino é uma profissão arriscada — disse Daniel, com sarcasmo, enquanto pensava nas várias hipóteses que podiam explicar aquele comportamento de MacGee.

Kent moveu a cabeça em sinal de concordância.

— Pode ser... Mas isso nos deixa sem resposta para o problema — concluiu Bardas. — Vocês têm alguma sugestão?

— Por enquanto não. Mas vamos pensar no que acabou de nos contar — afirmou Daniel.

— E nós vamos continuar tentando descobrir quem é o assassino que ainda está livre. Se tiver novidades, eu ligo.

— Até breve, Bardas. — Daniel se despediu, intrigado com o nome do responsável pelos crimes.

Daniel chegou ao apartamento de Elizabeth no horário combinado. Finalmente tinha conseguido descansar na noite anterior, depois de várias maldormidas. Quanto mais pensava nela, mais percebia que precisava manter as emoções controladas, e não podia se deixar dominar por aquela atração que estava afetando seu equilíbrio.

Alessia estava retomando sua rotina e até havia preparado uma salada de frutas com iogurte, que serviu no escritório. Elizabeth aguardava, ansiosa, pela história sobre a descoberta dos Templários.

Mas antes que pudesse especular, Daniel começou a falar exatamente a partir do ponto onde tinham parado duas noites antes:

— Quando Luc Blanchefort e Arnaldo da Rocha levaram o Pergaminho para Albi deram início às histórias trágicas dos cátaros e dos Templários.

— O Pergaminho da Luz é a essência do Graal cátaro?

— Sim. Em todas as histórias cátaras, o Graal aparece como um livro com um poder terrível, que proporcionava a Vida Eterna e só podia ser lido pelos *puros*.

— A Vida Eterna no sentido Bíblico, isto é, a salvação da alma? — perguntou, totalmente concentrada nas palavras de Daniel.

— A imortalidade da alma já era um conceito amplamente aceito, e a salvação dependia, segundo os cátaros, das ações de cada um — explicou, e Elizabeth reconheceu os ensinamentos do pai. — Era outra coisa: tratava-se de um conhecimento que tornava os homens imortais.

— Imortais, do tipo *viver para sempre*?

— Quem tivesse acesso a esse conhecimento, alcançaria a sabedoria divina, e poderia viver centenas de anos. Esse é o verdadeiro legado de Salomão — sistematizou Daniel.

— E foi essa lenda que levou à perseguição dos cátaros?

— Não exclusivamente. A perseguição aos cátaros se fundamentou em dois fatores: o desejo da Igreja pelo Graal e o temor da Igreja pelos princípios do catarismo.

— Que princípios?

— Os cátaros diferenciavam-se dos católicos em várias outras questões, além daquelas que já examinamos. Eram vegetarianos e praticavam rituais de cura com as mãos. Na celebração dos ritos religiosos, dividiam simbolicamente o pão e não faziam distinção

entre homens e mulheres. Recusavam os sacramentos católicos como a hóstia e consideravam válido o *consolamentum*, que era o batismo do espírito. Mas o que mais incomodava a Igreja era o fato dos cátaros não reconhecerem a autoridade do Papa e acreditarem que a relação com Deus não precisava de intermediários, o que excluía o papel da Igreja — afirmou Daniel.

— E os Templários?

— No século seguinte, enquanto estudavam o Pergaminho, cátaros e Templários estreitaram sua relação. Na verdade, muitos dos Templários eram de origem cátara, mas independentemente disso, a Ordem dos Templários adotou o catarismo.

— Apesar de servirem à Igreja católica e dependerem diretamente do Papa? — perguntou, confusa.

— Sim — confirmou Daniel. — E quando a influência cátara se espalhou pela Europa e a Igreja se sentiu ameaçada, começou a perseguir os cátaros. Inventou várias histórias para justificar essa perseguição, afirmando que os cátaros faziam orgias e praticavam rituais satânicos com sacrifício de crianças, entre outras barbaridades.

— Essa perseguição foi a “Cruzada Albigense”?

— Exato. Foi decretada em 1209, pelo Papa Inocêncio III, que estava interessado no Graal. Nessa época, havia rumores de que os cátaros tinham o Graal. E essas foram as razões que levaram à morte os cátaros, cidade por cidade: Béziers, Carcassone, Albi, Montségur... — Elizabeth notou que ele estava tenso.

— O que foi?

— Não gosto de falar sobre um dos períodos mais sangrentos do catolicismo — espirou fundo, massageando levemente as têmporas com a ponta dos dedos. Mesmo depois de tantos séculos ainda não conseguira assimilar aquela parte da história sem sentir uma ponta

de desespero. Elizabeth nunca o tinha visto assim, quase vulnerável, com as emoções à flor da pele. Mas Daniel retomou o controle, e após alguns segundos de concentração, continuou:

— Um exército de vinte mil cruzados marchou por Béziers, na França, destruiu tudo, queimou colheitas e chacinou toda a população, incluindo mulheres e crianças.

— Mas os Templários também eram cruzados — argumentou Elizabeth.

— Sim, porém eram uma elite diferente dos cruzados em geral, e se recusaram a participar da Cruzada Albigense. Mas isso não salvou os cátaros: a Inquisição foi oficializada em 1233 para acabar com o catarismo.

— Então o Pergaminho da Luz perdeu-se?

— Os Guardiões levaram o Pergaminho de Albi para Montségur, antes da queda de Albi.

— Que Guardiões? — perguntou Elizabeth confusa, com aqueles novos personagens.

— Em 1119, quando o Pergaminho chegou a Albi pelas mãos de Luc Blanchefort e de Arnaldo da Rocha, formou-se um grupo exclusivamente dedicado ao seu estudo. Esse grupo passou a ser conhecido como Os Guardiões da Luz. Durante os cem anos de estudo, as lendas cresceram e foram atribuídos poderes sobrenaturais aos detentores do Graal.

— E os Guardiões tinham mesmo poderes?

— Claro — respondeu, com naturalidade. — Consta que controlavam até as forças da natureza, como Salomão.

— E quantos eram?

— Sete Guardiões. Mas apenas três deixaram Montségur levando os tesouros, na noite de 14 de março de 1244, para a sede dos Templários, em Paris. E, pela primeira vez, todos os objetos graálicos

estavam no mesmo lugar, sob a proteção dos mesmos Guardiões. Isso era muito arriscado numa época de perseguições como aquela, em que qualquer pessoa podia ser acusada de blasfêmia ou bruxaria e acabar na fogueira. Os Guardiões acharam perigosa aquela concentração de objetos sagrados e, juntamente com o Grão Mestre dos Templários, iniciaram um audacioso plano para retirar o tesouro de Paris e levá-lo para um mosteiro secreto, que se tornaria o maior dos segredos templários, conhecido como A Chave dos Segredos.

— E que, pelo visto, nunca foi revelado.

— Nunca. Naquela época apenas um dos três Guardiões que haviam deixado Montségur e o grão mestre sabiam da localização. Mas, mesmo assim, circulavam rumores sobre um fabuloso tesouro templário. E o rei francês, Filipe, o Belo, falido e completamente endividado com os Templários, começou a arquitetar um plano diabólico para ficar com o tesouro. Como a Ordem dependia direta e exclusivamente do papa, o rei Filipe alinou-se com o papa Clemente V, seu amigo de infância e, juntos, planejaram a queda dos Templários. Por isso, quando Filipe os denunciou à Igreja por heresia, o papa aceitou a denúncia. E na sexta-feira, 13 de outubro de 1307, Filipe ordenou uma perseguição violenta aos Templários e aprisionou-os em calabouços onde foram torturados e mortos. Guillaume de Nogaret, chefe da guarda e conselheiro do rei francês, prendeu Jacques de Molay, o último grão-mestre Templário, e acusou-o de satanismo e sacrilégio. Em 1311, o papa Clemente V emitiu uma ordem para extinguir os Templários, permitindo que Filipe confiscasse os seus bens. Mas não encontraram nada do fabuloso tesouro Templário — disse Daniel com certo prazer mórbido.

— Nada?

— Confiscaram terras e castelos, mas nenhuma riqueza adicional. Nem uma única moeda. Torturaram Jacques de Molay e outros Templários durante sete anos, entre 1307 e 1314. De Molay era o único que sabia dos segredos Templários, mas não os entregou. Sofreu todo o tipo de torturas físicas e psicológicas que a Inquisição conhecia. Esticaram-no, pregaram-no ao batente de uma porta, cortaram-no, chicotearam-no até quebrarem seus ossos... De Molay esteve à beira da morte várias vezes. Os inquisidores esperavam até ele melhorar, para recomeçarem as torturas.

— Por favor... Isto é muito doloroso — disse baixo, com a voz embargada pelas lágrimas. Só quando percebeu que ela chorava, é que Daniel olhou para ela. Ele também estava emocionado, com os olhos turvos, raiados pela dor. Elizabeth foi para junto dele. Sentou-se aos seus pés, apoiando as mãos nos joelhos dele, e enquanto as lágrimas desciam pela sua face, sussurrou:

— Como puderam fazer aquilo?

Ele ergueu a mão suavemente e tocou no rosto dela, limpando as lágrimas devagar com a ponta dos dedos, primeiro o lado direito e depois o esquerdo. Em silêncio, desejando esquecer o lugar para onde os seus pensamentos o haviam levado. Um lugar perdido na Idade Média, a idade das trevas, onde se matava em nome de Deus, sob a lei falível dos homens. Ela beijou a mão dele, como se pedisse uma bênção silenciosa. Aspirou o cheiro morno, e sentiu a batina roçando na sua testa, enquanto os lábios continuavam encostados à mão macia. Daniel retirou a mão com doçura, evitando o contato com a boca úmida, e acariciou o cabelo dela. Finalmente falou, dominando as memórias martirizadas do passado e a sensualidade que o assaltara, ao senti-la tão próxima de si:

— Mataram tantos inocentes, durante tantos anos. Mas De Molay... De Molay foi diferente! Sete anos sob tortura! Em certos

lugares do corpo, a pele tinha se rompido e os ossos estavam visíveis. No dia 18 de março de 1314, De Molay, com setenta anos, imagine, setenta anos, foi queimado vivo, sem ter revelado nada aos inquisidores. Nada! Mas antes da sua morte lançou uma maldição aos responsáveis pelo massacre Templário, para que morressem em menos de um ano: o papa Clemente, Guillaume de Nogaret e o rei Filipe.

— E morreram?

— Estranhamente, os três morreram em menos de um ano. E isso deu início a mais um mito templário: a maldição do grão-mestre De Molay. Dizem que o papa morreu por ter ingerido esmeralda em pó, receita por um médico desconhecido, para curar sua dor de cabeça.

— Esmeralda?

— Irônico, não é? Guillaume também foi envenenado. Filipe morreu em consequência de um acidente de caça. Além disso, nenhum dos três homens envolvidos no extermínio templário deixou descendência direta. Os seus filhos não sobreviveram.

Elizabeth continuou sentada no chão, ligeiramente encostada às pernas dele, sentindo-se quase vingada pela morte dos Templários. Daniel olhou-a, ciente da ternura que sentira ao vê-la chorar por De Molay, e do desejo que a proximidade dela despertava.

— E o tesouro, como desapareceu? Para onde levaram tudo?

— O tesouro foi separado: as relíquias foram com os Guardiões para o Mosteiro secreto, para A Chave dos Segredos. Mas a fortuna propriamente dita, e os vastos conhecimentos científicos dos Templários, foram transferidos em dezoito galeões para Portugal. Os Templários foram extintos oficialmente em 1312, mas Don Diniz, o rei português, criou a Ordem de Cristo, que abrigava uma parte da Ordem Templária, embora com outro nome.

Elizabeth ficou alguns segundos em silêncio, antes de dizer:

— Em resumo, os Templários tinham o anel de Salomão com a esmeralda, pelo menos até inícios do século XIV, quando os Guardiões levaram o tesouro para a Chave dos Segredos. E como a esmeralda apareceu no cabo da adaga que matou minha mãe?

— Isso é o que temos que descobrir — mentiu Daniel, que conhecia bem os detalhes daquela história, mas sabia que Elizabeth ainda não estava preparada para ouvi-la.

— Minha família esteve ligada ao Graal?

— A família do seu pai sempre pertenceu aos "Guardiões da Luz". Eram Templários e cátaros. — Daniel falou devagar, esperando que ela entendesse a importância da participação da família num dos eventos mais misteriosos do último milênio. Ela ficou, de novo, em silêncio, se esforçando para incorporar aquela informação: agora sabia de onde vinha, conhecia suas origens.

— Estou impressionada — confessou, com um suspiro, sem ter ainda o controle de todo aquele conhecimento. Perguntou, intuitivamente:

— Tudo isto que me contou continua sendo apenas a superfície, não é? Existe algo maior? — murmurou, incapaz de perceber qual seu papel no meio daquela história longa e complexa.

— Você descende de guerreiros e pitonisas. Uma mistura poderosa, não acha?

— O que isso quer dizer?

— Que quem a está perseguindo pode conhecer parte do que eu disse. Agora que começou a sonhar com o futuro, vai ver coisas que mais ninguém sabe. E também será capaz de ver o passado e descobrir segredos enterrados durante séculos. Pode até sonhar com a Chave dos Segredos, o último mosteiro dos Templários. Já imaginou o que isso realmente significa?

— Também posso sonhar com o passado! — repetiu, como se pesasse as consequências daquele novo fato. Daniel estava dizendo que ela poderia descobrir a localização do Mosteiro.

— Sim... — Daniel concordou. Ela compreendeu as razões que havia para sua perseguição ou morte. Levantou do chão, voltando para o sofá, e ao virar o rosto para ele, viu o olhar enigmático, que podia ser tão frio, mas, naquele momento, estava tranquilo, aguardando que ela entendesse o alcance da sua herança. O silêncio foi crescendo em meio aos pensamentos difusos de Elizabeth, até que ela perguntou, devagar:

— Sabe se minha mãe ou minha avó sonharam com o Mosteiro?

— Não creio que tenham sonhado, senão seu pai teria falado sobre o assunto.

— E era isso que o assassino buscava?

— Não. Que sentido teria matá-las antes de descobrir a localização do Mosteiro? — perguntou Daniel, forçando-a a pensar e a recordar as razões da morte de ambas.

— Então, minha mãe e minha avó foram mortas apenas porque o assassino acreditava que podia apropriar-se dos poderes delas. É isso?

— Sim — respondeu Daniel. — O assassinato delas foi bastante primitivo. Não acreditamos que tivesse alguma conexão com o Mosteiro.

Elizabeth pensou por um momento, antes de dizer, com a voz calma:

— Estou sendo perseguida por causa do Punhal e dos meus dons, e não necessariamente por poder sonhar com a localização do Mosteiro.

— Em princípio sim. No entanto, se o assassino souber da existência do Mosteiro, os riscos são maiores. Mas pense que vamos

protegê-la e guiá-la, até que tenha condições de fazer uma escolha. Vemo-nos na reunião — disse, despedindo-se com um beijo na testa.

Elizabeth o viu desaparecer pela porta, levando consigo os momentos de abandono, angústia e ternura, e deixando todas aquelas revelações sobre os seus antepassados. Olhou para os sofás vazios e sentou no lugar que ele ocupara pouco antes. O calor do corpo dele ainda emanava da almofada. Sentiu o peito apertado, temendo o amor que sentia. Sabia, bem lá no âmago, que tinha iniciado um caminho sem volta. E sabia que seu temor era apenas um aviso descompassado, incapaz de salvá-la daquela paixão e daquela nova vida, revelada à medida que ia desvendando a história da família. Mas não sabia o que fazer com aquele passado povoado de seres especiais — guerreiros e pitonisas: um passado excessivamente grandioso para caber dentro dela. E também não sabia o que fazer com o futuro, quando o presente estava marcado por aquele amor impossível.

17. A revelação

*Foi sempre um segredo.
E assim deveria ser (...)*

Herberto Helder (1930-)

O telefone tocou no final da tarde, minutos antes de Elizabeth sair do escritório.

— Como vai? — perguntou a voz masculina do outro lado da linha, sem se apresentar. Ele estava seguro que ela sabia de quem se tratava.

— Miguel — reconheceu, surpreendida com o telefonema. Ele nunca a tinha contactado no escritório e não se falaram desde que haviam jantado juntos.

— Sim — murmurou, a voz dele chegou até ela como uma carícia.
— Gostaria de vê-la.

Ela não esperava o pedido quase sussurrado, e respondeu sem perceber, como se a vontade dele se sobrepusesse a tudo:

— Eu também.

— Jantamos?

Ela sabia que precisava se controlar para não reagir ao timbre sensual da voz dele.

— Elizabeth? — chamou, sedutor.

— Queria jantar com você, Miguel, mas não posso. Tenho que acordar cedo e estou cansada — disse, tentando dominar a inexplicável vontade de sair correndo ao encontro dele.

— Eu espero — respondeu, muito calmo, como quem tem todo o tempo do mundo.

— Na próxima semana, pode ser?

— Quer marcar já o dia? — insistiu ele.

— Não... Podemos combinar depois.

— Como preferir. Mas eu quero vê-la amanhã — anunciou, assertivo, com uma gargalhada suave, depois de quase ter conseguido marcar um jantar com ela.

— Eu trabalho, sabe? — brincou, lutando contra a sensualidade que a inundava ao escutá-lo.

— Sei! Por isso pedi à minha assistente que marcasse uma reunião para discutirmos seus planos para a festa de Natal da empresa.

— É você que vai decidir? — perguntou espantada, sabendo que aquele assunto devia ser resolvido pelo diretor-geral e não por um dos acionistas, apesar da participação ativa de Miguel na empresa.

— Não deveria ser eu — confessou, com sinceridade. — Mas sua presença tornou esta circunstância especial. Já comuniquei ao diretor-geral que vou ter um papel maior na organização da festa. É uma oportunidade para fazer marketing pessoal. Não acha?

— Claro — concordou, sem conseguir entender o que ele ia fazer.

— De acordo com minha agenda, teremos uma reunião amanhã às quatro da tarde. Mas quando minha assistente telefonar, por

favor, faça de conta que está preocupada por ter sido convocada por um dos acionistas — avisou, bem-humorado.

— Você é impossível.

— Espero que isso seja um elogio, Elizabeth.

— Não sei...

— Hum... explique-me.

— Você é sempre tão imprevisível.

— Definitivamente vou considerar isso um elogio. Até amanhã, Elizabeth — respondeu, com um tom jocoso ao desligar, sem lhe dar tempo para elaborar o assunto.

Na sexta-feira, às quatro da tarde, Tereza recebeu Elizabeth friamente, na antessala de Miguel. Acompanhou-a até a sala dele, medindo-a da cabeça aos pés. Elizabeth era realmente bonita e possuía uma graciosidade natural, que se revelava nos gestos sem que ela precisasse esforçar-se.

Tereza viu Miguel levantar da sua imponente cadeira para receber Elizabeth, que já tinha avançado até o meio da sala, apreciando a vista das imensas janelas do décimo quinto andar, suspensas sobre a avenida Paulista. Também o viu beijar o rosto dela enquanto seu estômago se revolia com uma náusea repentina, como se estivesse em um barco, no meio de uma tempestade. Aquele gesto simples fez com que fosse dominada pelo ciúme, mas recordou o que tinha acontecido da última vez que demonstrara ciúmes de Elizabeth e controlou-se. Miguel disse com um tom gélido, como se tivesse adivinhado as emoções dela:

— Obrigado Tereza. Pode retirar-se.

— Deseja café ou chá?

— Elizabeth, quer beber alguma coisa? — perguntou Miguel, polidamente.

— Um chá, por favor — respondeu com delicadeza, sentando em uma das duas cadeiras de couro posicionadas à frente da mesa dele.

Miguel voltou para Tereza e pediu, com firmeza:

— Earl Grey para dois. Peça para a Antônia trazer o chá, e tire o resto da tarde. Esta semana trabalhou muito. Vemo-nos na segunda-feira.

Tereza sentiu um arrepio trespassar o corpo, mas percebeu que Miguel a olhava com uma atenção fria e um aviso subliminar na linha dos lábios apertados. Respondeu tensa:

— Claro. Bom fim de semana.

— Obrigado, Tereza.

Assim que a porta se fechou nas costas de Tereza, Miguel puxou a outra cadeira e sentou ao lado de Elizabeth. Cruzou displicentemente as pernas atléticas e disse, descontraído:

— Adorei suas ideias para a festa de Natal.

— Obrigada. Mas precisamos nos organizar rapidamente, porque nesta época é difícil reservar os lugares. Já estamos sem tempo.

— Concordo. Temos menos de um mês — fez uma breve pausa, avaliando os olhos límpidos de Elizabeth, antes de afirmar, com a voz séria: — Então vamos trabalhar.

Durante uma hora discutiram o espaço, a decoração, a música e o cardápio. Elizabeth recordou seu sonho sobre a festa e percebeu que, para se realizar na íntegra, faltava apenas que Miguel a beijasse. Quando acertaram todos os detalhes, ela sentiu uma admiração involuntária pela forma sistemática como ele foi resolvendo um problema de cada vez, até organizar toda a festa. Miguel captou a admiração dela e perguntou:

— Impressionada?

— Sim — respondeu, com honestidade.

— Que bom. Tenho me esforçado bastante para impressioná-la — rematou suavemente.

— Não acho correto qualquer tipo de relacionamento com você, exceto o profissional... — reforçou, tentando manter a conversa circunscrita ao trabalho.

— Já me disse qual é sua opinião sobre esse assunto — interrompeu, divertido. — Mas quando nos conhecemos não sabíamos, e não posso negar que você exerce certo fascínio sobre mim. Também sei que não é imune à minha presença. Estou certo?

Ela estremeceu perante a segurança das palavras dele e respondeu, aturdida:

— Não sabíamos, mas agora sabemos.

— É só por isso? Não quer uma aproximação entre nós por causa do trabalho?

Ela levou alguns segundos para responder:

— Sim.

— Você hesitou, Elizabeth... Diga o que a incomoda — pediu, atento aos gestos dela.

— Não sei... — respondeu, tentando definir todas as razões para não se envolver com ele.

— Tente explicar — insistiu, carinhoso.

— Você conhecia meu pai e os amigos dele... É tudo muito confuso.

— Ah. Isso. O que quer saber?

— A verdade. Quero que me conte a verdade.

— É preciso cuidado com o que se deseja — avisou. — Essa história de que "a verdade te libertará", não é bem assim.

— É a única forma de pautarmos o comportamento — retrucou.

— Então, para você, antes de tudo está a verdade? — questionou, com uma ponta de ironia.

— Sim — afirmou, segura. — Você não concorda?

— Não. A verdade é subjetiva — defendeu, tranquilo. — Além disso, por vezes, não existe nenhum ganho na verdade.

— Não estamos falando sobre as consequências da verdade.

— São indissociáveis, Elizabeth. Acredite em mim. Mas não falemos sobre o passado, porque ele nunca deixa de nos assombrar. Não existe uma página em branco. Não existe isso de “começar de novo”. O presente é a soma de tudo o que aconteceu: dos acertos e dos erros. E para seguirmos adiante, temos que nos perdoar por alguma coisa. É um exercício contínuo.

Embora Elizabeth não soubesse, Miguel estava se referindo ao seu próprio passado.

— Eu sei que a verdade pode ser relativa, mas continuo achando que é fundamental.

— E mais — continuou Miguel, ignorando a interrupção dela —, em cada momento da vida valorizamos algo diferente. Primeiro, talvez seja a verdade, como conceito absoluto. Preto ou branco. Depois começamos a achar que a verdade é relativa e pode ser cinza. E, mais tarde, achamos que a verdade não é tão importante quando comparada à felicidade.

— É difícil ser feliz sem saber a verdade.

— É a forma mais fácil de ser feliz — respondeu, com uma gargalhada suave. Elizabeth não percebeu, mas o riso dele era uma reação para camuflar a tristeza.

— Você consegue destruir a fé no ser humano. O que está dizendo é, praticamente, uma ode à mentira.

— É apenas uma maneira de dizer que tudo deve ser equilibrado. Não existem verdades absolutas. E, às vezes, é melhor não revelar

algo que não vai acrescentar nada.

— Passamos a vida defendendo a verdade, e agora está dizendo que não é tão importante?

— É claro que é importante. Mas é relativa e é frequentemente atropelada por valores mais importantes. Isto é só meu ponto de vista, claro — ironizou, percebendo que tinha tocado em um ponto nevrálgico da concepção de vida de Elizabeth. Lembrou-se de Arturo: ele também defendia a verdade acima de tudo, agindo sempre com uma retidão irritante.

— Então suponho que não vai me contar como conheceu meu pai e os amigos dele? — perguntou, voltando ao início daquela conversa, como se tentasse fechar um ciclo.

— Hoje não, mas quero que saiba uma coisa: eu e seu pai tivemos um passado juntos. Nós fomos amigos um dia. Muito amigos. Lembre-se disso.

Elizabeth sentiu que havia mais coisas para descobrir: todos se conheciam, mas ninguém queria falar sobre o assunto. Comentou:

— Primeiro disse que tinha uma relação social com meu pai e agora diz que foram amigos.

Miguel estendeu a mão e apertou os seus dedos finos:

— Prometo que vou contar tudo, mas hoje tive um dia longo. Não esqueça que toda história tem sempre dois lados, está bem?

Ela assentiu com a cabeça, mas sentiu-se confusa. Levantou para se despedir. Miguel também levantou e ficou na sua frente, com os olhos dourados e profundos. Elizabeth mergulhou naquele olhar e sentiu as pernas cederem. Queria ter forças para se afastar, mas o corpo parecia traí-la e ela não conseguia se mover. Ele deu um passo em frente e abraçou-a pela cintura com suavidade. Puxou-a contra o corpo e ela sentiu os músculos e o calor da pele dele através da roupa. Ele inclinou lentamente o rosto e beijou-a devagar, forçando-

a a abrir os lábios para receber o beijo sensual. Ela sentiu o corpo dobrar-se ligeiramente para trás sob o efeito do abraço firme. Abandonou-se. Miguel escorregou a mão direita pelas costas dela, até encontrar o cós das calças. Puxou a blusa para fora das calças apenas alguns centímetros, o suficiente para encostar a palma da mão à pele dela, enquanto continuava a beijá-la. Parou de repente, deixando-a suspensa. Afastou o rosto e olhou-a com desejo. Ela retribuiu o olhar, à espera que ele continuasse. Miguel sussurrou:

— Viu, Elizabeth? Nada é mais importante do que isto. Sente meu desejo por você?

— Sim...

— Quero que venha até mim, consciente da sua vontade. Não quero que seja algo de momento, por nos sentirmos atraídos um pelo outro e estarmos perturbados pelo desejo. Compreende? — perguntou, baixinho, com a respiração escaldante próxima dos lábios dela.

— Sim.

— Pense nisso. — Soltou-a suavemente, dando um passo para trás. Ela olhou-o, tonta, voltando a tomar consciência do corpo. Durante os momentos em que esteve nos braços dele sentiu-se flutuar, como se os pés não tocassem no chão e o corpo se resumisse àquele chamado primitivo. Ficou feliz por ele a ter deixado partir. Outra pessoa, no lugar dele, não teria lhe dado oportunidade para pensar no que ela realmente queria. Aquele gesto elegante fez com que o admirasse. Beijou-o no rosto e agradeceu:

— Obrigada, Miguel.

Ele rematou, com voz baixa:

— Não pense que não me custa deixá-la partir, mas prefiro tê-la inteira, sem dúvidas para que não haja arrependimentos posteriores.

— Eu sei. Até segunda.

Ele a observou desaparecer pela porta e percebeu o quanto ela era inexperiente. Naquele beijo teve a certeza que ela era inocente, o que parecia absurdo para alguém de vinte e nove anos, nos tempos modernos. Mas Elizabeth era filha de Arturo e de Angelina, protegida pela Ordem desde o nascimento, e por isso os tempos modernos não tinham grande influência no seu comportamento. Ela foi educada para ser alguém de elevada espiritualidade. Miguel sentiu o corpo ardendo, ao imaginar a possibilidade de tomar aquela pureza.

Elizabeth sonhou pela primeira vez depois da morte de Bento. Estava no centro de uma clareira iluminada por uma imensa lua branca, e Miguel se aproximou com os seus olhos dourados. Deitou-se ao lado dela, como um animal pronto para acasalar, e murmurou palavras em uma língua estranha. Ela sentiu o corpo despertar, quando um vento morno, cheio dos sons de pequenos sinos ocultos nas árvores, varreu a clareira trazendo consigo o monge vestido de laranja com o capuz ocultando o rosto. Assim que Miguel percebeu a presença do monge tentou enfrentá-lo, mas ele assoprou levemente e Miguel evaporou, como fumaça. O monge aproximou-se dela e assoprou em seu rosto, um sopro adocicado que lembrava mel e alfazema, fazendo-a acordar com um sobressalto.

Lá fora, os primeiros raios de sol, ainda tênues, anunciavam a manhã. Sentiu-se envergonhada por estar tão atraída por Miguel, sabendo que estava apaixonada por Daniel. Não importava o que fizesse ou pensasse, no final tudo terminava naquele duelo interior entre o desejo e o amor, embora ela soubesse que não havia uma separação tão clara entre os dois sentimentos.

No dia 6 de dezembro Elizabeth não sabia o que esperar do novo encontro com a Ordem. Ainda se sentia incomodada com o beijo sensual de Miguel, e percebia que o desejo por ele era incompatível com a vida regrada, e equilibrada, que estava levando naquele momento.

Vestiu um longo preto, com manga comprida e corte simples, que emoldurava discretamente o corpo, e prendeu o cabelo com uma pequena peça de prata, que pertencera à sua mãe. Encontrou com Alessia no hall do apartamento e não conseguiu deixar de se espantar com a elegância dela. Apesar de não ser alta, andava sempre muito reta e caminhava suavemente, como uma bailarina clássica. Mesmo agora, apesar da dor recente provocada pela perda de Bento estar visível no seu rosto triste, mantinha uma elegância irrepreensível. Elizabeth beijou-a no rosto e deu-lhe o braço, pronta para sair. Alessia sorriu com cumplicidade maternal, e disse, no seu francês impecável, que estava feliz por tê-la por perto:

— *Je suis hereuse de t'avoir ici, ma fille.*

— *Moi aussi* — respondeu, com simplicidade.

Leon abriu a porta do carro para que elas entrassem e Náder dirigiu até a sede da Ordem, exatamente como haviam feito da primeira vez que Elizabeth visitara o lugar, um mês antes.

Leon e Náder se dedicavam exclusivamente ao trabalho. Não tinham mulher ou filhos. De vez em quando se aventuravam em um relacionamento amoroso, que sabiam estar fadado ao fracasso. A vida deles girava em torno de Elizabeth. Leon era um católico convicto e Náder um muçulmano fervoroso. Cada um seguia os preceitos da sua religião e, após a estranheza inicial, aprenderam a respeitar-se e a falar sobre as duas crenças.

Elizabeth entrou na sala, no subsolo da casa, e olhou em volta, tentando absorver todos os detalhes fascinantes da decoração vermelha e dourada, quando os seus olhos se encontraram com os de Daniel, em um choque inevitável. Ele olhou-a intensamente como se soubesse do seu desejo inconfessável por Miguel Besson. Cumprimentou-a com um beijo: os lábios suaves roçando a pele morna fizeram-na estremecer. Quando ela ocupou seu lugar, a imagem de Miguel desaparecera da memória. Tinha se preocupado tanto em se proteger contra Miguel que esquecera a forma como Daniel a perturbava, e aquela estranha familiaridade que sentia, parecendo conhecê-lo desde sempre, talvez desde os tempos da sua infância.

Daniel ficou de pé, com as mãos abertas para cima, como se fosse receber dádivas invisíveis do céu e disse o Pai-Nosso em latim, acompanhado por um coro cadenciado de vozes treinadas e límpidas. Elizabeth acompanhou-os num sussurro, para não perturbar o ritmo, e lembrou das vezes que rezara aquela oração com Arturo, com a mesma cadência musical de um canto gregoriano.

Sentaram com as palmas das mãos viradas para baixo, sobre a mesa, e Daniel falou diretamente para Elizabeth, sem qualquer introdução, como se aquele início fosse um modo usual de abrir a reunião:

— Os cátaros e os Templários formaram um grupo de Guardiões para estudar e proteger o Pergaminho, e eles nunca desapareceram. Desde o início, e durante os últimos nove séculos, há sempre sete Guardiões da Luz. Nós somos esses Guardiões — fez uma pausa para permitir que Elizabeth compreendesse a profundidade daquela revelação.

Embora ela já soubesse que a Ordem estava diretamente associada à sua família, e guardava um misterioso segredo, não acreditava que eles fossem os detentores do Pergaminho, o livro secreto, que continha o conhecimento místico deixado por Salomão e Cristo. Um livro terrível que pertencia à esfera dos mitos, cuja existência era questionada e tinha sempre sido negada. Tentou pensar, enquanto sentia sobre si a atenção fixa de todos. Um silêncio compacto caíra sobre a sala. Ela teve a sensação que o tempo tinha parado, e uma sombra obscurecia tudo. Quando voltou a olhar para Daniel achou que a cadeira dele estava acima do nível do chão. Mas não teve certeza. As cores e as formas estavam difusas, envoltas em um nevoeiro leve. Sentiu-se flutuar. Kent, sentado ao seu lado, tocou na sua mão e perguntou:

— Elizabeth, compreendeu o que somos?

— Não completamente — murmurou, com o olhar fascinado preso ao rosto fechado e enigmático de Kent. De todos os Guardiões, ele era o que menos conhecia e ainda lhe causava algum incômodo. Parecia ser o mais sombrio e o mais violento. Mas sua percepção estava errada: o mais brutal dos Guardiões era também o menos provável.

— Nós somos os Guardiões do Graal — insistiu Kent, ainda segurando a mão dela, para fazê-la sentir que tudo aquilo era real.

A sala escureceu um pouco mais, e os rostos deles pareciam fantasmas brancos cravados na noite. Ela não conseguia definir se a névoa que envolvia a sala era fruto da escuridão ou da luz, mas não sentiu medo, apenas uma letargia que tornava tudo mais lento. A voz macia e firme de Daniel arrancou-a da confusão que dominava seus pensamentos:

— Elizabeth, esta revelação tem que ser protegida, inclusive com a vida, se necessário.

Ela escutou-o sob o efeito daquele mistério milenar, surgido das trevas como um monstro pré-histórico que se ergueu do centro da terra, e se materializou no meio da sala, em pleno século XXI. Respondeu com a voz lenta, fazendo esforço para falar:

— Eu sei. Mas não compreendo muito bem.

Daniel analisava-a, com o olhar escurecido pelo efeito da estranha névoa. Continuou falando com a mesma simplicidade com que tinha revelado aquele terrível segredo que acabara de torná-la prisioneira da Ordem enquanto vivesse:

— Seu pai era um Guardiã e você está sendo treinada para ocupar o lugar dele. Conte-lhe a história da Ordem para que compreenda a importância do nosso papel no último milênio, e esteja consciente da responsabilidade que pesa sobre nós. Responsabilidade que você também assumirá.

Ela assentiu com a cabeça, sem força para lutar contra aquele destino imposto, incapaz de distinguir onde terminava o mito e começava a realidade. Daniel continuou:

— Decidimos que vai iniciar a próxima fase do seu aprendizado. No último mês, recordou técnicas que equilibram corpo e espírito. Agora vai aprender a dominar sonhos e pensamento.

Tudo acontecia em câmara lenta e o tempo parecia suspenso.

— Tem alguma dúvida? — perguntou Daniel.

— Sim — titubeou. — Isto significa que fui aceita na Ordem?

— Não. Você tem que amadurecer um pouco mais, porque quando os Guardiões não estão no mesmo nível, toda a Ordem é impedida de alcançar um patamar espiritual mais evoluído.

— Quanto tempo isso vai levar?

— Você é especial: descende de famílias evoluídas há centenas de anos. E isso está gravado em você. Não sei definir quanto tempo leva, sei apenas que será muito menos que o normal. — Daniel

falava friamente. Tudo nele demonstrava um desapego total naquele momento.

— E qual seria o tempo normal? — perguntou ela.

— Trinta a quarenta anos, no mínimo — respondeu, com tranquilidade. Elizabeth olhou-o sem entender e comentou, confusa:

— No mínimo? Mas vocês são todos jovens! Isso significa que começaram a estudar quando?

— Que idade tinha quando começou a fazer esgrima? — retrucou Daniel.

— Quatro.

— Então não é anormal que sejamos jovens. Quando você fizer trinta e quatro anos, terá estudado durante trinta anos, certo?

— Sim... — respondeu, se esforçando para pensar com clareza.

— Além disso, para nós, Guardiões, nada é normal. — Daniel enfatizou cada palavra. — Iremos acompanhá-la até acharmos que está pronta para se juntar à Ordem. Se, entretanto, algum evento impedir sua evolução espiritual, será afastada da sucessão.

Embora não houvesse mais ninguém que pudesse ocupar o lugar de Arturo, Elizabeth precisava compreender que só seria uma Guardiã se mantivesse intacta sua pureza e isso dependia exclusivamente dela.

— Alguma dúvida Elizabeth?

— O que poderá me impedir de herdar o lugar do meu pai? — perguntou, enquanto a névoa começava a desprender-se dos objetos e a luminosidade voltava à sala devagar, diluindo as formas fantasmagóricas surgidas durante a revelação da identidade dos Guardiões.

— Coisas simples, na verdade: canalizar sua energia de forma errada, envolver-se em situações que perturbem seu caminho. Perder sua pureza — anunciou, sem emoção.

— Entendo. — Elizabeth respondeu, temendo que Daniel adivinhasse o beijo de Miguel, embora não fizesse ideia como ele poderia saber de algo que acontecera entre quatro paredes. Achou que o sentimento de culpa a estava deixando paranoica e um simples beijo não podia ameaçar sua pureza. Recordou a insistência do pai e de Alessia sobre aquele ponto, e da importância que a castidade ocupava na sua educação.

— É uma escolha que também terá que fazer. Na verdade, é a partir deste momento que as suas escolhas se tornarão mais difíceis e as situações mais complexas. É um processo natural. — Virou-se para Kent e pediu: — Por favor, explique o que acontece nesta fase da iniciação.

Kent assumiu o discurso da reunião:

— Quando os iniciados começam a estudar, e já aprenderam os princípios básicos, passam por um momento de tentações e dúvidas. É “a seleção natural” do mundo espiritual: é uma espécie de teste criado pela própria natureza, para que só os puros e fortes resistam. Daniel falou de um caminho invisível que Salomão deixou para que os escolhidos tivessem acesso ao conhecimento divino. Lembra?

— Sim — respondeu, esmagada pela forma como os mitos se tornavam reais.

— É um caminho de superação das dificuldades e da vontade de desistir. Vai passar por isso. Tem que concentrar sua energia nesse processo de evolução interior. Nós podemos dar os conceitos, mas só você pode colocá-los em prática e escolher.

— Sei... — respondeu aturdida, como se Kent estivesse fazendo um diagnóstico do que ela estava sentindo. Miguel, naquele momento, era o ápice da tentação, representava a mudança das escolhas que fizera até ali: ou se dedicava à Ordem ou seguia na direção de Miguel.

— Suas escolhas são um processo diário, contínuo — avisou Daniel. Ela queria falar, mas as palavras pareciam insuficientes para explicar o assombro que a dominava. — Você tem mais um mês para continuar seu aprendizado, com o mesmo esquema de treinamento. E entre 6 e 13 de janeiro vamos viajar.

— Para onde vamos? — quis saber.

— Depois falaremos com mais detalhes. Agora precisamos continuar aqui... — anunciou Daniel fazendo um gesto com a mão para indicar que a reunião tinha que prosseguir. — Manfred vai acompanhá-la à porta, e Leon e Náder vão levá-la para casa.

Embora se sentisse excluída, sabia que ainda não pertencia à Ordem e havia assuntos que lhe eram vedados. Despediu-se, e quando estava para deixar a sala, Daniel aproximou-se, e pôs um terço na palma da mão dela:

— Era da sua mãe.

— Como? — questionou ela, surpreendida.

— Este terço de marfim era da sua mãe — repetiu Daniel. — Seu pai pediu que lhe entregasse quando eu achasse oportuno e, neste momento, acredito que precisa se lembrar das suas origens e saber para onde vai. Pertenceu à sua avó, e antes dela, foi da sua bisavó. Está na sua família há muitas gerações. Foi esculpido por um mago indiano com o marfim de um raro elefante branco, em 1557. É um objeto mágico.

— O que é que ele faz?

— Só você poderá saber. Os seus poderes só são revelados às pitonisas.

Elizabeth cerrou a mão e sentiu os olhos encherem-se de lágrimas. Daniel conseguiu fazê-la voltar à essência, àquilo que era importante.

— Obrigada.

Partiu com as pequenas contas na mão tão fechada, que não passaria sequer o vento.

Independentemente de concordar ou discordar com as várias teorias e opiniões do grupo, Daniel resumiu a situação a três pontos, todos eles relacionados com Besson: a presença dele na vida de Elizabeth, a possibilidade do seu envolvimento na morte de Bento e nos outros assassinatos na Europa, e a necessidade de contar a Elizabeth quem ele era. Revelou também preocupação com Elizabeth. Tinha percebido que ela estava incomodada, e parecia ocultar algo.

— Como pode ter certeza? — perguntou Kent.

— Ela estava inquieta e, por mais que disfarçasse, havia culpa no seu olhar. Pode ser algo relacionado com Besson. Eles trabalham juntos e Besson aproveita isso para se aproximar.

— Besson está em vantagem: sabe que nunca usaremos os mesmos métodos que ele, e não vamos manipular o livre-arbítrio de Elizabeth — sintetizou Alessia, tentando manter a calma. Agora, sempre que pensava em Besson via Bento morto e, apesar de não ter provas sobre a participação dele naquele acontecimento, não conseguia evitar a sensação de que, de alguma forma, todas aquelas mortes relacionadas à busca do Cálice de Cristo e do Anel de Salomão estavam associadas a ele.

— Eu achei que ele estivesse enfraquecido, e não conseguisse interferir nos nossos planos — comentou Uchoa.

— Eu também, mas parece que nos enganamos. — Seth falou pela primeira vez, com o olhar focado em um ponto distante, como se estivesse desvendando algum mistério. — A força dele provém da

magia. Não sei que rituais descobriu, mas está à nossa frente em conhecimento.

— Não está à nossa frente em conhecimento — argumentou Daniel, com segurança. — O que ele sabe pertence a um mundo que ninguém deveria acessar. Precisamos descobrir que ritual ele pratica, para podermos combatê-lo, mas não é algo que se deseje. Nós temos nosso próprio conhecimento e sabemos o preço que pagamos. Besson escolheu o caminho dele e também tem um preço a pagar. Agora a nossa obrigação imediata é proteger Elizabeth.

— De nós e dele — argumentou Seth.

— Sim, de nós e dele. Mas nós somos o mal menor. Se a influência de Besson sobre Elizabeth aumentar, não haverá proteção que a salve — rematou Daniel, apesar de todos saberem a realidade brutal que se ocultava por trás daquelas palavras aparentemente mansas.

— Então, o que faremos? — perguntou Seth.

— Esperamos. E vigiamos — comunicou Daniel.

— Não acha que devemos contar a Elizabeth mais detalhes sobre nós e sobre Besson? — Uchoa, pela sua personalidade direta, achava sempre que a transparência era o melhor caminho para solucionar os problemas, e defendia que Elizabeth devia saber toda a verdade.

— Ainda não. Vamos deixar Besson dar o primeiro passo — finalizou Daniel.

— Mas isso não vai ser pior? — insistiu Uchoa.

— Não. Assim que Besson contar a versão dele, seremos capazes de saber o que pretende.

— E se ele estiver à espera que façamos o mesmo? — perguntou Kent.

— Alguém terá que iniciar o jogo. A vantagem será de quem tiver mais sangue frio — disse Daniel, antes de terminar a reunião, como

um verdadeiro estrategista.

Miguel acreditava que não seria difícil seduzir Elizabeth por dois motivos: ela era inocente e ainda não tinha força suficiente para resistir aos seus avanços. Também sabia que os Guardiões não iriam violar as regras que proibiam a manipulação da mente, principalmente dos iniciados. A lei estipulava que os iniciados não podiam sofrer influências externas, para poderem provar seu verdadeiro valor. Isso dava a Miguel uma vantagem: ele pertencera à Ordem e conhecia seu funcionamento, mas deixara de estar subjugado às suas leis rígidas.

Porém, havia outros fatores a considerar: Miguel estava ciente de que Daniel era o herdeiro de Arturo e assumira o lugar de Guardião Supremo, tornando-se responsável pela proteção de Elizabeth, o que iria dificultar seus planos. Embora Daniel não pudesse interferir diretamente, poderia criar barreiras que o impedissem de se aproximar dela. Foi então que uma ideia cruzou sua mente. *O monge só pode ser ele*, pensou Miguel, que tentava descobrir a identidade do monge de laranja, desde a primeira vez que ele o expulsara dos sonhos de Elizabeth, impedindo-o de aprofundar sua conexão entre eles.

A presença vigilante do monge era a última proteção de Elizabeth, e Besson ainda não conseguira vencê-lo. Sentiu o prazer da caçada aumentar: quanto mais obstáculos houvesse na conquista de Elizabeth, mais interessante se tornava. Ele e Daniel eram predadores, cada um à sua maneira, e o prêmio nunca fora tão valioso.

Miguel tinha planejado chegar até ela através da sedução. A atração que estava alimentado em Elizabeth ia permitir explorar uma

dimensão sensual proibida pela Ordem, que submetia seus membros à rígida prática da castidade.

Elizabeth acordou cedo, antes de a claridade expulsar todos os resquícios de escuridão. Ainda sentia dificuldade em aceitar as revelações que havia escutado na última reunião da Ordem. Desde que conhecera Daniel, cada novo dia trazia a descoberta de histórias que desafiavam a racionalidade: esmeraldas e assassinos, leões e pitonisas, guardiões e pergaminhos, heranças de Salomão, o rei místico, e de Cristo, o Redentor dos homens. Visto assim, sob a luz crua da razão, tudo aquilo parecia desprovido de sentido. Ninguém acreditaria naquela história excessiva, que atravessara os séculos, oculta por um manto de mistério e sangue. Ela estava presa entre a ficção e a realidade, sem conseguir definir onde começava uma e terminava a outra. Era difícil acreditar que eles eram os Guardiões do Graal, e em breve ela seria um deles, embora ainda não soubesse o que aquilo realmente significava. Sentiu-se atraída por aquele caminho que selara o destino dos seus antepassados.

Analisou cuidadosamente o terço de marfim que Daniel lhe dera: cada conta era única, esculpida com um emaranhado de imagens que representavam plantas, animais, santos e anjos minúsculos. Havia uma quantidade enorme de pormenores nas contas redondas, como se cada um formasse um pequeno universo. Imaginou quais poderes mágicos o terço teria, e enquanto apreciava a riqueza de detalhes, começou a questionar se conseguiria conciliar o trabalho na UniTouch e o treinamento, cada vez mais exigente, da Ordem. Mas o que mais a preocupava era sua incapacidade de lidar com a atração que sentia por Miguel.

Devolveu o terço à gaveta do criado-mudo e tirou a carta do pai, com a data de 13 de dezembro. Quebrou o lacre do envelope, retirou a carta e começou a ler.

Puebla de Sanabria, 13 de maio de 2009

Meu tesouro,

Hoje se celebra o culto a Nossa Senhora de Fátima e é, também, o dia do meu aniversário. Quando ler esta carta, a 13 de dezembro, vão se completar trinta e quatro anos desde a morte da sua avó materna. Nesse momento Daniel já deve ter revelado quem você é. Eu não disse antes, porque acreditei que fosse possível proporcionar uma vida normal até o momento de receber todo o peso da sua herança. Nos próximos meses vai compreender quão pesado pode ser o fardo que terá que carregar.

Sei que não tinha o direito de comprometer seu futuro, mas foi isso que fiz e, apesar de parecer que não lhe dei escolha, poderá sempre optar por outro destino. Mas acredito que conheço sua essência e é isso que a vai fazer tomar a decisão correta. Seu coração está no lugar certo, e mesmo que tenha dúvidas ou hesitações, vai ser capaz de ouvir sua voz e compreender as situações que a rodeiam.

Você é a última pitonisa. Não conseguirá ver seu futuro, mas se estiver equilibrada, vai sentir o que deve e não deve fazer.

São Tomás de Aquino disse: "Três coisas são necessárias para a salvação do homem: conhecer o que se deve acreditar, conhecer o que se deve desejar, conhecer o que se deve fazer."

E eu acredito em você, minha filha. Haverá momentos em que tudo o que vai poder fazer é acreditar. Não duvide de você. Erre, volte atrás, aprenda, repita, mas não duvide de você. Não duvide daquela voz que vai sussurrar coisas que podem contrariar toda a

lógica ou até duvidar de pessoas em quem confia. Se isso acontecer, ouça sua voz.

*Seu pai,
Arturo*

Mais uma vez a carta do pai trazia conselhos contra armadilhas, que podiam ser perpetradas por qualquer pessoa, até mesmo as mais próximas. Leu a carta novamente, e encontrou a fé inabalável de Arturo na capacidade de ela pressentir perigos e descobrir caminhos. Ele dizia que, antes de tudo, ela devia confiar na intuição, mesmo que isso contrariasse a racionalidade. Releu a frase “até duvidar de pessoas em quem confia” e percebeu que o pai estava a alertá-la contra alguém próximo dela. Fez mentalmente uma lista das pessoas em quem confiava e não havia muitas: seus seguranças, Alessia, Daniel e os outros membros da Ordem, exceto Kent, que era a pessoa com quem tinha menos contato, e ainda não fazia parte da sua lista de pessoas íntimas. Havia ainda os seus amigos dos tempos de faculdade, mas eles estavam claramente excluídos daquela trama incomum. Ao pensar que precisava precaver-se contra pessoas do seu círculo íntimo sentiu-se desamparada: como seria possível duvidar de pessoas que aparentemente a protegiam? Achou estranho que o pai a deixasse entregue a gente de quem deveria duvidar. *Também há o Miguel*, pensou no último minuto. E ele tinha sido amigo de Arturo. Mas nada daquilo parecia fazer sentido.

18. A festa

É sempre preciso fazer de maneira que as coisas perigosas não nos estejam ao alcance da mão.

Marguerite Duras (1914-1996)

Às cinco e meia da manhã o celular arrancou Daniel do sono, com brusquidão. Ele sentou na beira da cama, de um salto, completamente acordado. Em um segundo passou do sono profundo para um estado desperto, sem que o corpo necessitasse de um tempo intermediário entre um estado e outro. Pegou o celular e assim que viu o nome de Bardas piscar freneticamente na pequena tela, sentiu o estômago se contraindo de ansiedade.

— Bardas, como vai?

— Daniel, recebi o e-mail do Kent ontem — disse, sem sequer cumprimentá-lo, distraído pela quantidade de informação que tinha para discutir. — Encaminhei para os arqueólogos e os especialistas envolvidos no caso. Criou-se uma confusão danada. Você nem imagina... Se estivesse nos Estados Unidos diria que era o Quatro de Julho!

Menos mal, pensou Daniel. Os Guardiões, depois de conversarem sobre o assunto, tinham decidido informar Bardas sobre o significado dos objetos místicos que estavam no centro da onda de sequestros e assassinatos. Enviaram um e-mail detalhando os artefatos e as teorias em torno deles. Dessa forma, além de mostrar a Bardas que estavam empenhados no caso, também provavam o valor das relíquias e a justificativa para os assassinatos. Tinham esperança que aquilo diminuísse o interesse de Bardas em Elizabeth, embora Daniel não estivesse seguro de que o artifício viesse a funcionar.

— Kent investigou os artefatos e eles correspondem à descrição de antigas relíquias.

— Eu sei. De valor incalculável. Vi o e-mail... Eu defendi, desde o início, que era preciso descobrir o que eles significavam, mas os investigadores do caso achavam que era necessário focar exclusivamente no assassino e nas vítimas. Bem, aí está a prova de que eu estava certo — argumentou Bardas, impaciente. — Essa teoria das relíquias provocou alguma insanidade por aqui. De repente, há especialistas por todo o lado. Até um agente da Mossad já me ligou. E todos têm uma opinião... Desde ontem, os objetos tornaram-se mais importantes que os assassinatos. Mas é difícil acreditar que esses objetos existam. Por outro lado, deixaram um bom rastro de sangue... — disse entredentes.

— Os especialistas acham que não existem, é isso? — perguntou Daniel, com uma ironia quase imperceptível. Era sempre mais fácil negar do que acreditar na existência de relíquias como aquelas, que desafiavam a racionalidade de qualquer um.

— Estão divididos. Uns acreditam e outros não. Parece uma loucura encontrar o Cálice de Cristo dois mil anos depois e o Anel de Salomão três mil anos depois... Os céticos acham que é uma réplica... Mas não fazem ideia — disse, rindo.

— Por que não acreditam? — insistiu Daniel, agora um pouco mais divertido, principalmente pela confusão que a informação havia gerado.

— Bem... É o Cálice mais desejado do mundo. Foi procurado pelo rei Arthur e até pelo Indiana Jones — argumentou em tom de brincadeira.

— Eu sei... — respondeu Daniel, no mesmo tom leve. — Mas telefonou só por causa da polêmica que o e-mail provocou?

— Não. Tenho ótimas notícias. — Daniel pensou que era exatamente aquilo que temia. — Sabemos quem está por trás dos crimes.

— Como?

— Os especialistas descobriram a identidade da pessoa que queria os objetos e possivelmente foi responsável pelos assassinatos: é uma mulher chamada Tereza S. Eliot.

— T. S. Eliot. É mesmo o nome verdadeiro? — questionou Daniel, duvidando, não apenas pela semelhança entre o nome da mulher e o do famoso escritor inglês, mas também por aquela revelação ser inesperada: era surpreendente que uma mulher, de quem ele nunca tinha ouvido falar, estivesse por trás de todos aqueles crimes. Repentinamente algumas das suas teorias pareciam desprovidas de lógica, embora sua intuição já o tivesse avisado que Besson podia não estar ligado à caçada aos objetos místicos, como Kent e Alessia tanto defendiam. A investigação que a Ordem havia feito, depois do acidente de carro com Elizabeth, revelara que Miguel era o responsável pela admissão dela na UniTouch. A presença de Miguel em São Paulo indicava que o foco da sua atenção era Elizabeth.

O surgimento daquela mulher, T. S. Eliot, no cenário atual, adensava o sinistro enredo, no qual todos estavam envolvidos, cada um com os seus objetivos e obsessões. Quem era ela?

— É uma coincidência ela ter o mesmo nome do escritor, mas é verdadeiro — disse Bardas, entusiasmado, no seu espanhol animado. — E a segunda boa notícia é a de que ela tem alguma ligação com o Brasil. O que acha disto?

Daniel levou um susto: por um instante acreditou que tudo se resolveria pela Europa e agora, sem uma explicação aparente, o foco se voltou para o Brasil. Respondeu, com calma:

— Diga primeiro como descobriram a ligação da tal T. S. Eliot com o Brasil.

— Ah... Tem razão... Primeiro tenho que contar o que sabemos.

— Sim, convém nivelarmos as informações.

— Os grandes enigmas são resolvidos, na maioria das vezes, de forma simples. E este não foi diferente. Depois de quebrarmos o código alfanumérico, acreditamos que o MacGee tinha um segundo código em que usava nomes de gente famosa, mas na verdade ele usou o nome real das pessoas. E, no caso dela, a forma como ele anotou — *Miss T. S. Eliot* — acabou por nos confundir. Foi uma coincidência interessante. Ninguém imaginaria que existisse alguém com esse nome. Foi um dos nossos colaboradores que considerou a possibilidade de todos aqueles nomes anotados no caderno serem reais. E com esse novo olhar, encontrou várias anotações que o levaram à T. S. Eliot e, por fim, descobriu também um endereço no Rio de Janeiro, para onde foram enviadas duas encomendas.

Nesse instante, Daniel soube exatamente o que continham aquelas encomendas: eram os objetos místicos que o assassino conseguira resgatar e agora estavam nas mãos daquela mulher misteriosa. Aquilo não deixava de ser insano, porque era preciso alguém com uma grande dose de loucura para enviar objetos daquele valor, pelo correio. Percebeu que o Cálice de Cristo e o Anel de Salomão, dois dos objetos mais cobiçados desde a Idade Média,

parte do tesouro graáfico, pertenciam a alguém do Rio de Janeiro, e talvez tivessem sido enviados num simples pacote. Desaparecidos durante séculos, ali estavam, quase ao seu alcance, a pouco menos de uma hora de avião de São Paulo. Sentiu uma estranha comoção apoderar-se do corpo. Quanto tempo a Ordem havia esperado por aquilo! Controlou a emoção que o assaltou e preparou seu expresso matinal. Bardas continuou, agora em voz baixa, como se formulasse os pensamentos enquanto falava:

— Penso que aqueles objetos que o MacGee andou caçando pela Europa, independentemente de serem ou não as relíquias, já foram enviados para essa tal T. S. Eliot. O que acha? — questionou, rendido ao uso da nova expressão “o que acha”, que parecia ser uma forma de incluir seu interlocutor na conversa.

— Acho que está correto — respondeu Daniel, concordando com ele.

— Por outro lado quem iria imaginar que dois artefatos tão valiosos pudessem ser enviados pelo correio? Ninguém — comentou Bardas, pigarreando um pouco para aclarar a voz. Daniel conhecia aquele tique: ele fazia aquilo sempre que estava nervoso com algo que não conseguia controlar.

— Sabe Daniel, estive conversando por aqui e tenho quase a certeza de que o MacGee foi a Puebla de Sanabria à procura de algum artefato que o Arturo tinha e agora está nas mãos de Elizabeth. Outro objeto, sabe? Tem alguma ideia do que possa ser?

Daniel reconheceu que Bardas era excepcional e seus temores aumentaram: imaginou Bardas e Queiroz trabalhando com o mesmo objetivo, ligando os pontos comuns entre os assassinatos da Europa e a morte de Bento. Precisava pensar numa estratégia urgente para proteger Elizabeth e salvaguardar a Ordem. Após um breve silêncio, respondeu:

— Não faço ideia do que possa ser.

— Mas você mesmo disse que Arturo tem uma coleção impressionante... E eu vi o sótão. A resposta tem que estar ali.

Daniel percebeu que aquela hipótese de Bardas poderia muito bem servir para ganhar algum tempo adicional, mas sabia que não seria uma boa ideia abrir o sótão à polícia, com toda a informação e arte coletadas durante centenas de anos, além do que a resposta não estava exatamente ali. Questionou com rapidez:

— E você quer ver o que está no sótão, é isso?

— Tinha pensado nisso, sim.

— O que vai procurar?

— Não faço ideia — respondeu Bardas. — Mas temos uma equipe cheia de gente inteligente e deve ser um objeto tão importante que quando for encontrado vamos saber exatamente o que o assassino procurava. Deve ser também algo assim... místico! — disse, hesitante, à procura de uma palavra que permitisse nomear corretamente as relíquias.

— Como pretende fazer isso?

— Bem, a Elizabeth teria que nos dar acesso ao sótão.

— Bardas, são centenas de objetos importantes, que pertencem à família dela há séculos. Não acredito que ela permita que estranhos revirem a herança deixada pelo pai.

— Eu sei, mas garanto que faremos a investigação com todo o cuidado.

— Mesmo assim, acho que ela não vai permitir.

— Se você pedir, acho que ela deixa. Ela confia em você, Daniel. Afinal, era um dos amigos mais íntimos de Arturo.

— Vou falar com ela, mas não acredito que ela dê acesso ao sótão. Se fosse com você: deixaria os investigadores, ainda que

cuidadosos, mexerem na sua valiosa herança centenária? Tudo o que restou do seu pai e da sua mãe? — frisou Daniel.

— Bem, posto assim... talvez não — respondeu honestamente. — Mas estou fazendo meu papel e tenho que pedir que tente. Pelo menos saberemos que fizemos o possível.

— Está bem. Mas essa seria uma linha de investigação: tentar descobrir alguma coisa especial no sótão. E se Elizabeth não permitir, o que acontece? — Daniel sabia que embora os documentos guardados no sótão não estivessem ligados aos assassinatos, revelariam dados sobre a família Blanchefort difíceis de explicar, e poriam em cheque praticamente todos os membros da Ordem, inclusive Besson. Daniel tinha que impedir que isso acontecesse.

— Pela lei, não tenho provas suficientes para pedir um mandato de busca. Se ela não permitir fica nisso mesmo: dificilmente saberemos o que o assassino procurava em Puebla de Sanabria. De qualquer forma é apenas uma teoria.

— E a investigação como fica?

— Ainda temos a T. S. Eliot, aí no Rio.

— Disse que já têm um endereço — comentou Daniel.

— Não me expliquei bem — justificou Bardas. — Temos uma caixa postal, paga em dinheiro, mas sem nenhum endereço. Só o nome: T. S. Eliot.

— E como pretende descobrir quem é ela? — perguntou Daniel.

— Hoje há câmeras em todo o lado, e já temos a colaboração da polícia do Rio. Mandamos um dos nossos investigadores para ver os filmes e descobrir quem é o dono da caixa postal.

— Ele já está aqui?

— Chega ao Rio amanhã, mas não tenho muita esperança. As filmagens são destruídas quinzenalmente, por isso acho que não

vamos encontrar nada, a não ser que ela visite a caixa postal com regularidade...

— Vamos esperar — sugeriu Daniel, aliviado, ao perceber que todas as pistas desapareciam rapidamente. — Parece que tudo acaba sem rastros, não é?

— Apesar de ser difícil não deixar rastros hoje em dia — concordou Bardas.

— É verdade. Mas tenho a certeza que vai descobrir alguma pista.

— Continuo pensando que se descobrir o que MacGee foi fazer em Puebla de Sanabria, desvendo o caso. Não sei por quê. É uma daquelas intuições, sabe?

Daniel conhecia as “intuições” de Bardas e sabia que indicavam a direção certa, mas naquele caso o objeto que o assassino procurava — o punhal — não estava na Casa do Lago.

— Vou falar com Elizabeth e assim que tiver uma resposta, ligo para você. Pode ser?

— Sim — resmungou Bardas pensando que, apesar de saber como resolver o caso, não tinha provas que sustentassem as suas hipóteses.

Assim que Bardas desligou, Daniel telefonou para Kent:

— Acabei de falar com Bardas.

— Bom dia, não é? — respondeu Kent do outro lado do telefone.

— Precisamos conversar — interrompeu Daniel, com uma voz preocupada que não deixava dúvidas sobre a amplitude do problema. — Vou chamar Dib e Uchoa. O Seth está com a Elizabeth e vamos deixar Alessia fora disto, por enquanto.

— Ela não vai gostar nada.

— Depois falo com ela. Não quero acordá-la tão cedo. Ela ainda não se recuperou totalmente.

— Vou tomar um banho e sigo para aí — disse Kent apressado, desligando o telefone.

Menos de uma hora depois, Daniel, Kent, Uchoa e Dib discutiam os últimos eventos sobre os assassinatos, no apartamento de Daniel. O fato do responsável pelos crimes na Europa ser uma mulher, com uma caixa postal no Rio, complicava o cenário, e alterava as hipóteses em que haviam se baseado inicialmente para tentar desvendar o caso.

Embora Daniel discordasse, tinham pensado que Miguel Besson estava ligado àqueles crimes e à busca dos objetos místicos, por ser uma das poucas pessoas que sabia da sua existência, simbologia e poder. Ele era o único Guardião que havia abandonado a Ordem e continuava vivo, porque Arturo tinha vetado sua morte. A partir daquele dia a Ordem se manteve atenta aos movimentos de Besson, embora ele tentasse viver nas sombras. Em várias ocasiões perceberam a presença dele, mas esta era a primeira vez que se expunha tanto, ao se aproximar de Elizabeth, filha do amigo com quem rompera tantos anos antes. Ninguém sabia quais as reais intenções de Besson, mas todos sabiam de episódios inacreditáveis sobre sua magia e força iguais apenas às do Guardião Supremo.

Agora, sob a luz dos novos acontecimentos, outra teoria para os fatos era necessária, mas Kent insistia na ideia da culpabilidade de Besson, e tinha uma ideia:

— Eliot pode estar ligada ao Besson. O que acham?

— Não — respondeu Daniel, categórico. — Besson não confiaria em ninguém para uma missão dessas, de alto risco. Isso o deixaria muito vulnerável e ele não arriscaria tanto.

— Poderia conseguir a colaboração dela e depois matá-la — insinuou Uchoa, que tendia a concordar com Kent.

— Principalmente pela sua capacidade de sedução permitir que ele consiga qualquer coisa — analisou Dib, apesar de ser o único que não conhecia pessoalmente Miguel.

— Acham mesmo que a Eliot é uma testa de ferro do Besson, é isso? — perguntou Daniel.

— Eu acredito que sim — defendeu Kent.

— Não creio. Conheço bem o Besson e algo me diz que isto está sendo feito sem o conhecimento dele. — Daniel falou, pensativo, enquanto todos o olharam em silêncio. Pelos muitos anos de convívio sabiam que quando Daniel usava a expressão “algo me diz”, estava sempre certo. Nenhum deles se lembrava que ele tivesse errado alguma vez depois de usar aquela expressão, pronunciada em um tom quase oracular.

— Se “algo lhe diz”, é melhor ouvirmos — disse Kent, cedendo aos argumentos de Daniel. — O que afinal tem certa lógica: não compreendíamos por que o assassino queria todos os objetos místicos, quando apenas um bastaria para realizar qualquer ritual que quisesse. E Besson saberia isso.

— Todos os Guardiões sabem. E isso reforça minha teoria, apesar de alguns de vocês discordarem: não é Besson que está por trás disso e talvez a busca pelas relíquias não tenha como fim a realização de algum ritual. Pode ser apenas um colecionador — argumentou Daniel. — Não podemos ignorar nenhuma hipótese.

— Um colecionador iludido com as relíquias e a busca da imortalidade — disse Dib, sem esconder uma pitada de sarcasmo.

— Isto significa que temos que descobrir quem é a T. S. Eliot — lembrou Kent.

— Podemos deixar isso entregue a Bardas — sugeriu Daniel. — Ele enviou alguém para avaliar as filmagens do local onde ela tem a caixa postal, embora me pareça que está longe de conseguir alguma pista, porque a informação é destruída quinzenalmente.

— Daniel, não acha que devíamos ir ao Rio? — perguntou Uchoa ansioso.

— Não. A polícia está envolvida e Bardas não vai desistir até encontrar alguma pista — defendeu Daniel.

— O fato de Besson não estar atrás dos objetos, tranquiliza-nos, não? — disse Kent.

— Por um lado, sim. Significa que nosso adversário na busca dos artefatos, por mais forte que possa ser, não se equipara a Besson. Por outro lado, o caso fica mais complexo: temos um criminoso que persegue Elizabeth para conseguir o punhal, e continuamos a ter Besson interessado em Elizabeth, sem sabermos por quê — sintetizou Daniel. — E para complicar um pouco mais o cenário, Bardas quer ir ao sótão da Casa do Lago. Acha que pode descobrir algo que explique o interesse de MacGee por Elizabeth e solucionar o caso.

— Não podemos permitir que isso aconteça. Ele realmente vai descobrir muita coisa sobre muitos casos, mas não sobre este — ironizou Uchoa.

— Penso que Elizabeth não vai permitir. Há ainda uma questão... — continuou Daniel. — Embora não acredite que Besson seja responsável pela busca das relíquias, acho que pode estar envolvido na morte de Bento.

— E como explica a presença da tetrodotoxina em todos os assassinatos? Não pode ser uma coincidência — concluiu Kent.

— Certamente não, e tenho certeza de que vamos encontrar a ligação. Mas agora devemos nos concentrar em saber os planos de

Besson e o que o Rui Queiroz descobriu sobre a morte do Bento. Essa questão da T. S. Eliot parece não nos afetar diretamente, pelo menos por meio de Besson, que era o que temíamos. Portanto, deixemos o assunto com Bardas e voltemos a focar no que precisamos controlar — anunciou Daniel. — Kent vai continuar pesquisando rituais associados às pitonisas, para evitarmos que Elizabeth tenha o mesmo destino trágico da mãe e da avó. Ela é a nossa prioridade. Enquanto isso, quem não estiver protegendo Elizabeth, vai monitorar Besson.

— E Alessia? — questionou Kent.

— Vai continuar cuidando apenas de Elizabeth. Ainda é cedo para participar de tudo isto. A morte de Bento a deixou arrasada, e ela precisa de tempo — justificou Daniel.

Depois da reunião, Daniel fechou-se no escritório, preocupado com a proximidade cada vez maior de Besson.

Eram onze da noite, quando Miguel a viu atravessar o salão, sorrindo e cumprimentando todos. Vestia um elegante longo vermelho escuro, ajustado ao corpo esbelto, que fazia sobressair sua pele branca e o tom claro dos cabelos. Calçava sandálias de tiras do mesmo tom do vestido, e tinha uma *clutch* preta na mão direita. Completava o conjunto com brincos delicados e uma fina pulseira de diamantes.

Ele sentiu prazer ao vê-la se aproximando do balcão do bar onde estava apoiado. Não conseguia desviar o olhar. A sala inteira parecia presa à beleza dela. Finalmente ela subiu o pequeno degrau que separava o salão de dança do espaço do bar, e beijou-o no rosto macio, meticulosamente barbeado. Ele ofereceu uma taça de champanhe a ela, em silêncio, sem tentar disfarçar o desejo que

assomava no olhar. Elizabeth tentou manter a calma, apesar de sentir um arrepio quando ele pousou a mão sobre seu braço em um gesto de cumplicidade, para que ela o acompanhasse enquanto ia conversando com as pessoas.

Nenhum dos dois percebeu a fúria refletida no rosto de Tereza, que os observava ao longe, encostada em uma das colunas da sala, conversando com Penafor. Tereza percebeu a paixão no olhar de Miguel, e sentiu que seu peito podia explodir a qualquer momento. Bebeu o uísque de um trago e fixou o olhar nas pedras de gelo no fundo do copo, como se pudesse encontrar alguma resposta ali. Penafor perguntou:

— Está tudo bem?

— Sim... Dê-me uns minutos. Volto já — foi ao banheiro, para tentar conter as emoções. Olhou-se ao espelho. Era bonita, inteligente, mas sentia uma paixão doentia por Miguel, uma paixão cada dia mais próxima do ódio. Ficara ao lado dele nos últimos dez anos, como sua assistente, disposta a qualquer coisa para agradá-lo. Não conseguiu controlar o ódio: queria que Miguel a olhasse da forma que olhava Elizabeth, como se nada mais importasse além dela.

Abriu a torneira e enfiou as mãos na água fria, lavou-as cuidadosamente com o sabonete, esfregando-as, vezes sem conta, até a pele ficar vermelha. Não percebeu quanto tempo tinha passado até ouvir o som do celular, que tinha deixado sobre a bancada de mármore. Penafor perguntou, de novo, se estava tudo bem.

— Já estou saindo — respondeu, ao descobrir que tinha passado meia hora no banheiro esfregando as mãos. Respirou fundo e voltou para a sala. Viu Miguel inclinado sobre Elizabeth, falando com ternura ao seu ouvido. Sentiu o estômago ardendo, por mais que

tentasse se controlar, aquele ardor espalhava-se dentro dela como uma fogueira. Juntou-se a Penafor como se ele fosse uma tábua de salvação, e embora ele não soubesse o que estava acontecendo, reconheceu os sinais de instabilidade no comportamento dela, os mesmos sinais que o dominavam de vez em quando, ao reviver a morte prematura do pai. Segurou-a pelo braço e levou-a para a varanda, onde soprava uma brisa leve. Sentaram nas cadeiras de vime e começaram a conversar: ela aliviada por não estar vendo Miguel e ele surpreendido por se sentir feliz com a presença dela.

Penafor era um homem alto, magro, moreno, com um queixo ligeiramente quadrado, que tornava seu rosto viril e atraente. Tinha olhos castanhos e brilhantes e quando ria, o que era raro, tudo nele se iluminava. Tereza relaxou, não apenas pelo efeito do uísque que tinha bebido abruptamente, mas também pela conversa tranquila. Em todos aqueles anos de convívio superficial, nas várias reuniões do Conselho e em encontros sociais como aquele, ela nunca percebera que Penafor pudesse ser um homem tão interessante. Ele tinha magnetismo e não foi difícil Tereza se concentrar nele, para afastar os pensamentos tortuosos sobre Miguel. As horas passaram e eles conversaram sobre assuntos cada vez mais pessoais, criando uma inesperada cumplicidade: Penafor contou a história trágica da morte do pai e ela falou do desejo recalcado de ser mãe.

À uma da manhã, a pista estava cheia de gente descontraída, que dançava ao som da música animada. Elizabeth mal tocou na taça de champanhe que Miguel lhe oferecera e, em vez disso, bebeu coquetel de frutas e água. Ele cumpriu seu papel de anfitrião e conversou com todos, embora não tirasse os olhos de Elizabeth. Por fim, sentou ao lado dela, em um dos bancos altos do bar.

— A festa é um sucesso, Elizabeth.

— Parece que sim. Mas daqui a pouco vou para casa — anunciou.

— Tão cedo? — disse, contrariado por ter calculado que teria mais tempo para ficar com ela.

— Não quero me deitar muito tarde. Amanhã preciso acordar cedo.

— Algum motivo especial?

— Já tenho compromissos e não quero faltar. — Miguel percebeu que seria difícil fazê-la mudar de ideia e tinha pouco tempo para enredá-la nas malhas da sua sedução. Aproximou-se e, com um timbre aveludado, comentou, apanhando-a desprevenida:

— Achei que podíamos ficar um pouco a sós. Tinha esperança que isso acontecesse. Não parei de pensar em você um minuto sequer, desde aquele dia... Você sabe.

Elizabeth estremeceu ligeiramente ao recordar o beijo envolvente:

— Acho que devíamos esquecer aquilo que aconteceu.

— Por quê?

— Tivemos um momento de fraqueza. Você, além de ser um dos acionistas da empresa onde trabalho, também exerce um cargo lá...

— Então vamos resolver isto de uma vez por todas — afirmou, mudando bruscamente de estratégia. — Diga o que deseja fazer.

— Não há nada a fazer.

— Claro que há. Eu vou dizer o que quero: gostaria que continuasse na UniTouch, mas também gostaria de conhecê-la melhor. Podemos conciliar isso? — perguntou direto, como se estivesse em uma mesa de negociações.

— Não creio, Miguel.

— Por quê?

— Meu trabalho na empresa iria se complicar. As pessoas iam achar que tudo o que eu conseguisse era por ter uma relação com

você.

Ele olhou-a com intensidade e perguntou pausadamente, como um estrategista que fareja as fraquezas do adversário:

— Então considera a possibilidade de ter uma relação comigo?

— Não foi isso que quis dizer — atrapalhou-se ela.

— Mas não deixa de ser uma possibilidade.

— Você entendeu o que eu quis dizer.

— Não — provocou ele.

— Eu não quero misturar meu trabalho e minha vida pessoal.

— Espero que seja apenas isso — insinuou, sabendo que a Ordem pesava na decisão dela. — E se tivesse que fazer uma opção, o que escolheria: o trabalho ou a possibilidade de ter uma relação comigo?

— O trabalho — respondeu, com o rosto virado para baixo e o olhar fixo no copo de água que tinha entre os dedos, temendo encará-lo e ser envolvida pela sensualidade dele.

— Deduzo que aconteceu algo depois do nosso último encontro, para fazê-la tomar essa decisão. O que foi Elizabeth? Quando a abracei naquele dia tive a certeza que me queria tanto quanto eu quero você.

— Não é que eu não sinta desejo por você. Só não quero que isso interfira no meu trabalho.

— Então sente atração por mim? — interrompeu ele, com aquele hábito peculiar de valorizar primeiro o positivo e, só depois, pensar nos obstáculos.

— Sim — respondeu, com honestidade, sem imaginar que aquela confissão era tudo o que ele precisava para continuar sua estratégia de conquista.

— É um começo — sussurrou junto a ela, arrepiando-a de novo.
— Poderíamos tentar. Eu só penso em você.

— Eu não quero, Miguel — insistiu, lutando contra as sensações que percorriam seu corpo.

— Respeitarei sua decisão — disse, se endireitando calmamente. Ela não conseguiu evitar o desapontamento provocado pela rápida desistência dele. Miguel, astuto e atento, percebeu e deixou escapar um ligeiro sorriso de vitória. Mal tinha começado o jogo de sedução, e ela estava atraída por ele. A inexperiência dela tinha sido uma grande vantagem. Arturo educara-a para ser uma Guardiã, mas esquecera as tentações do mundo. Esquecera que ele também abdicara de tudo por uma mulher.

— Podemos ser amigos, não? — murmurou Elizabeth para evitar o afastamento dele, sem saber como lidar com os sentimentos que ele provocava.

— Sabe que a desejo, e eu sei que me deseja... Que sentido há em sermos amigos se tivermos que fingir que não existe uma atração entre nós? É isso que vamos fazer, não é? E eu nem compreendo por que luta contra os nossos sentimentos. Se for por uma questão profissional, quero que saiba que jamais irei interferir no seu trabalho e... seríamos discretos. Ninguém saberia de nada, até você desejar tornar a relação pública — olhou-a com firmeza. — E você que gosta tanto da verdade, agora propõe que vivamos uma espécie de mentira...

Elizabeth sabia que ele tinha razão em tudo o que dissera, mas não podia dizer que na sua vida havia o amor puro por Daniel, e a possibilidade de entrar para a Ordem, e essas eram as verdadeiras razões para não se envolver com ele. Apesar de tudo, não conseguia evitar a atração por ele e queria que ele continuasse por perto, até descobrir exatamente o que fazer.

— A verdade é que não posso ter uma relação agora, mas não quero deixar de vê-lo — confessou por fim.

— Então o que realmente impede a nossa aproximação não é a questão profissional?

— Não.

— Não compreendo — mentiu Miguel, conhecedor das restrições da Ordem.

— Não posso falar sobre isso. Tem que confiar em mim — pediu com os olhos suplicantes, abandonando parte das suas defesas.

— Está bem. Confio. Em troca também quero que confie em mim. Não vai voltar a acontecer nada entre nós até você desejar. O próximo passo será seu. Mas podemos sair, jantar, conversar, manter essa amizade disfarçada que propôs... — disse, rindo. Elizabeth se sentiu aliviada e o apreciou ainda mais pela atitude bem-humorada.

— Obrigada, Miguel.

— De nada — respondeu com doçura, acariciando suavemente os seus dedos. Elizabeth apertou a mão dele:

— Tenho que ir — justificou-se novamente. — Amanhã acordo cedo.

— Eu acompanho-a até o carro.

— Obrigada.

Miguel se despediu com um beijo no rosto. Elizabeth acreditou que ele cumpriria a promessa, e sentiu uma inesperada confiança nele.

19. As páginas perdidas

Como imaginar que nos vamos salvar com os vocábulos?

J. M. G. Le Clézio (1940-)

Por mais que Kent investigasse, ainda não conseguira descobrir magias ou ritos que pudessem envolver Elizabeth. O fim do ano se aproximava e Daniel tomou uma medida mais radical: viajou para a Chave dos Segredos, a insuperável fortaleza mística da Ordem, capaz de surpreender até os mais experientes arquitetos e engenheiros modernos.

O Mosteiro estava localizado no âmago da Cordilheira dos Pirineus, encravado nas montanhas gélidas da Europa.

A entrada ficava em uma estreita abertura oculta pelas rochas, antecédida por uma caverna com aproximadamente três metros de largura e dois de altura, escavada quase no topo da montanha nos finais do século XIII, para servir de apoio à construção do Mosteiro. Mas agora, setecentos anos depois, seu aspecto assemelhava-se ao de uma gruta natural e várias vezes serviu de refúgio a viajantes desprevenidos, que se aventuraram por ali, sem que imaginassem que estavam a poucos metros de um dos maiores tesouros do último

milênio. A porta de metal, totalmente mimetizada na parede rochosa, à direita da pequena caverna, era acessada por um moderno código, acompanhado da leitura da íris do Guardião Supremo. Qualquer erro bloquearia as fechaduras, como acontecia com a mais sofisticada das caixas fortes, e o desbloqueio era feito pela inserção dos códigos de cada um dos Guardiões.

Depois da entrada havia uma antessala, com outra porta e novo esquema de segurança: uma dupla sequência de sete dígitos alfanuméricos e uma característica física do Guardião Supremo. O sistema solicitava aleatoriamente a voz, os olhos, as digitais ou uma das macabras cicatrizes que Daniel tinha no corpo, especialmente nas costas.

Por dentro, o Mosteiro dividia-se em três andares esculpidos no interior rochoso da montanha. No primeiro andar, após a entrada, uma imensa sala era dividida por móveis seculares em dois ambientes: a sala de estar e a sala de jantar, ligada à copa por um arco aberto, sem porta. A cozinha e a despensa haviam sido completamente modernizadas e, por cima do fogão, uma minúscula janela abria-se para a íngreme encosta da montanha permitindo arejar o lugar. A janela parecia um pequeno buraco na rocha, confundindo-se com a paisagem. Na parte mais profunda do Mosteiro, ainda no primeiro nível, sete quartos com confortáveis antecâmaras funcionam como áreas íntimas, dedicadas ao isolamento pessoal, e quatro banheiros eram divididos entre os Guardiões. A água era acessível através de um sistema inteligente de coleta e armazenamento de água das chuvas e da neve. O refúgio, aprimorado ao longo dos séculos, funcionava com energia solar, e a cozinha, assim como os banheiros, haviam sido modernizados e estavam perfeitamente equipados. O Mosteiro contava ainda com internet e TV por satélite.

No final do estreito corredor que unia os quartos, uma escada conduzia ao segundo nível, inferior, todo ocupado pela imensa biblioteca com milhares de volumes. Alguns tinham mais de mil anos de existência e eram verdadeiras preciosidades do conhecimento humano.

Em um dos cantos da biblioteca, outra escada conduzia ao terceiro nível. Ali, duas salas eram exclusivamente dedicadas aos rituais: uma sala maior, branca e dourada, e uma menor, toda decorada em tons de vermelho. Uma terceira sala, com uma moderna porta fechada com travas e códigos, ocultava os tesouros Templários e místicos que a Ordem devia proteger. Dentro dessa sala, uma pequena área isolada por um portão de ferro era acessível apenas ao Guardião Supremo. Daniel tinha entrado lá uma única vez — quando Arturo lhe entregou as chaves que davam acesso irrestrito ao refúgio e mostrou os segredos mais profundos que a Ordem devia proteger, mas só o Guardião Supremo conhecia. Aquela pequena sala era um dos motivos para o nome do Mosteiro ser A Chave dos Segredos. Depois de vê-la, Daniel passou muitas noites insone, em busca de serenidade para compreender a enormidade do que estava sob sua guarda. Havia seis meses que entrara na sala pela primeira vez, e ainda era assombrado pelos terríveis segredos que ali estavam. Durante aquele período, visitara o Mosteiro três vezes e não foi capaz de voltar a entrar ali. Arturo avisara que só o tempo abrandaria aquele terror e lhe deixou quinze cadernos, dos cinquenta que escrevera, totalmente dedicados aos objetos da “Sala do Assombro”, como ele a chamava. Daniel sentia que até a proximidade da sala causava horror e sabia que estava longe de sentir-se pronto para voltar a entrar no recinto.

Assim que chegou ao Mosteiro, ignorou os efeitos da viagem cansativa, e foi para a biblioteca pesquisar, mais uma vez, rituais que

envolviam pitonisas. A diferença é que agora tinha os cadernos que Arturo havia escrito enquanto fora Guardião Supremo. Abriu o último caderno, guardado na primeira gaveta da mesa, e se espantou ao perceber que havia páginas e páginas com uma profusão de notas sobre o Códice Giga. Daniel se recordou que Kent estava pesquisando a possibilidade do Códice conter indicações sobre os rituais que procuravam. Além da misteriosa origem daquele livro, atribuída a um monge condenado, e ao próprio Satã, todos os que o possuíram haviam sido vítimas de infortúnio e mortes bizarras. Mas o fato mais intrigante era o desaparecimento de sete das suas folhas com um segredo antigo. As notas de Arturo eram exatamente sobre as folhas desaparecidas. Daniel estava habituado a lidar com coisas desconhecidas para a humanidade, da esfera das lendas e dos mitos, mas tropeçar com as notas sobre aquelas folhas perdidas durante séculos, deixou-o esfuziante. Leu atentamente e no final do pequeno caderno descobriu um antigo ritual que envolvia uma pitonisa, mas a informação estava incompleta e não era claro se ela deveria ou não perder a vida. Tratava-se de um longo rito de fertilidade que recriava a ligação inicial dos homens com o sagrado. Arturo anotara alguns códigos da Biblioteca, que remetiam para uma seção específica sobre magia. Daniel foi à prateleira e não pôde evitar o espanto ao deparar-se com quatro das folhas originais desaparecidas do Codex. As páginas continham a descrição de um antigo sacrifício de primogênitos usado para apaziguar deuses e conseguir bênçãos. As reminiscências desses rituais persistiam atualmente na magia negra pela utilização do sangue humano e continuavam sendo uma forma de comunicação com esses deuses antigos. Porém, o foco daquelas páginas era a descrição minuciosa de um rito amoroso entre um ser fantástico, meio homem e meio leão, e uma pitonisa, *“para perpetuarem, pelo sangue, a*

imortalidade". Aquela descrição era insuficiente para Daniel compreender os objetivos do ritual, mas era claro que Elizabeth se encaixava na descrição. Agora ele sabia como deveria ser o ritual, mas não sabia os motivos, nem se Elizabeth seria sacrificada no final. Copiou para seu próprio caderno as notas de Arturo, as páginas do Codex e o desenho, que era a representação de uma sala, com os objetos alinhados de forma geométrica. No centro da sala, uma espécie de altar, descrito apenas como *marmor*, parecia-se mais com uma cama do que propriamente com um altar.

Quando terminou as anotações, foi à despensa, no primeiro nível, escoltado pelo som dos seus passos contra o chão de pedra. Escolheu uma lata de sopa de aspargos e aqueceu-a em banho-maria. O silêncio era absoluto: não havia ruído ou luz do sol. A escuridão permanente era quebrada pela recente energia solar, inteligentemente armazenada. Durante séculos só as velas haviam iluminado o lugar, e ainda se encontravam castiçais espalhados por todos os lados.

Terminou a sopa, fez um chá e sentou-se à frente da tv, na aconchegante sala de estar que precedia seu quarto. Não voltara a entrar no quarto de Arturo — tudo continuava como se ele pudesse aparecer a qualquer momento, com uma das suas fantásticas ideias para modernizar mais alguma coisa.

Sentiu-se cansado. Tomou um banho rápido e deitou, ansiando por uma noite tranquila.

Acordou às quatro e meia da manhã e preparou-se para deixar o Mosteiro. Vestiu roupas leves e impermeáveis, próprias para a neve, calçou botas confortáveis e pegou a mochila onde guardou uma garrafa térmica com chá quente, barras de cereais, alguns objetos pessoais, o caderno com as notas e o meticuloso desenho copiado dos originais do Codex. Trancou tudo e saiu para enfrentar a

escuridão que ainda abraçava as montanhas. A neve cobria a paisagem, como um tapete branco e mortífero. Qualquer deslizaria poderia ser fatal, e apesar de Daniel conhecer o lugar de olhos fechados, o trajeto era difícil. Algumas horas depois de uma caminhada com ritmo rápido, chegou ao lugar onde deixara o jipe, na véspera. Restavam poucas horas para ir até o aeroporto mais próximo pegar o pequeno avião que o levaria até Paris, de onde seguiria para São Paulo.

Faltavam três dias para o Natal. Elizabeth passou a tarde comprando presentes. Em casa, anotou os nomes em pequenos cartões, e arrumou os pacotes debaixo da enorme árvore que tinha montado com Alessia.

Naquela época as ausências de Arturo e Bento pareceram maiores — o Natal era o tempo dos sentimentos excessivos: a presença dos vivos era mais intensa, com o ruído festivo das crianças, e a ausência dos mortos era mais densa como se eles andassem por perto, temendo ser esquecidos.

Alessia apareceu de mansinho, enquanto Elizabeth terminava de arrumar os presentes. Sentou-se com as costas direitas contra o espaldar da cadeira mais próxima da árvore de Natal, e colocou delicadamente as mãos sobre as pernas cruzadas.

— Temos que pensar no Natal.

— Estou sem muita vontade de comemorar.

— Eu também. Mas se não comemorarmos, vai ser pior. Daniel nos convidou para a ceia e o almoço do dia 25.

— Não o vejo há dias — respondeu, tentando ocultar a mágoa provocada pela ausência dele.

— Ele viajou e pediu que Kent organizasse tudo.

— Você quer ir? — perguntou Elizabeth, pensando que seria uma oportunidade de vê-lo.

— Quero. É melhor do que ficarmos aqui as duas, só com Leon e Náder.

— Mas eles também vão conosco, não é?

— Claro! — anunciou. — Você vai gostar, e terá oportunidade de conhecer outro Daniel.

Elizabeth imaginou se seria um Daniel que continuaria a vê-la como a pitonisa em perigo constante ou a filha do amigo querido. De qualquer forma, nenhuma daquelas imagens era a que ela desejava que ele visse. Não respondeu ao comentário de Alessia, mas disse:

— Amanhã vou jantar com os meus amigos.

— Que bom. Anda trabalhando muito e precisa sair um pouco. Está muito isolada — comentou, mesmo sabendo que o isolamento seria inevitável no futuro dela.

— Minha vida era simples, mas agora é tudo problemático, complicado.

— Eu sei querida, já passei por isso. Mas tente não perder a alegria.

— Alessia... — sussurrou, e instintivamente Alessia soube que algo horrível seria dito.

— Diga querida.

— O Miguel me faz rir.

— O Miguel? — perguntou para ganhar tempo, enquanto pensava no que dizer, e sentia o coração encher de terror. De todos os homens, Elizabeth tinha caído justamente nas mãos daquele que Alessia mais temia. O homem que ela agora responsabilizava pela morte de Bento, entre outros eventos dolorosos da sua história pessoal.

— Ele me faz sentir normal, desperta meu lado feminino.

Alessia percebeu que Elizabeth fora seduzida pelo inegável charme dele, e chegara o momento de conhecer a verdade sobre a natureza da relação de Besson com seu pai e a Ordem. Mas aquilo deveria ser revelado por Daniel. Hesitou, mordeu o lábio inferior com nervosismo como se mastigasse as palavras contra os dentes, e respondeu:

— Sei o que quer dizer.

Elizabeth olhou-a, surpreendida pela calma que transparecia na sua voz. Esperava uma rejeição a Miguel embora não soubesse bem por quê. Alessia era conservadora e, em seu papel de mãe, a ensinara a esperar por um grande amor que, entretanto, não tinha chegado.

— Achei que não ia gostar.

— Embora não possa evitar a necessidade de protegê-la, é você que tem que saber o que deseja e se isso lhe faz bem. Vou respeitar sua escolha — justificou Alessia.

— Estou confusa, mas gostaria que Miguel fosse meu amigo. E talvez isso seja possível.

— Pode ser — respondeu, ao ouvir o comentário ingênuo de Elizabeth. Só alguém que conhecia profundamente Besson, como ela, sabia o quanto ele era manipulador.

— Fico feliz por não ficar aborrecida comigo.

— Por que ficaria? Só quero que tenha cuidado e pense bem antes de tomar qualquer atitude que afete seu futuro.

— O Miguel é muito sedutor, mas agora tenho que me concentrar em outras coisas, como sabe — disse, com um ar cúmplice.

— Sei — murmurou, afastando-se. — Vou confirmar a nossa presença na casa de Daniel.

Alessia sentia um misto de raiva e pavor, mas Daniel tinha razão: ele havia dito que a melhor maneira de lidar com a proximidade de Besson era não criticá-lo e evitar que Elizabeth percebesse resistências da parte deles. Arturo acreditava que os inimigos deviam ser esquecidos e isso era suficiente para remetê-los ao limbo, mas Daniel tinha uma filosofia diferente: achava que os inimigos deviam ser mantidos por perto. Quanto mais perto, melhor.

A imagem de Miguel firmou-se nos pensamentos de Elizabeth depois da conversa com Alessia, e ela cedeu ao impulso de telefonar:

— Miguel?

— Que surpresa. Eu ia ligar para saber se posso desejar um feliz Natal pessoalmente.

— Gostaria muito — disse, sem controlar a vontade de vê-lo.

— Quer jantar comigo?

— Não vou conseguir. Hoje já é tarde, amanhã vou jantar com amigos e depois, é Natal.

— Mas quero vê-la — fez uma pausa e continuou risonho. — Tenho um presente para você.

— Eu também.

Nesse instante Alessia apareceu e pôs uma xícara de chá sobre a mesa de apoio, que ficava ao lado da árvore de Natal. Elizabeth estendeu uma mão, puxou-a pelo braço, tapou a boca do telefone, e contou:

— O Miguel tem um presente para mim.

Alessia sugeriu, em um gesto calculado:

— Convide-o para vir tomar um chá conosco.

Elizabeth balançou a cabeça em sinal de assentimento enquanto dizia a Miguel:

— Passe aqui em casa amanhã.

Pela primeira vez Miguel surpreendeu-se, e gaguejou ligeiramente:

— Aí? Tem certeza?

Elizabeth deu uma gargalhada e respondeu:

— Nunca o vi titubear. Meu convite foi assim tão inesperado?

— Sem dúvida. Tem certeza de que posso ir aí? — insistiu ele, sabendo que o convite só podia ser uma armadilha de Alessia.

— Claro, Miguel. Acabei de convidá-lo.

Alessia sentou na cadeira ao lado de Elizabeth, aguardando o desfecho da conversa. Sabia que Miguel estava em uma situação difícil: não podia rejeitar o convite sem explicar as razões, algo impossível de fazer naquela altura, e não podia aceitar o convite devido à presença de Alessia e dos outros membros da Ordem. Alessia esboçou um leve sorriso de prazer. Percebeu que Daniel tinha razão: deve se manter os inimigos perto, principalmente aqueles que, por alguma razão obscura, não querem ficar por perto.

Miguel ficou em silêncio, enquanto decidia o que fazer.

— Miguel! — chamou Elizabeth perante o silêncio dele.

— Acho melhor não. É sua casa, um espaço que quero respeitar até voltarmos a conversar sobre a nossa... amizade — justificou, refeito da surpresa.

— Está bem — respondeu, esforçando-se para entender o que estava acontecendo: ele queria tanto se aproximar dela, mas se negava a visitá-la em casa. *Estranho*, pensou Elizabeth.

— Posso passar aí para pegá-la e tomarmos café perto da sua casa. Meia hora, no máximo. Trocamos presentes e não atrapalho seu dia — sugeriu, voltando a controlar a situação.

— Está bem — respondeu relutante. — Duas da tarde?

— Perfeito. Estarei aí.

Elizabeth desligou o celular e disse ao olhar para Alessia, sem esconder o desapontamento:

— Não compreendo.

— O quê? Ele não aceitou?

— Não — respondeu espantada. — E nem entendi por quê. Nunca vi o Miguel hesitar. Sugeriu vir me buscar aqui no prédio amanhã, para um café depois do almoço.

— Ele pode ainda não estar à vontade para visitá-la em casa — disfarçou Alessia, sabendo que Besson rejeitara o convite porque temia ou não queria encontrar alguém da Ordem.

Já de volta da viagem ao Mosteiro, quando Daniel soube que Besson não quisera visitar Elizabeth em casa, mas iria buscá-la à porta do prédio, compreendeu que aquela atitude era uma clara provocação e representava o início de uma nova etapa no relacionamento deles.

Miguel estudara cuidadosamente três das sete folhas desaparecidas do Códice Giga. Durante anos revirou-as de todas as formas possíveis para tentar compreender a totalidade do rito, mas falhara sempre: as quatro folhas que faltavam eram vitais para sua compreensão. Leu tudo o que havia sobre ritos com alguma similaridade, mas não encontrou forma de completar as informações que possuía. Sabia que as informações de que necessitava estavam nas mãos da Ordem, e seria quase impossível obtê-las. Mas não tinha perdido a esperança, pois tanto ele quanto os Guardiões, por razões diferentes, desejavam o mesmo: ter acesso ao poderoso ritual descrito naquelas páginas do Códice Giga.

Miguel sabia o porquê e a Ordem sabia como. E aquele impasse só poderia ser resolvido com a junção das duas partes do documento. Miguel imaginou-se fazendo a proposta a Daniel e adivinhou seu olhar gelado. Aqueles olhos que nunca deixaram de assombrá-lo. Daniel jamais aceitaria aquilo, principalmente depois das mortes de Anabelle e Angelina, e Besson tinha certeza de que os Guardiões o consideravam responsável. Eles também sabiam da sua relação com Elizabeth, e Miguel achava estranho que se limitassem a observar. Aquilo não era habitual, porque em geral protegiam os seus e não deixavam que ninguém se aproximasse.

Foi nesse momento que surgiu sua primeira dúvida: algo dentro dele se mexeu, como um daqueles avisos que sobem pelas vísceras, atravessam a medula e chegam à mente, ainda disforme. Questionou se a vantagem que obtivera sobre Elizabeth, por meio do seu relacionamento, não estaria se transformando em uma armadilha contra ele, alimentada pela Ordem.

A morte de Arturo levava Daniel à liderança e isso significava uma nova forma de atuação. A compaixão e o perdão, tão presentes em Arturo, não eram características dominantes em Daniel. Ele representava a justiça, a espada que cortava para manter o equilíbrio. E Besson era uma ameaça ao equilíbrio. Mas a proximidade de Elizabeth estava dando a Miguel uma nova perspectiva: dentro dele uma chama começava a brilhar timidamente. Por ironia, o caçador parecia estar se transformando na caça.

Kent telefonou a Rui Queiroz, para saber notícias sobre a investigação da morte de Bento:

— Emperrada — respondeu Queiroz, mal-humorado com o assunto. — Ninguém viu nada. Ninguém sabe de nada. Não há vestígios e o pouco que encontramos no local do crime não levou a lugar algum.

— Nada? — insistiu Kent, apesar de já saber a resposta. Se Besson estivesse mesmo por trás do assassinato de Bento, como imaginavam, nem Queiroz com seus melhores investigadores conseguiriam resolver aquele caso.

— Estamos rastreando a origem do veneno. É a pista mais segura neste momento. Descobrimos uma coisa interessante: recentemente, na Europa, dez pessoas foram assassinadas e todas tinham vestígios de tetrodotoxina no corpo. Estranho, não acha?

Kent ficou tenso ao ouvir o comentário. Os seus temores pareciam tomar forma: se Queiroz ligasse a morte de Bento aos assassinatos na Europa, havia uma alta probabilidade de tropeçar com Bardas, e os dois unirem os casos e perceberem o envolvimento, ainda que indireto, da Ordem.

— Como descobriu isso?

— Comecei a investigar mortes com tetrodotoxina. Algumas eram acidentais, provocadas pela ingestão do baiacu, mas essas eram assassinatos. Um amigo, comissário na Europol, enviou informações. Estou tentando descobrir o que há de comum entre os casos. Recebi os arquivos ontem e vou manter isso confidencial.

— Vai manter confidencial por causa do Camaratte? — perguntou em tom de brincadeira, para disfarçar a tensão que sentia.

— Principalmente. Ele enfia o nariz em todo o lugar, e cismou que o assassinato tem uma conexão com a Igreja. Mas só volto a me dedicar ao caso no início do ano. Vou tirar uns dias para descansar, enquanto a equipe vai trabalhando no assunto.

— Boas férias — desejou Kent.

Em seguida, Kent consultou Daniel para determinar se deveria ter mencionado que sabia dos assassinatos na Europa e do suicídio de MacGee na Casa do Lago.

— Queiroz vai descobrir tudo isso, mais cedo ou mais tarde — comentou Kent, apreensivo.

Daniel avaliou de novo a situação, antes de tomar uma decisão final.

— Vamos falar com Bardas e depois com Queiroz, e diremos que percebemos a ligação entre os casos.

— E depois? Já imaginou o que vai acontecer quando os dois se juntarem? — perguntou Kent. Daniel respirou fundo, pensando nas repercussões daquele caso infernal que podia colocar a Ordem sob os olhares perspicazes de Bardas e Queiroz.

— O fato de unirmos as investigações funcionará a nosso favor, mostrando que não temos nada a esconder. Embora ache que são dois casos diferentes, como sabe. — defendeu Daniel.

— Mas existe a tetrodotoxina, a ligação de MacGee com Elizabeth, a ligação de Bento com Alessia — sintetizou Kent. — Já são três pontos em comum. Não consigo deixar de pensar nas consequências. Se descobrirem alguma coisa sobre nós...

— Não vão descobrir. Temos uma vasta experiência em fazer desaparecer o passado — enfatizou Daniel.

— Eu sei — confirmou Kent, com uma insegurança proveniente do conhecimento que tinha das habilidades de Bardas e Queiroz. — Mas estamos lidando com profissionais competentes.

— O objetivo é descobrir quem está atrás das relíquias. E, neste contexto, a morte de Bento não se encaixa. É outro caso — insistiu Daniel ligeiramente crispado.

— Apesar da tetrodotoxina ser comum aos dez assassinatos e à morte de Bento?

— Sim, apesar disso, há algo que não bate direito — comentou Daniel, com uma fina ruga de preocupação na testa. — Quanto mais penso, maior é minha certeza de que são casos diferentes, apesar da tetrodotoxina em comum. Bardas e Queiroz também podem chegar a essa conclusão.

— A utilização desse veneno é incomum — reforçou Kent.

— Sem dúvida há alguma ligação entre os casos, mas as motivações e as pessoas envolvidas são diferentes — insistiu.

— Acreditamos que a morte de Bento foi para nos atingir — lembrou Kent.

— Continuo acreditando nisso. Mas algo está me escapando — concluiu Daniel, disposto a desvendar aquele mistério.

20. O brasão

Fiquei magoado, não por me teres mentido, mas por não poder voltar a acreditar-te.

Friedrich Nietzsche (1844-1900)

Elizabeth acordou, espreguiçou-se e sentiu o corpo esticar até o limite. Ficou cinco minutos deitada na cama, contemplando o teto do quarto, com os pensamentos divididos entre a inesperada capacidade de Daniel para o riso e a leveza sensual de Miguel. Ambos despertavam seu corpo para desejos profundos. Quando se levantou, achou que o dia seria perfeito, apesar de sentir o coração envolto em um turbilhão de emoções contraditórias.

Às duas da tarde encontrou Miguel, alheia à presença de Seth e Uchoa. Os dois, parados na portaria do prédio, pareciam esfinges enigmáticas com os olhos fixos nele. Quando saiu do carro para abrir a porta a Elizabeth, Besson pôde sentir a força deles, um campo de energia capaz de repercutir pelo quarteirão inteiro. Analisou-os sem receio aparente, como se pudesse destruí-los quando quisesse, mas sentiu um ligeiro tremor ao recordar o quanto eram poderosos. A presença deles ali, como dois anjos imóveis, era um aviso e Miguel

sabia que não poderia os derrotar enquanto estivessem juntos. Se tivesse que entrar em confronto, teria que separar os Guardiões e derrotá-los um de cada vez.

No café, escolheram uma mesa junto à janela, por onde entrava uma fulgurante luz de verão. Trocaram os presentes de Natal: Miguel recebeu elegantes abotoaduras de prata e Elizabeth um delicado fio de ouro com uma medalha que lhe provocou alvoroço, assim que abriu a pequena caixa com a joia.

— Esse símbolo... A Fênix com as asas abertas, uma rosa presa nas garras, e embaixo escrito *Fraternitas*, é o brasão da minha família. O que faz aqui? — perguntou confusa.

— Esse brasão é da minha família — informou com um sorriso brando, para apaziguá-la.

— É um engano. Isso não é possível — retrucou, com firmeza.

— Por quê?

— Meu pai sempre usou esse brasão.

— Diga por que acha que seu pai está certo e eu errado — pediu, calmamente.

— Meu pai não ia inventar isso, não ia mentir durante anos. Que interesse teria em mentir sobre uma coisa dessas?

— Não sei, Elizabeth. Acha que seu pai mentiu? — pronunciou as palavras devagar, para que tivessem um impacto maior.

— Não! — retorquiu, desconcertada, tentando dominar a raiva despertada pela pergunta provocante. — Meu pai sempre quis me proteger, mas mentir sobre o brasão pertence a uma categoria que não combina com ele. Que importância tem esse brasão?

— Não estou dizendo que ele mentiu, mas talvez tivesse omitido... — insinuou. — Sua pergunta sobre a importância do brasão é a pergunta certa, mas antes deve fazer outra: o que significa esse

brasão? E talvez depois disso compreenda o que seu pai possa ter omitido.

— Eu sei o que significa o brasão — argumentou, lembrando que o pai falara longamente sobre a simbologia do brasão.

— Então vamos por partes: a Fênix, primeiro — sugeriu, quase didático.

— É um mito do antigo Egito, posteriormente transmitido aos gregos. É uma ave que vivia mil anos e quando pressentia que ia morrer preparava uma pira funerária e incendiava-se, para depois renascer. Segundo a lenda, suas cinzas tinham o poder de ressuscitar os mortos.

— E qual a simbologia da Fênix?

— Para os egípcios significava a imortalidade. Para nós, ocidentais, representa a transformação, a vitória da vida sobre a morte.

— E no cristianismo? Lembra?

— Está associada à ressurreição de Cristo, na arte sacra.

Miguel reconheceu nela a herança de Arturo e quase sentiu sua presença, como se ele pudesse fugir da morte para vir assombrá-lo, e pedir que se afastasse da sua filha amada.

— Em resumo, a Fênix está associada aos ciclos da morte e renascimento e à imortalidade. Agora passemos ao segundo símbolo: a rosa. Diga-me o que significa — pediu, pacientemente.

— Tem vários significados, mas acho que o mais importante é sua associação ao segredo da imortalidade. Significa a perfeição defendida pelos espinhos, que são os seus guardiões.

— É também o caminho para o autoconhecimento, o símbolo do Graal.

— Sim — reconheceu, compreendendo subitamente, à luz dos seus novos conhecimentos, como tudo se encaixava e estava associado à simbologia do Graal e da imortalidade. *Que ligação*

Miguel tem com o Graal?, perguntou-se espantada com a inesperada explicação dele.

— E por fim *Fraternitas* — exclamou Miguel, interrompendo a avalanche de perguntas que se insinuavam dentro dela.

— Fraternidade. Irmandade — respondeu Elizabeth.

— Exatamente. Então, resumindo: este Brasão representa a Fraternidade do Graal, que defende o conhecimento secreto. Ou, dito de outra forma, representa o conhecimento perfeito defendido pelos seus Guardiões.

— Mas... — Elizabeth começou a falar, mas calou-se antes de dizer o que não devia e não podia. Antes de contar que os seus antepassados tinham sido Guardiões do Graal, desde que os Templários descobriram o Pergaminho, em Jerusalém.

Miguel percebeu a hesitação dela e perguntou:

— O que ia dizer Elizabeth?

— Como sabe sobre a Fraternidade que protege o segredo do Graal? — questionou revelando as suas dúvidas, mas expondo simultaneamente o que sabia.

Ah... Então era isso: o segredo sobre a existência da Ordem! Ela já sabe sobre os Guardiões!, pensou Miguel, seguro de que sua estratégia de falar sobre o brasão iria, primeiro, permitir que descobrisse o que Elizabeth sabia, e depois, abalar a harmonia da Ordem.

— Pergunte ao Daniel — sugeriu, com malícia.

— Estou confusa... — confessou.

— Eu sei. Mas já disse que conheci os amigos do seu pai — comentou, assaltado por uma onda de ternura, ao vê-la insegura. — E sei que duvida que o brasão pertença à minha família.

— Sim — respondeu com franqueza.

— Sugiro que também pergunte ao Daniel. Tenho certeza que ele vai explicar e você, finalmente, saberá o que se oculta no brasão. É isso que importa.

Ela se sobressaltou com as palavras dele. Temia descobrir um segredo terrível sob a calma aparente de Miguel. Observou-o atentamente e os olhos dele lembraram o lago de Sanabria: liso como um espelho que refletia as estrelas e a lua, e abaixo da superfície, nas águas escuras, cheio de fantasmas e segredos dos mortos.

— Não posso usar este colar, Miguel — estendeu a pequena caixa na direção dele.

— Não use, só quero que guarde — respondeu, feliz por ter conseguido perturbá-la.

— Obrigada pelo presente — agradeceu, desconcertada. — Podemos ir?

— Podemos... — respondeu, levantando. — Posso vê-la antes do final do ano?

— Não sei, Miguel... — respondeu, cansada.

— Nada disto é fácil, mas quando descobrir o que está oculto vai se sentir melhor. Prometo que vai ficar tudo bem. Se precisar, me procure — afirmou, com o olhar dourado fixo nela, colocando o braço sobre o ombro dela, em um gesto protetor.

Deixou-a em casa, com um beijo no rosto. Não viu Seth nem Uchoa, mas sabia que estavam por ali, como uma ameaça invisível. Daria tudo para ver Daniel explicar a Elizabeth como ele e Arturo tinham o mesmo brasão, pensou com um sorriso largo nos lábios, enquanto voltava para o carro. Aquele era seu presente de Natal para a Ordem.

No dia de Natal, o principal presente de Elizabeth foi uma carta do pai.

Côte de Ivoîre, 9 de julho de 2009

Elizabeth,

Estou na Costa do Marfim, quase terminando meu ciclo de viagens.

África tem um ritmo próprio, como se o mundo tivesse parado aqui e se sentasse nos olhos dos bichos. Eu também parei aqui: deixei uma parte do meu coração e vim resgatá-lo. A outra parte está com você. Estou quase inteiro, pronto para a grande viagem. Estou em paz!

Hoje é dia de Natal e talvez esteja triste. Não fique. Sua vida está apenas começando. acredite em mim.

Nesta altura já deve saber que somos cátaros. Se por alguma razão isso não era claro, torna-se claro agora.

Earl Hickey disse: "faça coisas boas e coisas boas lhe acontecerão". Isto é basicamente a lei de Newton, segundo a qual "tudo o que se faz gera uma reação oposta, de igual força e intensidade". Significa que somos responsáveis pelos nossos atos e pela nossa evolução. Mas isto você já sabe, por ser a base da nossa filosofia, embora com outra terminologia. O que precisa lembrar, também, é que, antes de nascermos, escolhemos algo para melhorar nesta vida — estabelecemos uma missão. Muito do nosso aprendizado foi determinado por nós e temos que assumir a responsabilidade por essa escolha, porque é a única forma de evoluirmos.

Independentemente do que possa acontecer, pode mudar e melhorar. Primeiro, com o pensamento e depois, com a ação.

Pensamento e ação têm que caminhar juntos. Não deixe que nada nem ninguém determinem quem você é.

*Com amor profundo,
Arturo*

Não conseguiu evitar as lágrimas. De todas as cartas que o pai escrevera, aquela era a mais doce e menos ameaçadora. Arturo a fez lembrar que era dona do seu destino, e se estava ali era por uma decisão sua, para aprender o que lhe permitisse evoluir. Ela não sabia qual era seu aprendizado, mas as palavras do pai tranquilizaram-na e contribuíram para dissipar as dúvidas sobre a Ordem, após a conversa com Miguel, que a havia desestabilizado, na véspera.

A cozinha era o coração da casa: ali estavam todos, em um entra e sai constante, embriagados pelos perfumes de uma culinária delicada, que Daniel preparava para a ceia de Natal. Viu-a entrar na cozinha, timidamente, para não perturbá-lo. Observou-a e se lembrou da última vez que tinha visto a mãe dela. Sentiu a culpa assaltá-lo novamente por não ter percebido que Angelina corria perigo. Tinha passado alguns dias com Angelina e Arturo duas semanas antes do trágico evento, e não pressentiu que ela poderia ser assassinada.

E, durante aqueles dias, sempre que Elizabeth ia dormir chorava por Daniel. Ele sentava-se na beira da cama e contava histórias de cavaleiros e princesas, no seu francês suave, enquanto ela segurava seu indicador direito com a mão miúda para ter a certeza de que ele não partiria quando ela dormisse. Durante o dia não o largava um minuto: embrulhava o pescoço dele com os bracinhos esguios e não

o soltava até estar segura de que ele não a colocaria no chão. Angelina ria e dizia que eles tinham um destino comum e Daniel teria que velar por ela. Não sabia o quão premonitória estava sendo. Naquele momento, Daniel olhava para Elizabeth e a culpa o consumia. Culpa por não ter antecipado a morte de Angelina. Culpa por não ter estado mais presente na vida de Elizabeth. Sabia que devia livrar-se dessa culpa, mas sabia também que tinha que lidar com aqueles sentimentos para poder superá-los. Ele precisava aceitar que não poderia ter feito nada para salvar Angelina do seu trágico destino, e aceitar também que não fazer parte da vida de Elizabeth havia sido uma opção sua.

Daniel recordou que, naquela época, ele não soubera reagir à estranha ligação que Elizabeth tinha com ele, aquele apego quase irracional. Arturo dizia que Elizabeth só queria que Daniel a amasse. Mas ele ficara desorientado com aquela criatura minúscula que queria sua atenção vinte e quatro horas por dia. Quando Elizabeth fez quatro anos, Daniel decidiu que era melhor afastar-se por um tempo. Arturo respeitou sua decisão, mas os meses viraram anos e, no final, aquele afastamento não serviu para nada. O que não foi resolvido antes se transformou em algo mais complexo, e ali estavam eles novamente, face a face, assolados por inesperados sentimentos. Ela o reconhecia sem saber como, por não se lembrar dele na sua infância, e ele recordava tudo, com as memórias exacerbadas. É sempre assim, pensou Daniel, *aquilo que não resolvemos repete-se e complica-se.*

Daniel era o anfitrião perfeito, revelando a habilidade de antecipar os pequenos desejos e necessidades dos convidados. Elizabeth se surpreendeu ao vê-lo sem a batina, vestindo elegantes calças e uma

camisa impecável, que o transformavam em um homem quase comum, alguém que poderia amar sem obstáculos. Sabia que ele continuava sendo um território proibido, mas naquela noite queria acreditar, ainda que por algumas horas, na possibilidade daquele amor. Por mais que brigasse contra os sentimentos, sentia o beijo que ele lhe tinha dado quando a cumprimentara, ardendo na testa, como um anel de fogo palpitante. Um beijo que tinha apagado todas as reminiscências sensuais de Miguel.

As conversas, amenas e leves, acabaram por girar em torno dos cátaros.

— Elizabeth, lembra-se da origem da palavra “cátaros”? — perguntou Alessia.

— Vem do grego *katharós*. Significa *puro* — respondeu prontamente.

— Os cátaros são os puros! — reforçou Seth.

Elizabeth viu a ligação natural entre os cátaros e o Graal.

— Como é que não percebi? Só os *puros* têm acesso ao Graal. É por isso que os cátaros são os Guardiões. É isso — comentou entusiasmada como se tivesse feito uma grande descoberta que, na verdade, era óbvia e estivera à sua frente o tempo todo, porém perdera-se no meio da quantidade absurda de informação dos últimos meses.

— Sim, mas o Graal é que escolhe os seus Guardiões, e não o contrário — avisou Seth sem se adiantar no assunto, mas introduzindo sutilmente um dos pontos cruciais do Graal.

Elizabeth conhecia os principais conceitos do catarismo, porque faziam parte da sua formação, mas só agora compreendia a profundidade da sua identidade: ela era cátara.

— Alguns estudiosos acham que o catarismo foi a *heresia* mais poderosa enfrentada pela Igreja — comentou Daniel, servindo doces

de massa folhada com creme de frutas vermelhas.

— E a Cruzada Albigense foi para massacrar essa heresia — rematou Kent, inconformado com a morte dos cátaros, mesmo depois de tantos séculos.

Elizabeth, intrigada com a presença de Kent, mudou de assunto, ao comentar:

— Você é judeu, não é? E os judeus não comemoram o Natal, comemoram o Chanuká...

— Sou judeu — respondeu rindo, sabendo que sua presença provocara estranheza. — E você quer saber o que estou fazendo em uma festa de Natal cristã.

— Não é muito normal um rabino participar do Natal — concordou ela timidamente.

— É verdade. Sou rabino, Daniel é padre, Dib é monge budista, Uchoa é muçulmano, Seth e Alessia são católicos — sintetizou sério. — Mas antes de tudo, somos cátaros e Guardiões do Graal. O resto são conveniências que necessitamos para funcionar no mundo real.

— Então não é rabino de verdade? E Daniel não é padre? — questionou, tentando entender os impactos que aquela informação trazia para sua vida, especialmente em relação a Daniel.

— Somos tudo isso, de verdade — disse Kent, sorrindo. — Mas somos porque precisamos monitorar o que acontece nas principais religiões. O nosso papel de Guardiões é extenso.

— Acho que a Elizabeth só vai compreender a dimensão do nosso papel quando se tornar uma de nós — interrompeu Daniel, consciente de que Kent não poderia explicar melhor o assunto, naquele momento. — Atenção, todos. Vou servir uma experiência gastronômica.

— Outra? — perguntou Alessia, que não cansava de surpreender-se com as habilidades culinárias de Daniel. Ele conseguia

transformar os ingredientes mais simples em pratos sofisticados, sem fazer das receitas um emaranhado complexo de procedimentos.

— Preparei uma sobremesa de chocolate e morangos, o que não é sequer original...

— Você sabe que eu não acho uma boa combinação — interrompeu Kent.

— Eu sei, mas hoje vou provar que está errado — brincou Daniel, colocando sobre a mesa uma mousse de chocolate, com camadas de morangos finamente fatiados, em uma taça previamente coberta por palitos de La Reine embebidos em café. Para atenuar a profusão de sabores, serviu a sobremesa com uma colher de *crème fraîche*. O equilíbrio dos sabores era fantástico e Kent rendeu-se, finalmente, à mistura dos morangos com chocolate.

Elizabeth sentiu-se ainda mais fascinada com aquele lado familiar de Daniel.

No dia 26, quando a rotina voltou a se instalar, Elizabeth decidiu investigar a história do brasão. Tinha deixado passar o Natal para não gerar nenhum constrangimento, mas precisava descobrir o que a revelação de Miguel significava. Pegou o telefone, um pouco temerosa, e discou o número de Daniel devagar, para ter tempo de arrepender-se. Quando ouviu o primeiro toque sentiu o impulso de desligar, mas ele foi mais rápido.

— Elizabeth. Como está? — disse, reconhecendo o número dela.

— Bem, obrigada. Mas preciso falar com você — anunciou, direta.

— É urgente?

— Para mim é — respondeu, após uma breve hesitação.

— Alessia pode ajudá-la?

— Talvez... Mas prefiro falar com você. Além disso, Alessia foi passar o dia com Althea.

Daniel sabia quem era Althea. Havia nascido em Castro Laboreiro e foi amiga de infância de Bento. Com os anos, tornara-se a única amiga de Alessia, fora da Ordem. Ela dedicou a vida ao estudo das ervas e era capaz de curar qualquer coisa, desde que a alma da pessoa não estivesse consumida pela maldade. Transformara-se em uma curandeira respeitada, sempre com uma fila de gente ansiosa para consultá-la.

Daniel sabia que a vida de Althea tinha sido um exemplo de caridade e amor, mas sabia também que o fim se aproximava. Althea estava cansada e começava a ansiar por um descanso mais absoluto, e por isso Alessia decidira passar mais tempo com ela.

— Passo aí por volta das cinco — afirmou Daniel.

— Está bem — disse, consultando o relógio, desalentada por serem ainda onze da manhã.

21. Laços de sangue

Na vida chega um momento — e penso que ele é fatal — ao qual não é possível escapar, em que tudo é posto em causa (...)

Marguerite Duras (1914-1996)

Daniel achou estranho o telefonema de Elizabeth, mas antes de pensar seriamente naquilo concentrou-se em outro assunto mais premente: ligou para Bardas para resolver um problema, que se tornava inadiável.

— Feliz Natal, atrasado — brincou Bardas ao atender o celular.

— Para você também.

— Eu ia telefonar para contar uma novidade. Encontramos umas notas sobre o assassino que trabalhava com MacGee. Era um russo de trinta anos chamado Vladimir Botkin.

— Um russo? — estranhou Daniel.

— Isto é um quebra-cabeça infundável. É um complô espalhado pelo mundo — queixou-se Bardas, com uma ponta de desalento.

— Três das vítimas eram russas. Há alguma ligação entre eles e esse Vladimir?

— Não. Já exploramos essas possibilidades todas, e não há nada que os ligue.

— O que descobriram sobre ele?

— Não devia falar sobre isto, mas estou envolvido em uma unidade especializada em assuntos da máfia do Leste europeu — contou Bardas, demonstrando total confiança em Daniel. — Eles invadiram a Europa e a situação é preocupante. Segundo as nossas informações, o Vladimir Botkin está ligado a um grupo muito violento da máfia russa que controla a maior parte do comércio do mundo da arte. Inicialmente atuavam apenas no Leste europeu, mas nos últimos anos estenderam os tentáculos por toda a Europa, África e América do Sul.

— América do Sul?

— Por que pergunta? — inquiriu Bardas atento.

— Isto está se complicando. O padre Bento foi assassinado — informou de uma só vez.

— O padre Bento? Aquele que esteve aqui, na Igreja de Nuestra Señora del Azogue?

— Sim.

— Quando é que isso aconteceu?

— Em novembro.

— E você não me disse nada? — resmungou Bardas, claramente irritado.

— Bardas, foi um choque. Ainda não nos recuperamos da morte de Arturo, e Bento foi assassinado — justificou-se.

— Compreendo... — respondeu mais suave, arrependido do seu arroubo temperamental.

— E só percebemos uma ligação entre os casos agora — mentiu Daniel.

— Uma ligação?

— Bento foi assassinado com tetrodotoxina na sopa. Praticamente na igreja, porque a casa dele era anexa à igreja. O representante do arcebispo está pressionando, e acha que é um crime contra a Igreja católica. Mas pouco antes do Natal começamos a pensar sobre a possibilidade de haver pontos comuns entre os assassinatos da Europa e o de Bento.

— Mas como? — insistiu Bardas, completamente alerta, assimilando toda a informação.

— Temos em comum a tetrodotoxina e Elizabeth — comentou Daniel, querendo impedir que o foco da investigação se voltasse para Alessia e para a Ordem. — Queria consultá-lo antes de falar com o coronel responsável por investigar a morte de Bento.

— Concordo. Os crimes estão muito próximos de Elizabeth. O assassino foi à casa dela, e agora mataram o padre, que praticamente lhe deu toda a orientação religiosa. Acho que tenho que ir a São Paulo — disse Bardas, com renovado entusiasmo.

— Rui Queiroz só volta de férias no início de janeiro.

— Ele é o responsável?

— Sim, mas apesar de estar de férias tem uma equipe no caso. Ele já sabe dos assassinatos na Europa e comentou com o Kent. Na verdade foi aí que percebemos que havia uma ligação entre tudo isto. Não sabemos as razões, mas você e Queiroz certamente irão descobrir — insinuou Daniel, pensando que apesar de temer aquilo, não lhe restava alternativa.

— Obrigado pela confiança. Então pode passar os meus contatos ao Queiroz?

— Kent vai falar com ele. Eles são bastante próximos — informou Daniel.

— Quando perguntou sobre a máfia russa na América Latina, o que queria saber?

— Se poderiam ser as mesmas pessoas — comentou Daniel.

— MacGee não está no cenário, mas Vladimir Botkin esfumou-se. E agora, com a morte de Bento, existe a possibilidade de ele ter estado em São Paulo. Se esteve aí, deve ser suficiente para comprovarmos a ligação entre os casos. Mas, não sei... — hesitou Bardas. — E por que raio a Máfia mataria um padre? Deixaram algum bilhete pedindo um objeto, como nos outros casos?

— Não.

— Aqui, todas as mortes estão associadas às relíquias, sejam ou não relíquias verdadeiras. Isso explicaria a presença de MacGee na Casa do Lago, atrás dos tesouros de Arturo, e até a história da cápsula de cianeto de potássio... Uma reminiscência da Guerra Fria.

— Da KGB. — enfatizou Daniel. — Muitos dos mafiosos atuais pertenceram à KGB, e o cianeto de potássio era um método muito usado para o suicídio.

— Parece que está se fazendo alguma luz sobre este assunto — declarou Bardas.

— Continuo sem compreender a morte de Bento — comentou Daniel. — Vai ter que descobrir isso com o Queiroz.

— Existe ainda a questão do Rio de Janeiro: o responsável parece estar aí no Brasil, apesar de não termos encontrado nenhuma pista — lembrou Bardas.

— Mas continuam vigiando? — perguntou Daniel.

— Sim, a polícia do Rio está atenta: se alguém acessar aquela caixa postal, eles nos comunicam. Minha opinião, que você já conhece, é a de que eles estão procurando um objeto que está com Elizabeth. Consultou-a sobre o sótão?

Daniel esquecera-se de responder ao pedido de Bardas, mas tinha falado rapidamente com Elizabeth, no dia de Natal, sobre a possibilidade de permitir que a polícia vasculhasse o sótão, à procura

de alguma pista que justificasse a presença de MacGee na Casa do Lago. Ela foi peremptória na recusa: não queria que revirassem os objetos e os documentos que herdara do pai. Além disso, em face das últimas revelações sobre os Guardiões, a secreta Ordem à qual Arturo pertencera, todo o cuidado lhe parecia necessário.

— Falei, mas ela recusou.

— Pelo menos tentamos — atalhou Bardas, agora menos incomodado com aquilo, perante a nova perspectiva de ir a São Paulo. — Daniel, esta nossa conversa ajudou-me muito.

— Você já sabia tudo, Bardas... — comentou Daniel, sorrindo.

— Podia até saber, porém o quebra-cabeça ganhou mais algumas peças.

— Dou notícias assim que o Kent falar com o Queiroz.

— Obrigado. Um bom ano para nós.

— Esperemos que sim.

Daniel desligou o celular aliviado pelo novo rumo da investigação. Talvez houvesse realmente uma organização criminosa por trás da caçada aos artefatos, o que afastaria a Ordem do olho daquele furacão, e simultaneamente absolveria Miguel Besson.

Quando comentou com Kent, ele deu uma gargalhada de alívio e respondeu:

— Realmente a sorte protege os inocentes. Estamos sendo bafejados pela proteção.

O som da campainha arrancou Elizabeth da letargia. Eram duas da tarde, e ela tinha se deitado no sofá enquanto escutava ao longe, os diálogos do filme que passava na tv, *O curioso caso de Benjamin Button*. Foi à porta, espreitou pelo olho mágico e viu dona Rosa. Deixou-a entrar e abraçou-a com carinho.

— Estava com saudades suas — disse Elizabeth afetuosamente.

— Eu também, filha.

— Venha. Eu faço um chá e tomamos na saleta de TV — convidou Elizabeth.

Começaram a conversar e dona Rosa contou que tinha passado o Natal na casa de um dos filhos, mas estava se sentindo muito cansada. Porém, queria saber todas as novidades.

— Conte-me sobre seu namorado. Eu vi-o da janela, antes do Natal, quando ele a veio buscar na porta do prédio. Que moço bonito! Como é que ele se chama?

— Miguel. E não é meu namorado.

— Ah, mas vai ser. Eu rezo tanto para Deus lhe mandar um homem bom.

— Somos apenas amigos. Eu não o conheço tão bem assim.

— Ah, sim. Isso é sensato. Mas você pensa nisso, não é?

Elizabeth terminou o chá mais rápido para fugir às perguntas e insinuou delicadamente, ao perceber que a vizinha estava ali para ficar:

— Acho que vou tomar um banho, dona Rosa...

— Eu vou andando, não quero atrapalhar. Alessia saiu?

— Foi ver uma amiga. Deve voltar no final da tarde. Eu depois digo para ir vê-la.

— Faça isso, querida. Faça isso!

Elizabeth acompanhou-a à porta e depois tomou seu banho. Daniel chegaria em breve e ela queria estar serena. *Não será uma conversa fácil*, pensou.

Daniel sentou-se no sofá, com o corpo relaxado. Cruzou as pernas sob a longa batina negra, aguardando pacientemente que Elizabeth

falasse sobre o que a perturbava.

— Obrigada por ter vindo — agradeceu ansiosa, antecipando a dificuldade da conversa.

— Espero que não seja grave — respondeu, observando a pequena caixa na mão dela.

— Antes do Natal encontrei-me com Miguel Besson. Vocês se conhecem — comentou, indo direto ao assunto.

— Sim — respondeu, com simplicidade.

— E ele conhecia meu pai e Alessia.

— Sim. É tudo verdade. Mas não foi isso que a incomodou. Já sabe que ele conhece seu pai desde que tiveram o acidente de carro — racionalizou ele.

— Realmente não é essa a origem da minha perturbação. Ele deu-me este colar — disse, abrindo o estojo de veludo azul-escuro, e revelando a medalha com o brasão de Arturo.

Daniel sentiu um formigamento no estômago, quase imperceptível. Chegara a hora de começar a revelar a verdade. Compreendeu que Miguel não o fizera certamente para que ela confrontasse Daniel e isso gerasse um conflito. Ele semeou a dúvida e deixou para Daniel a parte complicada: o brasão era um subterfúgio para obrigar Elizabeth a buscar a verdade.

— O brasão dos Blanchefort — comentou Daniel devagar.

— Miguel diz que pertence à família dele e eu sempre vi meu pai usá-lo. É o brasão da *minha* família — afirmou com a voz tensa, enfatizando as palavras.

— Os dois estão corretos — Daniel falou suavemente, respirando entre as sílabas como se estivesse esticando a frase, para que as palavras ecoassem por mais tempo na mente dela.

— Como isso é possível? Estarmos os dois corretos? — a voz dela tinha uma nota aguda, pois nada daquilo fazia sentido.

— Vocês são da mesma família. Besson é seu primo — revelou de chofre.

— O quê? — perguntou, surpreendida com a notícia.

— O pai de Besson era um Guardião, e casou com a irmã mais velha do seu pai, Albertine Blanchefort. Besson é sobrinho do seu pai e, portanto, seu primo — explicou sucintamente.

— Disse que não havia ninguém da minha família — acusou, chocada.

— Até agora só contei a história da família da sua mãe. Ainda não falamos sobre seu pai... — Daniel se justificou.

— Como isso é possível? Miguel sabe que é meu primo?

— Claro que sabe. Foi por isso que ele lhe deu a medalha com o brasão.

— Meu pai não mentiu sobre o brasão, e Miguel também não.

— Miguel disse uma verdade parcial, apenas para instigá-la a descobrir a verdade — frisou Daniel. — O pai dele era um Besson e a mãe uma Blanchefort. Apesar de Miguel ser da família Blanchefort, não tem direito ao brasão. O brasão pertencia ao seu pai. O Miguel tem o brasão que herdou do pai dele — reforçou lentamente.

— E por que é que ele não me contou a verdade?

— Talvez por não saber como você reagiria — simplificou Daniel.

— Ele sempre soube quem eu era?

— Sim, Elizabeth.

— Quer dizer que quando eu bati o carro, ele sabia quem eu era? É isso? Ele até comentou que tinha uma “relação social” com meu pai...

— Não sei o que dizer — respondeu Daniel, tentando perceber por que ela estava mais perturbada por Besson saber que eram primos do que por descobrir um familiar.

— Miguel é meu primo! — repetiu lembrando o desejo que sentia por ele. Um desejo que agora parecia impróprio. Um desejo que Miguel explorou, mesmo sabendo do parentesco deles. — Então é por isso que ele sabe da história dos Guardiões? Ele disse que o brasão significa a “Fraternidade do Graal”.

— Não é por ser seu primo que ele sabe isso. Ele adquiriu esse conhecimento quando assumiu o lugar de Guardião, herdado do pai dele, Alphonse Besson.

— Ele era um Guardião? — perguntou surpreendida.

— Sim. E foi a única vez na história da Ordem em que houve um Guardião que descendia de duas famílias de protetores do Graal. E esse fato, por si só, já tornava Besson especial.

— Especial como?

— Não sei se por essa razão, mas acredito que sim, Besson tem capacidades acima da média. Consegue quase tudo o que deseja sem precisar se esforçar — insinuou Daniel sem se alongar no assunto, mas Elizabeth sabia o que aquilo significava: ele a tinha praticamente seduzido, com sucesso, todas as vezes que estiveram juntos.

— Por que deixou de ser um Guardião? Isso é possível: entrar na Ordem e depois sair?

— Não é possível deixar a Ordem. Mas o caso de Besson é único, mais uma vez.

— Por que é que meu pai nunca me falou sobre Miguel? Qual a relação deles?

— Eles eram muito amigos, mas se desentenderam por causa de um assunto muito importante da Ordem, e nunca mais se aproximaram. O que aconteceu, quando Besson saiu da Ordem, inviabilizou qualquer relação entre eles. Por isso é que seu pai nunca falou dele. Arturo tentava ignorar a existência de Besson. Embora,

na realidade, não fosse assim, porque seu pai sempre protegeu Besson.

— O que aconteceu entre eles?

— Não posso contar, sem revelar assuntos da Ordem — respondeu, apaziguando-a.

— E você, por que nunca me falou sobre Besson?

— Fiquei esperando que ele desse o primeiro passo e contasse quem era. Achei que ele é que deveria dizer que era seu primo.

— Mas ele não fez isso.

— Não. Arranjou um subterfúgio para me forçar a contar a verdade. Colocou-nos, a mim e a você, em uma situação em que a verdade teria que ser revelada, por nós dois.

— Manipulou-nos — disse baixinho Elizabeth.

Daniel manteve-se silencioso.

— Estou irritada! Ele está me manipulando desde o início. Como pode estar tão tranquilo?

— Lindando com a situação calmamente. As emoções...

— Eu sei... Já me disse. As emoções atrapalhavam o raciocínio — completou observando-o com atenção. Ele mantinha o rosto sereno e os olhos eram tão claros que pareciam de água. Ao vê-lo assim, quieto, com a roupa negra e a imaculada gola padre, ele parecia pertencer a um plano superior, a um mundo acima dos mortais, com sua beleza fabulosa.

— Miguel nos manipulou várias vezes para conseguir vantagens. Esse é o objetivo da manipulação: obter vantagens. Não podemos deixar que isso nos afete. De que adiantaria?

— Não sente raiva?

— Não. Tento compreender as razões por trás disso, e transformar a situação em algo positivo, vantajoso para mim.

— O que seria positivo nesta situação?

— Já sabe quem é Besson: ele é seu único familiar vivo. Mais: você descobriu que ele a manipulou desde que se conheceram. Diga-me, que vantagens Besson pode obter?

Ela hesitou, lembrando os beijos e os cuidados que ele tivera com ela. Respondeu baixo:

— A mim.

Esperou que Daniel reagisse, mas ele continuava sereno como se já soubesse de tudo aquilo. Olhava-a em silêncio, sem julgamentos. Olhava-a como um padre olha para alguém que está se confessando em busca de consolo e apoio.

— Para quê?

— Achei que ele estava atraído por mim — sentiu a voz tremer quando pronunciou as palavras. — Mas agora não tenho tanta certeza.

— O que abalou sua certeza? — a voz dele era mansa, como um convite ao diálogo. Elizabeth precisava tirar aquilo de dentro dela, expulsar Miguel da sua pele.

— Não sei — sentiu as lágrimas escorrerem pelo rosto. — Só sei que quando estou com ele, não consigo controlar as minhas emoções. Eu tento, mas é difícil.

— Está apaixonada por ele? — perguntou com suavidade, com o peito apertado, temendo a resposta que poderia afastá-la da Ordem, e principalmente dele.

— Não! — rejeitou, com uma entoação firme. — Não! Não é nada disso.

— Como pode ter certeza de que não está apaixonada por ele? — insistiu.

— Tenho! acredite em mim: tenho certeza! — respondeu com tanta segurança que Daniel não duvidou. Mas surpreendeu-se com a rejeição e a forma inconsciente como ela parecia proteger o coração

com as mãos, como se guardasse ali algo que não podia ser revelado.

— Diga-me exatamente o que sente por Besson — pediu, sem saber o quão doloroso aquilo estava sendo para ela, mas ciente do seu próprio sofrimento.

— Não sei. Não é amor. É uma perturbação... É um desejo.

— Isso não é grave. — Daniel percebeu que se tratava de uma provação para Elizabeth. Sentiu alívio, como se uma lufada de ar tivesse chegado finalmente aos seus pulmões.

— Mas isso não vai impedir minha evolução espiritual?

— Não, Elizabeth — respondeu, feliz por ela não estar apaixonada por Besson. — Pelo contrário, isso contribui para seu crescimento. São tribulações que precisa vencer. Os seus sentimentos por Besson não são relevantes, por você não estar apaixonada. Tudo isso é resultado daquela capacidade superior que Besson tem de seduzir.

— Entendo — respondeu com a cabeça baixa, se sentindo exposta. Mas Daniel sabia isso, e a transparência dela lhe inspirou ternura. Aproximou-se e sentou-se ao lado dela. Elizabeth sentiu o cheiro do perfume dele, carregado de notas marinhas. Daniel tocou a ponta do queixo dela com os dedos gentis e levantou o rosto dela até que ficasse de frente para o seu: viu a marca das lágrimas e a fragilidade nos olhos desamparados, a boca nua esperando um beijo. Estavam separados por pouco mais de um palmo de distância. Ele podia sentir o hálito morno. Ficaram em silêncio, sem se moverem, presos ao olhar um do outro. Alguns segundos depois, ele soltou o rosto dela devagar, afastou os dedos lentamente, como se precisasse se esforçar para vencer a gravidade que o puxava para ela. Continuou a fixá-la. Parecia estar a vê-la pela primeira vez, mas sabia que estava apenas a reconhecê-la: os olhos tinham a mesma luz da infância, quando ela se pendurava no pescoço dele e segurava

sua mão para evitar que partisse. Ele inclinou-se com doçura, beijou-a na testa e saiu sem pronunciar mais nenhuma palavra. Ela ouviu a porta fechar-se, ao longe, e continuou parada, sem se mexer, incapaz de compreender o que acontecera.

O certo é que jamais falariam sobre aquele momento: ela prisioneira do seu amor por Daniel, e ele, atormentado com o despertar de um afeto que destruiria a ambos, se ele não se controlasse. Talvez ele tivesse pressentido aquele afeto, quando viu Elizabeth ainda criança, e por isso fugira dela durante aqueles anos todos.

Elizabeth tentou lutar contra a sensação de traição que sentiu ao descobrir seu parentesco com Miguel. Lentamente, naquela semana entre o Natal e o ano-novo, a ideia de sair da UniTouch adquiriu força, parecendo o caminho mais plausível.

Na segunda feira, 28 de dezembro, quando chegou ao escritório, encontrou sobre sua secretária um ramo de rosas brancas e perfeitas. Instintivamente soube que eram de Miguel e sentiu um nó no estômago. Leu o cartão, escrito com sua letra desenhada: *Espero por você, hoje, às seis, no café onde fomos pela primeira vez. M.*

As horas passaram devagar. Dentro dela se travava uma luta: por um lado queria confrontá-lo, ouvir o que tinha para dizer, mas por outro, sabia que ainda não estava segura o suficiente para revê-lo. O desejo por ele não tinha desaparecido, e além da culpa, também sentia vergonha e uma espécie de ressaca emocional. No final da tarde, Daniel era a única pessoa com quem desejava falar.

— Daniel — chamou-o pelo nome, pela primeira vez. O nome dele saiu naturalmente, como se sempre o tivesse chamado assim. Ele ficou um segundo em silêncio, antes de responder, devagar:

— Elizabeth.

— Miguel quer se encontrar comigo — confessou, como se estivesse fazendo uma catarse.

— Era previsível. Ele é seu primo — recordou, com serenidade. Percebeu que ela estava angustiada, mas era um caminho que precisava trilhar sozinha. Eram as pequenas escolhas cotidianas que iam moldar sua trajetória, porque o futuro não é feito de grandes decisões, mas de pequenos gestos que se acumulam.

— Eu sei. Mas ao mesmo tempo que quero confrontá-lo também não desejo vê-lo.

— Não posso ajudá-la. A decisão deve ser sua.

— Por favor, Daniel.

— A fuga é sempre mais fácil, mas todas as coisas de que fugimos nos perseguem até as enfrentarmos: os medos, os desejos, as pessoas. Tudo volta para nos assombrar.

— Então acha que devo ir?

— Não foi isso que eu disse. Apenas acho que deve enfrentar o que a perturba, mas no seu ritmo. Quando estiver serena e puder controlar sua irritação.

— Para pensar com clareza — atalhou ela, sabendo que Daniel tinha razão. Ela deveria encontrar-se com Miguel, quando estivesse tranquila.

— O fato de Besson a ter manipulado é irrelevante. As razões por trás disso é que são importantes. Não deixe seu ego ferido atrapalhar seu juízo.

— Obrigada. Já sei o que fazer: vou me encontrar com Miguel outro dia.

— *Bien* — respondeu em francês, com sua tranquilidade habitual.

Assim que desligou sentiu que tinha tomado a decisão certa. Eram cinco e meia. Tinha que avisar Miguel. Telefonou, disposta a ser

rápida.

— Miguel?

— Estou à sua espera, Elizabeth. — Ela sentiu um arrepio ao ouvir a voz dele, macia e séria, diferente do tom brincalhão que usava habitualmente.

— Eu sei, mas não vou.

— Por que não? Precisamos conversar. Tem ideia de como passei estes dias?

— Foi uma escolha sua. Podia ter me contado.

— Podia! E em que é que isso alteraria a situação em que nos encontramos agora? Você se sentiria menos magoada?

— Acho que não. Mas por que não me contou?

— Você teria acreditado? Você duvidou do que eu disse sobre o brasão.

— Você insinuou que meu pai mentiu.

— Não — disse firme e um pouco seco, com um tom mais profissional, como se estivesse tratando de negócios. — O que eu disse é que era da minha família.

— Certo. Deixemos isso. Vou desligar.

— Vamos conversar — insistiu, mais suave.

— Sim, mas não hoje.

— Elizabeth, o que aconteceu entre nós era inevitável — afirmou, tocando no ponto nevrálgico do relacionamento deles.

— Não quero falar sobre isso agora.

— Já estamos falando sobre isso agora. Eu a beijei e beijaria outra vez. Beijaria mil vezes! A atração que sentimos um pelo outro não tem nada a ver com a nossa ligação familiar.

— Se eu soubesse quem você é, não teria me envolvido com você.

— Não mesmo? Nós ainda não nos envolvemos. Somos amigos, lembra? — comentou com ternura. — Eu não paro de pensar em

ocê. Tem que acreditar em mim. Não trate o que aconteceu de forma dramática, quase criminosa. Isto não é... incesto!

— Eu sei, mas estou me sentindo horrível.

— Não tem razões para se sentir assim. Não aconteceu nada. Estamos respeitando seu tempo. Quero que me perdoe, se acha que fiz algo tão errado assim ao ocultar o nosso parentesco. É bem verdade que seu pai também ocultou — alfinetou, delicadamente.

Elizabeth teve que ceder aos argumentos dele, embora soubesse que o pai não lhe revelara a existência de Miguel porque eles haviam cortado relações. Quando conversava com Miguel, a lógica parecia se inverter. Lembrou-se que ele era inteligentíssimo, e tinha a capacidade de argumentar tudo de forma pragmática a seu favor.

— Eu sei Miguel. Mas agora preciso de espaço.

— Vou lhe dar espaço. Mas fiz o que qualquer homem apaixonado faria — rematou, com a naturalidade de quem já tinha pensado longamente sobre o assunto.

— O que disse?

— Você escutou. Quando quiser conversar, me avise. Adeus, Elizabeth — desligou sem dar tempo para ela se despedir. Elizabeth ficou olhando o telefone, sem acreditar no que tinha escutado. A franqueza dele ao expor o que sentia desarmou-a. Miguel confessou seu amor e se despediu, deixando-a ainda mais agitada, com uma montanha de sentimentos contraditórios.

22. O ano do tigre

Aquilo que se faz por amor está sempre além do bem e do mal.

Friedrich Nietzsche (1844-1900)

Elizabeth trabalhou até o final do ano, e em todos aqueles dias encontrou um ramo de rosas brancas sobre a mesa, com um pequeno cartão assinado *M*. As rosas provocaram curiosidade entre os seus subordinados, e em pouco tempo a empresa sabia daquele secreto admirador.

A cada manhã sua inquietação aumentava: desejava e, simultaneamente, temia que as rosas não estivessem sobre a mesa. Aquela comunicação silenciosa mantinha-os unidos — ele mostrava que continuava pensando nela, e ela aceitava os pensamentos dele.

Ao chegar em casa pousava as flores sobre a mesa da cozinha, sem dizer uma palavra. Alessia sabia que eram de Miguel, e arrumava-as nos vasos, a contragosto. Agora que Elizabeth descobrira seu parentesco com Besson, Alessia tinha que controlar ainda mais os seus sentimentos e evitar, a todo o custo, revelar o segredo que os unia.

O último dia do ano chegou e Elizabeth decidiu passar a noite em casa, com um bom livro e nenhuma agitação. Queria ver o ano chegar, pé ante pé, como um convidado tranquilo e esperado, e não como uma visita barulhenta, que invade a rua acompanhada por um séquito animado. Alessia tentou convencê-la a ir para a casa de Daniel, onde todos se reuniriam, mas não conseguiu demovê-la. Os amigos também a convidaram, para que se juntasse a eles, mas foi em vão. Ninguém a arrancou de casa.

Os auspícios do novo ano não eram os melhores. Sob a égide do tigre, um animal forte e explosivo, 2010 anunciava conflitos, desastres e guerras. O bom e o mau seriam levados ao extremo. Propenso a mudança e agressividade, seria também um ano libertador e purificador.

Elizabeth esperou pela meia noite para abrir a sexta carta do pai, que devia ler no dia 1º de janeiro. No silêncio da casa, todos os pequenos gestos pareciam maiores e o lacre do envelope quebrou-se com um barulho nítido. Começou a ler, completamente alerta.

Tomar, 13 de agosto de 2009

Elizabeth,

Estou em Tomar, uma cidade templária, prestes a terminar meu périplo pessoal, visitando os lugares que, por alguma razão, foram importantes para mim. Por estar aqui, neste lugar especial, refúgio seguro de tantos Templários, sinto-me compelido a falar sobre um dos sete pecados capitais, aquele que contribuiu para o aniquilamento tanto dos cátaros quanto dos Templários: a inveja. Para nós, este foi o mais mortífero dos sentimentos.

Para os budistas a inveja é o resultado das palavras "cobiça" e "ciúme", sentimentos que impedem a iluminação. Dante escreveu que a inveja está associada ao olhar e, por isso, os invejosos estão no Inferno com os olhos costurados por fios de arame. Em várias culturas o olhar dos invejosos é conhecido como "mau olhado" e para combatê-lo é necessário um amuleto conhecido como o "olho turco".

Originalmente, inveja significava "caminhar segundo os passos de outra pessoa". Invejar alguém era viver com base nos esforços dos outros. Hoje a inveja é uma reminiscência desse conceito. E seu contraponto é a "paciência", isto é, a capacidade de cada um caminhar, no seu ritmo, com os seus próprios passos.

O desejo de alguém possuir os tesouros ou as glórias dos outros desencadeia consequências terríveis que podem levar ao ódio e destruir todos os envolvidos.

Quero que se lembre dos perigos desse sentimento, não por correr o risco de senti-lo. Não creio que passe sequer perto da sua nobreza, mas porque tenho a certeza que muitos sentirão por você e isso, certamente, vai lhe fazer mal. A mim fez.

Proteja-se minha filha.

Um beijo do seu pai amoroso,

Arturo

Falar de inveja não era a melhor forma de começar o ano: pressentiu a fúria silenciosa do Ano do Tigre pesando sobre os ombros, como uma ameaça latente.

Arturo deixara outra carta enigmática: além de atribuir à inveja um papel de destaque na destruição dos cátaros e da lendária Ordem Templária na Idade Média, uma época obscurecida por sentimentos pouco nobres, o pai estava citando alguém específico,

que lhe fizera mal. Nas cartas anteriores mencionara Fausto e avisara-a sobre pessoas próximas que não eram confiáveis, e agora escrevia sobre a inveja. Tudo parecia levar à mesma conclusão: a existência de alguém que podia prejudicá-la muito.

Avaliou de novo as pessoas que a rodeavam. Lembrou-se da primeira vez que viu Daniel e do frio que sentiu, como se estivesse sendo avisada sobre um perigo oculto, mas parecia difícil que se tivesse apaixonado por alguém indigno. Mais do que isso: não acreditava que seu pai a tivesse aproximado de Daniel se ele não fosse confiável. Recordou-se do acidente com Miguel e da forma como sua testa sofrera um pequeno corte, perturbando o centro da clarividência, o portal da intuição.

Tentou calar a pergunta sobre Alessia e a estranha relação com o padre Bento. Mas ela tinha sido a mãe que não teve e não acreditava que pudesse fazer nada além de amá-la.

Descartou todos os outros Guardiões e por mais que pensasse não se lembrou de ninguém que se encaixasse naquelas preocupações de Arturo.

No primeiro dia de trabalho do ano, em 4 de janeiro, Elizabeth demitiu-se da UniTouch, sem discutir o assunto com ninguém, nem mesmo com Alessia. Cheia de novas resoluções, decidiu afastar-se de empresa, mas queria manter sua ligação com Miguel — independentemente do que tivesse acontecido, ele era seu único parente.

Escreveu uma carta ao diretor-geral da empresa, anunciando seu desligamento a partir do dia 6 de janeiro e invocando razões pessoais, e pensou que os conflitos anunciados para o ano do tigre já estavam impactando na sua vida.

O seu afastamento gerou surpresa. Pelo pouco tempo que trabalhara e pela sua natureza tranquila e discreta, tinha mais admiradores que críticos. Alguns, da sua equipe, tentaram compreender por que estava se afastando, e outros tentaram convencê-la a ficar. Elizabeth explicou que sua decisão era irreversível.

O diretor-geral não gostou da ideia. Mas Elizabeth sugeriu que promovesse Francisco Monteiro da Cunha, um português sereno e centrado, sem a "síndrome do protagonismo". Ele havia sido seu grande apoio, e Elizabeth achava-o brilhante, mas devido ao seu perfil discreto não se destacava. O diretor-geral aceitou a sugestão.

Kent falou com Queiroz sobre Bardas e a possível ligação entre os assassinatos na Europa e a morte de Bento — uma hipótese já considerada por Queiroz, ao descobrir que a tetrodotoxina era comum aos dois casos. Kent explicou quem era Bardas, qual seu papel nas investigações, e sugeriu que eles trocassem informação. Queiroz gostou da ideia.

— Acho que devia falar com ele diretamente. Daniel já comentou a seu respeito, portanto a ponte está feita. Vou lhe enviar uma mensagem com os contatos — disse Kent.

— Telefone para ele assim que receber sua mensagem... Que horas são lá?

— Mais quatro horas, nesta época do ano. São... — espreitou o relógio de pulso — quatro da tarde. Mas Bardas não tem preocupações com o fuso. Telefona ao Daniel entre as cinco e as sete da manhã.

— Posso esperar para fazer isso... — anunciou Queiroz rindo, sentindo que seu humor melhorara perante a possibilidade de

conseguir uma ajuda extra no seu caso.

— Pode — incentivou-o, brincando.

— Obrigado pela ajuda, Kent. Podíamos encontrar-nos para um café. O que acha?

— Vou estar fora. Viajo amanhã e volto no dia 14. E Daniel vai depois de amanhã, dia 6.

— Férias?

— Sim, uma semana. Vamos à Espanha com amigos — justificou, sabendo que o objetivo de Queiroz era saber para onde iam, com quem e por quê.

— Posso contatá-lo, se surgir alguma novidade?

— Claro, embora às vezes o celular tenha problemas de rede — avisou, precavendo-se para os momentos em que não poderia atender.

— Não se preocupe: eu deixo mensagem... Bem, então faça boa viagem.

— Obrigado Queiroz. Espero que avance na investigação.

— Obrigado — agradeceu, antes de desligar.

Minutos depois, Queiroz recebia a mensagem de Kent com os contatos de Bardas. Ligou-lhe imediatamente e tiveram uma conversa bastante formal. Bardas sugeriu visitar São Paulo na semana de 14 de janeiro. Até lá, esperava ter mais notícias sobre Vladimir Botkin, com quem MacGee trabalhara no “caso das relíquias”, como passou a ser conhecido a partir do momento em que Kent enviou as informações sobre os objetos. Esperava também uma análise sobre eles, bem como detalhes sobre T. S. Eliot, do Rio de Janeiro. Em uma semana deveriam ter dados suficientes para avançar no caso.

No seu último dia de trabalho na UniTouch, Elizabeth deixou a empresa sem nostalgia, sabendo que chegara o momento de seguir adiante. Aquela atitude estava a afastá-la do mundo normal, do trabalho e do convívio com gente comum. Elizabeth ainda não estava se dando conta, mas acabara de cortar os laços com a normalidade.

Só quando entrou no carro é que teve tempo para ler o bilhete que Miguel enviara com as rosas habituais: *Também vai fugir de mim? Espero-a no Café das Artes, às 7:30. M.*

Olhou para o relógio. Eram seis e meia. Decidiu ir ao encontro e enfrentar Miguel. Avisou Leon e Náder, que a esperavam do lado de fora da empresa, e deu-lhes o novo itinerário.

Continuava sem comentar que saíra da UniTouch e também não diria que ia encontrar Miguel. Aquele arrojo de independência parecia ter devolvido sua liberdade. Mas esses seriam os seus últimos gestos de independência: em breve seria prisioneira de forças maiores.

Assim que entrou no café viu-o sentado na mesa do canto direito, sob uma pintura a óleo, que representava as ruas alegres de Salvador na Bahia, em dias de festa. Ele levantou-se da cadeira e, com a mão direita sobre a cintura dela, puxou-a suavemente contra seu corpo, em um abraço suave. Roçou a boca pelo rosto dela e beijou-a superficialmente nos lábios, com naturalidade. Ela estremeceu e sentiu o calor se espalhando na pele. Apoiou o peso do corpo contra o peito dele e encostou a cabeça ao seu ombro. Ao tê-lo assim, tão próximo, percebeu que sentira sua falta. Ele passou a mão esquerda pelo cabelo dela, com carinho. Ficaram abraçados, em silêncio, com a respiração compassada, até Miguel quebrar a magia ao mover o rosto para observá-la. Sussurrou, com a boca colada ao ouvido dela, em tom de promessa:

— Vai ficar tudo bem, Elizabeth.

Ela acreditou, envolvida por aquele misterioso dom que ele tinha de fazer a realidade desaparecer. Continuou por mais uns segundos nos braços dele, sem conseguir separar-se. Miguel se afastou, com gentileza, e puxou a cadeira para que ela se sentasse.

A garçonete chegou para anotar os pedidos: uma água gelada com gás para ele e um chocolate quente para ela.

Quando ficaram a sós, olharam-se à procura dos vestígios da dor, da mudança, do afeto. Ela achou-o sério, compenetrado, mas também sereno e mais doce. Tudo nele parecia mais purificado, mais limpo. Comentou:

— Você está diferente.

— É meu amor por você — respondeu tranquilo, partilhando uma verdade já pensada e assimilada. Não parecia que aquilo lhe doesse, como lhe doía a ela o amor por Daniel.

— Mas eu não te amo...

O fato de ela não o amar parecia irrelevante: Miguel contentava-se em amá-la, e não demonstrou emoção perante a confissão dela. Sorriu, olhando-a com intensidade:

— Hum... — murmurou descrente, estendendo a mão para acariciá-la com intimidade no braço nu. O gesto arrepiou-a. Ela não entendia como é que Miguel conseguia fazê-la reagir ao menor gesto. O desejo estava se transformando em uma forma de comunicação familiar.

— Miguel, por favor... — pediu tentando afastar o braço. Mas ele ignorou o gesto e continuou com a mão morna sobre a pele dela.

— Não me ama, mas deseja-me. É isso?

— Sim, mas não posso.

— Concentremo-nos primeiro nos sentimentos, depois falaremos sobre os obstáculos — disse metódico, e ela reconheceu a forma

com que ele tratava dos assuntos: primeiro os fragmentava para depois resolvê-los. — Bem... Não me ama. Como pode ter certeza?

— Tenho... — sabia por que amava dolorosamente Daniel, e isso parecia excluir a possibilidade de amar Miguel. Não amava Miguel por exclusão. Mas aquilo era inconfessável.

— Aceitemos que não me ama.

— É algo físico — interrompeu ela, tentando explicar o que sentia por ele. — De pele.

— Quero mais de você. Espero mais de você. Mas me contento com isso, por enquanto — disse sensualmente, mantendo o peso da sua mão sobre o braço dela, para não deixar escapar a memória do desejo. — Eu espero.

— Por favor, não espere. Você é meu primo. Eu não o amo *dessa forma*... — repetiu como se dissesse um mantra que era desmentido pelo seu corpo.

— Já sei que não me ama. Mas deseja-me *dessa forma* — brincou Miguel.

— Infelizmente. E quero enfrentar isso com você. Quero me livrar disso.

— Veio falar comigo para resolver a questão do desejo? — perguntou, rindo suavemente, divertido com a ingenuidade dela. — Acha que isso é uma decisão que se toma e o desejo desaparece? Seria bom, se assim fosse. Metade das traições entre as pessoas não aconteceria.

— Sei que não desaparece — defendeu-se.

— Então...?

— Falar sobre o assunto talvez ajude. Foi isso que pensei.

— Foi o que eu disse: falamos, decidimos e puff! Magicamente deixamos de sentir atração um pelo outro. Não vai acontecer,

Elizabeth. Mas vamos conversar, mesmo assim — sugeriu, retirando a mão do seu braço, para diminuir a perturbação dela.

— Não sei o que fazer — confessou, sincera. Ele emocionou-se com a franqueza dela.

— Ajuda se eu não a procurar? Diga-me... — propôs, disposto a ajudá-la. Ela achou que ele faria qualquer coisa para deixá-la feliz e detestou-se por não estar apaixonada por ele.

— Não sei. Mas não quero perdê-lo.

— Por que somos os últimos da nossa família? — lembrou, estrategicamente.

— Não apenas por isso. Eu tenho a certeza que não o amo, mas não consigo evitar esta vontade de estar com você... de... Não sou capaz de explicar — disse, com honestidade impressionante, se expondo completamente. Miguel fez um movimento lento, dando tempo para ela se afastar. Mas ela continuou imóvel, esperando que ele completasse o movimento. Ele ergueu as duas mãos, emoldurou o rosto dela, e beijou-a com sensualidade. Sentiu a boca dela ceder sobre a pressão suave dos lábios, e entregar-se sem resistência. Ele poderia ficar ali, a noite inteira, preso àquele beijo cada vez mais intenso. Talvez fosse a pureza dela que o fascinava tanto, talvez fosse por ela ser filha de Arturo e sua prima, talvez fosse o mundo de possibilidades que ela encerrava com aquele dom de pitonisa, ou até o fato de saber que ela precisava manter-se casta. Ele não sabia exatamente o que era, mas Elizabeth representava, naquele momento, o auge do seu desejo. Miguel percebeu que estavam a ponto de perder o controle, em um lugar público, e afastou-se com esforço, murmurando sobre a boca dela:

— Querida, temos que parar.

Ela levou alguns segundos para processar a informação, e percebeu que, mais uma vez, ele agira corretamente. Ainda estava

tonta de desejo. O perfume dele estava impregnado no seu cabelo, na pele e na boca. Elizabeth se afastou sem vontade.

— Já paramos — murmurou, com a voz ligeiramente rouca.

— Bem... É lógico que isto tudo é um pouco superior à nossa vontade. A questão é: o que faremos? O que quer fazer? — perguntou enquanto chamava a garçonete para pedir um café expresso e mais um chocolate para ela.

— Não posso ficar com você — afirmou ela.

— Por quê?

— Não posso dizer — confessou, com desespero. — Tem que acreditar em mim. Não posso.

— Mas gostaria?

— Gostaria, mas não posso. — *E também não quero... Racionalmente não quero, porque amo Daniel*, pensou teimosamente, ainda sob o efeito perturbador da sensualidade de Miguel. Era uma coisa animal: ele parecia um felino arrogante, enérgico, e ao mesmo tempo terno, cheio de promessas nos olhos e nos gestos. Tudo nele conduzia ao desejo. Ela percebeu como a garçonete o olhava, como se estivesse a oferecer-se para um ato de amor, ali mesmo. Olhou em volta e viu que as mulheres estavam fascinadas por ele. Nunca tinha percebido o efeito que Miguel causava, mas ele parecia indiferente a tudo o que o rodeava. Só tinha olhos para ela. Mentalmente, Elizabeth lhe agradeceu por aquilo.

— E o que quer que eu faça? — perguntou tentando compreender o que se passava dentro dela e que sombra triste era aquela que surgia, de vez em quando, no seu olhar.

— Não faça nada. Vou viajar amanhã, por uma semana. Quando voltar, ligo para você.

— Quer que eu espere? — perguntou, brincando para evitar denunciar o impacto da notícia.

— Não sei... Acho que temos que deslindar isto. Eu não consigo pensar muito bem quando estou com você.

— Eu também não — murmurou aproximando-se dela, mais uma vez. — Suponho que pelas mesmas razões, não é?

— Suponho que sim. Mas você parece provocar isso em todo o mundo. As mulheres em volta estão fascinadas por você — sussurrou ela.

— Mas para mim, todo o mundo *é* você — tocou o queixo dela com a ponta dos dedos, puxando-a para junto dele e beijou-a. Ela sentiu o desejo se espalhando de novo, como um raio sobre o corpo desprotegido. Ele afastou-se, dessa vez com controle absoluto, e perguntou:

— Vai para a Casa do Lago? — ela estranhou a pergunta, lembrando rapidamente dos laços que os uniam e de tudo o que ele sabia sobre a família.

— Não.

— Também não pode me dizer? Quantos mistérios — deduziu que ela ia submeter-se ao rito de iniciação da Ordem. Tremeu ao pensar naquilo. Queria alertá-la sobre o perigo mortal que corria, mas sabia que ela não acreditaria. Ficou feliz por ter resistido ao desejo de fazê-la sua: sabia que a castidade podia salvar a vida dela. Disse, com ternura: — Mas espero por você, sim.

— Quando eu voltar conversamos mais... — respondeu, maliciosa, brincando pela primeira vez com aquele assunto do desejo. Miguel ficou feliz por vê-la soltar-se um pouco, mas por dentro tinha o coração apertado. Queria levá-la para casa, amá-la devagar pela noite adentro, ver o sol romper o dia no abraço dela, mas isso poderia matá-la. Precisava se despedir dela. *E se ela não voltar?, se*

perguntou e soube que se isso acontecesse, ele destruiria a Ordem — um por um. Mataria todos. Sentiu o sangue ferver, mas nem um músculo do seu rosto se alterou.

— Fico esperando — repetiu, enfático. — Acho que devemos ir.. A que horas viaja amanhã?

— No final do dia. Quero ficar com você mais um pouco — disse, após uma breve hesitação.

— É difícil ficar tão perto de você — confessou Miguel, se referindo ao autocontrole que precisava exercer quando estava com ela.

— É difícil para mim também... — riu. — Mas podemos falar da nossa família. Sei muito pouco. O que aconteceu entre você e meu pai?

— É uma longa história. Conto quando você voltar — fez uma pausa, antes de mudar de assunto. — Quando vi sua carta de demissão, tive receio de que não quisesse voltar a ver-me.

— Acho que devia ter lhe falado antes, mas precisava tomar aquela decisão sozinha.

— Não consultou ninguém? Nenhum advogado ou conselheiro? — espantou-se.

— Ninguém.

— Devia ter me consultado.

— O que me diria? Para não sair?

— Sim, depois de muitos beijos — anunciou, com uma gargalhada.

— Ah... Era só mais uma oportunidade para se aproveitar de mim — brincou, feliz por terem recuperado a leveza, no meio de tantos sentimentos difíceis e histórias mal contadas.

— Claro. Mas acho que devia continuar na empresa. Dá-lhe uma sensação de normalidade.

— Preciso de uma semana de licença e estava me sentido mal por pedir mais isso, depois de ter tirado aquele mês — argumentou ela.

— Eu resolveria isso com uma assinatura — afirmou, sorrindo.

— Viu? Era tudo o que eu não queria. Uma assinatura. A nossa relação ia sempre interferir...

— Que evolução. Temos uma relação — interrompeu, jocoso, acariciando a mão dela.

— Claro que temos. Somos primos — riu, procurando o telefone que tocava dentro da bolsa. — Desculpe Miguel... É a Alessia.

Só podia ser, pensou Miguel descontraído, sabendo que estava criando uma ligação com Elizabeth difícil de romper. Ela se afastou da mesa e Miguel observou-a com prazer: usava uma camisa branca justa, que deixava transparecer levemente o sutiã com alças de renda branca. Vestia jeans com a cintura levemente descaída, presa por um fino cinto de camurça vinho. Calçava modernos sapatos pretos, de salto alto. Completava o conjunto com a carteira vinho, que estava sobre uma das cadeiras. O cabelo claro balançava ligeiramente enquanto ela gesticulava alguma coisa, de forma suave. Desligou o telefone e voltou para a mesa.

— Tudo bem? — perguntou Miguel.

— Sim. Alessia estava preocupada comigo. Eu disse que estava tomando café com você.

— Ela faz bem em protegê-la. Você é especial e importante... para mim — respondeu, sorrindo. Ela ficou sem saber como interpretar o comentário dúbio, mas não desejava falar sobre aquilo antes de se despedirem. Seria mais um assunto pendente entre eles.

— Tenho que ir, está ficando tarde.

— Eu acompanho-a ao carro — ofereceu, deixando sobre a mesa uma nota de cinquenta reais, excessiva para pagar uma conta que nunca seria superior a quinze.

Pegou-a pela mão, como um namorado, e ela aceitou. Ao chegarem ao carro, ele tirou a chave da mão dela, abriu a porta, colocando a chave na ignição, com um movimento ágil. Depois ficou de frente para ela. Aproximou-se e com o corpo encostou-a contra o carro. Abraçou-a pela cintura com uma mão e com a outra, segurou-a por trás da nuca, se preparando para beijá-la. Ela se deixou envolver, sentindo no corpo o calor dele. O beijo longo foi como se ele estivesse se despedindo para sempre: explorou os lábios ternos e a boca quente dela, com sabor de chocolate. Protegidos dos olhares indiscretos por uma árvore centenária que os separava do resto da rua, nenhum deles saberia dizer quanto tempo se passou. A clausura do abraço protegia a intensidade do que acontecia nos seus corpos. Miguel beijou-a com calma, apertando-a contra ele, em uma promessa explícita e vibrante.

Foi o beijo mais intenso que Elizabeth recebera, mas também, antes de Miguel, só havia beijado um namorado da escola, havia muitos anos. Não tinha parâmetros de comparação, mas sabia que tudo aquilo seria sua perdição: o corpo inteiro enchia-se de um fogo que se espalhava a partir da boca dele, com suave sabor de café. Ela abraçou-o mais forte, desejando fundir-se nele. E ele continuou a beijá-la com prazer, em um caminho que parecia abrir-se acima deles. Quando o corpo parecia incapaz de conter o desejo, ele soltou-a com o mesmo vagar com que a abraçara e beijara. Afastou-se um passo e ficou a olhá-la com os olhos semicerrados, inundados de desejo. Inclinou-se e passou a língua suavemente pelos lábios dela, como um gato que lambe prazerosamente o leite. E quando ela fez um gesto para abraçá-lo mais uma vez, ele abriu os braços, recebeu-a com o corpo, fazendo com que coubesse inteira contra o peito. Enfiou a cabeça no ombro dela e cheirou-a com sofreguidão:

— Que perfume bom.

— Não quero ir embora — sussurrou.

— Eu sei... Mas tem que ir. Faça o que tem a fazer *e volte para mim* — pediu.

— Eu volto.

— Por favor, volte. Esperei séculos por você — repetiu, sabendo que estava fazendo um pedido divino. Soltou-a, mas ela ainda agarrou a mão dele, como se temesse partir. Ele beijou os dedos dela, empurrou-a gentilmente para o carro e fechou a porta. Incapaz de resistir, enfiou a cabeça pela janela e beijou-a uma vez mais nos lábios. Estavam incompletos um sem o outro: sentiam-se como dois irmãos incestuosos, sabedores do pecado e incapazes de parar.

Ela foi embora, com o corpo fervendo e as pancadas do coração palpitando em todos os lugares. A decisão de se afastar de Miguel e criar uma relação fraternal que não passasse pelo corpo desapareceu. Soube que teria que falar sobre aquilo com alguém, e revelar que seu corpo conhecia o desejo e sua castidade estava sendo ameaçada.

23. Os Guardiões

Portanto submetemo-nos ao nosso destino, e não respondemos ao mal com o mal, porque isso ofenderia o Grande Espírito e traria calamidades para o meio de nós.

Senachwine, venerável índio Potawotom (discurso em uma assembleia diante do fogo, no Illinois, em junho de 1830)

No dia 6 de janeiro, Elizabeth partiu para os Pirineus, com Daniel e Dib, desconhecendo o objetivo da viagem. Alessia, Seth, Uchoa e Kent tinham viajado na noite anterior.

Daniel não parecia disposto a explicar, e dissera apenas que preparasse uma mochila leve, com roupa própria para o inverno europeu, além de botas adequadas para longas caminhadas na neve. Elizabeth se rendeu à situação e decidiu não perguntar mais nada.

O voo noturno de São Paulo para Madri foi tranquilo, e ela dormiu a maior parte da viagem ao lado de Dib, que de vez em quando lhe ajeitava o cobertor, como um irmão zeloso.

De Madri aos Pirineus viajaram em um confortável Land Rover, e algumas horas depois pararam numa espécie de base, formada por

um pequeno albergue que pertencia a um jovem e robusto casal basco. Parecia habitual deixarem ali os carros. Elizabeth reconheceu um Coupe-Crossover branco, similar ao deles, estacionado por Uchoa no dia anterior, na parte de trás do albergue, sob a proteção de um telhado rústico. Entraram por alguns minutos no restaurante minúsculo e aconchegante para tomar uma sopa quente. Dib avisou-a que fariam uma caminhada longa até chegarem ao destino, antes que a noite engolisse as montanhas escarpadas, e os deixasse expostos ao frio, sem poderem continuar. A paisagem acidentada transformara-se em uma armadilha letal, devido à neve e, principalmente, ao gelo fino e escorregadio que se formara em vários pontos do estreito caminho ascendente e perigoso. Além disso, a altitude dificultava a respiração e contribuía para aumentar o desgaste físico. Depois de calçarem as botas e as luvas e vestirem os casacos leves com os seus capuchos quentes, colocaram os óculos escuros, e começaram a caminhada montanha acima. Elizabeth seguia estrategicamente posicionada entre Daniel, que liderava, e Dib, que seguia atrás dela para protegê-la de qualquer tropeço ou queda.

Caminharam em silêncio, com o passo firme durante horas. Elizabeth achou que aquilo não terminaria nunca, e quando sentiu o cansaço se acomodando traiçoeiramente no corpo, Daniel segurou-a pela mão, guiando-a por mais duas horas. Quando a noite começou a abraçar a paisagem, transformando tudo em uma sombra cinzenta, ele anunciou bruscamente:

— Chegamos.

Ela olhou para a parede rochosa e viu uma pequena gruta. Esgueiraram-se por ali, mas não havia nenhuma entrada. Dib lembrou-se da primeira vez que entrou na Chave dos Segredos e da surpresa que sentiu quando as portas se abriram como se fossem

um “abre-te sésamo mágico”, para revelarem novas portas e um misterioso mundo esculpido na pedra, oculto ali durante centenas de anos. Daniel olhou-a, divertido, enquanto digitava o primeiro código, iluminado pela lanterna de bolso. De repente as travas se moveram com um ruído seco e a porta abriu, mostrando um lugar inacreditável. Ela não conseguiu dizer uma única palavra, enquanto avançava para o interior da montanha, espantada. Daniel digitou o segundo conjunto de códigos na porta da pequena sala que formava a antecâmara de entrada no Mosteiro. Uma voz pediu que colocasse a cicatriz da parte interna do seu braço direito, um pouco acima do pulso, sob o scanner digital. Elizabeth viu a cicatriz, iluminada pela luz irregular da lanterna: entalhada na pele alva estava a sigla SS, no alfabeto rúnico, que pertencia à famosa SS do governo Nazi de Hitler. Estremeceu, confusa, mas antes que pudesse fazer qualquer pergunta, a porta abriu e revelou a primeira sala do Mosteiro, majestosamente iluminada. Daniel parou em frente dela, e disse:

— Bem-vinda ao Mosteiro. Estamos na “Chave dos Segredos”.

Ela parecia hipnotizada e as lágrimas pulavam involuntariamente dos seus olhos, enquanto murmurava com voz trêmula:

— A “Chave dos Segredos” é real?

Dib ajudou-a a tirar a mochila das costas, com cuidado, e respondeu em tom de aviso:

— É tudo real. Tudo o que possa imaginar é real.

Alessia veio abraçá-la e o espaço encheu-se de vozes e cumprimentos. Elizabeth estava exausta, com o corpo dolorido pelo esforço da longa caminhada, e a surpresa provocada pela descoberta do Mosteiro deixara-a em um estado quase catatônico. Alessia arrastou-a pela mão, feliz por pode partilhar, finalmente, os seus segredos. Mostrou-lhe toda a área social formada pela sala e cozinha. Daniel sugeriu:

— Vamos tomar algo quente, e depois faremos uma visita pelo resto do Mosteiro. Foi uma caminhada exaustiva, especialmente para quem a fez pela primeira vez. Além disso, temos que ir com calma. É muita informação, não é, Elizabeth?

Ela anuiu com a cabeça. Sentia a garganta seca, mas não conseguia definir se era por causa da exposição ao ar frio nas últimas horas, ou se era um reflexo das emoções, ou ambos.

— Já fiz chocolate quente — anunciou Seth, distribuindo as xícaras pela mesa enquanto todos se sentavam. Alessia conduziu Elizabeth à cadeira vazia, que a partir daquele instante seria sua. Ela sorveu o chocolate em pequenos goles, e sentiu o calor voltar devagar ao corpo. Não conseguia parar de observar os detalhes: havia quadros maravilhosos pendurados pelas robustas paredes de pedra, e esculturas de valor incalculável, com séculos de existência — peças de Michelangelo, quadros desconhecidos de Da Vinci, Luca Signorelli, Boticelli, Ticiano, Caravaggio, Rafael... Aquele era o lugar mais procurado de todos os tempos. O tesouro dos Templários estava ali.

Ouviu vozes longínquas, extasiada pelos pormenores que descobria cada vez que virava o rosto. Havia alguns candelabros com as velas acesas, apesar da luz elétrica. Uchoa, sentado ao seu lado, tocou no braço dela e chamou:

— Elizabeth.

Ela olhou-o parecendo se esforçar para reconhecê-lo e comentou:

— É maravilhoso.

— Daniel está falando com você — disse apontando para Daniel, que a observava, sorrindo.

— Vou levá-la para um *tour*, e depois mostrar seu quarto. Vamos?

— Sim — respondeu, pronta para segui-lo.

Desceram um lance de escadas e foram para o segundo nível, com sua imensa e exuberante biblioteca. Percorreram todo o espaço devagar, em silêncio, como se estivessem acompanhando um cortejo religioso. Elizabeth observava tudo atentamente, fascinada com o imenso espólio. Desceram para o terceiro nível, e Daniel mostrou as duas salas. Explicou que eram dedicadas aos rituais da Ordem. Elizabeth apontou para a porta fechada, com modernos alarmes e códigos:

— E ali?

— Ali é uma área proibida — brincou ele.

— São os tesouros?

— Alguns. Aqui há tesouros em todos os lugares — respondeu Daniel.

— E os quartos?

— São aquelas portas no corredor do primeiro nível, aquele que termina na primeira escadaria. Vamos voltar para lá agora.

Subiram as escadas sem pressa e, ao chegarem ao corredor, Daniel foi apontando para as portas e dizendo a quem pertenciam os quartos: o primeiro do lado esquerdo era de Uchoa; seguido dos quartos de Seth, Dib, e dele próprio. Do lado direito do corredor havia mais três quartos: o de Kent, seguido pelo de Alessia e por fim o de Arturo, que agora seria de Elizabeth, posicionado em frente ao quarto de Daniel. Ele abriu a porta e entraram para a pequena saleta, que antecedia o quarto de dormir, propriamente dito.

— Tiramos a maior parte das coisas do seu pai, especialmente livros e documentos, que estão agora arquivados na biblioteca. As roupas também. Deixamos alguns objetos pessoais, mas caso não os queira, podemos redistribuí-los pelo Mosteiro.

— Não... Acho que quero.

Daniel deu alguns passos pelo quarto e fez um gesto abrangente com a mão:

— Este espaço é seu. Pode fazer o que quiser.

— Por enquanto me parece bem — disse, ainda atordoada com tudo aquilo.

— Talvez precise de um toque feminino — sugeriu, para deixá-la à vontade, antes de explicar a utilização dos banheiros. — Temos quatro banheiros para todos. Mas um deles é utilizado só pela Alessia. Ela sugeriu que vocês o dividissem, mas pode usar qualquer outro.

— Acho que me sinto mais confortável dividindo o banheiro com Alessia.

— O Uchoa já trouxe sua mochila. Se quiser tomar um banho, e descansar um pouco... Jantamos em quarenta minutos — avisou, antes de sair do quarto e fechar a porta.

Depois de um banho quente, Elizabeth massageou os músculos doloridos com um gel à base de arnica, que Alessia lhe deu. Percebeu que todas as histórias contadas por Daniel não eram apenas parte de um imbricado sistema de mitos alimentado ao longo dos séculos, mas eram a própria origem dos mitos. Passou os dedos pelas paredes rústicas e ásperas, e foi tocando em alguns dos objetos que estavam espalhados pelo quarto. No criado-mudo, um candeeiro de madeira, entalhado com animais, iluminava suavemente o quarto, criando uma selva africana suspensa no teto. Sobre a cômoda havia uma pequena caixa de prata com desenhos árabes que tinha uma mecha de cabelo de Angelina, amarrada com um laço de seda vermelha, uma escova de cabelo e um espelho, ambos com cabos de marfim esculpidos, com fileiras de elefantes de

trombas erguidas. As gavetas e os armários estavam vazios. Começou a arrumar as suas roupas, quando ouviu batidas suaves na porta:

— Entre.

— Vim chamá-la para o jantar — disse Alessia da porta entreaberta.

Elizabeth deixou as roupas sobre o pequeno sofá que ficava aos pés da cama e seguiu Alessia, em silêncio. Estava com dificuldade para expressar-se, ainda dominada pela surpresa daquele mundo milenar, que lhe arrancara o vocabulário inteiro de uma só vez. Quase todos os Guardiões haviam sentido aquele choque e fascínio em algum momento, mas as surpresas de Elizabeth estavam apenas começando. O Mosteiro era somente a superfície de um espantoso mundo, que seria revelado gradualmente, nos dias seguintes.

O jantar começou com uma curta oração de agradecimento em latim, com entoação similar à dos belos cantos gregorianos. Elizabeth se arrepiou, como se estivesse febril. A refeição decorreu entre risos e conversas tranquilas, aparentemente normais. Daniel era o único que parecia compenetrado nos seus próprios pensamentos, pairando um pouco acima da harmonia da sala. Elizabeth não se cansava de observar o ambiente, tentando absorver tudo, com receio de que aquela pudesse ser sua única visita. Não sabia que o grande temor de todos era que o Mosteiro se transformasse no túmulo dela, fazendo daquela, sua última visita. E essa incógnita era a ameaça que pairava secretamente sobre eles.

Depois do jantar estabeleceram as rotinas e fizeram as escalas com a distribuição das tarefas para organizar o Mosteiro enquanto estivessem ali. A tabela foi colada na porta da geladeira, como era habitual.

A rotina começava às cinco da manhã, com os cantos matinais na sala vermelha, no último nível do Mosteiro. A consagração de Elizabeth estava marcada para 9 de janeiro, e nos dois dias que faltavam para o evento, os Guardiões revelariam parte dos segredos da Ordem e a razão da sua presença no Mosteiro.

Às oito da manhã, após o café da manhã e as tarefas domésticas, todos se sentaram à volta da longa e maciça mesa da Biblioteca. Alguns liam, outros discutiam um texto em voz sussurrada. Elizabeth aguardava pacientemente, sentada em um dos quatro confortáveis sofás posicionados no canto direito da biblioteca. Em frente, havia uma pequena mesa redonda, sobre a qual Daniel colocara um caderno de capa negra. Ele pedira que esperasse ali e desapareceu por minutos, voltando com um enorme livro, escrito em latim e francês, de páginas amarelas visivelmente manuseadas. Pousou o pesado livro sobre a mesa, em cima do caderno, e assim que se sentou no sofá à sua frente, todos os Guardiões se levantaram da mesa central e formaram um círculo em volta deles, como se Daniel tivesse feito algum tipo de sinal. Eram cinco figuras estranhas, ensombradas pela ausência de luz natural e pelas roupas longas que usavam: túnicas negras, até o chão, com um cordão branco na cintura. Daniel havia trocado sua batina por uma daquelas túnicas, mas seu cordão era dourado e não branco, como o dos outros. Sobre o lado direito havia uma pequena cruz templária com dez centímetros, bordada em vermelho vivo. Começou a falar, sem preâmbulos:

— Recapitulemos alguns pontos: o Graal entrelaça-se com a história da humanidade. Este é o livro dos antigos textos cátaros — abriu o livro em uma determinada página, e virou-o de forma que Elizabeth pudesse vê-lo. — Aqui, o Graal originalmente chamava-se

CLÉ, que são as iniciais dos três objetos que o representam, na sua língua original: *Calice, Livre e Émeraude*. Mas como sabe, *CLÉ*, em francês, também significa *Chave*. E este conceito é essencial para compreendermos a natureza do Graal: ele é *a chave que abre o caminho para o conhecimento*. Os primeiros Templários tiveram acesso direto a parte desse conhecimento. Os símbolos desse manuscrito ensinavam a atingir a sabedoria divina. São um rito de preparação física e espiritual para atingir o Graal.

— O que é que os Templários e os cátaros descobriram quando juntaram “Os mistérios de Salomão” e “Os Evangelhos de Jesus”? — perguntou, sabendo agora que tudo o que Daniel havia lhe contado, tinha acontecido.

— Todos os objetos do Graal são um caminho para aceder ao estado mais próximo do divino que é permitido ao ser humano. Mas acho que já sabe o significado da descoberta deles, não é? — perguntou Daniel persuasivo. Porém, Elizabeth estava receosa de formular o que intuía ao longo do seu aprendizado. Olhou para as mãos pálidas e esguias, como se elas pudessem revelar uma resposta diferente. Moveu os dedos devagar, e esboçou uma resposta, que a atirava para uma dimensão mais irreal do que aquela que estava vivendo:

— A imortalidade. Descobriram a imortalidade — murmurou baixinho, incrédula com o som das suas próprias palavras, como se elas fossem de vidro.

— Em todas as religiões existe a crença na imortalidade, pela continuidade do espírito, a reencarnação ou a ressurreição. Em religião alguma existe o fim: a alma é sempre imortal. Mas aqui, neste contexto, falamos da possibilidade real de viver muitos anos.

— Isso é mesmo real? — perguntou receosa, apesar de já saber a resposta. Durante os últimos meses aquela realidade se ajustara

dentro dela, sem alarde, e agora, apesar de continuar parecendo fantasiosa, sabia que era verdadeira.

— Sim — respondeu Daniel, lacônico, enquanto todos os outros se mantinham em silêncio.

— Vocês são imortais?

— Não... Imortais não. Temos apenas muitos anos. A imortalidade não significa que não possamos morrer. É uma vida prolongada que precisa ser renovada a cada cem anos, pelo ritual de consagração da *CLÉ*. E não sabemos quando terminará essa vida. Um dia podemos deixar de ser jovens, como aconteceu com seu pai. O tempo começa a pesar, de repente.

— Por que é que meu pai não viveu?

— Os Guardiões podem viver muitos anos, mas pagam um alto preço por isso: são seres solitários, submetidos a uma série de regras. Seu pai deixou de pagar esse preço. Conheceu sua mãe e abandonou as regras da Ordem. Lembra-se de eu ter lhe dito que ele tinha muito a perder? Bem, era isso: o retorno à mortalidade.

— Agora compreendo... — murmurou ela. — Vocês eram os amigos que não queriam o casamento dele com minha mãe, para que ele não abdicasse da imortalidade.

— Sim... Uma das regras que precisamos cumprir é a da castidade.

— Por quê? — perguntou pensando imediatamente em Miguel. Nesse momento Daniel olhou-a como se soubesse o que ela estava pensando. Fez um pequeno silêncio antes de dizer:

— A Alessia vai lhe explicar isso em seguida — disse para evitar qualquer constrangimento de falar sobre aquele tema delicado à frente de todos, principalmente por saber do recente envolvimento dela com Miguel. Leon e Náder haviam avisado Alessia sobre o

encontro de Elizabeth e Miguel, e ela, por sua vez, havia contado a Daniel.

— Não podemos casar, nem ter filhos? — insistiu ela.

— Não — respondeu, firme.

— Meu pai abdicou de tudo pela minha mãe.

— E por você — lembrou pausadamente, adicionando uma nova dimensão à existência dela. Para que ela existisse, o pai tivera que renunciar à sua imortalidade.

— E é por isso que não tenho família? Quantos anos meu pai tinha?

— Muitos, Elizabeth — respondeu Daniel.

— Quantos, Daniel? Por favor. — Ele hesitou, mas sabia que tinha que contar toda a verdade, até por essa verdade fazer parte de tudo que ela teria de enfrentar.

— Seu pai nasceu em 1219.

Elizabeth já sabia que eram todos imortais, mas ao descobrir a data de nascimento do seu pai, tudo pareceu explodir no cérebro dela. De novo, nada daquilo parecia possível. Achava que ele tinha oitenta anos ou cem anos, no máximo. Mas Daniel estava dizendo que ele tinha quase oitocentos anos. Respirou fundo, tentando organizar as informações dentro da cabeça.

— Todos têm essa idade?

— Mais ou menos — respondeu Daniel, lhe dando tempo para assimilar a informação. De repente ela percebeu que se Miguel era filho da sua tia, da irmã do seu pai, também tinha que ser imortal. E aquilo chocou-a mais ainda. Sentiu a garganta seca. Tossiu ligeiramente, ao pensar em um novo sentido oculto nas palavras de Miguel, quando ele dissera que tinha esperado séculos por ela. Na altura parecia uma frase romântica, mas agora compreendia que

tinha uma profundidade muito maior. Perguntou, apenas para confirmar:

— Miguel também é imortal?

— Sim — confirmou Daniel, tentando controlar o ciúme que o assaltou ao perceber que, perante a enormidade daquela revelação, ela estava preocupada com Besson.

— Mas se ele não é um Guardiã como é que é imortal? Como isso é possível?

— Ele foi um Guardiã, mas afastou-se. Não sabemos como ele se mantém imortal. É um mistério que ainda nos escapa — comentou Daniel, controlando a leve irritação provocada por ouvi-la falar de Besson.

— Não compreendo como é que ele deixou de ser um Guardiã, continuou jovem e meu pai, apesar de ser um Guardiã, ficou doente daquela forma. Como é que se explica isso?

— Não sabemos Elizabeth — respondeu Daniel sério, com um laivo de preocupação quase imperceptível, por Elizabeth ter tocado no ponto fulcral de toda a discussão sobre a juventude de Besson e a mortalidade de Arturo.

— E este é o Pergaminho da Luz? — perguntou ela, mudando de assunto, e apontando para o enorme livro que continuava sobre a mesa.

— O Pergaminho está guardado. Este é apenas um livro com explicações e notas dos Guardiões que estudaram o Pergaminho entre 1119 e 1244, quando o Graal foi transferido para a sede dos Templários, em Paris — explicou Daniel, lhe entregando o caderno de capa preta, que estava debaixo do livro cátar. — E aqui está a história dos Guardiões. Fiz uma síntese para que compreenda um pouco mais sobre nós. Acho que vai ajudar. Sei que parece estranho,

mas garanto que, depois do choque inicial, muita coisa vai começar a fazer sentido.

Ela assentiu silenciosamente e agarrou no caderno com as duas mãos, como se estivesse no meio do mar, em busca de uma tábua de salvação. Daniel se levantou, fazendo um carinho leve no cabelo em jeito de despedida, e Elizabeth finalmente entendeu por que é que ele a tratava como uma criança. Eles tinham mais de setecentos anos de diferença. Ela era realmente uma criança perto dele. Mas Miguel tinha a mesma idade de Daniel e não a tratava daquela forma. Era seu primo, se recordou irritada, porque além de ele ter ignorado esse fato também não lhe contou sobre *aquela diferençazinha de idades* — pensou com ironia. De repente se lembrou do *post it* amarelo que tinha colado em uma das caixas do sótão:

— As túnicas do sótão... meu pai tinha três túnicas do século XIII no sótão. Pertenceram a Paul Besson, Jacques De Payens e Julien Blanchefort. — Daniel já tinha se afastado alguns passos, quando ela falou. Estacou, emocionado, ao ouvir aqueles nomes resgatados do passado. Sempre que os escutava recordava as suas origens. Voltou atrás e parou diante dela. O silêncio na sala parecia mais denso. Elizabeth continuou falando, sem perceber a tensão que se formara no rosto dele:

— E Julien é o último descendente do livro de genealogias da minha família. O que aconteceu? Quem eram, para que meu pai guardasse as túnicas durante tanto tempo?

— Eles... somos nós! — respondeu pausadamente, com voz baixa, como se revisitasse memórias dolorosas. — De tempos em tempos trocamos as nossas identidades, e esses eram os nossos nomes iniciais, que nunca mais usamos. Jacques De Payens sou eu: Daniel De Payens, descendente direto de Hugh De Payens um dos nove

Templários iniciais. Julien Blanchefort é Arturo, seu pai, descendente de Luc Blanchefort, o primeiro cátaro da Ordem. Paul Besson é Miguel Besson, seu primo.

Elizabeth olhou-o, chocada. Parecia que tinha mergulhado no mundo da fantasia: cada pergunta era um fio que trazia séculos de história e desenterrava segredos quase milenares.

Daniel disse para Alessia, antes de sair da Biblioteca, deixando Elizabeth ainda com uma montanha de perguntas suspensas:

— Explique-lhe sobre a castidade.

— Venha — pediu Alessia conduzindo-a até a sala de jantar, no primeiro nível. Sentou-se na frente dela, depois de preparar duas xícaras de chá de melissa. Todos precisavam se acalmar, e ela também. A proximidade do ritual os deixava sempre tensos, embora Elizabeth ainda não soubesse nada sobre a Consagração.

— Por que é tão importante a castidade? Não amamos menos o próximo por termos um relacionamento com outra pessoa. Pelo contrário: amar alguém faz-nos amar mais o mundo. Foi isso que você e meu pai sempre me ensinaram — defendeu, inconformada com a inflexibilidade da regra, agora que seu corpo estremecia sob as mãos experientes de Miguel, e ansiava pela proximidade de Daniel. Alessia sorriu, e explicou com a segurança de quem já vivera aqueles questionamentos, sabendo que ninguém passa incólume pelas provações do corpo ou do espírito. Há sempre marcas que ficam e relembram as duras lições.

— Sim, mas para que você compreendesse a importância de amar alguém. Por isso a incentivamos tanto a resguardar o corpo e a alma... — disse, fazendo uma breve pausa para que Elizabeth recordasse as muitas conversas que haviam tido sobre o assunto. —

E agora você entende realmente o que significou a decisão do seu pai amar sua mãe.

— Sim — murmurou, pensando que o pai abdicara da imortalidade para casar com sua mãe. — Mas continuo sem entender por que estamos sujeitos à castidade?

— A castidade não é a ausência do amor. É exatamente o oposto: é a ágape, o caminho do amor pela humanidade. Platão foi o filósofo que mais estudou este tipo de amor, e deu origem ao conceito de *amor platônico* — explicou Alessia, paciente. — Para nós, a castidade é um processo profundo que nos faz funcionar com uma química diferente: nós transformamos a energia sexual em uma poderosa energia espiritual.

— Como?

— Como está fazendo: você vem desenvolvendo os seus centros de energia superiores e aprendendo a controlar os inferiores.

— No Tai Chi? — questionou.

— Sim. Mas todos os exercícios que aprendeu, desde a infância, e continua aprendendo, são ferramentas que lhe permitam ter total domínio do corpo. É um processo longo e complexo.

Deve ser mesmo longo porque comigo não está funcionando, pensou com ironia, consciente do despertar tardio do seu corpo. Questionou:

— Canalizamos toda a nossa energia para a evolução espiritual?

— Sim. É um tipo de iluminação praticada por nós, pelos monges budistas, alguns padres e homens santos. Nós aprendemos a controlar todas as nossas emoções. E isso é fundamental.

— E um dia simplesmente esquecemos que temos um corpo?

— Nunca esquecemos que temos um corpo: sentimos fome, frio, dor, desejo. É impossível ignorá-lo, mas aprendemos a controlar os impulsos. Vai ficando mais fácil, embora nunca seja realmente fácil

— confessou Alessia, sabendo que Elizabeth só entenderia o verdadeiro significado daqueles ensinamentos depois da consagração.

— E o que acontece se nos deixarmos dominar por esses impulsos? — perguntou, pensando nos limites que tinha explorado com Miguel.

— O padrão da nossa energia se altera.

— Como aconteceu com meu pai?

— Com seu pai, houve outras questões. Não foi apenas a castidade. Ele deixou de ser um Guardiã, tornou-se humano, e isso afetou todos nós — comentou Alessia, lembrando o que aconteceu após Arturo perder a imortalidade e a sagacidade única de Guardiã Supremo, ao abdicar do seu papel na Ordem em troca de uma vida normal com Angelina. Todos acharam que ele devia continuar sendo o Supremo, mas sua condição humana não lhe permitiu antecipar os eventos. E a Ordem ficou mais de três décadas, de 1975 até a morte de Arturo, em 2009, sem um guia poderoso. Por isso a proximidade de Besson não foi percebida. Por isso aconteceram as mortes trágicas de Anabelle e Angelina.

— Por que o fato do meu pai se tornar mortal afetou a Ordem? — perguntou Elizabeth.

— *Uma corrente é tão forte quanto o mais fraco dos seus elos* — citou Alessia. — Os guardiões ficam ligados após a consagração, e o que acontece com cada um de nós impacta diretamente em todos.

— Se um de nós não estiver bem, os outros sentem? — perguntou, tentando entender.

— Sim. Ser um guardião significa ter acesso a esferas de energia muito elevadas. E sempre que um de nós está enfraquecido pode buscar energia e se apoiar nos outros. É para isso que servem

alguns rituais: para nos fortalecer e tornar imunes às ameaças externas.

— Que ameaças externas?

Nesse momento os passos de Daniel ecoaram pela sala, e ele respondeu, se aproximando da mesa e sentando-se ao lado de Alessia, de frente para Elizabeth:

— Tudo o que é intrinsecamente bom também é intrinsecamente mau: um princípio não existe sem o outro. E o mal nem sempre é o oposto do bem. Às vezes eles nos confundem.

— Então é disso que se trata? A nossa tarefa é a luta contra o mal? — perguntou Elizabeth, sem conseguir esconder algum desapontamento.

— Conhece alguma tarefa maior do que essa? — Daniel perguntou com uma voz macia, se inclinando sobre ela. Elizabeth mergulhou na intensidade dos olhos dele e sentiu uma espécie de vertigem. Era como se ele estivesse mostrando toda a maldade através dos olhos transparentes e frios. Os mesmos olhos que ela aprendera a amar. Ele insistiu na pergunta, separando bem as sílabas:

— Conhece, Elizabeth?

Ela sentiu um arrepio parecido com o que sentira quando o conheceu. Pensou que dentro dele existiam duas pessoas e a luta entre bem e mal estava bem ali, à sua frente.

— Acho que não — respondeu baixinho.

— Acha que não? — repetiu, ácido. — É isso que move o mundo, Elizabeth. É isso que nos move todos os dias. É para combatermos o mal, o verdadeiro mal, que estamos aqui. Para evitarmos que a luz e a esperança desapareçam deste mundo e a maldade aniquile os homens.

— Eu não quis dizer que não era importante. Mas fala-se disso com tanta frequência...

— É verdade — concordou, reconhecendo a banalização do discurso sobre o bem e o mal. — Mas poucos sabem do que falam. E os que sabem desejariam não saber.

— Lamento — disse, enquanto se perguntava o quanto de monstro podia existir dentro dele.

— Não lamente ainda Elizabeth, porque você está prestes a olhar para o abismo — anunciou, em tom de aviso e não de ameaça.

— O que quer dizer? — perguntou, temerosa.

— Que em breve vai conhecer o abismo. Como todos nós. Para conhecer a Luz tem que conhecer as Trevas.

Elizabeth desconhecia que o abismo, de que Daniel falava, se abriria sob seu corpo em menos de dois dias. Sentiu um nó na garganta e as lágrimas formarem-se nos olhos, prontas para saltar. Espremeu as pálpebras com força. Daniel continuou falando, agora com doçura, quase arrependido da frieza brusca com que a tratara segundos antes:

— Não chore. Estou apenas tentando mostrar a importância do bem e do mal. Precisa compreender que, por muito banal que pareça, é uma luta maior do que nós. Por isso somos Guardiões: preservar a localização do Mosteiro é o menor dos nossos problemas. A nossa verdadeira tarefa, mantida em segredo há séculos, é esta: preservar o bem e destruir o mal.

Alessia, que se calara desde que Daniel tinha começado a falar, acrescentou:

— Por isso monitoramos as religiões. Lembra-se de Kent ter falado sobre isso?

— Sim — respondeu se esforçando por entender a profundidade do papel deles.

— Descanse um pouco antes do almoço. Comemos ao meio-dia e meia. Vá, querida — sugeriu Alessia, ciente da dificuldade dela em

compreender aquelas informações.

Elizabeth foi para o quarto, perturbada com as ameaças veladas e aquela face obscura de Daniel, que emergia de vez em quando e revelava um ser sombrio. Mais uma vez, o fato de Arturo fazer parte da Ordem lhe deu alento e tranquilidade para continuar ali. Negava-se a acreditar que o pai estivesse ligado a um grupo que praticava o mal. Adormeceu encostada no sofá, e acordou com umas batidas suaves na porta. Era Dib chamando-a para o almoço. Sentia-se melhor: as duas horas de sono relaxaram-na. Ainda sentia o corpo dolorido com os efeitos da caminhada na véspera, pela montanha íngreme.

A tarde passou devagar. No Mosteiro o tempo era lento, pertencia à esfera de um mundo antigo, de um tempo sem pressas. Cravado no ventre dos Pirineus, o Mosteiro resgatava a sacralidade do silêncio tão presente na vida monástica dos séculos passados. Ali, todos se transformavam: estavam mais suaves, vagarosos e compenetrados. Andavam como se flutuassem, com as vestes negras arrastando pelo chão. A maioria passou a tarde na Biblioteca, em volta de Kent, para ajudá-lo na persistente pesquisa de antigos rituais com pitonisas. Estudaram o Códice, já sabendo que as páginas subtraídas do livro original ocultavam um ritual associado à imortalidade. Tratava-se de um rito realizado sem qualquer dos objetos do Graal, mas eles só tinham quatro das sete páginas desaparecidas, recentemente encontradas por Daniel, e elas eram insuficientes para compreender os objetivos.

Daniel fechou-se na antessala do seu quarto, lendo os diários de Arturo sobre as relíquias da "Sala do Assombro". Precisava conhecer cada centímetro daquela sala. Cada diário que lia detalhava uma

reliquia com poderes mais devastadores que a anterior. Aquelas descrições permitiram que entendesse as noites insones de Arturo e seu mutismo, em certos dias. Quando Elizabeth bateu na sua porta, arrancou-o de um nível profundo de concentração. Nunca sentira uma solidão tão imensa: a solidão de um homem que tem nas mãos instrumentos divinos, sem poder partilhá-los. Pareceu-lhe que aquela devia ser uma solidão próxima à solidão de Deus.

Levantou-se devagar. Fechou o caderno e colocou-o sobre a mesa de apoio, do início do século XIV, que ficava em frente do seu sofá. Sabia que era Elizabeth. Os seus sentidos apurados perceberam a proximidade dela. Abriu a porta e olhou-a como se tivesse atravessado as trevas e visse finalmente a luz.

— Preciso falar com você — anunciou apressada, antes que a coragem se esvaísse.

Ele saiu da sua sala íntima, fechando a porta atrás de si. Dirigiu-se silenciosamente à escada que conduzia ao andar inferior. Elizabeth seguiu-o, dizendo nas costas dele:

— A sós, por favor — sua voz tremeu ligeiramente, atravessada pelo temor.

Ele continuou caminhando em silêncio, depois de assentir com a cabeça uma vez, sem se voltar para olhá-la. Desceu as escadas, passou pela biblioteca onde todos continuavam em volta de Kent, e foi para o terceiro nível. Na sala vermelha, puxou uma cadeira e sentou-se, indicando a Elizabeth outra das seis cadeiras vazias. Parecia cansado: havia finas rugas em volta dos olhos e a boca normalmente serena e descontraída, estava tensa e comprimida.

— Diga, Elizabeth.

— O que aconteceria se eu não fosse totalmente casta? — falou baixo, timidamente.

— Por que está fazendo essa pergunta? — questionou com o mesmo tom tranquilo que usara quando haviam falado sobre a atração dela por Besson, mas sentiu um sobressalto.

— Encontrei-me com Miguel e... bem... sei que não o amo. Sei. Mas sinto atração por ele. Parece um ímã. Não consigo pensar quando estou com ele. Meu corpo fica independente de mim, com vontade própria. E eu... gosto da forma como ele me faz sentir. É algo novo.

Contou tudo de uma só vez, fixando as mãos crispadas em cima da mesa. Não estava habituada àquele tipo de segredos, e o guardara por tempo demais. Não conseguia parar de falar. Temia olhá-lo e descobrir que o havia desapontado. Ele tinha confiado nela, e ali estavam de novo falando sobre o mesmo assunto. Continuou, perante o silêncio dele:

— Na verdade, o Miguel foi um cavalheiro.

— Acredito que sim — respondeu Daniel, achando corajoso que ela tivesse vindo falar com ele, revelando assim seu caráter correto e o apreço pela verdade. Ele já estava ciente de que Besson a deixara partir para não submetê-la a um risco de morte maior que o atual, evitando alterar o padrão de energia dela antes da Consagração. Imaginou que Besson desejasse Elizabeth por muitas razões. Tinha pensado naquilo desde a noite em que os viu jantar e percebeu o envolvimento dos dois, e compreendeu que além de Miguel *querer* Elizabeth, também estava se apaixonando por ela. Daniel imaginou sempre que Besson se tornara uma alma negra, mas, naquela noite, tudo o que sentiu foi luz e força. Talvez fosse a influência de Elizabeth sobre ele. Acreditava, assim como os outros Guardiões, que Besson precisava de Elizabeth para algum tipo de ritual. Que outra explicação haveria? Mas agora tinha certeza que algo lhe

escapava sobre as verdadeiras intenções dele em relação a Elizabeth.

— Sei que ele me protege. Ele diz que me ama, mas não parece sofrer mesmo quando eu respondo que não o amo.

Claro, pensou Daniel percebendo finalmente o que estava acontecendo com Besson — esse é o resgate da alma dele: amar sem esperar qualquer retorno. O verdadeiro amor representa o último sacrifício: tudo dar sem nada esperar. Por isso a luz, a iluminação.

— Daniel? — chamou Elizabeth arrancando-o dos seus pensamentos. Era difícil acreditar que Miguel, depois de tantos séculos de escuridão, tivesse sido resgatado pelo amor. E justamente pelo amor a Elizabeth. Era doloroso escutar tudo aquilo e Daniel não queria aceitar as razões que o faziam sentir aquela pressão crescente no coração.

— Vou perguntar mais uma vez: está apaixonada por ele?

— Não — respondeu com serenidade, olhando-o fixamente. Achou-o triste. Talvez o tivesse desiludido. Sentiu o estômago embrulhado e o frio espalhar-se pelo corpo, gelando as mãos.

— Não posso ajudá-la. Ninguém pode. É uma escolha sua — respondeu, cedendo ao cansaço.

— Eu sei... Mas o que acontece por eu não ser mais pura?

— A pureza também está ligada à essência. Não tem só a ver com o corpo. Não aconteceu nada realmente importante entre vocês. Talvez venha a acontecer. Nesse caso, provavelmente deixará de ser uma de nós — avisou, seguro de que Besson não ia desistir e só ela poderia detê-lo. — Mas agora temos que nos concentrar na sua consagração. É um momento muito importante! Lembra-se quando Seth disse que o Graal é que escolhe os seus Guardiões?

— Sim, no Natal.

— Isso é literalmente verdade. Não sabemos, até hoje, o que acontece. Por vezes achamos que não seremos consagrados de novo e, no entanto, aqui estamos.

— Não compreendi.

— O Graal só consagra alguns Guardiões. Em certas ocasiões acreditamos que não estamos puros, mas o Graal consagra-nos.

— Por quê?

— Não sabemos. É impossível prever quem serão os consagrados. Também é impossível saber exatamente por quê.

— Meu pai não foi consagrado da última vez?

— Não aconteceu assim — disse, fazendo uma pausa breve, antes de contar o que acontecera. — Seu pai era o Supremo e esperou anos para sair da Ordem, mas nós impedimos sempre. Achamos que ele poderia mudar de ideia. Um dia ele ajoelhou na capela branca, com todos nós à sua volta e rejeitou o Graal: disse que queria ser um homem comum, e não desejava continuar sendo um Guardião. Nesse momento uma luz despreendeu-se do corpo dele e o Graal abandonou-o. Foi algo que ele desejou desde que conheceu sua mãe. Ele é que renunciou ao Graal e a partir desse dia seu corpo começou a ceder, cansava-se mais rápido, dormia mais, perdeu a habilidade de pressentir os eventos. Aos poucos tornou-se humano, como tanto queria — rematou, com nostalgia.

— Foi por isso que não me deixou vê-lo no dia do funeral?

— Depois de morto, seu corpo ficou com a idade real. Em poucas horas se transformou em uma renda frágil que se desmancharia com um simples sopro.

— Entendo — disse, percebendo por que Daniel selara o caixão de Arturo e não permitira que ninguém o abrisse. — Então meu pai é que se afastou do encantamento do Graal.

— Sim, e é diferente de não ser consagrado. Aquilo foi um evento único.

— E o Miguel?

— Acreditamos que ele nunca renunciou ao Graal. Saiu da Ordem, mas jamais deve ter expressado o desejo de abandonar o encantamento.

— O que acontece com os que não são consagrados, aqueles que o Graal rejeita?

Daniel sabia que aquela pergunta chegaria, mas a resposta não era fácil. Respondeu devagar, medindo as palavras:

— Dissipa as pessoas.

— Dissipa como?

— Evapora. As pessoas desintegram-se. Transformam-se em pó. É... instantâneo.

— Como é que sabe? — perguntou, temendo a resposta de Daniel.

— Já aconteceu.

Ela sentiu um baque, e percebeu por que havia tanta tensão no ar, e todos insistiam na questão da pureza e da castidade. Finalmente, entendeu que os conselhos e ensinamentos do pai e de Alessia, para que esperasse por um grande amor, haviam sido um subterfúgio para mantê-la pura até aquele momento. Ninguém sabia muito bem até onde resultava, mas parecia ser uma medida preventiva. Era o que estava no livro do Graal. Compreendeu, também, que Miguel podia ter salvado sua vida, por conhecer e respeitar as restrições.

— E como sabemos que meu envolvimento com o Miguel não vai me afetar?

— Não sabemos. Foi como lhe disse, nunca sabemos como o Graal funciona: os seus caminhos são inescrutáveis.

— E o que é que eu faço?

— Confie. A proximidade do Graal provoca ansiedade. Mas você é especial, não tem que temer. Sua energia não se alterou por causa de Besson — disse para tranquilizá-la, sabendo que todos passavam por aquilo, e os anos não tornavam aqueles momentos mais fáceis.

— Se me acontecer alguma coisa...

— Não vai acontecer — reforçou, pegando na mão fria dela, e colocando-a entre as suas para aquecê-la. Em segundos ela sentiu o calor se espalhando pelo corpo. Ergueu os olhos e viu-o esboçar um sorriso leve. A sala inteira parecia mais quente. Elizabeth franziu a testa, em jeito de interrogação, mas ele apenas sacudiu a cabeça, mostrando que nãoalaria sobre sua capacidade inusitada de moldar a energia à sua volta.

— Talvez a Maria tivesse mesmo razão naquela noite em que quase a matou de susto — disse Elizabeth, resgatando a lembrança de Maria na Casa do Lago, inconformada com a beleza perfeita de Daniel. Ele riu com o comentário inesperado, e ela olhou-o fascinada, com a mão ainda presa nas mãos dele, estremecidas pelo efeito do riso.

Meu Deus, como é belo. Parece uma estátua, perfeita, de Michelangelo, pensou sem conseguir acompanhá-lo naquela incursão pelo riso. Ele parou de rir devagar, e olhou-a, divertido. Era impressionante a maneira como ele se movia pelos mundos: passava da profundidade à leveza em segundos. E voltava à profundidade. Os olhos tornaram-se novamente sérios, e ele disse:

— Há um procedimento para o Graal. Nas próximas vinte e quatro horas pode fazer e comer o que quiser, exceto carne e peixe, claro. O dia é seu. Amanhã à noite fará sua última refeição e ficará vinte e quatro horas sem comer nada. Vai se purificar através de chás e de um banho com ervas especiais e sal do mar morto. O ritual acontece às nove horas da noite do dia 9, depois de amanhã — fez uma

pausa e olhou para o relógio. — Agora vamos subir, está na hora do jantar e acredito que a Alessia fez alguma de suas comidas preferidas.

Soltou a mão dele com pesar: o toque confortava-a naquela hora de tamanha incerteza.

24. A consagração

O homem não sabe muito bem o que inventa. Não conhece o poder dos seus ritos.

J. M. G. Le Clézio (1940-)

Para diminuir a ansiedade, Elizabeth passou o dia organizando o quarto que herdou do pai. Pediu para trocar alguns objetos por outros, que considerava mais femininos. O Mosteiro era muito austero, e percebia-se a mão da linhagem masculina em todos os cantos. Mas havia também alguns detalhes mais suaves, introduzidos por Alessia.

Elizabeth trocou o sofá de couro preto por outro, de veludo castanho, mais delicado, que estava na sala de jantar. Alessia lhe ofereceu algumas almofadas italianas de seda amarela e laranja, bordadas à mão, para alegrar a antessala. Dib levou um quadro de Ticiano, com uma mulher de longos cabelos loiros, que cobriam seu corpo nu, mas deixavam antever os contornos suaves de um dos seios perfeitos. O quadro, que representava a jovem mulher sentada, mostrava uma sensualidade latente, percebida nos lábios entreabertos, no olhar lânguido e na cabeça inclinada para trás, em

um gesto que lembrava o abandono do corpo na sua rendição ao desejo. Elizabeth apaixonou-se pelo quadro assim que o viu, e lhe destinou uma das paredes da antessala.

Trocaram o candeeiro que estava no criado-mudo, e colocaram um mais esguio, sem motivos animais. Uchoa trocou os dois tapetes persas, em tons de azul, que estavam ao lado da cama de Elizabeth, pelos seus persas, de tom mais terra e dourado. Aos poucos, a decoração do quarto transformou-se em uma obra coletiva, e no final, quando tudo ficou pronto, Elizabeth ficou feliz com o resultado: os tons de amarelo e dourado emprestavam uma luminosidade que aumentava a amplitude do quarto, fazendo-o parecer maior. Daniel apareceu quando tudo estava terminado e encontrou todos na antessala, exceto Alessia, que ainda estava no quarto arrumando a cômoda com o perfeccionismo que lhe era característico.

— Agora sim. Parece com você — comentou Daniel, admirando a transformação.

— Com tantos decoradores, não podia ficar mal... — brincou ela.

— Trouxe um presente.

— Obrigada — agradeceu, desembulhando o objeto envolto em papel de seda dourada.

Era um maravilhoso ovo de ouro, rubis e esmeraldas, sustentado por três leões, com olhos de diamante, sentados sobre uma base de quartzo tibetano. Lembrava vagamente a Ferrovia Transiberiana, um ovo criado em 1900 para o czar Nicolau II da Rússia.

— É um Fabergé! — exclamou, levantando a tampa espetacular e revelando uma cavidade forrada de ouro, que servia de porta-joias. — É mesmo para mim? — perguntou, surpresa com a magnitude do presente.

— É seu — reforçou Daniel, dobrando as longas pernas para caber no novo sofá de Elizabeth, entre Uchoa e Dib.

Apesar do ambiente descontraído, havia certa eletricidade no ar. Para os que tinham visto gente se dissipando, à exceção de Dib e Elizabeth, a proximidade do ritual era sempre pior. Sabiam o que podia acontecer: gente que se esfumava no vazio, ao primeiro toque da luz grálica. Ardiam em um segundo e desapareciam como os mágicos de filmes.

Naquela noite Elizabeth dormiu profundamente e acordou tranquila. Seria um longo dia, o último antes do ritual. Talvez até fosse seu último dia de vida. Para afastar os seus temores, aproveitou para ler a complexa história dos Guardiões, escrita com a letra irregular de Daniel, tão diferente das letras de Arturo e de Miguel, perfeitamente desenhadas.

Em 1224, vinte anos antes da queda de Montségur, os sete Guardiões se encontravam lá, com o tesouro grálico — a *CLÉ*. Depois da destruição e queda de várias cidades cátaras, na França, os Guardiões decidiram proteger seus filhos, para garantir a continuidade da Ordem. Por isso, os herdeiros foram separados em dois grupos.

O primeiro grupo, formado por quatro mulheres e crianças, viajou para fora da França: Marie, mãe de Kent, com dois anos de idade e Sarah, mãe de Seth, que estava com seis meses, viajaram para a Inglaterra. Constança, mãe de Uchoa, com pouco menos de um ano, foi para a região da atual Catalunha. E, por fim, Alessia, que ainda não era nascida quando sua mãe, Isabelle, viajou grávida de cinco meses para o norte de Portugal. Nenhuma daquelas crianças voltou a ver os seus pais e Alessia nem sequer conheceu o seu.

O segundo grupo era composto por três herdeiros: Julien de Blanchefort, Paul Besson, e eu, Jacques De Payens. Nós fomos mantidos em Montségur, e treinados especificamente para proteger as relíquias, sob quaisquer circunstâncias.

Elizabeth leu e releu os nomes. Agora sabia quem eram: seu pai, seu primo e o homem que amava. Os três homens da sua vida, unidos pelo mesmo destino.

Depois de mais de cem anos estudando o Pergaminho, finalmente, em 1240, os Guardiões conseguiram recriar uma das salas do Templo de Salomão — a sala branca e dourada — e o ritual que dava acesso ao conhecimento divino. Os Guardiões haviam compreendido todas as etapas, palavras e gestos necessários para a realização precisa do rito. Inicialmente, por inexperiência, além do Pergaminho, usaram o Cálice e a Esmeralda.

A réplica da sala de Salomão foi construída nos subterrâneos de Montségur, dando assim origem à lenda de que os cátaros teriam emparedado o Graal.

Três anos depois, em 1243 aconteceu algo espantoso, durante um rito: uma luz intensa surgiu do nada, como uma faísca que aumentou até engolir literalmente um dos sete Guardiões. Esse Guardião especial, tocado pela luz divina, era Pierre Blanchefort, pai de Julien Blanchefort.

Elizabeth parou por um segundo, apenas o suficiente para assimilar que o primeiro Guardião consagrado tinha sido seu avô, mas continuou lendo sofregamente:

Essa foi a primeira revelação do Graal. Uma revelação suave. Pierre sentia-se mais perspicaz e mais forte, mas era apenas isso.

Depois de um ano, em 1244, quando os Guardiões perceberam que a queda de Montségur era iminente, incumbiram-nos de levar o tesouro para a sede dos Templários, em Paris. Eles continuaram em Montségur e cometeram endura, para evitar os inquisidores — que os submeteriam às mais cruéis torturas até obterem as confissões sobre os segredos do Graal.

Atravessamos as linhas de soldados que sitiavam Montségur sem sermos vistos. Levamos algumas semanas para chegar a Paris, a pé, com todos os cuidados para não chamarmos atenção. Viajamos quase sempre durante a noite até chegarmos ao Forte dos Templários, onde o grão-mestre já nos esperava.

O Graal se revelou aos poucos e só anos depois de termos reunido a última geração dos Guardiões — nós três que tínhamos saído de Montségur e os quatro herdeiros que estavam protegidos em outros países — é que aconteceu realmente a primeira Consagração.

A luz jorrou sobre nós, entrou pela nossa cabeça, como um raio brutal e incandescente. No início não percebemos o que aconteceu: a força do impacto nos atirou ao chão. Por dentro tudo queimava, como um fogo violento. O nosso corpo estava diferente. Sabíamos que éramos nós, mas não nos reconhecíamos. Olhamos uns para os outros e finalmente compreendemos a devastadora realidade: tínhamos deixado de ser humanos...

A descrição sobre o assunto terminava ali. Elizabeth tomou um susto: como tinham deixado de ser humanos, se eram humanos? Acreditou que era uma metáfora. Só podia ser uma metáfora:

tinham deixado de ser humanos por se terem aproximado da essência divina.

O caderno tinha trinta páginas e também descrevia, em linhas gerais, a saída de Miguel da Ordem, em 1307. Mas não revelava os motivos nem seu destino posterior, como ele vagou solitário por centenas de anos, sem os irmãos.

Dib entrou para a Ordem três décadas depois da saída de Miguel. Era um poderoso monge tibetano, que Daniel conhecera em uma de suas viagens. Profundo conhecedor do budismo e dos seus rituais mais secretos, tinha uma força mental inigualável, sob a aparência tranquila. Era o único que não descendia de Guardiões, mas seu lugar entre eles havia sido conquistado pela natureza do seu caráter e pelo domínio profundo da magia. Órfão de pai e mãe foi criado por monges desde bebê e alimentado com leite de iaque. Era o único dos Guardiões que Miguel não conhecia.

Porém, o pequeno caderno não revelava que, antes de Dib, a Ordem tentara consagrar vários Guardiões. Por três décadas procuraram alguém para ocupar o lugar de Besson, mas o Graal rejeitou a todos. Vinte e sete pessoas se dissiparam, transformadas em pó assim que a luz tocou em suas peles. Mas, no dia em que Dib chegou, todos souberam, intuitivamente, que ele seria consagrado. Havia uma força inquestionável no seu olhar sereno, e os seus gestos pareciam mais lentos que o normal, como se o ar fosse sempre mais pesado à sua volta. Se Kent não fosse o primogênito, e também descendente dos antigos Guardiões, Daniel escolheria Dib para seu sucessor. Mas aquela decisão não dependia dele: era a lei dos antepassados. E a lei era para se cumprir, a qualquer preço.

Às seis da tarde, três horas antes do ritual, Alessia preparou o banho de Elizabeth, com uma combinação de ervas cuidadosamente escolhidas. Depois a ajudou a vestir uma longa túnica de linho branco, sobre o corpo completamente nu, com um cordão branco na cintura.

Às oito horas, Elizabeth atravessou os corredores e desceu as escadas silenciosas do Mosteiro: o ritual aconteceria na sala branca e dourada do último andar, que ela agora sabia tratar-se de uma cópia de uma das salas do rei Salomão, descobertas pelos Templários, em Jerusalém. Aquela era a única sala que não possuía as paredes de pedra: eram brancas emolduradas pelo dourado brilhante do ouro, como se cada uma das quatro paredes fosse um quadro com uma pintura invisível aos olhos humanos, cercado pela sua moldura dourada. O teto estava todo pintado com representações celestes de anjos e luzes. No centro, uma suave abóbada circular criava a ilusão de um céu resplandecente, que irradiava a luz divina.

Os Guardiões estavam vestidos de branco, com uma solenidade nervosa, emprestada pela importância do momento que se aproximava. Pareciam anjos descalços, sem asas, ligados ao céu por uma aura leitosa. Sobre o chão, um magnífico tapete branco, redondo e felpudo, de algodão puro, marcava o lugar onde Elizabeth ficaria, em frente do altar de mármore lúcido. Sobre o altar, o Pergaminho Sagrado, aberto, mostrava as antigas palavras com os encantamentos que abririam os caminhos do Graal. Nos quatro cantos da sala e em frente ao altar, grandes jarras de cristal transparente continham água até a metade. Todos os objetos rituais presentes na sala simbolizavam a energia existente no mundo invisível e atuavam como chaves para abrir esse mundo: a água era o caminho mais fácil para essa energia fluir.

Alessia conduziu Elizabeth ao centro do tapete fofo e ela sentiu a diferença de temperatura entre o chão frio, que gelara seus pés, e a proteção do tapete. À sua volta, todos formaram um semicírculo em volta do tapete.

Daniel aproximou-se dela devagar, com o rosto pálido, como se algo dentro dele estivesse a ponto de revelar-se a qualquer momento. Disse, com voz suave:

— Vai ser como uma descarga de milhares de volts. Além da purificação, esse é outro motivo para o jejum: a força sobre o corpo é atroz e não é aconselhável ter nada no estômago.

— Qual é a sensação? — perguntou, com a voz ligeiramente trêmula.

— Inexplicável. É uma força tão imensa que arrasa tudo dentro de nós. Transforma-nos.

— Como?

— Transforma-nos, literalmente. Não resista. Relaxe o corpo através da respiração, como Dib ensinou: é menos doloroso quando o corpo não está tenso e a energia flui. O impacto diminui ao encontrar menos resistência — insistiu, por saber que aquele fator era crucial para minimizar a dor que ela sentiria no corpo, especialmente nos dias seguintes.

— E se... — Daniel não a deixou verbalizar o que a angustiava. Não podia permitir que o medo se apoderasse dela.

— Vai correr tudo bem. Olhe para mim — pediu, e ela olhou-o e se afundou naquela transparência etérea. Tranquilizou-se e sentiu o medo abandoná-la. — Não tenha medo, em momento algum. Confie.

— Como posso confiar em uma coisa que... pode me destruir? Que desconheço completamente? — perguntou, de forma abrupta.

— É um ato de fé. E pode salvar sua vida. É isto a fé: a queda no desconhecido, como se você se jogasse do alto de um penhasco sabendo que nada acontecerá. Renda-se à luz!

— Não posso hesitar?

— Não pode duvidar — corrigiu. — Por isso não há lugar para o medo. Lembra-se da expressão de Jesus: “A tua fé te salvou”? Não é por acaso! Era disso que Ele falava. O que vai acontecer aqui é um ato de fé. Não esqueça: se ajoelhe assim — exemplificou novamente se ajoelhando no centro do tapete com as costas retas, o rosto virado para o vaso de água que estava em frente ao altar, e as mãos com as palmas abertas para o céu, esperando uma dádiva desconhecida.

Agora que estava ali, ela sentia que o tempo deixara de escoar lentamente: tudo acontecia mais rápido e o ar parecia cada vez mais denso. À sua volta, havia se formado um cordão de pessoas com as mãos dadas e os rostos serenos voltados para a frente.

Daniel voltou devagar para seu lugar, no altar. Pousou as mãos no livro, apoiado sobre o mármore, e olhou para ela uma última vez antes de iniciar o ritual. Mas algo dentro dele se comoveu ao vê-la compenetrada naquele ato solitário de fé que poderia lhe arrancar a vida em uma fração de segundo. Lembrou que Arturo pedira que a protegesse. Foi invadido por um amor diferente do que sentia por todos os seus irmãos, que haviam estado ali antes, naquela mesma posição de humildade, que permitiria absorver o impacto da luz. Foi até junto dela e, ajoelhando-se ao seu lado com o pesado livro na mão, sussurrou:

— Leia comigo.

Nesse momento, todos compreenderam que Daniel ia passar pelo ritual com Elizabeth. Aquilo não estava previsto quando fizeram a simulação, horas antes. Ela olhou-o, confusa, mas entendeu

rapidamente que ele iria acompanhá-la na Consagração, correndo com ela o mesmo risco de morte: se expondo ao sopro divino mais uma vez, sem saber se resistiria ou não.

Ele estava, literalmente, se sacrificando por ela. Tinha se consagrado recentemente, ao assumir o papel de Guardião Supremo, naquela que fora a mais violenta das suas transformações, quando recebeu o poder das revelações divinas e descobriu uma força diferente e maior que as anteriores, uma força adequada ao novo papel.

Ninguém compreendia por que Daniel estava se submetendo outra vez ao ritual em tão pouco tempo. Aquilo nunca tinha sido feito: a Consagração acontecia uma vez a cada cem anos. A tensão na sala aumentou e todos se concentraram em seus papéis, sem poder vacilar. Entoaram um longo canto em aramaico, em ritmo forte e crescente. Elizabeth verbalizou pela primeira vez o caminho do Graal, sustentada pela voz tranquila de Daniel. Saber que ele estava ao seu lado era suficiente para se sentir confiante: sem medo ou dúvidas.

Pareciam dois noivos, de branco, ajoelhados lado a lado, em frente ao altar, com o coro de vozes atrás, arrastando-os para níveis cada vez mais profundos de concentração, que lhes permitia atingir uma consciência superior e entrar em transe. A união dos Guardiões em torno de Elizabeth e Daniel aumentava a energia, transformando-a gradualmente em uma força imensa, que seria libertada no momento da Consagração.

A água dos vasos entrou em ebulição, libertando pequenas nuvens de vapor. Elizabeth sentiu que dentro dela havia uma chama ardente que não se consumia, quase como a sarça bíblica, que Moisés viu no Monte Sinai. Talvez fosse aquilo que os mantinha jovens e fortes: aquele fogo de Deus aceso no interior de cada um deles. Quando

achou que não suportaria mais o calor intenso que a queimava de dentro para fora, as palavras do livro moveram-se. Sabia que não podia parar de dizê-las, mas as palavras pareciam ter vida própria. Acompanhou a dança louca com o olhar turvado pelo calor, e viu que tomavam forma no espaço vazio à sua frente, pouco acima do vaso fumegante.

Ouviu ao longe a voz de Daniel em sintonia com a sua, e uma luz inundou a sala inteira e reverberou sobre eles transformando-os em seres fantasmagóricos. A luz possuía uma intensidade brutal: era tão branca que se tornava doloroso olhá-la, e tão intensa que era impossível ignorá-la.

A luz entrou neles, pelo centro da cabeça, como um raio violento, rasgando-os ao meio, exatamente como Daniel descrevera no seu caderno. A dor dele foi muito maior: a intensidade da luz era proporcional à sua força. Mas ela nunca havia sentido nada parecido: suas entranhas pareciam dilacerar-se, como se alguém as estivesse arrancando, a sangue frio, com garras afiadas. Era uma dor excruciante. Achou que morria e na loucura daquela incandescência não conseguia ver Daniel. Imaginou que o havia perdido para a luz branca e terrível. Virou o rosto e todos a olhavam serenos, em um silêncio repentino que se instalara na sala sem que ela percebesse. Quis dar um passo para fora do círculo imaculado do tapete, em busca de Daniel, mas Dib impediu-a erguendo a mão e conduzindo-a de volta ao círculo. Não era possível que a luz o tivesse levado, pensou, atravessada por uma dor que não tinha lugar específico, uma dor generalizada pelo corpo, como se a pele tivesse se tornado insuportável. E havia ainda aquele fogo interior que queimava sem parar. Foi quando viu a criatura branca deitada ao seu lado, com os olhos transparentes e atentos. Não compreendeu como é que aquele animal tinha aparecido ali e possuía olhos iguais ao de

Daniel. Aproximou-se dele para mergulhar naquela transparência familiar. Tentou erguer as mãos para tocá-lo e o leão não se moveu. Continuou imóvel olhando para ela, relaxado sobre as longas patas, com a cabeça coroada por uma imensa juba branca. Ela quis falar, mas sua voz soou estranha, com um som gutural. Ouviu Daniel falando dentro da sua cabeça:

— Está tudo bem Elizabeth. Só precisa pensar para que eu a ouça. Não fale.

— Como pensar? — questionou mentalmente, sem palavras, enquanto continuava com o olhar fixo no fabuloso leão deitado aos pés do altar.

— Da forma que está fazendo.

— Estou falando com você? — perguntou, insistente.

— Sim, mas através do pensamento. É telepatia — explicou.

— E onde você está? Não consigo vê-lo — quis saber, sentindo a dor no corpo diminuir.

— Estou na sua frente. Sou eu.

— O leão branco? — questionou incrédula, com o raciocínio turvo.
— Você é um leão?

— E você uma leoa. Olhe para seu corpo — murmurou devagar, enquanto ela girava a cabeça para baixo procurando reconhecer o corpo. Em vez disso, encontrou uma penugem branca e patas poderosas, bem assentadas no chão. Olhou-o novamente, dando um passo adiante, para ficar bem na frente dele.

— Não saia do tapete — avisou, com a voz forte.

— Por quê?

— A energia não está estabilizada dentro de nós. Eles estão fazendo um círculo de proteção, exatamente sobre o tapete.

— Como é possível?

— O quê? — perguntou divertido, agora que o principal perigo se fora, sabendo que ela se referia à transformação deles.

— Como podemos nos tornar animais?

— No processo de nos tornarmos Guardiões, entramos em comunhão com a natureza e no momento da Consagração adquirimos a habilidade de nos transformarmos em leões brancos.

— Isso é incrível. São os leões dos meus sonhos — disse, entendendo finalmente.

— Somos nós... E você também — respondeu, lembrando-a que agora pertencia ao grupo.

— Como voltamos aos nossos corpos?

— Quando a energia do Graal for totalmente absorvida pelo nosso corpo. Não se mexa muito, porque precisa poupar energia para os próximos dias. Isto será extremamente doloroso para seu corpo.

— Por que não me contou antes? — perguntou, com o corpo praticamente junto ao dele. Daniel não se moveu. Gostava daquela proximidade felina.

— Acreditaria? Além disso, não tinha como explicar o processo sem gerar medo e tudo o que não podia sentir era medo.

— Acho que fez bem. Estou me sentindo cansada. Muito cansada — murmurou.

— Sua transformação deve estar terminando.

— E sua?

— Não... meu processo é mais longo. E você vai ter que ficar aqui comigo. Não podemos romper o ciclo de energia.

— O que aconteceria?

— O Graal não se completaria em mim... Teria que passar por outro ritual e não posso. Neste momento meu corpo talvez não aguente.

— Sinto náuseas.

— Já voltou a ser humana — avisou-a, em um murmúrio, vendo-a nua pela primeira vez, sob a palidez da luz que ainda persistia na sala. — Vista sua túnica.

Ela tomou consciência da nudez e em um ímpeto se arrastou para pegar a túnica rasgada. Vestiu-a como pôde e amarrou o cordão para tentar segurá-la de forma a não revelar o corpo.

— Ainda consigo falar com você? — perguntou com os pensamentos mais organizados, sem pronunciar uma única palavra.

— Sim...

— Para sempre?

— Sim, mas não em todos os lugares. Além do mais, há regras para não invadirmos os pensamentos uns dos outros. Depois vai aprender...

— Não me sinto bem...

— Deite devagar, com a cabeça sobre as minhas costas. Vai ajudar se ficar com a cabeça em uma posição mais alta que o corpo. Funciona quando estamos com náuseas. — sugeriu, conhecedor das etapas do processo.

Elizabeth acatou a sugestão. Deitou sobre ele. Pousou a cabeça no pelo macio, abandonada contra ele, naquela fraternidade nova e estranha em que os limites do corpo tinham ultrapassado todas as barreiras plausíveis. Sentiu que a sala tinha parado de girar e ficou muito quieta, tentando controlar a indisposição e as dores crescentes que voltavam lentamente ao seu corpo humano. Adormeceu em cima dele, como se Daniel fosse um leito gigante e macio. Acordou com a voz dele, impregnada de doçura:

— Elizabeth?

Ela abriu os olhos devagar e viu-o vestido, com a túnica quase intacta, resultado de muitos anos de experiência. Respondeu, sem se mexer:

— Não consigo me mover. Estou com muita dor...

Eram três da manhã e estavam todos exaustos. Tinham passado seis horas e aquela havia sido a mais longa transformação de Daniel. Disse, sabendo que mais ninguém teria forças para carregá-la:

— Eu te levo. Vem. Põe os braços em volta do meu pescoço.

Ergueu-a como uma pena e levou-a pelas salas e escadas do Mosteiro até o primeiro andar. Ela encostou a cabeça ao pescoço dele. Aspirou seu cheiro. Gostaria de não estar tão cansada para senti-lo melhor. Encostou os lábios à pele dele, discretamente, quase a beber as pequenas gotículas de suor que se formavam enquanto ele subia as escadas do segundo para o primeiro nível. Daniel estremeceu ao sentir o hálito dela e os lábios quentes, febris, contra sua pele. Estava com os sentidos totalmente despertos. Percebeu o que estava acontecendo e sussurrou, em francês, pedindo que parasse:

— Elizabeth, *arrête*.

— *Non* — rejeitou ela, entre a dor e um impulso de sensualidade.

Estacaram de repente e ela temeu que ele fosse soltá-la, mas tinham chegado ao quarto. Daniel disse com voz forte:

— Alessia, a porta.

Alessia escancarou a porta. Daniel pôs Elizabeth sobre a cama com cuidado, como se ela fosse de vidro. Sabia que a primeira vez era a pior de todas: o corpo inteiro ficava dilacerado. Só começaria a melhorar no terceiro dia, por isso Daniel tinha planejado voltar no dia 13 de janeiro. Mas agora, ao vê-la assim, tinha dúvidas se não precisariam esperar mais alguns dias até ela ser capaz de caminhar de forma segura pelas montanhas cobertas de neve. Aquela era a fase mais frágil do processo: o corpo estava totalmente desprotegido. A vida dela tinha terminado em um mundo e começado em outro.

— Elizabeth, a Alessia vai ajudá-la a trocar de roupa. Se quiser pode tomar um chá, mas ainda não pode comer. Isso iria piorar as náuseas.

— Está bem — respondeu, obediente.

— Amanhã venho vê-la — prometeu.

Ela agarrou a mão dele com o resto de força que tinha:

— Obrigada.

— De nada... — disse, empurrando a lembrança palpitante dos lábios dela para o fundo da memória.

Daniel retirou-se para o quarto e, depois de um longo banho frio, dormiu por mais de quinze horas. Acordou no dia seguinte às seis da tarde. Foi ao quarto de Elizabeth. A porta estava encostada. Empurrou-a ligeiramente, atravessou a antessala e espreitou para a cama. Alessia estava debruçada sobre ela e assim que o viu, parado no umbral da porta, fez um sinal de silêncio com o dedo sobre os lábios. Daniel saiu silenciosamente e esperou por ela no corredor. Ela abraçou-o com carinho e disse:

— Bem-vindo.

— Obrigado. Como ela está?

— Ainda não acordou. Lembra do Dib? Tinha muito mais condicionamento físico e dormiu um dia inteiro.

— Sim... — respondeu, dirigindo-se para a sala.

Todos se levantaram quando Daniel entrou, abraçaram-no, dando as boas-vindas como se ele tivesse chegado de uma longa viagem. E, na verdade, tinha atravessado mundos para voltar ali e sempre era surpreendente renascer: vencer a morte e voltar à vida. Além da alegria por verem Daniel, depois da loucura que tinha feito submetendo-se novamente ao rito, predominava o alívio por Elizabeth ter sido aceita pelo Graal. Era perfeito haver sete

Guardiões consagrados novamente. O poder deles, juntos, era absurdo.

— O que aconteceu ontem? — questionou Kent.

— Achei que devia passar pelo rito com Elizabeth.

— Sabemos disso Daniel. Mas foi uma loucura. Podia não ter voltado — insistiu Kent.

— Mas voltei — respondeu, olhando para Uchoa, encostado à pia da cozinha. — Tem algo para comer? Estou faminto.

— Estrogonofe de legumes, com arroz de pinhões e pêssegos em calda de sobremesa. Serve?

— Tem dúvidas? Claro que serve — respondeu bem-humorado, sentando-se à mesa.

— Como se sente? Ontem foi complicado — comentou Dib, se referindo ao tempo em que Daniel ficou preso ao corpo do majestoso leão branco.

— Talvez tenha a ver com a proximidade do outro ritual e com o fato de agora ser o Supremo. Não sei. Mas tive dificuldade em voltar — confessou, recordando os momentos em que pensou que poderia ficar preso no seu lado felino. Todos sabiam que quanto mais tempo passasse como animal, mais sua humanidade se diluía.

— Você não pode fazer o rito outra vez — frisou Kent tenso, sabendo que não estava pronto para liderar a Ordem se acontecesse alguma coisa com Daniel. Na verdade cada vez menos desejava aquele papel: não se sentia feito para aquilo.

— Agora só daqui a cem anos — respondeu, dando a primeira garfada, com prazer genuíno.

— Está com alguma dor? — perguntou Alessia, colocando um de chá de jasmim junto dele.

— Estranhamente não. Imaginei que hoje não conseguiria levantar, mas meu corpo regenerou-se enquanto dormia. Estou só

um pouco cansado. Tenho dúvidas de que Elizabeth melhore até dia 13.

— E se não melhorar? — indagou Uchoa.

— Eu e Dib ficaremos com ela, mais uns dias, e vocês voltam para São Paulo, como planejado.

Depois do jantar, Daniel foi descansar, mas antes voltou ao quarto de Elizabeth. Ela dormia com a cabeça pousada sobre o braço direito e o esquerdo abandonado sobre o lençol imaculado, entregue a um sono profundo e reparador. Daniel observou a respiração compassada. Ela se moveu levemente, ajeitando a cabeça alguns centímetros no encaixe do braço. Ele continuou ali, silencioso, por alguns minutos, até se afastar devagar com o rosto tenso, abalado por uma perturbação interior.

Elizabeth não sabia quanto tempo havia se passado quando acordou, um dia e meio após a Consagração. Sentou na cama devagar, com o corpo dolorido. Teve dificuldade em se levantar. As pernas cediam sob seu peso.

Lembrou que tinha sonhado novamente com os leões brancos. Eles se confundiam com a cor dourada da savana africana, e corriam fustigados por uma brisa quente e suave, mais parecida com um sopro divino do que com o áspero vento da África. Pela primeira vez, os leões do seu sonho pareciam em paz: livres de ameaças ou terrores. Eram seus irmãos, aqueles com quem atravessaria as noites e o futuro. Reconheceu-os um por um, pelo olhar: Daniel, Dib, Kent, Uchoa, Seth e Alessia.

Pousou as mãos sobre a beira da cama à procura de um apoio para se firmar, quando a porta abriu e Alessia entrou, dizendo:

— Não se mova. Pode cair.

Sentou novamente na cama.

— Onde estava indo?

— Ao banheiro — murmurou, como se até a voz lhe doesse.

— Vou buscar ajuda.

Alessia viu Seth no corredor e pediu que levasse Elizabeth ao banheiro. Ele pegou-a no colo, e depois de esperar por ela na porta, trouxe-a de volta até a cama.

— Seja bem-vinda. Como é que se sente? — perguntou Seth.

— Não há nada que não me doa — respondeu, vendo todos entrarem pelo quarto, em uma espécie de procissão.

— Viemos dar as boas-vindas — disse Dib, beijando-a no rosto, seguido de todos os outros, que a abraçavam com o mesmo cuidado de quem toca em um cristal delicado. No fim da fila, Daniel de braços cruzados olhava a cena, com uma expressão divertida.

— Parece que chegou minha vez — comentou sentando-se na borda da cama, sem cerimônia. Segurou a mão dela e beijou-a na palma. — *Bienvenue!*

— Obrigada. Ontem tivemos uma longa noite.

— Ontem? São três da tarde do dia 11 — anunciou Daniel.

— Estou dormindo há um dia e meio? Não é possível — tentou se erguer da cama.

— Não se mexa. Alessia foi buscar um caldo. Vai comer e continuar na cama.

— Por quanto tempo vou ficar assim?

— Três dias. Mas na primeira Consagração a recuperação pode ser mais longa. Temos que esperar para ver como se sente. Não pode descer a montanha enquanto não estiver totalmente recuperada. — Daniel falou, olhando-a fixamente.

— Mas você já está melhor — replicou ela.

— Meu caso é especial. Tenho uma estrutura diferente.

— Por ser o Supremo?

— Sim. E por fazer isto há muito tempo. — Ele inclinou um pouco a cabeça e percorreu o rosto dela vagarosamente, analisando cada milímetro e cada gesto.

— Aqui está o caldo — anunciou Alessia, interrompendo o exame atento de Daniel. Ele deu o lugar a Alessia. Saiu do quarto, acompanhado dos outros. Seth disse para Elizabeth, antes de fechar a porta atrás de si:

— Se precisar, é só chamar. Nós escutamos.

Ela assentiu com a cabeça. Esforçou-se por engolir o caldo e caiu novamente no sono, para acordar apenas no dia seguinte, ao início da noite.

Assim que ela abriu os olhos, Daniel soube. Lembrou imediatamente dos tempos em que Arturo, antes de abdicar do Graal, impressionava todos com sua capacidade de perceber tudo o que acontecia. Agora estava acontecendo com ele. Apesar de já possuir dons verdadeiramente extraordinários, tornava-se ainda mais perceptivo. Caminhou até o quarto dela. Bateu com o nó dos dedos na porta e ouviu-a, mais firme que no dia anterior:

— Entre — sabia que era Daniel. Também ela começava a sentir a presença dos da sua espécie pelo formigamento no corpo, mas com Daniel tinha uma ligação maior.

Ele abriu a porta e viu-a de pé, apoiada na cômoda, ainda hesitante. Caminhou até o meio do quarto para ampará-la, enquanto chamava com voz possante:

— Alessia.

Em segundos Alessia surgiu na porta.

— Quero tomar banho — pediu Elizabeth.

Alessia ajudou-a a caminhar. Daniel viu-as desaparecer pela porta. Elizabeth parecia mais segura, mas não estaria pronta para viajar no

dia seguinte.

Meia hora mais tarde, quando Elizabeth entrou na sala de jantar, vestindo pela primeira vez a túnica negra com a cruz vermelha, todos a ovacionaram de pé, fazendo com que se sentisse parte da Ordem. Mas ela só tinha olhos para Daniel, e observou-o, enquanto os restantes se dedicavam à preparação do jantar. Na noite da Consagração, soube que haviam criado uma ligação, porém ele mantinha sua tranquilidade habitual, e não demonstrava qualquer emoção especial ou sinal de se recordar do gesto sensual dela, quando a levava no colo pelas escadas.

Daniel disse, sobrepondo-se ao barulho dos pratos e copos que Uchoa distribuía pela mesa:

— Vocês viajam amanhã, mas eu e Dib ficamos com Elizabeth. Viajamos dia 15, se ela estiver pronta. Seth, por favor, altere nossas passagens.

— O.k. — concordou Seth, provando o molho de cogumelos. — Perfeito!

— O jantar está pronto — anunciou Dib, colocando a travessa de massa fresca com manjeriço no centro da mesa.

Elizabeth percebeu que estava faminta. Alessia avisou-a:

— Coma devagar e pouco.

— Mas estou morrendo de fome... — retorquiu.

— Se comer tudo o que necessita vai passar mal, e voltar à cama. Tem que comer pouco. Está se ajustando às mudanças. Você deixou de ser mortal e, além disso, existe algo de animal no seu corpo — disse Dib, com ar professoral, lembrando-a da profundidade da mudança.

— Tome este chá — Seth empurrou uma xícara fumegante com um cheiro forte, na direção dela. — Não é agradável, mas vai ajudar a manter os alimentos no estômago.

Elizabeth deu um gole e fez uma careta, provocando uma onda de sorrisos.

— O que não te mata, te torna mais forte! — replicou, lembrando a expressão que Maria dizia sempre que ela não queria comer algo que fazia bem, mas tinha um sabor horrível.

Agora sabia que a luz divina entrara no seu corpo, virara tudo do avesso e não lhe escapara nada: nem seu desejo carnal por Miguel, nem seu amor impossível por Daniel. E tinha sido aquela mão divina que revirara seus órgãos, reorganizando-os de uma forma que tornava impossível alimentar-se sem que houvesse uma revolta interior. O corpo se ajustaria com o tempo, mas o espírito prometia uma batalha difícil contra aquela fixação por Daniel. E, contudo, o Graal não a tinha rejeitado ou evaporado da face da terra, como era de esperar.

Por mais que se esforçasse não conseguia ignorar a presença de Daniel, absurdamente felina sob a túnica negra. Não compreendia como não tinha percebido antes: talvez a batina tivesse mascarado o erotismo animal que emanava dele. Ela não sabia que aquilo era um efeito da transmutação: Daniel ainda não tinha recuperado totalmente sua faceta humana, e persistiam resquícios do animal que fora, três dias antes. E nela também e, por isso, seu corpo rejeitava a comida — aquela comida. Para o mal-estar passar bastaria que ela comesse carne crua. Mas essa era uma realidade que desconhecia: era o lado negro dos Guardiões, a maldição que precisavam ocultar e combater. Era parte do preço que pagavam: havia a solidão e aquela sede brutal por sangue, que os aproximava da animalidade.

— Queria fazer uma pergunta... — disse Elizabeth hesitante, tentando controlar a fome e o impulso de atirar-se à comida com desespero. Estava travando uma verdadeira guerra contra os

instintos, desconhecendo até onde a poderiam levar. Daniel observava todos os movimentos dela, imaginando o estrago que uma jovem fêmea, com os instintos predatórios descontrolados, poderia fazer no Mosteiro. Preocupava-se com as obras e as relíquias das quais eram Guardiões. Não tinha qualquer preocupação com os outros: todos se defenderiam sem feri-la. Mas até as dores desaparecerem ela corria o risco de se transformar novamente, mediante qualquer estímulo mais forte.

— Sim? — questionou Daniel, depois de engolir uma garfada de macarrão.

— Por que leões?

— Não é uma escolha nossa. Mas faz todo o sentido que os Guardiões sejam leões brancos: são animais sagrados que representam o bem. Os mitos sobre os leões brancos são antigos e estão presentes em quase todas as culturas.

— Mas há outros animais sagrados.

— Não como os leões brancos. Nenhum é mais sagrado. Eles causam terror e admiração. Estão associados à coragem, justiça, poder, sabedoria e triunfo da verdade. O trono de Salomão era ornamentado por leões.

— Por isso me deu o Fabergé com leões... Não foi?

— Sim, foi um presente simbólico — confirmou, com simplicidade.

— Na Idade Média surgiu uma lenda que diz que os leões nascem mortos e ressuscitam três dias depois, pelo sopro do seu Pai. Esta lenda é confundida com a morte e a ressurreição de Cristo.

— Nós também levamos três dias para nos curarmos — comentou Elizabeth, se lembrando do que Daniel dissera.

— Exatamente. Entre os cristãos, os leões brancos são os anjos que espalham a palavra de Deus e guardam os segredos. Alguma semelhança? — insistiu Daniel, divertido.

— A lenda é sobre nós.

— Não. Nós somos a lenda. As lendas — repetiu categórico, deixando cair as palavras no silêncio calmo da sala.

Nessa noite, Elizabeth dormiu com fome. Acordou às três da manhã pronta para devorar o mundo e quando abriu a porta do quarto estacou surpresa: Daniel estava à sua espera.

— Como sabia? — perguntou Elizabeth, desesperada.

— Fome? — questionou, sem responder. Em breve ela descobriria que todos tinham a habilidade de sentir parte do que acontecia com os outros.

— Sou capaz de engolir qualquer coisa...

— Venha. Vou preparar um lanche para você.

Fez um prato de iogurte com cereais leves e vários frutos secos.

Aconselhou:

— Coma devagar.

Nesse momento Dib apareceu na sala:

— Tudo controlado, certo?

— Não — respondeu Daniel, fazendo um gesto com a cabeça em direção a Elizabeth. Ambos viram como as veias dela se dilatavam e os olhos brilhavam de forma mais intensa. Sentaram junto dela, um de cada lado. E ali ficaram até que ela terminasse de comer:

— Mais — disse, com uma gota de iogurte brilhando no lábio superior. Daniel pegou no guardanapo e limpou a boca. De repente, ela se atirou em cima dele: os braços se projetaram para diante e o corpo criou o impulso necessário para o salto. Mas Daniel estava preparado e abraçou-a na queda, pegando-a por trás, com o braço fechado sobre o pescoço, forte o suficiente para imobilizá-la sem ferir. Em segundos a sala se encheu de Guardiões. Daniel continuou com o braço fechado até senti-la relaxar o corpo tensionado.

— Elizabeth — chamou com a boca encostada ao seu ouvido. — Elizabeth!

— Que aconteceu? Não consigo respirar — queixou-se deitada no chão, percebendo que Daniel a segurava. Ele afrouxou o braço musculoso, mas não a soltou totalmente. Dib avaliou as nuances dos olhos dela.

— Pode soltar Daniel — afirmou Dib, seguro de que ela estava mais tranquila.

— Estou com tanta fome — disse Elizabeth, levantando do chão.

— Sabemos. Uchoa vai preparar mais um prato de cereais... — respondeu Daniel, de pé, se posicionando atrás da cadeira onde ela havia se sentado.

— Não... Quero carne. Eu preciso — insistiu já sentada, com a cabeça apoiada entre as mãos.

— Somos vegetarianos, lembra? Não comemos nenhum ser vivo.

— Mas é só no que consigo pensar. Meu corpo precisa de carne — disse, se voltando para trás, olhando diretamente para Daniel. Ele viu os seus olhos turvos adquirirem novamente o brilho felino do animal que agora era parte dela. Pôs as mãos sobre o pescoço, com firmeza, baixou-se e disse delicadamente:

— Agora vai comer cereais. Coma, Elizabeth.

Ela olhou para o prato que Uchoa colocara à sua frente, e sentiu náuseas. Não era aquilo que queria. Mas as mãos firmes de Daniel empurravam-na para baixo, e mantinham sua cabeça voltada para o prato.

— Não — respondeu ela tentando dar um salto para se libertar, como um animal enjaulado. Ele apertou um pouco mais seu pescoço e a manteve imóvel.

— Coma. Seu corpo vai melhorar. Esses são alimentos preparados para diminuir sua ansiedade e agressividade. Coma, Elizabeth.

Apesar de Daniel não fazer esforço, ela sentia que havia uma tonelada sobre seu pescoço. Não conseguia erguer a cabeça. Pegou a colher e levou-a à boca devagar, combatendo as náuseas. Limpou o prato, colherada após colherada. Daniel foi afrouxando o peso sobre ela. Quando ela terminou, ele soltou-a lentamente, vigilante. Sentou-se ao lado dela, estudando-a com olhos perspicazes, como vinha fazendo desde a noite da Consagração.

— Por que me sinto assim?

— Ainda tem muita fome?

— Sim — respondeu mais calma, embora só conseguisse pensar em se alimentar.

— Seth, a infusão está pronta?

— Aqui está — respondeu, entregando uma xícara fumegante, com estranhas ervas.

— Beba, Elizabeth — ordenou Daniel, levando a xícara junto aos lábios dela e afastando uma mecha de cabelo do seu rosto. Ela deu um trago e as náuseas voltaram.

— Não consigo.

— Consegue sim. Beba — insistiu.

Quando ela terminou, sentiu o corpo acalmar e a racionalidade voltar. Tinha a sensação de ter estado em um lugar escuro, mas não se recordava muito bem. Finalmente todos se afastaram, desfazendo o cordão humano que haviam formado em volta dela.

— O que aconteceu?

— São quase quatro da manhã. Vamos descansar mais uma hora, porque eles têm que viajar daqui a pouco. — Lembrou Daniel apontando em direção a Seth, Uchoa, Kent e Alessia.

Ela levantou da cadeira e quase caiu. Daniel amparou-a e levou-a no colo até a cama, totalmente adormecida, sob o efeito anestésico do chá. Alessia cobriu-a e comentou:

— Deve ter sido o último ataque, não?

— Talvez... É o terceiro dia. Vamos ver como ela acorda. Acho que vai dormir o dia todo.

25. A traição

*É preciso ter demasiadas ilusões para se desejar o poder,
demasiada vaidade para se desejar a glória.*

Marguerite Yourcenar (1903-1987)

Miguel percebeu, mesmo estando a milhares de quilômetros de distância, que Elizabeth se tornara uma Guardiã. A quantidade de energia liberada em um evento raro como aquele atravessava o planeta como uma excepcional descarga de eletricidade.

Saber que agora ela era uma Guardiã tornava-a ainda mais preciosa. Única. Estava apaixonado, mas não pretendia abdicar dos seus planos. Pelo contrário: sua paixão por ela abriu novas possibilidades. Se antes ela era uma forma de chegar ao Mosteiro, agora era isso e muito mais. E, contrariamente ao que os Guardiões podiam imaginar, nunca equacionou a possibilidade de assassiná-la. Sabia como manter-se jovem e não precisava dela para obter a imortalidade. Ele tinha outros planos: menos dramáticos, porém, bem mais maquiavélicos.

Miguel não gostava de alterar seus planos depois de traçados. Mas seu sentimento por Elizabeth era importante demais para continuar

a farsa de trazê-la para a Irmandade da Fênix sob o pretexto de descobrir o passado ou futuro, para redimi-los das suas tragédias pessoais. Miguel alcançara o objetivo inicial, de se aproximar de Elizabeth. Pediu que Tereza marcasse uma reunião para encerrar de vez o assunto de Elizabeth. Não precisava deles para aquele caso, mas reconhecia que cumpriam sua missão, dando credibilidade à Irmandade através do trabalho humanitário. Lembrou das viagens que fez pelo mundo, deixando trilhas de sangue, dizimando pessoas e animais nas suas caçadas, sem que suspeitassem dele. O que mais o divertia era a tentativa posterior das pessoas racionalizarem o inexplicável: em geral atribuíam poderes sobrenaturais à criatura que comia os homens. Falavam de um leão branco que seria descendente dos próprios deuses e havia descido à terra para puni-los.

A reunião foi marcada para 13 de janeiro, e ele sabia que ninguém se atreveria a contrariá-lo. Miguel tinha os traços dos homens que querem igualar-se aos deuses sem, no entanto, possuírem qualquer das suas virtudes. Sua ira era uma forma de instrumentalizar o poder, mostrar sua força e a capacidade de destruir qualquer um que se atrevesse a enfrentá-lo.

Kent, Uchoa, Seth e Alessia voltaram para São Paulo, enquanto Daniel e Dib continuavam esperando que Elizabeth melhorasse, vigiando seu sono e as alterações do seu corpo.

No início da noite ela acordou, com memórias fragmentadas dos últimos dias. Olhou em volta e percebeu o silêncio — não um silêncio qualquer, daqueles que acontece entre uma coisa e outra, mas um silêncio compacto, que preexiste a tudo. Levantou,

atravessou o quarto, descalça, e tomou um banho, deixando a água massagear o corpo ainda dolorido.

Ouviu Daniel e Dib, e seguiu as suas vozes até a sala. Dib estava cozinhando um aromático *curry* de legumes, que impregnava tudo. Daniel cortava finamente algumas frutas em calda para colocar em cima da torta doce que tinha preparado. Elizabeth cumprimentou-os com um beijo no rosto e pegou em um copo de água, que bebeu em pequenos goles. Dib perguntou:

— Dormiu bem?

— Sim, obrigada. E os outros?

— Já desceram.

— Então suponho que dormi mais um dia, é isso? — disse, sorrindo.

— Dia 13 de janeiro... Seis da tarde — comentou Dib, sorrindo de volta.

— Só dormi desde a noite da Consagração.

— Acho que agora está recomposta. Não é, Daniel? — perguntou, virando-se ligeiramente para Daniel que continuava fatiando as peras e lichias com a perícia de um chef.

— Sim. Imagino que esteja com fome. O jantar estará pronto em dez minutos. Ou quer comer alguma coisa já?

— Não... Estou com fome, mas espero.

Daniel distribuiu as frutas brilhantes pelo efeito da calda açucarada, sobre a torta. Passou água gelada pelas mãos e secou-as com a toalha. Colocou a sobremesa estrategicamente sobre a mesa enquanto Dib arrumava o arroz branco em uma travessa e o *curry* em outra — belíssimas louças do século xv, das oficinas italianas de Faenza e Urbino.

Jantaram em silêncio, saboreando a comida devagar. Elizabeth ficou saciada e depois da sobremesa achou que aquela tinha sido a

melhor refeição da sua vida. Ofereceu-se para lavar a louça, mas Dib não aceitou:

— Descanse. Precisa de toda a energia para se regenerar completamente e podermos viajar.

— Quando voltamos? — perguntou para Daniel, que estava guardando as comidas e louças.

— Depois de amanhã. Talvez. Depende de você.

— Já me sinto bem.

— Ainda tem dores — afirmou Daniel, profundo conhecedor do processo. — Não pode descer a montanha assim. É muito arriscado. Temos que esperar.

— Só quando não sentir dores é que posso descer?

— Sim, mas agora o processo é rápido. Depois de amanhã já deverá estar recuperada — disse Dib, da cozinha. — Estou preparando um chá para você, Elizabeth.

— Outro chá? Cada vez que bebo chá durmo um dia inteiro.

— Este não é para dormir — respondeu Dib, rindo. — É só para o espírito.

— Jasmim? — perguntou Elizabeth.

— Flor de jasmim — corrigiu Dib, com preciosismo.

— Perdoe-me a incorreção — brincou.

Daniel interrompeu a conversa e disse, afastando-se em direção aos quartos:

— Vou descansar. Tenham uma noite tranquila.

Dib e Elizabeth seguiram-no pouco depois de terminarem o chá. Ela ainda se sentia cansada e com o corpo moído, embora não fosse nada comparado aos dias anteriores.

Em São Paulo, Miguel chegou à reunião da Irmandade com alguns dossiês de papel debaixo do braço. Deu início à sessão, sem demora, sentindo que havia alguma tensão no ar.

— Acredito que já sabem que Elizabeth saiu da UniTouch... — disse, olhando para Tereza e Penafor, as duas pessoas que poderiam ter transmitido aquela informação ao resto do grupo.

— Sabemos — confirmou Frederico. — A questão é o que iremos fazer agora.

— Você ficou de trazer Elizabeth para junto de nós, não foi Miguel? Foi um compromisso seu, se bem me lembro — disse Tereza, provocando-o até o limite possível. Miguel olhou-a divertido e respondeu tranquilamente, com os lábios estendidos em um sorriso sensual:

— Verdade. Eu não a trouxe para junto de nós, mas para junto de mim. Lamento.

A sala mergulhou no silêncio. Tereza irritou-se. O final do ano deixou um rastro de novas promessas e ser mais feliz era um desejo que parecia depender exclusivamente dela. Iniciara um tórrido romance com Penafor, mas Miguel ainda continuava latente como um vírus pronto para atacar, quando as condições o permitissem. E ali estavam as condições: a clara expressão do desejo dele por outra mulher, depois de ter esperado uma década em vão. Penafor interveio, sentindo-se ludibriado, como todos os outros, e embora estivesse alheio ao que se passava dentro de Tereza, sua intervenção acalmou-a.

— Você se aproximou de Elizabeth, e nós ficamos sem descobrir o que pretendíamos.

Miguel começou a folhear os dossiês e respondeu, surpreendendo-os:

— Não. Todos terão o que queriam. Frederico, aqui estão os nomes das pessoas que o torturaram quando esteve preso durante a ditadura e este — apontou o nome sublinhado a vermelho — foi quem o denunciou.

Instantaneamente, todos ficaram paralisados. Frederico estendeu o braço devagar para pegar o dossiê. Miguel deixou-o ler os nomes. Um ou outro eram nomes familiares, gente que Frederico conhecia, encaixados na normalidade, como se nada tivesse acontecido e eles nunca tivessem torturado ou denunciado ninguém durante a ditadura no Brasil. Miguel continuou:

— Georgia. A localização do capitão que a manteve prisioneira por três meses — lembrou, provocando um tremor no corpo dela pelas memórias violentas. Em 1998, durante o sangrento conflito no Kosovo entre o ELK (Exército de Libertação do Kosovo), um grupo paramilitar de origem albanesa, e os sérvios comandados por Milošević, a família de Georgia foi assassinada e ela foi prisioneira de um capitão de Milošević, que a atacou diariamente.

— Obrigada — foi tudo o que conseguiu dizer. Tinha esperado tanto tempo por aquilo, imaginado milhares de maneiras de fazê-lo pagar, sofrer. E agora não sabia o que fazer.

— Penafor. A pessoa que matou seu pai. Acidentalmente — enfatizou Miguel. Penafor deu a volta à mesa e recebeu o dossiê com os maxilares apertados, sem saber se era desespero ou alívio. Agora teria que fazer alguma coisa, já não se tratava daquele fantasma distante que levara seu pai. O fantasma tinha nome e rosto. Deixou desabar o corpo na cadeira, em um movimento contínuo. Ficou em silêncio dando voltas ao dossiê, sob o olhar tenso de Tereza.

Miguel continuou:

— Ambrósio e Kami: ninguém pode devolver o que vocês perderam. As pessoas não voltam. Infelizmente — disse, como se pensasse em alguém específico. — Precisamos aprender a viver com suas perdas. Não sei se Elizabeth poderia lhes dar alguma esperança. A verdade é que a redenção que buscam não existe fora de vocês. São vocês que têm que se salvar. É simples.

Tanto Ambrósio quanto Kami haviam perdido suas famílias de forma violenta.

Ambrósio apaixonara-se por Nanaia, uma professora tutsi, em Ruanda, mas em 1994 eclodiu o mais violento conflito entre as duas etnias dominantes: os hutus, criadores de gado, e os tutsis, agricultores. Esse conflito, iniciado por extremistas hutus, foi responsável pela chacina, com golpes de machado e catana, de oitocentos mil tutsis e hutus moderados. E Nanaia, grávida de seis meses, foi assassinada, com vinte e sete golpes.

No caso de Kami, a desgraça veio de dentro da sua própria casa. Ela conheceu John Stuart no Havaí, onde morava. Casou com ele aos dezoito anos, e tiveram duas filhas. Anos depois, John começou a beber e tornou-se violento. Kami decidiu deixar a ilha com as filhas, mas ele descobriu e, num ataque de fúria, matou as filhas a tiro, baleou Kami e suicidou-se. Kami se recuperou depois de um mês em coma, mas nunca mais foi a mesma.

— Como conseguiu isto? — perguntou Georgia, com a pasta aberta à sua frente.

— Não importa — respondeu Miguel, sem revelar que contratara investigadores, e estava na posse daquela informação havia um par de anos, aguardando o momento certo. — Era o que queriam, por acharem que daria paz a vocês. Está aí. E o que farão é um problema das suas consciências: podem fechar o ciclo com o perdão ou com a vingança. Vocês é que sabem.

— Tudo o que procurei, está aqui. Na minha mão — enfatizou Penafor, incrédulo.

— Mas agora você tem outra coisa, Penafor — disse, com um toque de sadismo. — Tem Tereza. Podem começar uma vida. Este momento da decisão é crucial. Vai definir quem são.

Tereza observou-o, sem saber se ele estava sendo irônico ou não. Mas Miguel parecia indiferente a tudo, e com um gesto natural, preparou o fim da reunião. Ela gostaria de saber se ele amava Elizabeth. Mas não podia perguntar, e também não queria mexer naquela ferida, ainda mal cicatrizada. Precisava ficar ao lado de Penafor naquele momento.

No dia 14 de janeiro aconteceu o encontro entre Bardas e Queiroz. Eles se cumprimentaram como se estudassem um adversário com quem travariam difíceis batalhas. Mas depois dos momentos iniciais, pareceram se reconhecer sob a superfície polida do profissionalismo, e começaram a falar como velhos amigos, usando jargões similares e o mesmo tipo de raciocínio, um guiando o outro em cada caso: Bardas contando os detalhes do “caso das relíquias” e Queiroz os do “caso do padre”, como era conhecida a investigação sobre o assassinato de Bento. O encontro deu-se no pequeno gabinete de Queiroz, recém-reformado. Queiroz, avesso a gastanças do dinheiro público e defensor da parcimônia, mandara demolir seu gabinete imenso e fazer salas maiores para os seus detetives. Essa foi a última história que correu na cidade, à boca miúda, engrandecendo-o aos olhos da população, até o dia em que alguém contou o caso na internet e transformou Queiroz em celebridade. Agora, em certos lugares por onde passava, parecia um candidato em campanha eleitoral. Por essa razão não tinha ido

receber Bardas no aeroporto, mas pediu a um motorista da Polícia que fosse. Bardas agradeceu a gentileza, especialmente após uma viagem tão longa. E aquele fato já pesou positivamente na avaliação que fez de Queiroz antes mesmo de conhecê-lo.

Ao longo do dia, se aproximaram bastante e Bardas notou que Queiroz era muito mais sistemático do que ele, e isso, na área da investigação, era uma excelente notícia.

Saíram do Mosteiro às oito da manhã, sob o efeito tardio dos primeiros raios de luz do inverno, que teimavam em atravessar as nuvens espessas. Caminharam devagar, com Elizabeth entre Daniel e Dib. A descida era mais perigosa que a subida: qualquer tropeço poderia ser fatal e atirá-los para uma queda terrível.

Elizabeth sentia-se mais forte. Achava que tinha ganhado poderes de supermulher e esforçava-se para controlar a força, que aumentava gradualmente. Naquela manhã, quebrara a xícara de chá sem querer ao segurá-la com a mão.

A descida levou mais tempo que a subida, dias antes. Pararam duas vezes para tomar chá quente, que levavam nas pequenas garrafas térmicas, e comer barras de frutos secos e mel, preparadas por Daniel na véspera.

Chegaram à base da montanha quase ao fim da tarde. Os bascos do aconchegante albergue esperavam por eles com uma refeição nutritiva: uma sopa de legumes encorpada com massa recheada de queijo. Eles comeram, trocaram de roupa e seguiram para Madri, no jipe que ficara estacionado na parte de trás do albergue.

Horas depois, quando entraram no aeroporto, Daniel estranhou a presença insistente de um homem que se posicionou próximo deles, e os seguiu até ao check-in. Podia ser uma coincidência, embora

essa palavra estivesse banida do vocabulário de Daniel. Mas sua estranheza inicial se transformou em preocupação ao perceber que o homem seguia no mesmo voo que eles, e estava sentado a poucas cadeiras de distância. Falou baixo para Dib, aproveitando a ida de Elizabeth ao balcão de doces:

— Temos problemas.

— À direita, não é? — respondeu Dib, impressionando Daniel pela sua atenção aos detalhes.

— Acho que é conosco. Tem uma tatuagem na parte de trás do pescoço — avisou Daniel.

— Também vi, mas não consegui perceber o que era...

— Descobrimo a tatuagem, podemos saber quem é. Passe por trás dele — sugeriu Daniel.

Dib foi ao encontro de Elizabeth, escolhendo um percurso que lhe permitiu passar por trás do desconhecido. No balcão, onde Elizabeth se encontrava, perguntou, ao ver a quantidade de doces que ela estava comprando:

— O que foi?

— Não sei. Nunca senti essa necessidade de comer açúcar — justificou-se, preocupada.

— Tem a ver com as mudanças do seu corpo — justificou Dib, enviando uma mensagem pelo celular, para Daniel. — "*Gato.*"

— E vai ser sempre assim? — perguntou Elizabeth, baixinho.

— Não. Só em certas épocas, quando tiver que... — hesitou à procura das palavras — assumir sua nova personalidade.

— E com que frequência isso acontece?

— Temo que seja uma frequência excessiva. No entanto, uma vez por ano terá que libertar essa... personalidade — informou baixo. — Depois explicamos como lidar com isso.

— Que trama interminável de segredos — reclamou.

— O segredo é...

— ...a alma do negócio — Elizabeth completou o ditado popular, com um sorriso.

— Não. O segredo é o nosso negócio — corrigiu em tom de brincadeira, segurando-a pelo braço para guiá-la de volta à cadeira. Mas ela despreendeu-se suavemente:

— Vou comprar bolachas ali... — disse apontando para a loja da frente.

— Traga um pacote para mim também — respondeu, caminhando de volta, para junto de Daniel. Assim que se sentou Daniel disse, entredentes:

— Um gato. Pode significar tanta coisa, mas pelo estilo dele parece ser da Máfia do Leste.

— Por que essa hipótese entre tantas?

— Bardas estava investigando a ligação entre MacGee e um russo, Vladimir Botkin.

— Lembrei. Então neste caso o gato significaria que ele é um ladrão.

— Exatamente. Vou mandar um e-mail para o Bardas. Ele já está em São Paulo com o Queiroz. Se for a Máfia não queremos nada com eles. Isso é assunto de polícia. Voltamos à divisão básica das tarefas: a nós os segredos, à polícia os corpos e à igreja as almas — resumiu Daniel com ironia.

— Acho bom— respondeu Dib, se dirigindo à loja onde Elizabeth estava, assim que viu o homem com a tatuagem do gato levantar-se. Dib e Elizabeth voltaram algum tempo depois com um saco cheio de bolachas e outros doces.

Enquanto isso, Daniel mandou um e-mail detalhado a Bardas:

Sáímos de Madri às 00h40m, no voo 992 da Ibéria. Chegaremos a São Paulo às 06h30m — horário local. Acredito que somos seguidos por um sujeito do Leste europeu, com um gato tatuado na parte posterior do pescoço. Talvez fosse interessante investigar. Não se preocupe com a nossa segurança, concentre-se nele: um metro e oitenta, cabelo loiro, olhos azuis, uma cicatriz de dois centímetros sobre a sobrancelha direita, jeans escuro, pulôver verde-escuro, casaco de pele castanho e botas pretas. Em anexo, a foto.

Daniel

Em seguida telefonou para Kent:

— Podemos ter problemas, com um desdobramento dos acontecimentos da Casa do Lago.

— O que temos que fazer?

— Preciso de dois carros no aeroporto: um para nós e outro para proteger nossa retaguarda.

— Lá estaremos.

— Obrigado Kent.

A viagem foi tranquila, exceto por uma pequena turbulência a meio do caminho. O russo, como o chamaram por questões de conforto, foi sentado na traseira do avião e não se moveu durante o percurso. Daniel e Dib revezaram-se para dormir, de forma a não deixar Elizabeth desprotegida em momento algum, embora ela fosse sentada junto à janela, com Dib ao seu lado, bloqueando qualquer pessoa que tentasse chegar até ela.

Ela preferia que Daniel tivesse ficado ao seu lado, mas ele parecia não fazer a menor ideia sobre os sentimentos dela, comportando-se friamente, quase de forma britânica. Ela desconhecia que Daniel se

mantinha distante por sentir-se cada vez mais atraído por ela, e precisar manter as suas emoções controladas.

Desde que se aproximara de Elizabeth, Miguel pensava mais em Arturo e na forma infeliz como a relação deles terminara, centenas de anos antes.

Tudo começou quando ele defendeu que o cargo do Supremo devia ser rotativo. Acreditava que cada um dos originais, que viveram em Montségur — Arturo, Daniel e Miguel —, deveria ser Supremo por cem anos, para que todos vivenciassem o conhecimento pleno, acessível apenas ao Guardião máximo. Mas Arturo e Daniel defendiam a antiga lei, herdada dos Guardiões iniciais, que previa um único Supremo, substituído apenas em caso de morte. Miguel argumentava que a lei foi escrita antes da Consagração e, portanto, da imortalidade.

Arturo era o Supremo desde 1244, quando deixaram Montségur, e era respeitado pela sua sabedoria. Ele sempre fora o mais sábio, e sabia o que fazer e o que dizer em todas as ocasiões. Depois da Consagração, quando se tornou visivelmente mais iluminado, os sentimentos de Miguel mudaram. A admiração transformou-se em inveja, uma sensação que lhe causou inquietação e sofrimento. Desejava o lugar de Arturo: queria ter acesso aos segredos absolutos do Graal e controlar a Chave dos Segredos. Porém, antes dele, havia Daniel, o segundo na hierarquia. Além do desejo pelo poder, Miguel também se cansara das rigorosas regras e desejava ser livre, com uma frequência crescente.

Quando notou a presença das sombras era tarde demais. No dia em que Miguel, em vez de ajudar Arturo, sentiu prazer com seu sofrimento, a trajetória deles se alterou.

Miguel saiu da Ordem no dia 13 de agosto de 1307, dias antes dos tesouros serem transferidos para o Mosteiro, cuja localização, na época, era conhecida apenas por Arturo e De Molay, o grão-mestre Templário. Exatamente dois meses depois, a 13 de outubro, aconteceu a prisão dos Templários, e embora ninguém tivesse provado qualquer relação entre a saída de Miguel da Ordem e a queda dos Templários, muitos tinham aquela dúvida latente.

Ao abandonar a Ordem, Miguel levou algumas das relíquias. Primeiro, tentou apropriar-se do “Pergaminho da Luz”, mas assim que tocou nos textos, uma chama queimou a mão direita. E, desde então, sempre que tentava entrar em um espaço sagrado, sua mão ardia como se o fogo divino queimasse sua carne, provocando uma dor insuportável. Além disso, ao transformar-se em leão, sua pata ficava negra, para recordar o pecado que havia cometido.

Embora Miguel não tivesse levado os textos, roubou o Cálice e o Anel de Salomão, dois dos objetos graúcos, e vendeu-os por um preço absurdo, dando início a uma fortuna que só aumentaria com o passar dos anos. Levou também três páginas do Códice Giga. Não sentia remorsos nem era assolado por qualquer resquício de culpa. Para ele, tinha sido um gesto necessário, de sobrevivência — nem bom, nem mau. Naquela época, acreditava que as relíquias pertenciam ao mundo, embora pensasse que tinha “jogado pérolas aos porcos”, porque nenhum dos seus proprietários descobrira a grandiosidade e magnitude das revelações que encerravam. Aquilo o fazia desprezar ainda mais a falta de inteligência da humanidade.

Bardas compartilhou o e-mail de Daniel com Queiroz, que enviou policiais para o aeroporto, com instruções de seguirem o russo, e fotografarem todos com quem ele fizesse contato.

Durante o almoço, à frente de um fabuloso bife à parmegiana, Bardas revelou a teoria que ganhara força na sua mente, e na qual vinha se debruçando com afinco.

— A verdade, Queiroz, é que os tais objetos que estão sendo caçados pela Europa têm algo místico. Verdadeiros ou não, eles são a razão desta matança desenfreada.

— Correto. Só não compreendo como o padre se encaixa nisso — resmungou Queiroz, enquanto enfiava uma garfada de arroz branco na boca.

— Também não sei. Se não fosse o veneno, diria que são casos diferentes. Mas vamos por partes, que chegaremos lá. Então, os objetos estão por trás disto. O Núcleo Europeu Contra o Crime Organizado, do qual faço parte... já disse, não é?

— Sim, sim...

— Bem, o Núcleo está investigando um grupo violento da Máfia russa, responsável por traficar arte, e que deixa um rastro de sangue por onde passa. Com a crise e a contínua derrocada do Leste europeu, o crime é um mercado em expansão.

— Mas quem compra, se há crise? — indagou Queiroz.

— É uma lógica perversa. Quem compra não está em crise. É um investimento seguro. E eu acho, cada vez mais, que tudo isto está ligado a esse grupo. Talvez seja uma facção mais sofisticada de assassinos e ladrões, que trabalhe para o grupo.

— E a presença de MacGee na Casa do Lago?

— Tem que compreender que, se eles andam caçando obras de arte, Arturo era um alvo perfeito. E com a morte dele, sobrou Elizabeth, a herdeira. Claramente MacGee não esperava encontrar resistência na sua aproximação da casa, ou talvez estivesse apenas fazendo uma avaliação inicial. O certo é que estava muito ferido e se

matou para não falar, o que também faz parte do código sanguíneo da Máfia.

— E escolheu o veneno da KGB — comentou Queiroz, ajudando Bardas a compor o cenário.

— Sim... O crime organizado do Leste é formado por muitos dos antigos agentes das polícias secretas. Gente fria e impiedosa — disse, sacudindo a mão, com a expressividade espanhola.

— Completos psicopatas — acrescentou Queiroz, sem meias palavras, chamando o garçom para pedir mais uma água.

— A questão é que eles estão atrás de alguma coisa que agora pertence a Elizabeth Blanchefort, e não vão descansar até conseguir. O que significa que ela está em risco.

— Ajudaria se soubéssemos o que é!

— Certamente... Mas ela herdou uma fortuna incalculável em obras de arte. Uma pequeníssima parte está em Puebla de Sanabria. A maioria está em bancos na Suíça, fora o que está aqui no apartamento de São Paulo e, talvez, noutras cidades. Neste momento, acredito que os assassinos querem algo muito valioso, que deve estar fechado em algum banco. Então vamos ter que resolver o caso sem sabermos qual é o terceiro objeto...

— Pensando bem, não faz falta. Estamos seguindo o russo — afirmou Queiroz, pragmático.

— O que me leva a outro assunto: o MacGee tinha um associado, Vladimir Botkin. E veja o que acabei de receber: comparando a foto enviada por Daniel, com a que foi tirada pelo seu agente, esta manhã no aeroporto, e a que acabei de receber dos nossos arquivos... — disse Bardas, mostrando as fotografias no celular.

— São a mesma pessoa. Agora não nos restam dúvidas que estão atrás de Elizabeth. Tenho que mandar gente para lá... — afirmou Queiroz.

— Não — rejeitou Bardas, movendo a mão para enfatizar sua opinião. — Eles não querem.

— Eles quem?

— Kent, Daniel e mais alguns amigos de Arturo. Ela é protegida deles, e não tem nenhum familiar. Eles eram amigos do pai...

— Mesmo assim vou perguntar ao Kent se precisam de algum reforço. E nós vamos nos concentrar no Vladimir — após uma breve pausa, murmurou pensativo: — Ainda não sei como se enquadra o padre Bento em tudo isto.

— Talvez devêssemos pensar que mataram Bento pela proximidade com Elizabeth. Como um aviso. Eles eram muito próximos — adiantou Bardas, como se pensasse em voz alta.

— Ele seria o equivalente a um familiar dela, já que ela não tem ninguém — disse Queiroz, tentando acompanhar a hipótese de Bardas.

— Sim... Nos casos da Europa mataram várias pessoas da mesma família.

— É uma hipótese interessante, mas não explica a facada no coração depois de Bento morto.

— Explica sim: simbolicamente é um aviso.

— Não um aviso de que irão atacar o coração da Igreja, como diz Camaratte, e sim um aviso de que podem atingir Elizabeth — deduziu Queiroz, embora ainda não estivesse convencido.

— Talvez seja necessário pensarmos mais sobre isto — sugeriu Bardas, também reticente.

— Concordo — disse Queiroz, pagando a conta.

O celular tocou com insistência. Elizabeth soltou o livro em cima do sofá e atendeu. Desde que voltara do Mosteiro, pensava em ligar

para Miguel. Agora não havia como adiar mais.

— Miguel — disse, em tom de cumprimento.

— Você está bem? — perguntou, mostrando que aquele era o real motivo para telefonar.

— Dentro do possível. Ainda estou absorvendo informação...

— Imagino. Compreende que eu não tinha como explicar nada, não é?

— Sim — afirmou ela, em uma conversa que só os dois pareciam compreender.

— Só queria saber como está. Acredito que necessite de tempo.

— Necessito sim... Mas quero entender como é que você consegue...

Miguel interrompeu-a, sabendo que ela iria perguntar como ele mantinha sua juventude sem a Consagração:

— Não vamos falar sobre isso ao telefone. Quando estiver melhor, jantamos. O que acha?

— Sim, mas não sei quando será. Não posso sair de casa.

— Por quê? — perguntou preocupado.

— Parece que há um assassino interessado em mim.

— Um assassino? — Miguel ficou surpreso.

— Da última vez que estive em Puebla de Sanabria, apareceu lá um homem que acabou por se suicidar. A polícia descobriu que ele está ligado a uma série de assassinatos motivados pela busca de duas relíquias: o Cálice de Cristo e o Anel de Salomão. Sabe do que falo, não é? — perguntou, insinuando que Miguel tinha aquele conhecimento por ter sido um Guardiã.

— Sei exatamente do que fala — respondeu com a voz séria. — E o que é que o assassino pode querer de você, já que não possui nenhuma das relíquias?

— A teoria é a de que ele quer algum outro objeto valioso.

— Que objeto?

— O punhal com a esmeralda — disse, após uma breve hesitação, esperando que Miguel entendesse o que aquilo significava.

— Sei... — murmurou sem compreender como alguém podia estar à procura das relíquias e também do punhal. Pouquíssimas pessoas sabiam que Arturo tinha ficado com o punhal, e só ele conhecia seu poder. Aquelas informações deixaram-no em estado de alerta.

— E além do incidente da Casa do Lago, fomos seguidos de Madri até São Paulo, por um homem que parece ser da Máfia do Leste Europeu.

— Máfia? — perguntou, genuinamente surpreso.

— É um homem que está ligado ao que foi à Casa do Lago e parece fazer parte de um grupo da Máfia dedicado ao tráfico de obras de arte. É confuso?

— Não. Por que não me contou isto antes? — quis saber, cada vez mais preocupado.

— Não o conhecia o suficiente... — justificou, dando a entender que além de não saber quem ele era, também não confiava nele. — E há muita gente envolvida...

— Sei que há, mas a Máfia tem um código próprio: é cruel e determinada. Se as pessoas estão marcadas, eles caçam até o fim. Podem prender esse assassino, mas virá outro, e mais outro, até eles conseguirem o que querem.

— Eu sei. Por isso não saio de casa, até resolverem o caso.

— Quem vai resolver o caso?

— A polícia já sabe quem são. Estão tentando estabelecer quais as conexões, aqui no Brasil.

— Então já têm pistas? — perguntou, assimilando rapidamente a informação de que um dos criminosos estava no Brasil.

— Sim.

— Menos mal. Não saia mesmo de casa. Eu telefono para saber como está.

— Sim... — acatou, com um sorriso na voz.

Ao desligar o telefone, Miguel ouviu um clique quase imperceptível, que poderia ter passado despercebido em outra ocasião, mas não naquele momento, depois da conversa que tivera com Elizabeth. Teve certeza que alguém estivera escutando o diálogo e tinha desligado um segundo antes dele. Levantou da cadeira e atravessou o escritório rapidamente, com uma intuição terrível. Quando chegou à sala que antecedia a sua viúva Tereza e Antônia sentadas, concentradas no computador e com o pequeno *headset* posicionado sobre os ouvidos e a boca. Era difícil saber se alguma delas tinha escutado sua conversa, mas ele sabia que tinha sido descuidado, e que não devia ter usado o telefone da empresa para falar com Elizabeth. Ficou irritado por ter cometido aquele erro de principiante. E se alguém ligado àquele caso tivesse ouvido aquela conversa?

Começou a analisar a situação. Saiu do escritório, sem avisar ninguém. Tereza tentou segui-lo para perguntar aonde ia, mas ele ignorou-a. Entrou no carro e dirigiu sem rumo por algum tempo, até a solução se agigantar dentro dele. Tomou uma decisão inusitada. Algo que jamais pensara fazer em toda sua vida. Engoliu o orgulho e a raiva. Fez a chamada, com as mãos completamente crispadas e o maxilar tenso. Quando ouviu a voz do outro lado da linha, tremeu ligeiramente, mas continuou fiel ao seu propósito de salvar Elizabeth:

— Sou eu, Besson — disse como se fosse natural ligar e não tivessem se passado centenas de anos desde a última vez que conversaram.

— Eu sei — respondeu Daniel, se remetendo ao silêncio, surpreso e perturbado pelo contato. Aquela conversa, independente do motivo para Besson contatá-lo, era muito difícil.

— Elizabeth.

— Elizabeth, o quê? — perguntou pausadamente, percebendo o quanto Miguel devia amá-la, para lhe telefonar.

— Temos que protegê-la.

— Estamos fazendo isso — informou Daniel.

— Não. Estas pessoas que a estão perseguindo são...

— Sabemos o que são. Há alguma coisa que queira me dizer? — perguntou de forma aveludada, acreditando que Besson tinha telefonado por saber alguma informação vital, algo que não podia resolver sozinho, como tanto apreciava.

— Tenho a impressão que alguém da empresa está ligado a esse grupo.

— Impressão? — questionou Daniel.

— Intuição — afirmou Miguel, avesso ao termo, mas sabendo que Daniel compreenderia que aquele sentimento apontava para a direção certa.

— Diga — insistiu Daniel, sem conseguir evitar a nostalgia provocada pelas memórias dos tempos em que eram amigos, quase irmãos. Agora que falava com ele, parecia estar abrindo uma velha ferida, que provocava dor. Percebeu pela hesitação de Miguel, que devia ser grave.

— Telefonei à Elizabeth, do escritório e tive a *certeza* — contou, frisando bem a palavra — de que alguém estava ouvindo na linha.

— E qual a associação com aquelas *pessoas*? — perguntou referindo-se à Máfia.

— Não sei. Mas Elizabeth me contou sobre Puebla e o homem que os seguiu desde Madri. Disse também que a polícia sabe quem são.

— Miguel falava de forma tensa, e quando se calou fez-se um silêncio entre eles. Ambos avaliavam as repercussões de alguém envolvido com a Máfia agora saber em que ponto estava a investigação. Aquilo mudava tudo: dava aos criminosos a vantagem, permitindo que refizessem sua estratégia e desaparecessem.

— Tem ideia sobre a identidade dessa pessoa? — perguntou Daniel devagar.

— Não.

— Aposte — insistiu, recordando aquela forma antiga que usavam para eliminar opções, ao analisarem um problema. Miguel também lembrou, sem conseguir evitar a tristeza.

— Tereza Sampaio Eliot. Minha assistente.

Daniel agitou-se, sentindo aquela informação explodir no cérebro. Informou:

— O mandatário dos crimes, ou pelo menos quem é citado como tal, é T. S. Eliot.

— Tereza Sampaio Eliot — repetiu Miguel, como se cuspiisse, sentindo a raiva se apossando do corpo. E, de repente, tudo lhe pareceu lógico.

— Então ela conseguiu a informação através de você — Daniel percebeu o caso todo.

— Pelo visto... Tenho anotações sobre as relíquias... Vagas, mas não deixam de ser anotações interessantes sobre os proprietários. Mantive um rastreamento ao longo do tempo. Mas são apenas nomes de famílias, aparentemente desordenadas — falar sobre aquilo trouxe o problema inteiro de volta, o problema da sua saída da Ordem e do roubo das relíquias. Mas Miguel não tinha como contornar o tema.

— São os nomes que ela passou ao assassino. O que explica que tenham assassinado pessoas de várias famílias até conseguirem as

reliquias — disse Daniel, evitando elegantemente abordar o passado naquele momento.

— Quantas pessoas foram mortas?

— Dez. Por enquanto — Daniel excluiu Bento daquelas contas.

— Tendo em consideração o que eles estão procurando, o estrago é até pequeno.

— Visto sob esse prisma... — limitou-se a dizer, impressionado com a frieza de Miguel. — E antes que a contabilidade aumente, e incluam Elizabeth nessa contagem, tem ideia se deixou notas sobre o punhal?

— Apenas sobre a possibilidade de estar com Arturo.

— Deus do Céu, Besson. Que irresponsabilidade! — acusou Daniel.

— Não! — respondeu irritado, soltando a raiva que se esforçara para controlar. — Ela sabe isso por ter invadido meu apartamento. Mais: invadiu meu quarto. Compreende?

— Lamento. Mas não deixa de ser uma irresponsabilidade. Tudo isso esteve fora do radar durante séculos, e agora o mundo inteiro vai saber da existência das relíquias.

— Alegada existência das relíquias, De Payens. E eu... — Miguel hesitou, antes de completar a frase como se estivesse avaliando muito bem o que diria. — Vou ajudá-lo a recuperá-las. Tem minha palavra. — Aquilo surpreendeu Daniel, mas deixou-o imediatamente de sobreaviso.

— E o que quer em troca?

— O punhal.

— Claro. — respondeu Daniel, sarcástico, e apesar de não saber para que servia o punhal, o fato de Miguel tê-lo mencionado parecia indicar sua participação na morte de Angelina e, também, de

Anabelle. Mas aquele não era o momento para entrar nesse tipo de detalhes.

— Temos um acordo? — questionou Miguel, insistente, ignorando o sarcasmo de Daniel. Depois de alguns segundos, para avaliar a proposta, Daniel respondeu:

— Temos. Mas isso não muda nada entre nós — frisou, se referindo às diferenças irreconciliáveis que os separavam.

— Óbvio. E o que propõe que façamos agora? — perguntou, se colocando pela primeira vez a serviço de Daniel, movido por seus sentimentos por Elizabeth. E ambos estavam conscientes disso: que Elizabeth era o elo que os unia.

— Temos que fazer essa informação chegar à polícia.

— Não vejo como. Eu sou adepto de formas mais definitivas de lidar com certos problemas, eliminando-os, de preferência — insinuou Miguel, friamente.

— Não — opôs-se Daniel. — Precisamos dismantelar a rede inteira, para acabar com isso. De outra maneira será interminável, e Elizabeth estará em perigo permanente.

— Tem razão. Estou um pouco irritado — confessou Miguel, pensando que Tereza o havia traído durante todo aquele tempo. Aquilo dava voltas em seu estômago. Daniel aconselhou:

— Besson, não é hora para emoções. Temos que nos concentrar em Elizabeth.

— Sim... O que faremos? — apesar das diferenças e da longa separação, saber que estavam do mesmo lado dava a ambos uma sensação de segurança que não tinham havia muito tempo. Não necessitavam olhar para trás o tempo todo, à espera de se vislumbrarem nas sombras.

— Temos que contar à polícia. Já. Antes que a Tereza desapareça — sugeriu Daniel.

— Como? — perguntou Miguel. — Vamos fazer uma denúncia anônima?

— Não. Eu vou contar que você, um velho amigo, comentou ter problemas com sua assistente de dez anos, Tereza Sampaio Eliot, por ter a certeza que ela invadiu seu apartamento, embora não tivesse como provar. E quando eu ouvi o nome, associei imediatamente ao responsável pelos crimes: T.S. Eliot. Além disso, vou dizer que você é um estudioso da arte e que foi assim que ela conseguiu as informações sobre as relíquias.

— Muita coincidência, não acha? — disse Miguel, irônico.

— Acho, mas não vejo alternativa.

— Essa informação vai nos associar.

— Vai — confirmou Daniel, sabendo que a partir daquele momento estariam unidos: a exposição de um impactaria no outro. Era um abraço mortal.

— Concordo com sua estratégia — afirmou Miguel devagar, enquanto assimilava as consequências daquela decisão. — Vai falar sobre o punhal?

— Não. Quanto menos souberem, melhor será para nós. Só mais uma pergunta: se ela invadiu seu quarto, o que mais poderá saber? — questionou Daniel argutamente.

— Nada. Tudo o que lá está é *herança familiar*. Nada rastreável sobre qualquer outro assunto, certo? — frisou, referindo-se à condição imortal deles e à Ordem.

— Certo. Com certeza Bardas e Queiroz vão querer falar com você.

— Dê este número de celular. Passe também os contatos da Tereza para rastrearem. Vou enviá-los numa mensagem de texto.

— Perfeito — rematou Daniel.

— Dê notícias — pediu Miguel.

— Darei.

Quando desligaram, estavam ambos tensos. Tinha sido um passo infernal. Não confiavam um no outro, mas aquela aproximação, por mérito de Besson, ainda que temporária e com o único objetivo de protegerem Elizabeth, representava uma trégua apreciada e bem-vinda.

Daniel encaminhou a mensagem de Miguel para Bardas e só depois telefonou.

— Bardas.

— Eu ia ligar para você para entender que mensagem é esta.

— Não temos muito tempo — avisou. — São os contatos de alguém que precisa mandar investigar imediatamente...

— Investigar?

— Ponha esses telefones sob escuta. Agora, Bardas. Depois conversamos — pediu, sem deixar margens para questionamentos.

— O.k, o.k... Já ligo de volta.

Assim que desligou, Bardas virou-se para Queiroz, dizendo:

— Daniel pediu que rastreasse os telefones desta pessoa — mostrou o visor do celular com os números.

— Quem é?

— Não faço ideia. Vou saber agora. Mas garanto que a voz dele não deixava dúvidas sobre a gravidade e a urgência do problema. Por favor, faça isso.

— Tenho que justificar. Não posso “grampear” telefones sem mais nem menos. É ilegal.

— Justifica depois. Vá, Queiroz — insistiu Bardas, seguro.

— Está bem — concordou após uma breve hesitação, anotando os números e saindo do gabinete para dar início a um processo que

desconhecia por completo. Tudo aquilo se baseava em uma pirâmide de confiança: ele confiava em Bardas que, por sua vez, confiava em Daniel.

Cinco minutos depois Bardas falava novamente com Daniel:

— Daniel, estamos no viva-voz, para o Queiroz participar da conversa.

— Olá, Queiroz. Já resolveram o assunto?

— Sim. Temos acesso à informação a partir deste momento — informou Queiroz misterioso, avesso a explicações no telefone, principalmente depois de ter acabado de mandar grampear alguns.

— Agora, por favor, explique por que estamos interessados nessa pessoa.

Daniel contou tudo o que sabia sobre Tereza Sampaio Eliot, e havia combinado previamente com Besson. Como seria de esperar, Queiroz quis o contato de Besson para confirmar e esclarecer os detalhes da história.

Depois da conversa, Daniel ligou para Besson dizendo apenas:

— Está feito. Vão procurá-lo em breve.

— Obrigado.

26. O punhal das almas

Quando a respiração está prestes a cessar, é desejável que a Transferência tenha sido feita (...)

Lama Kazi Dawa Samdup (1868-1923)

Amar Elizabeth provocava em Miguel a angústia da perda. Avivava a trágica memória de Adèle de Saint-Simon, a jovem aristocrata francesa que conhecera em Paris e amou irracionalmente. Miguel acreditou que aquele amor podia salvá-lo, redimi-lo dos pecados que cometera durante séculos, resgatando-o das trevas.

Casaram-se em junho de 1785. Durante quatro anos ele foi completamente feliz, e iniciou um longo caminho de volta à luz. Esforçou-se até para acompanhar Adèle à igreja, apesar da dor insuportável na mão esquerda, e no final de 1788 conseguiu finalmente entrar no espaço sagrado sem sentir as chamas vorazes na carne, pela primeira vez em mais de quatrocentos anos. Sentia-se em paz e decidiu procurar Arturo, para fazer as pazes com o passado e restabelecer a relação entre eles.

Desde sua saída da Ordem, não cruzava os caminhos de nenhum dos Guardiões. Embora soubesse que eles só reagiam quando

ameaçados, não desejava provocá-los. Qualquer confronto seria violento e brutal, e apesar de Miguel ter adquirido um poder imenso, os Guardiões estavam em vantagem numérica, e isso fazia toda a diferença.

Arturo vivia em Londres e, em maio de 1789, Miguel escreveu uma carta falando de Adéle e do seu arrependimento pela forma como saíra da Ordem. Reconheceu que muitos dos seus atos eram imperdoáveis, mas acreditava na compaixão. Considerava que o nascimento do seu filho, previsto para o final daquele ano, seria mais um passo para aproximá-lo da luz. Arturo comoveu-se com a carta e recordou os anos iniciais, depois de deixarem Montségur, quando perderam as famílias, e se apoiavam como irmãos. Já naquela época Miguel tinha os traços que marcariam sempre sua personalidade: o carisma e a alegria. E mesmo quando tudo parecia perdido, ele encontrava forma de agregar todos pela alegria e pela esperança.

Interiormente Arturo já o havia perdoado por ter abandonado e dilapidado a Ordem, mas aquela bondade de Miguel, reconquistada com Adéle e o filho, fez renascer o amor fraterno inicial. Compartilhou a carta com os Guardiões e, com exceção de Alessia, todos se sentiram felizes com a possibilidade de revê-lo. Decidiram visitá-lo, de surpresa, e compraram presentes para Adéle e para o bebê. Arturo encomendou uma bússola e mandou gravar o símbolo dos Templários, formado por dois cavaleiros sob o mesmo cavalo, que representava a união entre os guerreiros físico e espiritual, e a divisa do Salmo 151, "Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao Vosso nome dai a Glória". Queria que Miguel recordasse o passado que os unira.

Porém, quando chegaram a Paris, encontraram uma cidade destruída esmagada pela violência: camponeses e trabalhadores

famintos lutavam contra a aristocracia, que vivia no luxo graças aos impostos pagos pelas classes menos privilegiadas. A Bastilha, símbolo da monarquia francesa, foi atacada no dia 14 de julho de 1789, dando início à Revolução Francesa.

Os revolucionários, cujo lema era “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, guilhotinaram os membros da aristocracia que não conseguiram fugir da cidade e confiscaram os bens da Igreja. Adéle foi presa e toda sua família morta, apenas pela sua ascendência aristocrática. Miguel virou Paris do avesso, falou com todos que conhecia, suplicou em vão, humilhou-se, e no momento em que chegou à praça ainda conseguiu ver Adéle no seu último instante de vida, corajosa e serena, dobrar-se sob a guilhotina. Ouviu o som da lâmina na sua descida vertiginosa e viu a cabeça dela rolar pelo chão. Explodiu de dor, ao vê-la morta, com o filho no ventre.

Os Guardiões souberam da morte de Adéle, e procuraram Miguel por todos os lugares possíveis, mas não havia rastro dele. Um homem rude, que carregava os guilhotinados em uma carroça, os informou que ele levava o corpo de Adéle, mas não sabia para onde. Arturo temia que aquele desaparecimento marcasse a volta de Miguel à escuridão.

A violência aumentou, tornando insustentável a estadia dos Guardiões em Paris, e eles voltaram para Londres sem notícias de Besson.

Miguel nunca soube que Arturo não respondera à sua carta porque tinha ido visitá-lo, e que os Guardiões estiveram em Paris à sua procura, pondo em risco suas próprias vidas. A solidão que sentiu perante o suposto silêncio dos Guardiões, adicionada à trágica morte de Adéle contribuíram para mergulhá-lo no desespero. Fechou-se em uma cabana, longe de Paris, e planejou sua vingança, maldizendo todos os seres divinos de que se lembrava. Arquetou

um plano minucioso e macabro contra todos os que participaram direta ou indiretamente na morte de Adéle e do filho, que jamais conheceria.

Voltou para Paris, carregando na memória a imagem de Adéle caída no chão como uma boneca quebrada e de seu sangue escorrendo devagar pelas tábuas vermelhas. E quando fechava os olhos via a longa fila de inimigos que destruiria.

Na época havia dois grupos de revolucionários: os girondinos, da alta burguesia, que desejavam evitar uma participação maior do povo no governo, e os jacobinos, da baixa burguesia, que defendiam uma maior participação popular. De forma maquiavélica, Miguel alimentou a discórdia entre essas posições contrárias, incentivando os jacobinos radicais, defensores de mudanças sociais profundas que beneficiassem os pobres. Em 1792 os jacobinos radicais, liderados por Robespierre e Marat, assumiram o poder.

Miguel lembrou de ter suplicado a ajuda deles para salvar Adéle, e tanto Robespierre quanto Marat responderam que se tratava da revolução e tinham que eliminar os "inimigos do povo". O seu filho que ia nascer não era um inimigo do povo, nem sua mulher, cujo único pecado tinha sido ter sangue nobre. Planejou mostrar a verdadeira cor da revolução: jurou que Paris ficaria vermelha de sangue. Miguel semeou dúvidas e criou uma teia de suspeitas tão imbricada que levou os jacobinos a ordenarem a morte de qualquer opositor do novo governo. Entre 1793 e 1794 foram guilhotinadas milhares de pessoas, em uma época conhecida como o Período do Terror.

Totalmente dedicado ao seu frio plano, convenceu a jovem Charlotte Corday a assassinar Marat, com uma punhalada no coração, enquanto ele estava na banheira, para tratar da doença de pele que o afligia. E não precisou de muita persuasão para

convencer os inimigos de Robespierre a mandá-lo para a mesma guilhotina onde Adéle havia sido morta. Os excessos de Robespierre selaram seu próprio destino na guilhotina, para onde enviara tantos com suas listas obscuras de inimigos.

Miguel foi a sombra manipuladora por trás daqueles acontecimentos violentos e terríveis: carroças apinhadas de corpos e cestos abarrotados de cabeças passavam continuamente pelas ruas, e Paris esvaiu-se em sangue, sob o som metálico da guilhotina.

Depois da morte dos seus inimigos, não sentiu prazer ou alívio. Imaginou que sentiria uma espécie de saciedade, mas havia apenas um enorme vazio. O propósito daqueles anos terminou e ele continuava com a boca amarga pela morte de Adéle. Optou por ficar em Paris para visitar o túmulo dela, indiferente à reconstrução da França. E desde então, não há um único dia em que não sejam colocadas rosas amarelas, as preferidas de Adéle, no seu túmulo.

Miguel responsabilizava-se pela morte de Adéle, por tê-la deixado ficar em Paris. Aquilo não podia se repetir: não perderia Elizabeth nem deixaria que ninguém tocasse em um único fio do seu cabelo. Foram todas aquelas memórias que o fizeram telefonar para Daniel, mesmo sem saber qual seria sua reação.

Apesar de a polícia estar investigando, como Bardas e Queiroz asseguraram quando o visitaram em casa naquela manhã, Miguel continuava pensando se não seria o caso de, simplesmente, fazer com que Tereza falasse. Mas se lembrou que Daniel não apreciava métodos pouco éticos ou violentos, e decidiu esperar a investigação oficial.

Daniel convocou todos, menos Elizabeth, para uma reunião na sede da Ordem e contou detalhadamente o telefonema de Miguel.

Alessia foi a que reagiu primeiro e pior:

— Daniel, você parece o Arturo. Não pode acreditar que Besson agora é uma pessoa de bem.

— Ninguém acredita nisso, Alessia. Mas Besson deu um passo na nossa direção para proteger Elizabeth. Somos gratos por isso, porque talvez ele venha a ser o responsável por desvendarem essa história. E mais: todos nós, em algum momento, o responsabilizamos por estas mortes e pela perseguição a Elizabeth. E estávamos errados.

— Eu até podia estar errado sobre o envolvimento de Besson nestes acontecimentos, mas tenho motivos mais do que suficientes, motivos pessoais e recentes, para querer Besson distante de nós. Distante de mim. Se houver mais algum gesto de aproximação, teremos problemas — avisou Kent friamente, revelando uma decisão maturada.

— Não há aproximação nenhuma. Vocês imaginam a força interior necessária para ele me telefonar? Já pensaram nisso? É óbvio que ele ama Elizabeth. E quer protegê-la.

— Ele não pode tê-la. E, além disso, a última vez que ele amou alguém quase destruiu Paris — lembrou Alessia, furiosa.

— Kent tem suas justificativas. Mas o que você tem contra Besson, Alessia? Mesmo antes de achar que ele é responsável pela morte de Bento, tinha essa raiva recalcada. Uma raiva antiga... — insinuou Seth, tentando entender as resistências de Alessia.

— Não quero, nem vou falar sobre isso. Arturo sabia o que era — defendeu-se Alessia.

— Mas Arturo não está aqui, Alessia — continuou Seth, suavemente.

— Não vou falar sobre isso, Seth — respondeu, mordendo as palavras com raiva. — A morte de Bento devia ser suficiente para

compreenderem meus sentimentos em relação a Besson.

— Não vamos entrar nesses detalhes, porque não sabemos qual a participação de Besson na morte de Bento. Ainda não temos provas, Alessia. E, neste momento, Besson está tentando proteger Elizabeth — concluiu Daniel, sereno.

— Ele tem interesse em manter Elizabeth viva para algum ritual — insinuou Kent, justificando o interesse de Miguel em Elizabeth.

— Se ele quisesse fazer mal a Elizabeth já teria feito, não acha? — perguntou Daniel.

— Não sei. Podia estar à espera que ela fosse consagrada. Imagine a quantidade de energia que isso implica para quem deseja fazer qualquer ritual. E nós ainda não descobrimos o que ele quer de Elizabeth — argumentou Kent. Sabia que Besson era capaz das maiores barbaridades, porque presenciara algumas delas.

— É verdade. Sei que pretende algo com ela. Teremos que descobrir o que é, mas não creio que seja algo sanguinário para se manter jovem.

— Não acredito que vá cometer os mesmos erros que Arturo. Não acredito, Daniel — Alessia falou, irritada. Daniel olhou-a friamente e falou com segura:

— Isto está passando dos limites. Já disse o que penso, e não vou repetir. Basta. Alguém mais deseja comentar este assunto de forma inovadora?

Perante o silêncio depois das suas palavras cortantes, Daniel encerrou a reunião, ignorando a fúria de Alessia. Sempre achara a irritação dela com Besson um pouco exacerbada, e não compreendia quais as razões. Agora tinha a certeza que algo acontecera entre os dois, certamente quando ele ainda fazia parte da Ordem, centenas de anos antes.

A dedução de Daniel estava certa: Miguel não necessitava de Elizabeth para continuar jovem. Antes de abandonar a Ordem havia garantido sua imortalidade. Enquanto Guardião estava sujeito às regras da Consagração, mas perante a iminência de deixar de seguir o código grálico, o mais certo era que se transformasse em um simples mortal. Porém, como era característico da sua personalidade, planejou tudo com extremo cuidado e pesquisou até encontrar uma forma de manter-se imortal, levando a vida hedonista que desejava. Descobriu que a esmeralda do Anel de Salomão permitia absorver energia e, quando partiu, levou consigo dois dos mais emblemáticos objetos da Ordem: o Cálice e o Anel. Vendeu ambos, mas antes, trocou a imensa esmeralda original do anel por outra, comum.

Encomendou dois punhais ao melhor artesão francês. Dividiu a esmeralda em duas, uma delas um pouco maior, e colocou-as na base de cada um dos punhais. Quando o feiticeiro queniano roubou o punhal menor, para assassinar Angelina, e Arturo ficou com ele, ainda restou o segundo. No entanto, Miguel esperava reaver o primeiro, para sentir-se seguro.

Manter a juventude não era, portanto, um problema: o punhal permitia que absorvesse a energia que se esvaía das pessoas no momento da morte. Quando a lâmina penetrava no coração da vítima, a esmeralda iluminava-se com a alma que ficava aprisionada na pedra luminescente. Em seguida, Miguel encostava a ponta do punhal no peito e fazia um corte minúsculo, e quando surgia a primeira gota de sangue, a luz entrava diretamente para o seu corpo, como uma poderosa descarga elétrica. Quanto mais puro fosse o sacrificado, mais forte Miguel se tornava. Mas ele cansara daquelas mortes ritualísticas, com gente especial e cada vez mais

difícil de encontrar: virgens, puros ou médiuns, seres que conseguiam fazer a ponte entre o mundo humano e o espiritual.

Em 1967 descobriu um antigo ritual egípcio. Segundo o texto, o sacrifício de uma pitonisa garantiria a imortalidade por uma centena de anos, exatamente o mesmo período da consagração. Para o ritual era necessário o coração e o sangue da pitonisa, que seriam ingeridos ao longo de três dias e três noites consecutivas, em um regime de isolamento total, ao som de um antigo mantra, repetido até a exaustão.

Sem muita convicção, Miguel iniciou a busca por uma pitonisa, e descobriu Anabelle e sua filha Angelina acidentalmente, por meio de Abedi, um feiticeiro do Quênia, disposto a fazer qualquer coisa em troca do poder dos espíritos. Ele contou que Anabelle, conhecida como a “grande mãe branca”, podia ver o passado e o futuro dos homens, sem precisar fazer magia. Explicou que ela tinha a magia dentro da boca, e seu interior era tão branco quanto sua pele. Disse que as palavras dela viajavam do passado ou do futuro, e chegavam através dos sonhos, e por isso tinham grande poder de cura. Confessou, certa noite, depois de ter bebido mais do que a conta, que ele próprio gostaria de comer o coração e beber o sangue da mãe branca para adquirir os poderes dela, mas tinha medo que ela o matasse com seu poder. Miguel teve então uma ideia bizarra: embora não gostasse de partilhar nada com ninguém, achou que aquele feiticeiro poderia fazer o trabalho sujo.

No dia seguinte, sob a luz crua da manhã, Miguel contou a Abedi que sabia do seu desejo secreto de comer a magia da mulher branca. Abedi primeiro negou, mas rapidamente se rendeu à evidência de que tinha falado demais. Miguel propôs a ele que matasse a mulher e dividissem o coração e o sangue. Abedi não ficou convencido, mas Miguel disse que tinha um punhal que iria

impedir que a magia da mãe branca lhe fizesse mal. Explicou que primeiro deveria apunhalar o coração, e só depois arrancá-lo. O feiticeiro animou-se, agora que possuía um punhal feito no tempo dos antepassados, quase na época em que o mundo tinha sido criado. Marcaram uma data porque o tempo, na comunicação com o além, era crucial.

Miguel não estava preocupado com o resultado final porque Abedi traria o punhal com a alma de Anabelle e isso já garantia a energia necessária por algum tempo.

Na data combinada, Miguel, cuidadoso, seguiu Abedi à fazenda. Viu-o agitar o punhal no ar e abrir o peito de Anabelle. Percebeu o terror lançar-se no rosto dela e a rapidez com que a morte a levou, sofregamente. O plano complicou-se quando Claude, o marido dela, apareceu de repente, e Abedi foi forçado a matá-lo. Foi um ato de defesa.

Mas a visão e o odor adocicado do sangue chegaram até o lugar onde Miguel estava escondido, inundando seus sentidos. Ele transmutou-se e, com um salto fenomenal, atirou-se às vítimas ensanguentadas e ainda palpitantes. Abedi, horrorizado com a presença inesperada do terrível leão branco, fugiu levando o punhal e o coração de Anabelle, mas derrubou todo o sangue pelo chão. Miguel refestelou-se com o banquete e, horas mais tarde, lembraria o evento com irritação por ter se descontrolado daquela forma.

Sem o sangue, Miguel não pôde realizar o ritual, embora tivesse absorvido a alma de Anabelle. O feiticeiro tinha razão: era branca, pura e possuía uma luminosidade capaz de curar qualquer dor. Abedi, por sua vez, não se aproximou do coração de Anabelle, dizendo que ela tinha enviado o "grande branco" para protegê-la e o leão iria devorá-lo se ele tentasse adquirir seus poderes. Miguel não discutiu, indiferente às crendices dele. Mas Abedi, incansável na

busca pelo poder dos espíritos para dominar os homens, recordou que Anabelle tinha uma filha, que se mudara para a Costa do Marfim. Miguel mandou-o encontrar a jovem.

Tereza percebeu que o cerco se apertava. Ouvir aquela conversa de Miguel com Elizabeth a tinha perturbado. Nunca imaginou que a polícia pudesse chegar ao Brasil. Não compreendia como aquilo poderia ter acontecido. Reviu seus passos, relembrou as vezes que falara com MacGee e até as duas viagens que fizera à Europa, para tratar de assuntos relacionados com as relíquias. A primeira viagem tinha sido para conhecer Dimitri Sergeevich, um charmoso homem de negócios russo, que a contactou depois de ela ter comprado uma caríssima bailarina de porcelana do século XVIII, para Miguel, em um leilão da Christie's, em Nova York.

Dimitri tinha uma fortuna enorme, e estava sempre interessado em arte de todos os tipos, quanto mais exótica melhor. De início propôs apenas que ela rastreasse obras de arte pelo mundo, fazendo uma espécie de inventário sobre quem tinha o quê. Em troca ele iria pagar generosamente pelas informações, qualquer informação. Tereza foi ganhando importância e começou a decidir quais obras deviam ser adquiridas, passando a ter contato direto com MacGee, a quem instruía sobre as peças e sua localização. Percebeu rapidamente que o papel de MacGee, e mais tarde de Botkin, estava associado ao nível de persuasão exercido sobre os proprietários para que vendessem suas obras. Mas ela não se importava muito com aquilo: pela primeira vez tinha dinheiro para fazer o que quisesse, inclusive deixar de trabalhar. Porém, era vantajoso manter-se junto de Miguel, não só devido aos seus sentimentos por ele, mas também por seu trabalho permitir circular no mundo da arte.

Paralelamente Tereza arquitetou planos para se vingar da frieza e da rejeição de Miguel: primeiro invadiu seu apartamento. Como assistente dele, foi fácil descobrir o código do alarme e fazer uma cópia da chave. Não teve dificuldade em conseguir uma lista de objetos interessantes: Miguel tinha anotações com antigos objetos misteriosos, do tipo que Dimitri apreciava, e até os nomes de quem os poderia possuir. Copiou a lista, passou-a para MacGee e acompanhou o rastro de sangue. Quando, por fim, recebeu os objetos pelo correio, desiludiu-se. Achou-os banais, nada impressionantes como imaginara. Foi nessa ocasião que viajou pela segunda vez para encontrar-se com Dimitri, levando o Anel de Salomão no dedo indicador direito e o Cálice jogado entre as roupas. Colocados assim, entre a normalidade cotidiana, não suscitavam curiosidade. Tereza atravessou meio mundo com duas das maiores relíquias da humanidade e ninguém percebeu. O que conduzia diretamente à teoria de Dimitri: ele dizia que o contexto é que valorizava as coisas, e o mesmo objeto em uma sala luxuosa ou em uma sala simples adquiria um valor totalmente diferente.

O negócio com o Cálice e o Anel rendeu muito dinheiro. E também os parabéns de Dimitri, que ficou impressionado com a desfaçatez com que ela viajou com as relíquias, sem que ninguém a tivesse barrado. Agora faltava o Punhal que, segundo notas de Miguel, tinha uma esmeralda capaz de “dar vida ao Homem”.

Por coincidência, Elizabeth era a atual proprietária do punhal, herdado de seu pai. Em uma das incursões ao apartamento de Miguel, Tereza descobrira uma anotação com referência à Casa do Lago, onde Elizabeth estava depois da morte do pai. A morte dela seria uma fonte de prazer, mas sua vingança contra Miguel não terminaria com o assassinato de Elizabeth: Tereza pretendia colocar na lista alguma das obras de Miguel, para que Botkin o obrigasse a

vender. Ele era persuasivo e não tinha apego à vida dos outros. Em geral, precisava de supervisão para não assassinar ninguém antes de conseguir a assinatura nos documentos de transferência ou venda. Por isso MacGee ia sempre primeiro e Botkin fazia o trabalho sujo depois. Porém, após a morte de MacGee, Tereza tinha que controlar a atuação de Botkin.

Tereza percebeu, tardiamente, que Dimitri era o chefe de um extenso grupo de ladrões e assassinos profissionais espalhados por vários países, uma rede complexa de gente com muitas nacionalidades. Portanto, entrar para o grupo foi fácil, mas seria impossível sair, conforme percebeu pelas notícias de alguns dissidentes que apareceram mortos nas margens do Volga, o rio mais longo da Europa. Dimitri tinha fascínio pela água e adorava jogar o corpo dos traidores em rios. Aquilo se assemelhava a um ato simbólico de higiene.

Ele se impunha pelo medo e dirigia o grupo de forma sanguinária: as traições eram pagas com a vida e as missões falhas ou incompletas, com partes do corpo, principalmente dedos. Apesar de tudo isso, ou por isso, não havia ninguém disposto a traí-lo. O medo falava mais alto. O medo e os corpos boiando pelo Volga, como aviso.

Quanto mais Tereza pensava, mais dúvidas tinha: não sabia se telefonava apenas para Botkin ou se ligava primeiro para Dimitri. Mas não podia mandar Botkin de volta sem falar com Dimitri. Esperou mais de um dia até se decidir e finalmente telefonou para Dimitri:

— Tereza? — estranhou, com seu sotaque inglês carregado.

— Dimitri, Botkin tem que voltar para a Europa e temos que suspender a operação aqui.

— Por quê? Será muito rentável. Já tenho comprador para o punhal — informou.

— Ouvi uma conversa sobre isso. A polícia descobriu a identidade de Botkin e sabe que ele está aqui.

— Sabe como? — perguntou, desconfiado.

— Sabe que tem ligações com MacGee, e veio de Madri. O imbecil veio no mesmo avião da vítima, que estava acompanhada por dois homens que fazem parte do grupo que agora está sempre com ela. Eles perceberam que estavam sendo seguidos e avisaram a Polícia.

— Botkin não é muito inteligente mesmo, mas é leal e é... meu sobrinho. Filho da minha única irmã — respondeu Dimitri, sem esconder a irritação suscitada pelo comentário.

Tereza mordeu a língua, percebendo que tinha chamado de imbecil o sobrinho de Dimitri.

— Desculpe. Eu não sabia...

— Deixemos isso — disse com uma ameaça latente no fundo da voz, mostrando claramente que aquele tipo de diálogo estava fora dos limites. — E quando ouviu essa conversa?

— Hoje — mentiu, sabendo que se dissesse que ouvira na véspera ele ficaria mais irritado.

— Este telefone é seguro? — quis saber, percebendo as implicações daquela revelação.

— Sim. Estou em casa.

— E sabem quem você é? — perguntou, com a voz metálica.

— Com certeza não. — Se Miguel ou a polícia soubessem algo a seu respeito, ela já teria percebido. Depois da conversa do dia anterior estava atenta. Não havia ligação que ela não rastreasse, ou movimento que não analisasse com cautela.

— Há mais alguma coisa que eu deva saber?

— Sim. Na conversa disseram que sabiam quem eram os envolvidos, e só estavam esperando para saber quais as ligações no Brasil.

Dimitri ficou em silêncio, pensando nas suas conexões e na quantidade de informantes pagos que tinha na polícia de vários países.

— Blefe — respondeu, tranquilo. — Se soubessem eu também já saberia.

— O que devo fazer?

— Fale com Botkin e ponha-o em um avião. Mande-o para Moscou que iremos protegê-lo até tudo se acalmar.

— Mais alguma coisa?

— Suspendemos esse trabalho por um tempo... até ver. Mantenha sua rotina e... não gaste dinheiro, Tereza. O dinheiro é a maneira mais fácil de encontrar alguém.

— Não se preocupe. Sou discreta.

— Eu sei. Levantei sua ficha há muito tempo. Seu namorado novo não sabe de nada, não é? — disse com um riso metálico, que não escondia a ameaça velada, caso ela vacilasse em algum momento. Tereza estremeceu, ao perceber que ele sabia tudo da vida dela.

— Não. Ninguém sabe.

— Vamos manter tudo assim. Não me telefone. Eu entro em contato com você.

Quando desligou sentiu as pernas tremerem. Dimitri suscitava medo, mas era pior quando embutia ameaças sutis na conversa. E as ameaças não eram para ela, e sim para as pessoas que a rodeavam: primeiro a família e agora Penafor. Pelo menos teria paz por um tempo, pensou. Antes tinha que mandar Botkin para a Europa.

— Vladimir — disse, chamando-o pelo nome próprio.

— Estava me perguntando o que aconteceu para você não telefonar — respondeu em inglês, com um acento forte e alguma falta de concordância entre os verbos.

— Escute bem — falou devagar, por meio de frases simples, para fazer-se entender em inglês. — Dimitri disse que você precisa voltar para Moscou.

— Ainda não fiz meu trabalho.

— Não vai fazer seu trabalho agora. Primeiro vai para Moscou. Amanhã.

— Não, não. Primeiro trabalho, depois Moscou — discordou Botkin.

— Vladimir, amanhã encontro você na entrada do Ibirapuera às duas horas. Entendeu?

— Sim.

— Depois conversamos. Leve sua mala.

— A mala não.

— A mala sim. Dimitri disse para você levar a mala. Pode ser?

— Está bom — respondeu, ainda reticente.

Tereza desligou o telefone e tomou um banho. Estava com os nervos em frangalhos.

Quando Abedi encontrou Angelina na Costa do Marfim, Miguel se surpreendeu com o relacionamento dela com Arturo. Achou que o destino encerrava uma ironia macabra na forma como colocava as pessoas frente a frente, vezes sem conta.

Observou Arturo na fazenda, e percebeu que ele se tornara humano. Aquela descoberta foi um choque violento. Não compreendia o que acontecera com Arturo, e vê-lo como um ser

humano, sujeito às leis da física, o apavorou. *E se aquilo acontecer comigo?*, se questionou sem parar durante vários meses.

Rondou a fazenda, fascinado com a vida terrena de Arturo, desde seu casamento até o dia em que ele partiu destroçado pela morte de Angelina, levando a filha pela mão. No início teve pena da sua mortalidade, mas rapidamente percebeu a felicidade, a plenitude do amor e o milagre da vida com o nascimento de Elizabeth. Viu os primeiros passos da menina e presenciou aquela loucura que ela sentia por Daniel, perseguindo-o por todos os lados.

A morte de Angelina foi um acidente infeliz. Abedi, o feiticeiro, cada vez mais alucinado pelas bebidas e mandingas que fazia, roubou o Punhal das Almas e matou Angelina para assimilar seus poderes, algo que não conseguira com Anabelle, por causa do leão que, segundo ele, nunca mais parou de assombrá-lo. Mas o que deixou Miguel verdadeiramente possesso foi o atrevimento de Abedi, ao tentar matar Elizabeth. Se Abedi não tivesse morrido, sob a mira certa de Leon, ele mesmo o teria despedaçado com prazer, por causa daquilo.

A presença maciça de Guardiões no funeral de Angelina não impediu Miguel de se aproximar para presenciar a tristeza de Arturo, com certo prazer perverso. Foi nesse momento que Leon sentiu seu perfume, um perfume que reconheceria vinte e cinco anos depois, no acidente de carro com Elizabeth. Miguel ainda se lembrava do dia em que pai e filha abandonaram a Costa do Marfim: Elizabeth de vestido amarelo, com uma grande trança loira caindo pelas costas, e um delicado laço amarelo na ponta, levava uma boneca apertada debaixo do braço, e caminhava feliz sob os cuidados amorosos do pai. Miguel teve que reconhecer: Arturo fora um excelente Guardião, tinha sido um ótimo marido e era um pai perfeito. Tudo nele era de uma grandiosidade sem limites, até a vida normal, cheia de

pequenos gestos ocasionais, se agigantava porque ele fazia tudo com amor. E era aquele amor desmedido, sem fim, que Miguel invejara, desde sempre. O desprendimento de Arturo com as coisas banais do mundo tinha a ver com aquele amor, que o fazia entender sempre o lado bom e lhe dava a capacidade de ir ao encontro da plenitude e da felicidade.

Acompanhar aqueles anos da vida de Arturo provocara em Miguel um misto de inveja e terror, desejo e repulsa. Não conseguia se libertar daquela visão cotidiana: a forma como a vida deles se organizava, uma criança crescendo no ventre de Angelina e nascendo com cabelos dourados de anjo. E foi ali que Arturo e Miguel começaram a traçar destinos opostos para ela.

Tereza se encontrou com Vladimir Botkin às duas da tarde e explicou que o trabalho estava suspenso. Foi difícil fazê-lo entender, porque ele tinha enraizada a necessidade de terminar seus trabalhos a qualquer custo. Explicou a Tereza que apesar de Dimitri ser seu tio, um trabalho incompleto ou imperfeito terminava sempre em violentas punições. Com muita calma ela contou que a polícia estava alerta e ele tinha que partir por um tempo, com a bênção de Dimitri. Botkin se acalmou, pegou o bilhete de avião que Tereza tinha imprimido e desapareceu. Ela soube mais tarde que ele havia chegado em segurança, quando Dimitri telefonou para agradecer os quinhentos dólares que havia dado ao jovem para evitar que se expusesse nos caixas eletrônicos do aeroporto, onde certamente seria filmado. Talvez aquele gesto tenha salvado a vida dela, mas isso ela jamais saberia.

Bardas estava entusiasmado com as notícias vindas da Europa: o círculo estava se fechando lentamente. Depois do telefonema de Tereza, Dimitri Sergeevich investigou as andanças da polícia sem sucesso, porque toda aquela operação estava sob o controle restrito do Núcleo Europeu Contra o Crime Organizado. Depois da tensão inicial, Dimitri relaxou por acreditar que tudo não passava de um blefe. Nenhum dos seus contatos tinha informações sobre qualquer investigação que o envolvesse diretamente ou a qualquer dos seus homens mais próximos.

A estratégia do Núcleo fora muito bem traçada: investigaram exaustivamente o maior número possível de colaboradores de Dimitri para desmantelar a rede toda. Como a investigação havia começado muito antes do caso dos assassinatos de MacGee, a maior parte da rede estava mapeada, sendo fácil atribuir e explicar a responsabilidade dos assassinatos.

Apesar de Queiroz ainda não saber quem tinha sido o assassino do padre, parecia lógico que estivesse ligado àquela matança perpetrada pela Máfia, para ter acesso às obras de arte.

Ficou acertado que as prisões seriam simultâneas nos vários países, para evitar que alguém fosse avisado e fugisse. Durante o tempo de espera, a polícia continuaria acumulando provas e vigiando os suspeitos.

27. As sombras

É por isso que aquele que tem grandes paixões fica necessariamente exposto a grandes sacrifícios.

Lao Tzu (640 a.C.-531 a.C.)

Depois de alguns dias de ausência, Daniel visitou Elizabeth pela primeira vez, desde que tinham voltado do Mosteiro.

— Achei que tivesse me esquecido — comentou, tentando brincar.

— Neste momento é muito difícil que isso aconteça. Estamos todos preocupados com você — respondeu, no mesmo tom.

— Eu sei... Lamento estar na mira de um assassino.

— Eu também lamento. Mas acho que isso será resolvido em breve e você poderá voltar a sair de casa com tranquilidade.

— Gostaria muito, até porque vou ser uma das madrinhas no casamento de uma amiga e tenho que provar meu vestido... — disse, lembrando que Áurea estava totalmente neurótica com a festa e queria tudo pronto com antecedência.

— Por falar nisso, tem que estar consciente que terá que forjar seu desaparecimento para estas pessoas — avisou Daniel. — Já

pensou que não vai envelhecer? Como irá explicar esse “pequeno detalhe”? — questionou, com uma ponta de ironia.

— Ainda não tinha pensado nisso.

— Não é algo imediato, porém deve se habituar à ideia. Mas o que vim aqui fazer é imediato: vim lembrar que precisa controlar as suas emoções. Todas as suas emoções.

— Eu sei. O descontrole aumenta o risco de nos transmutarmos em leões.

— Não pode esquecer que estamos falando de tudo o que elevar excessivamente seus batimentos cardíacos, Elizabeth — enfatizou. — Por isso insistimos tanto nesse ponto e você aprendeu aquela quantidade enorme de exercícios de autocontrole. Use-os.

— Compreendo — primeiro achara que sua nova capacidade podia ser divertida. Mas com o passar dos dias compreendeu que precisava estar sempre vigilante, observando o monstro que vivia dentro dela, durante as vinte e quatro horas do dia, para evitar que o corpo a traísse.

— No início é difícil, e ainda bem que tem ficado em casa. Com o que está acontecendo, se alguém a atacar, o mais certo é que se transforme e lhe arranque a cabeça — disse com um meio sorriso, como se aquilo o estivesse divertindo.

— É... Vai ser difícil explicar a presença de uma leoa branca, enlouquecida, no meio de São Paulo — rematou com um sorriso triste. — Isto parece uma maldição.

— Está mais para bênção, mas às vezes pode ser uma maldição. Torna-se menos complicado quando nos controlamos.

— Sempre foi muito claro sobre a necessidade de assumirmos o controle e não permitirmos que as emoções nos dominem — comentou, lembrando a postura de Daniel.

— Sim. O excesso de emoções é prejudicial para nós. A forma como se consegue esse controle é pessoal, não há uma fórmula — afirmou, observando-a. Tinha ido vê-la, porque sentia saudades e não estava conseguindo suportar por mais tempo sua ausência.

Ficaram um momento em silêncio. Ele pensando no seu estranho afeto por ela e na ferida que se abriu quando a voz de Besson o transportou para as memórias do passado. E ela pensando naquele amor impossível, não por ele ser padre, mas porque a missão de proteger a humanidade havia entrado à força em suas vidas, exigindo total devoção.

Alessia juntou-se a eles na sala e arrancou-os dos seus turbulentos universos privados, para jantarem. Daniel agradeceu o convite, mas não aceitou. Foi para casa. Não dormia bem desde que voltara para São Paulo, atormentado com a quantidade de objetos acumulados na “Sala do Assombro”, o desejo por Elizabeth e, agora, o retorno de Besson à sua vida.

Bardas e Queiroz, agora inseparáveis como siameses, se reuniram com Daniel e Kent, para conversarem sobre a investigação.

Na Europa, estavam sendo finalizados os detalhes da “Operação Relíquia” no maior sigilo. Planejada cuidadosamente, envolvia esquadrões especiais da polícia de todos os países, onde o grupo de Dimitri atuava. Tinham investigado o maior número possível de envolvidos, inclusive alguns policiais, quase todos de menor escalão, que passavam informações para Dimitri. O dia da operação, guardado a sete chaves, era 8 de fevereiro.

— Simultaneamente em todos os países? — questionou Daniel apenas para confirmar.

— No mesmo horário — disse Bardas. — Inclusive aqui no Brasil, não é Queiroz?

— Sim. Já temos provas suficientes contra Tereza Sampaio Eliot, e temos a certeza de que ela foi responsável por descobrir os artefatos aqui no Brasil. No início coletava as informações e passava-as diretamente para Dimitri. Depois passou a falar com MacGee e Botkin, que faziam o trabalho sujo e conseguiam os objetos — explicou Queiroz.

— Achamos que ela pode ser útil — reforçou Bardas. — Conhece pessoalmente Dimitri e isso pode ajudar na condenação dele. Apesar das provas, é sempre bom ter testemunhas.

— O problema é que ele tem o péssimo hábito de eliminá-las — resmungou Queiroz. — Mas vamos propor um acordo: ela testemunha contra Dimitri, entra em um programa de proteção. E, principalmente, não vai presa. É um excelente acordo.

— E como fica a morte de Bento? — perguntou Daniel.

— Acreditamos que foi morto por alguém do grupo de Dimitri, para atingir Elizabeth, mas não há provas. Vamos tentar descobrir isso depois das prisões. Talvez alguém fale, até a própria Tereza — disse Bardas.

— Sim — concordou Kent, sem muita convicção.

— Parece que está quase tudo equacionado — afirmou Daniel, tranquilo com o rumo dos acontecimentos. A Ordem estava fora do âmbito da investigação. E Besson também.

— Só faltam os objetos — lembrou Bardas. — Foi uma matança e tanto por causa deles. Os especialistas acham que são uma fraude. Nunca houve provas da sua existência. São um mito como a Arca da Aliança, a Pedra Filosofal, a espada Excalibur, a lança de Longinus... Enfim, esse monte de artefatos que alimentam nossa imaginação.

— Concordo, embora ache que temos que encontrar os objetos, independentemente das suas histórias. A teoria é que foram enviados para o Brasil, Tereza teve acesso a eles, e os passou adiante. Portanto, teremos que perguntar isso à Tereza. A questão dos objetos entra no pacote da negociação — afirmou Queiroz, com a frieza de quem já tinha analisado todos os ângulos do caso.

— E se os objetos não aparecerem? — insistiu Daniel.

— Não há nada a fazer. Não vejo como dedicar mais gente para procurar objetos que foram com certeza uma invenção para alguém faturar com isso — respondeu Bardas, cético.

— Pensando assim, parece ter pouco sentido continuar procurando, embora fosse interessante vê-los. Pelo menos para nós, que somos estudiosos do assunto — defendeu Daniel, satisfeito com a forma com que a polícia pretendia resolver o assunto, abrindo a possibilidade da Ordem, com a ajuda de Besson, reaver as relíquias, que estavam perdidas por mais de sete séculos. A partir daquele momento, Daniel assumiria a missão de devolver as relíquias ao seu verdadeiro lugar, na “Sala do Assombro”.

— Compreendo, mas infelizmente vamos ter que nos contentar com esta solução. Se conseguirmos os objetos, prometo que irão vê-los... Acho que neste momento já devem ter desaparecido no submundo da arte. Dificilmente alguém vai assumir que os tem.

— É verdade — confirmou Daniel alinhando o corpo na cadeira, se preparando para se despedir. Bardas percebeu e levantou, imitado pelos restantes.

— Obrigado por nos manter informados — agradeceu educadamente Daniel, despedindo-se com um firme aperto de mão.

— Sem vocês não teríamos resolvido o caso com esta rapidez.

— E com a ajuda de Besson também — comentou Queiroz.

— Sem dúvida — resmungou Kent, inconformado com a interferência e proximidade de Besson. Só de pensar nele sentia náuseas. Tinha por ele um desprezo visceral.

Enquanto se afastavam Kent murmurou:

— Finalmente este inferno vai acabar. Mais uma semana, até dia 8, e ficamos livres.

— Não completamente — frisou Daniel. — Temos que recuperar as relíquias.

Minutos depois Daniel entrou no seu carro e, enquanto Kent se afastava em direção oposta, ligou para Besson:

— Tenho notícias — anunciou, sem qualquer introdução.

— Sim — respondeu Miguel, à espera.

— Pretendem usar Tereza como testemunha contra o chefe da Máfia. Isso tem várias implicações, entre elas a de que você precisa manter tudo normal até o dia da operação.

— Quando?

— Dia 8 de fevereiro.

— Menos mal. Falta pouco tempo. E os objetos?

— Podem ou não aparecer — informou Daniel.

— Precisamos encontrá-los. Não faço ideia sobre a identidade do atual proprietário, e os artefatos precisam ser monitorados.

— Sim. Não queremos mais surpresas.

— Vamos deixar assentar a poeira antes de traçar um plano — sugeriu Miguel.

— Concordo. Se houver novidades, telefone.

— Eu também.

A ausência aparente das atividades profissionais na agenda de Miguel, durante a primeira semana de fevereiro, começou a

incomodar Tereza. Não se lembrava de vê-lo tão ausente e displicente com o trabalho. Fechava-se na sala e não a chamava para quase nada. Tereza não imaginava o que Miguel estaria fazendo, e quando entrou na sala dele, se espantou por vê-lo conversando no celular com Andreas Müller, o diretor da filial alemã. Assim que percebeu a presença dela, Miguel desligou e, de pé, em frente à enorme janela, perguntou:

— O que é, Tereza?

— Está tudo bem?

— Por que não estaria? — questionou, olhando-a friamente.

— Está tudo muito tranquilo nos últimos dias. Por isso estranhei.

Deseja alguma coisa?

— Não, obrigado, Tereza — afirmou com uma educação seca que não deixava margem para ela fazer qualquer comentário adicional.

Ela saiu da sala com a sensação que algo estava acontecendo, mas não conseguiu definir o que poderia ser. Dimitri a tinha informado que seus contatos garantiram que a polícia não sabia de nada, e aquilo a tranquilizou. No final do dia passou pelo apartamento de Penafor. Ele não tinha ido trabalhar e ela encontrou-o ainda de pijama e com a barba por fazer. Descobrir o responsável pela morte do pai, tantos anos depois, paralisou-o: não sabia o que fazer. Leu o dossiê compulsivamente, até decorar todas as informações e continuava sem decidir o que faria. Vacilava entre o desejo de se vingar e o temor de confrontar a pessoa. O pai, em toda sua magnitude católica, não gostaria que ele se vingasse.

E ali estavam, Penafor e Tereza, prisioneiros dos seus erros, presos pelos seus medos, sem saberem como andar para a frente, com o passado pesando em suas memórias.

Miguel defendia que não havia um caminho único para a iluminação, e que o corpo era um desses caminhos — o mais prazeroso. Decidira levar Elizabeth a esse imponderável mundo, em uma jornada através da pele e dos sentidos.

Centenas de anos antes, tinha descoberto um rito milenar em três das páginas do Códice Giga que estavam em seu poder, mas faltavam as quatro restantes. O ritual ali descrito parecia permitir que os Guardiões preservassem a imortalidade e levassem uma vida aparentemente normal — amassem e tivessem filhos. Mas a cerimônia estava incompleta: ele sabia o porquê, sabia que manteria a “imortalidade da carne”, mas não conhecia os passos do rito. E os Guardiões sabiam como, mas desconheciam os objetivos. Miguel não teria acesso ao resto da informação, às quatro páginas que estavam com a Ordem, e optou pelo antigo ritual sumério da fertilidade, um rito que conhecia bem e permitira que gerasse um filho com Adéle.

Planejou a cerimônia, realizada pela primeira vez na Suméria, cinco mil anos antes. Tinha caráter religioso, acontecia entre a sacerdotisa e o rei na frente de toda a corte, e recriava o momento da União Sagrada que gerou a vida sendo, na sua essência, um poderoso ritual de fertilidade.

Organizou tudo com calma, atento aos mais ínfimos detalhes. Purificou-se por meio da alimentação e da meditação, e se manteve casto. Era um homem de minúcias: escolheu velas brancas e incensos, usou as túnicas de puro linho que encomendara, sob falso pretexto, para as boas-vindas de Elizabeth à Irmandade, e se submeteu a um treinamento para despertar os sentidos. Precisava canalizar a energia corretamente, de forma a atingir os seus obscuros objetivos. Marcou a data com base no ciclo lunar: 14 de fevereiro, dia de lua nova, quando a sensualidade de ambos estaria em sintonia. Tinha descartado a lua cheia, época em que a energia

dela estaria mais forte, e o quarto crescente, quando ele seria predominante.

O dia 8 de fevereiro amanheceu quente em São Paulo, contrastando com o inverno frio que varria a Europa. Tereza estranhou as batidas violentas na porta do apartamento, às sete e meia da manhã. O mundo parecia estar prestes a ruir, tal era a força das pancadas. Deu um gole no café, pousou a xícara sobre a bancada da cozinha, se dirigindo à porta. Espreitou pelo visor e não viu ninguém. Achou aquilo mais estranho ainda. Perguntou:

— Quem é?

— Polícia. Por favor, abra a porta.

Temeu, mas um pensamento rápido atravessou seu cérebro: *E se fosse alguém enviado por Dimitri?*

— Mostre o distintivo — pediu, espreitando novamente pelo visor. Um policial pôs a identificação na frente do visor. Ela sentiu as pernas cederem. Encostou-se uns segundo na parede, ao lado da porta, para retomar o controle, mas não conseguiu. Do lado de fora, novas batidas e a mesma voz forte:

— Abra a porta, por favor.

Ela abriu a porta devagar, mas um dos policiais forçou a entrada apontando uma arma para seu rosto enquanto ordenava com voz metálica:

— Coloque as mãos sobre a cabeça, por favor! — Outro policial foi até ela e algemou-a sem cuidado, forçando os pulsos a encaixarem um contra o outro, enquanto falava um lenga-lenga que até então ela só ouvira nos filmes:

— A senhora está presa... — As palavras foram se distanciando dela, como se aquilo não estivesse acontecendo e fosse um

pesadelo, que desapareceria quando ela abrisse os olhos.

O policial da voz forte levou-a para o carro e os outros ficaram revistando o apartamento. Seu único consolo era que eles não encontrariam nada ali: ela não era tão ingênua a ponto de deixar provas plantadas no seu próprio apartamento. Naquele momento tinha duas preocupações: saber o que eles tinham de concreto contra ela, e avisar Penafor. Seria difícil contar a verdade, mas no meio de tanta gente que conhecia, acreditava que só ele poderia ajudá-la. Pensava nele como se pensasse na salvação.

Quando chegou à delegacia colocaram-na numa sala, com uma mesa e quatro cadeiras maltratadas. Viu a parede de vidro escuro e uma câmera piscando no canto superior direito da sala, quase encostada no teto. Percebeu que estava sendo observada e filmada. Sentou aparentando tranquilidade, embora por dentro estivesse em total alvoroço. A sala era desconfortável, com o ar-condicionado propositalmente muito frio. Tereza começou a ficar com as mãos geladas. Felizmente sempre saía de casa com um casaco, para se proteger da temperatura sempre baixa da UniTouch, apesar do calor infernal que fazia na rua.

Bardas, na sala de observação, juntamente com Queiroz, viu o lugar encher-se de detetives, preparados para acompanhar o interrogatório. Achou aquilo um exagero. Nesse instante, Queiroz observava Tereza, em silêncio, através do espelho, estudando todos os seus gestos com os cuidados de um bacteriologista num laboratório. A sala de observação estava abarrotada e Bardas resolveu perguntar baixinho para Queiroz:

— O que acontece?

— Eles gostam de apostar. Uns acham que o suspeito vai falar, outros não. Alguns até acham que o sujeito vai falar em um

determinado intervalo de tempo. Eles se divertem — murmurou, com uma ternura inusitada, como se falasse dos próprios filhos.

— Mas é sempre assim?

— Quando eu resolvo fazer um interrogatório é sempre este circo — confirmou, divertido.

— Por quê? Faz parte do treinamento que você dá? — perguntou, curioso.

— Não, não — rejeitou, com um sorriso brando. — É que eu tenho um estilo quase... feminino, que eles gostam de observar.

— Feminino? — inquiriu Bardas, confuso.

— Sou muito delicado. Acredito na educação e na gentileza. As pessoas não encontram isso em um lugar destes. E ficam desarmadas. É do que preciso para estabelecer um diálogo — explicou, consultando o relógio. — Bem, está na hora.

— Coronel — chamou um dos detetives, colocando-se na frente dele. — Quanto tempo acha que vai levar para dobrá-la?

— Não sei. Mas tem que ser antes do advogado dela chegar, senão vai dar muito mais trabalho. E acredito que ela vai pedir esse advogado já, já — respondeu, enquanto se dirigia para a sala de interrogatório. Depois voltou atrás, enfiou a cabeça na porta e rematou:

— Quem ganhar paga uma rodada para todos esta noite.

Tinham se passado três horas desde que Tereza chegara à delegacia. Depois de ter percorrido a sala vezes sem conta e quando já não encontrava posição na cadeira dura, alguém entrou com um café quente na mão. Era o que ela precisava para sentir o calor voltar ao corpo. O homem tinha mais de quarenta anos e tudo nele era calmo: da expressão facial aos gestos. Sentou na cadeira à frente dela e bebeu o café devagar, saboreando-o em pequenos

goles. Pousou o copo de plástico, meio cheio, bem junto dele, e disse:

— Bom dia. Me chamo Rui Queiroz e sou coronel da Polícia. Aceita um café?

— Sim. Muito obrigada — respondeu, apressada.

Ele levantou o copo para o espelho que estava nas suas costas, em um sinal que parecia claro para quem estivesse os observando. Esperou que trouxessem o café e só quando ela começou a beber é que falou de novo, interrompendo o silêncio que se instalara entre eles.

O café estava muito doce, mas naquele momento Tereza sentiu as energias voltarem ao corpo e aquele parecia ser o melhor café que tomara na vida.

— Imagino que saiba por que está aqui... — disse Queiroz, dando início à conversa.

— Não — respondeu, lacônica.

— Então vai ser assim? Não vamos colaborar um com o outro? — questionou suavemente.

— Senhor, eu não posso colaborar com a polícia sem saber do que se trata. Além disso, não posso falar para não me incriminar em algo que seja considerado ilegal.

— Compreendo — respondeu Queiroz, pensando que o jogo tinha começado e estava um a zero, a favor dela. Ela parecia frágil, mas era extremamente astuta.

— Tenho direito a um telefonema, não é?

— Sim, claro. Quer fazê-lo já? — perguntou Queiroz, desconcertando-a com sua ética. Tereza achava que eles iam mantê-la ali horas a fio até conseguirem fazê-la confessar alguma coisa. Os métodos da polícia eram conhecidos pela brutalidade e, em alguns casos, pela falta de escrúpulos para conseguir confissões. Aquela

atitude era contrária a tudo o que tinha ouvido a respeito da atuação da polícia. Primeiro a gentileza do café, e agora a ética do telefonema. Sentiu-se grata.

— Sim, por favor.

Ele levantou novamente o braço para o espelho e, segundos depois, um policial jovem e robusto trouxe um telefone sem fio, que pôs à frente dela antes de abandonar a sala, sempre em silêncio.

— Pode usar. É só ligar o telefone e marcar o número. É uma linha direta. Vou te dar alguma privacidade — afirmou, deixando-a sozinha. Tereza sabia que estava sendo observada, mas o gesto dele tinha sido de uma educação extrema. Sentiu a ameaça das lágrimas. Depois do tratamento do silêncio durante três horas, que se arrastaram como se fossem dez, onde tudo passou pela cabeça, aquele humanismo raro a comoveu. Primeiro marcou o número do celular de Penafor, mas ele não atendeu. Depois tentou o de casa e foi inundada por uma sensação simultânea de alívio e alegria ao ouvir a voz dele.

— Juan — disse com voz de choro. Ele sobressaltou-se.

— Tereza?

— Preciso muito de você. Fui presa. Necessito de um advogado criminal.

— O que aconteceu? O que você fez Tereza? — perguntou perplexo. A dor dela arrancou-o da letargia que o dominara desde que descobrira o responsável pela morte do pai. De repente, alguém precisava dele e esse alguém era a mulher que amava. Levantou, de um pulo, do sofá onde estava deitado e sentiu o corpo se encher de uma força nova. Mentalmente revia os nomes de advogados que conhecia ou de quem já havia ouvido falar de forma elogiosa. O dinheiro não seria problema. Tinha que salvar Tereza.

— Não posso falar sobre isso agora. Mas foi algo terrível.

— Não se preocupe. Vou cuidar de tudo. Para onde é que a levaram? — disse, recuperando a voz firme com que a encantara na festa de Natal da empresa.

— Para a delegacia do Centro.

— Eu sei qual é. Não se preocupe. Não importa o que tenha feito, vou tirá-la daí. Prometo.

Tereza sentiu-se reconfortada depois de ouvi-lo. A sensação de desespero diminuiu e, naquele momento, começou realmente a amá-lo. Ouviu Queiroz entrar e ocupar o mesmo lugar, à sua frente. Ele levantou o telefone com a mão direita e o mesmo policial que entrara na sala minutos antes, veio buscá-lo.

— Sente-se melhor? — perguntou, gentil.

— Sim, obrigada, coronel.

— Quer esperar pelo seu advogado ou podemos conversar um pouco?

— Oficialmente? — perguntou, com esperança de poder deixar de vigiar tudo o que dizia.

— Sim. A partir do momento em que batemos à sua porta, é tudo oficial Tereza.

— Compreendo. E de que falaríamos?

— Da sua participação em uma quadrilha do crime organizado, dedicada ao mercado da arte e envolvida em vários assassinatos.

Ela baixou a cabeça perante a suavidade firme com que ele falava. Aquilo só podia significar que a polícia sabia de tudo. Mas insistiu para ver até onde eles poderiam conectá-la com Dimitri.

— Não têm provas sobre isso.

— Infelizmente para você, temos. Você é apenas uma milésima parte do quebra-cabeça: hoje foi realizada uma operação em vários países para dismantelar essa rede criminosa. Neste momento estão presas cento e dezessete pessoas.

Ela se assustou com o número, percebendo que se tratara de uma megaoperação. Uma operação que tinha escapado totalmente aos contatos de Dimitri. Uma coisa secreta, que significava que o vigiavam havia muito tempo e mantiveram tudo confidencial, fora dos canais normais da polícia. Estremeceu com a lucidez do seu próprio raciocínio.

— Compreendo.

— Sua participação está comprovada porque, como calcula, uma operação desta magnitude pressupõe um minucioso e longo trabalho de investigação.

— Está dizendo que estão me vigiando há algum tempo, é isso?

— Investigando — corrigiu delicadamente Queiroz.

Bardas, do outro lado do espelho, estava estupefato com o andamento da conversa. Agora que via Queiroz em ação, com toda a delicadeza, compreendia o fascínio que ele exercia sobre os seus subordinados.

— Certo. Investigando — repetiu Tereza. — E quais são as acusações?

— Várias. Raramente um crime é só um crime.

— O que quer dizer? — disse, descruzando os braços para apoiá-los sobre a mesa, indicando, inconscientemente, que estava baixando suas defesas.

— Para cometer um crime, em geral cometem-se vários! E com você não foi diferente.

— Que crimes eu cometi?

— Invasão ao domicílio, associação criminosa, participação em homicídios...

— Nunca matei ninguém — negou, perante o absurdo da acusação.

— Mas era você que fornecia a lista dos objetos de arte e o nome dos proprietários aos seus colegas — lembrou, gentil.

— Sim, mas não era para que matassem ninguém.

— Mas rapidamente descobriu que os matavam, não é?

— Eu não podia fazer nada, coronel! — falou como se desabafasse. — Depois de entrar para um grupo desses não há como sair. Quando percebi onde estava, já era tarde demais.

— E por que se meteu nisso?

— Por dinheiro e para me vingar de Miguel Besson, meu chefe.

— Ele tratava-a mal, é isso? — perguntou solidário, para total espanto de Bardas, que os observava inconformado com a rapidez com que uma mulher inteligente como Tereza estava confessando ao coronel da Polícia, antes do seu advogado chegar.

— Eu fui apaixonada por ele durante anos.

— Não se pode obrigar ninguém a nos amar, não é Tereza? — questionou, se incluindo inteligentemente na conversa, como participante.

— Não. Mas eu estava com muita raiva.

— E agora?

— Agora não. Amo outra pessoa.

— Então quem sabe, se colaborar com a polícia e nos contar o que sabe, possamos negociar e evitar um julgamento público.

— Isso é possível?

— Sim. Se o Ministério Público aprovar. Mas acredito que sim, se você colaborar.

— O que faria se estivesse no meu lugar?

— Ouviria primeiro meu advogado.

Ela se admirou com o conselho. Realmente aquele homem tinha uma ética absurda.

— Obrigada. Quando meu advogado chegar gostaria que propusesse um acordo. Pode ser?

— Claro. Vou pedir que anote seu depoimento e assine — respondeu Queiroz, se preparando para deixar a sala. — Aceita mais um café, uma água?

— Os dois, por favor. Obrigada coronel.

Ele sorriu, saiu da sala, e no momento em que abriu a porta da sala de observação, percebeu que a desordem estava instalada. Discutiam os detalhes da aposta e Bardas, sem perceber como, tinha se transformado no árbitro do conflito.

— Cinquenta minutos foi o tempo que ele levou para negociar — dizia Bardas, no seu português atravessado de gíria espanhola, com a folha das apostas na mão. — O tempo mínimo aqui na lista é de uma hora. Temos que excluir o tempo.

Queiroz falou alto:

— Bardas, não se meta com eles. Saia daí, vamos tomar uma cerveja. André, vá lá pegar o depoimento da senhora e garanta que ela escreva direitinho o que fez.

Bardas entregou a folha ao detetive que estava ao seu lado e deixou a sala de observação.

Mais tarde o advogado de Tereza formalizou o acordo que ela já havia começado a negociar com Queiroz: daria nomes, datas e detalhes da organização, e em troca da sua colaboração entraria para um programa de proteção a testemunhas. Aquilo significava que deixaria para trás sua vida atual e todos os que faziam parte dela, inclusive Penafor.

Na África o tempo parece mais lento, tem um ritmo próprio e as cores, os cheiros e os sabores são mais intensos. Miguel olhou pela

janela da sala e viu a savana pontilhada por algumas árvores que quebravam a monotonia da paisagem. Adiante, uma montanha quase azul interrompia a amplitude do horizonte. Ao longe, o barulho dos bichos antecipava a noite. A escuridão caiu de repente. Naquela época a noite se abatia sobre a terra de uma vez. O dia ia da luz intensa à escuridão profunda sem ameaças ou entardeceres prolongados, como se uma sombra engolisse o sol de supetão.

Elizabeth, encostada à janela, com o pensamento distante, lutava contra sua presença junto de Miguel. Não entendia como aquilo acontecera: tinha ido se encontrar com ele e acabara viajando para África, sem levar sequer uma roupa. Agora, ao pensar nas últimas horas, tudo parecia confuso, como se a mente tivesse lhe pregado uma peça. Talvez o ferimento na testa, no dia em que conheceu Miguel, tivesse mesmo afetado o seu discernimento sobre ele. Desde aquele instante, era difícil se libertar daquela espécie de nevoeiro que afetava sua vontade e lucidez quando ele estava por perto. Não sabia. O certo é que não queria ficar, mas também não queria partir.

Muitas horas antes, Miguel a convidara para viajar até a África. Não a pressionou para fazer nada que ela não desejasse. Elizabeth estava ali porque aceitara o convite dele, e acompanhara-o por vontade própria.

Miguel não tocou nela nem a beijou. Manteve a distância. No avião, quando ela cedeu ao cansaço, cobriu-a com um cobertor macio e ficou vendo ela dormir, observando seu sono, como se a estivesse estudando.

Ela se afastou da janela, para longe do chamado dos bichos. Aproximou-se dele, pousando a mão sobre o peito másculo e, perguntou, confusa com seu comportamento distante:

— Atravessou continentes, me trouxe até aqui, e já não me quer?

— Quero — respondeu com voz rouca, assaltado por um desejo mal reprimido. — Muito.

— Então por que não me abraça?

— Vamos descansar hoje e amanhã. Depois, com calma, você decide se é isso que quer.

— Acha que tenho dúvidas?

— Deveria ter — avisou-a. — Sua decisão pode alterar sua vida. Já pensou nisso?

— Não sei! — abraçou-o, antes de confessar. — Não quero sair da Ordem, mas quero ficar com você. E ao mesmo tempo não quero.

— Eu sei — respondeu acariciando o cabelo claro, antes dar um passo atrás, e se afastar. — Podemos esperar. Quero que veja um lugar especial, onde ficaremos juntos. Pode ser?

— Pode — concordou docilmente, deixando cair os braços vazios ao longo do corpo.

— Hoje, vamos fazer outra coisa especial. Vamos nos transformar e caçar —sugeriu, observando-a cuidadosamente.

— Não posso comer carne. Não quero comer carne — respondeu com repulsa.

— Não precisamos comer. É apenas para sermos livres. Será uma experiência inesquecível — convidou Miguel, sabendo do vínculo que criaria com ela. Um vínculo eterno, porque seria a primeira vez que ela se transmutaria na natureza e ele seria seu guia.

— Não sei se posso — disse confusa, assaltada pela lembrança do seu rosto contra as costas macias e felinas de Daniel, quando havia se consagrado.

— Venha. Eu estou com você — insistiu, persuasivo, puxando-a pela mão com suavidade.

— Não. Não posso. Não quero. Não quero, Miguel — afirmou finalmente, com veemência. Lembrou-se de Daniel, dos seus lábios

contra a pele úmida do pescoço dele, quando ele a carregou pelas escadas do Mosteiro.

Miguel abraçou-a com força, tentando dominar um sentimento de frustração. Ela tremia ligeiramente, com o coração acelerado e o medo espreitando nos olhos, juntamente com o animal sagrado que habitava dentro dela.

— Está tudo bem — disse, junto ao ouvido dela, com voz mansa, acalmando-a e fazendo os batimentos cardíacos voltarem ao normal. — Venha. Vamos comer. A empregada deixou salada e sopa... Nada de carne. Eu também não estou comendo carne.

Elizabeth seguiu-o até a cozinha. Ele a serviu, cuidou dela e depois a acompanhou ao quarto. Sentou-se na cama e conversou longamente com ela sobre os tempos dos cavaleiros em terras que já tinham mudado de nome.

Ela sentia-se frágil. Depois de tantos anos, estava de volta ao lugar onde nascera e a África inteira parecia gritar dentro dela, como se despertasse de um grande sono. Lentamente cedeu ao sono, embalada pela voz meiga de Miguel. Quando ela adormeceu, ele relaxou finalmente o corpo tenso e beijou-a nos lábios. Cobriu a cama com o mosquiteiro redondo, preso no teto, e deixou-a dormir em uma espécie de casulo, antes de ir para seu quarto.

Quando a noite de 12 de fevereiro caiu sobre São Paulo, trouxe uma escuridão maior que a habitual. Naquela tarde, Elizabeth tinha ido encontrar-se com Miguel em um pequeno café repleto de azaleias de todas as espécies e cores. Na parte de trás da casa, depois de duas salas aconchegantes, havia um jardim com algumas mesas. Foi dali que Elizabeth desapareceu. Leon e Náder não encontraram rastro dela, trinta minutos depois de ter entrado no

café. Avisaram Alessia que eles deviam ter saído pelo portão do jardim, que desembocava em outra rua. O certo é que, em minutos, a inquietação se apoderou de todos os Guardiões.

Daniel ligou para Miguel e Elizabeth, mas os celulares estavam desligados. Manteve a frieza e distribuiu tarefas. Seth e Uchoa iriam ao apartamento de Miguel e à sua casa de praia, localizada a cem quilômetros da cidade, para ver se descobriam alguma pista. Alessia e Kent entrariam na sede da Irmandade da Fênix. Dib iria com ele para os aeroportos da região. Daniel deduziu que seu primeiro gesto, se estivesse no lugar de Miguel, seria levar Elizabeth para fora do país, distante do alcance da Ordem.

Daniel listou várias possibilidades para onde ele poderia levar Elizabeth, e, de repente, o mundo que sempre lhe parecera minúsculo, tornou-se excessivamente vasto. Às quatro da manhã, depois de terem virado a cidade do avesso, encontraram-se na sede da Ordem. Manfred Kräuser, por precaução, havia preparado uma ceia tardia. Serviu-os na sala que antecedia a Biblioteca, e embora ninguém estivesse com apetite, todos se obrigaram a comer, por desconhecerem quando seria a próxima refeição.

Daniel ouviu os relatos minuciosos. O menor detalhe podia transformar-se em uma pista. Porém, não havia indícios do lugar onde Besson pudesse estar com Elizabeth e Daniel sabia que, se ele quisesse, ninguém o conseguiria encontrar. Pensou durante algum tempo, avaliando as diferentes ideias e sugestões e, por fim, tomou uma decisão: iria usar a projeção astral para descobrir onde ela estava. Bateu com a palma da mão na mesa, em uma espécie de gesto de adeus e saiu, seguido de Dib:

— Vou com você. Pode precisar. — Daniel moveu a cabeça em sinal de aquiescência. Parou na porta, por um segundo, antes de partir, e pediu:

— Mantenham-se atentos. Posso precisar de vocês. Dia 14 é lua nova. A lua dos novos começos, a lua da fertilidade. Temos que encontrá-la antes.

— Daniel, por favor, diga o que está pensando! — pediu Alessia.

— Besson não precisa de Elizabeth para manter a juventude. Ele a ama e não lhe fará mal, mas a deseja — mordeu os lábios, como se quisesse morder também as palavras. — Deseja-a mais do que tudo. É simples.

Os olhos de Alessia faiscaram com aquela verdade que intuía, mas se negava a aceitar. As lágrimas correram pelo rosto. Kent pôs as mãos sobre os seus ombros e disse, consolando-a:

— Nós vamos encontrá-la.

28. O terço dos anjos

Ouçam-me, quando estiverem cansados, vão dormir e obtenham assim poder. Algo virá ter convosco no vosso sonho para vos ajudar.

Seja o que for que esses animais vos digam, se aparecerem enquanto vocês dormem, obedecem-lhes. Deixem-se guiar por eles. Se alguém quiser ajuda, se um de vocês estiver só na viagem e gritar alto por ajuda, o seu pedido será ouvido. Era assim que as primeiras pessoas se deslocavam pelo mundo, graças ao poder dos seus sonhos.

Pés Negros (Índios Siksika, Sangués e Piegans)

Daniel meditou, usando sua ligação com Elizabeth, fortalecida pela Consagração, para localizá-la. Após uma hora de profundo transe, viu-a adormecida sob a renda do mosquiteiro. Aproximou-se dela, e assoprou seu rosto. Ela abriu os olhos devagar, com esforço, e viu o monge de laranja dos seus sonhos, o monge que a protegia sempre. Ergueu a mão, afastou o largo capuz, e reconheceu Daniel.

- Temos pouco tempo, Elizabeth — avisou Daniel num sussurro.
- Diga-me onde está.
- Na Costa do Marfim.

— Mostre-me o lugar.

— Não consigo. Estou muito cansada — respondeu, dominada por uma estranha letargia, sob o efeito do encantamento de Besson.

— Dê-me uma indicação.

— A montanha azul... A quatro horas da capital.

— Eu vou encontrá-la. Não se oponha a ele. Quanto mais lutar, mais forte será o encantamento. Não resista.

— Está bem. Daniel... — murmurou, no instante em que Besson entrava no quarto. Mas Daniel já não se encontrava ali. Foi por um milionésimo de segundo que não se cruzaram. Besson caminhou até ela e ouviu-a repetir o nome:

— Daniel...

Apertou os olhos com força, confuso. Não sabia por que é que ela chamava por Daniel. Olhou em volta tentando descobrir se ele quebrara a proteção que tinha colocado em volta dela. Mas não havia nenhum desequilíbrio no campo de energia. Sorriu, seguro de que nem mesmo Daniel teria a habilidade de entrar no círculo à volta da cama dela, sem que ele descobrisse. Puxou a cadeira que estava num dos cantos e sentou-se próximo da cama, vendo-a dormir: as longas pernas nuas contra os lençóis brancos, os braços abandonados. Observou a respiração ritmada sob a camiseta de algodão rosa que ela encontrara na cômoda.

A quilômetros dali, Daniel saiu do transe em que se encontrava. Dib estava ao seu lado, sentado no chão, com as pernas cruzadas uma sobre a outra, em profunda meditação. Também abriu os olhos lentamente e comentou, sorrindo:

— Foi por pouco.

— Foi — concordou Daniel. O dia raiava. — Se você não tivesse mantido a energia do círculo estável, Besson teria descoberto minha presença.

— Eu sei — disse Dib, lembrando que Daniel fizera o mesmo por ele, anos atrás, ao resgatá-lo das mãos de um poderoso inimigo durante a Segunda Guerra. — Descobriu onde ela está?

— Na Costa do Marfim. Besson deseja fechar um ciclo e iniciar outro. Que lugar seria melhor do que a terra onde Elizabeth nasceu? Além disso, é África.

— A magia é muito poderosa lá... — confirmou Dib. — Sabe qual é a localização exata?

— Elizabeth mencionou uma montanha azul, a quatro horas da capital. Tenho certeza que é um antigo templo que existe no topo dessa montanha.

— Vai lá?

Sem terem dormido, foram para a cozinha, onde Daniel fez um café expresso forte, enquanto respondia:

— Vamos juntos. Quero que me acompanhe, mas vai manter-se invisível e equilibrar os campos energéticos para evitar flutuações, porque Elizabeth está sob o encantamento de Besson. E ele é que vai ter que deixá-la partir.

— E se ele não a libertar, Daniel?

— Primeiro vamos analisar a situação — respondeu, bebendo um trago de café.

— Quer que avise os outros? — perguntou Dib.

— Sim. Peça que Seth providencie um avião para nos levar à Costa do Marfim, o mais rápido possível — respondeu Daniel.

— O que é Daniel? — Dib percebeu que ele continuava maquinando alguma coisa.

— Arturo deixou um terço para Elizabeth. É um objeto mágico. Foi o único objeto que ele me pediu para dar à Elizabeth quando eu achasse que seria necessário.

— Lembro quando você lhe entregou, na reunião...

— Essa é a questão: "*quando for necessário*"! — frisou Daniel, olhando fixamente para Dib. — Não vejo uma situação em que o terço seja mais necessário. E você?

— Também não — confirmou Dib. — Onde está o terço?

— Deve estar na casa dela. Vou falar com Alessia e passo lá para buscá-lo. Encontramo-nos aqui em duas horas e seguimos para o aeroporto. Kent vai nos levar.

— Perfeito — disse Dib. Precisava ir ao seu apartamento para pegar uma mochila com algumas roupas e objetos de higiene pessoal.

Miguel conduziu-a pela mão. Subiram a montanha por uma antiga escada, com pequenos buracos escavados na rocha íngreme. Era um caminho oculto para quem não o conhecesse, cortado na pedra centenas de anos antes, pelas mãos de antigos sacerdotes. No topo da montanha, uma rocha lisa, coberta por uma camada de terra, abrigava um cemitério africano de quinhentos anos, com gerações de reis adormecidos, cujos nomes teimavam em resistir na pedra para evitar o esquecimento humano. Espíritos e forças estranhas pairavam sobre o lugar, ligando o passado ao presente. Uma pequena torre de pedra branca, com um altar de mármore no centro, erguia-se quase na beira do penhasco de mil e setecentos metros.

Anos antes, o altar servira para realizar sacrifícios que apaziguassem os antigos deuses, sempre que a natureza se

enfurecesse contra a humanidade. A única forma de os homens provarem o amor por esses deuses cruéis e ávidos de atenção era pela oferenda de sangue. Habitualmente eram sacrificados animais. Porém, quando a fúria divina era demasiado violenta e se abatia sobre os homens sem compaixão, eles sacrificavam uma criança. Mas mesmo com tanto sangue derramado — ou talvez por haver tanto sangue derramado — a região tonou-se inóspita, incapaz de sustentar a vida. Os deuses pareciam tê-la sugado, deixando apenas um pedaço árido de chão.

O povo partiu em busca de água quando percebeu o abandono dos deuses. Para trás deixaram os túmulos dos reis mortos, fustigados pela poeira, e a pequena torre branca.

Miguel apropriou-se da torre que havia sido preservada e, agora, era mantida por um velho feiticeiro que insistia em homenagear os antepassados, na esperança de que eles interferissem junto aos deuses, e a vida retornasse à terra ressequida.

Os olhos de Miguel brilhavam anormalmente, mesmo sob a proteção das lentes escuras. O sol africano tinha uma luz forte que deixava um rastro fantasmagórico e leitoso sobre as pessoas e as paisagens. A luminosidade vinha do céu sem hesitações, e depois emanava da terra, como se o chão fosse incapaz de suportá-la e tivesse que devolvê-la. De longe, a libertação do calor provocava um estranho efeito de óptica: a terra parecia diluir-se em direção ao céu, em um bizarro tremor.

Apesar do caminho íngreme, quase a pique em certos lugares, Elizabeth subiu a montanha sem esforço. Seu condicionamento físico impressionou Miguel, que viu claramente os efeitos da Consagração. Subiram as escadas, no interior da montanha, protegidos do sol impiadoso, mas sob o efeito de um calor intenso. Sentiram alívio imediato assim que Miguel empurrou a porta e entraram na capela

branca. Tudo estava perfeito: as velas brancas no lugar certo, o fumo adocicado do incenso, e, sobre o enorme altar, um fino colchão de algodão egípcio que protegeria o corpo do toque gelado do mármore. Miguel pediu que ela vestisse uma longa túnica de linho branco enquanto colocava a sua. Viu-a quando ela se despiu e avaliou o corpo perfeito, esguio, com a cintura fina e a pele de marfim. Não conseguiu evitar um arrepio de prazer antecipado, ao saber que ela seria sua.

Quando ficaram apenas com o tecido fino e delicado sobre a pele, ele sentiu o corpo livre de restrições e tentou dominar o desejo que o inundava. Precisava se controlar para que o ritual fosse perfeito.

No meio da sala, o antigo altar de mármore, com um metro de altura e quase três de largura, esperava por eles. Elizabeth se deitou como uma noiva sacrificial. Estava calma, sem medo ou ansiedade, e apesar de tudo aquilo parecer estranho, não pretendia fazer nenhum gesto de rejeição, prisioneira do poderoso encantamento que Miguel lançara. Sentiu que ele se aproximava, sem pressa. O corpo, em um movimento lento, dissipava a distância que os separava. Lá fora, o sol continuava a pique, caindo impiedosamente sobre a paisagem.

Ele sentou-se em frente dela e puxou-a pelas mãos para que ela ficasse na mesma posição. Ficaram alinhados, com as pernas cruzadas, na posição de lótus. Miguel começou a respirar profundamente e ela acompanhou-o, em um processo lento de preparação para maximizar a energia. Quando a respiração deles estava totalmente sincronizada, ele despiu a túnica, e ela imitou-o em um gesto automático.

Tudo nela era perfeito, pensou Miguel com prazer, olhando-a fixamente. Percebeu como o desejo aumentava devagar, pela respiração profunda e pelas carícias das mãos sobre os corpos nus. Tinham passado horas desde que haviam se sentado ali, e ambos

ardiam de desejo. Ela fez um gesto para se aproximar, ansiando por mergulhar no corpo dele, mas ele moveu a cabeça em sinal de negação, concentrado em cumprir as etapas do ritual. Continuaram sentados, frente a frente, empreendendo uma viagem dos sentidos, com as mãos ocupadas em uma exploração cada vez mais exigente.

Finalmente, Miguel se inclinou e a beijou com uma sensualidade voluptuosa. Ela se entregou sem reservas, dominada por aquele fogo que fazia arder seu ventre e se espalhava por todo o corpo. Quando atingiram o ápice do desejo, e Miguel estava prestes a possuí-la, sentiu a presença dele. Parecia longínquo, mas, na realidade, já era muito tarde: a porta abriu e a luz da tarde invadiu a capela, com um jorro pungente. Ele ficou imóvel, recortado contra a luz, como um anjo vingador. Miguel quase esquecera como ele era senhor daquela terrível beleza que escondia o golpe certo da justiça.

Daniel fechou a porta em silêncio. Vestia a túnica negra dos Guardiões e na mão trazia a túnica de Elizabeth, que colocou à esquerda da porta.

Depois de centenas de anos, finalmente se encontraram face a face. Daniel sentiu o peito comprimir quando olhou para o rosto do antigo amigo. Reconheceu as suas feições belas e elegantes, mas o olhar estava diferente e, naquele momento, completamente alterado pelo desejo. Manteve a tranquilidade, mas não pôde evitar a tristeza de reencontrá-lo, tantos anos depois, naquelas circunstâncias, a ponto de *lhe roubar* Elizabeth.

Entrou na capela pisando com cuidado, como se o chão pudesse se abrir debaixo dos seus pés a qualquer instante, pronto para tragá-lo. Parou a cinco passos de Miguel, com os olhos fixos nele. Via Elizabeth de relance, nua sobre o altar, em uma espécie de transe. Mediram-se e ele recordou o intenso erotismo de Miguel:

parecia um felino pronto para acasalar, e todos à sua volta se rendiam àquela força primitiva que os atirava para a obscuridade do desejo.

Miguel continuou imóvel, sentado sobre o altar, expondo sua sensualidade exuberante, como se a natureza não tivesse que se ocultar sob circunstância alguma.

— Hum... — disse Miguel, dando início ao diálogo de forma letárgica, quando, na verdade, estava totalmente alerta. Daniel continuou em silêncio, pensando que Miguel teria que fazer melhor do que aquilo: teria que dizer uma palavra se quisesse dialogar.

— É belíssima, não acha? — perguntou Miguel, provocante, para auscultar até onde ia a relação entre eles. Lembrava-se como Elizabeth era alucinada por Daniel quando criança, e havia dito o nome dele durante as duas últimas noites, enquanto dormia.

Por fim, Miguel se moveu, para deitá-la sobre o altar, como uma boneca. Assoprou suavemente seu rosto e ela adormeceu. Disse, voltando-se para Daniel:

— Não queremos que ela veja isto, não é?

— Depende. Por que matou o Bento? — questionou Daniel, mudando de assunto para conseguir algum tempo e controlar a emoção que a nudez e o envolvimento de Elizabeth com Besson lhe suscitavam.

— Bento entrou na lista de crimes sob a responsabilidade de Dimitri, na busca por objetos de arte, pela ligação dele com Elizabeth. Até Rui Queiroz aceitou que Botkin foi responsável, mesmo sem o aval de Tereza. Por que pergunta? — respondeu Miguel, irônico.

— Embora Botkin tenha estado no Brasil quando Bento morreu, e a polícia aceite essa explicação, sabemos que não foi isso que aconteceu. A morte de Bento tem a ver com você.

— Você acha que sabe o que aconteceu, mas não sabe — frisou Miguel com uma calma fria, tentando dominar o desejo por Elizabeth e a irritação provocada pela interrupção de Daniel. — Vou esclarecer: houve uma associação de interesses. Eu precisava que focassem a atenção em algo e deixassem Elizabeth livre, para poder me aproximar dela. Alessia ficou destruída...

— Matou um homem para chamar a nossa atenção?

— Sim — respondeu, com naturalidade, olhando provocadoramente para Daniel como se estivesse dizendo que havia cometido crimes muito piores por muito menos. — Mas confesso que fiquei impressionado por você não ter hesitado: manteve tudo organizado e não baixou a guarda. Bravo! — disse com sarcasmo. — Arturo não teria feito melhor. Mas realmente nos últimos tempos a mortalidade abalou-o e impediu que percebesse muitas coisas, inclusive minha presença. Em outras épocas ele teria sabido assim que eu chegasse à cidade.

— Eu sei. Mas Arturo estava doente...

— Hum... Como eu disse: os efeitos colaterais da mortalidade humana. Mas valeu a pena. Ele abdicou da imortalidade por Elizabeth. Veja como ela é perfeita... — disse, apontando novamente para Elizabeth, nua, adormecida sobre o altar. Deu alguns passos, pegou na túnica que tinha atirado ao chão e vestiu-a com gestos sensuais.

— Ele abdicou da imortalidade por Angelina — lembrou Daniel.

— Esperou sete séculos por ela e perdeu-a em menos de duas décadas. A aritmética não lhe foi nada favorável — disse, com um esgar de ironia. — Mas Elizabeth fez com que o sacrifício dele valesse a pena, e agora será minha. Ela está destinada a algo maior.

— Maior do que ser uma Guardiã? Não há nada maior que isso na Terra.

— Os Guardiões são limitados por demasiadas regras: castidade, pureza, abnegação... Má alimentação. São seres solitários e infelizes que não podem amar ninguém. Estão condenados à solidão. Vivem para guardar o Pergaminho e um monte de objetos mágicos poderosos demais, que não podem cair nas mãos humanas. Os homens são como um bando de crianças tolas que não podem ficar sem supervisão — afirmou cinicamente.

— E você, vive para quê? — perguntou, ignorando as provocações de Besson.

— Divirto-me, amo, faço o que quero. Sou livre e também imortal como vocês. Posso oferecer o mundo a Elizabeth.

— Não se iluda. Terá que pagar um preço por tudo isso. Como nós pagamos pela nossa imortalidade: sofreremos com a solidão, mas também somos abençoados pela luz.

— Pago meu preço — afirmou com falso desprezo ensaiado. — Além disso, a luz só existe por haver escuridão. São complementares. Uma não existe sem a outra.

Daniel perguntou de repente, como se a informação só tivesse chegado ao seu cérebro naquele momento:

— O que quis dizer com a morte de Bento ter sido uma “associação de interesses”?

— Quase passou despercebido esse detalhe macabro! — ironizou Miguel, com um sorriso.

— Foi você que abriu essa porta. Agora diga — lembrou Daniel.

— Bento estava doente. — Miguel fez uma pausa breve, antes de continuar a falar, como se estivesse pensando bem o que diria. — É uma coincidência que Bento tenha tido a mesma doença de Arturo, não acha?

— Sim... Mas é uma doença comum. E você assassinou-o.

— Ele me pediu.

— Como? Bento o conhecia? — inquiriu Daniel, tentando controlar a surpresa provocada por aquela informação.

— Bento e eu ficamos amigos, desde que eu cheguei a São Paulo. Quando me pediu que o ajudasse, achei que seria interessante para mim e para ele...

— Custa-me acreditar nessa sua frieza. Você fez isso por amor...

— Posso até ter feito por amor. Mas vocês não acreditam que eu seja capaz de atos de amor. Só reconhecem meu lado negro. É verdade que sou capaz de coisas terríveis. Mas somos todos, não é? — perguntou, com cumplicidade.

— Somos — reconheceu Daniel.

— Dei-lhe o veneno e ele me chamou no dia em que ia tomá-lo, quando começou a sentir dores. Fiquei ao seu lado até ao fim. O ferimento foi *post mortem*, como sabe.

— Por que o feriu?

— Além de deixar-vos ocupados, era um aviso de que eu podia atingir a Ordem. E ao levar a chave do quarto, queria que soubessem que eu tinha acesso a Elizabeth, uma chave-mestra.

— Calculei que fosse essa a mensagem simbólica.

— Eu sabia que entenderia — confirmou Miguel, com segurança.

— E como é que foi usado o mesmo veneno em Bento e nas vítimas da Europa?

— Tereza deve ter tido a ideia ao ler as minhas notas sobre tetrodotoxina, quando invadiu meu apartamento.

— É uma explicação convincente — respondeu Daniel pensativo, voltando a falar de Bento. — Eu não sabia da sua ligação com Bento.

— Ele era excepcional. Alessia foi uma boa mãe. Diga-lhe isso — retorquiu, sincero.

— Espera que eu diga à Alessia que você e Bento eram amigos? E que foi a você que ele recorreu para morrer? Ela responsabiliza-o

pela morte dele e, por alguma razão que me escapa, não suporta sequer ouvir seu nome.

Miguel sorriu e ignorou o comentário, mas Daniel insistiu:

— O que aconteceu entre vocês, Besson?

— São demasiadas revelações para um só dia. Deixemos isso. Falemos de Elizabeth — disse, voltando à verdadeira razão da presença de Daniel ali.

— Deixe-a escolher — pediu Daniel. Miguel observou-o atentamente, sentindo que Daniel estava escondendo algo importante, mas ele não conseguia decifrar. Daniel parecia um lago calmo, e tudo o que Miguel tentava fazer para ler sua mente se diluía naquela calmaria.

— Ela já escolheu.

— Ela não escolheu, Besson — disse, chamando-o pelo nome com suavidade. — Você arquitetou isto desde que ela nasceu, não é?

— Arturo não fez diferente.

— Arturo era pai dela. Escolheu aquilo que achou ser melhor para ela.

— O mesmo caminho que ele trilhou. Escolheu o conhecido — argumentou Miguel.

— Está sendo injusto com Arturo. Ele era o melhor de nós, em tudo. E foi isso que você não lhe perdoou, não é Besson? — questionou, tocando na ferida oculta durante séculos.

— Que importa isso agora? Ele se foi, apesar de ser o melhor de nós, sim. Mas parte do que ele era está em Elizabeth. Eu vejo isso e você também.

— Sim, vejo. E é por isso que quer destruí-la?

— Não quero destruí-la. Quero lhe dar a possibilidade de ter uma vida. Ser feliz. Ser mãe — anunciou friamente a Daniel, sabendo que aquela era a grande fraqueza da Ordem.

— Ela não pode ter filhos. Para isso ou deixaria de ser imortal, como Arturo, ou seguiria o mesmo caminho que você, seja ele qual for. E, nesse caso, esqueceu-se do que somos? Do que poderíamos fazer aos nossos filhos durante uma transmutação?

— Ela pode ter filhos — insistiu. — Ela pode ter tudo. Eu tenho tudo, De Payens.

— Não tem, não.

— Mas terei — afirmou Miguel, seguro.

— Como é que consegue? Qual é realmente seu preço? Você tornou-se um Fausto, como Arturo achava? Vendeu a alma em troca da imortalidade? De poder? Do quê? — questionou Daniel, com a voz branda, sem alterar sua postura serena.

— Não vendi nada. Vocês são os Guardiões e não sabem nada. É sempre necessário alguém destemido, como eu, para descobrir a verdade. Para ir mais longe.

— Então me diga.

— Não — respondeu Miguel, divertido.

— Não por mim. Por ela.

— Eu mesmo contarei a ela, não se preocupe. Quando chegar a hora, ela saberá.

— Conte agora. Devolva-lhe a lucidez e revele a verdade — aproximou-se dela devagar.

Miguel se adiantou, barrando a passagem. Era ligeiramente mais baixo que Daniel, mas tinha uma força eletrizante. Parecia forçar um confronto. Ficou em silêncio, com o olhar calculista, avaliando estrategicamente o conflito. Daniel insistiu, com suavidade:

— Deixe-a escolher. Diga o que ela terá que fazer para continuar imortal ao abandonar a Ordem, e deixar de se submeter à Consagração. Revele o que você é, Besson.

— O que eu sou? Eu sou um Guardiã sem função. Apenas isso — anunciou, sarcástico.

— Não me diga? — perguntou Daniel, com uma leve ironia, sem permitir que as emoções aflorassem. Aquilo era um jogo, e o mais frio teria todas as vantagens.

— Sou um Guardiã, De Payens. Arturo deixou de ser um Guardiã porque renunciou, e pronunciou as palavras que o afastaram do Graal, não foi? Eu nunca as pronunciei, jamais renunciei. E apesar de precisar fazer alguma... “ginástica” para substituir a Consagração, continuo aqui.

— Você não é um Guardiã, Besson. Os Guardiões necessitam passar pela confirmação do Graal, submeter-se ao teste da pureza a cada cem anos. O que aconteceria com você se tivesse que consagrar-se? — questionou, sabendo que o deixara sem saída e sabendo, também, que Miguel pretendia prolongar a discussão para ganhar tempo e decidir o que faria. — Mas isso é irrelevante. Estamos aqui por causa de Elizabeth. Quebre o encantamento e deixe-a ir.

— Não — retorquiu Besson, seguro da sua força. Daniel recuou dois passos e abriu um espaço entre eles. Mentalmente chamou por Dib, que aguardava oculto na escadaria, e em segundos chegaria ali. Levantou os braços em sinal de impotência, fazendo Miguel sorrir.

— Desistiu fácil, De Payens. Ainda não se tornou um poderoso Supremo?

— Estou aqui por Elizabeth. Não vim provar nada — respondeu, sabendo que se entrasse em qualquer tipo de conflito, Elizabeth é que poderia sofrer as consequências, devido à ligação mental que Besson mantinha com ela.

— Então terminamos — insistiu Besson.

— Se você a ama mesmo deixe-a ir.

— Depois... — retorquiu, sensual. — Mas aí eu já estarei no corpo dela. Há muitos caminhos para a luz. A salvação vem de vários lugares... O corpo é um caminho.

— Não para nós — negou Daniel.

— Não sabem o que perdem — disse com uma gargalhada, que se confundiu com o ruído da porta abrindo. A luz invadiu de novo o espaço e Miguel teve um momento de hesitação, o suficiente para Daniel se aproximar de Elizabeth, assoprar seu rosto e pôr entre os dedos o terço de marfim que trouxera no bolso.

Miguel olhou para Dib espantado: o sexto Guardião, o Tibetano. Dib se assemelhava a uma muralha: sólido e impenetrável. Miguel tentou se voltar para Elizabeth, agora posicionada atrás dele, juntamente com Daniel, mas não podia virar-se porque Dib estava à sua frente. Baixou os braços, sinalizando que não desejava brigar, e disse:

— Teve que trazer companhia, De Payens? Não dava conta sozinho? — Daniel ignorou os comentários, concentrado unicamente em vestir Elizabeth.

— Podem levá-la, mas ela está sob meu poder. Se quebrarem o encantamento de forma errada ela nunca mais recupera a memória — ameaçou, com a voz fria. — Ah... e isto aqui, estes acontecimentos, ela jamais recordará.

Daniel ergueu-a com facilidade e carregou-a no colo. Dib deixou-os passar e recuou alguns passos, observando Miguel e avaliando sua força. Quando saiu fechou a porta atrás de si.

Lá fora, o sol bateu em cheio nos seus rostos. Elizabeth fechou os olhos para se proteger. Daniel colocou-a no chão. Tirou o terço da mão fechada e colocou-o no pescoço dela.

Miguel abriu a porta, observando-os com os olhos frios. Depois de alguns segundos, decidira que Elizabeth não sairia dali. Avançou

para eles com passo firme e, de repente, percebeu o colar dela, com a cruz pendente, na direção do coração. As contas cintilavam com um brilho ferino, do qual se desprendiam dezenas de seres minúsculos, que se alinhavam pelo corpo dela como tatuagens. Havia animais, plantas e seres com auréolas e asas movendo-se na pele. Ele estremeceu perante a pele tatuada e o brilho exuberante do terço. Recuou furioso, se sentindo acuado. Voltou para o interior da capela batendo a porta.

— Elizabeth — chamou Daniel. Ela olhou-o ausente, e não respondeu. Ele insistiu:

— Elizabeth, temos que descer a montanha. Você consegue?

Ela assentiu com a cabeça e desceu devagar, compenetrada como uma criança obediente.

— E agora? — perguntou Dib, percebendo a gravidade da situação.

— Vamos para o Mosteiro. Mas antes precisamos criar um bloqueio em volta dela para impedir que Besson a continue controlando.

Ao chegaram à base da montanha, isolaram Elizabeth, impedindo-a de escutar Besson. Ela murmurou com uma voz ausente:

— Foram vocês que pararam a voz que estava falando comigo, na minha cabeça, não é?

Eles trocaram um olhar cúmplice, e Daniel respondeu:

— Sim... O que dizia a voz? — perguntou Daniel, arrastando-a até ao jipe.

— Chamava meu nome e falava comigo.

— Mas o que é que ela falava? — insistiu Daniel.

— Coisas de amor, para eu não me esquecer — repetiu ela, em transe.

Elizabeth acordou, olhou em volta e reconheceu seu quarto, no Mosteiro. Não sabia como chegara ali. Sua última memória era de São Paulo. Com esforço, recordou que tinha ido tomar café com Miguel. Tinha a sensação de que algo fora apagado de sua consciência.

Saiu da cama e viu a pele toda pintada: pareciam tatuagens de henna, mas os seres caminhavam sobre ela em um movimento contínuo, embora não os sentisse. Percebeu que o colar em volta do pescoço era o terço da sua mãe e as contas, antes cheias de desenhos, estavam lisas. Compreendeu que os desenhos tinham adquirido vida no seu corpo. Tomou um banho rápido, fascinada com a profusão de seres que habitavam sua pele. Dirigiu-se para a área social e, quando entrou na sala, percebeu que todos os Guardiões estavam lá. Por momentos, achou que ainda estava nos dias após sua Consagração. Pensou que talvez fosse algum efeito tardio do Graal.

Foi recebida com alegria, e Alessia lhe ofereceu um lugar à mesa para jantar.

— Como se sente? — perguntou Dib.

— Confusa.

— Sabe onde está?

— Sim... Mas a última coisa que lembro é de estar em São Paulo com Miguel. E agora estou aqui. Isto é um efeito da Consagração?

— Não — respondeu Uchoa, carinhoso. — Você esteve muito doente.

— Doente como?

— Perdeu a memória e teve febres muito altas durante vários dias — contou Seth. — Viemos de São Paulo para ajudá-la a melhorar.

— Quanto... quanto tempo se passou? — perguntou, temendo a resposta.

— Dez dias — respondeu Dib, lhe dando uma xícara de chá de ervas. Ela aceitou e começou a beber. Lembrava-se vagamente de Daniel no meio das memórias difusas. Perguntou, notando a ausência dele:

— Onde está Daniel?

— Aqui — respondeu ele, surgindo às costas dela. Ela virou o rosto para vê-lo. E foi até ele. Estava pálido e mais magro. Ela ficou em silêncio na sua frente. Daniel manteve-se tranquilo, com os braços cruzados na altura do peito e ela, também mais magra, falou devagar, pousando a mão direita sobre o braço dele:

— Não me lembro de quase nada, mas sei que foi você quem me salvou. Recordo-me de vê-lo: você é o monge de laranja. Eu estava presa em um labirinto e havia uma voz que me levava cada vez para mais longe. Você me mostrou a saída.

Ele baixou a cabeça, esboçou um sorriso terno e cansado, e murmurou:

— Foi difícil tirá-la de lá. Alguns dias perderam-se, e talvez não se lembre nunca do que aconteceu, mas você se libertou do encantamento. E isso é o que importa. Para resgatá-la, tive que entrar com você naquele labirinto.

— Perdemo-nos? — intuiu ela.

— Sim.

— Conte-me o que aconteceu — pediu, em voz baixa.

— Vamos jantar primeiro — sugeriu.

Depois do jantar, Daniel contou que Besson a tinha levado para a Costa do Marfim. Daniel e Dib foram resgatá-la, mas ela estava sob a influência de um encantamento que só podia ser quebrado por Besson. Eles não sabiam qual era o encantamento e ela foi

definhando na ausência de Miguel. Durante sete longos dias, Daniel lutou para trazê-la de volta, com a ajuda de Dib, em quem se apoiava para ter energia suficiente e poder andar durante tanto tempo no mundo das sombras. No final, quando o cansaço e a escuridão se acentuaram, os pequenos seres se soltaram da pele dela e iluminaram o caminho, mas mesmo com a ajuda deles, Daniel ainda levou dois dias para conseguir trazer Elizabeth de volta.

Ela não se recordava, e só tinha fragmentos de imagens com o monge de laranja.

— Mas por que foi tão difícil? O encantamento de Miguel é assim tão poderoso?

— Não sabemos qual é o encantamento e por isso ele não podia ser quebrado. Percebemos que você entrou num labirinto e estava perdendo pedaços da sua memória pelo caminho. Sabíamos que se não passássemos por todos os lugares que deveríamos, uma parte de você ficaria presa lá. Mas quanto mais tempo ficássemos no labirinto, mais difícil se tornava sair.

— Aconteceu mais alguma coisa? — perguntou ela, com a sensação que aquilo não era tudo.

— Aconteceu, mas falamos depois. Hoje preciso descansar. Alessia trouxe a última carta que seu pai escreveu, para ler dia 17.

— Que dia é hoje?

— Vinte e quatro de fevereiro — anunciou Daniel.

— Não me lembro de nada desde o dia 12 — concluiu, depois de pensar um pouco.

— Aqui está — disse Alessia, entregando a carta de Arturo, enquanto Daniel se retirava. Estava exausto.

Elizabeth foi para o quarto e sentou-se no sofá, deixando o corpo desabar contra o tecido macio. Sentia-se fraca, por ter estado mais de uma semana sem comer quase nada. Pegou na carta de Arturo e assim que quebrou o lacre teve uma estranha visão: ela e Miguel, nus sobre um altar, entregues a um desejo tão palpável que só podia ter sido real. Teve certeza que era sobre aquilo que Daniel falaria. Tremeu, desamparada.

Afastou aqueles pensamentos impregnados de erotismo e começou a ler a carta com concentração redobrada.

Albi, 23 de agosto de 2009

Elizabeth,

Aqui foi onde tudo começou, onde os nossos ancestrais estudaram o Pergaminho e compreenderam o caminho do Graal. Depois irei para São Paulo, passar os meus últimos dias, feliz por ter conhecido sua mãe e por você existir.

Neste momento, tenho a certeza que faz parte da Ordem e está começando seu percurso. Desde o início, os primeiros cristãos sabiam que o cristianismo atrairia pessoas que iam compreender a sabedoria profunda dos Mistérios Divinos e pessoas que iam compreender só o lado superficial e chegavam a Deus pela Fé.

O primeiro grupo eram os gnósticos, e se tornaram uma comunidade dedicada a estudar e preservar os conhecimentos esotéricos dos evangelhos. Esta tradição gnóstica sobreviveu através dos Cátaros e dos Templários, nos séculos XII e XIII. Mas estes grupos foram aniquilados pela Igreja, que os temia, e por reis, que invejavam os seus tesouros.

Muitos acharam que seria o fim do catarismo, mas a nossa filosofia está viva e permeia a sociedade, com as suas simbologias e adaptações. Basicamente é a crença de que estamos aqui por

uma razão, e somos responsáveis pela nossa salvação. Se formos corretos e bons — no verdadeiro sentido cristão — romperemos o ciclo de vida e morte, de reencarnações sucessivas para nos tornarmos parte do Divino. Estamos aqui para nos aperfeiçoarmos. Seremos perfeitos — "parfaits"! A nossa filosofia é um cristianismo interior, um caminho de retorno a Deus, sem intermediários, que foi reaberto por Jesus.

Esse é o nosso destino, Elizabeth. Sei que o abraçou. E essa certeza me dá paz.

*Um beijo afetuoso do seu pai,
Arturo*

Ela percebeu que era tarde demais. Se tivesse lido aquela carta alguns dias antes, talvez não tivesse se encontrado com Miguel. Agora, a memória fragmentada do seu corpo nu, junto ao de Miguel, fazia-a sentir que seu papel de Guardiã estava em perigo. Começou a chorar e os minúsculos seres aquietaram-se na sua pele. Adormeceu vencida pelo cansaço. Acordou na manhã seguinte, quase às onze horas. Quando entrou na cozinha, Uchoa e Alessia já estavam preparando o almoço. Tomou um chá e comeu uma torrada, para acalmar o estômago frágil, trocando algumas palavras com eles. Em seguida, foi à procura de Daniel. Encontrou-o na Biblioteca, sozinho, sentado num dos sofás com um livro nas mãos. Sentou-se na sua frente e disse baixinho:

— Sei o que aconteceu com Miguel.

Pelo tom de voz tenso, e pela angústia espelhada no olhar, Daniel compreendeu que ela estava pensando o pior.

— O que aconteceu?

— Eu e ele... Nós... — gaguejou, sem conseguir verbalizar o que a assombrava.

— Nós? — insistiu Daniel divertido, ciente do que ela estava imaginando.

— Nós ficamos juntos.

— Juntos, como? — perguntou, querendo descobrir se os sentimentos dela em relação a Miguel haviam mudado, para tentar calar o ciúme que o atormentava. — Do que se lembra?

— Eu estava com ele, sobre uma cama ou algo assim... Nus. E aconteceu... E agora? O que vai acontecer comigo?

— Não vai acontecer nada porque não aconteceu nada — informou vagarosamente.

— Aconteceu.

— Não. Realmente vocês estavam nus. Miguel tinha preparado um ritual de fertilidade, para ficarem juntos. Ele a deseja muito — justificou Daniel, pensando no desejo crescente que tinha por ela, lembrando do desespero que sentira diante da possibilidade de perdê-la.

— Não sente raiva dele?

— Não. Ele está cego pelo amor e pelo desejo que tem por você. E vive isso da única forma que sabe, isto é, de forma egoísta. Mas, às vezes, o amor tem que ser altruísta.

— Ele diz que não se importa que eu não o ame.

— Aparentemente não. Mas sente necessidade do seu amor. Todos queremos ser amados por quem amamos, senão a experiência se torna muito sofrida. Porém, em certas situações, temos que deixar a pessoa ir: é a expressão máxima do amor — disse, com tristeza.

— Ele não me deixou ir, é isso?

— Eu fui buscá-la, mas ele não a deixou partir. Cheguei pouco antes da consumação do ritual. Mas não aconteceu nada, Elizabeth — assegurou, calmo.

— Você tem certeza?

— Um acontecimento intenso como esse, iria alterar seu padrão de energia. Eu saberia.

— Então, se acontecer alguma coisa comigo, você saberá? — perguntou, envergonhada.

— Sim... — respondeu, com um sorriso. — A nossa ligação é muito profunda, fortaleceu-se com a Consagração e ainda mais nestes últimos dias. Mas vamos aprender a viver com isso.

— Foi assim que descobriu para onde Miguel havia me levado?

— Sim.

— E é por isso que me lembro de você lá?

— Sim... — respondeu, levantando-se. Afastou-se alguns passos e ficou de costas para ela, como se desejasse terminar aquela conversa muito dolorosa, por mostrar uma verdade que ele teimava em negar. Daniel lutava furiosamente contra o fato de estar apaixonado por ela. Mas isso também permitia que compreendesse a paixão de Miguel embora, simultaneamente, lhe provocasse ciúmes.

Ela aproximou-se dele, e quase se encostou às suas costas.

— Ainda não agradei por ter me salvado. Obrigada.

Ele voltou-se para enfrentá-la. Inclinou o corpo ligeiramente e ficou com o rosto a alguns centímetros do dela, olhando-a com intensidade, como se a estivesse despindo. Os músculos doíam pelo esforço de lutar contra a vontade de abraçá-la. Sentia o calor do corpo dela, separado do seu por uma finíssima parede de ar.

Elizabeth achou que ele fosse beijá-la e teve receio que ele percebesse seu coração batendo descompassado, como se mil tambores ecoassem dentro dela. Aspirou o hálito morno da boca tão próxima da sua. Se movesse o rosto um centímetro os seus lábios tocariam os dele.

Daniel continuou imóvel, com os olhos fixos no fundo das pupilas dela, lutando para não ceder ao desejo. Lentamente deu um passo atrás, com muito esforço. Levantou a mão direita e acariciou devagar o rosto dela: os dedos ferviam contra a pele dela. Sentiu o corpo dolorido pela luta travada contra a vontade insana de beijá-la e mergulhar dentro dela como se ela fosse o mar. Agora, finalmente compreendia Arturo e por que abandonara tudo por Angelina, e também compreendia por que Besson sequestrara Elizabeth.

Ela viu o espaço entre eles aumentar, tornar-se respirável, e tocou a mão esquerda dele. Entrelaçou os seus dedos nos dele, na tentativa de prendê-lo. Daniel abandonou a mão na dela, por um segundo, e depois a retirou suavemente, como se desmanchasse um laço, antes de se afastar.

Nenhum dos dois pronunciou uma palavra: ela por medo que tudo desaparecesse, e ele, por não achar as palavras suficientes para explicar o sofrimento emocional e físico que se apossara dele.

Como poderia ele condenar Besson, se estava à beira do mesmo abismo, enfrentando o mesmo monstro que roía as suas entranhas?

29. A escolha

*Ela entrega-se de livre vontade ao destino que lhe é proposto.
Quer ser uma rainha. Quer ser uma cativa. Quer aquilo que ele
deseja que ela seja.*

Marguerite Duras (1914-1996)

Elizabeth pensava cada vez menos em Miguel, mas quando se recordava dele, sentia saudades, e era assaltada pelo desejo irracional que ele lhe suscitava, mesmo contra sua vontade. Queria telefonar, mas precisava de mais tempo antes de voltar a vê-lo, especialmente tendo em conta que ele apagara sua memória. Sabia que era um encontro inevitável: teria que confrontá-lo e falar sobre o que acontecera, quando ele a arrastou para o meio da África. Aqueles dias continuavam envoltos em névoa, com exceção da sua nudez partilhada com Miguel e da imagem de Daniel envolto no seu longo manto laranja.

Desde que voltara do Mosteiro, um mês antes, Elizabeth passava as tardes na Biblioteca da Ordem, em São Paulo, estudando profecias, o assunto que escolhera. Era regra da Ordem que cada guardião se especializasse em um tema religioso, mágico ou

filosófico, algo diferente e único, que agregasse conhecimento ao todo. Ela decidira estudar as profecias e Daniel acreditou que nada seria mais apropriado para uma pitonisa do que se debruçar sobre um assunto como aquele, diretamente ligado ao seu dom de ver o passado e o futuro.

Após o incidente de Miguel, Daniel não permitira que ela ficasse sozinha, forçando-a a andar acompanhada por um dos Guardiões, pelo menos até tudo voltar à normalidade e ela se sentir mais segura. Embora Elizabeth gostasse de todos e tivesse aprendido a reconhecer a doçura e gentileza de Kent, sob seu estilo britânico, Dib se tornara seu preferido, com aquele jeito sereno e despojado, porém totalmente conectado com o mundo.

O terço, que se transformou temporariamente em colar, passou a fazer parte integrante dela durante algum tempo. Mas quando melhorou os seres mágicos abandonaram sua pele e voltaram para o reino microscópico das contas redondas e pálidas.

O estudo ocupava seu tempo, e em certos dias ela se sentia angustiada analisando algumas das profecias catastróficas que anunciavam o fim do mundo, e haviam sido escritas por pessoas que arderam na fogueira, acusadas de bruxaria, durante a Idade Média. Comentou com Dib:

— Buscamos o conhecimento, e ele é como o fogo: queima e destrói a inocência.

— Para nós é um paradoxo — respondeu, compreendendo perfeitamente o que ela dizia. — Primeiro precisamos ser puros para ter acesso à sabedoria, mas assim que sabemos perdemos a inocência. Além disso, esse conhecimento místico pode ser um conhecimento unificador que leva à imortalidade, ou um conhecimento desagregador que leva à destruição.

— No caso de Miguel, o efeito do conhecimento foi mais desagregador que unificador. É isso? — perguntou Elizabeth.

— De certa forma. Mas aquilo que alimenta é também o que mata: o antídoto é o veneno. Vivemos todos sobre essa linha tênue, e quanto mais se sabe, mais tênue é a linha. Não somos tão diferentes de Besson. Na verdade, somos mais iguais do que gostaríamos — rematou Dib sabiamente e de maneira algo misteriosa.

Duas semanas antes do casamento de Áurea e André, Elizabeth pediu um convite para “um acompanhante”, cumprindo as instruções de Daniel para que não andasse sozinha. Apesar da curiosidade que seu pedido suscitou nos amigos, Elizabeth evitou falar sobre o assunto, até por desconhecer ainda quem iria acompanhá-la, embora desejasse que fosse Daniel. Levou vários dias preparando-se para falar com ele e, na primeira ocasião em que se encontraram sozinhos, na sala de chá da Ordem, abordou o assunto.

— Não sei se decidi quem vai comigo ao casamento, mas gostaria que fosse você.

Ele respondeu com naturalidade, como se já tivesse decidido bem antes de ela pedir:

— Está bem.

Ela levou alguns segundos para acreditar na resposta dele, controlando o impulso de se jogar nos braços dele para agradecer. Ele percebeu o sorriso no rosto dela e perguntou de forma econômica embora cúmplice:

— Feliz?

— Muito — respondeu ela, sem conter o riso antes de deixar a sala.

A cerimônia religiosa foi comovente e não faltou a clássica Ave Maria de Schubert, cantada por uma bela voz lírica. Estava tudo perfeito, com todas as cores combinando entre si: uma extensa paleta de tons que envolviam as toalhas, os arranjos de flores e até as comidas.

A presença de Daniel, ao lado de Elizabeth, não deixou ninguém indiferente: formavam um casal elegante, de beleza extraordinária. Havia entre eles uma sintonia natural que se refletia no comportamento, revelando certa intimidade.

Elizabeth se afastou de Daniel somente durante a cerimônia religiosa, para cumprir seu papel de madrinha da noiva, no altar. Depois disso, não saiu de junto dele, feliz por tê-lo atencioso e sedutor, tratando-a como se fosse a única mulher da festa, embora ele se esforçasse por manter certa distância física — algo de que parecia não abdicar. Porém, quando a festa estava no auge, e começou uma sessão de música mais lenta, ele surpreendeu-a, ao puxá-la pela mão e levá-la para a pista de dança, onde soava um clássico de Elvis Presley. Abraçou-a pela cintura com a mão direita e com a esquerda segurou a mão dela. Puxou-a com delicadeza contra si, mantendo um espaço ínfimo entre eles, e começou a rodopiar suavemente.

— Você dança — constatou num murmúrio, encostando os lábios ao ouvido dele, deixando-se embalar pelos movimentos suaves do corpo tão próximo do seu.

— Você também — respondeu baixinho, com a boca ardente sobre o rosto dela, consciente daquela proximidade perigosa. Puxou-a um centímetro mais e colou-a ao seu corpo. Ela encostou a cabeça no ombro dele, em um abandono total. Ele podia senti-la por inteiro: as pernas esguias roçando nas suas lentamente, ao som da dança, os

seios firmes contra seu peito, e a boca quente no seu pescoço, respirando sobre a palpitação da jugular.

Ficaram suspensos no tempo enquanto a música durou, entregues um ao outro, em uma dança sensual. Quando a música estava terminando, ela sussurrou, apertando a mão dele, que segurava sua:

— Não quero que acabe.

— Podemos dançar outra — respondeu, mantendo-a abraçada contra seu corpo, no mesmo ritmo lento e elegante, ao som de uma nova balada.

Quando a música acabou, soltou-a devagar, vencendo a vontade de mantê-la nos braços.

— Está na hora — anunciou, temendo perder o controle se continuassem dançando.

Ela aquiesceu com a cabeça, mas não lhe soltou a mão. Segurou-a em silêncio até chegar em casa, e só então desprendeu o nó entrelaçado que fizera com os dedos dele. Ele sorriu e partiu, sentindo que tinha esperado muito tempo por aquilo, e ela seria sua perdição. Nunca falariam sobre aqueles momentos. Nenhum dos dois. Mas ambos estavam conscientes do desejo que sentiam um pelo outro.

Dias depois, encontraram-se na Biblioteca. Daniel estava focado no estudo de antigos textos de Salomão sobre o famoso anel com o qual o rei subjugara seres fantásticos, tentando descobrir quais os poderes da esmeralda e a razão para Miguel a ter colocado na base do punhal. Elizabeth tentava, em vão, concentrar-se. Observava-o, sentado tranquilamente na outra ponta da mesa, com uma roupa informal: calça jeans e camisa de manga comprida dobrada até o meio do antebraço, em um tom azul profundo da mesma cor dos

seus olhos mutantes. Ela sentiu as palavras crescendo dentro de si e, num impulso, sentou-se ao lado dele. Daniel ergueu os olhos do livro para fixá-los no rosto dela, e continuou em silêncio, aguardando o que viria.

— Tenho certeza do meu amor por você — confessou, como se atirasse bruscamente uma pedra sobre um lago tranquilo e ficasse observando a forma como as ondas se iam alargando a partir do epicentro. Ele cruzou as mãos, com calma, sobre o livro, impávido, tentando processar a informação. Achou-a corajosa. Depois de alguns segundos, perguntou:

— O que está dizendo?

— Estou dizendo que abduco de tudo isto para ficar com você — falou, apontando simbolicamente para a Biblioteca, para se referir à Ordem.

— Você é uma criança Elizabeth — respondeu condescendente, lutando para absorver o impacto do discurso dela, embora já pressentisse. — Eu nasci em 1220. Tenho oitocentos anos e você não tem sequer trinta. Pense nisso. Você ainda não viveu. Como pode pensar em abdicar da sua imortalidade por mim?

— A vida sem você não parece ter sentido. Não suporto a angústia de tê-lo longe de mim, este nó na garganta que não me deixa engolir, as noites em claro pensando em você... Quero ficar com você. É tudo o que quero. É só no que penso. Nem sei desde quando...

— Esta situação é inaceitável — retorquiu, hermeticamente, atordoado com o discurso apaixonado, temendo deixar-se envolver pelas palavras que também revelavam o que ele estava sentindo por ela.

— Por favor, aceite.

— Não posso aceitar — disse, com uma nota de desespero no fundo da voz, lutando com emoções contraditórias: o desejo de aceitá-la e a obrigação de rejeitá-la. Não queria falar sobre aquilo, dar forma ao que estava silenciado, calado, quieto. Mas ela insistiu:

— Minha mãe soube que amava meu pai aos dezessete anos e meu pai abdicou da imortalidade em troca de quê? Menos de duas décadas de amor. E desse tempo ele viveu com minha mãe apenas nove anos. Nove anos em troca da eternidade.

— Não posso Elizabeth — repetiu como se repetisse um mantra, consciente de que a aritmética realmente não tinha favorecido Arturo, como Miguel muito bem havia dito.

— É você que não quer deixar de ser imortal. É isso, não é?

Ele olhou-a longamente com uma tristeza profunda, sentindo o peito se rasgar, e a noite se esgueirar para dentro dele.

— Elizabeth, eu vivi muito, como seu pai, como o Kent. Como todos os outros Guardiões. Eu sei o que eu quero e o que eu posso. Mas você está começando agora a dar os seus primeiros passos. Tem uma vida inteira para pensar, decidir, saber. Uma vida que não se esgota a não ser que você decida ou o Graal não a consagre.

— Entenda! Eu sei o que quero — enfatizou, com os punhos fechados contra o peito dele, em sinal de desespero. Daniel segurou as mãos dela, apertou-as contra o peito e cerrou os olhos enquanto ela continuava a falar. — Meu pai aceitou minha mãe...

— Sua mãe não era uma Guardiã. Seu pai abdicou de tudo por ela, mas ela não era imortal, como você. Nós somos Guardiões do maior tesouro que existe na Terra. Somos os Guardiões de Deus. Temos obrigações. Não posso deixar que abdique de tudo isto. É irracional. Tem que compreender.

— O amor não é racional — disse, com os olhos cheios de lágrimas, sentindo que ele não iria mudar de ideia, nem iria quebrar

as regras da Ordem para amá-la.

— E veja quantas barbaridades se fazem em seu nome — respondeu, se esforçando por ignorar o que sentia por ela. — Talvez se o amor fosse um pouco mais racional, se houvesse um caminho do meio, a humanidade fosse mais feliz. Khalil Gibran diz que “a razão, governando sozinha, é uma força que restringe; e a paixão entregue a si mesma, é uma chama que consome até causar a própria destruição”.

Ele tinha a capacidade de desmontar os argumentos. Sabia dizer as palavras certas. Ela percebia a sabedoria dele em todas as decisões, mas, naquele momento, não queria ser racional nem se importava se ele estava certo ou não.

— Às vezes, acho que você existe dentro de mim desde sempre. Eu já nasci com você morando aqui... — confessou, apontando para o coração. — Você não me ama?

Daniel ficou em silêncio. Era tão difícil negar quanto revelar a verdade, dizendo que a amava. Mas reconhecer que a amava não tinha propósito, não serviria para nada. O que iriam fazer com aquilo, se não podiam ficar juntos? Deixá-la ir era a verdadeira prova do amor dele. Ela tinha que viver, descobrir o mundo e a plenitude do conhecimento, todo aquele conhecimento que só eles possuíam. Além disso, ele era o Guardiã Supremo. Como poderia, de um só golpe, reduzir o número de Guardiões de sete para cinco, em uma época em que as trevas cada vez mais se misturavam aos humanos, se emaranhavam na luz e corrompiam tudo? Sua responsabilidade com a humanidade tinha que se sobrepor ao seu amor por ela. Ele não estava escolhendo a imortalidade, apenas aceitando seu fardo enquanto servo do último estágio do Graal, o mesmo estágio em que Arturo se encontrava quando abdicou da imortalidade para ficar com

Angelina. Mas Elizabeth tinha um caminho longo para percorrer, ao lado dele, como sua irmã e não como sua consorte.

— É isso Daniel? Não me ama? Quero ouvi-lo dizer que não me ama. Diga!

— Não vou falar sobre isso!

Ela aproximou-se mais dele, intuindo a verdade com aquele seu dom oculto de pitonisa. Mas aquela verdade latente também era algo que ela temia acreditar: queria, mas não achava que fosse possível que Daniel a amasse. Um lampejo de esperança cruzou os seus olhos. Segurou suavemente no rosto dele, para forçá-lo a olhar para ela, com os lábios próximos aos dele, sentindo sua respiração, e sussurrou:

— Então diga que me ama, Daniel. Só uma vez. E eu nunca mais falarei sobre isso. Prometo. Mas diga uma só vez que me ama. E eu saberei enquanto vivermos. Saberei a verdade.

Estava linda, frágil, com a boca morna a dois centímetros da sua. Bastava um gesto, um único gesto para terminar aquele sofrimento e sentir o alívio de um beijo. Mas ele manteve o corpo imóvel, como uma estátua fria de mármore. Encontrou forças no lugar mais recôndito do seu centenário treinamento espiritual, e respondeu:

— Não posso, Elizabeth.

Ela moveu o rosto um pouco para trás e ele olhou-a, triste, magoado, como se o mundo todo estivesse guerreando dentro dele. Beijou-o na face, como beijaria um irmão, e prometeu:

— Vou mostrar meu amor por você todos os dias. E precisa saber uma coisa: o fato de amá-lo não ameaça minha imortalidade, porque eu já estava inundada deste amor quando fui consagrada. E isso deve ter algum significado misterioso, que está além das nossas regras.

Baixou o rosto para esconder a ameaça das lágrimas e, de repente, reviu a tatuagem perfeita formada pelo símbolo das ss, espreitando no braço dele. Passou o indicador devagar, contornando o desenho e acariciando a pele em volta.

— E isto? O que significa?

— É uma longa história — respondeu, afastando o braço para evitar a perturbadora carícia.

— Mais um segredo?

— Vidas longas têm sempre mais... mistérios — justificou, sereno.

— Compreendo — respondeu, percebendo que ele não estava disposto a falar sobre aquele assunto. Levantou-se e abandonou a sala, sentindo o coração pesado. Assim que abriu a porta da rua e a luz jorrou sobre ela, sentiu saudades dele, como se não o visse havia anos, mas não tinha passado sequer um minuto desde que o deixara. Soube que teria que aprender a viver com aquele amor. Tinha que deixá-lo intocado no seu coração, em algum lugar além da dor.

Na Biblioteca, Daniel continuou imóvel na semiobscuridade, com o corpo tenso. O amor era redentor, mas para um Guardiã era uma maldição. Só ele sabia daquela luta imensa que travava todos os dias, e provocava o caos dentro dele, num momento em que precisava de serenidade para continuar seu trabalho. Decidiu viajar. Precisava de espaço para aprender a viver com a presença de Elizabeth no seu coração. Iria para o Tibete e ficaria lá até adormecer aquele amor impossível. Sabia bem que as batalhas mais difíceis eram as interiores, aquelas em que os demônios olham de dentro para fora, instalados no côncavo da alma.

As sombras rondavam-no, e ele, que conhecia tudo sobre a presença da escuridão nos homens, pela primeira vez não sabia como lidar com a sua. Temia que aqueles sentimentos o afastassem da luz. Mas como podia o amor, que é a própria luz, a essência do bem, levá-lo para o centro da escuridão? Arturo pensara a mesma coisa que ele, e agora estava morto, abatido pelo peso da mortalidade. Teria valido a pena? O certo é que deixara sua filha, o bem mais precioso que possuía, para que ele a protegesse, e, em vez disso, ele apaixonara-se por ela. Era uma ironia que ele e Besson estivessem apaixonados pela mesma mulher. De todos os acontecimentos improváveis, aquele era o pior.

Descobriu que o amor era maior do que tudo, mais forte que as pessoas e o tempo. Era a cola que sustentava o universo, a porta para o paraíso e para o inferno. Sempre soubera daquilo, mas agora sentia na pele, e o amor se assemelhava ao caminho para seu inferno pessoal. Recordou Besson e a forma dramática como a ausência de Adèle o atirara para as sombras. Pensou no amor que ambos sentiam por Elizabeth e no que estavam dispostos a fazer: Besson queria Elizabeth a qualquer custo, e Daniel, embora a amasse, ia deixá-la livre.

Daniel arrumou a mala com sua meticulosidade habitual, como se estivesse arrumando um pedaço da sua própria vida, de forma econômica, fazendo caber tudo em um espaço demasiadamente pequeno para uma quantidade excessiva de coisas.

Avisou que iria passar algum tempo no Tibete. Ninguém estranhou. Na verdade, pareciam estar esperando que ele se afastasse por um período. De vez em quando ele desaparecia durante meses. Uma vez passou cinco anos seguidos na região do

Tibete e do Nepal, isolado no meio das montanhas geladas. Mas agora era o Supremo e não podia se ausentar por muito tempo: as novas responsabilidades roubaram mais um pedaço da pouca liberdade que ainda tinha.

Faltava-lhe apenas falar com Elizabeth. Ficou indeciso se ligava ou falava pessoalmente com ela, dividido entre a racionalidade que o aconselhava a não voltar a se aproximar dela e o impulso de vê-la mais uma vez, antes de partir.

Ela ouviu a campainha, abriu a porta, e deu de cara com ele.

— Daniel? — estranhou, vendo-o com uma mala e uma mochila pendurada no ombro. Sentiu um aperto no estômago, provocado pela visita inesperada e pelo temor de que ele fosse viajar, e se afastasse dela por semanas ou até meses.

— Não me convida para entrar?

Ela afastou-se silenciosamente da porta para deixá-lo passar. Viu-o colocar a mala entre duas cadeiras, no hall de entrada, e depositar a mochila sobre uma delas.

— Vai viajar?

— Vou passar algum tempo no Tibete — anunciou, fazendo o coração dela acelerar, como se fosse explodir. Respirou fundo, para recuperar o controle.

— Por favor, não vá — pediu baixinho, temendo que as palavras o afugentassem ainda mais.

— Tenho que ir, Elizabeth — reforçou a título de justificativa, para disfarçar que fugia dela e estava colocando meio planeta entre eles por não saber lidar com aquele sentimento atormentado que consumia sua paz em um tempo em que ele precisava de serenidade.

— É por causa do que eu disse? — perguntou, se aproximando. Daniel interrompeu-a antes que ela falasse mais alguma coisa que aumentasse a dor que ambos sentiam, silenciando-a com o indicador sobre os lábios. Olhou-a, ainda com o dedo sobre a boca macia. Ela estava linda, descalça, de jeans e uma camiseta azul escura que contrastava com sua pele alva, e os cabelos dourados caídos pelas costas. A proximidade dela era insuportável. Sentiu os músculos tensos, e lutou para não amá-la ali mesmo, no chão da sala, indiferente às regras da Ordem ou a qualquer pessoa que pudesse entrar.

Ela afastou o dedo suavemente e se encostou ao corpo dele, abraçando-o. Ele não se afastou, e rodeou-a com os seus braços, antes de se aquietar, sentindo o prazer do perfume e do calor dela. Ficaram imóveis, com medo que algum gesto os perturbasse e não conseguissem recuperar aquele momento. Mas a vontade de se entregar um ao outro aumentava a cada segundo, naquela imobilidade forçada.

Ele sabia que se a beijasse seria um caminho sem retorno, seria a perda da inocência. Hesitou, mais uma vez, entre o desejo e a razão, entre o amor e o dever.

Apertou-a com força nos seus braços, esmagando o corpo dela contra o seu. Ela, sem resistência, rendeu-se a ele, com uma mão nas costas e outra na nuca, fundindo-se nele. Deixou-se ficar abandonada, contra ele, com o rosto apoiado no peito másculo, como se tivesse finalmente chegado a um porto seguro.

Daniel acariciou lentamente as costas dela de baixo para cima, num movimento contínuo, por alguns segundos intensos. Ergueu o queixo dela com a ponta dos dedos, e puxou-a para mais perto, sem pressa. Olhou-a longamente, antes de dizer com a voz rouca e uma expressão sofrida de desejo:

— Nós não podemos fazer isto. Não podemos, Elizabeth.

— Eu sei, mas é o que mais quero — confessou, consciente do esforço que ambos estavam fazendo para não cometerem nenhuma insanidade que os condenasse.

— Agora você sabe que eu também quero — sussurrou, como se lhe custasse pronunciar aquelas palavras, que revelavam uma verdade indizível. Ela assentiu com a cabeça, confirmando algo que já intuía.

— É tão difícil viver assim, controlando o que sentimos, sem podermos ir além.

— Eu sei — concordou ele, antes de pedir: — Nunca mais vamos falar sobre isto.

— Sim. Mas não vá, por favor — pediu.

— Tenho que ir, antes que façamos alguma loucura. Sabe disso, não é? — perguntou, abraçando-a com força, como se a estivesse abraçando pela última vez.

— Sei — confirmou baixinho, de forma quase inaudível.

— Se precisar de mim, fale com o Dib. Ele sabe como me encontrar. Aproveite este tempo para estudar — sussurrou ao ouvido dela, como uma despedida. Soltou-a devagar, pegou a mala e a mochila e saiu sem olhar para trás.

Tinha acabado de fazer o check-in, quando o viu avançar entre a multidão, no aeroporto.

— Partindo? — perguntou Miguel, com alguma ironia.

— Sim — respondeu Daniel, lacônico.

— Vai deixá-la sozinha?

— Ela não está sozinha. Tem todos os seus irmãos... — fez uma breve pausa, olhou para ele com tranquilidade e rematou: — Tem

você.

— A mim? — questionou, com sarcasmo e espanto. Não podia acreditar que Daniel estivesse dizendo aquilo. Só podia ser uma provocação. — Sabe que vou seduzi-la outra vez, não é?

Daniel olhou-o por alguns segundos, em silêncio, consciente dos planos dele.

— *Seducere!* — respondeu em latim, repetindo devagar o significado original da palavra. — *Afastar alguém dos seus votos.*

— É o que pretendo fazer — disse, displicente, mas Daniel sabia que por baixo daquela sua capa de descontração alguma coisa havia mudado. Talvez ele percebesse que não poderia voltar a se aproximar de Elizabeth enquanto ela tivesse aquele estranho terço em torno do pescoço, ou talvez achasse a presença de Dib intimidante, ou talvez ainda estivesse tentando descobrir até onde ia a força de Daniel. Mas algo estava acontecendo com Besson.

— Você iria mesmo enlouquecê-la? É esse o tipo de amor que sente por ela? — questionou, referindo-se ao encantamento que Miguel havia lançado em Elizabeth.

— Claro que não. Mas ela ficaria muito tempo ausente, até eu voltar a vê-la e devolver sua memória. Foi você que a resgatou?

— Por quê?

— Curiosidade.

— *Questo non è importante* — respondeu Daniel em italiano, afirmando que não era importante. Mas ambos sabiam que era importante. Era crucial saber quem vencera as sombras e resgatara Elizabeth. Aquele gesto dava a dimensão da força incomum do salvador.

— Quanto tempo levou para trazê-la de volta? — insistiu Miguel. Daniel olhou-o em silêncio, analisando seu rosto bonito e o sorriso

rasgado. Depois sacudiu ligeiramente a cabeça em sinal de negação, deixando claro que não falaria sobre o assunto. Anunciou:

— Besson, se não se deixar resgatar por esse amor que sente por ela, nada mais o resgatará do lugar onde se enfiou.

— Quer ter a pretensão de conhecer o lugar onde me enfiar? — perguntou, com arrogância.

— Achamos sempre que sabemos quem são os outros, achamos que os conhecemos, mas a verdade é que não sabemos. Não sei mais nada sobre você, nem tenho essa pretensão, mas esse lugar onde está deve ser muito doloroso — respondeu, com doçura desarmante.

— Vou partir, também — Miguel respondeu sério, mudando de assunto.

— Durante a nossa ausência vamos deixar Elizabeth em paz — sugeriu Daniel.

— Quanto tempo? — perguntou, surpreendendo Daniel, por ter aceitado a sugestão sem resistência e sem sua habitual ironia.

— Sugira você — ofereceu Daniel, com elegância, retribuindo a atitude amistosa de Miguel.

— Seis meses. Exatos.

— Certo — aceitou Daniel.

— Ainda quer as relíquias? — perguntou Miguel.

— Sim.

— Falaremos sobre isso quando voltarmos — disse, afastando-se, com sua passada felina.

Daniel viu-o desaparecer entre a multidão. Estava tranquilo. Sabia que o amor que Elizabeth sentia por ele, por muito sofrido que fosse, se transformara em uma proteção, a partir do centro do seu corpo, o coração. O amor puro é a mais poderosa das armas. Lao

Tsé dizia: “Pagai o mal com o bem, porque o amor é vitorioso no ataque e invulnerável na defesa”.

Elizabeth sentou-se em uma das cadeiras da cozinha, com os braços cruzados sobre a mesa, como se tivesse sido abandonada pelo amante de longa data. Pensou que *para sempre* era uma eternidade. Nem a morte podia ser para sempre. Por isso não fazia sentido que ela e Daniel ficassem separados *para sempre*. *Nunca e sempre* eram palavras terríveis, excessivamente definitivas, impossíveis de caber no vocabulário. Apesar da partida dele, ela continuava alimentando a esperança de que um dia se uniria a Daniel sob o signo daquele amor, um amor capaz de regenerá-los ou destruí-los.

Agora, na ausência dele, haviam sobrado os pequenos gestos cotidianos, as pequenas coisas que emprestavam coerência aos dias. Alessia entrou na cozinha.

— Vou comer um pêssigo. Quer comer alguma coisa?

— Quero uma manga. As mangas fazem as pessoas felizes. Eu quero ser feliz — decidiu, certa de que só ela compreendia o que estava acontecendo.

Alessia olhou-a, tentando entender seu comportamento: Elizabeth andava triste e silenciosa, mas agora parecia disposta a recuperar a alegria.

Mas tanto Elizabeth quanto Daniel sabiam que a felicidade não suporta os excessos. Por isso as paixões nunca são felizes. Eles teriam que escolher: ou viveriam aquela paixão ou tentavam ser felizes. As duas coisas eram incompatíveis. Dominados pela paixão, que os consumia todos os dias um pouco mais, ou eles se destruíam ou abdicavam dela: não havia meio-termo. Ser feliz era viver na

ponte entre o excesso e a banalidade, em um delicado equilíbrio. E ambos tentariam trilhar o caminho da felicidade, da ausência de excessos. Cada um no seu ritmo, para que aquele fogo incandescente que dormia dentro deles não acordasse. Abdicavam do amor devagar, ignorando ainda que se tratava de uma tarefa impossível mesmo tendo adiante centenas de anos.

Agradecimentos

Paulo Bogo, por estar ao meu lado, segurando minha mão sem hesitações, com sua fé inabalável. Uma fé que me sustenta. Meu principal leitor, meu maior defensor e meu crítico mais confiável. Suas opiniões norteiam meu mundo.

Lourenço Henrique, meu filho. Por me perdoar pelas muitas horas que estive ausente para poder escrever. Por encher minha vida de luz e alegria. Por seus questionamentos pertinentes, seu português impecável e sua preciosa ajuda na gramática.

Meus pais, por todo o incentivo, e pelo amor brando e sereno que me deu a força necessária para atravessar o mundo.

Delta de Negreiros e Elaine Nunes Wzorek, minhas primeiras leitoras. Por contribuírem para aprimorar o livro — lendo, comentando, sugerindo. Um olhar atento e enriquecedor.

Ana Luisa Astiz, minha agente. Por sua competência, assertividade e apoio. Este livro não seria o que é sem suas sugestões — fizeram *toda* a diferença. Sua confiança em mim foi, sem dúvida, um dos grandes alicerces que tive.

Rui Barbosa, por servir de inspiração e pela amizade em todas as horas.

Carlos Fernando Nascimento, cujos conselhos médicos me orientaram em várias passagens.

Marisol Recamán, por sua ética e correção. Pelo emprego dos sonhos e confiança.

Maria Inês da Costa, minha governanta querida. Por cuidar da casa e da minha família com amor, para que eu pudesse me dedicar à escrita sem sobressaltos.

Copyright © 2014 by I. M. Martins

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opiniões sobre eles.

PREPARAÇÃO Mariana Rodrigues

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues

ISBN 978-85-8086-974-3

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.editoraparela.com.br
atendimentoaoleitor@editoraparela.com.br

Sumário

Capa

Rosto

Epigrafe

Dedicatória

1. O sopro da morte

2. A Casa do Lago

3. O coração de Angelina

4. O feiticeiro e a pitonisa

5. A esmeralda

6. O assassino inglês

7. O castigo

8. Objetos mágicos

9. A herança

10. A reunião

11. O mundo invisível

12. Sedução

13. A ronda dos leões

14. Premonição

15. O sábio e as salas secretas

16. A força da espada

17. A revelação

18. A festa

19. As páginas perdidas

20. O brasão

21. Laços de sangue

22. O ano do tigre

23. Os Guardiões

24. A consagração

25. A traição

26. O punhal das almas

27. As sombras

28. O terço dos anjos

29. A escolha

Agradecimentos

Créditos